

Os PORTUGUESES NO GOLFO

1507-1650

UMA HISTÓRIA INTERLIGADA

THE PORTUGUESE IN THE GULF

1507-1650

AN INTERLINKED HISTORY



Os PORTUGUESES NO GOLFO
1507–1650

THE PORTUGUESE IN THE GULF
1507–1650

Edição Edition

Imprensa da Universidade de Coimbra
Coimbra University Press
imprensa@uc.pt
http://www.uc.pt/imprensa_uc
http://livrariadaimprensa.uc.pt

Coordenação editorial Editorial coordination

Maria João Padez

Coordenação científica Editor

José Pedro Paiva
Roger Lee de Jesus

Coordenação técnica Technical coordination

Carlos Costa

Design

FBA./Rita Marquito

Composição do árabe Arabic typesetting

Carlos Costa

ISBN

978-989-26-2425-9

e-ISBN

978-989-26-2426-6

DOI

https://doi.org/10.14195/978-989-26-2426-6

Impressão Printing

Norprint – A Casa do Livro

Depósito legal Legal deposit

516983/23

Apoio Support

UIDB/00311/2020

© Março March 2023

Imprensa da universidade de Coimbra
Coimbra University Press

Organização Organization

Universidade de Coimbra

Coordenação geral General coordination

Delfim Leão, *Universidade de Coimbra, Vice-reitor para a Cultura e Ciência Aberta*

José Pedro Paiva, *Universidade de Coimbra, Coordenador Científico do Centro de História da Sociedade e da Cultura*

Comissário científico e Curador da exposição

Exhibition curator and editor

Roger Lee de Jesus, *Universidade de Coimbra, Centro de História da Sociedade e da Cultura Leibniz University Hannover, History Department*

Comissão científica Scientific board

Jorge Flores, *Universidade de Lisboa, Centro Interuniversitário de História das Ciências e da Tecnologia*

Ângela Barreto Xavier, *Instituto de Ciências Sociais da Universidade de Lisboa*

Walter Rossa, *Universidade de Coimbra, Departamento de Arquitectura da Faculdade de Ciências e Tecnologias e Centro de História da Sociedade e da Cultura da Universidade de Coimbra*

José Pedro Paiva, *Universidade de Coimbra, Centro de História da Sociedade e da Cultura*

Projeto de museografia da exposição

Museographic project for the exhibition
Atelier do Corvo

Autores Authors

André Murteira, *FCSH, Universidade NOVA de Lisboa, CHAM — Centro de Humanidades. His article is part of a research project funded by FCT (reference: 2021.02332.CEECIND).*

Ângela Barreto Xavier, *Instituto de Ciências Sociais da Universidade de Lisboa*

Dejanirah Couto, *Ecole Pratique des Hautes Etudes, Section des Sciences Historiques et Philologiques, Paris. PSL/SAPRAT EA 4116 — Savoirs et Pratiques du Moyen-Âge à l'Époque Contemporaine.*

Graça Almeida Borges, *Universidade Autónoma de Lisboa e CIDEHUS — Universidade de Évora*

Hugo Miguel Crespo, *Centro de História, Universidade de Lisboa*

Inês Bénard da Costa, *Universidade de Lisboa, Centro Interuniversitário de História das Ciências e da Tecnologia. ERC RUTTER Project (grant agreement No 833438).*

Jorge Flores, *Universidade de Lisboa, Centro Interuniversitário de História das Ciências e da Tecnologia.*

José Manuel Garcia, *Gabinete de Estudos Olisiponenses*

José Manuel Malhão Pereira, *Universidade de Lisboa, Centro Interuniversitário de História das Ciências e da Tecnologia e Academia de Marinha.*

José Pedro Paiva, *Universidade de Coimbra, Centro de História da Sociedade e da Cultura*

José Virgílio Pissarra, *Universidade de Coimbra/NOVA FCSH Centro de Ecologia Funcional — História, Territórios e Comunidades.*

Juan Acevedo, *Universidade de Lisboa, Centro Interuniversitário de História das Ciências e da Tecnologia. ERC RUTTER Project (grant agreement No 833438).*

Mário Varela Gomes, *NOVA-FCSH/Instituto de Arqueologia e Paleociências*

Miguel Monteiro, *Yale University, Near Eastern Languages and Civilizations Department*

Nuno Vila-Santa, *Universidade de Lisboa, Centro Interuniversitário de História das Ciências e da Tecnologia. ERC RUTTER Project (grant agreement No 833438).*

Pedro Casaleiro, *Universidade de Coimbra, Departamento de Física da Faculdade de Ciências e Tecnologia, Observatório Geofísico e Astronómico*

Roger Lee de Jesus, *Universidade de Coimbra, Centro de História da Sociedade e da Cultura Leibniz University Hannover, History Department*

Rosa Varela Gomes, *NOVA-FCSH/Instituto de Arqueologia e Paleociências*

Rui Carita, *NOVA-FCSH/Instituto de Arqueologia e Paleociências*

Rui Loureiro, *Universidade NOVA de Lisboa, FCSH Centro de Humanidades CHAM, Instituto Superior Manuel Teixeira Gomes.*

Sandra Costa Saldanha, *Universidade de Coimbra, Centro de História da Sociedade e da Cultura*

Teresa Nobre de Carvalho, *Universidade NOVA de Lisboa, FCSH Centro de Humanidades CHAM. Investigadora pós-doc FCT (SFRH/BPD/119899/2016)*

Walter Rossa, *Universidade de Coimbra, Departamento de Arquitectura da Faculdade de Ciências e Tecnologias da Universidade de Coimbra e Centro de História da Sociedade e da Cultura*

Zoltán Biedermann, *University College London — School of European Languages, Culture and Society*

Tradução para inglês English translation

Stativa

António Conduto Oliveira
Sheena Caldwell

Tradução para árabe Arabic translation

Four Corners — Legal Translations & Languages Group
Bahir Yousif

Fotografias Photography

Paulo Amaral (D.COM UC): 6, 10, 45, 47, 51, 72, 73, 77, 87
José Pessoa (DGPC/ADF): 89
Luísa Oliveira (DGPC/ADF): 90
Museu de Marinha: 83, 84
OGA UC: 7, 8, 9

Reproduções digitais Digital reproductions

As reproduções digitais das restantes peças foram autorizadas pelas respectivas instituições e colecionadores privados a que pertencem, excepto os casos onde as imagens já se encontram em domínio público.

The digital reproductions of the remaining pieces were authorised by the respective institutions and private collectors to which they belong, except in cases where the images are already in the public domain.

OS PORTUGUESES NO GOLFO
1507–1650
UMA HISTÓRIA INTERLIGADA

THE PORTUGUESE IN THE GULF
1507–1650
AN INTERLINKED HISTORY

EXPOSIÇÃO

Emirado de Sharjah, Emirados Árabes Unidos
1–12 Novembro 2023

EXHIBITION

Emirate of Sharjah, United Arab Emirates
1–12 November 2023



Os portugueses e o Golfo: uma história interligada em expansão

AMÍLCAR FALCÃO

Reitor da Universidade de Coimbra

The Portuguese and the Gulf: a growing interlinked history

AMÍLCAR FALCÃO

Rector of the University of Coimbra

A exposição que deu origem a este catálogo representa, em si mesma, um marco histórico e cultural de grande relevância, pela oportunidade que proporcionou de reunir, no mesmo espaço, objetos e materiais que se encontram dispersos por múltiplas fontes, mas que, em conjunto, dão uma imagem viva da presença dos portugueses no Golfo, no período entre 1507 e 1650. De facto, manuscritos, livros impressos, gravuras, mapas, instrumentos náuticos e obras de arte, entre outros objetos de uso quotidiano variado, constituem não só um fio narrativo coerente, como também permitem uma visão transversal das relações históricas, que são muito mais ricas do que simples empresas militares, uma vez que alargam a compreensão desta correlação e cooperação mútuas aos campos do intercâmbio comercial, artístico e cultural, e à forma como se projetaram em geografias mais vastas.

Estando assim, por conseguinte, enraizada num passado distante, esta exposição é também uma expressão dos frutos produzidos pela dinâmica renovada da colaboração entre Portugal e o Emirado de Sharjah. Com efeito, em outubro de 2018, a Universidade de Coimbra atribuiu o título de Doutor *honoris causa* a Sua Alteza o Xequê Dr. Sultan bin Muhammad bin Khalid bin Sultan bin Saqr bin Rashid Al Qasimi. A outorga desta distinção académica, de elevado valor simbólico, marcou também uma crescente proximidade entre a instituição *alma mater* por excelência dos países de língua portuguesa e o Emirado de Sharjah, sendo norteada, desde o início, pelo desejo mútuo de desenvolver relações fortes e duradouras, com particular incidência sobre a área da cultura.

Quatro anos mais tarde, a 3 e 4 de outubro de 2022, a organização das “Jornadas Literárias de Sharjah em Coimbra” deu um novo contributo para a implementação deste propósito mais amplo, ao reunir académicos e responsáveis culturais de Coimbra e Sharjah, impulsionados pelo objetivo comum de reforçar os laços culturais luso-árabes. Algumas semanas depois, uma delegação da Universidade de Coimbra foi convidada por Sua Alteza a participar na Feira do Livro de Sharjah 2022 — uma oportunidade que confirmou as grandes potencialidades existentes para alargar a rede de relações da nossa Universidade, especialmente em regiões muito variadas do Oriente.

Por todas estas razões, a exposição *Os Portugueses no Golfo (1507–1650): uma história interligada*, realizada entre 1 e 12 de novembro de 2023, constitui o corolário natural deste desejo de compreensão recíproca entre povos, mundividades e regiões, inspirada pela mesma valorização do património cultural e pela abertura à inclusão e inovação, enraizadas numa consciência histórica mútua.

The exhibition that gave ground to this catalog represents, in itself, a historical and cultural milestone of great relevance, because of the opportunity it provided to bring together, in the same space, objects and materials that are scattered from multiple sources, but which, together, provide a vivid picture of the presence of the Portuguese in the Gulf, in the period between 1507 and 1650. In fact, manuscripts, printed books, engravings, maps, nautical instruments, and works of fine art, among other objects of varied everyday use, constitute not only a coherent narrative thread, but also allow a transversal view of historical relations, which are much richer than simple military enterprises, since they broaden the understanding of this mutual interchange and cooperation to the fields of commercial, artistic, and cultural exchanges, and the way they were projected into wider geographies.

Although it is therefore rooted in the distant past, this exhibition is also an expression of the fruits produced by the renewed dynamics of collaboration between Portugal and the Emirate of Sharjah. In effect, in October 2018, the University of Coimbra awarded the title of Doctor *honoris causa* to His Highness Sheikh Dr. Sultan bin Muhammad bin Khalid bin Sultan bin Saqr bin Rashid Al Qasimi. The bestowal of this academic distinction, of very high symbolic value, marked as well a growing proximity between the *alma mater* institution par excellence of the Portuguese-speaking countries and the Emirate of Sharjah, being guided, from the beginning, by the mutual desire to develop strong and lasting relations, with particular focus on the area of culture.

Four years later, on October 3rd and 4th, 2022, the organization of the “Sharjah Literary Days in Coimbra” made a new contribution to the implementation of this broader purpose, by bringing together academics and cultural officials from Coimbra and Sharjah, driven by the common goal of strengthening Luso-Arab cultural ties. A few weeks afterwards, a delegation from the University of Coimbra was invited by His Highness to participate at the Sharjah Book Fair 2022 — an opportunity that has shown great potential for enlarging the network of relations of our University, especially in very different regions of the Eastern world.

For all these reasons, the exhibition *The Portuguese in the Gulf (1507–1650): an interlinked history*, held between 1st and 12th November 2023, is the natural corollary of this desire for reciprocal understanding among peoples, worldviews, and regions, inspired by the same appreciation of cultural heritage and openness to inclusion and innovation, rooted in mutual historical awareness.

Os portugueses e o Golfo (1507-1650): reflexões de uma história entrelaçada, conduzindo-nos a um futuro de simbiose cultural e científica mais profunda

AHMED BIN RAKKAD AL AMERI
Presidente da Sharjah Book Authority

Guiados pela visão de Sua Alteza Xequê Dr. Sultão bin Muhammad Al Qasimi, Membro do Conselho Supremo e chefe do governo do Emirado de Sharjah, nós, na Sharjah Book Authority — SBA, sempre tivemos a honra de liderar iniciativas de importância intercultural que aprofundaram a amizade de Sharjah com Portugal e outras nações de língua portuguesa.

Como capital cultural dos Emirados Árabes Unidos e do mundo árabe em geral, consideramos um dever primordial criar novos caminhos para uma compreensão mútua e para intercâmbios com nações e culturas com as quais partilhamos relações históricas.

A relação dos Emirados Árabes Unidos e de toda a região com Portugal remonta ao século XVI, tendo desempenhado um papel significativo na formação do mundo em que vivemos hoje. Através desta exposição pioneira na região, *Os Portugueses no Golfo (1507–1650): Uma História Interligada*, a decorrer durante a Sharjah International Book Fair (SIBF) de 1 a 12 de novembro de 2023, pretendemos revitalizar a dinâmica da colaboração entre Portugal e o Emirado, oferecendo ao nosso público um olhar raro e íntimo sobre dinâmicas intrincadas da nossa relação.

A exposição, com manuscritos, livros impressos, gravuras, mapas, instrumentos náuticos e obras de arte, abre os nossos olhos e a nossa mente a aspetos profundos e fascinantes que nos permitirão compreender e apreciar a extensão das nossas trocas nessa altura.

Estamos encantados por levar este importante fruto da nossa colaboração com a Universidade de Coimbra ao povo dos Emirados Árabes Unidos e de Sharjah, e ao fazê-lo, mostramos o nosso apreço aos nossos pares na Universidade.

Espero que esta exposição seja a primeira de várias colaborações que aproximem as sociedades árabes e ocidentais. Ao virarmos as atenções para a nossa relação histórica entre as duas culturas, aspiramos a caminhar para um futuro conjunto em simbiose cultural e científica mais profunda com Portugal.

The Portuguese and the Gulf (1507-1650): Musings of an interlaced history, leading us into a future of deeper cultural and scientific symbiosis

AHMED BIN RAKKAD AL AMERI
Chairman, Sharjah Book Authority (SBA)

Guided by the vision of His Highness Sheikh Dr. Sultan bin Muhammad Al Qasimi, Supreme Council Member and Ruler of Sharjah, we at the Sharjah Book Authority (SBA), have always been honoured to lead initiatives of intercultural importance that have deepened Sharjah's fond friendship with Portugal and other Portuguese-speaking nations.

As the cultural capital of the UAE and the wider Arab world, we consider it a prime duty to create new pathways for mutual understanding and interchange with nations and cultures we share historical relations with.

The UAE's and the wider region's relationship with Portugal dates back to the 15th Century, and has played a significant role in shaping the world we live in today. Through this first-of-its-kind exhibition in the region, *The Portuguese in the Gulf (1507–1650): An Interlinked History*, being held during the Sharjah International Book Fair (SIBF) from 01 to 12 November 2023, we aim to revitalise the dynamics of collaboration between Portugal and the emirate by offering our audiences a rare and intimate look into the finer dynamics of our relationship.

The exhibition, featuring manuscripts, printed books, engravings, maps, nautical instruments, and works of fine art, opens our eyes and our minds to in-depth and fascinating aspects that will enable us to understand and appreciate the extent of our exchanges back then.

We are delighted to bring this important fruit of our collaboration with the University of Coimbra to the people of the UAE and Sharjah, and in doing so, we show our appreciation to our peers at the university.

I hope this exhibition is the first of several collaborations to bring Arab and Western societies closer together. As we turn the spotlight on our historical relationship between the two cultures, we aspire to walk towards a shared future of deeper cultural and scientific symbiosis with Portugal.

Agradecimentos

ROGER LEE DE JESUS
Coordenação científica

A preparação da exposição e deste catálogo só foram possíveis graças à conjugação de múltiplos esforços de várias entidades, a quem cumpre agradecer penhoradamente a imprescindível colaboração dispensada.

Em primeiro lugar às autoridades do Emirado de Sharjah, na pessoa de Sua Alteza Real, o Xequê Dr. Sultan bin Muhammad bin Saqr bin Khalid bin Sultan bin Saqr bin Rashid Al Qasimi, por acolherem a proposta da exposição, a qual é um passo decisivo no reforço das relações institucionais entre a Universidade de Coimbra e Sharjah.

À Imprensa da Universidade de Coimbra e à FBA., pelo primoroso trabalho de edição do catálogo.

Ao *Atelier do Corvo* e aos arquitetos Carlos Antunes e Désirée Pedro pela cuidadosa definição do espaço da exposição, que tanto enriqueceu a leitura e interpretação da história que une Portugal ao Golfo.

Às diversas instituições que autorizaram o empréstimo e reproduções das peças expostas: Biblioteca Geral da Universidade de Coimbra, Faculdade de Letras da Universidade de Coimbra, Observatório Geofísico e Astronómico da Universidade de Coimbra, Academia das Ciências de Lisboa, Arquivo Nacional da Torre do Tombo, Biblioteca Nacional de Portugal, Biblioteca da Ajuda, Biblioteca Pública de Évora, Biblioteca da Fortaleza de São Julião da Barra, Biblioteca Municipal de Elvas, Direcção-Geral do Património Cultural, Museu-Casa da Moeda, Museu da Marinha, Museu Nacional de Arte Antiga, Archivo Storico 'De Propaganda Fide', Biblioteca Apostolica Vaticana, Bibliothèque de l'Assemblée Nationale de France, Biblioteca Casanatense, Biblioteca Estense Universitaria, Biblioteca Nacional do Brasil, Biblioteca Nacional de España, Bibliothèque Nationale de France, Biblioteca Nazionale Marciana, Biblioteca de la Universitat de Barcelona, British Library, Library of Congress, The Morgan Library & Museum, Musées Royaux des Beaux-Arts de Belgique.

Aos colecionadores privados que gentilmente acederem ao empréstimo de algumas peças que valorizaram substancialmente a exposição: Franquelim Neiva Soares, Sérgio Moreno, Miguel Pais do Amaral, Pedro Castro e Silva e Susana Aguiar Branco.

Um agradecimento muito especial é devido aos investigadores que aceitaram o desafio de oferecerem uma chave de leitura para os objetos expostos e cujos textos constam deste catálogo: André Murteira, Ângela Barreto Xavier, Dejanirah Couto, Graça Almeida Borges, Hugo Miguel Crespo, Inês Bénard da Costa, Jorge Flores, José Manuel Garcia, José Manuel Malhão Pereira, José Pedro Paiva, José Virgílio Pissarra, Juan Acevedo, Mário Varela Gomes, Miguel Monteiro, Nuno Vila-Santa, Pedro Casaleiro, Rosa Varela Gomes, Rui Carita, Rui Loureiro, Sandra Costa Saldanha, Teresa Nobre de Carvalho, Walter Rossa e Zoltán Biedermann.

Por último, é devida uma palavra de gratidão e reconhecimento aos membros da Comissão Científica que guiaram, reviram e validaram as escolhas feitas para a exposição e para o catálogo: Ângela Barreto Xavier, Jorge Flores, José Pedro Paiva e Walter Rossa.

A todos um sincero agradecimento.

Acknowledgements

ROGER LEE DE JESUS
Scientific coordination

The preparation of the exhibition and of this catalogue was only possible thanks to the combined efforts of various entities, for whose crucial collaboration we must express our gratitude.

First of all to the authorities of the Emirate of Sharjah, in the person of His Royal Highness, Sheikh Dr. Sultan bin Muhammad bin Saqr bin Khalid bin Sultan bin Saqr bin Rashid Al Qasimi, for welcoming the proposal for the exhibition, a decisive step in strengthening the institutional relations between the University of Coimbra and Sharjah.

To the Coimbra University Press and the FBA, for their excellent work in editing the catalogue.

To *Atelier do Corvo* and the architects Carlos Antunes and Désirée Pedro for carefully defining the exhibition space, which greatly enriched the reading and interpretation of the history that unites Portugal and the Gulf.

To the various institutions that authorised the loan and reproduction of the exhibited pieces: General Library of the University of Coimbra, Faculty of Arts and Humanities of the University of Coimbra, Geophysical and Astronomical Observatory of the University of Coimbra, Lisbon Academy of Sciences, National Archives of Torre do Tombo, National Library of Portugal, Ajuda Library, Évora Public Library, Library of São Julião da Barra Fortress, Municipal Library of Elvas, Directorate-General of Cultural Heritage, Museu-Casa da Moeda, Navy Museum, National Museum of Ancient Art, Archivo Storico 'De Propaganda Fide', Biblioteca Apostolica Vaticana, Bibliothèque de l'Assemblée Nationale de France, Biblioteca Casanatense, Biblioteca Estense Universitaria, Biblioteca Nacional do Brasil, Biblioteca Nacional de España, Bibliothèque Nationale de France, Biblioteca Nazionale Marciana, Biblioteca de la Universitat de Barcelona, British Library, Library of Congress, The Morgan Library & Museum, Musées Royaux des Beaux-Arts de Belgique.

To the private collectors who kindly lent some pieces that substantially enhanced the exhibition: Franquelim Neiva Soares Sérgio Moreno, Miguel Pais do Amaral, Pedro Castro e Silva and Susana Aguiar Branco.

A very special thanks to the researchers who took on the challenge of creating a key for reading and understanding the exhibited objects and whose texts are included in this catalogue: André Murteira, Ângela Barreto Xavier, Dejanirah Couto, Graça Almeida Borges, Hugo Miguel Crespo, Inês Bénard da Costa, Jorge Flores, José Manuel Garcia, José Manuel Malhão Pereira, José Pedro Paiva, José Virgílio Pissarra, Juan Acevedo, Mário Varela Gomes, Miguel Monteiro, Nuno Vila-Santa, Pedro Casaleiro, Rosa Varela Gomes, Rui Carita, Rui Loureiro, Sandra Costa Saldanha, Teresa Nobre de Carvalho, Walter Rossa and Zoltán Biedermann.

Finally, a word of gratitude and recognition to the members of the Scientific Committee who guided, reviewed, and validated the choices made for the exhibition and the catalogue: Ângela Barreto Xavier, Jorge Flores, José Pedro Paiva and Walter Rossa.

To all, a sincere thank you.

<i>Introdução</i> <i>Introduction</i>	11
<i>I. De Portugal para o Golfo: Viagens e Navegações</i> <i>From Portugal to the Gulf: Voyages and Navigations</i>	11 [1–15]
<i>II. ‘Dobrado o Cabo per esta Costa d’Arábia’: A imagem do Golfo na cartografia</i> <i>“Passing the Cape and along this Coast of Arabia”: The cartographic image of the Gulf</i>	53 [16–30]
<i>III. O Livro do que viu e ouviu Duarte Barbosa</i> <i>The Book of what Duarte Barbosa saw and heard</i>	97 [31–41]
<i>IV. ‘Nós lhe chamamos Arábia Feliz’: Percepções e Descrições do Golfo</i> <i>“We call it Arabia Felix”: Perceptions and Descriptions of the Gulf</i>	109 [42–50]
<i>V. ‘Por aqui entra o lago que é fechado’: a presença portuguesa no Golfo</i> <i>“This is the entrance to the closed lake”: The Portuguese presence in the Gulf</i>	129 [51–64]
<i>VI. ‘Todas sortes de mercadorias e per todas as partes daqui vão e vêm’: o comércio do Golfo</i> <i>“All sorts of goods come from, and go to all parts of the world”: the Gulf’s trading networks</i>	167 [65–84]
<i>VII. Dinâmicas religiosas num espaço de fronteira</i> <i>Religious dynamics in a frontier zone</i>	209 [85–93]

Introdução

ROGER LEE DE JESUS

Investigador do Centro de História da Sociedade e da Cultura

Introduction

ROGER LEE DE JESUS

Researcher, Centre for the History of Society and Culture

Os Portugueses no Golfo (1507-1650): uma história interligada é uma exposição que pretende evocar a presença portuguesa no Golfo e as relações aí estabelecidas durante os séculos XVI e XVII. A iniciativa decorre das relações institucionais estabelecidas entre a Universidade de Coimbra e o Emirado de Sharjah, as quais se fortaleceram, em 2 de outubro de 2018, data da atribuição do grau de doutor *honoris causa* pela Universidade de Coimbra a Sua Alteza o Xequê Sultan bin Muhammad bin Khalid bin Sultan bin Saqr bin Rashid Al Qasimi. A Universidade de Coimbra, com o apoio científico do Centro de História da Sociedade e da Cultura da Universidade de Coimbra, decidiu promover esta iniciativa visando reforçar estes laços e preservar e divulgar traços de um passado em que estes territórios estiveram conectados por relações de sentido muito variado, e que merecem ser melhor conhecidas e divulgadas.

Adoptou-se na Exposição uma perspectiva abrangente, que procura apresentar várias facetas desta presença e permitir uma maior compreensão da história do império português na Ásia e da importância do Golfo para os portugueses e para a Europa. Contudo, esta não é uma visão eurocêntrica, centrada num ponto de vista passivo em que o Golfo surge apenas como cenário para a expansão colonial europeia. A perspetiva que aqui propomos é aberta e fluida, onde múltiplos olhares permitem um entendimento deste espaço geográfico como um local plural, simultaneamente uma área de fronteira mas também de encontro, que contribuiu para a própria cosmopolitização do império português. O estudo da História mostra como as dinâmicas construídas por diversos agentes individuais e institucionais desencadearam diferentes relações de poder. Entre elas a guerra como parte integrante da construção de qualquer império. A chegada dos portugueses ao Golfo, na primeira década do século XVI, foi marcada pela confrontação e pela tentativa de expansão militar na região. Contudo, às armas juntaram-se diversas outras conectividades sobre as quais se debruça esta exposição: trocas comerciais, artísticas e culturais, algumas delas com projeções a uma escala global.

Para nos aproximarmos deste complexo quadro desenhou-se um roteiro expositivo para o qual foram selecionadas cerca de noventa peças representativas das mencionadas relações e da sua evolução ao longo do tempo. A escolha de cada um destes objetos — entre manuscritos, livros impressos, gravuras, mapas, instrumentos náuticos, obras de arte plástica, objectos de uso diário variado —, foi realizada de modo a oferecer uma visão de conjunto sobre o período e sobre o espaço onde foram produzidos e o fim a que se destinavam. Cada uma das peças permite, disponibilizando essa leitura, retomar fios da história das articulações criadas com as populações locais pela presença portuguesa no Golfo, além de sugerir possíveis percepções de como é que estes objetos expositivos espelham e, ao mesmo tempo, ajudam a construir uma configuração das relações que se forjaram, no Golfo e nas suas áreas envolventes, estendendo esta geografia com alguma flexibilidade.

A exposição foi concebida como um percurso que convida o visitante a percorrer sete núcleos temáticos. O primeiro, intitulado *De Portugal para o Golfo: viagens e navegações*, permite iniciar este périplo através das navegações marítimas e da chegada dos primeiros portugueses ao Golfo, depois de, nos finais do século XV, ter sido possível estabelecer uma ligação marítima desde o Atlântico até ao Índico e à Península Arábica. Neste

The Portuguese in the Gulf (1507-1650): an interlinked history is an exhibition which aims to retrace the Portuguese presence in the Gulf and the relations that were established there during the sixteenth and seventeenth centuries. The initiative stems from the institutional relations established between the University of Coimbra and the Emirate of Sharjah, strengthened by the award of an honorary degree to His Highness Sheik Sultan bin Muhammad bin Khalid bin Sultan bin Saqr bin Rashid Al Qasimi by the University of Coimbra on 2 October 2018. The University of Coimbra, with the academic support of the Centre for the History of Society and Culture, decided to organise this initiative with a view to reinforcing these ties, preserving and disseminating traces of a past in which the two territories were linked by a very varied set of relations that deserve to be better known and understood.

The exhibition has adopted a broad perspective, aiming to present various aspects of this presence and offer a greater understanding of the history of the Portuguese empire in Asia and the importance of the Gulf for the Portuguese and for Europe. However, this is not a Eurocentric vision focussing on a passive point of view in which the Gulf merely emerges as the backdrop for European colonial expansion. The perspective proposed here is one which is open and fluid, in which multiple points of view allow for an understanding of this geographical area as a plural space, as both a border area and a meeting point, that played a part in cosmopolitising the Portuguese empire. The study of history shows how the dynamics constructed by various individual and institutional agents give rise to different kinds of power relationships, including war, as an integral part of the building of any empire. The arrival of the Portuguese in the Gulf in the first decade of the sixteenth century was marked by confrontation and an attempt at military expansion in the region. However, in addition to conflict, several other forms of connectivity would emerge which are the focus of this exhibition: commercial, artistic and cultural exchanges, some of which had an impact on a global level.

In order to address this complex framework, a route has been designed to guide visitors through the exhibition, featuring around ninety items selected as representative of these relations and their evolution over time. Each of the exhibits — which include manuscripts, printed books, engravings, maps, nautical instruments, works of art and everyday items — were chosen with a view to offering an overall vision of the period, the space in which they were produced and the purposed for which they were intended. Through this approach, each of the chosen items enables us to retrace threads of history associated with the links created with local populations as a result of the presence of the Portuguese in the Gulf. It also suggests possible perceptions of how these items reflect and, at the same time, help us to construct a configuration of the relations that were forged in the Gulf and in the surrounding areas, extending this geography with a certain degree of flexibility.

The exhibition has been designed as a journey which invites the visitor to explore seven core themes. The first, entitled *From Portugal to the Gulf: travel and navigation*, opens the tour with the subject of maritime navigation and the arrival of the first Portuguese in the Gulf, after a maritime link extending from the Atlantic to the Indian Ocean and the Arabian Peninsula had been established at the end of the fifteenth century. Hence,

âmbito, é dado relevo ao contributo fundamental dos conhecimentos oriundos do mundo islâmico e árabe para estas viagens, bem como à ciência náutica e à construção naval existentes no mundo ibérico que permitiram estes empreendimentos marítimos. Este núcleo tece também o pano de fundo sobre a Lisboa dos séculos XVI e XVII, a cidade que viu partir os navios e o estabelecimento da *Carreira da Índia*, isto é, a ligação anual entre Lisboa e os portos de Cochim e Goa (actual Índia) e do *Estado da Índia*, denominação corrente do espaço imperial português na Ásia e na costa oriental africana.

O segundo núcleo, *‘Dobrado o cabo per esta costa d’Árâbia’: a imagem do Golfo na cartografia*, cujo título recupera uma breve citação da obra de Duarte Barbosa, autor de um relevante texto descritivo sobre a Ásia no princípio de Quinhentos, trata da evolução da imagem do Golfo e das suas fortalezas ao longo do tempo, sobretudo a partir da cartografia e da iconografia deste período.

O *Livro do que viu e ouviu Duarte Barbosa* é o nome escolhido para o terceiro núcleo, o qual é inteiramente dedicado a esta importante obra, redigida nos inícios do século XVI, que descreve com grande profundidade todo o espaço do Golfo e do eixo do Índico-Pacífico. Nesta parte expõem-se as cópias manuscritas mais antigas, com destaque para aquela existente hoje no Emirado de Sharjah, bem como as várias edições desta obra até ao presente.

Para além de Duarte Barbosa, muitos outros autores descreveram o Golfo e a região terrestre e marítima envolvente. O quarto espaço desta exposição é dedicado a esses textos, cujo título também evoca um excerto da obra de Barbosa: *‘Nós lhe chamamos Arábia Feliz’: percepções e descrições do golfo*.

Apresentado este pano do fundo, o quinto núcleo utiliza um breve trecho do poema épico de Luís Vaz de Camões, *Os Lusíadas*, de 1572, por muitos considerada a obra maior da literatura portuguesa, para identificar aquilo de que nos fala: *‘Por aqui entra o lago que é fechado’: a presença portuguesa no Golfo*. Aqui procura-se dar a conhecer o processo político, diplomático e militar do estabelecimento dos portugueses nesta região. Uma dezena de fontes manuscritas, impressas e gráficas foram escolhidas para explicar como é que o império português se estendeu para o Golfo e aqui estabeleceu diversas modalidades de presença até meados do século XVII.

O sexto núcleo é dedicado à questão de maior interesse para os portugueses daquele período e que, porventura, também foi aquela que mais atraiu os povos residentes no Golfo: o comércio. De facto, as atividades mercantis originaram um forte investimento por parte dos monarcas e dos próprios fidalgos, oficiais e soldados. Tendo em conta a relevância do Golfo nas redes mercantis que desde há vários séculos ligavam a Ásia à Europa, as vinte peças selecionadas oferecem uma ampla perspetiva sobre os produtos comercializados, a regulamentação, organização e registo destes negócios. O título deste núcleo novamente aproveita um excerto do livro de Duarte Barbosa *‘Todas sortes de mercadorias e per todas as partes daqui vão e vêm’: o comércio do Golfo*.

Por fim, o sétimo e último núcleo, designado *Dinâmicas religiosas num espaço de fronteira*, visa estimular uma reflexão sobre as questões religiosas abertas pela presença portuguesa na região e o seu reflexo nas artes plásticas.

it highlights the essential contribution of knowledge from the Islamic and Arab world, as well as the experience of nautical science and shipbuilding in the Iberian world, which made these maritime ventures possible. This section also explores the background to sixteenth and seventeenth-century Lisbon, the city from which the ships set sail and the *Carreira da Índia* was established, an annual voyage between Lisbon and the ports of Kochi and Goa (in present-day India) and the *Estado da Índia* (State of India), the name given at the time to Portuguese imperial territory in Asia and on the east coast of Africa.

The second section, *‘Rounding the cape for this coast of Arabia’: the image of the Gulf in cartography*, whose title includes a brief quotation from a work by Duarte Barbosa which describes Asia at the beginning of the sixteenth century, explores the evolution of the image of the Gulf and its fortresses over time, focusing in particular on the cartography and iconography of the period.

The Book of Duarte Barbosa is the title chosen for the third theme, dedicated to this important work written in the early sixteenth century which describes the entire Gulf region and the Indo-Pacific axis in great depth. This section of the exhibition displays the oldest manuscript copies, in particular the one which nowadays exists in the Emirate of Sharjah, as well as the various other editions of the book which have been produced up to the present day.

In addition to Duarte Barbosa, many other authors have described the Gulf and the region of land and sea which surrounds it. The fourth section of the exhibition, whose title also includes a quotation from Barbosa, *‘We call it Fortunate Arabia’: perceptions and descriptions of the Gulf*, is dedicated to these texts.

Having presented this background, the fifth section uses a brief quotation from the 1572 epic poem *The Lusíads* by Luís Vaz de Camões, which many consider the greatest work of Portuguese literature, to identify its theme: *‘This way enters the lake which is closed’: the Portuguese presence in the Gulf*. Here the intention is to present the political, diplomatic and military process whereby the Portuguese became established in the region. A dozen manuscript, printed and graphic sources have been chosen to explain how the Portuguese empire was extended to the Gulf and established its presence there in various ways until the mid-seventeenth century.

The sixth section is dedicated to the subject that was of the greatest interest to the Portuguese during this period and perhaps also the one that proved most attractive to the peoples resident in the Gulf, namely trade. In fact, mercantile activities led to substantial investments by the Crown and by noblemen, officials and soldiers. Bearing in mind the importance of the Gulf within the commercial networks that had linked Asia to Europe for several centuries, the twenty items selected here offer a broad perspective on the products that were traded and the regulation, organisation and registration of these enterprises. The title of this section once again includes a quotation from the book written by Duarte Barbosa *‘All kinds of goods, from all quarters, arrive and leave from here’: trade in the Gulf*.

The seventh and final section, entitled *The dynamics of religion in a border area*, aims to encourage reflection on the religious questions raised by the Portuguese presence in the region and its influence on the visual arts.

Para uma contextualização ponderada e aprofundada da exposição, cada peça é acompanhada, individualmente ou em conjunto, de um texto explicativo concebido por um historiador ou por uma historiadora especialista da área. Assim, este catálogo reúne contributos de uma dezena de investigadores, portugueses e de outras nacionalidades, que dão corpo a um conhecimento renovado e atualizado sobre os temas aqui abordados. Na sua globalidade, as entradas deste catálogo fornecem uma extensa perspetiva sobre a presença de Portugal no Golfo e as relações que essa presença desencadeou com as populações locais, ora mais violentas, ora mais cooperantes, sendo um valioso contributo para se poder compreender como é que os portugueses chegaram ao Golfo, comerciaram, fizeram guerra e paz, e acabaram por ser derrotados e expulsos no século XVII. Uma história rica, interessante e relevante que vale a pena ser conhecida e divulgada. Desta forma, o catálogo serve de guia e de apoio para acompanhar a exposição, mas também para memória futura deste evento que procura criar pontes de diálogo a partir de um passado distante, mas que, ainda hoje, tem um impacto relevante no mundo.

In order to provide a considered and in-depth contextualisation of the exhibition, each item, either individually or as part of a group, is accompanied by an explanatory text written by a historian who is a specialist in this area. This catalogue therefore brings together contributions from a dozen researchers, from Portugal and from other countries, to consolidate a renewed and up-to-date understanding of the themes covered by the exhibition. Taken as a whole, the entries in the catalogue offer a broad perspective on the presence of Portugal in the Gulf and the sometimes more violent, sometimes more cooperative relations which this presence developed with the local populations. It offers a valuable contribution to our understanding of how the Portuguese arrived in the Gulf, traded there, made war and peace, and were eventually defeated and expelled in the seventeenth century, a rich, interesting and significant history which deserves to be known and understood. Hence, the catalogue serves as a guide and support for this exhibition but also for the future memory of this event, which aims to build bridges for dialogue on the basis of a distant past which still has an important impact on the world today.

I.



*De Portugal para
o Golfo: Viagens
e Navegações*
*From Portugal
to the Gulf: Voyages
and Navigations*

[1-2] →

Ibn Baṭṭuṭa, nascido em 703 AH/1304 AD em Tânger, foi um dos mais famosos escritores de viagens da tradição literária árabe. Nasceu de uma família de qādis, ou juizes, durante o governo da dinastia Marinid, e foi formado na escola Maliki de jurisprudência sunita. Na sua narrativa, escrita na primeira pessoa, conta como o seu desejo inicial de realizar a ḥajj, ou peregrinação às duas cidades sagradas de Meca e Medina, acabaria por levá-lo do seu Maghrib nativo à China e de volta, bem como ao Reino do Mali e ao al-Andalus, enquanto visitava os locais centrais do Islão como o Iraque, Egípto, Pérsia, Índia e Constantinopla no Império Romano Oriental.

O livro que contém o seu único registo de viagem, “Presente para aqueles que contemplam as Maravilhas das Cidades e as Maravilhas da Viagem” [tuhfatu n-nuzzāri fī ḡarā’ iba l-amṣāri wa ‘ajā’ iba l-asfāri], é conhecido simplesmente como *Rihla* — a Viagem. Na tradução portuguesa de José de Santo António Moura que temos perante nós, temos o testemunho de uma receção europeia precoce do texto feito a partir do manuscrito que o acompanha. No entanto, tal como está, o manuscrito, que foi levado de Fēz para Lisboa no final do século XVIII, constitui apenas uma parte incompleta da *Rihla*. De facto, como o próprio Moura diz, em 1839 apenas “fragmentos imperfeitos” eram conhecidos dos estudiosos ocidentais, que tinham começado a chegar ao subcontinente pelas mãos de estudiosos como Ulrich Jasper Seetzen (1767–1784 AD) e Joan Ludwig Burckhardt (1784–1817 AD). Tais manuscritos parciais constituíram a base de todas as traduções e edições europeias até meados do século XIX. Foi necessária a famosa manobra política francesa da Casa de Orleães de Louis Philippe que levou à invasão da Argélia em 1830, e eventualmente à colonização, para que os manuscritos contendo o texto árabe completo fossem trazidos para a Europa e depois publicados, o que finalmente aconteceria com a edição bilingue em quatro volumes da Defremy-Sanguinetti nos anos entre 1853–8 AD.

Nas viagens de Ibn Baṭṭuṭa, os estudiosos europeus encontraram uma tradição manuscrita bastante bem estabelecida, com mais de 30 manuscritos existentes, sobretudo no seu Maghrib nativo (mais ou menos correspondente ao atual Marrocos). Tal atesta a sua popularidade através dos tempos, com manuscritos datados de 1180 AH/1776 AD a 757 AH/1356 AD. Se a última datação estiver correta, estaríamos a lidar com um exemplar contemporâneo do autor.

No entanto, a história da composição da *Rihla* é tudo menos simples. No regresso de Ibn Baṭṭuṭa, o Sultão Marinid de Marrocos, Abū Inān Fāris, nomeou o estudioso Muḥammad Ibn Juzayy com a tarefa de compilar diretamente do viajante um relatório sobre as suas longas viagens. O texto, tal como o temos, deve vir, pelo menos em parte, de Ibn Baṭṭuṭa e, em parte, dos ornamentos, aditamentos e reformulações de Ibn Juzayy. Os estudantes modernos da *Rihla* prestaram muita atenção à questão da citação ou, como alguns gostariam de lhe chamar, do plágio. Alguns chegaram mesmo ao ponto de afirmar que muitas das viagens foram fabricadas, e as descrições retiradas de outras fontes escritas, e que Ibn Baṭṭuṭa nunca chegou a ir a muitos dos lugares que afirma ter ido.

De facto, na *Rihla* abundam transcrições verbais dos relatórios de viajantes anteriores, sobretudo do famoso Ibn Andaluz Jubayr (540–614 AH/1145–1217 AD), e por isso não pode haver dúvidas de que ou Ibn Baṭṭuṭa ou Ibn Juzayy fizeram uso dessas fontes. A isto podemos acrescentar que a cronologia da viagem é muitas vezes impossível, simplesmente

Ibn Baṭṭuṭa, born in 703 AH/1304 CE in Tangier, was one of the most famous of travel writers of the Arabic literary tradition. He was born to a family of qādis, or judges, during the rule of the Marinid dynasty, and he was trained in the Maliki school of Sunni jurisprudence. In his first-person narrative he recounts how his initial desire to perform the ḥajj, or pilgrimage to the two holy cities of Mecca and Medina, would end up taking him from his native Maghrib to China and back, as well as to the Kingdom of Mali and al-Andalus, all the while visiting the Islamic heartlands of ‘Irāq, Egypt, Persia, India, and Constantinople in the Eastern Roman Empire.

The book containing his unique travelog, “Gift for those who would contemplate the Wonders of Cities and the Marvels of Traveling” [tuhfatu n-nuzzāri fī ḡarā’ iba l-amṣāri wa ‘ajā’ iba l-asfāri], is known simply as the *Rihla* — the Journey. In the José de Santo António Moura Portuguese translation we have before us, we have a witness to an early European reception of the text made from the manuscript that accompanies. As it stands, however, the manuscript, which was taken from Fēz to Lisbon in the late 18th century, constitutes only a portion of the complete *Rihla*. Indeed, as Moura himself says, by 1839 only “damaged fragments” [imperfectos fragmentos] were known to Western scholars, which had begun to trickle down to the subcontinent by the hands of such scholars as Ulrich Jasper Seetzen (1767–1784 CE) and Joan Ludwig Burckhardt (1784–1817 CE). Such partial manuscripts constituted the basis for all European translations and editions until the middle of the 19th century. It took the famous French Orleanist political maneuvering by Louis Philippe that led to the invasion of Algeria in 1830, and eventually colonization, for manuscripts containing the complete Arabic text to be brought to Europe and then published, which would finally happen with the four-volume bilingual edition by Defremy-Sanguinetti in the years between 1853–8 CE.

In Ibn Baṭṭuṭa’s travels European scholarship encountered a fairly well-established manuscript tradition, with over 30 manuscripts extant, above all in his native Maghrib (roughly corresponding to modern Morocco). This attests to its popularity across the ages, with manuscripts dated from the 1180 AH/1776 CE to 757 AH/1356 CE. If the latter dating is correct, we would be dealing with an exemplar contemporary with the author.

However, the history of the composition of the *Rihla* is anything but straightforward. Upon Ibn Baṭṭuṭa’s return, the Marinid Sultan of Morocco, Abū Inān Fāris, appointed the scholar Muḥammad Ibn Juzayy with the task of compiling from the mouth of the traveler a report on his long travels. The text as we have it must therefore come at least in part from Ibn Baṭṭuṭa and in part from the embellishments, additions, and rephrasing of Ibn Juzayy. Modern students of the *Rihla* have consequently paid much attention to the issue of quotation or, as some would want to call it, plagiarism. Some have even gone as far as to claim that much of the travels were fabrications, and the descriptions pulled by and large from other written sources, and that Ibn Baṭṭuṭa never actually made his way to many of the places he claims.

It is indeed the case that the *Rihla* abounds in *verbatim* transcriptions of the reports of previous travelers, above all the famous Andalusian Ibn Jubayr (540–614 AH/1145–1217 CE), and so there can be no doubt that either Ibn Baṭṭuṭa or Ibn Juzayy made use of those sources. To this we can add that the chronology of the journey is often impossible, simply by noting →

[1-2] →

observando como o tempo referido em certos segmentos da sua viagem — como o seu único desvio aos Balcãs — não corresponde ao que o percurso exigia. Contudo, é também verdade que os escritores da *Rihla* mencionam frequentemente e citam diretamente as suas fontes, sem qualquer tentativa de dissimulação, e não reivindicam a autoria de tais excertos, continuando assim uma tradição de reorganização de textos anteriores, que era comum a uma época que desconhecia a ideia de autoria e originalidade.

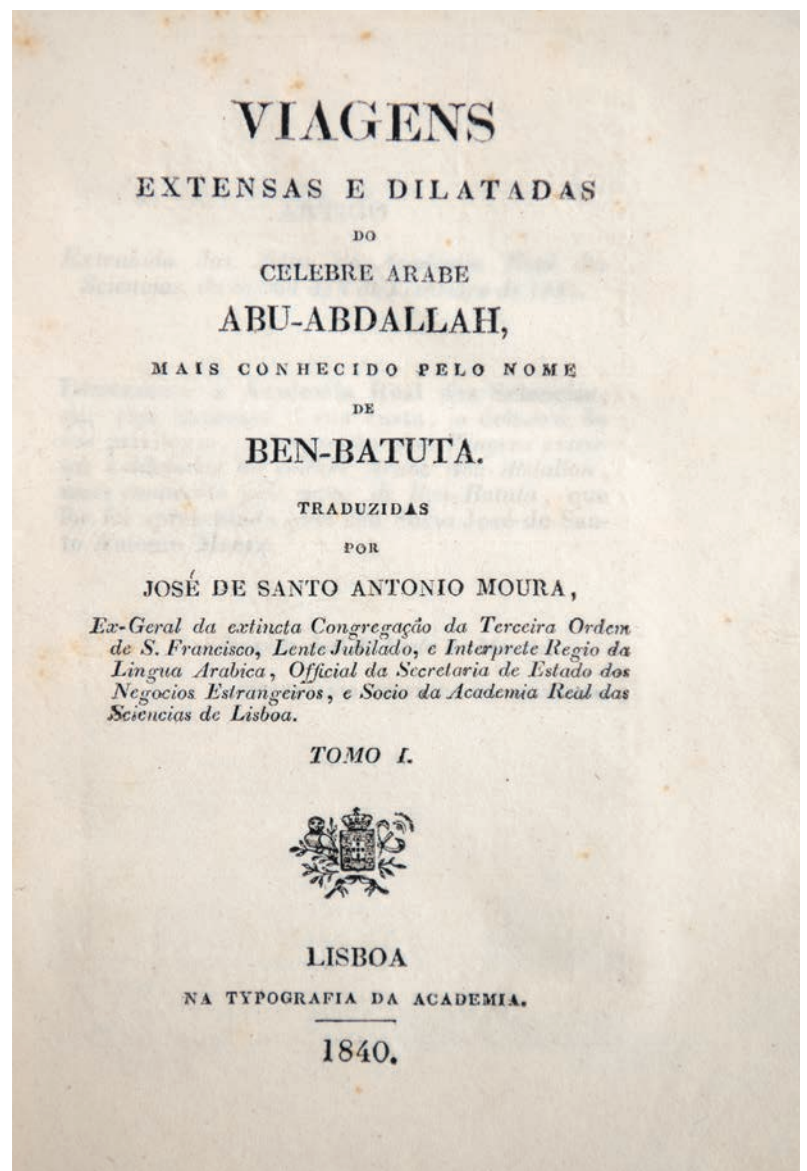
Como participante consciente desta tradição, o texto da *Rihla* continua e elabora os esforços dos viajantes anteriores quando estes estão disponíveis, atualizando, expandindo e corrigindo relatórios anteriormente transmitidos com as novas informações obtidas através de quem as testemunhou. Além disso, muitos dos desfasamentos cronológicos podem ser adequadamente explicados lembrando que o texto, tal como está, não constitui um diário escrito na altura dos acontecimentos, mas sim uma recordação e memória de acontecimentos, lugares e viagens ocorridos muitas vezes com mais de trinta anos de distância.

A *Rihla* é um monumento à língua árabe e à experiência humana. Embora tenha paralelos em ambos os escritos contemporâneos, como o *Milione* de Marco Polo, o *Safarnāma* de Nāṣir-e Khusrow, bem como nos escritos de outros viajantes de língua árabe, como Ibn Faḍlān e Ibn Jubayr, destaca-se não só como o mais extenso, mas também provavelmente como o que tem uma narrativa e uma geografia com uma maior amplitude e alcance. O lugar de Ibn Baṭṭūṭa como testemunha do mundo pós-mongol do Norte de África e Ásia Central é inabalável. O relato da sua perseverança, piedade e pura curiosidade não só pelos principais lugares do mundo islâmico, que sentia como a sua casa, mas também pelas regiões onde esse mundo parecia mais distante, constitui um documento notável com uma duradoura carga humana. Estudiosos europeus do século XIX como José de Santo António Moura foram rápidos a compreender isto, e a sua alegria em trazer um tal tesouro para as suas línguas é evidente pelo cuidado que puseram nas suas edições e traduções. [Miguel Monteiro]

how the time claimed for certain segments of his travel — such as his unique detour into the Balkans — does not match that which have been required. However, it is also true that the writers of the *Rihla* often mention and quote directly their sources with no attempt at concealment, and make no claim to authorship to such excerpts, and so continue a tradition of rearrangement of previous scholarship which was common to an age with what often appears as an unfamiliar idea of authorship and originality.

As a conscious partaker of this tradition, the text of the *Rihla* continues and elaborates the efforts of previous travelers when those are available, updating, expanding and correcting previously transmitted reports with the new information garnered from eye-witness experience. On top of that, many of the chronological mismatches can be adequately explained by remembering that the text as it is does not constitute a diary written at the time of the events, but rather a recollection and memory of events, places and journeys often at more than a thirty years remove from their actual experiencing.

The *Rihla* is a monument of Arabic letters and of the human experience. While it has its parallels in both close contemporary writings such as Marco Polo's *Milione*, Nāṣir-e Khusrow's *Safarnāma*, as well as the writings of other Arabic-language travelers such as Ibn Faḍlān and Ibn Jubayr, it stands tall not only as the most extensive but also likely the one with the most breadth and range of its narrative and geography. Ibn Baṭṭūṭa's place as a witness to the post-Mongol world of North Africa and Central Asia is unassailable, the report of his perseverance, piety, and sheer curiosity not only for the principal places of the Islamic world he felt most at home, but also for the regions where that world seemed more distant, all constitute a remarkable document with an enduring human charge. European scholars of the 19th century such as José de Santo António Moura were quick to understand this, and their joy in bringing such a treasure into their languages is evident from the care they put into their editions and translations. [Miguel Monteiro]



*Viagens extensas e dilatadas do celebre arabe
Abu-Abdallah, mais conhecido pelo nome de Ben-Batuta.*
Traduzido por José de Santo António Moura.
Lisboa, Academia das Ciências, 1840-1855
Impresso sobre papel
15,5 x 21,5 cm
Colecção Sérgio Moreno, Lisboa
*Viagens extensas e dilatadas do celebre arabe
Abu-Abdallah, mais conhecido pelo nome de Ben-Batuta.*
Translated by José de Santo António Moura
Lisbon, Academia das Ciências, 1840-1855
Printed on paper
15,5 x 21,5 cm
Sérgio Moreno Collection, Lisbon

Em 10 de fevereiro de 1502, uma poderosa armada comandada por Vasco da Gama deixou Lisboa com destino à Índia. Alguns dos que nela iam embarcados levavam consigo um livro intitulado *Marco Paulo (...)* que Valentim Fernandes acabara de imprimir em 4 de fevereiro de 1502 naquela cidade. Nele se continha a tradução portuguesa de obras sobre o Oriente da autoria de Marco Polo, Niccolò de' Conti e Girolamo da Santo Stefano.

Com esta iniciativa editorial aquele alemão, que era um grande entusiasta e admirador dos Descobrimientos Portugueses, tinha por objetivo explícito permitir que tal livro fosse útil «ao aviso daqueles que agora vão para as ditas Índias», tendo a vontade de que ele suscitasse correções e ampliações ao seu conteúdo, pelo que formulou o seguinte pedido àqueles viajantes: «Aos quais rogo e peço humildemente que benignamente queiram emendar e correger o que menos acharem no escrever, nos vocábulos das províncias, reinos, cidades, ilhas, e outras cousas muitas e não menos em a distância das léguas de uma terra para outra».

Valentim Fernandes expressou assim a vontade de conhecer de forma atualizada e correta o Oriente para lá do que havia sido dito por Marco Polo mais de duzentos anos antes, pois, embora a sua obra tivesse sido concluída em 1298, ainda se mantinha como a principal fonte de informações sobre a Ásia.

Essa edição do *Marco Paulo* seria assim o ponto de partida para estimular respostas que permitissem atualizar o conhecimento da Ásia, um continente que se estava a verificar ser diferente daquele que se havia divulgado em textos já antigos e em mapas ptolemaicos ou cartas medievais.

Na obra de Marco Polo descrevem-se várias regiões da Arábia e da Pérsia.

Quanto a Niccolò de' Conti e Girolamo da Santo Stefano há a assinalar que estes italianos se referiram de forma muito breve ao Golfo quando aludiram às suas passagens por Ormuz, o primeiro à ida, depois de ter saído de Damasco em 1414, e o segundo no regresso das suas viagens orientais, nos finais do século XV.

A coletânea de textos sobre matérias ultramarinas organizada por Valentim Fernandes foi a primeira a ser impressa em Portugal e nela se destaca ainda o enorme significado do prefácio que para ela escreveu. [José Manuel Garcia]

On 10 February 1502, a powerful armada led by Vasco da Gama left Lisbon bound for India. On board was a book short-titled *Marco Paulo*, printed just a few days before (4 February) by Valentim Fernandes. It was the Portuguese translation of writings about the East by Marco Polo, Niccolò de' Conti and Girolamo da Santo Stefano.

Fernandes, who was of German origin, was an admirer of the Portuguese Discoveries. His aim in publishing the book was explicitly for 'the knowledge of those who now go to the Indies' while wishing to correct and extend its content. So he formulated a request to those travellers: 'To whom I humbly beg and request that they kindly amend and correct what they find is lacking, in the words which mean the provinces, kingdoms, cities, islands, and many other things, and also the distance from one land to another'.

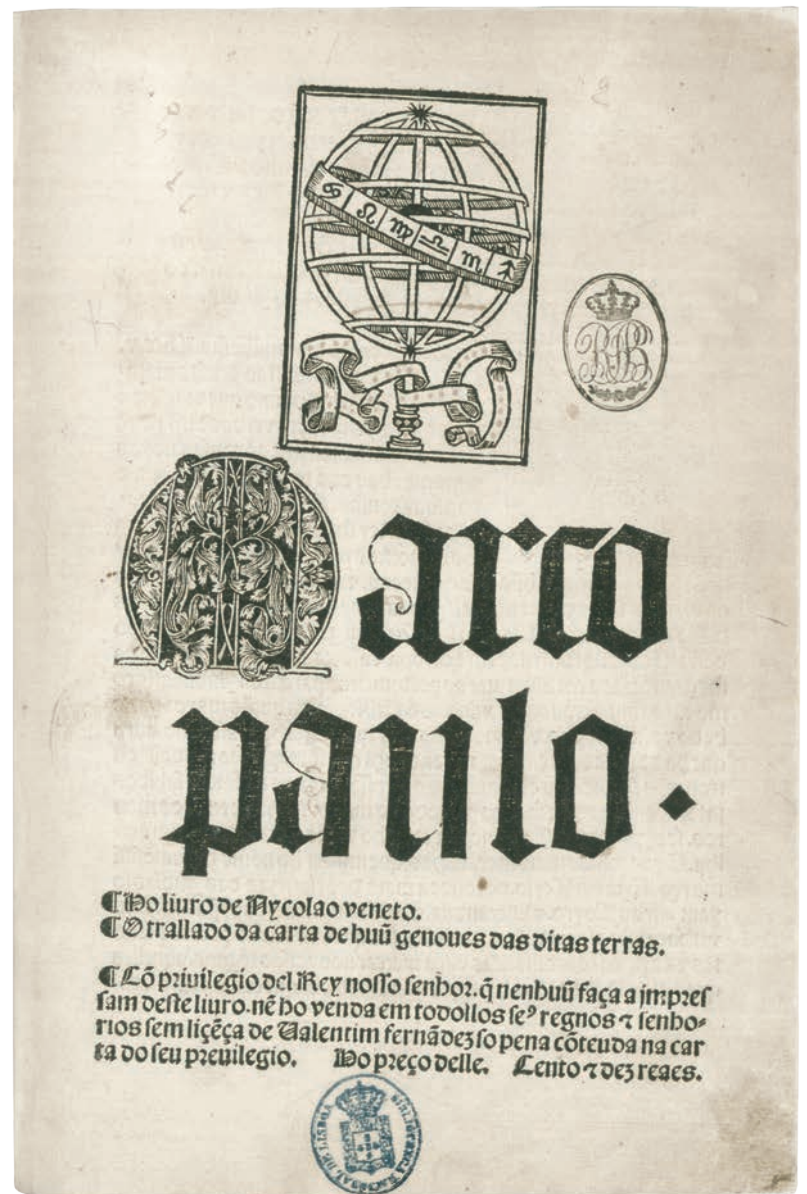
Valentim Fernandes thus expressed his will to update knowledge of the Far East beyond what Marco Polo had found over two centuries earlier. Although finished in 1298, his work remained the primary source of information about Asia.

The *Marco Paulo* edition would become the starting point for stimulating an improved knowledge of Asia. The continent was turning out to be unlike what had been disseminated in ancient texts and on maps both by Ptolemy and from the medieval period.

Polo's work describes various regions of Arabia and Persia.

As for Niccolò de' Conti and Girolamo da Santo Stefano, the two Italians referred to the Gulf only in passing when mentioning their travel through Hormuz; de' Conti during the outward journey from Damascus (1414), and da Santo Stefano as he returned from the East in the late 15th century.

The collection of texts about the overseas, organised by Valentim Fernandes, was the first to be printed in Portugal, and the preface he authored remains of extreme significance. [José Manuel Garcia]



O Livro de Marco Polo

Marco Paulo. Ho livro de Nycolao Veneto. Ho trallado da carta de huū[m] genoves das ditas terras

Lisboa, per Valentim Fernandsz, 1502.

Impresso sobre papel

28 x 19 cm

Biblioteca Nacional de Portugal, RES. 431 V.

Marco Paulo. Ho livro de Nycolao Veneto. Ho trallado da carta de huū[m] genoves das ditas terras

Lisbon, Valentim Fernandsz, 1502.

Printed on paper

28 x 19 cm

Biblioteca Nacional de Portugal (Lisbon), RES. 431 V.

Aḥmad ibn Mājīd ou, pelo seu nome completo, Ḥājj al-Ḥaramayn al-Sharīfayn Shihāb al-Dīn Aḥmad ibn Mājīd ibn Muḥammad ibn ‘Amr ibn Faḍl ibn Duwayk ibn Yūsuf ibn Ḥasan ibn Ḥusayn ibn Abī Mu‘allaq al-Sa’dī ibn Abī Rakā’ib al-Najdī, nasceu em Julfar (atual Ras al-Khaimah) na década de 1430. Ibn Mājīd é bem conhecido como o mais famoso dos navegadores árabes pré-modernos, mas ele é apenas a “ponta do iceberg” de uma tradição de conhecimento náutico centenária e elusiva, recuando provavelmente até ao século XIV d.C. e com vestígios de uma tradição de conhecimento semelhante pelo século XI. Estes *ma’ālimah* (pl. de *mu’allim*) ou “mestres” do Mar Árabe eram de facto os detentores desse tesouro acumulado durante séculos, acerca do conhecimento de rotas, sinais, perigos e mesmo do vocabulário técnico marítimo do Oceano Índico partilhado por tantas culturas.

Graças à sua vasta obra, com cerca de trinta poemas didáticos e um extenso texto em prosa, Ibn Mājīd tornou-se no mais famoso piloto veterano dessas águas — tanto que existem mesmo testemunhos de marinheiros locais do século XIX a evocarem o seu nome como uma espécie de santo padroeiro da navegação.

A sua prosa, os *Comentários aos princípios e fundamentos da arte de navegar* (*Fawā’id fī uṣūl ‘ilm al-baḥr wa’l-qawā’id*) de Aḥmad ibn Mājīd, são o mais próximo que existe a uma enciclopédia de marinharia árabe pré-moderna. Na obra de Ibn Mājīd raramente se mencionam navegadores europeus em geral, e muito menos portugueses em particular, mas o excerto aqui citado transmite uma boa ideia da visão que Ibn Mājīd teria acerca da navegação mediterrânea ou europeia, especialmente no seu contraste com as técnicas de navegação utilizadas no Índico. É interessante que fale sobre os ocidentais como «a gente das moradias egípcias» (*ahl al-diyār al-miṣrīyah*):

«...eles têm a bússola (*qumbāṣ*), e nela têm linhas, marcas para as milhas, e os rumos deles são apenas dezasseis... Nós utilizamos trinta e dois rumos... e eles são incapazes de perceber o nível que nós atingimos, enquanto nós, sim, alcançamos o nível dos conhecimentos deles e podemos mesmo navegar os seus barcos. Porque o Oceano Índico está ligado ao Oceano Atlântico (*al-Baḥr al-Muḥīṭ*) e tem um conhecimento que permanece registado em textos e nas medidas de altitude estelares (*qiyās*). Eles, por outro lado, não têm conhecimento de medidas de altitude estelar» (*Fawā’id*, 4,1).

É bem sabido que as rotas marítimas do Índico norte foram utilizadas desde a antiguidade mais remota, até mesmo desde a época imperial romana: descer ao longo do Mar Vermelho, passar pelo Mar Árabe, incluindo os portos mais importantes do Golfo, depois pela costa de Sind e seguindo por Guzerate e pela costa oeste da Índia, com rotas complementares a sudoeste, em direção à costa africana e Madagáscar. Estas são as mesmas rotas que aquelas que Ibn Mājīd, Sulaymān al-Mahrī e os seus lendários mestres descreveram séculos mais tarde. A pergunta que o nosso texto coloca é: quem foram estes egípcios tão depreciados por Ibn Mājīd e cujos barcos e técnicas ele conhecia tão bem? A data de composição do *Fawā’id* é estimada para pouco depois de 1480, ou seja, bem antes da chegada das explorações portuguesas. O mais provável é que o nome «egípcios» se referisse a barcos e navegadores mamelucos, por vezes levando mesmo navegadores e comerciantes venezianos a bordo, ou qualquer outra tripulação mediterrânea internacional — pessoas que navegavam à maneira do Mediterrâneo, sem utilizar rumos estelares. Porém, estas trinta e duas divisões do horizonte formaram a base da navegação no Indo-Pacífico desde tempos imemoriais, utilizadas pelos polinésios, o império Chola, por todas as águas do sudeste asiático e ao longo da costa oriental Indiana. O conhecimento e a utilização destes rumos iria ser espalhado mais tarde pelos pilotos árabes do Golfo e da Península, à medida que eles se tornavam os mediadores e codificadores de facto da tradição náutica multicultural do Índico. Ibn Mājīd foi crucial nesta transmissão que, eventualmente, chegou à atenção dos navegadores portugueses com a chegada de Vasco Da Gama e das expedições portuguesas seguintes. Traços deste encontro e de reconhecimento mútuo das duas tradições encontram-se constantemente por toda a literatura Portuguesa da Carreira da Índia. [Juan Acevedo, Inês Bénard da Costa]

Aḥmad ibn Mājīd (short for Ḥājj al-Ḥaramayn al-Sharīfayn Shihāb al-Dīn Aḥmad ibn Mājīd ibn Muḥammad ibn ‘Amr ibn Faḍl ibn Duwayk ibn Yūsuf ibn Ḥasan ibn Ḥusayn ibn Abī Mu‘allaq al-Sa’dī ibn Abī Rakā’ib al-Najdī), was born in Julfar (present-day Ras al-Khaimah) in the 1430s. Ibn Mājīd is known as the foremost Arab navigator before the modern age. However, the Arabic tradition of nautical knowledge probably went back to the 14th century, and traces remain of a similar tradition of knowledge as far back as the 11th century. These *ma’ālimah* (sing. *mu’allim*), the ‘masters’ of the Arabian Sea, were the keepers of treasured knowledge accumulated in the course of centuries concerning routes, signals, dangers, and even the technical maritime vocabulary of the Indian Ocean shared across many cultures.

Thanks to his vast writings, comprising around thirty didactic poems and an extensive prose text, Ibn Mājīd became the most famous veteran pilot of those waters — so much so that local 19th century sailors still recalled his name as a kind of patron saint of navigation.

His prose text, the *Fawā’id fī uṣūl ‘ilm al-baḥr wa’l-qawā’id* (commentaries on the principles of the art of seamanship), comes close to an encyclopaedia of pre-modern Arabic seamanship. In Ibn Mājīd’s work, European navigators in general, let alone Portuguese ones in particular, are rarely mentioned. Nevertheless, the following excerpt conveys Ibn Mājīd’s views on the Mediterranean and European navigation, contrasting with the navigation techniques used in the Indian Ocean. Interestingly, Westerners are said to be ‘the people of the Egyptian dwellings’ (*ahl al-diyār al-miṣrīyah*):

They have the compass (*qumbāṣ*), and on it lines are etched, there are markings for the miles, and their bearings are only sixteen... We use thirty-two bearings... and they cannot realise the level that we have accomplished, while we, in turn, have reached the level of their knowledge and can even navigate their boats. Because the Indian Ocean is connected to the Atlantic Ocean (*al-Baḥr al-Muḥīṭ*), and knowledge of it is recorded both in texts and stellar altitude measurements (*qiyās*). They, on the other hand, are not aware of the stellar altitude measurements’ (*Fawā’id*, 4.1)

It is well known that the sea routes on the northern Indian Ocean were in use since remote times, going back to the Roman Empire, at least: along the Red Sea, through the Arabian Sea, including the most important ports along the Gulf, then along the coast of Sind, Gujarat and the west coast of India, with complementary routes to the southwest, towards the African coast and Madagascar. These routes are the same as described centuries later by Ibn Mājīd, Sulaymān al-Mahrī and their legendary masters. The question one should be asking is: who were the ‘Egyptians’ that Ibn Mājīd disparaged, but whose ships and techniques he knew so well? The date of writing of *Fawā’id* is estimated to be shortly after 1480, well before the arrival of the Portuguese. Most likely, ‘Egyptians’ referred to Mamluk ships and navigators, sometimes taking Venetian sailors and merchants on board and other international Mediterranean crew — people who sailed the Mediterranean way, not using stellar bearings. However, the thirty-two horizon divisions had formed the basis of Indo-Pacific navigation from time immemorial. They had been employed by the Polynesians, the Chola Empire, throughout the waters of Southeast Asia and along the East Indian coast. The knowledge and use of the stellar bearings were to spread later thanks to Arab pilots from the Gulf and the Peninsula, as they codified the Indian multicultural nautical tradition and mediated it. Ibn Mājīd was crucial in this transmission process, which eventually came to the attention of Portuguese navigators with the arrival of Vasco da Gama and the expeditions that followed. Traces of the encounter and mutual recognition of the two traditions are constantly found throughout the Portuguese literature about the India Run. [Juan Acevedo, Inês Bénard da Costa]

للبحر سبعة دهن ونخسهن وطبا يعين فيطول الكتاب ولا فائدة للمعالم في
 سعة دهن ونخسهن لا في الفلك لان معاملة البحر ينفعون الاما ذكرنا ويطول
 الكتاب عليهم في وقت مقصدهم وكما قد شرحنا كتابا وتخصناه وطال علينا
 الكتاب فنزغناه منه خوف اندراسه بعد موت مصنفه واحتضنا من هذا
 فنسرد كل الاخوان واسماهم ومقالاتهم وما يلين لهم في هذا الكتاب
 وسينوي في استقلاله بطن الحوت قياس النير والسلبار وكذلك يتبع قياس
 الواقع والسلبار وسينوي قياس السلبار والدرجاجة التي تدخل في صور السلبار
 وهو تتبع الفتر للواقع لمنزلة بين اوقال سنوي وهو في الغروب مع الزرع الشامي
 اقالهم الشمالي وها ابدال وسينوي قياس العيون وكتابته في طبعهم مع انجم
 العوائد في غروبهم وسينوي العيون وكتابته في اقالهم الشمالي مع النسر في
 غروبهم وفي العيون والواقع قياسات مصححات عند القيد والمدحج عليته
 وجون ليس فيهم خلا لانه من خلاصة من الابان **الفائدة الرابعة** وما يتعلق
 ان الماسر حنا المناري يجب علينا ان نشرح الاخوان **الجري** وهو كجاه برفع الجهم
 ويضرب الدال المهمله وتسمى باليا والجري ينصب الجهم وسكون الدال هو الهمزة الدال
 من ليز وثلاث وهو جزاء من اثني عشر جزاء من جميع ذوق العما والجاه اسم فاعل
 ويهي عند اهل الديار المصرية التي لان لهم اصطلاح غير كتاب البحر الكهيم ولهم
 قياس لهم في خطوط صفه اميال واخضا لضم ثمانية وسر الروع بينهم ثمانية
 جملتهم ستة عشر سكا النجم بلغة المصريين والمغربية هو ليش صخر عيون
 جاه قطب مشرق مغرب فضاء ثمانية ويثبت الروع ثمانية جملتهم ستة عشر فوط ونحن

Comentários aos princípios e fundamentos
 da arte de marear (c. 1480)
 Ahmad Ibn Majid
 1576
 Manuscrito sobre papel
 27,5 x 18,5 cm
 Bibliothèque nationale de France,
 Ms Arabe 2292, fol. 27r
 The Comprehensive Summary on the Principles
 of the Knowledge of the Seas (c. 1480)
 Ahmad Ibn Majid
 1576
 Manuscript on paper
 27,5 x 18,5 cm
 Bibliothèque nationale de France (Paris),
 Ms Arabe 2292, fol. 27r

«*A melhor medição* tomada através da experiência é a dela [i.e., Sillibār] e de Suhayl. Não fosse por Sillibār e a sua medição com Vega ou Suhayl, e o navegador não se governaria».

Até ao final do século XV, desenvolveram-se nos oceanos Atlântico e Índico duas formas de navegação astronómicas relativamente independentes. Se se compararem textos náuticos portugueses e árabes anteriores à chegada de Vasco da Gama à Índia, é possível encontrarem-se pontos convergentes e divergentes. Entre os pontos convergentes está, por exemplo, o cálculo da latitude através da Polar e das Guardas. Entre os divergentes, destaca-se o número de estrelas usado em cada prática de navegação. Enquanto textos como os guias náuticos de Munique e Évora apresentam um número relativamente reduzido, os árabes mencionam aproximadamente 150 estrelas, asterismos ou objectos celestes.

O cenário muda ligeiramente com a chegada dos portugueses ao oceano Índico. Os livros de marinharia que começam a ser escritos logo desde o princípio do século XVI, como o de João de Lisboa, passam a incluir novas estrelas. Estrelas essas que aparecem registadas não em nomenclatura latina — como era comum na astronomia europeia —, mas com nomes árabes. As estrelas Achernar (α Eridanus) e Canopus (α Carinae), mencionadas por João de Lisboa como Solibar e Soel respectivamente, são um dos melhores exemplos:

«(...) quando navegais da parte do sul, é necessário que tenhais conhecimento das estrelas, scilicet, das Soel e Solibar, as que são mais propínquas ao polo.»

Sillibār (i.e., Alpha Eridani, Achernar) é uma estrela particular em história da astronomia porque foi a única de primeira magnitude ignorada tanto por Ptolomeu como por al-Šūfī — autores dos catálogos mais influentes da Idade Média. Acredita-se que nenhum destes dois astrónomos a poderia ter visto directamente a partir dos lugares onde viviam, uma vez que esta se encontrava demasiado a sul. A primeira vez que aparece registada num catálogo europeu parece ter sido só em 1603, na *Uranometria* de Johann Bayer. Procurando em contextos mais práticos de astronomia, no entanto, Achernar é conhecida desde a Antiguidade por árabes beduínos no deserto e por navegadores do Oceano Índico. Os beduínos chamavam-na al-Muḥannith, enquanto Sillibār parece ter sido usado exclusivamente em literatura náutica. Foi por esse nome — ‘Solibar’ — que João de Lisboa mencionou Achernar, 89 anos antes de Bayer. Mencionou-a juntamente com Suhayl provavelmente porque — como Ibn Mājid apontava — era uma das melhores medições retirada através da experiência.

Não se sabe ao certo onde e como é que João de Lisboa e o piloto Pedro Anes terão aprendido a calcular a latitude sul com Achernar e Canopus. Provavelmente não terão lido nenhum dos textos de Ibn Mājid. Não precisavam. As técnicas e práticas de navegação que o mu‘allim descreveu em verso e prosa estavam intrínsecas na prática quotidiana dos pilotos do Oceano Índico — com quem os navegadores portugueses interagiam constantemente. [Juan Acevedo, Inês Bénard da Costa]

‘*The best measurement* taken through experience is that of [Sillibār] and Suhayl. Were it not for Sillibār and the measurement taken from Vega or Suhayl, and the navigator would not come through?’

Two relatively independent forms of astronomical navigation were developed in the Atlantic and Indian oceans before the end of the 15th century. It is possible to find similarities and dissimilarities when comparing Portuguese and Arabic nautical texts before the arrival of Vasco da Gama in India. Among the similarities was the way of calculating latitude through the Polaris and the pointer stars. Among the differences was the number of stars used in each navigation practice. While texts such as the nautical guides of Munich and Évora refer to a relatively small number, the Arab works mention approximately 150 stars, asterisms and other celestial objects.

The situation changed slightly with the arrival of the Portuguese in the Indian Ocean. The navigation treaties which started being produced from the beginning of the 16th century, such as that of João de Lisboa, started to include new stars. These were not recorded in Latin — as was common in European astronomy — but in Arabic. The stars Achernar (α Eridanus) and Canopus (α Carinae), mentioned by João de Lisboa as Solibar and Soel, respectively, are one of the best examples: ‘when sailing from the south, it is necessary to know the stars, that is, ‘Soel’ and ‘Solibar’, which are closest to the pole.’ Sillibār (i.e., Alpha Eridani, Achernar) is a particular star in astronomical history as the only first magnitude star to have been ignored by the authors of the most influential medieval catalogues, Ptolemy and al-Šūfī. It is believed that neither astronomer could have seen the star directly from where they lived, as it was too far south. The first time Sillibār appears in a European catalogue seems to have been only in 1603, in Johann Bayer’s *Uranometria*. In practical astronomical contexts, however, Achernar has been known since ancient times to Bedouin Arabs in the desert and Indian Ocean navigators. The Bedouins called it al-Muḥannith, while the name Sillibār seems to have been used in nautical literature exclusively. John of Lisbon mentioned Achernar (using the name Solibar) 89 years before Bayer, along with Suhayl, probably because — as Ibn Mājid pointed out — it was one of the best measurements taken through experience.

It is unclear where and how John of Lisbon and the pilot Pedro Anes learned to calculate south latitude from Achernar and Canopus. They probably were unaware of Ibn Mājid’s works, but this was unnecessary. The navigation techniques and practices described by the mu‘allim in verse and prose were intrinsic to the daily practice of Indian Ocean pilots with whom the Portuguese navigators constantly interacted. [Juan Acevedo, Inês Bénard da Costa]

قياسه هو الواقع الذي ركب عليه القصيد التي أولها
بقول شعراً •

أذا ما أنكأثر المشهور أسمى ، لذبان هنالك في الأقول
ونحن قد جعنا قيدا ليرا هوى وأعم نفعاً وأظهر وأنور
وأصح لان صاحب القصيد الأوله يتفاوت عليه كل راس
سدس أصبع فاذا وصل الأجاه أربعة تفاوتت عليه صبع
ونحن ليس في أرجوزتنا تفاوت لانا ذكرنا جميع كسور على
كل راس في الأرجوزة التي مطلعها •

ياسا على غير صحة القياس • اعلم وعلمه جميع الناس
وأصلهم السلبار والثير على جاه اثنا عشر ثلاثة ثلاثة وعلى
جاه أحد عشر أربعة أربعة وعلى جاه عشرة خمسة خمسة
وعلى جاه تسعة ستة ستة ضيق فمن هنالم يبق الأقسيد
الثير ثم قس أصبع بأصبع والثير مقيد خمسة بحاله
لاخر القياس ثلاثة وسمى الخنث بتشديد النون وكسرها
وتسكين الناء المنجحة لان من يراه يظنك هذا سهل فحينئذ
فيمينه فجعلوا الخنث بنصب الميم وتسكون الحاء المعمله
ونصب النون للاستتقاق وهو مقدار سفينة وسمى
قياسه هو والثير عصا الربابين لانه يمكن ساعة
زمانية من استقلال الخوت وقيل ان الخنث هو الشرطين
عن الراس وعده هو وسهل قياسه ماخوذ بالتحريف
ولولا السلبار وقياسه مع الواقع أو مع سهل ما أهد
المعلمه الذين هم غير محققين كما قال فيعلم مصنف
الكتاب شعراً في وصف السلبار وتوريطه •

= 2920, 1.1

نورد

Comentários aos princípios e fundamentos da arte de marear (c. 1480)
Ahmad Ibn Majid
Damasco (Síria), 1926
Manuscrito sobre papel
20 x 10 cm
Library of Congress (Call Number VK551.A46), fol. 31v
The Comprehensive Summary on the Principles of the Knowledge of the Seas (c. 1480)
Ahmad Ibn Majid
Damascus (Syria), 1926
Manuscript on paper
20 x 10 cm
Library of Congress (Washington DC) Call Number VK551 A46 1926, fol. 31v

Pedro Nunes é uma das figuras mais relevantes da cultura portuguesa do século XVI. Nasceu em 1502, em Alcácer do Sal, e estudou medicina na Universidade de Salamanca (Espanha). No entanto, o seu interesse pela cosmografia e pelos assuntos matemáticos tornou-o um dos maiores especialistas destes assuntos na Europa do seu tempo. Foi nomeado cosmógrafo do reino em 1529, e lecionou na Universidade de Coimbra nas décadas de 1540 a 1560, tendo ascendido a cosmógrafo-mor do reino em 1547. Da sua vasta obra salienta-se aquela aqui apresentada, *De Crepusculis*, publicada em 1542, em Lisboa. O livro foi editado em latim, para atingir um público europeu mais vasto, e deverá ter sido escrito a partir de 1539–1540, estando terminado em 1541. Contudo, o seu denso conteúdo revela uma considerável maturidade intelectual, o que demonstra que é o fruto de muitos anos de reflexão. O assunto central da obra é o problema da duração dos crepúsculos, procurando entender a sua variação conforme o lugar e a época do ano. É igualmente neste livro que o cosmógrafo português descreve uma invenção sua: o nónio, um instrumento adaptado de um astrolábio que permitia medições mais rigorosas das alturas dos astros. É também necessário destacar que Pedro Nunes incluiu na sua obra a publicação do *Liber de crepusculis*, da autoria de Abu ‘Abd Allah Muhammad Ibn Mu’adh, um académico originário de Córdova (Espanha), que viveu entre os séculos IX e X — note-se que até ao século XX a autoria desta obra era erradamente atribuída a Ibn al-Haytham (conhecido no mundo latino como Alhazen), e assim aparece identificado na edição de 1542. Esta foi a primeira versão publicada do *Liber*, realizada a partir de uma tradução do árabe para o latim que Pedro Nunes possuía, feita por Gerardo de Cremona, célebre tradutor italiano que fixou residência no sul da Península Ibérica, no século XII. Assim, a obra aqui em destaque é fruto não apenas do desenvolvimento científico do século XVI, mas também da confluência de conhecimentos acumulados ao longo dos séculos, processo em que o contributo islâmico foi um vetor essencial. *De Crepusculis* teve um impacto considerável na Europa, tornando-se uma obra de referência nos séculos seguintes, tendo sido reeditada mais duas vezes no século XVI.

[Roger Lee de Jesus]

Pedro Nunes is one of the most important figures in sixteenth-century Portuguese culture. He was born in 1502 in Alcácer do Sal and studied medicine at the University of Salamanca (Spain). However, it was his interest in cosmography and mathematics that led him to become one of the greatest experts in these subjects in Europe at the time. He was appointed Royal Cosmographer in 1529 and taught at the University of Coimbra during the period 1540–1560, becoming Chief Royal Cosmographer in 1547. Within his vast body of work, the most relevant volume is the one presented here, *De Crepusculis*, published in Lisbon in 1542. It was published in Latin in order to reach a wider European audience and was likely to have been started in 1539–1540 and completed in 1541, although its complex contents suggest considerable intellectual maturity, indicating that it was the result of many more years of reflection. The central theme of the work concerns the duration of twilight hours, seeking to understand their variation in terms of location and season of the year. In the same book, the Portuguese cosmographer also describes his own invention, the *nonius*, an instrument adapted from the astrolabe which allowed for more accurate measurements of the placement of the stars. It is also important to note that Pedro Nunes included the *Liber de Crepusculis* in this work, written by Abu ‘Abd Allah Muhaad Ibn u’ad, a scholar originally from Córdoba (Spain), who lived between the ninth and tenth centuries — although until the twentieth century the authorship was erroneously attributed to Ibn al-Haytham (known in the Latin world as Alhazen), who is therefore named in the 1542 edition. This was the first published version of the *Liber* and was based on a translation from Arabic to Latin in the possession of Pedro Nunes, which was the work of Gerardo de Cremona, a famous Italian translator who lived in the south of the Iberian Peninsula during the twelfth century. Hence, the work highlighted here is not only the result of scientific developments in the sixteenth century, but also the shared knowledge that had accumulated over centuries, a process in which the Islamic contribution played an essential part. *De Crepusculis* had a considerable impact in Europe and became a reference work in the centuries which followed, having been reprinted twice in the sixteenth century.

[Roger Lee de Jesus]



De Crepusculis

Pedro Nunes

Lisboa: Ludouicus Rodericus, 1542

Impresso sobre papel

15 x 19,5 cm

Colecção Condes de Anadia, Lisboa

De Crepusculis

Pedro Nunes

Lisbon, Ludouicus Rodericus, 1542

Printed on paper

15 x 19,5 cm

Condes de Anadia Collection, Lisbon

[7-9] →

O quadrante e o astrolábio são instrumentos muito antigos usados para medir a altitude de um astro como uma estrela acima do horizonte. Têm que ser suspensos para se manterem imóveis na vertical durante a observação. Foram usados como instrumentos náuticos nas navegações dos portugueses juntamente com o prumo, a ampulheta, a bússola, a balestilha e outros que lhes sucederam.

O quadrante náutico foi um dos primeiros instrumentos astronómicos a ser usado pelos pilotos em Portugal. O quadrante media a hora a partir da altura do Sol mas a bordo era usado para medir a altura da estrela Polar. Servia para conhecer a localização no mar através do cálculo da latitude, mas para a observação do Sol era preferido o astrolábio náutico.

O quadrante náutico em exposição é um modelo construído em madeira e metal, no início do século XX, para uso pedagógico no Observatório Astronómico da Universidade de Coimbra. Os quadrantes náuticos usados nas embarcações portuguesas dos séculos XV e XVI eram construídos em madeira, por isso não se encontram quadrantes desta época nas coleções dos museus, pois não resistiram ao ambiente marinho.

O quadrante tem 37 cm de raio e tem o limbo graduado de zero a noventa graus, na aresta curva. Numa das arestas retas apresenta dois conjuntos de pínulas de latão por onde se vê, ou “se enfia”, o astro. Um tem orifícios muito finos para a observação do Sol e o outro tem orifícios maiores para a observação de estrelas ou planetas. Do vértice (no centro do círculo), sai um fio de prumo que permite ler o ângulo ou altura do astro na graduação do limbo.

O astrolábio é um modelo do universo que cabe nas mãos humanas. Um modelo da esfera celeste a duas dimensões, obtido por uma projeção matemática chamada estereográfica. O plano da projeção é o equador celeste. O astrolábio tinha muitos usos em astronomia como observar os astros, conhecer a posição das estrelas no céu, medir o tempo, fazer astrologia e resolver problemas geométricos, como calcular a profundidade de um poço ou a altura de um edifício. Era um instrumento usado pelos cosmógrafos da antiguidade e designa-se por astrolábio planisférico.

O astrolábio náutico resulta da simplificação do astrolábio planisférico. Mede a altura do Sol ou de uma estrela acima do horizonte e é usado com tabelas astronómicas para encontrar a latitude do observador. Também mede a distância zenital, distância do Sol ao zénite, que designa o ponto mais elevado da esfera celeste. Foi desenvolvido pelos navegadores portugueses no Oceano Atlântico para explorar a costa africana desde o final do século XV.

Os primeiros astrolábios náuticos de disco tinham a configuração da parte posterior dos astrolábios planisféricos. Com a prática deixaram de ser fabricados em chapa e foi usada uma liga de cobre, mais robusta, com aberturas no disco para minimizar o efeito do vento. O astrolábio náutico português tem os zero graus na vertical, ou seja no zénite, e os noventa graus no horizonte. Esta solução permite obter uma leitura direta da distância zenital ao meio dia solar, com o sol na altura máxima. Este valor facilitava o cálculo da latitude com os dados das tabelas náuticas. Os astrolábios náuticos de outras nações mantiveram o zero no horizonte.

As tabelas náuticas ou de declinação do Sol existem desde o século XV. A obra mais antiga com as regras do cálculo da latitude pela Sol foi elaborada pelos matemáticos portugueses do rei D. João II e designa-se por

The quadrant and astrolabe are ancient instruments used to measure the altitude of a star, such as a star above the horizon. To be used for observation, they must be suspended so as to remain vertical and motionless. They were used as marine instruments on Portuguese sea voyages, along with the plummet, hourglass, compass, cross-staff, and other instruments that followed.

The quadrant was one of the first astronomical instruments used by mariners in Portugal. It measured the time using the height of the Sun. However, on board, it served to measure the height of the North Star. It was used to determine a ship’s location in the sea by calculating its latitude, although the mariner’s astrolabe was the preferred instrument for observing the Sun.

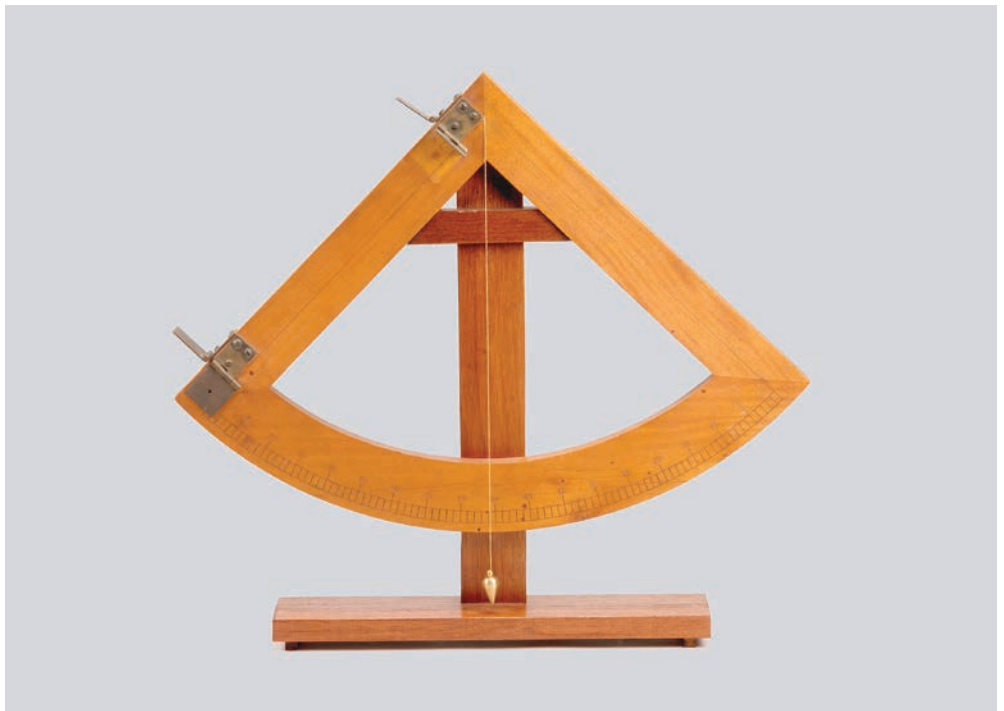
The mariner’s quadrant on display is an early twentieth-century educational model built for teaching purposes out of wood and metal for the Astronomical Observatory of the University of Coimbra. The mariner’s quadrants used in Portuguese vessels from the fifteenth to sixteenth centuries were made of wood. Wooden quadrants from this period cannot be found in museum collections as they did not survive the marine environment.

The quadrant has a radius of 37 cm, and the limb is graduated from zero to ninety degrees on the curved edge. One of the straight edges contains two sets of brass pinnules through which the star can be seen or ‘pushed in’. One of the sets contains very thin holes used to observe the Sun. The other provides larger holes for observing stars or planets. From the vertex (the centre of the circle), a plummet line allows for the angle or height of the star to be read according to the graduation of the limb.

The astrolabe is a hand-held model of the universe; a two-dimensional model of the celestial sphere obtained by a mathematical stereographic projection. The projection plane is the celestial equator. The astrolabe had many uses in astronomy, such as observing stars, determining their position in the sky, measuring time, performing astrological practices, and solving geometric problems such as calculating the depth of a well or the height of a building. The instrument was used by ancient cosmographers and is called a planispheric astrolabe or just an astrolabe.

The mariner’s astrolabe was produced through a simplification of the planispheric astrolabe. It measures the height of the Sun or another star above the horizon and is used alongside astronomical tables to determine the observer’s latitude. It also measures the zenith distance — the distance from the Sun to the zenith — which indicates the highest point on the celestial sphere. It was developed by Portuguese navigators in the Atlantic Ocean who sought to explore the African coast from the end of the fifteenth century onwards.

The first mariner’s disk astrolabes were configured like the backs of planispheric astrolabes. In time, however, they were no longer manufactured using sheet metal and were instead made of a more robust copper alloy with openings in the disk to minimise the effects of wind on board. Zero degrees is marked vertically on the Portuguese mariner’s astrolabe, that is, at the zenith, whereas ninety degrees lies on the horizon. This solution allows for a direct reading of the zenith distance to be obtained at solar noon when the Sun is at its maximum height. This measurement simplified the calculation of latitude by using data from a sun’s daily declination table. Mariner’s astrolabes used by other nationalities kept the zero on the horizon. →



**Réplicas de Quadrante e Astrolábio náutico
(tipo 'Bensaúde')**

Quadrante: Instituto Superior Técnico de Lisboa (Portugal), c. 1913; **Astrolábio:** construtor desconhecido, séc. XX

Madeira de tola, latão e fio de algodão

Quadrante: 42 cm (raio); **Astrolábio:** 50 cm (diâmetro); Observatório Geofísico e Astronómico da Universidade de Coimbra, I-243 (quadrante); Faculdade de Letras da Universidade de Coimbra (astrolábio)

Quadrant and Mariner's Astrolabe "Bensaúde" type replicas

Quadrant: Instituto Superior Técnico de Lisboa (Portugal), c. 1913; **Astrolabe:** unknown constructor, 20th century

Wood and brass

Quadrant: 42 cm (radius); **Astrolabe:** 50 cm (diameter); Observatório Geofísico e Astronómico da Universidade de Coimbra, I-243 (quadrante); Faculdade de Letras da Universidade de Coimbra (astrolabe)

[7-9] →

“Regimento de Munich”. É um livro muito raro do início da imprensa, um incunábulo, preservado na Biblioteca de Munique, na Alemanha que ainda usava o astrolábio náutico com o zero no horizonte. No século XVII o astrolábio começou a perder a sua popularidade. Os portugueses e os espanhóis usaram o astrolábio náutico até ao século XVIII mas no Norte da Europa, como nos Países Baixos, deixou de ser usado a partir de 1675.

O astrolábio “Bensaúde” é um modelo com valor histórico e didático, do “astrolábio náutico dos descobridores portugueses”. Tem 50 cm de diâmetro e foi construído em madeira de tola e latão, em 1913 nas oficinas do Instituto Superior Técnico de Lisboa, mandado executar pelo seu diretor Alfredo Bensaúde. Outras réplicas didáticas foram feitas, como é o caso do astrolábio da Faculdade de Letras da Universidade de Coimbra aqui presente. É constituído por uma roda dividida em quatro quadrantes vazados. Na face frontal tem a escala gravada, de zero a noventa graus, no limbo de dois quadrantes opostos. Os zero graus estão no diâmetro vertical. No centro gira um ponteiro, uma alidade com duas pínulas, designada por medeclina. A pínula alta tem um orifício atravessado pelo luz e a pínula baixa um ponto onde se projeta o Sol. Possui um fio de prumo para o alinhamento vertical.

A sua simplicidade permitia a construção de astrolábios de grandes dimensões que recolhiam medidas precisas em terra. É semelhante a um dos astrolábios usado na primeira viagem de Vasco da Gama à Índia, numa ida a terra, em Santa Helena, onde foi suspenso numa cábrea para determinar a latitude, evitando a oscilação da embarcação (descrição de um dos primeiros historiadores portugueses, João de Barros em “Décadas da Ásia”, 1522).

O astrolábio “Coimbra” é um astrolábio náutico português de grandes dimensões, idêntico ao anterior, mas construído em latão (liga com 65% Cobre e 33% Zinco, conforme dados obtidos por fluorescência de raios-X para confirmar a liga metálica do astrolábio, por Francisco Gil da FCTUC) com 51 cm de diâmetro e 10 kg de peso. Não apresenta marca do fabricante e a proveniência é desconhecida. O astrolábio náutico corrente tinha 17 a 25 cm de diâmetro e pesava 2 a 3 kg. Para medir a altura do Sol (a distância zenital), ou “pesar o Sol”, era pendurado ao nível da cintura do observador que ajustava a medeclina de modo à luz atravessar as duas pínulas e projetar-se no convés da embarcação.

Na medeclina, a pínula alta tem um orifício de 1 cm com uma lente (convergente biconvexa). A pínula baixa tem um orifício no centro de um círculo onde se projeta o Sol. A presença da lente levou o curador do Museu de Greenwich em Londres, David Waters, em 1966, a situar a construção do astrolábio após 1675. Nesta data o astrónomo real britânico, John Flamsteed (1646-1719), inseriu uma lente na palheta de um instrumento idêntico à balestilha, o quadrante de dois arcos. 1810 é a data limite para a produção, quando o astrolábio é inscrito no primeiro catálogo do Observatório.

A face anterior, tem graduação de zero a noventa graus no limbo do primeiro e terceiro quadrantes, os zeros estão no diâmetro vertical o que comprova ser um astrolábio português. O limbo apresenta subdivisões de quinze círculos concêntricos com leitura até aos quatro minutos. A face posterior tem graduações transversais incompletas. São referência ao “anel náutico” descrito pelo notável matemático e cosmógrafo real Pedro Nunes (1502–1578). Tem doze círculos concêntricos que permitem ler

Tables containing the solar declination exist since the fifteenth century. The oldest book of rules used to calculate latitude by using the height of the Sun was drafted by Portuguese mathematicians under King João II. Called the ‘Munich Regiment’, it is a very rare early printed book, an incunabulum, preserved in the Munich Library, Germany. It still makes use of the mariner’s astrolabe with the zero on the horizon. By the seventeenth century, the astrolabe began to fall out of fashion. Portuguese and Spanish mariners maintained its use until the eighteenth century, but in Northern Europe, such as in the Low Countries, it was no longer used after 1675.

The Bensaúde astrolabe is a model with historical and didactic value, as the ‘mariner’s astrolabe of the Portuguese discoverers’. It has a diameter of 50 cm and was built out of wood and brass in around 1913 in the workshops of the Instituto Superior Técnico in Lisbon, commissioned by its director, Alfredo Bensaúde. Other didactical replicas were made, such as the copy of Faculdade de Letras of the University of Coimbra. It consists of a wheel divided into four hollow quadrants. The scale is engraved on its front face, on the limb of two opposite quadrants, marking from zero to ninety degrees. Zero degrees is placed on the vertical diameter. A pointer rotates in the centre, an alidade with two pinnules called a medecline. The high pinnula contains a hole through which light passes, and the low pinnula is a smaller hole through which the Sun is projected. It features a plumb line for vertical alignment.

The simplicity of the instrument allowed for large astrolabes that collected precise measurements to be taken on land. It is similar to one of the astrolabes used on Vasco da Gama’s first voyage to India when he came ashore at Saint Helena. The astrolabe was suspended on a tripod on land to determine latitude, preventing it from swaying along with the vessel (as described by one of the first Portuguese historians, João de Barros, in *Décadas da Ásia*, 1522).

The ‘Coimbra’ astrolabe is a sizeable Portuguese mariner’s astrolabe identical to the Bensaúde, built using brass (65 per cent copper and 33 per cent zinc alloy, as confirmed by x-ray fluorescence data obtained by Francisco Gil, FCTUC) with a diameter of 51 cm and a weight of ten kg. No frame was found with the maker’s signature, and its origin is unknown. The typical mariner’s astrolabe was 17 to 25 cm in diameter and weighed two to three kg. To measure the height of the Sun (the zenith distance), or ‘weigh the Sun’, as the practice was known among Portuguese mariners, it was hung at the waist level of the observer, who adjusted the pointer so that light would pass through the two sighting holes and project onto the deck of the vessel.

In the pointer, alidade, or medecline, the high sighting hole measured one centimetre and contained a lens (convergent biconvex). The low sight has a hole in the centre of a circle where the Sun is projected. In 1966, David Waters, the curator of the Greenwich Museum in London, placed the construction of the astrolabe after 1675, based on the presence of the lens. In 1675, British royal astronomer John Flamsteed (1646–1719) inserted a lens into the vane of an instrument identical to the Jacob’s staff — the back-staff or Davis quadrant. By 1810, the astrolabe already appeared in the first catalogue for the Coimbra observatory.

The frontal face is graduated from zero to ninety degrees on the limb of the first and third quadrants. The zeros are located in the vertical →



Astrolábio náutico "Coimbra"
Finais do século XVII-XVIII
Latão e vidro
50,8 cm (diâmetro)
Observatório Geofísico e Astronómico
da Universidade de Coimbra, I-002
"Coimbra" Mariner's Astrolabe
End of 17th century-18th century
Brass and glass
50,8 cm (diameter)
Observatório Geofísico e Astronómico
da Universidade de Coimbra, I-002

[7-9] →

frações até cinco minutos de arco. A leitura era feita por uma medeclina angular descentrada (não encontrada), inserida no orifício abaixo da argola de suspensão. Os astrolábios de medeclina angular tiveram pouco sucesso pois eram de operação mais difícil.

O nocturlábio é um instrumento de duas faces. Servia de relógio de sol universal na face de astrolábio, obtendo a hora pela altura do sol ou relógio de lua com dados da outra face. Na face de nocturlábio a hora da noite pelas “guardas” da Ursa Menor no movimento à roda da estrela Polar. É um instrumento pequeno, com 11,5 cm de diâmetro, construído em latão (liga de 68% Cobre e 31% Zinco, conforme dados obtidos por fluorescência de raios-X para confirmar a liga metálica do astrolábio, por Francisco Gil, FCTUC) com argolas de suspensão, superior e inferior. Não apresenta marca do construtor e supõe-se ter sido fabricado na Flandres.

A face de nocturlábio tem um círculo com os meses e os signos do zodíaco divididos em 30 graus e um ponteiro mais longo. Mostram a marcha anual do Sol pela eclíptica, o círculo imaginário do Sol ao longo de um ano, visto a partir da Terra. Permite saber o tempo entre a passagem meridional da Lua e do Sol. A constelação *Aries* no dia 21 de março, adota a correção gregoriana do calendário de 1582. Considera-se o seu fabrico de 1582 até ao final do século XVII. O orifício no centro é usado para observar a estrela Polar e rodar o ponteiro para o alinhar com a estrela Kochab, a mais avançada da Ursa Menor.

Até ao início do século XX, em Portugal só se conhecia o astrolábio náutico do Observatório de Coimbra e astrolábios planisféricos. O Professor de matemática da Universidade de Coimbra, Luciano Pereira da Silva (1864–1926) publicou estudos sobre astronomia náutica e o astrolábio português e adquiriu o nocturlábio à família do monge Gaspar da Encarnação Lobo, natural de Caminha. A Universidade de Coimbra adquiriu a biblioteca e o nocturlábio do Professor em março de 1929. No Museu de Marinha, em Lisboa, existe uma dezena de astrolábios náuticos portugueses obtidos após 1983 por ação de um dos seus mais relevantes diretores, António Estácio dos Reis (1923–2018). [Pedro J. E. Casaleiro]

diameter, proving it to be a Portuguese astrolabe. The limb is subdivided into fifteen concentric circles and has an accuracy of up to four minutes. The back has incomplete transverse graduations, which reference the ‘mariner’s ring’ described by notable royal cosmographer and mathematician Pedro Nunes (1502–1578). It has twelve concentric circles that allow for reading fractions up to five minutes of arc. This required an off-centre angular pointer (not found) to be inserted in the hole below the suspension ring. Angular pointer astrolabes gained little popularity as they were more challenging to operate.

This nocturnal is a two-sided instrument. It was a universal sundial on the astrolabe face that allowed for the time to be calculated by the height of the Sun or a lunar dial, using data obtained on the other side. The nocturnal could be operated at night-time using the circumpolar stars (known as ‘guardas’ in Portuguese), following the movement of the Ursa Minor around the Polar Star. It is a rather small instrument, measuring 11.5 cm in diameter, made of brass (68 per cent copper and 31 per cent zinc alloy — confirmed by X-ray fluorescence data obtained by Francisco Gil, FCTUC) with upper and lower suspension rings. It does not bear a maker’s mark and is assumed to have been manufactured in Flanders.

The nocturnal side contains a circle with the months and zodiac signs divided into 30 degrees and a longer pointer. These show the annual arc traced by the Sun along the ecliptic — the imaginary circle traced by the Sun over the course of a year, as seen from Earth. The time can be gauged between the meridional passage of the Moon and the Sun. The Aries constellation begins on the 21st of March, adopting the Gregorian correction of the 1582 calendar. The device is believed to have been manufactured after 1582 or in the seventeenth century. The hole in the center is used to observe the North Star and rotate the pointer to align it with the star Kochab, the most advanced of the other Ursa Minor stars.

Until the early twentieth century, few astrolabes were known in Portugal other than the Coimbra mariner’s astrolabe and a couple of planispheric astrolabes. Luciano Pereira da Silva (1864–1926), a mathematics professor at Coimbra, published research on marine astronomy and the Portuguese astrolabe in the 1910s. He acquired the nocturnal from the family of a Coimbra monk, Gaspar da Encarnação Lobo, who was born in his hometown, Caminha. The University of Coimbra acquired Pereira da Silva’s library and nocturnal in March 1929. Ten other Portuguese mariner’s astrolabes can be found at the Navy Museum in Lisbon, which were obtained after 1983 thanks to the museum’s prominent director, António Estácio dos Reis (1923–2018). [Pedro J. E. Casaleiro]



Nocturlábio
Flandres (?), c. 1580-1800
Latão
11,5 cm (diâmetro)
Observatório Geofísico e Astronómico
da Universidade de Coimbra, I-194
Nocturnal
Flanders (?), c. 1580-1800
Brass
11,5 cm (diameter)
Observatório Geofísico e Astronómico
da Universidade de Coimbra, I-194

Este instrumento, foi construído em Lisboa por Pedro Ferreira Portugal, provavelmente filho de um cartógrafo chamado Manoel Ferreira Portugal, autor de quatro cartas náuticas feitas durante o século XVIII, e também autor de 4 das dezasseis agulhas de marcar portuguesas, conhecidas até agora.

Não só para navegar próximo à costa, mas principalmente para navegar em alto mar, são necessários alguns meios de conhecer a direção do navio em relação à terra.

No Oceano Índico, principalmente na sua parte norte, e na sequência da expansão islâmica, como a navegação se dava entre o subcontinente indiano e a costa nordeste africana, ou seja, se navegava entre os trópicos no sentido leste-oeste, foram utilizadas as estrelas. De facto, como a área de navegação era entre os trópicos, o que significa baixas latitudes, a direção do nascimento e ocaso das estrelas, era quase invariável. Assim, as técnicas de navegação árabes empregaram as estrelas como indicadores de direção e introduziram a *agulha sideral*, que foi usada por navegadores indianos, árabes, persas, malaios e chineses.

No entanto, a agulha magnética era conhecida pelas culturas acima referidas, e era utilizada principalmente pelos chineses para dar a direção sul no mar, ou no interior para outros fins. No mundo islâmico era usada também para a determinação da quibla (القبلة) ou seja, a direção de Meca. No Ocidente, a primeira referência à agulha magnética dá-se durante o início do século XII e na China no século XI.

O aperfeiçoamento final da agulha magnética, consistindo na introdução de uma rosa dos ventos e de um suporte físico adequado, foi feito no Mediterrâneo, na cidade-estado de Amalfi, pouco depois de 1300 d.C. Foi o que prevaleceu até agora, com melhorias, claro, mas os principais “ingredientes” ainda estão lá. E sobreviveu ao GPS!

Durante o início da expansão marítima portuguesa, em meados do século XV, quando os seus marinheiros exploravam a África navegando ao longo da costa e descobrindo as ilhas do Atlântico, a agulha magnética foi utilizada com as primeiras cartas náuticas, a bordo dos navios, para encontrar e manter o rumo para o porto de destino. O mesmo aconteceu no Mediterrâneo e na costa atlântica do noroeste da Europa.

Mas a agulha magnética nem sempre indicava o Norte verdadeiro (dizemos agora que tem *declinação*), como foi reconhecido pelos chineses, pelos europeus e pelas culturas islâmicas durante os séculos XIII a XIV.

Mas à medida que a expansão portuguesa progrediu, novas ilhas, novas costas e novas rotas marítimas foram sendo encontradas e foi levado em consideração o ângulo entre a agulha magnética e o norte verdadeiro, também chamado de *variação da agulha*, reconhecendo-se que era necessário determinar o seu valor, visto que variava de lugar para lugar.

A primeira agulha construída para este fim, foi sugerida por João de Lisboa, um famoso piloto, no seu *Livro de Marinharia* (c. 1514). Projetada para observar a Polar ou Estrela do Norte, a agulha, com suas duas pínulas, permitia ao observador ver na graduação, o ângulo entre o norte verdadeiro e o magnético, que era a *variação*. Note-se que se tornava necessário observar a estrela nas posições do seu movimento diurno, em que a mesma indicava o norte geográfico.

Uma das razões para João de Lisboa determinar a variação, foi a sua convicção que a declinação magnética variava regularmente segundo

This instrument was built in Lisbon by Pedro Ferreira Portugal, probably the son of a cartographer named Manoel Ferreira Portugal, the author of four nautical charts produced during the eighteenth century and also the maker of four of the sixteen Portuguese bearing compasses that have been identified to date.

Some method of determining the direction of a ship in relation to the earth is necessary, not only for navigating near the coast, but especially for navigating on the high seas. In the Indian Ocean the stars were used, mainly in the northern zone and following Islamic expansion, since the navigation took place between the Indian subcontinent and the north-eastern coast of Africa, which meant sailing between the tropics in an east-west direction. In fact, as the navigation area lay between the tropics, in low latitudes, the direction in which certain stars rose and set was almost invariable. Arab navigation techniques therefore used the stars for direction and introduced the *sidereal compass*. It was used by Indian, Arab, Persian, Malay and Chinese navigators.

Nevertheless, the magnetic needle was known in these cultures and was used mainly by the Chinese to find the south at sea, or inland for other purposes. In the Islamic world it was used to find the *quibla* (القبلة), i.e. the direction of Mecca. In Europe, the earliest reference to the magnetic compass can be found at the beginning of the twelfth century, and in China in the eleventh century.

The final improvement to the magnetic compass, namely the introduction of a compass rose, originated in the city state of Amalfi in the Mediterranean, shortly after 1300. It has survived to the present day, with added improvements, of course, but the main “components” are still there — and it has survived GPS!

At the start of the Portuguese overseas expansion in the mid fifteenth century, when Portuguese sailors were exploring the African coast and discovering the islands of the Atlantic, the magnetic compass was used on ships, together with the first nautical charts used to set and maintain course for the destination harbour. This was also the case in the Mediterranean and on the Atlantic coast of north-western Europe.

However, the magnetic needle did not always indicate true North (we now say that it has *declination*), as recognized by the Chinese, and by European and Islamic cultures in the thirteenth and fourteenth centuries.

As the Portuguese expansion began, new islands, new coasts and new sea routes were discovered and the angle between the magnetic needle and the true north, also called the *variation of the compass*, was taken into consideration, leading to the realization that it was necessary to determine its value.

The first compass built for this purpose was proposed by João de Lisboa, a famous pilot, in his *Livro de Marinharia* (c. 1514). The compass, designed for sighting the Polaris or North Star with its two *pinnulas*, enabled the observer to determine, from the graduation, the angle between true north and the needle, which was the *variation*.

One of João de Lisboa’s reasons for determining *variation* was to use this idea to find longitude, claiming that the declination of the compass varied uniformly with longitude.

This idea later proved to be wrong but the use of *variation* to give an idea of the progress in longitude, and to find land after many days at sea →



Agulha de marcar
Pedro Ferreira
Lisboa (Portugal), 1785
Madeira, vidro, papel, metal
33 x 33 x 18 cm
Colecção Condes de Anadia, Lisboa
Mariner's compass
Pedro Ferreira
Lisbon (Portugal), 1785
Wood, metal, glass and paper
33 x 33 x 18 cm
Condes de Anadia Collection, Lisbon

[10] →

um meridiano, pelo que conhecê-la, permitiria saber a longitude do lugar.

Verificou-se mais tarde, que esta ideia estava errada, mas o uso da variação para ter uma ideia do progresso em longitude e encontrar terra, depois de muitos dias no mar, navegando sobre o paralelo do porto de destino, foi um dos melhores meios para garantir, com segurança, a aterragem no referido porto.

Para este efeito, os pilotos durante as viagens observavam frequentemente a variação e registavam essa informação numa carta náutica. Essas informações, colhidas e registadas em muitas viagens, poderiam permitir o desenho do equivalente às hoje chamadas linhas de igual variação, ou *isógonas*.

Na imagem, que representa a derrota de um navio português que partiu de Lisboa para dobrar o Cabo da Boa Esperança, podemos ver aquelas hipotéticas linhas isogónicas.

Assim, se quando nos aproximamos do Cabo, e navegarmos sobre o seu paralelo, derrota que corrigimos por observações do sol durante a passagem meridiana, e descobrimos por observação frequente o valor da variação, quando o seu valor for, por exemplo, de 10° W, o navio estará aproximadamente na posição indicada a vermelho, que corresponde à intersecção da linha isogónica de 10° W com o paralelo de latitude.

Este procedimento foi amplamente utilizado pelos portugueses e, durante os séculos XVI e XVII, foram desenvolvidos métodos e instrumentos para encontrar a variação, que culminou, na primeira década do século XVII, com a introdução de uma agulha de marcar, especialmente concebida para calcular este importante elemento. Este método inovador, consistia em observar a direção do Sol ao nascimento e ocaso, medindo o ângulo que essa direção fazia com os pontos cardeais leste ou oeste. Este ângulo designa-se por *amplitude*. Comparando esta *amplitude magnética* observada, com a *amplitude verdadeira* previamente tabelada, determinava-se a variação.

A primeira descrição da agulha de marcar, foi feita pelo cosmógrafo-mór Manuel de Figueiredo na sua *Hidrografia, Exame de Pilotos* (1614) e a segunda, pelo piloto Diogo Afonso no seu *Roteiro da Carreira da Índia* (segunda década do séc. XVII).

Comparando a representação esquemática da agulha de marcar na página seguinte, com os diversos componentes da agulha, podemos ter uma ideia de suas características físicas.

Para observar o Sol, no nascimento ou no ocaso, o instrumento era elevado à altura dos olhos, e olhando através das frestas e alinhando a mirrada com as linhas verticais nelas desenhadas, o valor da amplitude magnética era lida na aba vertical.

Então, como já afirmado acima, a comparação da amplitude magnética, com a amplitude real dada por uma tabela, calculada em função da latitude do observador e da declinação do Sol, fornecerá a variação da agulha.

Note-se que o instrumento apresentado, é uma das dezasseis agulhas de marcar portuguesas encontrados até agora, que pertencem a coleções de museus portugueses e de outras nações. [José Manuel Malhão Pereira]

by sailing along the parallel of the destination harbour, was one of the best means of safely ensuring that the harbour would be located.

Hence, pilots frequently observed the variation during their voyages and registered this information on a nautical chart. This information, collected and registered during the course of many voyages, would enable the equivalent of what are nowadays called *lines of equal variation*, or *isogonic lines* to be mapped.

These hypothetical isogonic lines can be seen in the image below, which represents the route of a Portuguese ship sailing from Lisbon to round the Cape of Good Hope.

If the Cape is approached following a parallel of latitude by observing the sun during the meridian passage, or in other words, *running down the latitude*, and the *variation* is found to be 10° W, the ship is, with some margin of error, of course, in the position indicated, which corresponds to the intersection of the isogonic line of 10° W and the parallel of latitude.

This procedure was used extensively by the Portuguese and methods and instruments were developed during the sixteenth and seventeenth centuries to find *variation*. They culminated in the introduction of a *bearing compass* in the first decade of the seventeenth century, especially designed to calculate variation using an innovative method, namely observing the bearing of the sun when it rose or set relative to the east and west cardinal points. This angle was called *amplitude*. By comparing the *magnetic amplitude* observed with the *true amplitude* found in a table, the *variation* was discovered.

The first description of the compass was provided by the Portuguese Royal Cosmographer Manuel de Figueredo in his *Hidrografia, Exame de Pilotos* (1614) and the second by the pilot Diogo Afonso in his *Roteiro da Carreira da Índia* (second decade of the seventeenth century).

The significant advance provided by this compass was the introduction of a graduated rim mounted vertically on the compass rose on each side of the east and west cardinal points, the zone on the horizon where the sun rises or sets.

Comparing the schematic representation of the *bearing compass* on the next page, with the real compass on the right gives an idea of its physical characteristics.

When observing the Sun, the instrument is raised to eye level and pointed at the sun as it touches the horizon. Through the small windows, the two vertical lines are aligned with the sun and the *magnetic amplitude* can be found on the vertical graduated brim.

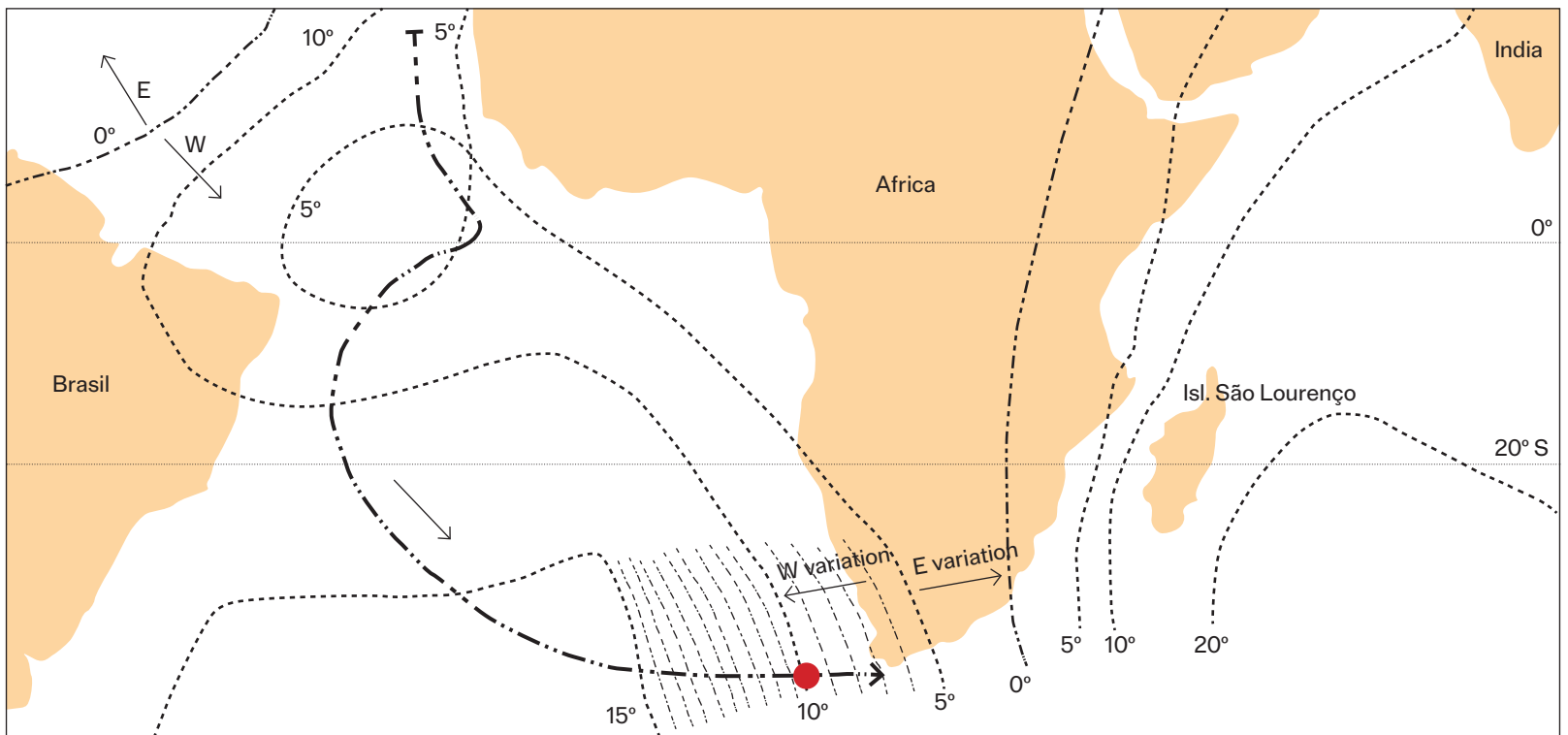
Comparing the *magnetic amplitude* with the *true amplitude* given by a table, calculated as a function of the observer's latitude and the declination of the Sun, provides the *variation* of the compass.

It should be noted that the instrument on the right of the diagram is one of the sixteen Portuguese bearing compasses identified to date, which are housed in museums in Portugal and in other nations. [José Manuel Malhão Pereira]



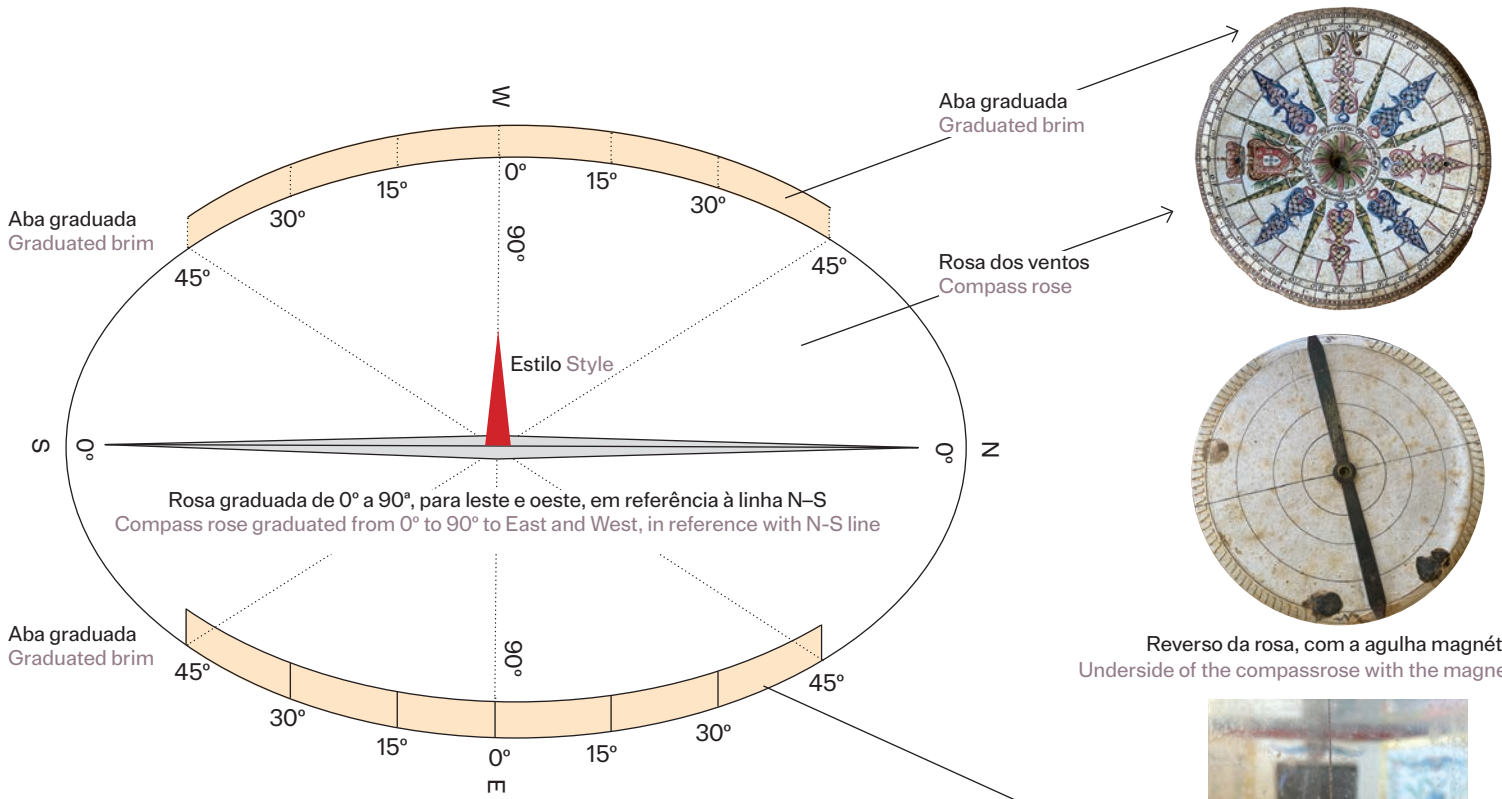
10

Agulha de marcar
Pedro Ferreira
Lisboa (Portugal), 1785
Madeira, vidro, papel, metal
33 x 33 x 18 cm
Colecção Condes de Anadia, Lisboa
Mariner's compass
Pedro Ferreira
Lisbon (Portugal), 1785
Wood, metal, glass and paper
33 x 33 x 18 cm
Condes de Anadia Collection, Lisbon



Isógonas no século XVI, de acordo com Andrade Corvo
(in D. João de Castro, *Roteiro de Lisboa a Goa*).

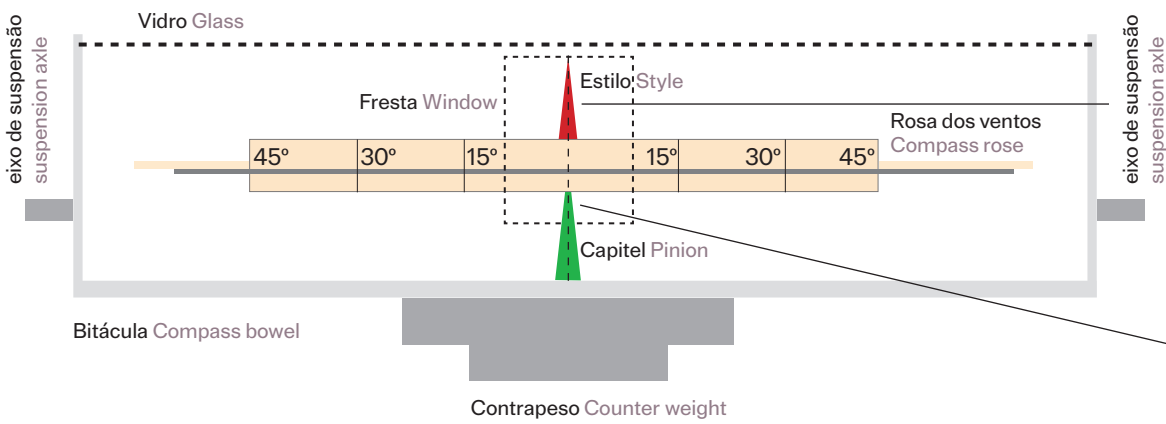
Isogonic lines during the XVI century, according to A. Corvo
(in D. João de Castro, *Roteiro de Lisboa a Goa*)



Reverso da rosa, com a agulha magnética
Underside of the compassrose with the magnetic needle

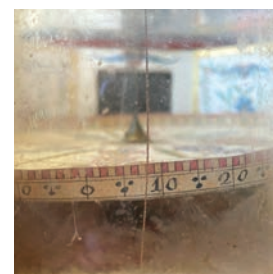
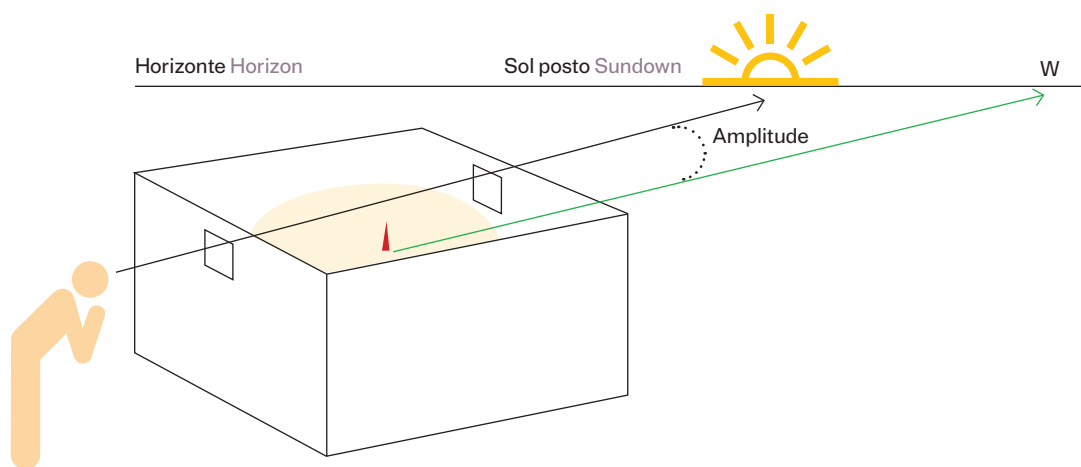


Aba graduada Graduated brim



Representação esquemática da agulha de marcar portuguesa e de alguns dos seus componentes.

Schematic representation of the Portuguese bearing compass and some of its components.



Leitura da amplitude Reading the amplitude

Representação esquemática da técnica para observação do Sol ao pôr para obtenção da amplitude

Schematic representation of the observation of the bearing of the Sun at sunset, for measuring the amplitude.

Modelos de nau (cima) e galeão (baixo)

Livro de traças de carpintaria

Manuel Fernandes

Portugal, 1616

Manuscrito sobre papel

47,5 × 113 cm

Biblioteca da Ajuda (Lisboa), 52-XIV-21

Models of nau (top) and galleon (bottom)

Livro de traças de carpintaria

Manuel Fernandes

Portugal, 1616

Manuscript on paper

47,5 × 113 cm

Biblioteca da Ajuda (Lisbon), 52-XIV-21

Os navios utilizados inicialmente pelos portugueses no Oceano Índico eram veleiros de tipologia mercante, armados ou aprestados para a guerra, com a omnipresente nau (um nome genérico e vago para os veleiros de 3 a 4 mastros, que abrangia muitos subtipos e uma ampla variedade de portes) e as caravelas latinas a não diferirem das suas congêneres das frotas de comércio e pesca; independentemente da sua pertença a um armador privado ou ao rei. Na realidade, foi esta intermutabilidade, a par da existência de uma considerável frota mercante, que permitiu ao Estado Português organizar as grandes armadas, que lançaram as bases do vasto império português na Ásia. Por razões óbvias, esta natureza mercante foi conservada nos navios destinados a efectuar a viagem redonda da *Carreira da Índia*, transportando nos dois sentidos, equipamento, mercadoria e passageiros. De início, o número de navios por viagem e a sua tonelagem eram muito variáveis, mas a partir de 1525 o número fixou-se em quatro a seis, preferencialmente cinco velas. Esta redução quantitativa implicou o aumento do porte dos navios e por meados do século a tonelagem unitária variava já entre 500 e 800 toneladas (relativas à arqueação das duas primeiras cobertas, apenas), aumentando paulatinamente nas décadas seguintes. O resultado final foram grandes navios mercantes — dos quais a nau de quatro cobertas representada no *Livro de Traças de Carpintaria*, 1616, de Manuel Fernandes, é um exemplo — com grande capacidade de carga, mas notáveis pelo medíocre desempenho náutico e um medonho registo de naufrágios. Ainda assim, estes navios de muito longo curso eram bem armados a paradoxalmente extremamente resistentes em combate, sendo capazes de se defenderem sozinhos de todos os ataques, salvo os mais determinados; amiúde sendo necessários os esforços conjuntos de toda uma esquadra e uma aproximação metódica para conseguir a rendição de uma unidade isolada.

Relativamente a forças navais, os portugueses destacaram uma esquadra permanente para o Oceano Índico (com base em Cochim, no Malabar) em 1502, pouco tempo depois da viagem pioneira de Vasco da Gama e antes ainda da instituição do *Estado da Índia*, a entidade política na qual se organizaram os domínios, interesses e forças militares dos portugueses situados para leste do cabo da Boa Esperança. Este foi o primórdio da Armada da Índia (ou Armada de Guarda da Índia), uma força autónoma, bem equipada e poderosa que, no seu auge, chegou a ultrapassar em efectivo - e por larga margem — não apenas a Armada Portuguesa do Atlântico, mas também a maioria das marinhas europeias.

Aos portugueses não faltava também experiência de combate, decorrente da mútua hostilidade entre os recém-chegados e muitas das potências marítimas asiáticas e de um resultante e infundável rosário de guerras e conflitos marítimos, alguns deles coetâneos, travados ao longo de uma vasta porção do globo, do SE Asiático ao Mar Vermelho, incluindo a guerra com o sultanato mameluco (início das operações em 1508), depois trespassada ao Império Otomano após a sua vitória sobre os Mamelucos em 1517, e que teve uma influência capital no ulterior pensamento naval português e nas seguintes grandes opções respeitantes ao combate naval. Igualmente determinante foi a mudança fundamental da natureza da guerra naval no Índico, para uma luta costeira, até fluvial, protagonizada por navios de remo de pequenas e médias dimensões, como expediente para contrariar o esmagador domínio dos portugueses em mar aberto e sobre os navios de vela.

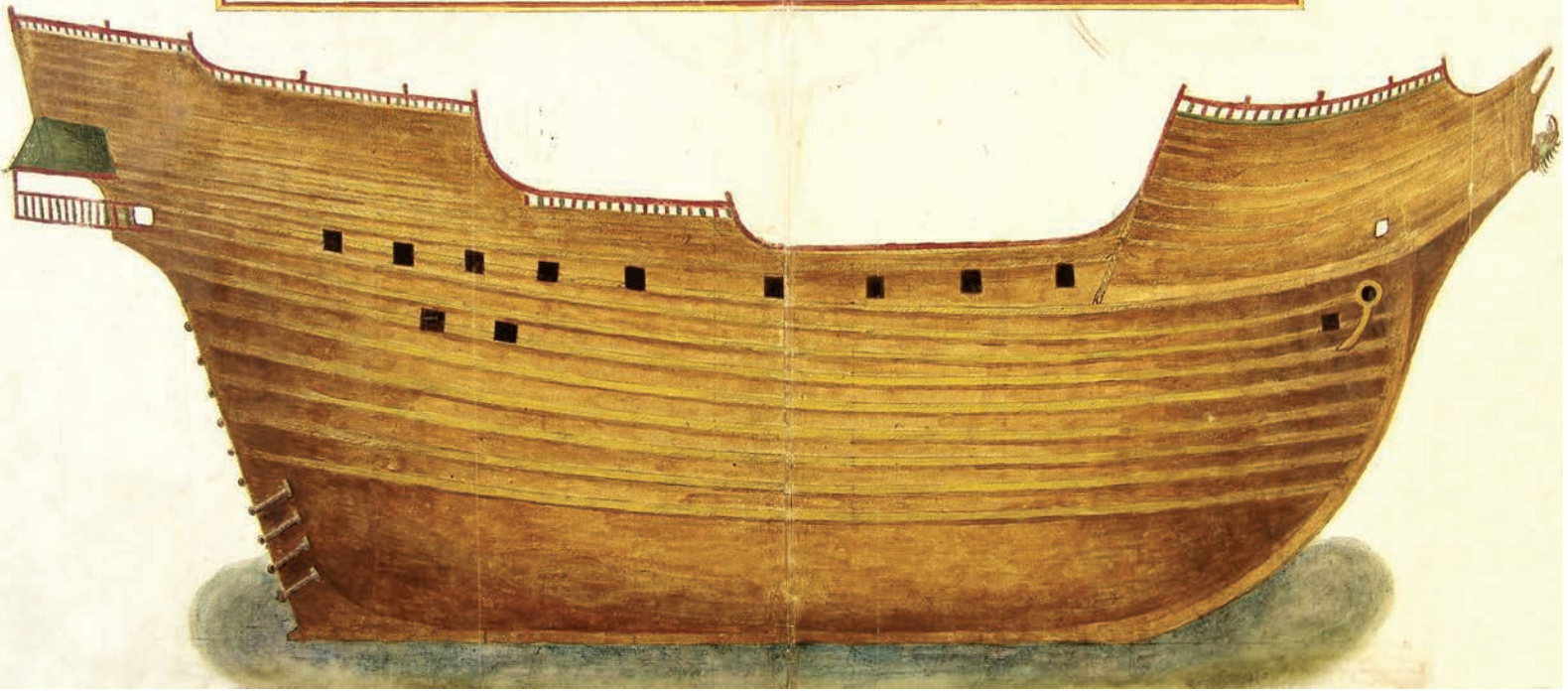
The earliest ships used by the Portuguese in the Indian Ocean were merchant sailing types armed or fitted for war, with the ubiquitous “nau” (a vague generic name for the 3 and 4 masted round ships which included many subtypes and a very wide range of sizes) and the lateen caravels being no different from their counterparts in the trade or fishing fleets, all regardless of their private or royal ownership. Actually, it was this interchangeability, together with an existing sizable merchant fleet, that allowed the Portuguese State to organize the large armadas with which the vast Portuguese empire in the East was founded. For obvious reasons, this mercantile nature was retained in the ships built to sail on the round trip of the Cape Route (*Carreira da Índia*), carrying back and forth materiel, merchandise and passengers. At first, numbers of ships per fleet and tonnage were fairly variable, but from 1525 onwards, the number settled at four to six, preferably five sail. This reduction in number required an increase in the size of ships and by mid-century tonnage already varied between 500 and 800 tons (measuring the two lower decks alone), steadily increasing in the next decades. The end result were very large argosies — of which the four-decker depicted in Fernandes’s *Livro de Traças de Carpintaria*, 1616, is an example — with a large cargo capacity but notorious for their mediocre nautical performance and an appalling record of loss by wrecking. Still, these very long-range ships were well armed and paradoxically extremely tough in combat, being able to defend themselves from all but the most determined attacks, often requiring the combined efforts of a fleet and a methodical approach to overcome just one of them.

Regarding naval forces, the Portuguese deployed a permanent squadron to the Indian Ocean (based in Kochi, Kerala) in 1502, shortly after Da Gama’s pioneering voyage and predating the institution of the *Estado da Índia*, the political entity that encompassed the Portuguese domains, interests, military and naval forces located East of the Cape of Good Hope and its local administration, in 1505. This was the root of the India Fleet (or Guard Fleet of India), a well-equipped and powerful autonomous force, which at its peak not only outnumbered by a large margin the Portuguese Atlantic Fleet, but most of the European navies as well.

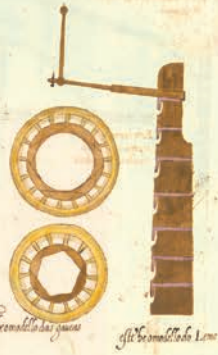
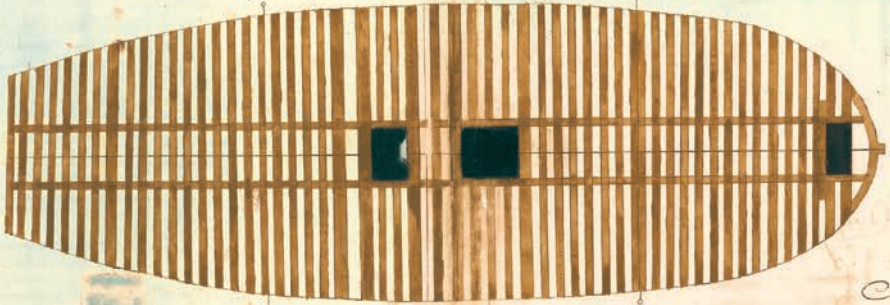
There was no lack of combat experience, either, due to the mutual hostility between the Portuguese and many of the maritime Asian powers and the resultant and endless litany of maritime wars and conflicts, some of them overlapping in time, on contested waters spreading across a vast portion of the globe, from SE Asia to the Red Sea, including the war with the Mamluk Sultanate (operations beginning in 1508), transmitted to the Ottoman Empire after its victory over the Mamluks in 1517, which had a paramount influence on the subsequent Portuguese naval thinking and main choices regarding naval warfare. Likewise influential, was the pivotal change of naval warfare in the Indian Ocean towards a coastal, even a fluvial struggle, where small to medium sized oared ships became the protagonists, as a local means to counter the overwhelming Portuguese dominance in open waters and against sailing ships.

Accordingly, the Portuguese spent the first three decades of their presence in the Indian Ocean building and perfecting a composite fleet capable of performing equally well in coastal and blue waters. In chronological order, the first measures were directed towards the building of a balanced oared fleet, with as many types as needed and available to cover the →

ESTE HE O MODELO D'UNO ACABADA.



Este he o Modelo da primeira Cuberta do Galeão.



Este he o modelo de um galeão de 300 toneladas tirado por sua medida, & conta como se achara no Regimêto.



[11] →

Em concordância, os portugueses ocuparam-se durante as três primeiras décadas de presença no Índico, na construção e aperfeiçoamento de uma armada compósita, capaz de um desempenho adequado quer em águas costeiras quer em mar aberto. Por ordem cronológica, as primeiras medidas adoptadas promoveram a construção de uma força equilibrada de navios de remo, constituída pela quase totalidade de tipos disponíveis, de molde a preencher todas as categorias de porte, dos navios muito pequenos e subtis (*bergantins* e *fustas* pequenas), aos navios de porte médio (*fustas* de maiores dimensões e *galeotas*) e pesados (*galés*), até por fim *galeaças*, de muito grandes dimensões e porte. Tratava-se de um projecto muito difícil de executar, que, para atingir o efectivo preconizado, consumiu quase trinta anos de trabalho e vastos recursos financeiros. Primeiramente, porque os portugueses chegaram à Índia num período em que as suas competências na construção de navios de remo se tinham perdido ou eram residuais, em razão das *galés* se terem tornado obsoletas no vasto Atlântico relevante para Portugal, ao longo do último quartel do século XV, ficando, nesse contexto, funcionalmente confinadas ao apoio de operações anfíbias no litoral de Marrocos. Depois, os navios de remo não podiam fazer a rota do Cabo, nem era possível, nesses primeiros tempos, recrutar o vasto número de remadores necessário. Inicialmente, os portugueses recorreram a soluções improvisadas, como o envio de *galés* desmontadas, a bordo de naus da *Carreira*, ou a utilização de navios capturados, mas pouco tempo depois introduziram medidas para poderem construir navios de remo na Índia: como a contratação de técnicos especializados em Génova, para colmatar o défice de competências, e o aproveitamento dos apreciáveis recursos locais no sector da construção naval, incluindo os muito elogiados carpinteiros navais indianos. A ampliação da rede de estaleiros, em acréscimo de Cochim, o uso imediato e directo de navios locais como o *catur* (Canará), o *parau* (Malabar) e *fustas* locais (Guzerate ou Cambaia), em vez de equivalentes europeus mais caros e morosos de construir, como o *bergantim* e as *fustas* europeias, a ênfase em políticas de territorialização e colonização e as suas repercussões, como a liberdade de construir, deter e armar navios de remo concedida pelo *Estado* aos colonos de Goa, e um amplo e crescente número de cativos fizeram o resto.

O outro rumo da política naval portuguesa, no que a navios de guerra diz respeito, foi a substituição da frota de veleiros por tipos intencionalmente construídos para a guerra; tarefa iniciada na segunda década do século XVI, em consequência do decepcionante desempenho em batalha das naus improvisadas utilizadas até então, em particular no confronto com navios de remo, e do receio de que viessem a ter grandes dificuldades no combate com as *galés* mamelucas e mais tarde otomanas. Os tipos resultantes, o *galeão* português (de que o navio de 350 toneladas representado por Manuel Fernandes é um exemplo tardio) e o seu contraponto ligeiro, a *caravela* de guerra portuguesa, foram concebidos (pelo *Estado*, ao nível central, é importante assinalar) para operarem em apoio mútuo, garantindo um misto de poder de fogo e manobrabilidade, tirando a melhor vantagem da ímpar marinharia portuguesa, de um engenhoso sistema de artilharia naval (aperfeiçoado em Portugal a partir de finais do século XV) e de uma abordagem à construção naval que tendia a valorizar sobremaneira a solidez e a resistência dos navios. [José Virgílio Pissarra]

complete size range, be it small and very swift vessels (*bergantins* and small *fustas*), medium-sized (larger *fustas* and *galiots*), heavy (galleys) or the very large and heavy *galleasses*. This was no small feat, taking almost 30 years to achieve its envisaged form, while costing vast sums of money. To start with, the Portuguese arrived in India at a time when their skills in building oared ships had been lost, or confined to a niche, after galleys became obsolete in most of the Atlantic that concerned the Portuguese, being relegated, in Portuguese use, to support seaborne operations in the shores of Morocco. Then, oared ships couldn't sail the Cape Route nor it was possible, in the earliest years, to supply the large numbers of rowers required. At first, the Portuguese made use of makeshift solutions, like the dispatch of disassembled galleys via the Cape and the use of captured ships, but shortly after they took measures to build these ships in India: hiring experts in Genoa, to fill the know-how gap, and taking advantage of the vast shipbuilding resources available locally, including the much-praised Indian shipwrights. The increase of the shipyard network beyond Kochi, the direct use of local ship types like the *catur* (Konkan Coast) *parau* (Kerala) and local *fustas* (Gujarat), instead of the more expensive European equivalents, the *bergantim* and the European *fusta*, emphasis in settlement policies and its repercussions, like the Crown's granting the settlers of Goa the liberty to build their own oared ships, and vast numbers of captives did the rest.

The other direction of the Portuguese naval policy, as far as warships were concerned, was the replacement of the sailing fleet with types purposely built for war, an undertaking that began in the second decade of the XVIth century, as a consequence of the somehow disappointing battle performance of the improvised ships used up to then, particularly against oared ships, and concern that they wouldn't fare well against Mamluk or Ottoman galleys. The resulting types, the Portuguese galleon (of which the 350 ton vessel depicted by Fernandes is a late example) and its lighter counterpart, the Portuguese war *caravel*, were designed (by the State and at a centralized level, one should note) to work together, blending firepower and manoeuvrability making the most from the unrivalled Portuguese seamanship, their cleverly conceptualized system of naval artillery (perfected from the late XVth century onwards), and a shipbuilding approach that tended to prioritize toughness above all. [José Virgílio Pissarra]

A imagem representa os quatro navios da frota da bem conhecida viagem exploratória de Vasco da Gama, que descobriu a rota do Cabo da Boa Esperança. *Carreira da Índia* foi o nome por que ficou conhecido o sistema de frotas ou armadas responsável pelas viagens anuais entre Portugal e a Ásia pela rota do Cabo durante os séculos XVI, XVII e XVIII. As suas frotas não se comparavam aos grandes comboios transatlânticos bem escoltados de navios mercantes da quase homónima *Carrera de las Indias* castelhana. Compunham-se de grupos mais pequenos de naus, que viajavam sem protecção durante a maior parte da viagem. No entanto, como estas naus transportavam mercadorias de pouco volume mas alto valor, como especiarias, a importância económica da *Carreira* era considerável.

1. Os portugueses estabeleceram rapidamente uma ligação marítima regular à Ásia depois da viagem de Vasco da Gama em 1497–1499. Os padrões básicos da *Carreira* foram estabelecidos nas primeiras décadas do século XVI. Só partia uma armada por ano para a Índia, embora os navios que a compunham partissem frequentemente em datas diferentes e se subdividissem por vezes em armadas com capitães distintos. A armada devia preferivelmente partir em Março, mas partidas tardias em Abril e mesmo Maio eram recorrentes, por muito criticadas que fossem. O problema destas partidas tardias era que punham os navios em risco de chegar ao Oceano Índico demasiado tarde para se aproveitarem da monção de Sudoeste, forçando-os a invernar durante meses na ilha de Moçambique, a única escala regular na viagem de ida. Quando a viagem corria bem, porém, os navios tendiam a chegar por volta de Setembro à costa ocidental da Índia, aportando ou a Goa, ou a Cochim. No século XVII, deixaram de ir a Cochim e a *Carreira* confinou-se desde então às rotas Lisboa-Goa e Goa-Lisboa. Após uma estadia de alguns meses na Ásia, a armada encetava a viagem de regresso, com os navios a partirem muitas vezes em datas separadas, como ocorria na ida. Os meses recomendados para partir eram Dezembro e Janeiro, mas, mais uma vez, partidas tardias em Fevereiro e mesmo Março não eram inusuais. A ilha de Santa Helena, no Atlântico Sul, foi uma escala regular para os navios da *Carreira* de regresso a Portugal, mas começou a ser evitada por volta de 1600, quando ingleses e neerlandeses começaram também a usar a rota do Cabo. A chegada dava-se por norma no verão, pondo fim a uma viagem que, a contar da partida inicial de Lisboa, durava, sem atrasos, cerca de ano e meio.

2. A *Carreira da Índia* tem tido tradicionalmente alguma má reputação. Isto deve-se muito à fama literária da *História Trágico-Marítima*, uma colectânea de relatos de naufrágios quinhentistas portugueses composta quase exclusivamente de descrições de naufrágios na rota do Cabo. É verdade que as perdas de navios da *Carreira* na rota foram consideravelmente superiores às sofridas, por exemplo, pela companhia das Índias Orientais neerlandesa, ou VOC (*Verenigde Oost-Indische Compagnie*). As razões para esta diferença permanecem pouco claras. Vale a pena notar, porém, que a maioria dos naufrágios portugueses se deu nas costas da África Oriental, nas perigosas regiões do Natal e do Canal de Moçambique. Estas eram zonas por onde os navios neerlandeses não precisavam de passar, visto que a maioria ia ou vinha de Batávia, em Java. Essa pode ter sido uma razão para o pior registo da *Carreira*, quando comparada com a VOC. Mas devemos também lembrar que os navios neerlandeses do século XVII se mostraram em geral militarmente superiores aos portugueses, pelo que parece

The image depicts the four ships of fleet of the well-known exploratory voyage of Vasco da Gama that discovered the Cape of Good Hope route. This fleet was the first fleet of the so-called *Carreira da Índia*. The *Carreira da Índia*, or India Run, was the name given to the fleet system responsible for the annual sailings that took place between Portugal and Asia by the way of the Cape of Good Hope Route during the 16th, 17th and 18th centuries. Almost homonymous with the better-known Spanish *Carrera de las Indias*, it remained, however, a smaller-scale affair. Its fleets did not consist of huge convoys of merchant-ships guarded by armed escorts, as with the *Carrera*, but of much smaller groups of carracks, which, for the most part of the voyage, travelled without protection. Nevertheless, as its trade was based on high-value commodities of small bulk such as spices, the economic importance of the *Carreira* was still very significant.

1. After the voyage of Vasco da Gama in 1497-1499, the Portuguese quickly set up a regular maritime connection with India. The basic patterns of the *Carreira* were established during the formative first decades of the 16th century. There was only one annual fleet to India, although the ships that formed it departed often in different dates and were at times divided in sub-fleets with different commanders. This fleet would preferably leave Lisbon in March, but late departures in April and even May were frequent, no matter how criticized. The problem with these late departures was that they put the ships at risk of reaching the Indian Ocean too late to take advantage of the Southwest monsoon, thereby forcing them to winter for months at Mozambique Island, the only regular stopover on the outward voyage. When things went well, however, the vessels tended to arrive around September, either at Goa or at Cochin, both on the Western coast of India. In the 17th century, Portuguese Indiamen ceased to call at Cochin and, from that date onwards, the *Carreira* confined itself to the Lisbon-Goa and Goa-Lisbon routes. After a stay of a few months in the East, the fleet would start its way back, often with the ships putting to sea at separate dates, like it was the case in the outward voyage. The recommended months for starting the homeward voyage were December and January, but again late departures in February and even March were far from unusual. During the 16th century, the Atlantic island of Saint Helena was a regular stopover for returning Portuguese Indiamen, but they started to avoid it around 1600, when the English and the Dutch, newcomers to the Cape Route, begun to use it themselves. The arrival would usually be in the summer, putting an end to a voyage that, without any delays, lasted about a year-and-a-half, counting from the original date of departure from Lisbon.

2. Traditionally, the *Carreira da Índia* has enjoyed something of a bad reputation, owing mainly to the literary fame of the *História Trágico-Marítima*, a collection of impressive 16th century accounts of shipwrecks involving almost exclusively Portuguese Indiamen. It is true that its shipping losses were considerably higher than, for instance, those suffered by the Dutch East India Company, or V.O.C., on the Cape Route. The reasons for this difference remain unclear. It is worth noting, however, that the majority of the shipwrecks of the Portuguese Indiamen took place nearer or on the Southern and Eastern Africa coast, mainly in the dangerous regions of Natal and of the Mozambique Channel. These were areas which Dutch ships usually did not need to pass, as most of them sailed to and →

razoável assumir que fossem também mais seguros e menos propensos a naufragar. Neste tema das perdas de navios, alguns outros factos e números intrigantes permanecem por explicar. Por exemplo, as mudanças no padrão geral das perdas assinaladas por Paulo Guinote, Eduardo Frutuoso e António Lopes: na primeira metade do século XVI, a maior parte das perdas de navios deu-se na viagem de ida, mas, na segunda metade do século, foi o contrário; já na primeira metade do século XVII, as coisas equilibraram-se, com as perdas a distribuírem-se mais equitativamente pela ida e pela vinda. Tem sido sugerido que o alto número de perdas à vinda na segunda metade do século XVI pode ter sido consequência de problemas recorrentes de sobrecarregamento no período. Também são dignas de nota as perdas excepcionalmente baixas das décadas de 1560 e 1570: as causas desta queda são obscuras, mas parece um período demasiado longo para ser accidental, sugerindo assim que não havia nada de inevitável quanto à alta proporção de naufrágios da *Carreira*

3. Na década de 1630, a *Carreira* tinha sido remetida a uma importância quase marginal e o movimento dos seus navios diminuíra drasticamente. A cronologia e os motivos deste declínio têm sido objecto de debate. Acreditou-se que foi sobretudo causado, por um lado, pelo aparecimento do curso inglês e neerlandês, e, por outro, pelo surgimento da competição inglesa e neerlandesa na rota do Cabo. Mas pelo menos o problema da competição, que só surgiu por volta de 1600, fora precedido por uma crise séria da *Carreira* — que contribuiu de modo essencial para o despontar dessa mesma competição. A década de 1590 assistiu a uma queda considerável do número de navios portugueses regressados da Ásia. A carência resultante de especiarias nos mercados europeus foi um forte incentivo para mercadores neerlandeses e ingleses tentarem a sorte no rota do Cabo. É verdade que os navios da *Carreira* já antes sofriam os efeitos da vaga do curso inglês desencadeada pela guerra anglo-hispânica de 1585–1604, mas os corsários ingleses foram responsáveis por apenas uma pequena parte das altas perdas da década de 1590. [André Murteira]

from Batavia, in Java. That might have been one of the causes behind the bad record of the *Carreira* when compared to the one of the V.O.C. But we must also bear in mind that in the 17th century Dutch ships repeatedly proved themselves militarily superior to the Portuguese, which makes it seem reasonable to assume that they should also be safer and less prone to shipwreck. On this subject of shipping losses, some other intriguing facts and figures still await to be properly explained. For instance, the fact that while the losses remained high for most of the time, its general pattern went through some important changes, as pointed out by Paulo Guinote, Eduardo Frutuoso and António Lopes: in the first half of the 16th century, most of the ships were lost on the outward voyage, by a large margin, but during the second half the reverse happened; in the first half of the 17th century, on the other hand, things were more equal, with both parts of the voyage contributing with an approximate share of the total. It has been suggested that the high number of losses on the homeward voyage in the second half of the 16th century might have been a consequence of recurrent problems of overloading in the period. Also worthy of note are the exceptionally low losses of the 1560's and the 1570's decades: the causes behind this brief drop are obscure, but it does seem to have lasted too long to be seen as accidental, suggesting that there was nothing inevitable about the usual high rate of shipwrecks of the *Carreira*.

3. By the 1630's, the *Carreira* had been reduced to a relatively marginal affair, and the movement of its ships dwindled to a trickle. The chronology and motives for this decline have been subjects of debate. It was believed to have been caused mainly, on the one hand, by the outbreak of first English and later Dutch privateering, and, on the other, by the onset of English and Dutch competition on the Cape Route. But at least the onset of the competition problem, which took place around 1600, was preceded by a serious crisis of the *Carreira* that was actually instrumental in bringing it about: the 1590's decade saw a considerable drop in the number of Portuguese ships returning from Asia and the resultant shortage of spices in the European market was a strong incentive for Dutch and English merchants to try their luck in the Cape Route. It is true that Portuguese Indiamen had been suffering the effects of the privateering wave unleashed by the onset of the Anglo-Spanish War of 1585–1604, but the English privateers account only for a small part of the high losses of the 1590's. [André Murteira]

Vasco da Gama ficou para a história como capitão da primeira armada portuguesa que chegou à Índia, entre 1497–1499. Estas figuras são frequentemente lembradas e chamadas “navegadores” quando, na realidade, pouco percebiam de questões náuticas, visto que estas estavam a cargo dos pilotos e mestres dos navios. Neste caso, os capitães tinham um papel político, diplomático e militar. E foi nesta condição que Vasco de Gama se destacou, à frente de uma pequena armada de quatro navios que conseguiu chegar aos portos da Índia, abrindo assim os mares da Ásia à navegação portuguesa. Este plano de circunavegação de África data apenas do último quartel do século XV, sendo que o processo de expansão portuguesa e de construção do seu império marítimo é feito grandemente de improviso, sem um plano traçado e delineado desde o início. A conquista da praça norte-africana de Ceuta, em 1415, é normalmente dada como o início deste processo, mas é preciso esperar muitas décadas até que, no reinado de D. João II (1481–1495), se decida objectivamente chegar à Índia por via marítima. Assim, a viagem de Bartolomeu Dias, em 1487–1488, conseguiu dobrar o Cabo da Boa Esperança, entrando nas águas do Índico. Contudo, a viagem seguinte teve de esperar vários anos por causa de problemas internos do reino: a morte do príncipe D. Afonso, herdeiro da coroa, e a negociação de um novo tratado diplomático com Castela (o Tratado de Tordesilhas), decorrente da viagem da Cristóvão Colombo, em 1492, e da sua chegada ao *Novo Mundo*. Depois desta espera de aproximadamente dez anos, a frota capitaneada por Vasco da Gama partiu a 2 de Julho de 1497 e chegou à cidade de Calecute, na costa sul da Índia, a 21 de Maio de 1498.

Pouco se sabe sobre o passado deste capitão português antes da sua famosa viagem. Terá nascido por volta de 1469, em Sines (no sul de Portugal), e teria servido os reis portugueses em algumas armadas da guarda da costa. O desenrolar da missão de Gama é conhecido: os desentendimentos com o senhor local, o Samorim, o registo da cultura local e até a crença errada de que a população local era cristã. Neste último caso, ficou famoso o momento em que a comitiva portuguesa visitou um templo hindu e acreditou que estava a visitar uma igreja cristã, notando que as figuras religiosas eram estranhas e diferentes das europeias.

A armada regressou a Lisboa em Agosto de 1499 e Vasco da Gama foi imediatamente alvo de um processo de mitificação, em Portugal e na Europa. A fama deste português correu por todo o lado, ganhando praticamente um estatuto de herói. Gama voltaria a partir duas vezes para a Ásia: em 1502, regressando no ano seguinte, e em 1524, partindo com o título de vice-rei do *Estado da Índia*, acabando por falecer em Cochim, a 25 de Dezembro desse mesmo ano. As fontes da época mostram que teria uma personalidade implacável. Aliás, a sua acção violenta marcou a sua segunda viagem, da qual subsistem vários relatos do uso da violência de forma extensiva, acção esta que estaria presente em todos os processos de construção dos impérios coloniais europeus. O retrato de Vasco da Gama, aqui apresentado, mostra este homem já numa avançada idade, quando dos seus tempos finais, como vice-rei, desenhado pela mão de Gaspar Correia e inserido na sua crónica conhecida como *Lendas da Índia*. A sua primeira viagem marcou irremediavelmente a história da Europa e da Ásia, permitindo o contacto marítimo com todos os portos do outro lado do mundo Europeu, desde o Golfo até ao Japão, com todos impactos económicos, políticos e culturais nas sociedades destes mundos. [Roger Lee de Jesus]

Vasco da Gama went down in history as captain of the first Portuguese armada ever to reach India, between 1497–1499. Figures such as his are often remembered and called ‘navigators’ when, in reality, they knew little about nautical issues, as those were the remit of the ship’s pilots and masters. Captains had a political, diplomatic and military role. It was in this capacity that Vasco de Gama stood out, at the head of a small fleet of four ships that managed to reach the ports of India, thus opening up the seas of Asia to Portuguese navigation. This plan to circumnavigate Africa dates only from the last quarter of the 15th century, and the process of Portuguese expansion and the construction of its maritime empire was largely improvised, without any plans drawn up from the outset. Though the conquest of the North African city of Ceuta, in 1415, is usually given as the starting point of this process, it was only many decades after it, during the reign of João II (1481–1495), that the decision was objectively taken to reach India by sea. Thus Bartolomeu Dias’ voyage in 1487–1488, which managed to round the Cape of Good Hope, and enter the waters of the Indian Ocean. However, the next voyage had to wait several years because of the kingdom’s internal problems: the death of Prince D. Afonso, heir to the crown, and the negotiation of a new diplomatic treaty with Castile (the Treaty of Tordesillas), resulting from Christopher Columbus’ voyage in 1492 and his arrival in the *New World*. After this hiatus of approximately ten years, the fleet captained by Vasco da Gama sailed on 2 July 1497, and reached the city of Calicut on the southern coast of India on 21 May 1498.

Little is known about the background of this Portuguese captain before his famous voyage. He was born around 1469, in Sines (southern Portugal), and served the Portuguese monarchs in coastal defence fleets. How Gama’s mission unfolded is well known: disagreements with the local lord, the Zamorin, the records taken of the local culture, and even the mistaken belief that the local population was Christian. Regarding the latter, the moment when the Portuguese delegation visited a Hindu temple, believing they were visiting a Christian church and noticing that the religious figures were strange and different from European ones, became famous.

The armada returned to Lisbon in August 1499, and Vasco da Gama was immediately subject to a process of mythification in Portugal and in Europe. The fame of this Portuguese man spread far and wide, practically earning him hero status. Gama would set sail for Asia twice again: in 1502, returning the following year, and in 1524, when he was appointed viceroy of the *Estado da Índia*. He would die in Cochim on 25 December of that same year. Sources of the time show that his was a ruthless personality. In fact, his second voyage is marked by its violence, the extensive use of which features in several accounts — actions that would be present at every stage of European colonial empire-building. The portrait of Vasco da Gama presented here shows the man at an advanced age, in his final days as viceroy, drawn by Gaspar Correia and included in his chronicle known as *Lendas da Índia*. His first voyage irremediably marked the history of Europe and Asia by enabling maritime contact with all the ports on the other side of the European world, from the Gulf to Japan, with all the ensuing economic, political and cultural impacts on the societies of these different regions. [Roger Lee de Jesus]



Retrato de Vasco da Gama
in Gaspar Correia — *Lendas da Índia*
Goa (India), c. 1560
Manuscrito sobre papel
41,6 × 25,6 cm
Arquivo Nacional da Torre do Tombo (Lisboa),
Códices e documentos de proveniência
desconhecida, n.º 41, fl. 259r.
Portrait of Vasco da Gama
in Gaspar Correia — *Lendas da Índia*
Goa (India), c. 1560
Ink on paper
41,6 × 25,6 cm
Arquivo Nacional da Torre do Tombo (Lisbon),
Códices e documentos de proveniência
desconhecida, n.º 41, fl. 259r.

Em 1571, Francisco de Holanda afirmou na sua obra *Da fábrica que falece à cidade de Lisboa* que «Lisboa tem a presunção da maior e mais nobre cidade do mundo». No ano a seguir ao de tão admirável enaltecimento desta cidade Georg Braun publicou uma gravura com a imagem de Lisboa vista em perspectiva que aqui apresentamos. Ela expressa uma forma da capital portuguesa que foi traçada não nesse ano, mas bastante tempo antes, podendo-se mesmo considerar ser a primeira imagem de Lisboa conhecida. Com efeito a sua análise permite-nos admitir que Braun recorreu a um desenho que a apresentava talvez por volta de 1517, isto é, no reinado de D. Manuel I. Um dos seus detalhes que nos permite tal constatação encontra-se na forma de representar o torreão ou «baluarte» que este rei mandou fazer para proteger o seu Paço da Ribeira, o qual foi construído sob a direção de Diogo de Arruda entre 1508 e 1511, pois ele ainda não está coberto por um telhado, como veio acontecer alguns anos depois, talvez por volta de 1520.

A Lisboa que vemos nesta imagem é a de uma cidade medieval ainda cercada pelas muralhas erguidas entre 1373 e 1375, mas que as ultrapassou estendendo-se para ocidente e para a zona ribeirinha do Tejo, passando a estar centrada num novo Terreiro do Paço, nome que deriva do facto de aí ter sido construído o Paço da Ribeira, o qual se prolongava por uma extensa galeria em direção ao rio.

Por debaixo do Paço da Ribeira ficava a Casa da Índia onde se centrava atividade relacionada com o comércio que se fazia entre Portugal, a Ásia, a África e a América. Junto ao Paço encontrava-se a Ribeira das Naus destinada à construção dos navios que seguiam por todos os oceanos para as mais diversas partes.

Na parte norte da cidade, destacava-se o Rossio, no qual se encontrava o grande Hospital de Todos os Santos, enquanto na sua parte mais antiga sobressaía o Castelo de São Jorge e a catedral.

O realce da intervenção de D. Manuel I em Lisboa foi muito bem expresso por Francisco de Holanda ao referir na sua obra acima citada: «que com o triunfo e vitória da Índia, quase a renovou de todo». Por esta frase verifica-se que aquele rei melhorou muito a cidade pois foi aí que concentrou o seu poder político e económico, o qual se estendia desde o Brasil à China.

A intervenção deste monarca na capital portuguesa foi importantíssima e surgiu como resposta às pressões de um crescimento que resultou do expansionismo português, que ele tanto impulsionou e sustentou.

O aumento da importância de Lisboa nos inícios do século XVI resulta da afirmação da cidade como influente centro de decisões, pois só a concentração de uma autoridade forte viabilizaria um movimento expansionista tão ambicioso como aquele que Portugal então protagonizou. Tal realidade exigiu aí a presença mais constante do rei para assim se conseguir ter uma eficaz capacidade de organização e resposta aos problemas que iam surgindo.

De acordo com as indicações estatísticas mais antigas relativas ao conjunto da população de Lisboa, as quais datam de 1527, sabemos que ela contaria então com uns 60 000 habitantes, atingindo pelos meados do século XVI cerca de 100 000. Lisboa era assim uma das maiores e mais importantes cidades da Europa.

Na parte inferior da gravura aqui considerada há uma representação da costa da região de Lisboa situada entre Santos e Cascais a qual foi feita

In 1571, Francisco de Holanda stated in his work *Da fábrica que falece à cidade de Lisboa (Concerning the Factory that is Missing in the City of Lisbon)* that ‘Lisbon presumes that it is the greatest and most noble city in the world’. In the year following Lisbon being praised so admirably, Georg Braun published an engraving of the city from the perspective shown here. It depicts the Portuguese capital in a form traced long before and can even be considered the first known image of Lisbon. Indeed, it points to Braun having resorted to a drawing that may have dated back to around 1517, that is, the reign of King Manuel I. One detail of the engraving that supports this conclusion is the appearance of the turret or ‘bastion’ built on the king’s orders to protect the Paço da Ribeira (Ribeira Palace), the building of which was overseen by Diogo de Arruda between 1508 and 1511. The engraving shows the turret uncovered — a roof would be added years later, perhaps in around 1520.

The Lisbon seen in this image is a medieval city still encircled by walls built between 1373 and 1375, but which had extended beyond those walls to the west, and south towards the Tagus riverside. Now, it centred on the new Terreiro do Paço (Palace Yard), which gained its name from the fact that the Paço da Ribeira was built there, extending towards the river through an extensive gallery.

Underneath the Paço da Ribeira lay the Casa da Índia customs house, which was the central hub of operations relating to trade between Portugal, Asia, Africa, and America. Next to the Paço was the Ribeira das Naus — a dockyard used to build ships that would sail around the world, across every ocean.

Rossio was the most notable area in the northern part of the city, home to the grand Hospital de Todos os Santos (All Saints Hospital), while Castelo de São Jorge (Castle of St George) and the cathedral stand out in the oldest part of the city.

King Manuel I’s influence on Lisbon was very well expressed by Francisco de Holanda, highlighted in the latter’s aforementioned work: ‘that with the triumph and victory experienced in India, he [the king] renovated it almost in its entirety’. This sentence displays the extent to which the king improved the city: the centre point of his political and economic power, which extended from Brazil to China.

Manuel’s interventions in the Portuguese capital were vital, coming as a response to pressures brought about by the growth originating in Portuguese expansionism, which the monarch so encouraged and sustained.

Lisbon’s increased importance in the early 16th century came about as a result of the city affirming itself as an influential decision-making centre, as only the concentration of a strong authority could lead an expansionist movement as ambitious as that led by Portugal at the time. These circumstances demanded more of a constant presence from the king to effectively organise and respond to problems that arose.

According to the oldest statistical records available of the entirety of the population of Lisbon, which date back to 1527, it is known that the city would then have had around 60,000 inhabitants, reaching around 100,000 by the mid-16th century. Lisbon was, therefore, one of Europe’s largest and most important cities.

The bottom section of the engraving represents the Lisbon coastal region between Santos and Cascais, and postdates the image described →

alguns anos depois da imagem que acima descrevemos. Aí se registou nomeadamente a Torre de Belém e o Mosteiro dos Jerónimos, as obras mais emblemáticas da Lisboa manuelina. Quase todas as outras construções da Lisboa dos inícios do século XVI desapareceram com o terramoto de 1755 arrasando uma cidade cuja memória visual ficou viva em imagens como aquela que aqui expomos. [José Manuel Garcia]

above in a few years. The Torre de Belém (Belém Tower) and Mosteiro dos Jerónimos (Jerónimos Monastery), the most notable works in Manueline Lisbon, are particularly noteworthy in the piece. Almost every other 16th century Lisbon building was destroyed during the 1755 earthquake, which devastated the city, the visual memory of which has been kept alive in images such as the one shown here. [José Manuel Garcia]

Panorâmica de Lisboa e Cascais
in Georg Braun and Franz Hogenberg
— *Civitates Orbis Terrarum*

Cologne: Peter von Brachel, 1572

Gravura em papel

42,8 × 27,5 cm

Colecção Pedro Castro e Silva, Lisboa

Panoramic view of Lisbon and Cascais
in Georg Braun and Franz Hogenberg

— *Civitates Orbis Terrarum*

Cologne: Peter von Brachel, 1572

Printed on paper

42,8 × 27,5 cm

Pedro Castro e Silva Collection, Lisbon



No século XVII, Lisboa continuava a ser a maior cidade da Península Ibérica e a contar-se entre as mais prestigiadas e importantes urbes da Europa. Tal realidade foi afirmada por Louis Meunier de forma muito expressiva ao indicar ser a «*mais celebre de todas as Espanhas*» no título colocado para identificar a imagem da capital portuguesa que publicou em três folhas gravadas e coladas umas às outras para assim formarem uma vasta composição com um total 1410 mm de comprimento por 370 mm de altura. Tal imagem ficou até agora desconhecida e é aqui exposta pela primeira vez.

Estamos perante uma representação de Lisboa intitulada em francês: *Profil de la Ville de Lisbonne Capitale du Royaume de Portugal et la plus celebre de toutes les Espagnes*, tendo por baixo a tradução portuguesa com a indicação de corresponder a uma *Vista da real Cidade Lisboa Cabeça de Reyno de Portugal e mais celebre de todas as Espanhas*.

O autor registou na parte inferior esquerda da gravura a referência de que se tratava de uma imagem desenhada e gravada por Louis Meunier. Trata-se, pois, de uma figuração da cidade feita presencialmente pelo artista.

No primeiro plano desta imagem observam-se numerosos navios ancorados no rio Tejo e por detrás uma ampla panorâmica de Lisboa entre Alcântara, a ocidente, e as proximidades de Santa Apolónia, a oriente.

Cada um dos edifícios e locais de Lisboa considerado mais importante é referenciado na gravura por um número que remete para a sua identificação registada em trinta e quatro legendas colocadas em baixo, à esquerda em francês e à direita em português:

1 – As Terceiras; 2 – O Sacramento; 3 – S. João de Deus; 4 – Santos; 5 – Os Capuchinhos; 6 – São Bento dos Negros; 7 – Boa Vista; 8 – A Cotovia; 9 – A Calçada da Glória; 10 – Santa Catarina; 11 – São Paulo; 12 – As Chagas; 13 – Os Remolares; 14 – O Paço do Duque; 15 – São Roque; 16 – Corte Real; 17 – Ribeira das Naus; 18 – Casas dos Condes de Vila Franca; 19 – São Francisco; 20 – O Paço; 21 – O Terreiro do Paço; 22 – A Trindade; 23 – O Carmo; 24 – Nossa Senhora da Graça; 25 – Nossa Senhora do Monte; 26 – A Alfândega; 27 – A Sé; 28 – O Castelo; 29 – A Ribeira; 30 – Os Loios; 31 – Casas de Conde da Torre; 32 – São Vicente de Fora; 33 – Santa Engrácia; 34 – Armazéns da Artilharia.

De assinalar o facto de os registos estarem em português o que atesta o facto da obra também ser destinada ao mercado português.

O pouco que conseguimos apurar sobre Louis Meunier encontra-se no livro de A.-P.-F. Robert Dumesnil, *Le peintre-graveur français, ou catalogue raisonné des estampes gravées par les peintres et les dessinateurs de l'école française*, tomo V, Paris, A. Allouard, Gabriel Warrée, Bouchard-Huzard, 1841, pp. 245–299. A descrição da presente gravura encontra-se aí com o n.º 79, pp. 295–296, mas até agora não foi possível identificar outro exemplar desta obra além da que aqui apresentamos.

Louis Meunier foi um artista francês pouco conhecido, apesar de ter produzido uma obra considerável, pois dele se apuraram oitenta e seis gravuras, a maior parte das quais é relativa a Espanha. Importa destacar, contudo, que quatro dessas gravuras são consagradas a Lisboa, facto revelador de que o autor aqui esteve, talvez entre 1665 e 1668, antes ou depois de ter passado por Espanha. Poderá contribuir para a datação de tais obras a circunstância de que ao apresentar-se uma imagem inédita do palácio

In the 17th century, Lisbon was still the largest city in the Iberian Peninsula and one of the most prestigious and important urban centres in Europe. Louis Meunier made this point very expressively by indicating that Lisbon was the “most celebrated of all Spain” in the title placed to identify the image of the Portuguese capital that he published on three sheets of paper engraved and glued together to form a vast composition with a total length of 1410 mm and height of 370 mm. The hitherto unknown image is displayed here for the first time.

We are in the presence of a representation of Lisbon entitled in French: *Profil de la Ville de Lisbonne Capitale du Royaume de Portugal et la plus celebre de toutes les Espagnes*, with underneath the Portuguese translation indicating that it corresponds to a *View of the Royal City Lisbon Head of the Kingdom of Portugal and the most famous of all Spain*.

The author has registered in the lower left part of the engraving the reference that it was an image drawn and engraved by Louis Meunier. It is, therefore, a figuration of the city made by the artist.

The foreground of this image shows numerous ships anchored in the Tagus River and behind a wide panoramic view of Lisbon between Alcântara, to the west, and the vicinity of Santa Apolónia, to the east.

Each of the most important buildings and places in Lisbon is referred to in the engraving by a number that refers to its identification recorded in thirty-four subtitles placed below, on the left in French and on the right in Portuguese. It should be noted that the registers are written in Portuguese, which proves that the work is also being produced for the Portuguese market.

The few extant references to Louis Meunier can be found in the book by A.P.F. Robert Dumesnil, *Le peintre-graveur français, ou catalogue raisonné des estampes gravées par les peintres et les dessinateurs de l'école française*, volume V, Paris, A. Allouard, Gabriel Warrée, Bouchard-Huzard, 1841, pp. 245–299. The description of the present engraving is found there under No. 79, pp. 295–296, but so far it has not been possible to identify any other copy of this work than the one exhibited here.

Louis Meunier was a relatively unknown French artist, although he produced a considerable body of work, for eighty-six engravings have been collected from him, most of which relate to Spain. Four of these engravings are devoted to Lisbon, which reveals that the author was in the city, perhaps between 1665 and 1668, before or after his stay in Spain. The fact that an unpublished image of the Corte Real palace is presented and referred to as a *Veüe et Perspective du Palais du frere du Roy de Portugal a Lisbonne* may contribute to the dating of these works.

Beyond the great view of Lisbon, A.-P.-F. Robert Dumesnil also attributed to Louis Meunier three other engravings on important buildings of this city. The first engraving depicts the aforementioned Corte Real palace and the Ribeira das Naus; The second shows the tower of the Paço da Ribeira with the Corte Real palace behind it; the third shows the Paço da Ribeira and the Terreiro do Paço, in this case copying one of the engravings that Dirck Stoop had published in 1662. It should be noted that the name of Louis Meunier is not mentioned in any of these three engravings, and that in the first and third ones only the indication: “van Merle excudit” appears, which suggests that these engravings were printed by Louis Meunier and published by Jacques van Merle in Paris, which →

Corte Real ela ser referenciada como uma «*Veüe et Perspective du Palais du frere du Roy de Portugal a Lisbonne*».

Para lá da grande vista de Lisboa que aqui consideramos são referidas por A.-P.-F. Robert Dumesnil como sendo de Louis Meunier três gravuras relativas a construções centrais desta cidade. Numa primeira gravura retrata-se o já mencionado palácio Corte Real e a Ribeira das Naus; numa segunda patenteia-se o torreão do Paço da Ribeira com o palácio Corte Real por trás; na terceira apresenta-se o Paço da Ribeira e o Terreiro do Paço, neste caso copiando-se uma das gravuras que Dirck Stoop havia publicado em 1662. Há a considerar que o nome de Louis Meunier não aparece mencionado em qualquer uma destas três gravuras, sendo que na primeira e na terceira apenas aparece a indicação: «van Merle excudit», o que indica terem sido tais gravuras impressas por Louis Meunier e publicadas por Jacques van Merle em Paris, o que terá acontecido entre 1665 e 1668.

As imagens aqui em consideração inserem-se no ambiente da Restauração iniciada em 1640 com a aclamação de D. João IV como rei de Portugal. Com a Restauração punha-se fim à chamada «Monarquia dual» que fora estabelecida em 1580 com a subida ao trono de Filipe II de Castela.

Durante esta conjuntura houve na Europa uma grande curiosidade pela capital portuguesa que se traduziu nomeadamente pela publicação de gravuras que divulgaram a imagem de tão grande e bela cidade que se continuava a afirmar como cabeça de um reino independente desde 1128 e que desde o século XVI mantinha um vasto império pluricontinental.

No tempo aqui considerado Dirck Stoop foi o primeiro artista a representar uma imagem global de Lisboa complementada por sete imagens de algumas das principais construções que havia na cidade. Estamos perante gravuras publicadas em 1662 por ocasião do casamento da princesa D. Catarina de Bragança com o monarca britânico Carlos II.

Tais representações levaram depois a que surgissem outras imagens de Lisboa que as copiaram ou nelas se inspiraram. Depois das gravuras publicadas por Stoop as primeiras que se lhe seguiram foram as preparadas por Louis Meunier a que acima nos referimos, sendo de notar que a sua vista geral de Lisboa é muito mais extensa e detalhada do que a de Stoop. [José Manuel Garcia]

would have happened between 1665 and 1668. The images under examination in here were taken in the context of the movement known as the Restoration, which began in 1640, with the acclamation of King John IV as king of Portugal. The Restoration put an end to the so-called “Dual Monarchy”, which had been established in 1580 with the rise to the throne of Philip II of Castile.

During this period there was great curiosity in Europe about the Portuguese capital, which was expressed, among other features, in the publication of engravings that promoted the image of such a great and beautiful city, which continued to assert itself as the head of an independent kingdom since 1128 and which, since the 16th century, had maintained a vast multi-continental empire.

During the period under consideration here Dirck Stoop was the first artist to depict a global image of Lisbon complemented by seven images of some of the city’s main buildings. These engravings were published in 1662 on the occasion of the marriage of Princess Catarina de Bragança to the British monarch Charles II.

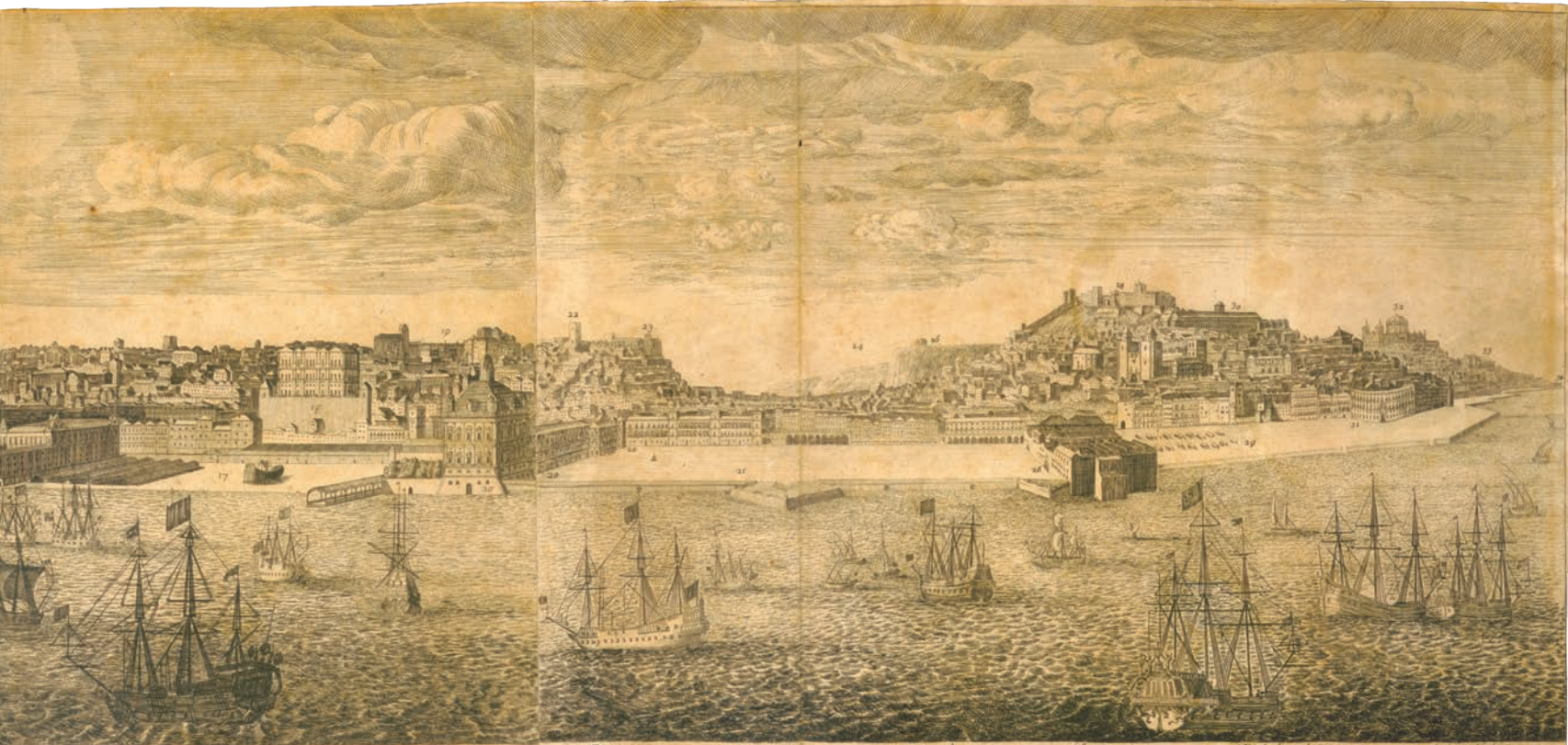
Such representations later led to the appearance of other images of Lisbon that copied or were inspired by them. After the engravings published by Stoop, the first ones that followed were those prepared by Louis Meunier, as mentioned above, and it should be noted that Meunier overview of Lisbon is much more extensive and detailed than that of Stoop.

[José Manuel Garcia]



15

Vista de Lisboa
 Louis Meunier
 c. 1668
 Gravura em papel
 141 x 37 cm
 Coleção particular, Lisboa
 View of Lisbon
 Louis Meunier
 c. 1668
 Printed on paper
 141 x 37 cm
 Private collection, Lisbon



royaume de Portugal et la plus celebre de toutes les Espan-
 tugal e amais celebre de todas as Espanhas

- | | | | | | |
|-------------------------|-------------------------|----------------------------------|------------------------|------------------------|----------------------------|
| 1. Az Terrenas | 7. Boa vista | 13. Os Retales | 19. San Francisco | 25. A Senhora de Nente | 31. Casa do Conde de Torre |
| 2. O Sacramento | 8. A Estacao | 14. O Paço do Duque | 20. O Paço | 26. A Ajuda | 32. San Vicente de Fora |
| 3. A Igreja de Deus | 9. A Calçada de Orlaria | 15. San Roque | 21. O Terreiro do Paço | 27. A P | 33. Santa Egracia |
| 4. A Igreja | 10. A Casarim | 16. A Carrer | 22. A Trindade | 28. O Castelo | 34. Armazem da Artilheria |
| 5. Os Capuchinhos | 11. San Paulo | 17. A Igreja de Santa | 23. O Carmo | 29. A Ribeira | |
| 6. San Bento dos Negros | 12. Az Chagas | 18. Casa do Conde de Villafranca | 24. A Senhora da Graça | 30. A Luz | |

II.



SYSIANA

PERDIA
SOPI
RIO

GE
DROSTAT

CARMANIA

MECANA

MARTIMOTES

ORMANVS

ADEN REGIO

ARABIA
FELIX

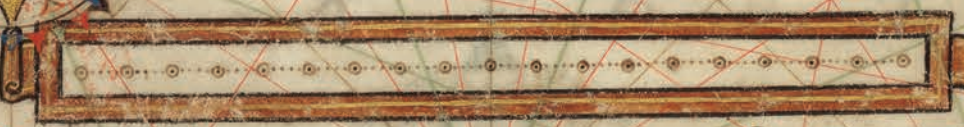
METALIONS

MARE INDIANVM

SINVS
ARABICVS

CECOTORA

ELIPIAS MO
PIA



*‘Dobrado o Cabo per
esta Costa d’Arábia’:
A imagem do Golfo
na cartografia*

*“Passing the Cape
and along this
Coast of Arabia”:
The cartographic
image of the Gulf*

Este mapa do mundo do período medieval tardio, também conhecido em latim como *Mappa mundi*, foi realizado por um monge católico que trabalhava na ilha de Murano, perto de Veneza. A segunda metade do século XV foi um período de transição na Eurásia. Comércio e comunicação existiam há séculos entre o Ocidente, particularmente a Itália, e várias partes da Ásia. As conquistas de Genghis Khan (r. 1206–1227) e dos seus sucessores criaram um grande espaço onde o comércio podia ser conduzido de forma pacífica e segura. Este período de comércio eurasiático é referido como a *Pax Mongolica*. O viajante mais famoso que beneficiou de tal foi o comerciante veneziano Marco Polo, que viajou de Itália para a China e regressou entre 1271 e 1295. Polo alegou mais tarde ter visitado duas vezes o próspero porto de Ormuz na entrada do Golfo, tanto no seu caminho do Mediterrâneo para a China como na sua viagem de regresso através do Oceano Índico. Pouco depois, as ligações entre as nações comerciais italianas do Ocidente e os mercados ricos da Ásia foram novamente interrompidas. A *Pax Mongolica* desfez-se, e a Peste Negra criou mais perturbações em 1346–53. Depois disto, tornou-se mais difícil para os europeus recolher novas informações sobre a Ásia. Quando os turcos otomanos conquistaram Constantinopla em 1453, muitas pessoas no Ocidente cristão sentiram que a Europa estava sob ameaça de expansão do Islão. O comércio de especiarias e outros bens de luxo asiáticos tornou-se cada vez mais difícil e o preço de muitos bens subiu. Num canto distante da Europa, os portugueses começaram a pensar numa possível forma de contornar diretamente o controlo islâmico e o comércio com a Ásia. Embora ainda estivessem longe de encontrar uma forma de navegar através do Atlântico até ao Oceano Índico, ganharam interesse na geografia da África e da Ásia. Foi neste contexto que o rei português D. Afonso V (r. 1433–81) encomendou um mapa em Veneza, pedindo ao autor que incluísse tudo o que era conhecido sobre a forma dos continentes e a localização da cidade, dos rios, das montanhas e dos povos. Uma cópia do mapa foi para Portugal, onde foi posteriormente destruída. A outra sobreviveu em Veneza. O desenho da Fra Mauro foi significativo porque mostrava que era possível navegar pelo sul de África e assim ligar Portugal e a Índia pelo mar. Esta ideia era baseada em especulações, mas provou-se correta em 1487–88, quando o navegador português Bartolomeu Dias ultrapassou o Cabo da Boa Esperança e entrou no Oceano Índico.

O mapa de Fra Mauro mostra o Golfo numa forma alongada, correndo quase sem inflexão na direção Sul-Norte (o mapa em si está invertido, com o Sul em cima). Esta forma era diferente das tradicionais representações medievais do Golfo no Ocidente cristão, mas não é claro de onde pode ter vindo tal informação. É provável que a forma do Golfo seja um reflexo distante da cartografia islâmica, bastante desenvolvida neste período, apesar de apresentar muitas características geográficas de forma abstracta. A ilha de Ormuz é descrita por Fra Mauro como um lugar muito quente onde nunca chove, mas onde, todavia, os mercadores vivem. Localiza-se perto da entrada do Golfo, que leva o seu antigo nome, *Sinus Persicus*, e tem cidades em ambas as margens. Uma legenda menciona o chamado “reino de Ormuz”, que na realidade era uma federação ou uma rede solta de portos e cidades ligando a Pérsia com o Golfo e a Arábia. O mapa situa a ilha estéril de Ormuz em relação às regiões vizinhas mais férteis de Kerman e Moghistan. Mostra também um Shatt al-Arab pantanoso e numerosos

This late medieval world map, also known in Latin as a *Mappa mundi*, was made by a Catholic monk working on the island of Murano near Venice. The second half of the fifteenth century was a period of transition in Eurasia. Trade and communication had existed for centuries between the West, particularly Italy, and various parts of Asia. The conquests of Genghis Khan (r. 1206–1227) and his successors created a large space where trade could be conducted peacefully and securely. This period of Eurasian trade is referred to as the *Pax Mongolica*. The most famous traveller to have benefitted from it was the Venetian merchant Marco Polo, who travelled from Italy to China and back between 1271 and 1295. Polo later claimed to have visited the prosperous port of Hormuz at the entrance of the Gulf twice, both on his way from the Mediterranean to China and on his return voyage through the Indian Ocean. Soon, the connections between the Italian trading nations in the West and the rich markets of Asia were disrupted again. The *Pax Mongolica* unravelled, and the Black Death created further disruption in 1346–53. After this, it became more difficult for Europeans to collect new information about Asia. When the Ottoman Turks conquered Constantinople in 1453, many people in the Christian West felt that Europe was under threat from expanding Islam. The trade in Asian spices and other luxury goods became increasingly difficult, and the price of many goods rose. In a distant corner of Europe, the Portuguese began to think about a possible way to circumvent Islamic control and trade with Asia directly. Whilst they were still far from finding a way to navigate through the Atlantic to the Indian Ocean, they gained an interest in the geography of Africa and Asia. It is in this context that the Portuguese king Afonso V (r. 1438–81) commissioned a map in Venice, asking the author to include everything that was known about the shape of the continents and the location of towns, rivers, mountains and peoples. One copy of the resulting map went to Portugal, where it was later destroyed. The other survived in Venice. Fra Mauro’s design was significant because it showed that it is possible to navigate around the south of Africa and thus connect Portugal and India by the sea. This idea was based on speculation, but it was proved correct in 1487–88, when the Portuguese navigator Bartolomeu Dias surrounded the Cape of Good Hope and entered the Indian Ocean.

The Fra Mauro map shows the Gulf in an elongated shape running almost uninflected in a south-north direction (the map as a whole is “upside down”, with South on top). This shape was different from traditional medieval representations of the Gulf in the Christian West, but it is not clear where such information may have come from. It is possible that the shape of the Gulf is a distant reflection of Islamic cartography, which was highly developed at the time, although it showed many geographical features in a rather abstract manner. The island of Hormuz is described by Fra Mauro as a very hot place where it never rains, but where merchants live nevertheless. It sits near the entrance of the gulf, which carries its old name, *Sinus Persicus*, and has towns on both shores. One caption mentions the so-called “kingdom of Hormuz”, which was in reality a loose federation or network of ports and towns connecting Persia with the Gulf and Arabia. The map places the sterile island of Hormuz in relation to the more fertile neighbouring regions of Kerman and Moghistan. It also shows a swampy Shatt al-Arab and numerous urban settlements along →

povoados urbanos ao longo dos litorais persa e árabe. Grande parte da informação é comercial e menciona o mau estado das estradas no interior da Ásia. Uma legenda perto de Ormuz menciona a pesca de pérolas de Qatif, que na realidade estavam perto da margem sul, na costa árabe do Golfo. Algumas cidades da Arábia podem ser identificadas: “Calahat” é Qalhat no Omã moderno, e “Scier” significa Ash Shihr na região produtora de incenso de Hadramaut, no actual Iémen — embora nesta região as cidades alteraram frequentemente a sua localização, mesmo que mantendo os seus nomes. Outros topónimos tais como “Misira” e “Moschet”, na costa árabe do Golfo, são mais difíceis de identificar. O conhecimento europeu do lado sul do Golfo era muito limitado na altura, uma vez que o acesso era extremamente difícil e não era particularmente atrativo do ponto de vista comercial. O desenho aparentemente muito pormenorizada e tortuosa ao longo de ambas as costas pode sugerir um conhecimento detalhado da região, mas na realidade é apenas um reflexo do estilo cartográfico do autor. Foram necessários vários anos para produzir este mapa. Com 2,4 metros de diâmetro, é um dos maiores mapas feitos na Europa durante o período final da Idade Média e início da Época Moderna. É mais do que um mapa, no sentido moderno da palavra. Para além dos nomes de lugares, contém numerosos textos pequenos, descrevendo regiões e até narrando certos acontecimentos que aí tiveram lugar. [Zoltán Biedermann]

the Persian and Arabian littorals. Much of the information is commercial, and mention is made of the poor state of the roads in Inner Asia. A caption near Hormuz mentions the pearl fisheries of Qatif, which were in reality close to the southern, Arabian shore of the Gulf. Some towns in Arabia can be identified: “Calahat” is Qalhat in modern Oman, and “Scier” stands for Ash Shihr in the incense-producing region of Hadramaut, in modern Yemen — although towns often moved their location in this region even as they kept their names. Other toponyms such as “Misira” and “Moschet”, on the Arabian shore of the Gulf, are more difficult to identify. European knowledge of the southern side of the Gulf was very limited at the time as access was extremely difficult and not particularly attractive from a commercial point of view. The apparently very detailed, tortuous coastline along both shores may seem to suggest a detailed knowledge of the region, but is really just a reflection of the author’s personal cartographic style.

It took several years to produce this map. At 2.4 metres of diameter, it is one of the largest maps made in Europe during the late medieval and early modern period. It is more than a map in the modern sense of the word. Apart from place names, it contains numerous short texts describing regions and even narrating certain events that took place there. [Zoltán Biedermann]



Mapa circular do mundo
Fra Mauro
Veneza (Itália), 1459
Pergaminho
195 x 195 cm
Biblioteca Nazionale Marciana, Veneza
 Circular map of the world
 Fra Mauro
 Venice (Italy), 1459
 Parchment
 195 x 195 cm
 Biblioteca Nazionale Marciana (Venice)



O mapa-mundo no Liber Chronicarum, também conhecido como Crónica de Nuremberga por ter sido produzida nessa cidade, apresenta uma visão clássica do mundo nos finais do século XV. Partindo do modelo da obra de Ptolomeu, o mapa mostra a Europa, África e a perspectiva medieval do contorno das terras asiáticas. O Golfo surge com pouca informação relevante, mas bem delineado face ao Mar Vermelho (pouco visível por causa da encadernação do livro) e da península indiana que apenas aparece levemente desenhada como uma península. O mapa de Henricus Martellus, datado aproximadamente do mesmo período, revela informação mais atualizada face ao avanço dos portugueses pelo Atlântico Sul. No entanto, note-se que o continente africano já aparece mais estendido para sul, o que revela alguma atenção dada a estas viagens. A obra onde está inserida esta representação cartográfica, publicada em 1493, terá sido preparada na década de 1480, e tornou-se num dos mais famosos incunábulos da imprensa europeia. O autor, Hartmann Schedel (1440–1514), preparou uma história do mundo, dividida nas tradicionais sete eras cristãs e compilando muito do saber erudito que circulava. Conforme vários autores mostraram, a sua biblioteca pessoal era composta por centenas de obras impressas e manuscritas, o que lhe permitiu criar uma síntese desde a criação do mundo por Deus, até à história dos diversos reinos europeus. Para o sucesso da obra contribuíram dois factores: a sua forma impressa, apenas possível pelo desenvolvimento tecnológico da imprensa por Gutenberg, décadas antes, e a quantidade de ilustrações incluídas. Efectivamente, o livro contém 1809 gravuras, sendo assim a obra mais ilustrada naquele período e das mais complexas de sair dos prelos. As gravuras, impressas a partir de blocos de madeira, vieram da oficina de Michael Wohlgemut, uma das mais famosas à época, e onde trabalhou, numa fase inicial da sua carreira, o famoso Albert Dürer. Por isso se crê que algumas das imagens serão da autoria deste artista que ganharia fama europeia alguns anos depois. Quanto ao mapa em si, chamamos também a atenção para as sete gravuras existentes na margem esquerda, representando ainda visões fantásticas e mitológicas do que seriam habitantes de outras partes do mundo, conhecimento que viria a ser alterado por causa das viagens portuguesas. A obra terá tido uma tiragem inicial de 1400 exemplares em latim, e com o seu sucesso imediato foram impressos no mesmo ano 400 cópias em alemão. Parte dos exemplares foram executados com ilustrações coloridas, para um público mais abastado, e outra apenas com as imagens a preto e branco, não deixando de ser uma obra erudita e de grande dimensão, com cerca de 500 fólhos. Acredita-se que terão chegado aos dias de hoje cerca de 400 da edição latina e 300 da alemã, tendo a Biblioteca da Universidade de Coimbra seis cópias da versão em latim, sendo uma delas colorida. [Roger Lee de Jesus]

The world-map in the Liber Chronicarum, also known as the Nuremberg Chronicle after the city it was produced in, presents a classical view of the world in the late 15th century. Modelled on Ptolemy's work, the map shows Europe, Africa, and the medieval view of the outline of Asia. The Gulf appears with little relevant information, but well outlined against the Red Sea (hardly visible because of the book's binding) and the Indian peninsula, only slightly drawn as such. Henricus Martellus' map, dating from approximately the same period, shows more up-to-date information regarding the Portuguese advance across the South Atlantic. However, it should be noted that the African continent already appears extended southwards, revealing some knowledge of these voyages. The work containing this cartographic representation, though published in 1493, was probably prepared in the 1480s, and became one of the most famous incunabula of the European press. The author, Hartmann Schedel (1440–1514), prepared a history of the world divided into the traditional seven Christian eras, and compiling much of the scholarly knowledge in circulation at the time. As several authors have shown, his personal library consisted of hundreds of printed and manuscript works, which enabled him to create a summary ranging from God's creation of the world to the history of the various European kingdoms. Two factors contributed to the success of the work: its printed form, made possible by Gutenberg's technological development of the press decades earlier, and the number of illustrations included. The book contains 1809 illustrations, making it the most illustrated work of that period and one of the most complex to be printed. The illustrations, printed from woodblocks, came from the workshop of Michael Wohlgemut, one of the most famous at the time, in which the famous Albert Dürer had worked at an early stage of his career. That explains why some of the images are believed to have been made by him, before he attained Europe-wide fame a few years later. As for the map itself, we would also like to draw your attention to the seven illustrations in the left margin, representing fantastic and mythological visions of the inhabitants of other parts of the world, knowledge that would be altered as a result of Portuguese voyages. The work had an initial print run of 1400 copies in Latin, and with its immediate success 400 copies were printed in German the same year. Some of the copies were made with coloured illustrations, for a more affluent public, and others with only black and white images, but still a large and erudite work, with about 500 folios. Around 400 copies of the Latin edition and 300 copies of the German edition are believed to have survived to the present day. Coimbra's University Library has six copies of the Latin version, one of which is coloured. [Roger Lee de Jesus]



Utrumque quatuor mundi partes sunt dicitur? sequens fiat terra ab axe factis figura et inter hunc et hunc mundum et grandines et lucidus boreas austrumque et mundus subloquens ab axe spatium uisum mundus curis nubes generans terra? autem humidus salinatus et dicitur terra autem calidus et humida cum uocis impetuositas etiamque sequens hunc et hunc refulgens pedibus flares a latere dicitur generans sui terra et capus nubila facta

Dicitur dicitur a rota et est sicut figura spherica et rotunda. Et ideo mundi? orbis dicitur quod rotunda? et de orbis terre uel orbis terra? dicitur. Dicitur etiam in uincis. filii sem obtinuissit asia. filii chā affri cā et filii lapbet europā. filii in li. et dicitur. affrent quod orbis diuisus ē in tres partes si nō cōtinet. Nā asia a meridie p orientem usque ad septentrionem puenit. Europa uo a septentrione usque ad occidentem ptingit. Sed affrica ad occidentem p meridies se extendit. Sola quocq̄ asia

continet unam partem nostre habitabilis. s. medietatem. alie uo pres. s. affrica et europa aliam medietatem sunt forate. Inter has autem partes ab occaso mare magnum progreditur. calq̄ interfecat: quapropter si in duas partes orientis et occidentis orbem diuidas in una erit asia in alia uo affrica et europa. Sic autem diuiserunt post diluuiū filii Noe inter quos Sem cum posteritate sua asia. Japhet europā: et ab affri cum posteritate sua. ut dicit glo. super Gen. x. et super libro Paralippo. primo. Idem dicit L. riosostomus Jsi totus et planus.

Mapa do mundo
 in Hartmann Schedel — *Liber Chronicarum cum figuris et imaginibus ab initio mundi*
 Nuremberge (Alemanha), 1493
 42,5 x 62 cm
 Faculdade de Letras da Universidade de Coimbra (Portugal),
 Arm.2-3-1 (VL)
 Map of the world
 in Hartmann Schedel — *Liber Chronicarum cum figuris et imaginibus ab initio mundi*
 Nuremberg (Germany), 1493
 Printed on paper
 42,5 x 62 cm
 Faculdade de Letras da Universidade de Coimbra (Portugal),
 Arm.2-3-1 (VL)

Henricus Germanus Martellus era, como o seu nome sugere, um cartógrafo alemão. Sabe-se muito pouco sobre a sua vida: esteve ativo em Florença entre 1480 e 1496, o ano da sua morte. Florença albergava uma importante comunidade de comerciantes alemães na altura, pelo que a sua presença na cidade não é surpreendente. Florença foi também um importante centro de produção de conhecimento neste período, onde as pessoas discutiam ativamente as últimas informações vindas de Portugal e do Médio Oriente. Tal como Veneza, Florença era um centro comercial onde a abertura de novas rotas de comércio poderia ter um grande impacto. Uma característica particular do ambiente intelectual florentino foi o interesse em compreender as obras de Klaudios Ptolemeios, mais conhecido como Ptolomeu, um matemático, astrónomo, geógrafo e cartógrafo do século II que trabalhou em Alexandria, no actual Egipto. O trabalho de Ptolomeu, embora conhecido dos estudiosos na Europa ao longo da Idade Média, voltou a ganhar significado no século XV à medida que foram sendo planeadas novas viagens de longa distância e se desenvolveu o desejo de descrever o mundo em termos científicos. A *Geografia* de Ptolomeu foi fundamental porque continha muita informação sobre a forma dos continentes e a posição de centenas de cidades importantes. No entanto, era difícil trabalhar com este texto, porque a maioria dos nomes dos locais tinha mudado. Estudiosos em Itália, Alemanha e noutros lugares da Europa esforçaram-se na identificação dos lugares de Ptolomeu, mas muitas vezes não o conseguiram fazer. Ptolomeu foi também um autor importante porque tinha proposto e sistematizado novos métodos de projeção cartográfica. Estes não tinham sido completamente esquecidos, mas em geral, os geógrafos e cartógrafos medievais na Europa não tinham qualquer interesse neles. Todos eles se baseavam na ideia de uma grelha matemática global de latitudes e longitudes, que revolucionou a cartografia na Europa depois de 1450.

Os mapas de Henricus German Martellus produzidos em Florença durante a década de 1490 são mais conhecidos pela forma como mostram a ponta sul de África, na sequência da viagem do explorador português Bartolomeu Dias a essa região em 1487–88. Dias tinha provado, pela primeira vez, que a África terminava no Cabo da Boa Esperança e, conseqüentemente, que existia uma ligação marítima entre o Atlântico e o Índico. No que diz respeito ao Golfo, Martellus não tinha informações atualizadas. Escolheu seguir uma das duas formas disponíveis no corpus europeu de cópias manuscritas da *Geografia* de Ptolomeu. O Golfo aparece como um retângulo quase perfeito, com alguma saliência na região do Shatt-al-Arab (o outro modelo medieval, que Martellus rejeitou, mostrava o Golfo de uma forma mais arredondada). O retângulo está posicionado horizontalmente na direção oeste-leste, e tem uma entrada que o liga ao Mar Árabe correndo de norte para sul. Assim, grande parte da curvatura do Golfo não aparece. O mapa também exagera o número e o tamanho dos rios que correm para o Golfo a partir do Norte e Leste. Na realidade, os cursos de água existentes são na sua maioria pequenos e apenas têm água sazonalmente. Contudo, o mapa está correcto quando assume que as margens sul e ocidental do Golfo faziam fronteira com o deserto árabe e que não existiam quaisquer rios relevantes. Também sugere corretamente que existiam algumas importantes montanhas à volta da entrada do Golfo. Por outro lado, as montanhas a sul do delta do Eufrates são pura fantasia. Quanto aos nomes dos lugares em redor do Golfo, é extremamente difícil identificá-los com quaisquer lugares reais. Estes tinham sido recolhidos por Ptolomeu há mais de 1200 anos antes, e mesmo nessa altura, é provável que tenham sido cometidos erros na sua transcrição das várias línguas utilizadas na região do Golfo para o alfabeto grego. [Zoltán Biedermann]

Henricus Germanus Martellus was, as his name suggests, a German cartographer. Very little is known about his life. He was active in Florence between 1480 and 1496, the year of his death. Florence housed a significant community of German merchants at the time, so his presence in the city is not surprising. Florence was also an important centre of knowledge production in this period, where people actively discussed the latest information coming in from Portugal and the Middle East. Like Venice, Florence was a trading hub where the opening up of new routes of trade could have a major impact. One particular characteristic of the Florentine intellectual environment was an interest in understanding the works of Klaudios Ptolemeios, better known as Ptolemy, a 2nd century mathematician, astronomer, geographer and cartographer who worked in Alexandria in modern Egypt. Ptolemy's work, whilst known to scholars in Europe throughout the Middle Ages, regained significance in the 15th century as new plans were made for long-distance voyages and a new desire developed to describe the world in scientific terms. Ptolemy's *Geography* was key because it contained much information about the shape of the continents and the position of hundreds of important cities. It was difficult to work with this text, however, because most place names had changed. Scholars in Italy, Germany and elsewhere in Europe spent much effort on identifying Ptolemy's place names, but often failed to do so. Ptolemy was also an important author because he had proposed and systematized new methods of cartographic projection. These had not been entirely forgotten, but in general, Medieval geographers and cartographers in Europe had no interest in them. They were all based on the idea of a global mathematical grid of latitudes and longitudes, which revolutionised mapmaking in Europe after 1450.

Henricus German Martellus' maps produced in Florence during the 1490s are best known for the way they show the southern tip of Africa, following the voyage of the Portuguese explorer Bartolomeu Dias to that region in 1487–88. Dias had proven, for the first time, that Africa ended at the Cape of Good Hope and, consequently, that a maritime connection existed between the Atlantic and the Indian Oceans. When it came to the Gulf, Martellus had no fresh information. He chose to follow one of two shapes available in the European corpus of manuscript copies of Ptolemy's *Geography*. The Gulf appears as an almost perfect rectangle, with some bulging in the region of the Shatt-al-Arab (the other Medieval model, which Martellus dismissed, showed the Gulf in a more rounded shape). The rectangle is horizontally placed in a west-east direction, and has an entrance connecting it with the Arabian Sea running north to south. Thus, much of the bending of the Gulf is lost. The map also exaggerates the number and size of rivers running into the Gulf from the North and East. In reality, the waterways that exist there are mostly small and only carry water seasonally. The map is correct, however, in assuming that the southern and western shores of the Gulf bordered on the Arabian desert and had no significant rivers at all. It also suggest correctly that some important mountains existed around the entrance of the Gulf. The mountains south of the Euphrates delta, on the other hand, are pure fantasy. As for the place names surrounding the Gulf, it is extremely difficult to identify them with any real places. They had been collected over 1,200 years earlier by Ptolemy, and even at that time, it is likely that mistakes were made in transcribing them from the various languages used in the Gulf region into the Greek alphabet. [Zoltán Biedermann]



Mapa-múndi, in Henricus Martellus
Germanus — *Insularium Illustratum* [...]
Florença (Itália), c. 1490-1496

Pergaminho

30 x 47 cm

British Library (London),
Add MS 15760, fl. 68v-69r

Mappa mundi, in Henricus Martellus
Germanus — *Insularium Illustratum* [...]
Florence (Italy), c. 1490-1496

Parchment

30 x 47 cm

British Library (London),
Add MS 15760, fl. 68v-69r

Esta obra anónima, desenhada em Lisboa em 1502, é um dos mapas mais importantes da história da cartografia. A sua história foi contada há muito tempo de forma aventureira. De acordo com esta tradição, Ercole, Duque de Este em Itália enviou o seu agente Alberto Cantino para Lisboa como espião para recolher as últimas notícias sobre as descobertas portuguesas no Atlântico e na Ásia. As novas cartas de navegação foram alegadamente mantidas em segredo pela Coroa Portuguesa, pelo que Cantino pagou a alguém na oficina oficial de cartografia, no palácio real, para produzir uma cópia da melhor carta disponível, conhecida como a carta-mestre ou *padrão*. Na realidade, a história de Cantino pode ter sido mais prosaica. É provável que ele tenha adquirido uma cópia feita para alguém fora da Corte. Embora tenha pago um preço elevado (12 ducados), o mapa incluía numerosos erros. As suas ricas ilustrações, por outro lado, sugerem que se gastou tempo a tornar o mapa atraente à vista, em vez de se concentrar nos detalhes geográficos. O mapa do Cantino provou ser de grande valor. É um dos dois primeiros mapas que sobreviveram a mostrar os quatro continentes então conhecidos na Europa. No Ocidente, as Américas começavam a tomar forma, embora ainda não fossem reconhecidas como uma massa terrestre continental. No centro do mapa, a África e a Europa são mostradas com uma precisão notável. Tal rigor foi alcançado na altura através de um método tornado possível pela introdução da bússola na Europa, a partir da Ásia Oriental no século XII. Com a ajuda da bússola, os marinheiros podiam estabelecer a direção exacta das suas viagens. Associada às medições de distância (calculadas através da combinação de dados sobre velocidade e tempo), esta informação foi suficiente para desenhar cartas de navegação fiáveis para pequenos mares, como o Mediterrâneo. Os mapas assim feitos eram conhecidos como “mapas portulanos”. No Atlântico, de maiores dimensões, onde a variação magnética distorce os rumos da bússola, foram utilizados outros métodos para estabelecer astronomicamente a latitude e estimar a longitude através de cálculos complexos. Tal como no Mediterrâneo, os cartógrafos concentraram-se nas linhas costeiras marítimas, anotando o máximo de portos e foz de rios, deixando o interior das terras na sua maioria vazio, apesar de já existir muita informação sobre grande parte destas áreas.

Para a Ásia, os dados disponíveis em Lisboa, em 1502, eram limitados. Mais importante ainda, os portugueses tinham visitado e observado grande parte do longo litoral da África Oriental e alguns locais do litoral da Índia Ocidental. Em ambas as regiões, entraram em portos com ligações históricas de longa data com a Arábia, o Golfo e a Pérsia. No entanto, não houve novas informações sobre o Golfo. O cartógrafo escolheu assim seguir o velho modelo Ptolomaico de um corpo de água aproximadamente retangular, como tinha sido feito por Henricus Germanus Martellus e outros. Há mais de trinta topónimos alinhados em todo o Golfo, mas quaisquer identificações com nomes actuais são quase impossíveis. Na entrada do Golfo, uma ilha denominada “garamuz” pode, no entanto, ser identificada como Ormuz. Os portugueses teriam ouvido falar deste importante empório comercial na África Oriental ou no Sul da Índia, e esta já era conhecida na Europa no final do período medieval. Entre os bens que dizem estar disponíveis em Ormuz, o mapa de Cantino menciona cavalos e pérolas. Os cavalos podiam vir da Arábia e da Pérsia nesta altura e eram altamente valorizados na Índia para fins militares. As pérolas vinham da famosa pesca das pérolas nas águas superficiais do sul do Golfo.

O mapa de Cantino também traz informações políticas. Quatro bandeiras plantadas nas margens do Golfo indicam, ao incluir meias-luas douradas, que os poderes políticos nesta região eram islâmicos. Ao mesmo

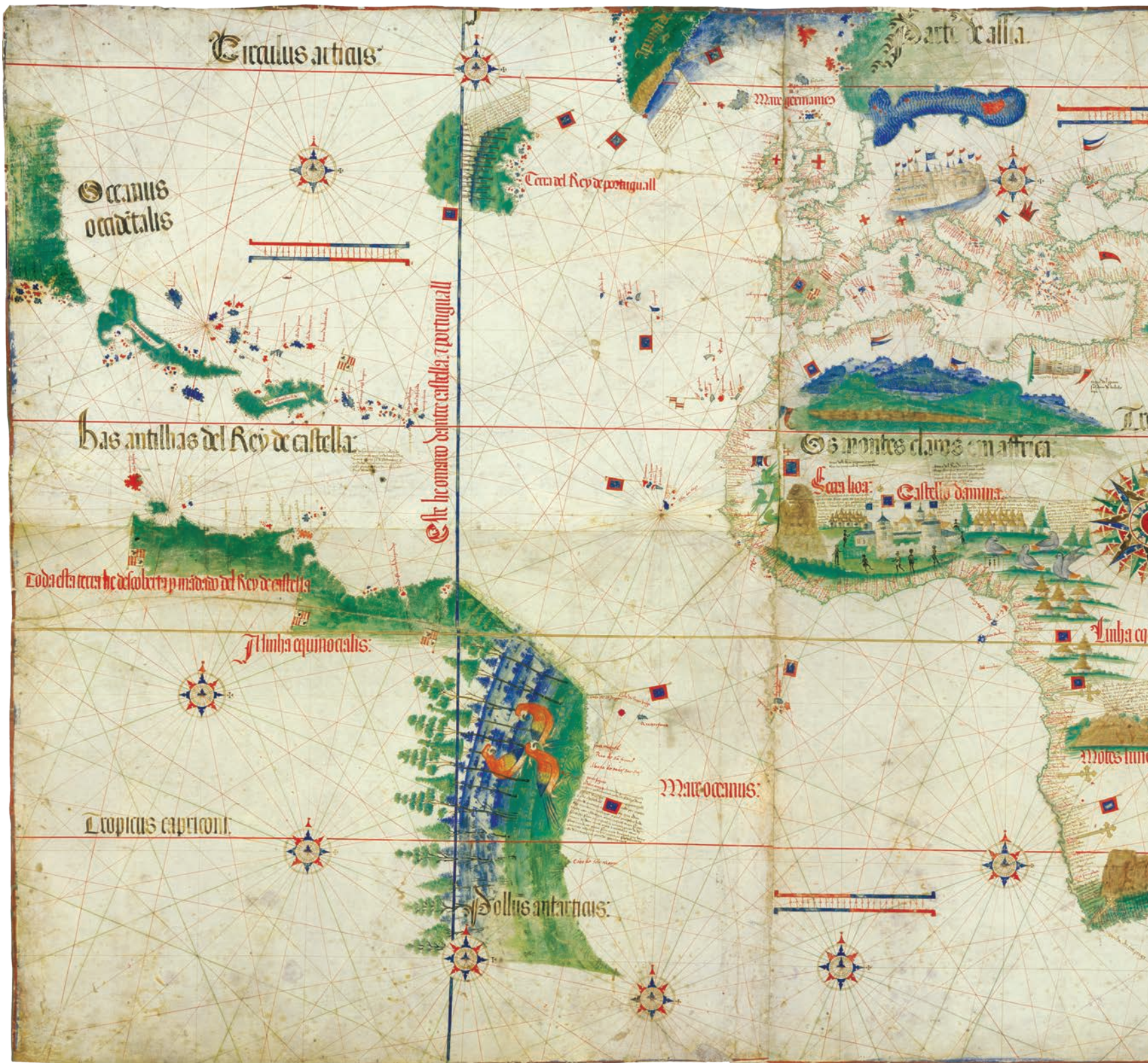
This anonymous work, drawn in Lisbon in 1502, is one of the most important maps in the history of cartography. Its story was long told in adventurous terms. According to this tradition, Ercole, Duke of Este in Italy sent his agent Alberto Cantino as a spy to Lisbon in order to find out the latest news about the Portuguese discoveries in the Atlantic and in Asia. New navigational charts were allegedly kept secret by the Portuguese Crown, so Cantino paid someone in the official mapping workshop in the royal palace to produce a copy of the best available chart, known as the master chart or *padrão*. In reality, Cantino’s story may have been more prosaic. He is likely to have purchased a copy made for someone outside of the court. Although he paid a high price (12 ducats), the map included numerous mistakes. Its decorative illustrations, on the other hand, suggest that time was spent on making the map attractive to the eye, rather than just focused on precise geographical details. The Cantino map proved of great value. It is one of the two earliest surviving maps to show all four continents then known in Europe. In the West, the Americas are beginning to take shape, although they were not yet recognized as a continental landmass. At the centre of the map, Africa and Europe are shown with remarkable accuracy. Such precision was achieved at the time through a method made possible by the introduction of the compass to Europe from East Asia in the twelfth century. With the help of the compass, mariners could establish their exact direction of travel. In combination with measurements of distance (calculated by combining data about speed and time), this information was sufficient to draw reliable navigational charts for small seas such as the Mediterranean. The maps thus made were known as “portolan charts”. In the larger Atlantic, where magnetic variation distorts compass bearings, other methods were added to establish latitude astronomically and estimate longitude through complex calculations. As in the Mediterranean, the mapmakers focused on the maritime coastlines, listing a maximum of ports and river mouths while leaving the interior of the land masses mostly empty, even though much was known already about many of these areas.

For Asia, the data available in Lisbon in 1502 was limited. Most importantly, the Portuguese had visited and observed much of the long littoral of East Africa and some of the littoral of West India. In both regions, they entered ports with longstanding historic links to Arabia, the Gulf, and Persia. However, there was no fresh information about the Gulf. The maker of the map thus chose to follow the old Ptolemaic model of a roughly rectangular body of water, as had been done by Henricus Germanus Martellus and others. There are over thirty toponyms lined up around the entire Gulf, but any identifications with modern names are near impossible. In the entrance of the Gulf, an island named as “garamuz” can, however, be identified as Hormuz. The Portuguese would have heard about this rich emporium in East Africa or South India, and it had already been known in Europe in the late medieval period. Among the goods said to be available at Hormuz, the Cantino map mentions horses and pearls. Horses could come from Arabia and Persia at this time and were highly valued in India for military purposes. Pearls came from the famous pearl fisheries in the shallow southern waters of the Gulf.

The Cantino map also carries political information. Four flags planted around the shores of the Gulf indicate, by including gilded halfmoons, that the political powers in this region were Islamic. At the same time, a series of flags showing the arms of Portugal along the East African littoral and in India indicate that the Portuguese are spreading and beginning to frame their activities as an expansion of the Christian religion. By this time, →

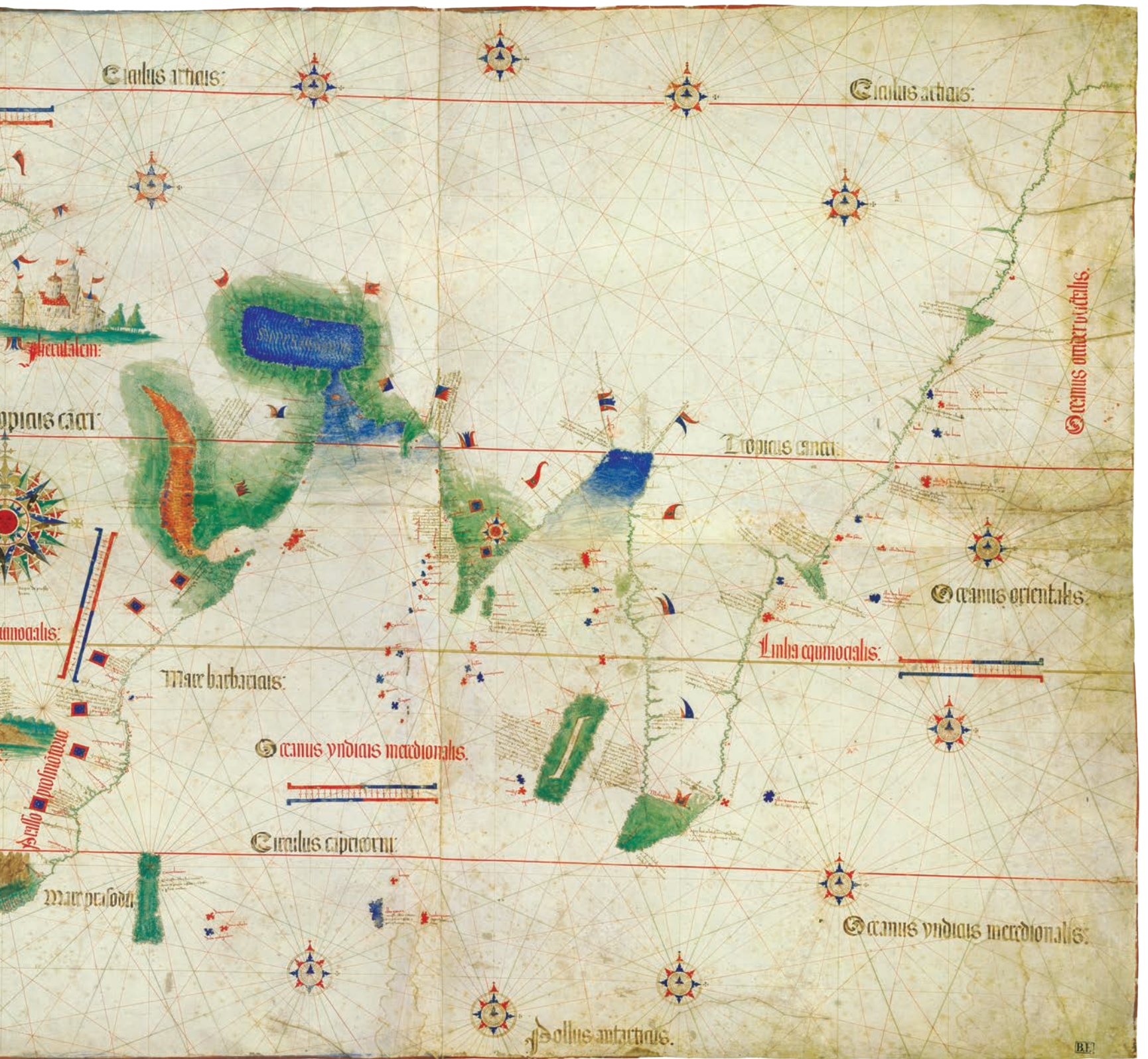
tempo, uma série de bandeiras com as armas de Portugal ao longo do litoral da África Oriental e na Índia indicam que os portugueses estão a expandir-se e a começar a enquadrar as suas atividades como uma expansão da religião cristã. Nessa altura, eram frequentes os confrontos entre comerciantes portugueses e muçulmanos nos mares e em muitos portos em redor do Mar Árábico. A violência no mar não era um fenómeno novo na região, mas os portugueses estavam claramente em vantagem graças aos seus robustos navios de alto bordo, suficientemente grandes para transportar canhões e assim destruir os navios que atravessavam o mar ao longo das rotas tradicionais. Os portugueses começavam a compreender que seria crucial controlar os estreitos para parar o fluxo de especiarias do Sudeste Asiático, Sri Lanka e Índia para os estados do Médio Oriente. O mapa de Cantino tornou esta lógica geopolítica visível e realçou ainda mais o impacto ao colorir o Mar Vermelho e o Golfo em contraste entre o vermelho alaranjado e o azul. Tal como o mapa de Fra Mauro meio século antes, o mapa de Cantino é excepcionalmente grande. Foi guardado num palácio em Modena até 1859, quando desapareceu num motim, para ser redescoberto num talho no final desse ano. Desde então, o mapa tem viajado muito raramente, devido ao seu inestimável valor. [Zoltán Biedermann]

clashes were frequent between Portuguese and Muslim traders on the seas and in many ports around the Arabian Sea. Violence on the sea was not a new phenomenon in the region, but the Portuguese were at a clear advantage thanks to their sturdy high-board ships, big enough to carry canon and thus destroy ships traversing the sea along traditional routes. The Portuguese were beginning to understand that it would be crucial to control the straits to stop the flow of spices from Southeast Asia, Sri Lanka and India to the states of the Middle East. The Cantino made this geopolitical logic visible and further enhance the impact by colouring the Red Sea and the Gulf in contrasting orange-red and blue. Like the Fra Mauro map half a century earlier, the Cantino map is exceptionally large. It was kept in a palace in Modena until 1859, when it disappeared in a riot, only to be rediscovered in a butcher's shop later that year. Since then, the map has travelled only very rarely, due to its inestimable value. [Zoltán Biedermann]



19

Planisfério de Cantino
 Lisboa (Portugal), c. 1502
 Pergaminho
 105 x 220 cm
 Biblioteca Estense Universitaria (Modena),
 C.G.A.2
 Map of Cantino
 Lisbon (Portugal), c. 1502
 Parchment
 105 x 220 cm
 Biblioteca Estense Universitaria (Modena)
 C.G.A.2



No final de 1515, Francisco Rodrigues concluiu na Índia um livro que no início do ano seguinte enviou para Portugal, o qual se conserva na Biblioteca da Assembleia Nacional de França em Paris. Nesse livro ele integrou um precioso atlas com vinte e seis cartas do maior significado histórico-geográfico, as quais patenteiam uma visão da Terra desde o Brasil até à China, a qual se caracteriza pela correção das suas representações que era muito superior às que até então haviam sido apresentadas. Estamos verdadeiramente perante o primeiro atlas moderno do mundo.

Francisco Rodrigues foi um piloto e cartógrafo português cujos trabalhos cartográficos conhecidos foram realizados na Ásia entre 1511 e 1515 tendo registado neles uma conceção do planeta detalhada e atualizada. Esta realidade resulta do facto dos mapas que delineou terem sido preparados de acordo com observações empíricas acabadas de realizar pelos portugueses em todo o mundo e de ele próprio ter concebido pela primeira vez alguns dos padrões cartográficos que registou. No traçado de tais mapas revela-se a destreza de um dos técnicos portugueses que no terreno procurava apreender a geografia de zonas que começavam a ser identificadas por europeus.

A circunstância da parte mais original da obra de Francisco Rodrigues ter sido elaborada precisamente no período em que os portugueses procediam a um reconhecimento do litoral de todo o Oriente torna-a particularmente aliciante e dá-lhe um valor excepcional.

O legado da personalidade aqui em causa é importante não apenas para a cultura ocidental, de onde emana, mas também para a oriental, pois permite a vários povos asiáticos apreender as imagens mais antigas com um mínimo de correção relativamente à cartografia dos seus territórios, as quais não se encontram registadas em outras fontes.

Francisco Rodrigues estava em Malaca em 1511 quando Afonso de Albuquerque conquistou esta cidade, tendo ido de seguida com ele para a Índia, de onde em 1512 o acompanhou ao mar Vermelho até que em 4 de agosto de 1513 regressou à Índia, não voltando a haver até 1519 registo da sua presença em qualquer fonte. Esta falta de informações não nos impede de sugerir a possibilidade de que em 1514 ele possa ter participado numa missão dirigida por Pêro de Albuquerque no cumprimento de ordens dadas pelo seu tio Afonso de Albuquerque que o mandou ir até Socotorá, Adem e depois Ormuz, onde chegou em maio de 1514. A partir de 7 de junho de 1514 e durante um mês o referido capitão procedeu à exploração de parte do Golfo tendo ido pela primeira vez até à região de Bahrein. A armada de Pêro de Albuquerque estava de regresso a Goa em 28 de setembro de 1514.

O fundamento para justificar a possível presença de Francisco Rodrigues na missão acima referida resulta da circunstância de na carta que ele desenhou no fl. 28 do seu atlas expressar uma representação da parte do litoral asiático correspondente a uma vasta área traçada com o rigor possível que vai desde o sudeste da península Arábica até Ceilão, passando por todo o litoral indiano. Nesse mapa apresenta-se pela primeira vez a ilha Bahrein e uma parte do Golfo com uma forma diferente e mais exata que tinha sido traçada nas cartas anteriores, o que só podia ser o resultado da circunstância do seu autor a ter feito presencialmente, tanto mais que no seu tempo eram escassos os especialistas na Índia que o poderiam ter feito.

Antes dessa carta ter sido traçada há uma outra menos perfeita com a representação do Índico que foi atribuída a Pedro Reinel e datada de

In India, at the end of 1515, Francisco Rodrigues completed a book he would send to Portugal early the following year. It is now kept in the French National Assembly library in Paris. In it, Rodrigues included a precious atlas comprising twenty-six charts of the greatest historical and geographical significance, depicting the Earth from Brazil to China. Its accuracy was far superior to any earlier atlas. This is truly the world's first modern atlas.

Francisco Rodrigues was a Portuguese pilot and cartographer whose known cartographic work was carried out in Asia between 1511 and 1515. It offers a detailed, up-to-date conception of the planet, since Rodrigues's maps were drawn from the empirical observations the Portuguese had just made around the world. Moreover, Rodrigues conceived some of the cartographic patterns shown in the atlas. The dexterity of this Portuguese technician on the ground, as he sought to grasp the geography of areas that Europeans were only beginning to identify, is clear from how such maps were traced.

The fact that the most original part of Francisco Rodrigues' work was drawn up precisely during the period when the Portuguese were exploring the Eastern coastline makes it exceptionally attractive and valuable.

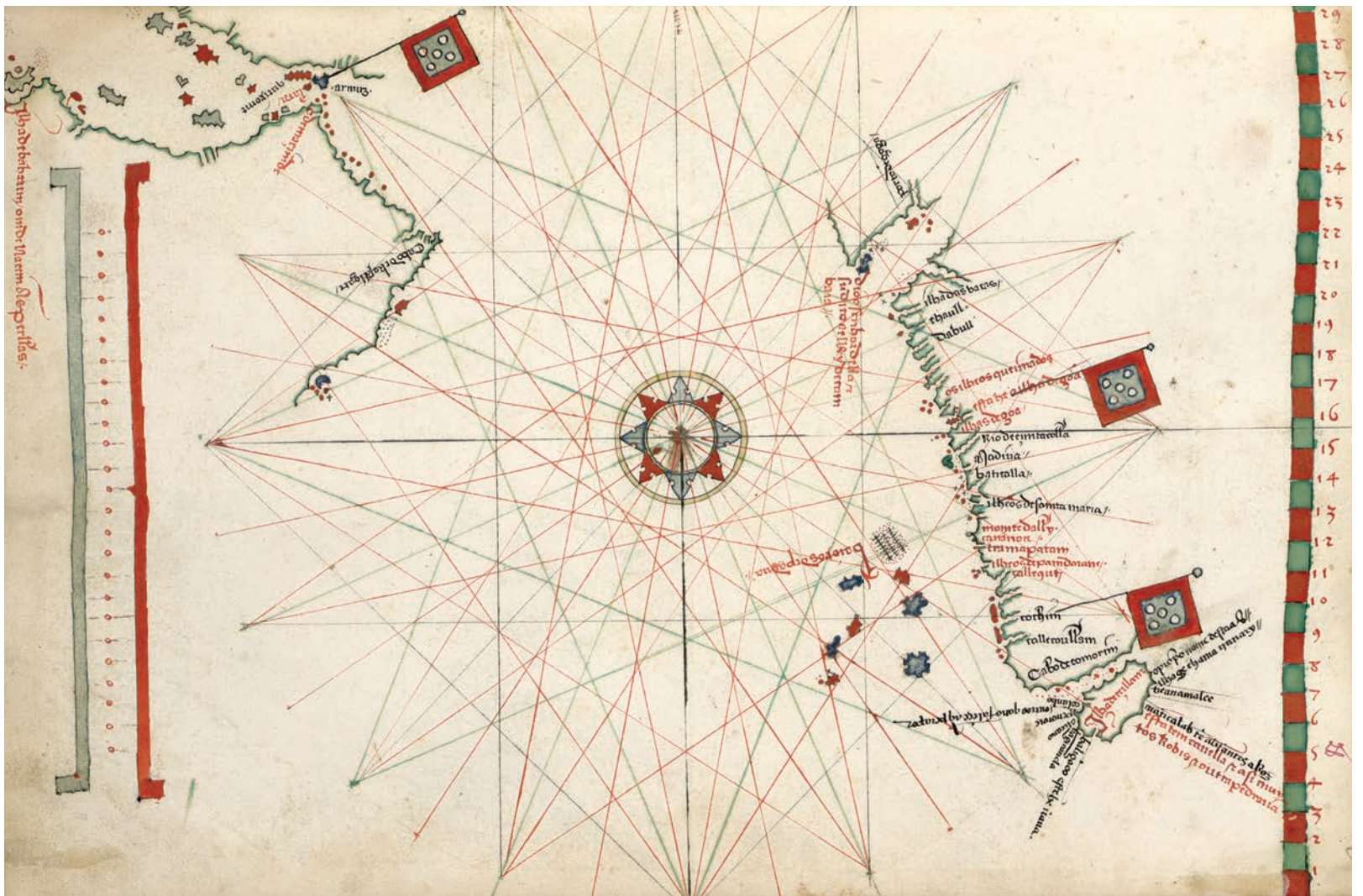
The legacy of Francisco Rodrigues is essential not only for Western culture but also for the East since it sheds light on the earliest and relatively accurate cartographical images of certain Asian territories, which were left unrecorded in other sources.

Rodrigues was in Malacca in 1511 when Afonso de Albuquerque conquered it, and joined Albuquerque in his travel to India. In 1512, they reached the Red Sea, returning to India on 4 August 1513. The next record of him dates from 1519. Still, the possibility may be suggested that in 1514 he may have taken part in a mission led by Pêro de Albuquerque, fulfilling orders from Afonso de Albuquerque (his uncle) to go to Socotra, Aden and then Hormuz. He arrived in Hormuz in May 1514. For a month after 7 June, the captain explored part of the Gulf, going as far as Bahrein for the first time. The armada of Pêro de Albuquerque was back in Goa on 28 September 1514.

The basis for justifying the chance of Francisco Rodrigues taking part in that mission is the chart drawn on folio 28 of the atlas. It represents a part of the Asian coast corresponding to a vast area, accurately traced, stretching from the southeast of the Arabian peninsula to Ceylon, that is the entire Indian coast. The map depicts for the first time the Island of Bahrain and a part of the Gulf more accurately shaped than in previous charts. This could only be the result of its author sketching it in person, especially since not many experts in the region would have been skilled enough to do so.

An earlier chart of the Indian Ocean has been attributed to Pedro Reinel and is dated 1510. Although less elaborate than Rodrigues's, still it depicted the Gulf more accurately than the charts disseminated until that point in the old Ptolemaic cartography which continued to dominate Europe. It was based on information provided by the Portuguese following Afonso de Albuquerque to Hormuz in 1507.

Francisco Rodrigues' chart included a series of place names for the Gulf region, recorded as follows: *Queixome* (Qeshm); *Para* = *Lara* (Larak); →



Mapa do Oceano Índico, da costa do sudeste
 da Arábia até Ceilão
 in Francisco Rodrigues – *Livro de Francisco Rodrigues*
 India (?), 1515
 Papel aguarelado
 37,7 × 26,3 cm
 Bibliothèque de l'Assemblée nationale de France,
 Paris, Ms. 1248, E/D 19, fl. 28
 Map of the Indian Ocean, from Southeast Arabia's
 coast to Ceylan
 in Francisco Rodrigues – *Livro de Francisco Rodrigues*
 India (?), 1515
 Watercolour and ink on paper
 37,7 × 26,3 cm
 Bibliothèque de l'Assemblée nationale de France (Paris),
 Ms. 1248, E/D 19, fl. 28

[20] →

1510. Nela apresenta-se o Golfo de uma forma mais correta do que aquelas até então se haviam divulgado na velha cartografia ptolemaica que continuava a dominar na Europa. Esta representação baseava-se em informações fornecidas pelos portugueses que em 1507 haviam ido com Afonso de Albuquerque a Ormuz.

Na representação da região do Golfo patente na carta de Francisco Rodrigues este inscreveu um conjunto de topónimos que foram registados da seguinte forma, que fazemos acompanhar entre parênteses pelos que lhe correspondem atualmente: *Queixome* (Qeshm); *Para = Lara* (Larak); *Armuz* (Ormuz); *C. de Macimde* (cabo de Mussandam); *Cabo de Rasellgate* (Ras al-Hadd); *Ilha de Baharem* (Bahrein), *omde nacam as perllas* (onde nascem as pérolas). [José Manuel Garcia]

Armuz (Ormuz); *C. de Macimde* (Cape Mussandam); *Cabo de Rasellgate* (Ras al-Hadd); *Ilha de Baharem* (Bahrain), ‘where pearls are born’. [José Manuel Garcia]

Após anos de segredo, o rei português D. Manuel I ofereceu um atlas a uma personalidade estrangeira importante, talvez a sua terceira esposa, a princesa espanhola Leonor, ou o Papa Leão X, em 1519. Mas é claro que o mapa dificilmente poderia ter sido utilizado a bordo de um navio. A maioria dos elementos representados são abstratos e simbólicos, mostrando a extensão e a qualidade das “descobertas” portuguesas na Ásia, e não a localização precisa dos detalhes geográficos. Provavelmente, D. Manuel I acreditava que a “Era do Messias” viria como consequência da “descoberta total” do globo, e isto motivou-o a ter muitos pormenores desenhadas pelo pintor António da Holanda, mesmo em áreas continentais que permaneceram intocadas pelos portugueses, como se apenas algumas coisas ficassem por revelar. Isto pode explicar porque há tantos rios e nomes de lugares em áreas que dificilmente são mais do que desertos. Mas alguns verdadeiros progressos parecem ter ocorrido entre 1517 e 1519. Note-se o número de ilhas com nomes e a representação correta de um braço lateral do Eufrates, possivelmente resultado da expedição de 1517 a Basrah. Contudo, esta cidade não aparece. [Zoltán Biedermann]

After years of secrecy, the Portuguese king Dom Manuel I offered an atlas to an important foreign person, maybe his third wife, the Spanish princess Leonor, or the Pope Leon X, in 1519. But of course the map could hardly have been used aboard a ship. Most of the depicted elements are abstract and symbolic, showing the extent and the quality of the Portuguese “discoveries” in the East, rather than the precise location of the geographical details. Probably, Manuel I believed that the “Age of the Messiah” would come as a consequence of the “total discovery” of the globe, and this motivated him to have many beautiful items drawn by the painter António de Holanda even in continental areas that remained untouched by the Portuguese, as if only a few things remained to be “unveiled”. This may explain why there are so many rivers and place names in areas that are hardly more than deserts. But some true progress seems to have occurred between 1517 and 1519. One should note the number of islands with names, and the correct depiction of a side arm of the Euphrates, possibly a result of the 1517 expedition to Basrah. This city does not appear though. [Zoltán Biedermann]



21

Mapa do Oceano Índico
 in *Atlas Miller* por Pedro Reinel,
 Jorge Reinel e António de Holanda
 Portugal, 1519
 Pergaminho
 59 x 40,5 cm
 Bibliothèque nationale de France,
 département Cartes et plans,
 GE DD-683 (3 RES)
 Map of the Indian Ocean
Atlas Miller by Pedro Reinel,
 Jorge Reinel and António de Holanda
 Portugal, 1519
 Parchment
 59 x 40,5 cm
 Bibliothèque nationale de France (Paris),
 département Cartes
 et plans, GE DD-683 (3 RES)



De lapis signatur hercules obque
hoc nauigia que elauos ferreos ha-
bent veniuntur barum in colae an-
thoxyphagi sunt.

Fernão Vaz Dourado tem sido considerado um dos cartógrafos portugueses mais importantes do século XVI. Ao contrário da maioria dos outros autores mencionados neste catálogo, Dourado nasceu na Índia, onde passou uma grande parte da sua vida. Veio a Portugal para estudar a cosmografia e a arte de fazer mapas. De volta a Goa, produziu alguns dos mais belos atlas do seu tempo. Significativamente, usou um novo modelo para o Golfo, diferente daquele que ainda estava a ser reproduzido na Europa. Este modelo foi introduzido por Lázaro Luís alguns anos antes, muito provavelmente em Goa. [Zoltán Biedermann]

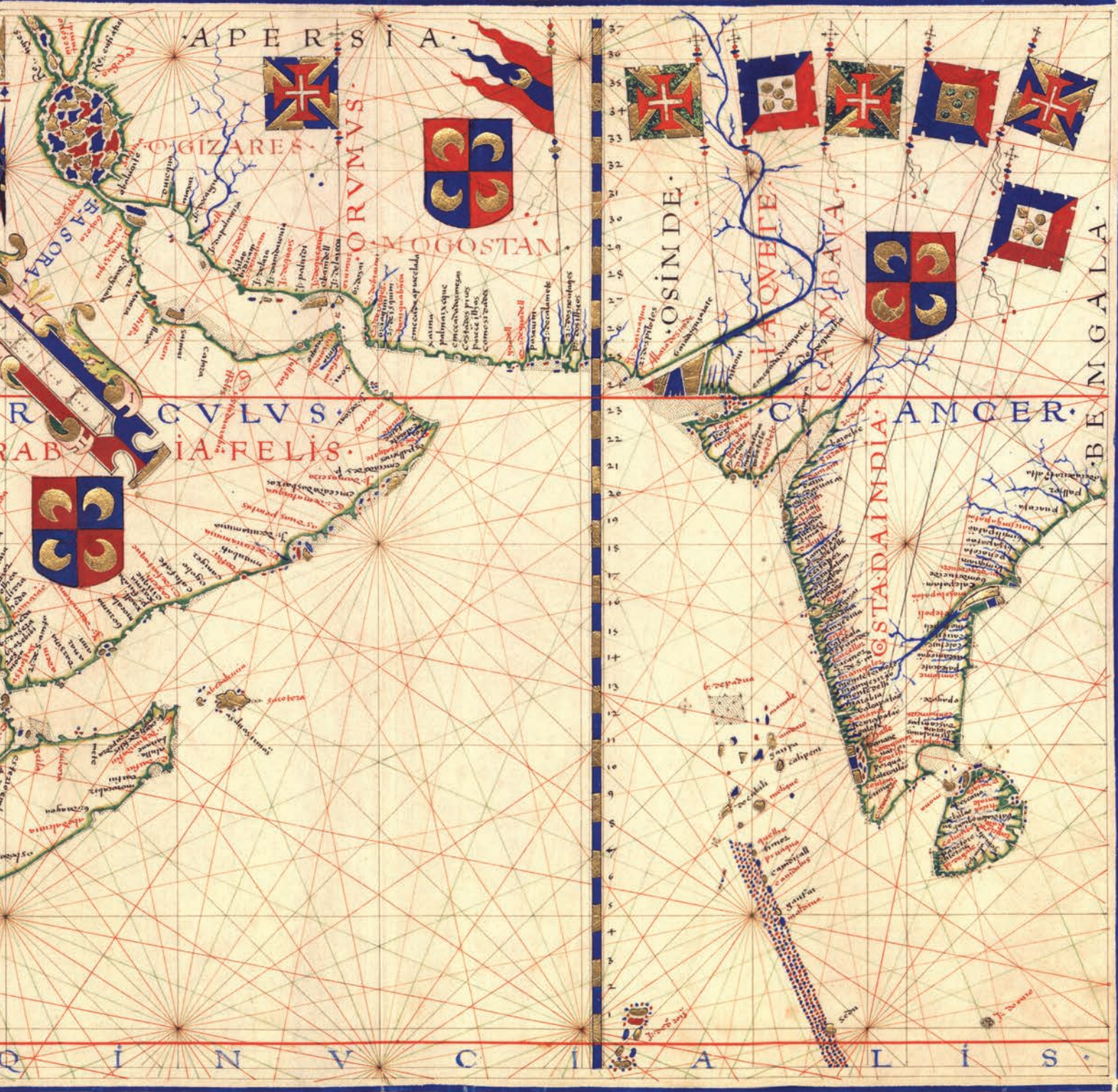
Fernão Vaz Dourado has been considered to be one of the most important Portuguese cartographers of the sixteenth century. Unlike most of the other authors mentioned in this catalogue, Dourado was born in India and spent a great part of his life there. He came to Portugal in order to study cosmography and the art of mapmaking. Back in Goa, he produced some of the most beautiful atlases of his time. Significantly, he used a new prototype for the Gulf, different from the one that was still being reproduced in Europe. This was the shape introduced by Lázaro Luís a few years earlier, most probably in Goa, too. [Zoltán Biedermann]



O Golfo e o Índico ocidental
 Atlas de Fernão Vaz Dourado
 Goa (Índia), 1571
 Pergaminho
 75,5 x 54 cm
 Arquivo Nacional da Torre do Tombo (Lisboa),
 Coleção Cartográfica, n.º 165
 The Gulf and the Western Indian Ocean
 Atlas of Fernão Vaz Dourado
 Goa (India), 1571
 Parchment
 75,5 x 54 cm
 Arquivo Nacional da Torre do Tombo,
 Coleção Cartográfica, n.º 165



T A · F O L H A · E S T A · L



A M C A D O T O J A C O S

Q U I N C I A T I S

T A · D A · I M · D A · O · R I · O · D

João Teixeira, também denominado João Teixeira Albernaz I, para assim se diferenciar de um seu neto cartógrafo que tinha o mesmo nome, foi o mais importante e prolífico cartógrafo português do século XVII. Esta personalidade era filho do cartógrafo Luiz Teixeira e nasceu em Lisboa talvez no início do último quartel do século XVI tendo aí morrido pouco depois de 1652, pertenceu a uma família de cartógrafos dos quais se conhece um elevado número de representantes que trabalharam no longo período que vai desde os meados do século XVI até ao fim do século XVII.

João Teixeira foi denominado cosmógrafo tendo recebido em 29 de Outubro de 1602 a carta de ofício de mestre em fazer «cartas de marear, astrolábios, agulhas e balestilhas», sendo em 21 de Janeiro de 1605 nomeado cartógrafo do Armazém de Guiné e Índia em Lisboa, onde exerceu a sua atividade.

Os diversos tipos de trabalhos cartográficos que realizou compreenderam centenas de mapas que se repartem pelos seguintes tipos de obras: atlas do Brasil, atlas do Oriente, atlas universais, cartas de Portugal e cartas soltas.

Dos atlas universais que João Teixeira produziu conhecem-se seis exemplares feitos cerca de 1628, 1630, cerca de 1632, cerca de 1630 a 1640, cerca de 1640 e 1643.

O atlas aqui considerado intitula-se *Taboas geraes de toda a navegação*, está datado de 1630 e tem 37 folhas de papel onde se apresentam 31 cartas. Trata-se do mais vasto trabalho que este autor produziu e encontra-se atualmente em Washington na Library of Congress.

Nesta obra encontra-se um planisfério e cartas representando várias partes da Terra, tendo algumas delas plantas de um conjunto de cidades e fortalezas do então chamado *Estado da Índia* e de outras regiões. De entre essas plantas encontram-se representações na décima terceira carta das regiões de Mascate e Ormuz, que ficam na zona do Golfo.

Na décima segunda carta deste atlas está representada toda a Ásia, nela se incluindo o traçado do Golfo de acordo com a forma de o apresentar expressa em modelos portugueses criados ao longo do século XVI. [José Manuel Garcia]

João Teixeira, also called João Teixeira Albernaz I, to set him apart from a cartographer grandson of the same name, was the most important and prolific Portuguese cartographer of the 17th century. He was the son of cartographer Luiz Teixeira and was born in Lisbon, perhaps at the beginning of the last quarter of the sixteenth century. He died shortly after 1652 also in Lisbon. He came from a family of cartographers, many of whom were active between the mid-sixteenth century and the end of the 17th century.

João Teixeira was certified as a cosmographer on 29 October 1602, through a charter enabling him to make 'charts of seafaring, astrolabes, pointers and cross-staffs'. On 21 January 1605, he was appointed and took on the role of cartographer of the Warehouse of Guinea and India, in Lisbon.

His various cartographic works include hundreds of maps, including the following: atlases of Brazil, atlases of the East, universal atlases, maps of Portugal and sundry maps of several kinds.

Of the universal atlases produced by Teixeira, six copies were made in about 1628, 1630, about 1632, about 1630 to 1640, about 1640, and 1643.

The atlas shown, entitled *Taboas geraes de toda a navegação* (General chart of all navigation), dates from 1630. It comprises 37 sheets of paper containing 31 maps. It is the author's largest work and is currently kept at the Library of Congress, Washington D.C..

There is a planisphere and charts for various parts of the Earth. Some also depict the plans of several cities and forts in the *Estado da Índia*, as it was then known, and other regions. Among these, the thirteenth chart corresponds to the Muscat and Hormuz regions in the Gulf.

The twelfth chart shows the whole of Asia, including an outline of the Gulf according to the depictions typically found in the Portuguese models of the sixteenth century. [José Manuel Garcia]





Mapa da Ásia

Táboas Geraes de Navegação por João Teixeira Albernaz

Portugal, 1630

Papel aguarelado

45,2 x 67,6 cm

Library of Congress (Washington, D.C.), Geography

and Map Division, D.C. 20540-4650 USA dcu

Map of Asia

Táboas Geraes de Navegação by João Teixeira Albernaz

Portugal, 1630

Pen-and-ink and watercolor on paper

45,2 x 67,6 cm

Library of Congress (Washington, D.C.), Geography

and Map Division, D.C. 20540-4650 USA dcu

[24-26] →

Ormuz é um estreito à entrada do Golfo, uma ilha do seu lado norte, e a cidade iraniana ali implantada. Foi também um reino com limites variáveis em torno do Golfo. A ilha que, na realidade, se chama Djarun, constitui um círculo irregular com um diâmetro médio de 7 km e tem, a igual distância, a costa do Irão, com a cidade mais próxima, Bandar Abbas, 20 km a noroeste. Mais no seio e comprimindo o sifão do estreito, estão as ilhas de Larak e Qeshm, onde se fazia aguada, pois Djarun, com um solo salgado, quase não tem água doce. Árido e de cores tão estranhas quanto variadas, o solo compõe, numa topografia muito irregular, uma paisagem crespa, tórrida e elevada na frente para o estreito, e baixa numa língua de terra que avança pelo canal que separa a ilha do continente, com o topónimo Morona. Com boas condições portuárias e de segurança, esta frente para o canal oferecia-se à instalação humana. No início do século XIV, o rei de Ormuz para ali levou, do continente, a sua capital, incluindo o topónimo. As suas excepcionais condições defensiva, urbana e mercantil deram-lhe a distinção de ter sido o centro da região.

Com exceção para uma parca recolha de sal-gema, óxido de ferro, enxofre e pérolas naturais, Ormuz nada produziu ou produz, e o calor é insuportável. Todavia, a sua capitalidade regional ditou um extraordinário desenvolvimento e afirmação como o mais importante empório de troca de bens entre o Médio Oriente e o Oriente, com ênfase na Ásia do Sul. No trânsito para os portos do Guzarate, Malabar e Vijayanagar (Goa e Karnataka), eram géneros mais expressivos os frutos secos (tâmaras e compotas), corantes, pedra hume, aço, enxofre, sal, pérolas e, com grande destaque, cavalos. E, ainda em quantidades significativas, ervas aromáticas e medicinais, pedras preciosas, têxteis (sedas, tapetes, brocados) e artigos de luxo, como joias e armas de aparato. No sentido inverso circulavam produtos de algodão, manteiga de Sindh e Mangalore, açúcar e ferro de Vijayanagar, arroz e especiarias de Karnataka e Malabar, e até porcelana da China. Assim se compreende que, mais do que a porta marítima do Golfo, nesses tempos o Estreito de Ormuz fosse considerado no Ocidente o *início das Índias*. A presença portuguesa ditou a introdução de novos motivos e bens, do que são prova diversas representações em têxteis, e até os azulejos persas da Igreja de Santa Mónica de Goa ali foram encomendados.

De tudo isso deram conta os muitos relatos de viajantes, primeiro sobre a desaparecida Ormuz continental, depois sobre a Ormuz insular. Descrevem uma cidade grande, rica e densa, o que é corroborado pelo desenho de Gaspar Correia que a representa num equívoco misto de 1515 (quando a conheceu) e alterações posteriores. Também uma urbe cosmopolita, que poderá ter chegado a ter 50.000 habitantes de comunidades de religiões diversas e costumes ousados. O anónimo do *Livro das cidades, e fortalezas...* sintetiza em 1582 essa informação sobre “o mais celebre emporio e escala do mundo, em que mor concurso e trato há de todallas mercadorias Orientaes e Occidentaes”, ou seja, era “a mais importante fortaleza que os Reis de Portugal teem nas partes da Índia.” Quando, em 1498, as armadas portuguesas abriram a Rota do Cabo, Ormuz era, pois, uma demonstração extrema de quanto o comércio determina a urbanidade e a civilização, e de como esta marca as paisagens mentais, os imaginários.

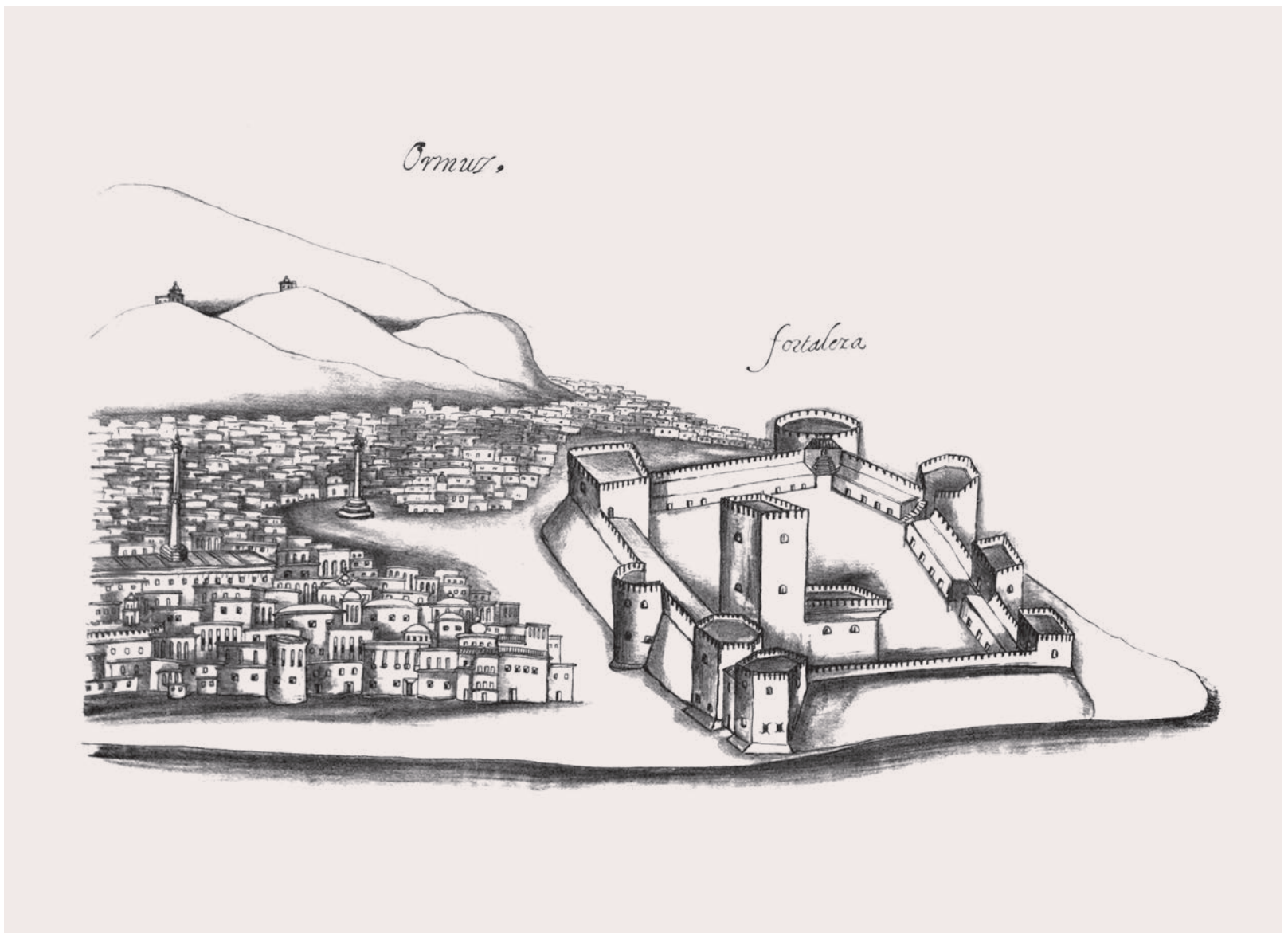
A Coroa portuguesa cedo viu que, mais rentável que o trato com a Índia pela Rota do Cabo, seria dominar o comércio do Índico, o que implicava o controlo das rotas do Mar Vermelho e do Golfo, e que isso também lhe

Hormuz is a strait at the entrance to the Gulf, an island on its northern side, and the Iranian city settled there. It was also a kingdom with variable boundaries around the Gulf. The island, actually called Djarun, forms an irregular circle with an average diameter of 7 km and is an equal distance from the continental coast of Iran, with the nearest city, Bandar Abbas, 20 km to the northwest. Further in the bosom and compressing the siphon of the strait are the islands of Larak and Qeshm, where water was made, for Dajrun, with salty soil, has almost no fresh water. Barren and of colors as strange as they are varied, the ground composes, on a very irregular topography, a landscape that is torrid, crisscrossed and elevated in front of the strait, and low in a tongue of land that advances through the channel that separates the island from the mainland, with the toponym Morona. With good port and security conditions, this front to the channel was offered for possible human settlement. At the beginning of the 14th century, the King of Hormuz took his capital there from the mainland, including the toponym. Its exceptional defensive, urban, and mercantile conditions gave it the distinction of having been the center of the region.

Except for a meager collection of rock salt, iron oxide, sulfur, and natural pearls, Hormuz produced nothing, and the heat was unbearable. Nevertheless, its regional capitality dictated an extraordinary development and affirmation as the most critical emporium for the exchange of goods between the Middle East and the East, with emphasis on South Asia. In the transit to the ports of Gujarat, Malabar, and Vijayanagar (Goa and Karnataka), the most expressive types were dried fruits (dates and jams), dyes, alum, steel, sulfur, salt, pearls, and, with great prominence, horses. And, still in significant quantities, aromatic and medicinal herbs, precious stones, textiles (silks, carpets, brocades), and luxury goods, such as jewelry and apparatus weapons. In the opposite direction, cotton products, butter from Sindh and Mangalore, sugar and iron from Vijayanagar, rice, spices from Karnataka and Malabar, and even porcelain from China circulated. This explains why the Strait of Hormuz was considered in the West to be the *beginning of the Indies* rather than the gateway to Persia. The Portuguese presence dictated the introduction of new motifs and goods, of which various textile representations are proof. Even the Persian tiles of the Church of Saint Monica in Goa were commissioned there.

All this has been described in the many accounts of travelers, first about the vanished mainland Hormuz, then about the island Hormuz. They describe a large, rich, and dense city, which is corroborated by Gaspar Correia's drawing depicting it in a mixed equivocation of 1515 (when he knew it) and later alterations. Also, a cosmopolitan city may have had as many as 50,000 inhabitants from communities of diverse religions and daring customs. The anonymous *Livro das cidades, e fortalezas*, summarizes in 1582 that information on “the most famous emporium and scale of the world, in which there is more competition and trade of all East and West merchandises,” that is, it was “the most important fortress that the Kings of Portugal have in the parts of India.” When, in 1498, the Portuguese fleets opened the Cape Route, Hormuz was thus an extreme demonstration of how much trade determines urbanity and civilization and how this marks the mental landscapes, the imaginary.

The Portuguese Crown soon saw that, more profitable than dealing with India via the Cape Route, it would be to dominate trade in the →



Desenho da fortaleza de Ormuz, c. 1515

in Gaspar Correia – *Lendas da Índia*

c. 1560

Manuscrito sobre papel

41,6 × 25,6 cm

Lisboa: Academia Real das Sciencias, 1860, vol. 2.

Representation of the fortress of Hormuz, c. 1515

in Gaspar Correia – *Lendas da Índia*

Goa (India), c. 1560

Ink on paper

41,6 × 25,6 cm

Lisbon, Academia Real das Sciencias, 1860, vol. 2.

[24-26] →

permitiria canalizar para a sua rota marítima o comércio daquelas rotas mistas para o Mediterrâneo. Também se apercebeu que não tinha contingentes suficientes para monopolizar esse trato, mas que poderia taxá-lo se dominasse os seus portos. A falha no domínio do Mar Vermelho, foi compensada pelo sucesso no Golfo, de que Ormuz era a cabeça. Pêro da Covilhã, na sua viagem terrestre de espionagem simultânea à descoberta da Rota do Cabo, estivera lá e relatara-o. A presença regular de frotas no Estreito de Bab-el-Mandeb (porta do Mar Vermelho), e a pesada taxa-ção nos portos das embarcações que de lá viessem, ou para lá fossem, foi o esforço possível para tentar canalizar esse fluxo para o Golfo.

Seguindo uma estratégia delineada em Lisboa, Afonso de Albuquerque (1453–1515) no início da sua última longa missão no Índico, procurou estabelecer o domínio português no Mar Vermelho e no Golfo. Entre outras ações, em setembro de 1507 assenhoreou-se de Ormuz, mas teve de abandonar logo em abril seguinte. Só perto do final da sua vida, e já como Governador da Índia Portuguesa (1509–1515), voltaria para fixar o seu domínio. Não era absoluto, pois o soberano manteve-se, com suserania ao rei português. Segundo esse protetorado, o estabelecimento português em Ormuz, apoiado em alguns outros portos do golfo, constituiu o coroa-mento da estratégia seguida por Albuquerque de conquista dos pontos-chave das rotas comerciais do Índico, cujo extremo oposto era Malaca (Malásia, 1511), e tinha como centro Goa (Índia, 1510).

Em 1622, em plena união das coroas portuguesa e espanhola, uma coligação entre Abbas I da Pérsia e a Companhia Britânica das Índias Orientais pôs fim àquele protetorado. Além de ter desempenhado o papel de plataforma portuguesa para as muito intensas relações diplomáticas com a Pérsia, Ormuz tinha sido, até então e de longe, o posto mais rentável de todo o império, mesmo com o declínio verificado nos saldos da sua alfândega nas últimas décadas (95% de 1605 a 1618). Essa quebra de rentabilidade ficou a dever-se a contrabando e corrupção, não tanto a uma diminuição do trato. Todavia, com o fim do domínio português a relevância comercial de Ormuz cessou, pois o rei persa mudou as suas funções comerciais para Bandar Abbas (Comorão para os portugueses), no continente, decerto por influência dos ingleses, que ali haviam estabelecido uma feitoria. O que congelou e fez mirrar Ormuz, que hoje é um pacato núcleo urbano onde quase só as ruínas da fortaleza portuguesa invocam esse passado.

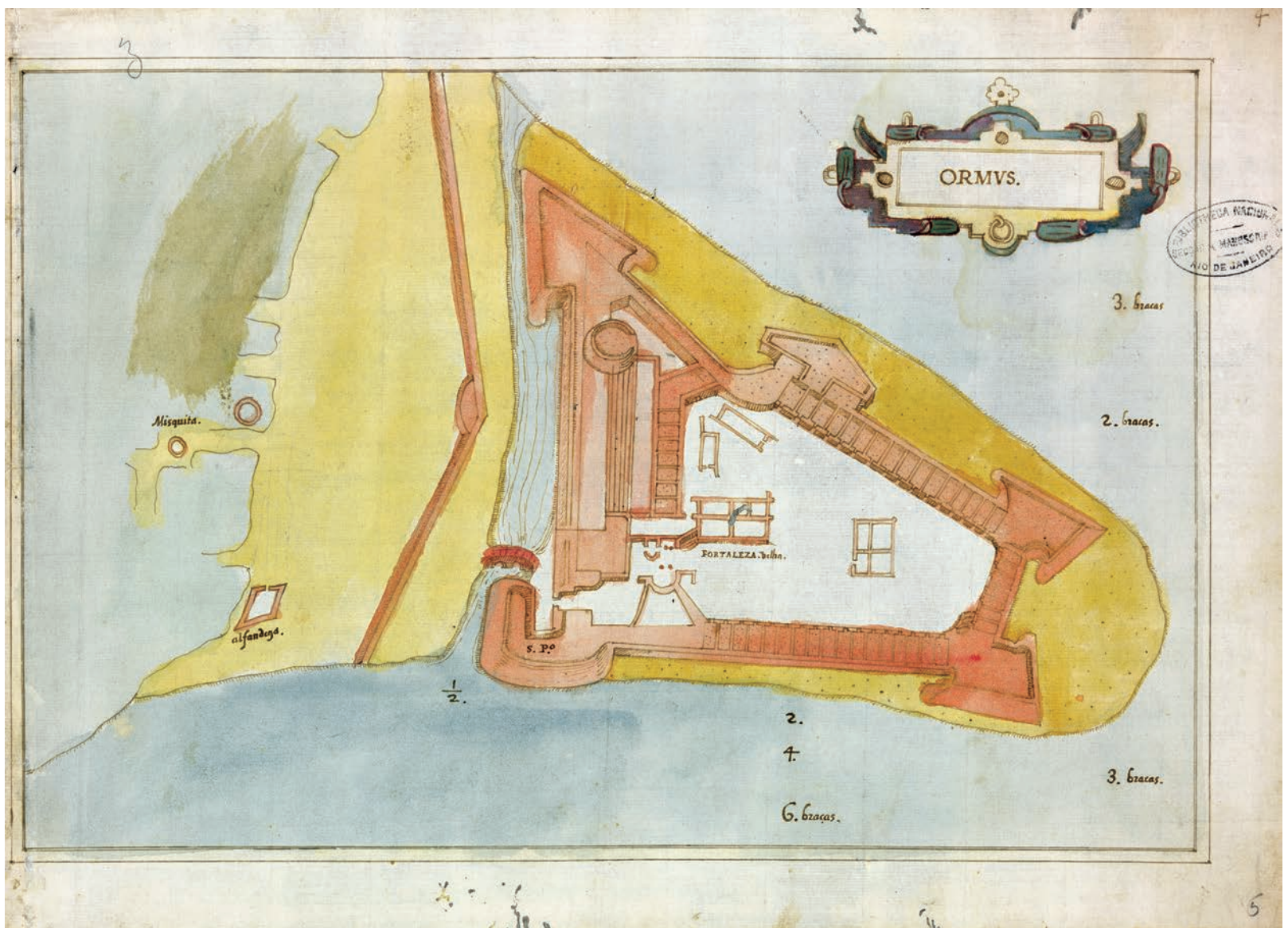
Além das descrições de viajantes, Ormuz conta com um apreciável conjunto de documentação relativa aos mais variados assuntos da presença portuguesa, bem como relatos de episódios específicos, como os de Gaspar Correia nas *Lendas da Índia*, redigidos, todavia, décadas depois. Conta, também, com um razoável conjunto iconográfico e cartográfico que, como aquele, requer cuidados críticos, pois as técnicas e motivações são diversas, e, em alguns casos, são representações em segunda mão, sem experiência do local. Conta ainda com levantamentos arqueológicos e arquitetónicos das ruínas da fortaleza. Tudo tem sido usado para descortinar, à luz dos contextos pertinentes, diversos aspetos do pouco mais de um século da história portuguesa no local. No que mais diretamente nos diz respeito, a cartografia e iconografia mereceram estudos de identificação de séries e autorias, e, claro, os levantamentos foram utilizados pelos autores para ensaiar reconstituições da fortaleza nas suas diversas fases, e respetiva atribuição de autorias.

Indian Ocean, which implied control of the Red Sea and Gulf routes, and that this would also allow it to channel to its maritime way the treatment of those mixed routes to the Mediterranean. It also realized that it did not have enough contingents to monopolize that tract but could tax it if it dominated its ports. The failure to dominate the Red Sea was made up for by success in the Gulf, of which Hormuz was the head. Pêro da Covilhã, on his land journey of espionage simultaneous to the discovery of the Cape Route, had been there and reported it. The regular presence of fleets in the Strait of Bab-el-Mandeb (gateway to the Red Sea), and the heavy taxation in ports of the vessels that came from there or went there, was the best possible effort in trying to channel those trade towards the Gulf.

Following a strategy outlined in Lisbon, Afonso de Albuquerque (1453–1515), at the beginning of his last long mission in the Indian Ocean, sought to establish Portuguese dominance in the Red Sea and Gulf. Among various actions, in September 1507, he took possession of Hormuz but had to abandon it the following April. Only towards the end of his life and term as Governor of Portuguese India (1509–1515) did he return to establish his dominion. It was not an absolute dominion, for the sovereign remained under suzerainty to the Portuguese king. Under this protectorate, the Portuguese establishment in Hormuz, supported by some other ports in the Gulf, constituted the crowning of the strategy followed by Albuquerque of conquering the critical points of the Indian Ocean trade routes, whose opposite end was Malacca (Malaysia, 1511), and had Goa (India, 1510) as its center.

In 1622, at the height of the union of the Portuguese and Spanish crowns, a coalition between Abbas I of Persia and the British East India Company put an end to that protectorate. Besides having played the role of the Portuguese platform for the very intense diplomatic relations with Persia, Hormuz had until then been, by far, the most profitable post in the whole empire, even with the decline in the balances of its customs in recent decades (95% from 1605 to 1618). This drop-in profitability was due to smuggling and corruption, not so much to a decrease in the trade. However, with the end of Portuguese rule, the commercial relevance of Hormuz ceased, as the Persian king moved its commercial functions to Bandar Abbas (Comorão for the Portuguese) on the mainland, surely by the influence of the English, who had established a trading post there. This has frozen and shriveled Hormuz, which today is a peaceful urban nucleus where almost only the ruins of the Portuguese fortress evoke that past.

Besides the descriptions of travelers, Hormuz has an appreciable set of documentation on the most varied subjects of the Portuguese presence, as well as accounts of specific episodes, like those of Gaspar Correia in *Lendas da Índia*, written, however, decades later. It also has a reasonable set of iconographic and cartographic material, which, like that, requires critical care since the techniques and motivations are diverse and, in some cases, are second-hand representations without experience of the place. It also includes archaeological and architectural surveys of the ruins of the fortress. Everything has been used to uncover, in the light of the relevant contexts, various aspects of the little over a century of Portuguese history at the site. As far as we are more directly concerned, the cartography and iconography merited studies to identify series and authorship, and, of course, the authors used surveys to test reconstructions of the fortress in its various phases and the respective attribution of authorship. →



Planta da fortaleza de Ormuz
 in *Plantas de praças das conquistas de Portugal*
 Goa (India), 1610

31,2 x 37 cm

Biblioteca Nacional do Brasil (Rio de Janeiro),
 CAM.03,005 - Cartografia

Plant the fortress of Hormuz
 in *Plantas de praças das conquistas de Portugal*
 Goa (India), 1610

Pen-and-ink and watercolor on paper

31,2 x 37 cm

Biblioteca Nacional do Brasil (Rio de Janeiro),
 CAM.03,005 - Cartografia

[24-26] →

Sabe-se menos no que diz respeito à estrutura e paisagem urbanas, que se transformaram continuamente entre a conquista e instituição do protetorado português e a sua queda, ou seja, 1507 e 1622. Vejamos, porém, se os três elementos carto-iconográficos que este texto acompanha, nos ajudam a vislumbrá-las. Impõem-se, desde logo, duas ressalvas: além das questões relacionadas com a fortificação, contêm essencialmente dados sobre a localização de instalações católicas de que quase não restam vestígios, o que é natural, pois não só não tiveram tempo de se fazerem robustas, como a expulsão dos portugueses foi também a do catolicismo; qualquer uma delas representa a cidade já depois da destruição do conjunto monumental-palatino preexistente, a frente norte da cidade. Sobre este contamos essencialmente com a gravura de Braun & Hogenberg (in *Civitas Orbis Terrarum*) de 1572, e com a memorável descrição-reconstituição histórica de Jean Aubin, segundo a qual, no geral, a cidade era bem arruada, ordenada e com boas praças, o que encontramos em algumas descrições coevas e ainda se vislumbra na sua malha atual.

Seguindo uma regra ensaiada no século XV em Sagres (Portugal), e desenvolvida em vários postos portugueses em África e no Índico, a partir da construção de uma torre empreendida durante o episódio de 1507 e concluída em 1515, a fortaleza foi erguida em Morona, o extremo norte da cidade. A posterior abertura de um fosso de mar a mar, fez dela uma ilha à qual se acedia por uma estreita ponte em pedra, evidenciada no desenho do acervo da Biblioteca Nacional do Rio de Janeiro, da autoria de Manuel Godinho de Erédia. Tudo adjacente ao complexo palatino do rei local que, por trás de uma espessa muralha com nove torres e uma extensão próxima da centena de metros, incluía mesquitas, madraça, hospital e uma hospedaria. Como refere Aubin “um palácio fortificado que oferecia o aspeto massivo que ainda hoje vemos nas residências dos sheiks árabes do Golfo Pérsico e da Arábia meridional.” Apenas uma rua de costa a costa o separava da mole urbana, pelo que, quer a estrutura funcional quer a posição, tornaram inevitável a sua demolição na operação de ampliação e renovação da fortaleza empreendida em 1539-1540, criando-se a esplanada ou terreiro defensivo, que também funcionou como centro da *ribeira* (espaço de mediação portuária com características específicas nas cidades portuguesas), incluindo as estrebarias dos cavalos em trânsito e a alfândega. O rei mudou-se para um palácio situado no extremo sudoeste do terreiro, sobre o porto ocidental.

Já a presença, entre a alfândega e a mesquita aljama com o seu expressivo minarete, da misericórdia e do respetivo hospital, bem como, mais afastada, da picota, seriam mais próprios de uma praça e consubstanciaram a substituição urbanística do poder local pelo do regime do protetorado português. Começava aí, pois, a cidade propriamente dita, que era densa e composta com casas em pedra e cal, altas, de fenestração erguia e rematadas com terraço. É o que Gaspar Correia, que terá tomado conhecimento das demolições posteriores à sua estadia, compôs com alguns exageros comuns, como na dimensão da picota em madeira erguida logo em 1515, quase ombreando com o minarete que ali se manteve até ao século XIX. Os relatos de que se socorreu seriam anteriores a todas as demolições, pois a mesquita e o minarete acabaram por ficar com frente para o terreiro, aliás ao centro, o que bem se vê em ambos os desenhos de Erédia (as *Plantas* do Rio de Janeiro e o *Lyvro de Plantaforma*).

Less is known about the urban structure and landscape, which changed continuously between the conquest and institution of the Portuguese protectorate and its fall, i.e., 1507 and 1622. Let us see, however, if the three carto-iconographic elements this text accompanies, help us to glimpse them. Two caveats are necessary: besides the questions related to the fortification, they essentially contain data on the location of Catholic facilities of which hardly any traces remain, which is natural since not only did they not have time to become robust, but the expulsion of the Portuguese was also that of Catholicism; any one of them represents the city after the destruction of the pre-existing monumental palace complex, the northern front of the town. We can essentially rely on the engraving by Braun & Hogenberg (in *Civitas Orbis Terrarum*) of 1572 and the memorable historical description-reconstitution by Jean Aubin, according to which, in general, the city was well laid out, ordered, and with good squares, which we find in some coeval descriptions and which we still see in its current fabric.

Following a rule tried out in the 15th century in Sagres (Portugal) and developed in various Portuguese posts in Africa and the Indian Ocean, starting with the construction of a tower undertaken during the episode of 1507 and completed in 1515, the fortress was erected in Morona, the northern end of the city. The subsequent opening of a moat from sea to sea made it an island accessed by a narrow stone bridge evidenced in the drawing of the National Library of Rio de Janeiro's collection, by Manuel Godinho de Erédia. All adjacent to the local king's palatine complex, behind a thick wall with nine towers and a length of nearly a hundred meters, included mosques, a madrasa, a hospital, and an inn. As Aubin says, “a fortified palace that offered the massive appearance that we still see today in the residences of the Arab sheiks of the Persian Gulf and southern Arabia.” Only one street from coast to coast separated it from the urban mole so that both its functional structure and position made its demolition inevitable in the operation to enlarge and renovate the fortress undertaken in 1539-1540, creating the esplanade or defensive yard, which also functioned as the center of the *Ribeira* (a port mediation space with specific characteristics in Portuguese cities), including the stables for horses in transit and the customs house. The king moved to a palace situated at the southwestern end of the esplanade, above the western harbor.

The presence, between the customs house and the *aljama* mosque with its expressive minaret, of the *Misericórdia* (mercy) and the respective hospital, as well as, further away, the *picota* (pillory), would be more typical of a square and consubstantiated the urban substitution of local power by that of the Portuguese protectorate regime. This is where the city proper began, which was dense and composed of stone and lime houses, high, with a raised fenestration and topped with a terrace. This is what Gaspar Correia, who would have been aware of the demolitions after his stay, composed with some common exaggerations, such as the size of the wooden pinnacle erected as early as 1515, almost matching the minaret that remained there until the 19th century. The mosque and the minaret ended up facing the courtyard in the center, which can be seen in both of Erédia's drawings (the drawing of the National Library of Rio de Janeiro's collection and the *Lyvro de Plantaforma*).

Significantly, it is also noted there that the *Misericórdia* complex, situated on the south-eastern front of the yard, and a church dedicated →



Ilha de Ormuz
 in Manuel Godinho de Erédia (?) – *Lyvro de plantaforma das fortalezas da Índia*
 Goa (?), c. 1610-1630
 Papel aguarelado
 58 x 42 cm
 Biblioteca da Fortaleza de São Julião da Barra (Portugal)

Island of Hormuz
 in Manuel Godinho de Erédia – *Lyvro de plantaforma das fortalezas da Índia*
 Goa (?), c. 1610-1630
 Pen-and-ink and watercolor on paper
 58 x 42 cm
 Biblioteca da Fortaleza de São Julião da Barra (Portugal)

Significativamente, também ali se confere que o conjunto da Misericórdia, situado na frente sudeste do terreiro, e uma igreja dedicada a S. João a oeste, enquadravam o expressivo conjunto islâmico. Por trás da misericórdia situava-se o convento agostinho onde, entre outros aspetos, pelo ensino da língua se prepararam missões à corte persa. Dali também partiram, em inícios do século XVII, os monges que fundaram as casas agostinhas de Isfahan, Shiraz e Baçorá, e por ali terão passado, provindas de Shiraz, as relíquias da rainha-mártir Ketevan de Kakheti (Geórgia), antes de seguirem para Goa onde foram sepultadas no respetivo mosteiro. Nada sabemos acerca da materialidade do hospital e daqueles três conjuntos católicos. Sabemos, porém, que a igreja de N.^a S.^a da Conceição, que dava o nome à fortaleza, foi primeiro instalada no cubelo erguido no extremo oeste da sua frente para a cidade, surgindo, aliás, no desenho de Gaspar Correia. A torre de menagem encimava o sino que o rei D. Manuel I mandara retirar da igreja homónima de Lisboa, da Ordem de Cristo, ato cujo simbolismo é evidente. Sabe-se, porém, que cerca de 1525 a igreja foi reinstalada em edifício próprio, também dentro da fortaleza, e o sino movido para uma das torres renovadas do perímetro inicial, pois a torre de menagem central erguida por Albuquerque, cedo obsoleta, foi desmontada. Os materiais precários (p.e. cobertura vegetal), a conversão em mesquita após 1622 e o posterior abandono da fortaleza levaram-na ao desaparecimento.

Não há registos comprovados de mais equipamentos católicos dentro da cidade, até porque o número de crentes e o ambiente da cidade nunca o terão tornado necessário. Ormuz, tal como os demais postos no Golfo, nunca foi objeto de políticas portuguesas de colonização. Mas a marcação portuguesa do território e da paisagem, ou a sua cristianização, era outra coisa, e fora da cidade, em posições elevadas próprias de pequenos santuários de múltiplas religiões, existiram os de N.^a S.^o da Penha, N.^a S.^a da Esperança e Santa Luzia, em provável substituição de estruturas islâmicas. No desenho do *Lyvro de Plantaforma*, que representa toda a ilha, surge a sudoeste, frente à baía de Turumbaque a referência a uma fortificada “quinta del’Rey,” ou seja, do rei local, que era num oásis construído a partir de terra vegetal levada do continente e alimentado pelos três únicos poços com água apenas salobra da ilha. Contém ainda o topónimo “Lardimira” estendido sobre parte considerável da ilha, uma área plana com espaços de lazer e um cemitério islâmico, com mausoléus de alguma monumentalidade.

Ao reverso das dificuldades em reconstituir a estrutura e paisagem urbanas de Ormuz no seu século português, sabe-se bastante sobre a fortaleza, sendo o principal documento as ruínas, pois a brusca decadência da cidade bloqueou a sua descaracterização. A sua composição resultou, como antes dito, de uma sucessão de intervenções visando mantê-la atualizada num tempo em que a evolução da engenharia militar foi vertiginosa. No breve episódio de 1507–1508, Afonso de Albuquerque promovera a construção da referida torre de menagem, quadrada com cerca de 8 metros de lado, mas não passou do primeiro dos três pisos projetados. Concluiu-a quando regressou em 1515, campanha em que se concretizou todo o perímetro que a cercou conforme o desenho de Gaspar Correia. Assim se compôs uma fortificação do primeiro período experimental, moderno-manuelino (torres quadradas, hexagonais, circulares), que so-

to St John to the West, framed the expressive Islamic complex. Behind the *Misericórdia* was the Augustinian convent where, among other things, missions to the Persian court were prepared through language teaching. The monks who founded the Augustinian houses of Isfahan, Shiraz and Basra also left from there at the beginning of the 17th century. The relics of the queen-martyr Ketevan of Kakheti (Georgia) would have passed through from Shiraz before going to Goa, where they were buried in the respective monastery. We know nothing about the materiality of the hospital and those three Catholic sets. We do know, however, that the church of Our Lady of the Conception, which gave the fortress its name, was first installed in the tower erected at the western end of its front towards the city, appearing, in fact, in Gaspar Correia’s drawing. The keep was topped by the bell that King Manuel I had ordered to be taken from the church of the same name in Lisbon, of the Order of Christ, an act whose symbolism is evident. It is known, however, that around 1525, the church was reinstalled in its building, also inside the fortress, and the bell moved to one of the renovated towers of the original perimeter, as the central keep erected by Albuquerque, soon obsolete, was dismantled. The precarious materials (e.g., vegetal cover), the conversion into a mosque after 1622, and the subsequent abandonment of the fortress led to its disappearance.

There is no proven record of more Catholic facilities within the city, not least because the number of believers and the city’s environment would never have made them necessary. Like the other posts in the Gulf, Hormuz was never the object of Portuguese colonization policies. But the Portuguese marking of the territory and the landscape, or its Christianisation, was something else. Outside the city, in elevated positions suitable for small sanctuaries of multiple religions, there were those of Our Lady of Penha, Our Lady of Hope, and Saint Lucy, probably replacing Islamic structures. In the drawing of the *Lyvro de Plantaforma*, which represents the whole island, there appears to the southwest, facing the bay of Turumbaque, the reference to a fortified “quinta del’Rey,” (King’s Farm) that is, of the local king, which was in an oasis built from vegetal earth brought from the continent, and fed by the only three wells with only brackish water on the island. It also contains the toponym “Lardimira” extended over a considerable part of the island, a flat area with leisure spaces and an Islamic cemetery, with mausoleums of some monumentality.

On the reverse side of the difficulties in reconstructing the urban structure and landscape of Hormuz in its Portuguese century, quite a lot is known about the fortress, the main document being the ruins, as the sudden decadence of the city blocked its decharacterisation. Its composition resulted, as said before, from a succession of interventions aimed at keeping it up to date at a time when the evolution of military engineering was vertiginous. In the brief episode of 1507–1508, Afonso de Albuquerque promoted the construction of the keep, as mentioned earlier, a square in plan with a side of about 8 meters, but it did not go beyond the first of the three planned floors. He finished it when he returned in 1515, a campaign in which the entire perimeter surrounding it was completed according to Gaspar Correia’s design. It was, thus, a fortification of the first experimental period, modern-Manueline (square, hexagonal and circular towers), which was improved on the same conceptual basis (curvilinear bastions) →

freria melhorias de igual base conceptual (bastiões de recorte curvilíneo) em 1525–1528 e 1539–1540 e recebeu um primeiro fosso. Em 1558-1560 introduziram-se os baluartes angulares que, com alguns ajustes posteriores, estabilizaram a sua forma de *fortificação moderna*. Segue, aliás, o modelo experimentado em 1541 em Mazagão (El Jadida, Marrocos) e na sucessão-sobreposição de fases-tipos muitas outras, de que cumpre destacar Diu. Cada uma dessas reformas foi acrescentando área, pois quase sempre cada novo bastião ou baluarte surgiu maior sobre outro, ou à frente do existente. Assim chegou, à versão moderna, com perto de dois hectares, retratada no desenho à guarda da Biblioteca Nacional do Rio de Janeiro. Era uma das maiores fortalezas, que não cercaram uma urbe, erguidas pelos portugueses.

De facto, não continha uma cidade, mas integrava um conjunto de valências que, além da igreja matriz, incluía a casa do capitão e instalações para toda a guarnição militar de cerca de cinco centenas de homens. Para tudo isso, além da cisterna com abóbadas manuelinas e de algumas estruturas menores construídas com o mesmo fim em 1515, na última grande campanha foi construída uma outra de formato oval também abobadada. São os dois belos espaços da Ormuz portuguesa. Mesmos assim insuficientes, em termos funcionais. Não é plausível, como foi proposto há alguns anos, que a cisterna manuelina fosse, afinal, a igreja.

Apesar de muitos o terem declarado inexpugnável, igual sucedia com o aparatoso sistema defensivo, que incluía 70 peças de artilharia. Resistiu, de facto, a diversos ataques, sendo os de 1521 e 1552 de tal relevância que ditaram as principais reformas, ou seja, sempre reativa e não previamente. Mas já antes de 1622 surgiram relatos críticos, o que de forma alguma deslustra o esforço desenvolvido durante um século pelos mais destacados mestres pedreiros e engenheiros militares da coroa portuguesa na Ásia, que chegaram a dirigir equipas mistas que ultrapassaram o milhar de homens em estaleiro. As seis décadas decorridas desde a última grande campanha de obras não se compadeciam com as intervenções pontuais realizadas durante o difícil período da União Ibérica (1581–1640). Ambos os impérios eram grandes de mais e outras nações europeias, como no caso a Inglaterra, tinham entrado em campo. [Walter Rossa]

in 1525–1528 and 1539–1540 and received the first moat. In 1558-1560, the angular bastions were introduced, which, with some later adjustments, stabilized its form as a modern fortification. It follows the model tried out in 1541 in Mazagan (El Jadida, Morocco) and in the succession-overlap of phases-types many others, of which Diu must be highlighted. Each of these reforms added area, as almost always, each new bastion or stronghold appeared larger over another or in front of the existing one. This is how the modern version, covering almost two hectares, came to be, as shown in the drawing in the custody of the National Library of Rio de Janeiro. It was one of the largest fortresses, which did not surround a city, erected by the Portuguese.

In fact, it did not contain a town. Still, it integrated a set of facilities that, besides the main church, included the captain's house and facilities for the entire military garrison of about five hundred men. Besides the Manueline vaulted cistern already mentioned, and some smaller structures built for the same purpose in 1515, another oval-shaped vaulted cistern was built during the last great campaign. They are the two beautiful spaces of the Portuguese Hormuz. Even so, they are insufficient in functional terms. It is not plausible, as was proposed a few years ago, that the Manueline cistern was, after all, the church.

Although many had declared it impregnable, the same happened with the apparatus of the defensive system, which included 70 pieces of artillery. It did, in fact, resist several attacks, with those of 1521 and 1552 being of such relevance that they dictated the main reforms, i.e., always reactive and not prior. But even before 1622, critical reports appeared, which in no way detracts from the efforts made over a century by the most outstanding master masons and military engineers of the Portuguese Crown in Asia, who managed mixed teams that exceeded a thousand men on the building site. The six decades elapsed since the last major building campaign were no match for the one-off interventions carried out during the difficult period of the Iberian Union (1581–1640). Both empires were too big, and other European nations, such as England, had entered the field. [Walter Rossa]

Fortalezas de Quelba, Corfação e Mascate
 in Manuel Godinho de Erédia (?) – *Lyvro de plantaforma
 das fortalezas da Índia*
 Goa (?), c. 1610-1630
 Papel aguarelado
 58 x 42 cm
 Biblioteca da Fortaleza de São Julião da Barra (Portugal)
 Fortresses of Kalba, Khor Fakkan, Muscat
 in Manuel Godinho de Erédia – *Lyvro de plantaforma
 das fortalezas da Índia*
 Goa (?), c. 1610-1630
 Pen-and-ink and watercolor on paper
 58 x 42 cm
 Biblioteca da Fortaleza de São Julião da Barra (Portugal)

[27-28] →

A década de 1580 trouxe enormes mudanças ao Estado Português da Índia. Após o desaparecimento do rei D. Sebastião em Marrocos, em 1578, a coroa portuguesa foi reclamada e assumida dois anos depois pelo rei de Espanha, então Felipe II (e I de Portugal). A união das coroas ibéricas, que se iria manter até 1640, imediatamente trouxe inúmeras mudanças para Portugal. Uma dessas mudanças foi a maior organização e eficiência na administração do império ultramarino. O monarca espanhol e os seus conselheiros queriam saber com exatidão a verdadeira dimensão dos domínios portugueses no Oriente e a situação dos seus recursos humanos e materiais. A gestão de domínios imperiais tão vastos tinha de basear-se em informações precisas e atualizadas. A partir de Goa, foram enviados para Madrid numerosos relatórios detalhados, entre os quais se contavam diversos *livros de fortalezas*, isto é, extensos relatórios manuscritos contendo desenhos das principais fortalezas portuguesas no Oriente, complementados por detalhadas descrições desses redutos militares e das regiões onde se situavam.

Manuel Godinho de Erédia, um geógrafo e cartógrafo luso-malaio, nascido em Malaca, em 1563, e que em inícios do século XVII vivia em Goa, foi o autor das mais antigas coleções de planos de praças fortificadas portuguesas no Oriente que se conhecem. Em 1610, compilou um *Atlas* manuscrito, que hoje se conserva numa biblioteca do Rio de Janeiro e que é constituído por vinte fólios, com desenhos a aguarela de cidades costeiras indianas e também de sítios localizados em outras regiões asiáticas, e nomeadamente no Golfo, com levantamentos de Mascate e Ormuz. Na década seguinte, Erédia preparou um *Atlas Miscelânea*, de que hoje se desconhece o paradeiro, o qual incluía dezenas de mapas, quadros, planos e desenhos, e respetivos textos, abarcando todas as regiões que pudessem interessar à Coroa Ibérica, incluindo detalhadas informações sobre o Golfo.

As solicitações da Coroa Ibérica continuaram a chegar a Goa durante o governo do vice-rei D. Miguel de Noronha, que se estendeu de 1629 a 1635, pedindo descrições detalhadas de todas as costas, portos e cidades do *Estado da Índia*. A tarefa foi confiada a António Bocarro, que nascera em Portugal, em 1594, e estava na Índia desde 1615, onde desempenhava funções de cronista oficial e guardião do arquivo de Goa. Em resposta ao pedido do vice-rei, Bocarro preparou um longo *Livro das Plantas de todas as Fortalezas, Cidades e Povoações do Estado da Índia Oriental*. O trabalho era extremamente exaustivo, incluindo todo o género de informações interessantes e importantes sobre os estabelecimentos portugueses no Oriente, desde a África Oriental até à China.

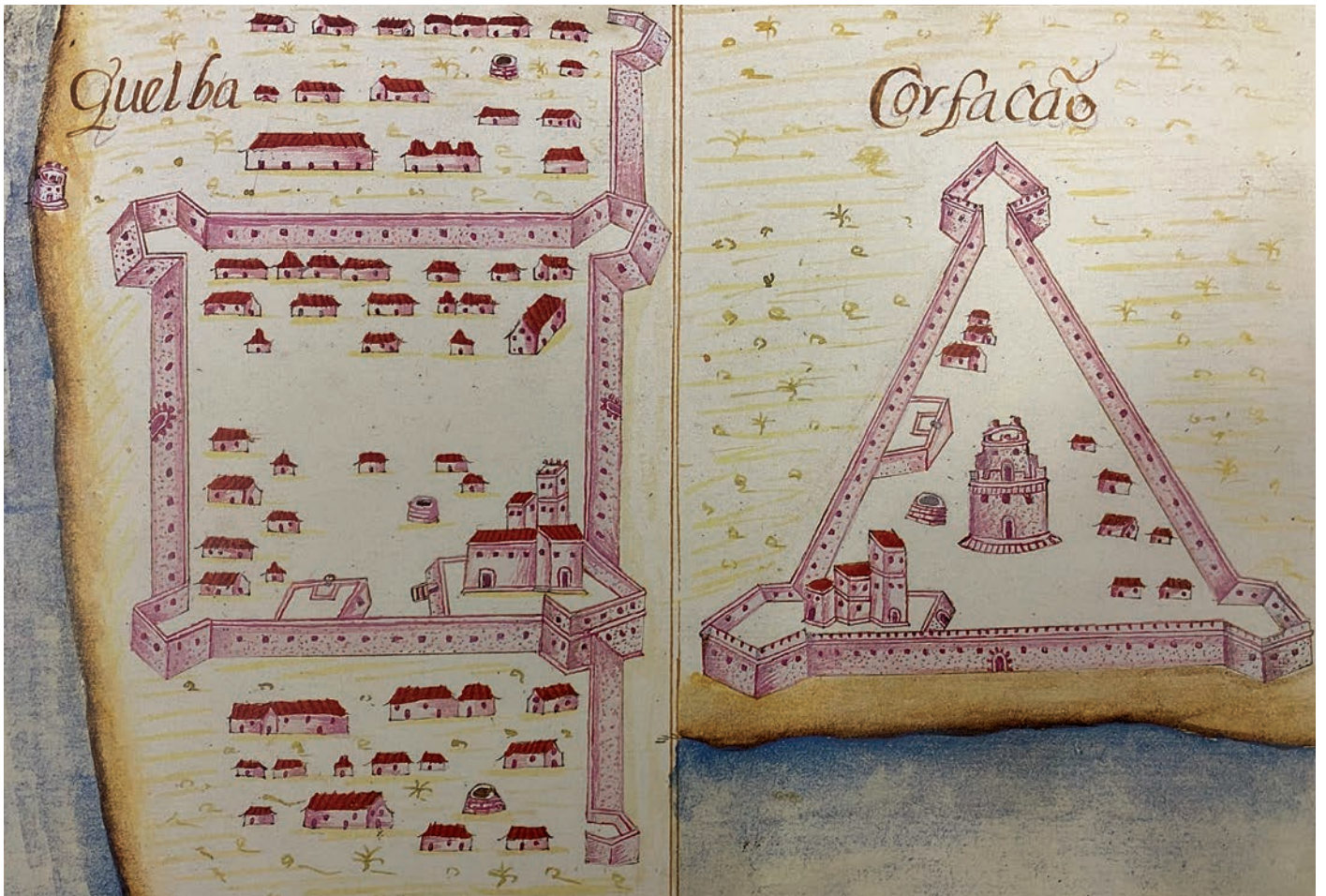
Os assuntos relativos ao Golfo eram devidamente contemplados, pois o Livro das Plantas incluía capítulos não só sobre a grande fortaleza de Mascate, que se tornara o centro das atividades dos portugueses depois de terem perdido a fortaleza de Ormuz em 1622, mas igualmente sobre as inúmeras fortificações de menores dimensões que se estendiam ao longo da costa sudeste da Península Arábica e que haviam sido recentemente construídas ou reforçadas. O relato do cronista português baseava-se em fontes locais, visto que fornecia detalhes minuciosos sobre todos os assuntos tratados, desde a condição das fortalezas e os recursos disponíveis em homens, artilharia e armamento, até aos rendimentos das alfândegas, passando pelas instituições mais importantes e por toda a orgânica das rotas

The 1580s brought enormous changes to the Portuguese Estado da Índia. After the disappearance of King Sebastian in Morocco, in 1578, the Portuguese crown was claimed and assumed two years later by the King of Spain, then Felipe II (and I of Portugal). The union of the Iberian crowns, which would remain active until 1640, immediately brought numerous changes to Portugal. One of these changes was the greater organization and efficiency in the administration of the overseas empire. The Spanish monarch and his advisers wanted to know exactly the true size of Portuguese dominions in the East and the situation of their human and material resources. The management of such vast imperial domains had to be based on accurate and up-to-date information. From Goa, numerous detailed reports were sent to Madrid, including several books on fortresses, that is, extensive handwritten reports containing drawings of the main Portuguese fortresses in the East, complemented by detailed descriptions of these military strongholds and the regions where they were located.

Manuel Godinho de Erédia, a Portuguese-Malay geographer and cartographer born in Malacca in 1563 and who lived in Goa at the beginning of the 17th century, was the author of the oldest known collections of plans of Portuguese fortresses in the East. In 1610, he compiled a manuscript *Atlas*, which today is preserved in a library in Rio de Janeiro and which consists of twenty folios, with water-colour drawings of Indian coastal cities and also of sites located in other Asian regions, namely in the Gulf, with surveys from Muscat and Hormuz. In the following decade, Erédia prepared an *Atlas Miscelânea*, whose whereabouts are unknown today, which included dozens of maps, charts, plans and drawings, and respective texts, covering all the regions that could interest the Iberian Crown, including detailed information about the Gulf.

Requests from the Iberian Crown continued to arrive in Goa during the government of Viceroy D. Miguel de Noronha, which lasted from 1629 to 1635, asking for detailed descriptions of all the coasts, ports, and cities of the *Estado da Índia*. The task was entrusted to António Bocarro, who was born in Portugal in 1594 and had been living in India since 1615, where he was the official chronicler and guardian of the Goa archive. In response to the Viceroy's request, Bocarro prepared a long *Livro das Plantas de todas as Fortalezas, Cidades e Povoações do Estado da Índia Oriental* ('Book of Plans of all the Fortresses, Cities and Villages of the *Estado da Índia Oriental*'). The work was extremely exhaustive, including all sorts of interesting and important information about Portuguese settlements in the East, from East Africa to China.

Matters relating to the Gulf were duly addressed, as the *Livro das Plantas* included chapters not only on the great fortress of Muscat, which had become the centre of Portuguese activities after they lost the fortress of Hormuz in 1622, but also on the numerous smaller fortifications that stretched along the south-eastern coast of the Arabian Peninsula and had recently been built or reinforced. The Portuguese chronicler's account was based on local sources, as it provided meticulous details on all the subjects dealt with, from the condition of the fortresses and the available resources in men, artillery, and armament, to the customs revenues, and the most important institutions and the mechanics of the most relevant maritime routes. Bocarro also provided information on local →



[27-28] →

marítimas mais concorridas. Bocarro fornecia também informações sobre os contextos políticos locais, e nomeadamente sobre a região do Omã, onde um poderoso imã conseguira a unificação de uma vasta confederação de tribos.

António Bocarro foi tão exaustivo que incluiu no seu *Livro das Plantas* várias dezenas de desenhos a aguarela das fortalezas que descrevia, bem como os retratos coloridos de 44 governadores e vice-reis do *Estado da Índia*. Não quis revelar o nome do seu valioso colaborador, mas fontes contemporâneas identificam-no como sendo Pedro Barreto de Resende, secretário de D. Miguel de Noronha. Não existem muitas informações biográficas sobre Barreto de Resende, exceto ter servido em Tânger durante alguns anos, antes de ter viajado para Goa e de ter regressado a Portugal em 1636. Durante a sua residência indiana, por simples curiosidade, colecionou documentos acerca do *Estado da Índia*, que ilustrou com desenhos a aguarela, representando não apenas fortalezas portuguesas na Ásia, mas também armadas da carreira da Índia e retratos dos governadores e vice-reis portugueses. Em 1635 concordou em emprestar os seus desenhos a António Bocarro, em troca da informação textual do cronista, e o nesse ano o *Livro das Plantas* completo foi enviado para Lisboa e Madrid, para os olhos do rei Filipe IV de Espanha (e III de Portugal).

Nele estavam representadas várias fortalezas portuguesas da região do Golfo, e nomeadamente as de Mascate, Quelba e Corfacão. O porto de Mascate tinha sido frequentado pelos portugueses desde as primeiras décadas do século XVI, mas apenas na década de 1580 ali tinham sido implantadas importantes fortificações, que complementavam estruturas defensivas previamente existentes. As fortalezas de Corfacão e de Quelba eram mais recentes, pois haviam sido edificadas ou consolidadas na década de 1620, depois da perda de Ormuz, quando os portugueses centraram as suas atividades em Mascate. Todos os desenhos de Barreto de Resende são em perspetiva cavaleira, elaborados com base em esboços realizados localmente e em informações recolhidas em Goa. Embora, por vezes, bastante incorretos relativamente aos modelos reais, os desenhos de Barreto de Resende decerto transmitiriam à Coroa Ibérica a informação necessária acerca da localização e características das fortificações portuguesas no sudeste da Península Arábica, assim como a escala das fortalezas em relação ao ambiente urbano circundante.

O álbum de texto e desenhos produzido em conjunto por António Bocarro e Pedro Barreto de Resende teve uma ampla circulação, foi muito usado e reproduzido, e muitas cópias de parte ou todo o seu conteúdo existem ainda em diversos arquivos europeus. O próprio Pedro Barreto produziu duas versões do *Livro do Estado da Índia*, em 1636-1638 depois de regressar a Portugal, supostamente para corrigir algumas das lacunas da versão de Bocarro. Por volta de 1640 compilou *O Lyvro da Plantaforma das Fortalezas da Índia*, cujo manuscrito hoje se conserva no Forte de São Julião da Barra, em Lisboa, no qual incluía, juntamente com os seus desenhos, textos preparados por Manuel Godinho de Erédia. Anos mais tarde, em 1646, Pedro Barreto de Resende prepararia uma outra versão, a que chamou *Livro do Estado da Índia Oriental*. Embora os textos sejam bastante diferentes, a iconografia parece basear-se nos mesmos modelos em perspetiva cavaleira, copiados vezes sem conta, com pequenas variações.

political contexts, notably on the Oman region, where a powerful imam had achieved the unification of a vast confederation of tribes.

António Bocarro was so exhaustive that he included in his *Livro das Plantas* several dozen water-colour drawings of the fortresses he described, as well as coloured portraits of 44 governors and viceroys of the *Estado da Índia*. He did not want to reveal the name of his valuable collaborator, but contemporary sources identify him as Pedro Barreto de Resende, secretary of D. Miguel de Noronha. There is not much biographical information about Barreto de Resende, except that he served in Tangier for a few years, before traveling to Goa and returning to Portugal in 1636. During his Indian residence, out of simple curiosity, he collected documents about the *Estado da Índia*, which he illustrated with water-colour drawings, representing not only Portuguese fortresses in Asia, but also fleets from the career of India, and portraits of Portuguese governors and viceroys. In 1635 he agreed to lend his drawings to António Bocarro, in exchange for the chronicler's textual information, and in that year the complete *Livro das Plantas* was sent to Lisbon and Madrid, for the eyes of King Philip IV of Spain (and III of Portugal).

In it were represented several Portuguese fortresses in the region of the Gulf, namely those of Muscat, Kalba and Khawr Fakkan. The port of Muscat had been frequented by the Portuguese since the first decades of the 16th century, but it was only in the 1580s that important fortifications were installed there, which complemented previously existing defensive structures. The fortresses of Khawr Fakkan and Kalba were more recent, as they had been built or consolidated in the 1620s, after the loss of Hormuz, when the Portuguese centred their activities in Muscat. All of Barreto de Resende's drawings are bird's eye views, based on sketches made locally and on information collected in Goa. Although sometimes quite incorrect in relation to the real models, Barreto de Resende's drawings would certainly convey to the Iberian Crown the necessary information about the location and characteristics of Portuguese fortifications in the southeast of the Arabian Peninsula, as well as the scale of the fortresses in relation to the surrounding urban environment.

The album of text and drawings produced jointly by António Bocarro and Pedro Barreto de Resende had a wide circulation, was widely used and reproduced, and many copies of part or all of its content still exist in several European archives. Pedro Barreto himself produced two versions of the *Livro do Estado da Índia* in 1636-1638, after returning to Portugal, supposedly to correct some of the gaps in Bocarro's version. Around 1640 he compiled *O Lyvro da Plantaforma das Fortalezas da Índia* ('The Book of the Plans of the Fortresses of India'), a manuscript that is now preserved in the Forte de S. Julião da Barra, in Lisbon, which included, along with his drawings, texts prepared by Manuel Godinho de Erédia. Years later, in 1646, Pedro Barreto de Resende would prepare another version, which he titled *Livro do Estado da Índia Oriental* ('Book of the State of East India'). Although the texts are quite different, the iconography appears to be based on the same bird's-eye views, copied over and over, with minor variations.

A critical edition of the copy kept in the Évora Public Library of the work of António Bocarro and Pedro Barreto de Resende, prepared by Isabel Cid, was published in Lisbon in 1992 (*O Livro das Plantas de Todas* →



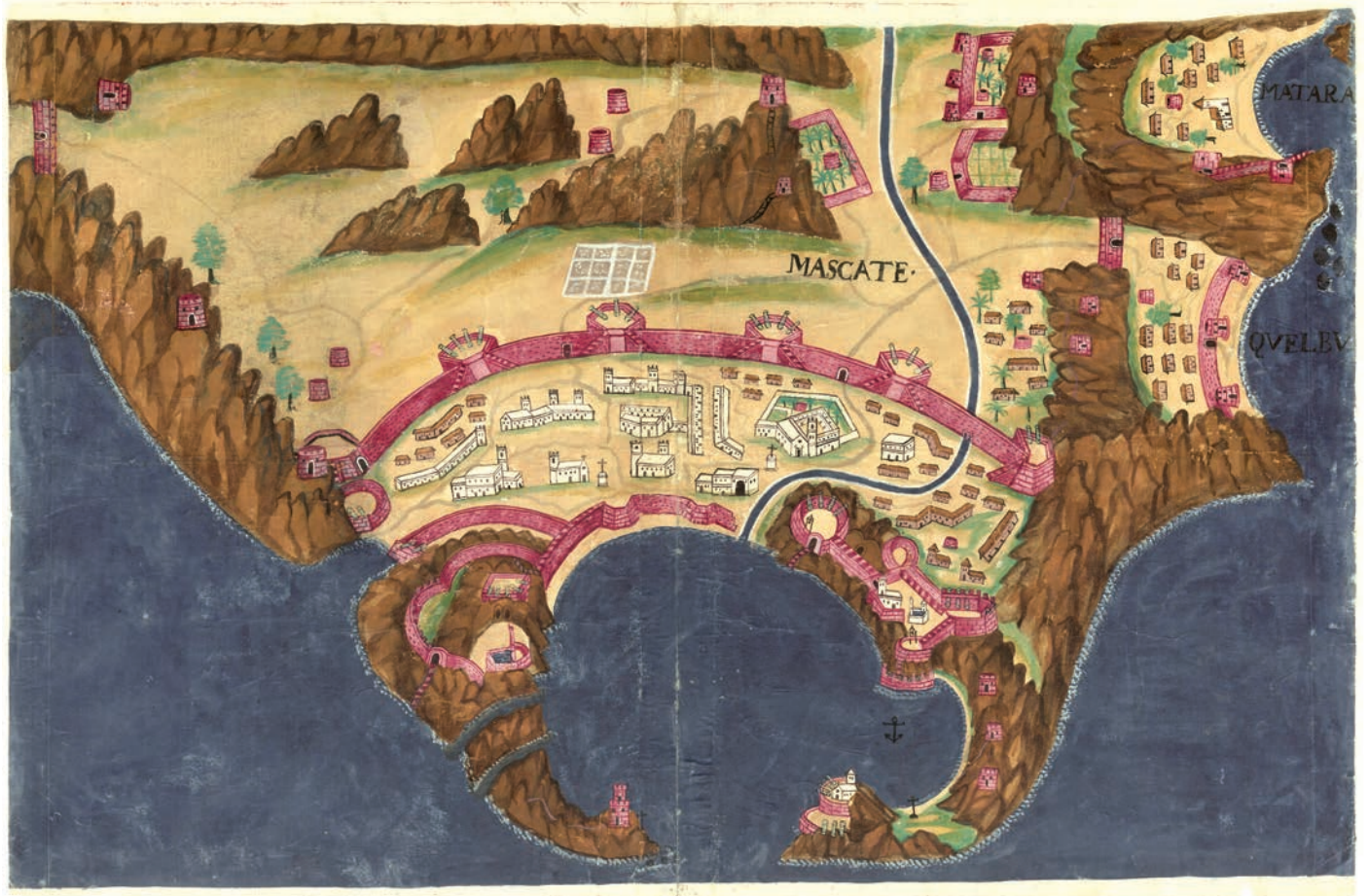
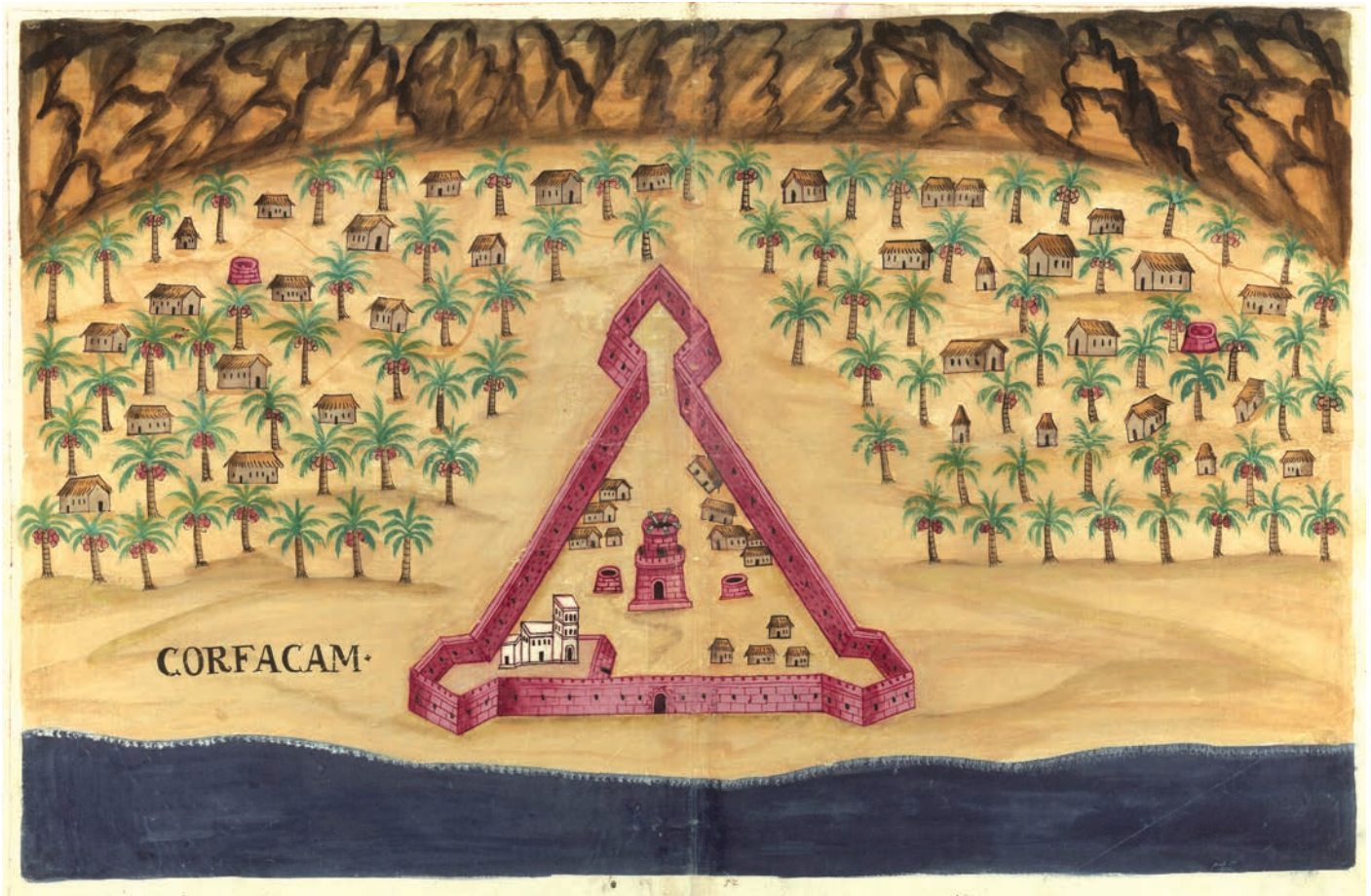
Fortalezas de Quelba, Corfação e Mascate
in António Bocarro — *O Livro das Plantas de todas as
Fortalezas, Cidades e Povoações do Estado da Índia Oriental*
Goa (India), c. 1635
Papel aguarelado
60 x 40,5 cm
Biblioteca Pública de Évora (Portugal), CXV/2-1
Fortresses of Kalba, Khor Fakkan, Muscat
in António Bocarro — *O Livro das Plantas de todas as
Fortalezas, Cidades e Povoações do Estado da Índia Oriental*
Goa (India), c. 1635
Pen-and-ink and watercolor on paper
60 x 40,5 cm
Biblioteca Pública de Évora (Portugal), CXV/2-1

[27-28] →

Uma edição crítica da cópia conservada na Biblioteca Pública de Évora da obra de António Bocarro e Pedro Barreto de Resende, preparada por Isabel Cid, foi publicada em Lisboa em 1992 (*O Livro das Plantas de Todas as Fortalezas, Cidades e Povoações do Estado da Índia Oriental de António Bocarro: Estudo Histórico, Codicológico e Paleográfico*), enquanto uma edição fac-similada da obra compósita de Manuel Godinho de Erédia e Pedro Barreto de Resende foi publicada em Lisboa em 1999, com um estudo introdutório de Rui Carita (*O Livro da Plantaforma das Fortalezas da Índia da Fortaleza de São Julião da Barra*). [Rui Manuel Loureiro]

as Fortalezas, Cidades e Povoações do Estado da Índia Oriental de António Bocarro: Estudo Histórico, Codicológico e Paleográfico), while a facsimile edition of the composite work by Manuel Godinho de Erédia and Pedro Barreto de Resende was published in Lisbon in 1999, with an introductory study by Rui Carita (*O Livro da Plantaforma das Fortalezas da Índia da Fortaleza de São Julião da Barra*). [Rui Manuel Loureiro]

Fortalezas de Quelba, Corfação e Mascate
in António Bocarro — *O Livro das Plantas de todas as Fortalezas, Cidades e Povoações do Estado da Índia Oriental*
Goa (India), c. 1635
Papel aguarelado
60 x 40,5 cm
Biblioteca Pública de Évora (Portugal), CXV/2-1
Fortresses of Kalba, Khor Fakkan, Muscat
in António Bocarro — *O Livro das Plantas de todas as Fortalezas, Cidades e Povoações do Estado da Índia Oriental*
Goa (India), c. 1635
Pen-and-ink and watercolor on paper
60 x 40,5 cm
Biblioteca Pública de Évora (Portugal), CXV/2-1



O Arquivo Nacional da Torre do Tombo, em Lisboa, conserva nas suas coleções uma miscelânea manuscrita, integrada na chamada *Coleção de São Vicente*, que inclui textos variados, assim como diversas ilustrações, maioritariamente do século XVI. A parte final do códice é composta por uma cópia do famoso *Roteiro de Goa a Diu*, que D. João de Castro redigiu durante a viagem que efetuou em 1538 desde a capital do *Estado da Índia* até à fortaleza portuguesa do litoral do Guzerate. A cidadela de Diu encontrava-se então cercada por uma confederação de forças indianas, que incluía também um importante contingente otomano, comandado por Hadim Suleiman Pasha. D. Garcia de Noronha, vice-rei do *Estado da Índia*, organizou a partir de Goa uma armada de socorro, que acabaria por libertar a fortaleza portuguesa e derrotar as forças inimigas.

O fidalgo português D. João de Castro estanciou uma primeira vez no Oriente entre 1538 e 1542, e mais tarde regressaria para assumir o cargo de governador do *Estado da Índia*, entre 1545 e 1548. Durante o seu primeiro período oriental, Castro preparou três roteiros muito detalhados sobre as diversas viagens marítimas que efetuou, os quais na época permaneceram manuscritos, embora conhecendo alguma circulação: um *Roteiro de Lisboa a Goa*, que descrevia a viagem que efetuou em 1538; o já referido *Roteiro de Goa a Diu*; e um *Roteiro do Mar Roxo*, descrevendo a grande expedição organizada por D. Estêvão da Gama em 1540-1541, durante a qual os navios portugueses entraram no Mar Vermelho e chegaram até Suez.

Os roteiros de Castro, repletos de pormenores técnicos sobre ventos, correntes, singraduras, ancoradouros, fauna e flora marinha, fenómenos naturais e instrumentos náuticos, continham também ilustrações representando sobretudo os principais portos visitados. Cada ilustração apresentava uma vista de um dado porto, com pormenores sobre a topografia e hidrografia respetivas, bem como sobre as principais edificações e marcos topográficos assinaláveis, incluindo ainda desenhos das mais variadas embarcações europeias e orientais. Não é improvável que D. João de Castro fosse o autor dos desenhos originais, que depois foram reproduzidos em sucessivas cópias; mas também poderia ter trabalhado com a ajuda de algum desenhador experimentado.

A cópia do *Roteiro de Goa a Diu* que se conserva na Torre do Tombo inclui na última folha uma curiosíssima planta em perspetiva das ilhas de Bahrain (ou Barém), no Golfo, um local que, tanto quanto é possível apurar, D. João de Castro nunca visitou. Contudo, as características desta planta são absolutamente idênticas às das ilustrações de outros portos que integram o mesmo *Roteiro*. É impossível apurar de que forma a planta de Bahrain foi incorporada no códice manuscrito da Torre do Tombo, mas pela análise do respetivo conteúdo é possível determinar que terá sido desenhada em finais da década de 1550. O desenhador adotou o mesmo estilo das ilustrações dos roteiros de D. João de Castro, representando uma fortaleza, edifícios de habitação, um edifício que poderá ser uma mesquita, diversos palmeirais e algumas embarcações.

Os portugueses mostraram interesse por Bahrain desde os primeiros anos de século XVI, pois era sabido que neste arquipélago se localizavam importantes pesqueiros perliíferos. Assim, a partir do estabelecimento de um protetorado português sobre a ilha e reino de Ormuz em 1515, por ação de Afonso de Albuquerque, as ilhas de Bahrain, tradicionalmente dependentes dos soberanos ormuzinos, passaram a estar na órbita do *Estado da Índia*. Mas as relações entre os capitães portugueses da fortaleza

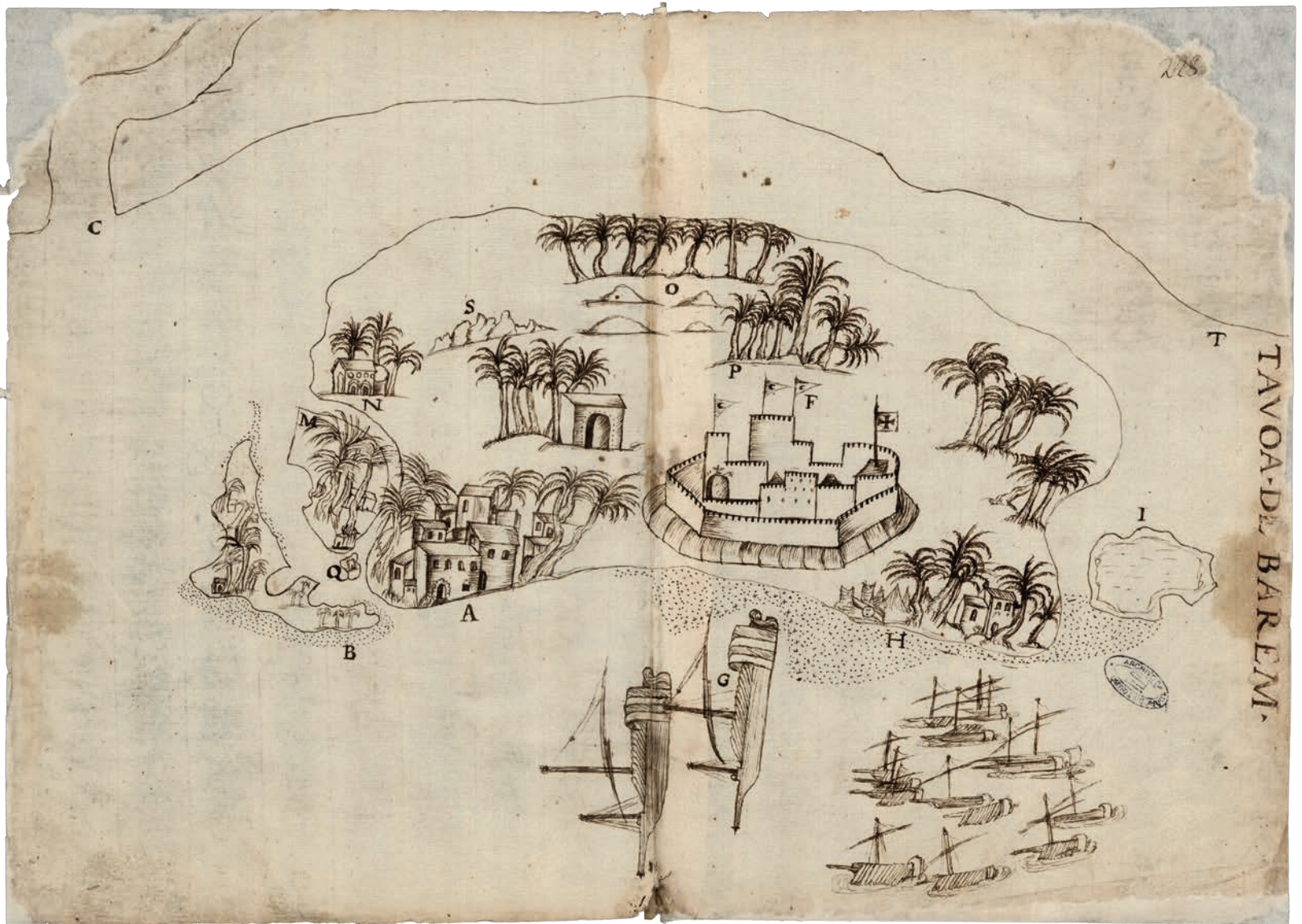
The National Archive of Torre do Tombo, in Lisbon, holds in its collections a manuscript miscellany, integrated in the so-called *São Vicente Collection*, which includes various texts, as well as several illustrations, mostly from the 16th century. The final part of the codex is composed of a copy of the famous *Rutter from Goa to Diu*, which João de Castro wrote during the journey he made in 1538 from the capital of the *Estado da Índia* (Portuguese State of India) to the Portuguese fortress on the coast of Gujarat. The citadel of Diu was then under siege by a confederation of Indian forces, which also included an important Ottoman contingent, commanded by Hadim Suleiman Pasha. Garcia de Noronha, viceroy of the *Estado da Índia*, organized a relief expedition from Goa, which would eventually free the Portuguese fortress and defeat the enemy forces.

The Portuguese nobleman João de Castro live for the first time in Asia between 1538 and 1542, and would later return to assume the position of governor of the *Estado da Índia*, between 1545 and 1548. During his first oriental period, Castro prepared three very detailed rutters about the various sea voyages he accomplished, which at the time remained unedited, although with some manuscript circulation: a *Rutter from Lisbon to Goa*, which described the voyage he made in 1538; the aforementioned *Rutter from Goa to Diu*; and a *Rutter of the Red Sea*, describing the great expedition organized by Estêvão da Gama in 1540-1541, during which Portuguese ships entered the Red Sea and reached Suez.

Castro's rutters, filled with technical details about winds, currents, sailings, anchorages, marine fauna and flora, natural phenomena, and nautical instruments, also contained illustrations representing mainly the main ports visited. Each illustration presented a view of a given port, with details on the respective topography and hydrography, as well as on the main buildings and notable topographic landmarks, including drawings of the most varied European and Eastern vessels. It is not unlikely that João de Castro was the author of the original drawings, which were later reproduced in successive copies; but he could also have worked with the help of some experienced draftsman.

The copy of the *Rutter from Goa to Diu* that is kept at the Torre do Tombo includes on the last folio a very curious map in perspective of the islands of Bahrain, in the Gulf, a place that, as far as it is known, João de Castro never visited. However, the characteristics of this map are absolutely identical to the illustrations of other ports that are part of the same *Rutter*. It is impossible to ascertain how the Bahrain map was incorporated into the manuscript codex of the Torre do Tombo, but by analysing its contents it is possible to determine that it was drawn in the late 1550's. The draftsman adopted the same style as the illustrations by João de Castro, representing a fortress, residential buildings, a building that could be a mosque, several palm groves and some boats.

The Portuguese showed an interest in Bahrain from the early years of the 16th century, as it was known that important pearl fisheries were located in this archipelago. Thus, after the establishment of a Portuguese protectorate over the island and kingdom of Hormuz in 1515, by the action of Afonso de Albuquerque, the islands of Bahrain, traditionally dependent on the Hormuzi rulers, became part of the interests of the *Estado da Índia*. But relations between the Portuguese captains of the fortress of Hormuz and the governors of Bahrain were not always easy, as the latter always sought to exempt themselves from paying tribute. The Portuguese →



Planta das ilhas de Barém

Portugal (?), c. 1560

Manuscrito sobre papel

28,5 x 20,8 cm

Arquivo Nacional da Torre do Tombo (Lisboa),
Colecção de São Vicente, Livro 15, fl. 287v-288r.

Representation of Bahrein

Portugal (?), c. 1560

Pen-and-ink and watercolor on paper

28,5 x 20,8 cm

Arquivo Nacional da Torre do Tombo (Lisbon),
Colecção de São Vicente, Livro 15, fl. 287v-288r.

de Ormuz e os governadores de Bahrain nem sempre foram fáceis, já que estes últimos sempre se procuraram eximir ao pagamento de tributos. Os portugueses enviaram durante a primeira metade do século XVI diversas expedições navais a Bahrain. Em 1514, Pêro de Albuquerque comandou uma primeira visita de reconhecimento; em 1520–1521, uma outra armada visitou o arquipélago, sob o comando de António Correia (mais tarde conhecido como ‘Baharen’), que se envolveu em confrontos com Muqrin ibn Zamil, o governador local; em 1529, teve lugar a malograda expedição de Simão da Cunha, que, apesar de ter desembarcado nas ilhas do arquipélago, veio a falecer no regresso a Ormuz, juntamente com uma grande parte dos expedicionários. Documentos da época que se referem a estas expedições dão notícia da existência no arquipélago de uma fortificação árabe, situada precisamente na ilha de Bahrain.

Em meados da década de 1550, o Império Otomano, que desde 1546 controlava o porto de Basra (Baçora), ocupou também a região de al-Hasa, na costa árabe fronteira a Bahrain. E terá sido esta ameaça direta do poder otomano face aos interesses do *Estado da Índia*, concretizada no cerco levantado a Bahrain por Mustapha Pasha em 1559, que motivou a expedição portuguesa comandada por D. Antão de Noronha, em auxílio de Djalal al-din Murad Mahmud, que então governava o arquipélago. As forças portuguesas lograram afastar a ameaça otomana, datando deste período a consolidação da fortaleza de Bahrain por Inofre de Carvalho. O arquiteto português, que fazia parte da força expedicionária oriunda de Ormuz, ao longo de 1560 dirigiu os trabalhos de consolidação da fortaleza de acordo com as mais atualizadas teorias arquitetónicas europeias. A partir de então, a fortaleza de Bahrain manteve uma guarnição portuguesa, transformando-se num importante bastião do *Estado da Índia* no Golfo, até 1602, data da conquista do arquipélago pelas forças de Abbas I, xá da Pérsia.

A planta de Bahrain da Torre do Tombo tem sido datada de 1538–1539, por analogia com as restantes ilustrações do roteiro de D. João de Castro onde está inserida. Mas é provável que seja mais tardia, e que date de 1560, pois numa das suas torres aparece uma bandeira com a cruz de Cristo. E a ocupação portuguesa da fortaleza só foi efetiva a partir da reconstrução orientada por Inofre de Carvalho. O facto de esta planta coincidir com a descrição textual apresentada por João de Barros na sua *Ásia — Década IV*, no contexto da expedição de Simão da Cunha a Bahrain em 1529, não invalida a datação aqui proposta, pois é sabido que o cronista português ainda trabalhava nesta sua obra na década de 1560, e que a mesma só seria publicada postumamente em Madrid, em 1615. [Rui Manuel Loureiro]

during the first half of the 16th century sent several naval expeditions to Bahrain. In 1514, Pêro de Albuquerque commanded a first reconnaissance visit; in 1520–1521, another armada visited the archipelago, under the command of António Correia (later known as ‘Baharen’), who engaged in clashes with Muqrin ibn Zamil, the local governor; in 1529, the unsuccessful expedition of Simão da Cunha took place, who, despite having landed on the islands of the archipelago, died on his way back to Hormuz, along with a large part of the members of the expedition. Documents from the time that refer to these expeditions give news of the existence in the archipelago of an Arab fortification, located precisely on the island of Bahrain.

In the mid-1550’s, the Ottoman Empire, which since 1546 had controlled the port of Basra, also occupied the region of al-Hasa, on the Arab coast confronting Bahrain. And it was this direct threat from the Ottoman power against the interests of the *Estado da Índia*, materialized in the siege of Bahrain raised by Mustapha Pasha in 1559, which motivated the Portuguese expedition commanded by Antão de Noronha, in aid of Djalal al-din Murad Mahmud, who then ruled the archipelago. The Portuguese forces managed to ward off the Ottoman threat, dating from this period the consolidation of the Bahrain fortress by Inofre de Carvalho. The Portuguese architect, who was part of the expeditionary force from Hormuz, throughout 1560 directed the work to consolidate the fortress in accordance with the most up-to-date European architectural theories. From then on, the fortress of Bahrain maintained a Portuguese garrison, becoming an important bastion of the *Estado da Índia* in the Gulf, until 1602, the date of the conquest of the archipelago by the forces of Abbas I, Shah of Persia.

The Bahrain plan of the Torre do Tombo has been dated from 1538–1539, by analogy with the remaining illustrations of the rutter of João de Castro where it is inserted. But it was probably drawn later, dating from 1560, as one of its towers shows a flag with the cross of Christ. And the Portuguese occupation of the fortress was only effective after the reconstruction guided by Inofre de Carvalho. The fact that this plant coincides with the textual description presented by João de Barros in his *Asia — Decade IV*, in the context of Simão da Cunha’s expedition to Bahrain in 1529, does not invalidate the dating proposed here, as it is known that the Portuguese chronicler had not finished his work in the 1560’s, and that it would only be published posthumously in Madrid, in 1615. [Rui Manuel Loureiro]

A antiga fortificação, que os portugueses chamaram Quelba e os povos árabes Khor Kalba, ocupava área de planície arenosa, a leste das montanhas Hajar, hoje em exclave do Emirado de Sharjah, na costa nordeste da Península Arábica, correspondendo ao limite do Golfo de Omã, no noroeste do Oceano Índico.

O arqueossítio localiza-se nos limites da actual cidade de Kalba, uma das urbes costeiras orientais dos Emirados Árabes Unidos, perto da fronteira com o sultanato de Omã.

A fortaleza de Kalba e a povoação foram tomadas por Gaspar Leite em março de 1624, segundo António Bocarro (1646, fls. 138, 139), seguindo ordens do capitão-mor de Ormuz, Rui Freire de Andrade.

Aquele acontecimento reflete a estratégia económica e militar desenvolvida pelos portugueses no Golfo Arábico e zonas próximas, neste caso justificada pela reconquista da Ilha de Ormuz em maio de 1622, uma vez que Kalba estava sob o domínio do seu sultão, como é mencionado em texto de Manuel Godinho de Herédia (ca 1625). Kalba era então governada por Casmí, “um mouro de grande fama”, certamente, antepassado do atual emir de Sharjah, e, tanto quanto se sabe, não terá havido confronto direto.

Os portugueses edificaram um novo forte, com pequenas dimensões e por certo que, sobretudo, com as funções de entreposto comercial, perto de Kalba, em Khor Kalba. Até onde as informações literárias e arqueológicas permitem concluir, o período de soberania daqueles não durou mais de duas décadas.

A proximidade do forte de Quelba/Khor Kalba da beira-mar e nomeadamente tanto junto ao oceano Índico como ao rio Kalba, permitindo ancorar embarcações, constituía ponto de apoio à sua navegação, principalmente durante a época das monções, tanto mais que o local dispunha de água potável e era propício à interação comercial, explica a sua construção. Tal como aconteceu em outras zonas costeiras vizinhas, o novo edifício seguiu as antigas regras de localização, estabelecidas por Diogo Lopes de Sequeira e datadas de 1508.

As campanhas de escavação efectuadas entre 2017–2020 em Quelba/Khor Kalba, pela Missão Arqueológica Portuguesa, com o apoio da Autoridade Arqueológica de Sharjah e do Instituto de Arqueologia e Paleociências (Universidade NOVA de Lisboa), conduziram à descoberta dos vestígios do há muito desaparecido forte português. Este foi arrasado ao nível do solo, tendo sido possível determinar que possuía planta de forma quase quadrangular, medindo cada lado aproximadamente 50 m, orientados, grosso modo, norte-sul e este-oeste, estando defendido por torre de planta circular no canto sudeste, com 8 m de diâmetro. O canto sudoeste apresentaria, provavelmente, torre com forma e tamanho semelhantes aos daquela. As muralhas tinham 2,60 m de espessura desconhecendo-se se existia parapeito, tendo sido construídas em taipa, sobre fundações de pedra de coral e argamassa de cal, e talvez tivessem as superfícies rebocadas. Este tipo expedito de processo construtivo, também utilizado nas torres angulares, tem longa tradição em diferentes continentes, nomeadamente no Próximo Oriente, que persistiu até à Idade Moderna e mesmo mais tarde, sendo muito usado pelos portugueses. A entrada principal no forte abria para sul, onde foram encontrados elementos de construção, de pedra de coral e de outras qualidades, com grandes dimensões, ou as suas marcas, correspondentes às fundações das paredes. No exterior do alicerce da muralha a sul foi detectada camada abundante de conchas, depositada pelas marés,

The ancient fortification that the Portuguese named Quelba and the Arab peoples Khor Kalba, occupied a flat sandy area, east of the Hajar Mountains, in what is now an exclave of the Sharjah Emirate, on the north-eastern shore of the Arabian Peninsula, corresponding to the edge of the Oman Gulf, in the north-western Indian Ocean.

The archaeological settlement is today located in the limits of the Kalba city, one of the eastern coastal towns of the United Arab Emirates, close to the Oman Sultanate border.

The Kalba fortress and the settlement, was taken by Gaspar Leite in March 1624, according to António Bocarro (1646, fls. 138, 139), following the orders of the Major Captain of Hormuz, Rui Freire de Andrade.

That event reflects the economic and military strategy developed by the Portuguese in the Arabian Gulf and surrounding areas, in this case justified by the reconquer of Hormuz Island in May 1622, since Kalba was under the dominion of its sultan, as it is mentioned in a text by Manuel Godinho de Herédia (ca 1625). He says that Kalba was governed by Casmí, ‘a Moor of great fame’, perhaps, an ancestor of the current emir of Sharjah, and, to the best of our knowledge, there was no direct confrontation (on the word *Moor*, it was the designation given by the Portuguese to the Muslim peoples from North Africa, Levant, Arabian Peninsula and India. The word derives from the North African region named Mauritania and was used first by the Romans (*maurus*).

The Portuguese built a new fort, with small dimensions and, certainly, with the functions of trading post, near Kalba at Khor Kalba. As far as the literary and archaeological information’s allow to conclude, that his sovereignty period was maintained only for no more than two decades.

Quelba/Khor Kalba’s proximity to the seashore, the Indian Ocean and the Kalba Creek, allowed for the anchorage of vessels, constituted a support point for their navigation, mainly during monsoons season, as the site had fresh clean water and was conducive to commercial interaction, thus explaining this erection. Has it has occurred with other places at the coastal overseas areas, the new building follows the old rulings set established by Diogo Lopes de Sequeira and dated 1508.

The 2017–2020 excavation campaigns in Quelba/Khor Kalba by the Portuguese Archaeological Mission, with the support of the Sharjah Archaeology Authority, and the Institute of Archaeology and Palaeosciences (NOVA University of Lisbon), led to the discovery of the remains of the long gone fort Portuguese. It was raised to ground level, and was possible to determine that he had an almost-square plan, each side measuring approximately 50 m, oriented roughly north-south and east-west, defended by a circular plan tower in the southeast corner, with 8 m in diameter. The southwestern corner would also probably present a tower with a similar shape and size. The ramparts had 2.60 m thick, and were built with rammed earth, coral stones on the foundations, and lime mortar, perhaps with plastered faces. We do not know if there was a parapet walk added. This kind of expeditious building process, also used in the angle towers, has a long tradition in different continents, namely in Near East, which persisted up until the Modern Age and even later, very used by the Portuguese. The main entrance was open to the south, were we have found built elements, like coral and other stones large sized blocks, or his impressions, corresponding to the foundations of walls. Outside the south foundation wall an abundant layer of shells was found, which derived from tides deposits, aspect corroborated by the local tradition that states that →

aspecto corroborado pela tradição local que ainda hoje afirma que o antigo forte era frequentemente invadido pelas águas oceânicas, o que levaria à sua deslocação, para local não muito afastado e onde se mantém.

Não sobreviveu nenhum vestígio da casa do capitão ou de outras estruturas aéreas significativas. No interior da taipa das paredes foram encontrados fragmentos de cerâmica, algumas do século XVII, que nos fornecem importantes pistas cronológicas, suportando a origem portuguesa do forte de Khor Kalba, possivelmente erguido sob as ordens de Gaspar Leite em *ca* 1624.

Durante as escavações arqueológicas, foram postos à vista, restos de pavimentos feitos com gesso ou cal, contendo por vezes pequenos seixos, tanto no interior como no exterior das muralhas da fortificação, mas nas suas proximidades, e tanto no seu lado oriental como no lado sul. Estes são horizontais, com superfícies planas, repousando nas areias que correspondem ao antigo nível habitado, mostrando buracos de postes, alguns constituindo alinhamentos, por vezes dispostos em paralelo. Eles denunciam a existência de casas, edificadas com troncos e ramos de palmeira tamareira (*arish*), espécie muito comum na zona e de grande importância económica.

Tais casas (*barasti*) teriam plantas retangulares, as maiores com 5 m a 6 m de comprimento no eixo principal, encontrando-se principalmente orientadas este-oeste, sendo idênticas às estruturas habitacionais, construídas da mesma forma e utilizadas até meados do século passado, nomeadamente por populações de pescadores da costa de Kalba.

Identificaram-se pavimentos idênticos no forte português de Libédia/Bidyah (Emirato de Fujairah), também construído na costa, sob as ordens de Mateus de Seabra (1623), com taipa e dimensões semelhantes às do antigo forte de Quelba/Khor Kalba.

Na área interior do forte Quelba/Khor Kalba, encontrou-se poços, com boca redonda, restos de quatro fornos (*tannūr-s*), construídos com pedras e terra, um deles reutilizando grande pote de cerâmica, e dezanovelareiras. A morfologia destas pequenas estruturas de combustão, em fossa, variava, refletindo as suas funções, uma vez que podem corresponder a pontos de iluminação e aquecimento ou a locais onde os alimentos eram cozinhados e consumidos.

O conteúdo principal daslareiras é obviamente areia queimada, mas também foram encontrados pequenos fragmentos de cerâmica, peças osteológicas de mamíferos, peixes e crustáceos, assim como conchas de moluscos, em alguns deles, revelando a sua função na preparação de refeições.

Foi identificadapequena depressão escavada no solo, utilizada como lixeira, contendo vários artefactos ou fragmentos descartados, de cerâmica, vidro, pedra e metálicos, nomeadamente moeda safávida de bronze, alfinete de cabelo e fragmento de espeto, também de bronze, contas de concha, ossos de pequenos mamíferos, de peixes e conchas de moluscos.

Os restos de recipientes de cerâmica encontrados na zona do forte têm diversificadas origens, características e formatos diferentes, desde panelas, jarros para água e taças, produzidos em oficinas locais ou regionais, até peças vidradas importadas do Omã e Irão ou porcelana da China. Foram também exumadas fusaiolas e marcas de jogo de cerâmica, pequeno queimador de incenso, de bronze, contas, de vidro e concha, fragmentos de pulseiras, de aplicadores de *kohl* e de garrafas de vidro.

O abundante espólio recuperado, além de oferecer importante cronologia, situada nos séculos XVII-XVIII, também revela forte interação comercial e fluidez cultural, por certo onde se terão privilegiado as rotas marítimas. [Rosa Varela Gomes, Mário Varela Gomes, Rui Carita]

the old fortress was frequently invaded by the Ocean's waters, which led to its replacement, to a place not too far away, where it remains.

No remains of the captain's house or from other significant aerial structures survived. Inside the walls' rammed earth, some 17th century ceramic sherds were found and they provide us important chronological clues, supporting the Portuguese origin of the Khor Kalba fort, possibly made under the orders of Gaspar Leite *ca* 1624.

During the archaeological excavations, the remains of plaster floors made with gypsum or lime, and sometimes containing small pebbles, were put into view, both inside and outside the fortification wall remains, in its vicinity, on its eastern and southern sides. They are horizontal, with plain surfaces, resting on the sands that correspond to the ancient habitable level, and showing postholes, some constituting alignments, sometimes arranged in parallel. They denounce the existence of houses, made of logs and branches of the date-palm trees (*arish*), a very common species in the area and of great economic importance.

Such houses (*barasti*) would have rectangular plans, the biggest with 5 m to 6 m in main axis length, appearing mainly oriented east-west, being identical to housing structures, built in the same way and used until the middle of the last century, namely by fishing populations from the coast of Kalba.

Plastered floors were found at Libédia/Bidyah Portuguese fort (Fujairah Emirate), also built in the shore, under the orders of Mateus de Seabra (1623), with rammed earth and displaying similar dimensions than the ancient Quelba/Khor Kalba fort.

At the Quelba/Khor Kalba fort inner area, we found a round mouth well, the remains of four ovens (*tannūr-s*), made of stones and earth and reusing a large ceramic jar, and nineteen fireplaces. The morphology of these small pit structures varies, reflecting their functions, as they can correspond to lighting and heating spots or to places where food was cooked and consumed.

The main content of the fireplaces are obviously burned sand, but small ceramic sherds are also frequent, mammal, fish and crustacean osteological pieces, as mollusc valves are also present in some of them, denouncing his function in the preparation of meals.

A small dug soil depression, used as refuse pit was found, containing several discarded artefacts or fragments made in ceramic, glass, stone and metal, namely a Safavid bronze coin, a hair pin and a spit fragment, also in bronze, shell beads, bones of small mammals and fishes, as well as mollusc shells.

The ceramic vessel sherds found in the fort area have diversified origins forms and characteristics, from cooking pots, water jars and bowls, produced in local or regional workshops, to imported ceramics from Oman and Iran, to China porcelains. Ceramic whorls, discoid game pieces, a bronze incense burner, glass and shell beads, bracelets, kohl applicators and bottle fragments were also found.

The abundant artefactual collection recovered, in addition to offering an important chronology, located in the 17th–18th centuries, also reveals a strong commercial interaction and cultural fluidity, where the maritime routes would have been privileged. [Rosa Varela Gomes, Mário Varela Gomes, Rui Carita]



30

Maquete do forte de Quelba/Khor Kalba

Projeto: Rosa Varela Gomes, Mário Varela Gomes e Rui Carita

Realização: NORIGEM — Estudos e Projectos de Arquitectura, Lda

PVC e acrílico

Escala 1:200

38 x 38 cm

Model of the fortress of Khor Kalba

Project: Rosa Varela Gomes, Mário Varela Gomes and Rui Carita

Production: NORIGEM — Estudos e Projectos de Arquitectura, Lda

PVC and acrylic

Scale 1:200

38 x 38 cm

101

III.

Lacon mucha gente y el sepulo en Guyda
Dole mucha gente hasta glo me tu en
tozno ca tur quia esta fue la primer
y smael desbarra fado porto qual de
quia con mayor poder y pro de so de
pte de babilonia y armenia y yfia y
flayndia recia del fyno de famba
de aver a sus mandos la casa de mera
Dor con mu thos presentes del capitan del
yndia andada y plidiale con certa paz
mayor porto ou es esse Inbiola Julia en
tozno ca enbi ar otra enbaxada
En la fin del dicho mar y sea esta com
ella ma ba reza poblada de moros
y smael de qual vale de tifa firme
Or hermoso fno de breña ca ona In re
q dizen p dno de los quatro fno
nal el qntal fno es el de qn fta tes
que tiene de renta m^{te} de fta ros y
vale del fyno de da hul rino en que e
lla ma m es el fno yndio y el fno gan
en la se punda y ndia te la mar vel

*O Livro do que
viu e ouviu*

Duarte Barbosa

The Book of what

Duarte Barbosa

saw and heard

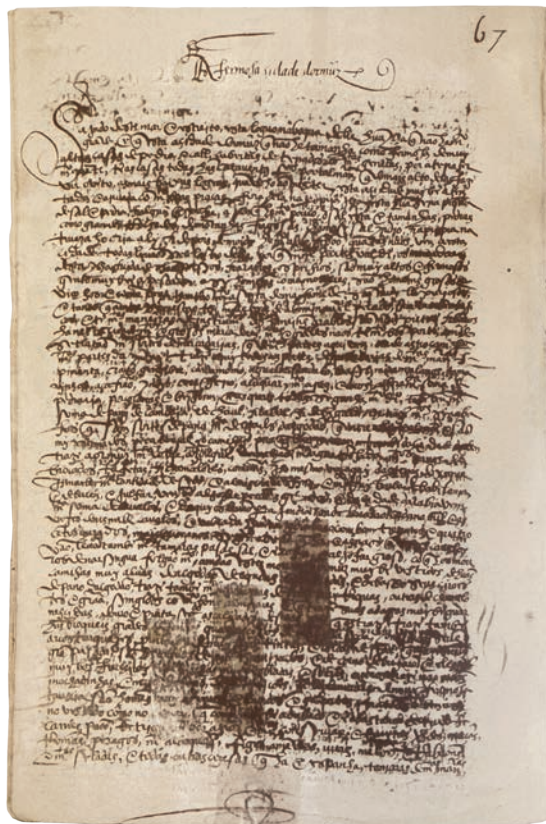
[31-40] →

O Livro de Duarte Barbosa é uma das obras portuguesas mais relevantes do século XVI. Trata-se de uma descrição dos territórios que estavam em contacto directo ou sob alçada do *Estado da Índia* nos inícios de Quinhentos, desde a costa oriental africana, até ao sudeste asiático, indo até à China e, claro, incluindo toda a região do Golfo. Crê-se que terá sido terminado por volta de 1516, e a sua indiscutível autoria é de Duarte Barbosa. Contudo, se hoje se sabe, com alguma certeza, quem foi este homem e o seu trajecto, durante mais de um século houve dificuldade em identificar o seu percurso biográfico. Este problema resultou dos vários homónimos existentes na Ásia neste período, pois contam-se três pessoas com este mesmo nome. Um deles era cunhado do famoso Fernão de Magalhães. Serviu na Índia entre 1500 e sensivelmente 1516, tendo participado na armada de Magalhães, que partiu em direcção às ilhas de Maluco (actual Indonésia) em 1519, acabando por falecer, como o próprio cunhado, nas Filipinas, em Abril de 1521. Outro Duarte Barbosa serviu também na vertente asiática do império português nas décadas de 1510 a 1530, sendo piloto, morrendo no *Estado da Índia* por volta de 1532–1533. Por fim, o Duarte Barbosa que se crê ter escrito o *Livro*, partiu para a Ásia em 1500, na armada de Pedro Álvares Cabral, tendo sido escrivão em diversas fortalezas portuguesas, como Cananor e Calecute, e falecendo entre 1546-1547. Durante muito tempo (por culpa de Giovanni Battista Ramusio, que primeiramente propôs esta identificação, em 1550) acreditou-se que o autor do *Livro* era o familiar de Magalhães, mas a análise crítica dos diversos manuscritos existentes e do conteúdo da obra inviabiliza esta proposta. O *Livro* reflete o conhecimento pessoal do autor dos territórios descritos bem como aquele adquirido através de informadores locais, e oferece uma visão panorâmica sobre a história, os costumes e o comércio do espaço por onde se moviam os portugueses. No que diz respeito ao Golfo, a obra ocupa vários fólios, nas suas várias versões manuscritas, descrevendo toda a região. Dá particular destaque ao reino de Ormuz e às várias ligações comerciais em direcção à Arábia e à Pérsia. O texto reflete não só a curiosidade e interesses pessoais de Duarte Barbosa, como aqueles que interessavam para o desenvolvimento e expansão do império português na Ásia. Assim se explica também o sucesso da obra, abundantemente copiada e que acabou por ganhar sucesso em versão impressa, em meados do século XVI. A difusão da obra é hoje bem conhecida graças à edição crítica do *Livro* de Maria Augusta da Veiga e Sousa, publicada entre 1996 e 2002.

O manuscrito mais antigo que se conhece data de 1524. Trata-se de uma tradução feita para castelhano, pela mão de Martín Cinturion, produzida por altura das negociações que debatiam a real localização das ilhas de Maluco, entre Portugal e Castela. A obra foi traduzida pelo próprio Cinturion com o apoio do cartógrafo Diogo Ribeiro, que possuía a cópia do manuscrito que serviu de base à tradução, o que demonstra que, apesar do ambiente de sigilo existente, este tipo de documentação acabava por circular nos meios cultos da época. Neste sentido, sabe-se que o próprio Ribeiro terá usado a informação do *Livro* na composição e legendagem dos seus planisférios, produzidos em 1529, em Sevilha, de que destacamos aquele existente actualmente na Biblioteca do Vaticano. Da tradução de 1524 derivou outra versão traduzida, desta vez para alemão, realizada em 1530, por Jerónimo Seitz, preservada na Biblioteca de Estugarda. Foi também da tradução castelhana que foi feita a primeira edição inglesa,

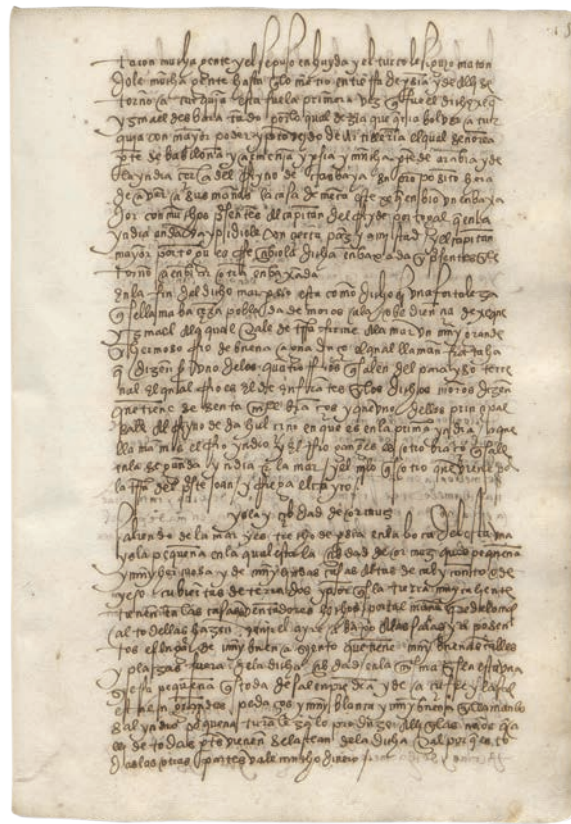
Duarte Barbosa's Livro is one of the most important sixteenth-century Portuguese books. It makes a description of the territories that were in direct contact with the Portuguese *Estado da Índia*, or under its jurisdiction, during the early sixteenth century, along the East African coast to Southeast Asia, as far as China. It encompassed the entire Gulf region, of course. It is believed to have been finished around 1516, and its undisputed author is Duarte Barbosa. However, for more than a century to uncover his biography was not easy. The reason was that, in this period, there existed in Asia several namesakes. Three men shared the name. One, the brother-in-law of the famous Ferdinand Magellan, served in India from 1500 until about 1516. He was a member of Magellan's fleet which sailed to the Moluccas (present-day Indonesia) in 1519. Like his brother-in-law, he died in the Philippines, in April 1521. A second Duarte Barbosa served in the Portuguese empire in Asia, from 1510 to 1530. He was a pilot and died in the *Estado da Índia* in around 1532 or 1533. Finally, the individual who is believed to have written *Livro* left for Asia in 1500, in the armada of Pedro Álvares Cabral. He had worked as a clerk in several Portuguese forts, such as in Kannur and Calicut. His time of death was between 1546 and 1547. Thanks to the identification erroneously made in 1550 by Giovanni Battista Ramusio, for a long time the book author was believed to be Magellan's relative. However, the critical analysis of the surviving manuscripts and the content of the work itself makes that proposition untenable. The author's personal knowledge of the territories described and the information acquired via local informants comes through, since *Livro* offers a panoramic view of the history, customs and economy of the area where the Portuguese were. As regards the Gulf, the entire region is described in several folios in all of the manuscripts. The emphasis is on the kingdom of Hormuz and the commercial ties with Arabia and Persia. The text reflects not only Duarte Barbosa's curiosity and interests, but also matters of interest to the development and expansion of the Portuguese empire in Asia. This also explains the book's success, for it was copied many times. During the mid-sixteenth century, it eventually became successful in printed form. The diffusion of *Livro* is now well known, thanks to the critical edition by Maria Augusta da Veiga e Sousa, published between 1996 and 2002.

The oldest known manuscript copy dates back to 1524. It consists of a Castilian translation, by Martín Cinturion, made at the time of the debate, between Portugal and Castile, around the real location of the Moluccas. Cinturion authored the translation with the support of a cartographer, Diogo Ribeiro, who owned a copy of the manuscript on which the translation was based. This shows that, despite concerns with secrecy, this type of documentation circulated among the learned circles of the time. Ribeiro himself used the information in *Livro* to compose and add place names to the planispheres he produced in Seville in 1529, of which the exemplar kept in the Vatican Library is a fine example. The 1524 translation originated a German version, in 1530, by Hieronymus Seitz, which is preserved in the Library of Stuttgart. An English edition was also made from the Castilian, by Lord Henry Stanley of Alderley, for the Hakluyt Society in 1865. Regarding the Portuguese manuscripts, the oldest copy dates back to 1539. It is in the National Library of Portugal (Lisbon). It was completed by Francisco Múcio Camerte in Baji, the capital of →

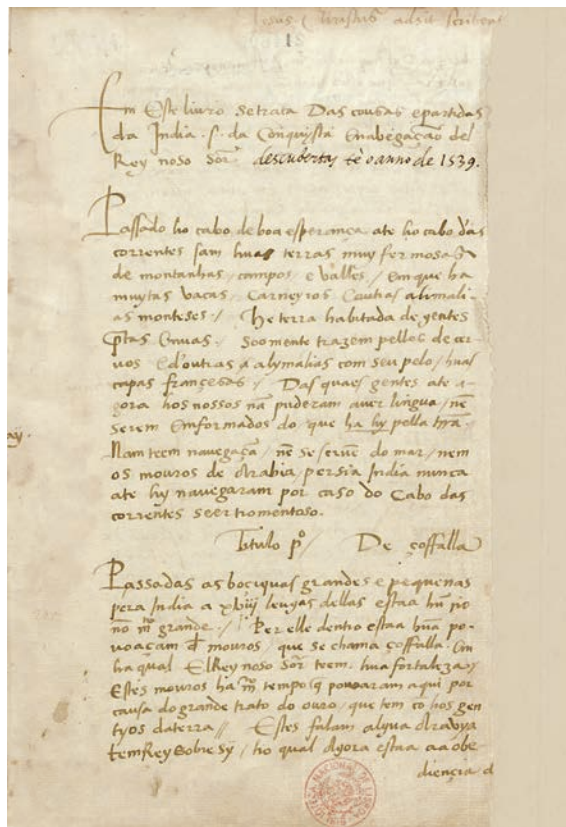


Livro do que viu e ouviu no Oriente
 Duarte Barbosa
 Portugal (?), século XVI
 Manuscrito sobre papel
 17 x 25,5 cm
 Coleção de S.A. Sheikh Dr. Sultan
 bin Muhammad Al Qasimi (Sharjah)
 Duarte Barbosa – *Livro do que viu e ouviu no Oriente*
 Portugal (?), 16th century
 Manuscript on paper
 17 x 25,5 cm
 Collection of H.H. Sheikh Dr. Sultan
 bin Muhammad Al Qasimi

31

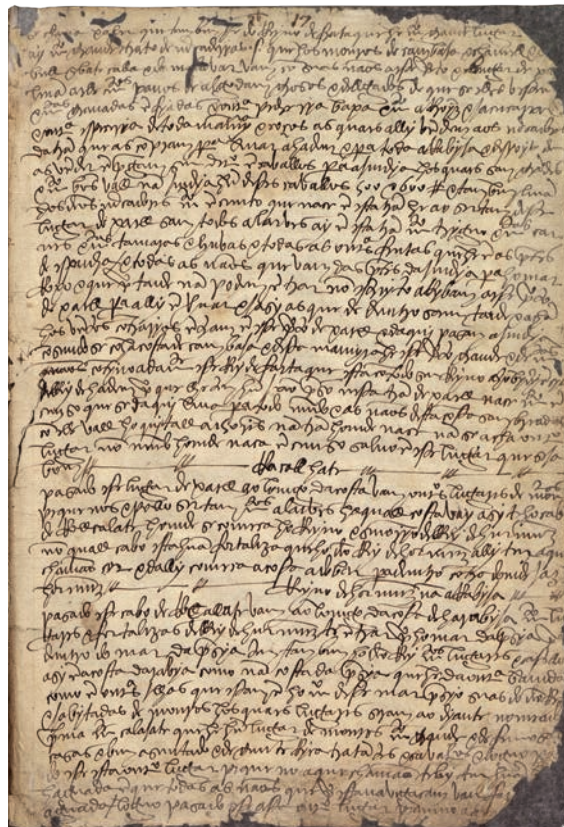


32



Livro de Duarte Barbosa, 1524
 Espanha (?), c. 1524
 Manuscrito sobre papel
 30 x 21 cm
 Biblioteca de la Universitat de
 Barcelona (Espanha), Ms. 835
Livro de Duarte Barbosa
 Spain (?), c. 1524
 Manuscript on paper
 30 x 21 cm
 Biblioteca de la Universitat de
 Barcelona (Spain), Ms. 835
Em este livro se trata das cousas e partidas da Índia
 Duarte Barbosa
 Congo, 1539
 Manuscrito sobre papel
 29 x 21 cm
 Biblioteca Nacional de Portugal
 (Lisboa), Cod. 11008
Em este livro se trata das cousas e partidas da Índia [...]
 Duarte Barbosa
 Congo, 1539
 Manuscript on paper
 29 x 21 cm
 Biblioteca Nacional de Portugal
 (Lisbon), Cod. 11008

33



34

Livro de Duarte Barbosa
 Portugal (?), c. 1542
 Manuscrito sobre papel
 35,4 x 23,5 cm
 Arquivo Nacional da Torre do Tombo
 (Lisboa), Manuscritos do Brasil, liv. 25
Livro de Duarte Barbosa
 Portugal (?), c. 1542
 Manuscript on paper
 35,4 x 23,5 cm
 Arquivo Nacional da Torre do Tombo
 (Lisbon), Manuscritos do Brasil, liv. 25

[31-40] →

em 1865, por Lord Henry Stanley of Alderley, sob a tutela da Hakluyt Society. Dos manuscritos em português, a cópia mais antiga data de 1539, hoje, na Biblioteca Nacional de Portugal (em Lisboa), sendo realizada por Francisco Múcio Camerte e terminada em Baji, capital do Congo, na costa ocidental africana, a 12 de janeiro desse ano. O Arquivo Nacional da Torre do Tombo (Lisboa) preserva a segunda cópia mais antiga, datada de aproximadamente 1542, tendo sido realizada por alguém que conhecia bem o *Estado da Índia* e que participou em múltiplas campanhas militares, conforme as anotações acrescentadas ao texto original.

Contudo, um dos manuscritos completos que se conhece faz hoje parte da coleção do *Sultan Al-Qasimi Centre for Gulf Studies*, no Emirado de Sharjah (Emirado Árabes Unidos). A história desta cópia é parcialmente conhecida pois fazia parte do códice que continha o chamado *Livro de Lisuarte de Abreu*. Datado de c. 1558–1565, o manuscrito apareceu em 1812 na posse de Sebastião Francisco Mendo Trigoso, o qual o usou na primeira versão impressa em Portugal do *Livro*, nesse mesmo ano, publicada pela Academia das Ciências de Lisboa. No final do século XIX entrou na coleção do infante D. Afonso, irmão do rei D. Carlos, o qual o depositou na Biblioteca da Ajuda (Lisboa), de onde desapareceu em 1911. O códice foi então dividido em três partes: depois de várias andanças, duas delas foram adquiridas pela Morgan Library & Museum (Nova Iorque) entre 1912 e 1963 (Ms. M525). Estas duas contêm a descrição da viagem da Carreira da Índia de 1558, a cópia de várias cartas desse período, bem como o retrato dos governadores e vice-reis do Estado da Índia (entre 1505 e 1558) e das armadas da Índia nesse espaço de tempo, e ainda de várias cenas de confrontos militares e episódios avulsos relativos à presença portuguesa na Ásia. A terceira parte, com o *Livro* de Duarte Barbosa, reapareceu recentemente, estando no Emirado de Sharjah, sendo publicada na íntegra em 2017, em versão portuguesa, inglesa e árabe.

Muitas outras cópias manuscritas posteriores (da segunda metade do século XVI em diante) são ainda conhecidas em Espanha, França e até na Alemanha, mas aquelas aqui destacadas primam pela antiguidade e pela qualidade das suas versões. Para além da circulação do *Livro* ser comprovada por esta profusão de manuscritos, a obra de Duarte Barbosa ganhou notoriedade por ter sido incluída na famosa compilação de relatos de viagem do veneziano Giovanni Battista Ramusio, o *Navigazioni et Viaggi*, cujo primeiro volume foi publicado em 1550, com sucessivas reedições — por exemplo, a Biblioteca Geral da Universidade de Coimbra possui a 2.^a edição, de 1554. O relato surgia então com o título de *Libro Di Odoardo Barbessa Portoghese* (corrigindo o nome para Barbosa na 2.^a edição em diante). A tradução para italiano teve, provavelmente, como base a versão de Cinturion, de 1524, e uma versão portuguesa, obtida talvez através de Damião de Góis. O sucesso desta colectânea de textos assegurou assim o próprio sucesso do texto de Duarte Barbosa, permitindo que fosse conhecido por toda a Europa nos séculos seguintes. A versão publicada por Ramusio foi tida com tanto crédito que serviu de complemento à edição portuguesa de 1812, de Mendes Trigoso, bem como à segunda edição inglesa, mais completa, realizada por Mansel Longworth Dames, em dois volumes, entre 1818–1821, e novamente sob a tutela da Hakluyt Society.

Como já foi dito, o conteúdo do livro é excepcional pela diversidade das informações recolhidas nos inícios do século XVI, rivalizando

the Congo, on the West African coast, on 12 January 1539. The Torre do Tombo National Archive (Lisbon) holds the second oldest copy, dating from approximately 1542. Who made it knew the *Estado da Índia* well, and must have taken part in many military campaigns, if the annotations added to the original text are to be believed.

One of the known complete manuscripts is part of the collection of the Sultan Al-Qasimi Centre for Gulf Studies in the Emirate of Sharjah (United Arab Emirates). The copy is known to have been part of a codex volume containing the so-called *Livro de Lisuarte de Abreu*. Dating from around 1558 to 1565, in 1812 the manuscript was in the possession of Sebastião Francisco Mendo Trigoso, who employed it for the first Portuguese edition, published by the Lisbon Academy of Sciences. The manuscript entered the collection of Prince Afonso, brother of King Carlos I, at the end of the nineteenth century, and deposited in the royal Ajuda Library (Lisbon), from where it disappeared in 1911. Following that, the volume was split into three. Between 1912 and 1963, two parts were acquired by the Morgan Library & Museum (New York) with the shelfmark Ms. M525. They contain a description of the India Run during 1558, copies of several letters from that period, depictions of the governors and viceroys of the *Estado da Índia* from 1505 to 1558, as well as of the India armadas of the same period, besides scenes of military confrontations and other episodes concerning the Portuguese in Asia. The third part, containing Duarte Barbosa's *Livro*, has recently reappeared in the Emirate of Sharjah. It was published in 2017, with the Portuguese text in full English and Arabic translations.

Numerous other manuscript copies, dating from the second half of the sixteenth century onwards, are known to exist in Spain, France and even Germany. The copies mentioned above, however, stand out on account of their age and quality. In addition to the *Livro* being disseminated in a considerable amount of manuscripts, it came to be included in *Navigazioni et Viaggi*, the famous compilation of travel accounts by the Venetian Giovanni Battista Ramusio, the first volume of which was published in 1550, with re-editions following. A copy of the second edition, for example, which was printed in 1554, is held in the General Library of the University of Coimbra. Duarte Barbosa's piece was given the title *Libro di Odoardo Barbessa Portoghese* (the name being corrected to 'Barbosa' from the second edition onwards). The Italian translation was probably based on Cinturion's 1524 version and the Portuguese version obtained perhaps through Damião de Góis. The success of this compilation of works thus ensured the success of Barbosa's text, enabling it to become better known throughout Europe in the following centuries. The version published by Ramusio was given so much credence that Mendes Trigoso added it to the 1812 Portuguese edition, and Mansel Longworth Dames to the second English edition (published by the Hakluyt Society, 1818-1821), which at two volumes provided a fuller rendition.

As mentioned in the beginning, *Livro* is exceptional for the diversity of information concerning the early sixteenth century, rivalling the *Suma Orientalis* by Tomé Pires, another piece of writing on Asia that was produced in the same decade. If the book itself lacks a formal title — it was known at the time as *the Book (Livro) of Duarte Barbosa* — the various copies and editions saw the title being enlarged to reflect the almost →



Primo volume, & segunda edição delle navigazioni et viaggi.

Giovanni Battista Ramusio

Veneza: Giunti, 1554 (2.^a edição)

Impresso sobre papel

19 x 28,5 cm

Biblioteca Geral da Universidade de Coimbra (Portugal),
Joanina 1-6-14-471

Primo volume, & segunda edição delle navigazioni et viaggi.

Giovanni Battista Ramusio

Venice: Giunti, 1554 (2.^a edition)

Printed on paper

19 x 28,5 cm

Biblioteca Geral da Universidade de Coimbra (Portugal),
Joanina 1-6-14-471

35

Collecção de noticias para a historia e geografia das nações ultramarinas que vivem nos dominios portuguezes ou lhes são vizinhas.

Lisboa: Academia Real das Sciencias, 1812, tomo II, vol. VII, pp. 231-394.

Impresso sobre papel

14 x 20,5 cm

Colecção Sérgio Moreno, Lisboa

Collecção de noticias para a historia e geografia das nações ultramarinas que vivem nos dominios portuguezes ou lhes são vizinhas.

Lisbon: Academia Real das Sciencias, 1812, tomo II, vol. VII, pp. 231-394.

Printed on paper

14 x 20,5 cm

Sérgio Moreno collection, Lisbon

A description of the coast of East Africa and Malabar in the beginning of the sixteenth century

Tradução e notas de Henry Stanley

London: Halkuyt Society, 1865

Impresso sobre papel

29 x 22 cm

Reeditado Asian Educational Services, 1995

Biblioteca Geral da Universidade de Coimbra (Portugal), 7-61-11-38

A description of the coast of East Africa and Malabar in the beginning of the sixteenth century

Edited by Henry Stanley

London: Halkuyt Society, 1865

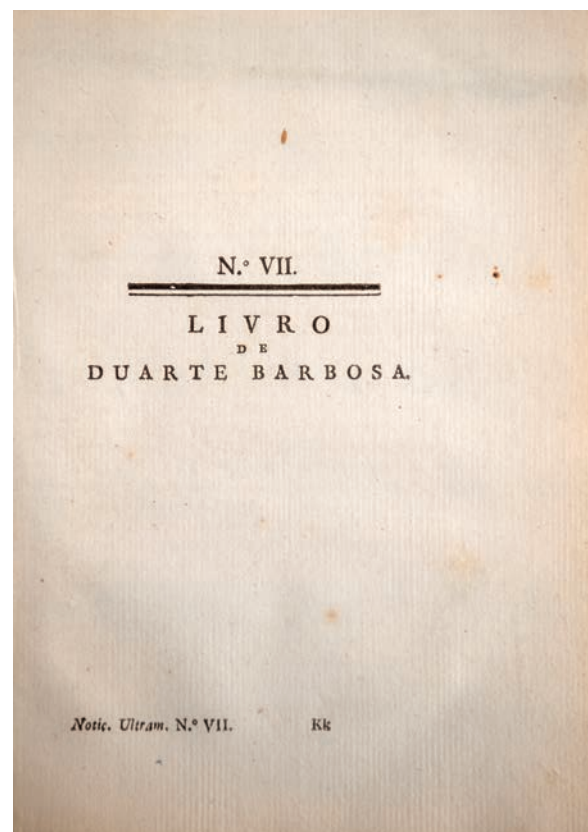
Printed on paper

29 x 22 cm

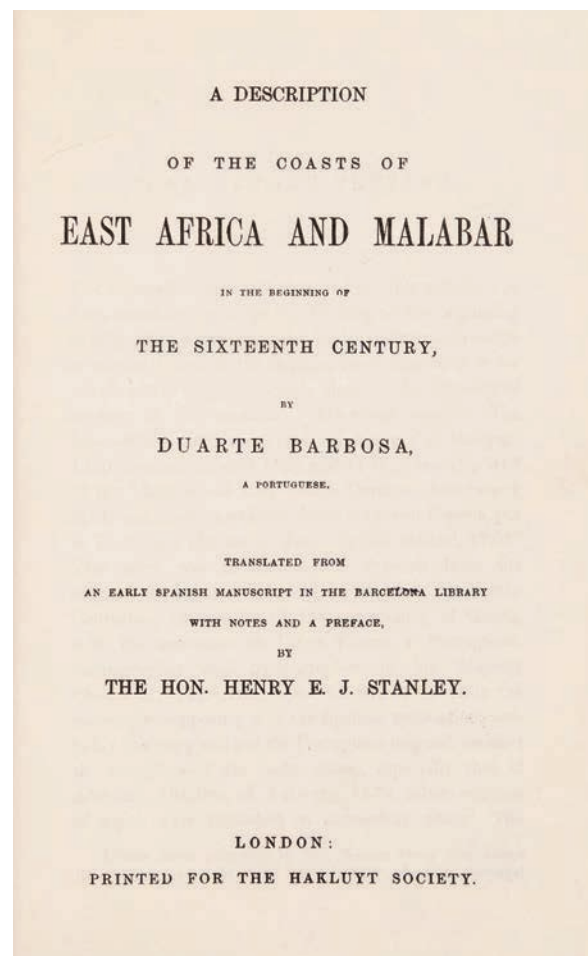
Reprint by Asian Educational Services, 1995

Biblioteca Geral da Universidade de Coimbra (Portugal), 7-61-11-38

107



36

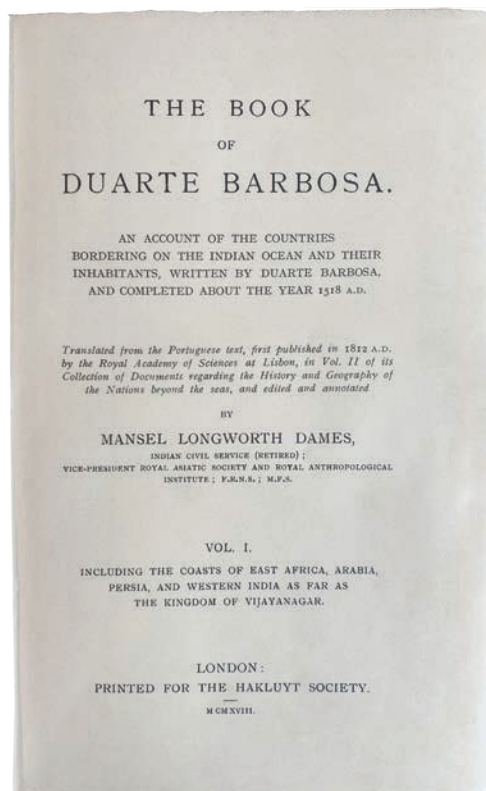


37

[31-40] →

com a *Suma Oriental* de Tomé Pires, obra também de carácter informativo sobre a Ásia e elaborada na mesma década. Se o *Livro* em si não tem um título formal — sendo simplesmente conhecido à época por *Livro de Duarte Barbosa* — as várias cópias e edições foram acrescentando o teor quase enciclopédico do conteúdo ao seu nome. Por exemplo, surge intitulado, nas várias cópias, como “Livro que trata das cousas e partidas da Índia, a saber, da conquista e navegação del rei nosso senhor”, ou “Discrição das terras da Índia Oriental e de seos uzos, costumes, ritos e leys” ou ainda como “Lybro que conta e poõe por meudo todas as cousas da Yndya desde o cabo da Boa esperança atee as ylhas Maluco e reyno da China”. No entanto, o nome pelo qual a obra tem sido mais popularizada — *Livro do que viu e ouviu no Oriente Duarte Barbosa* — revela bem a importância da recolha de informações na construção do império português na Ásia. Nesse sentido, o texto de Duarte Barbosa é sem dúvida um marco no panorama literário deste período, imprescindível para compreender os mundos com os quais os portugueses contactaram no outro lado do globo. [Roger Lee de Jesus]

encyclopaedic content. For example, some copies name it ‘Book concerning the matters and affairs of India, namely the conquest and navigation of our lord the king’ (*Livro que trata das cousas e partidas da Índia, a saber, da conquista e navegação del rei nosso senhor*), other ‘Description of the lands of East India and its customs, rites and laws’ (*Discrição das terras da Índia Oriental e de seos uzos, costumes, ritos e leys*), and other still, ‘Book that tells and explains all the things of India from the Cape of Good Hope to the Moluccas and the Kingdom of China’ (*Lybro que conta e poõe por meudo todas as cousas da Yndya desde o cabo da Boa esperança atee as ylhas Maluco e reyno da China*). However, the name by which the work became best known — ‘Book of what Duarte Barbosa saw and heard in the East’ (*Livro do que viu e ouviu no Oriente Duarte Barbosa*) — demonstrates just how important the collection of information was to building the Portuguese empire in Asia. In this sense, Duarte Barbosa’s *Livro* is undoubtedly a landmark in the period’s literary landscape, an essential work to our understanding of the world of contacts held by the Portuguese on the other side of the globe. [Roger Lee de Jesus]



The book of Duarte Barbosa

Editado por Mansel Longworth Dames
 London: Halkuyt Society, 1918-1921, 2 volumes
 Impresso sobre papel

32 x 22,5 cm

Faculdade de Letras da Universidade de
 Coimbra (Portugal), Sala Joaquim de Carvalho:
 15-8-87; 19-9-60

The book of Duarte Barbosa

Edited by Mansel Longworth Dames

London: Halkuyt Society, 1918-1921

Printed on paper

32 x 22,5 cm

Faculdade de Letras da Universidade
 de Coimbra (Portugal),

Sala Joaquim de Carvalho: 15-8-87; 19-9-60

O Livro de Duarte Barbosa

Edição crítica e anotada de Maria Augusta
 da Veiga e Sousa

Lisboa: IICT, 1992-2002, 2 volumes

Impresso sobre papel

20,5 x 29 cm

Faculdade de Letras da Universidade
 de Coimbra (Portugal), Biblioteca Central:

910.4"15" B1961 v. 1

O Livro de Duarte Barbosa

Edited by Maria Augusta da Veiga e Sousa

Lisbon: Instituto de Investigação Científica
 e Tropical, 1992-2002

Printed on paper

20,5 x 29 cm

Faculdade de Letras da Universidade de Coimbra,

Biblioteca Central: 910.4"15" B1961 v. 1

***A Momentous Journey. The Complete
 Manuscript of The "Book of Duarte Barbosa" 1565***

Sultan Bin Mohammad Al-Quasimi

Sharjah: Al Qassimi Publications, 2017

Impresso sobre papel

20,5 x 28 cm

Faculdade de Letras da Universidade
 de Coimbra (Portugal)

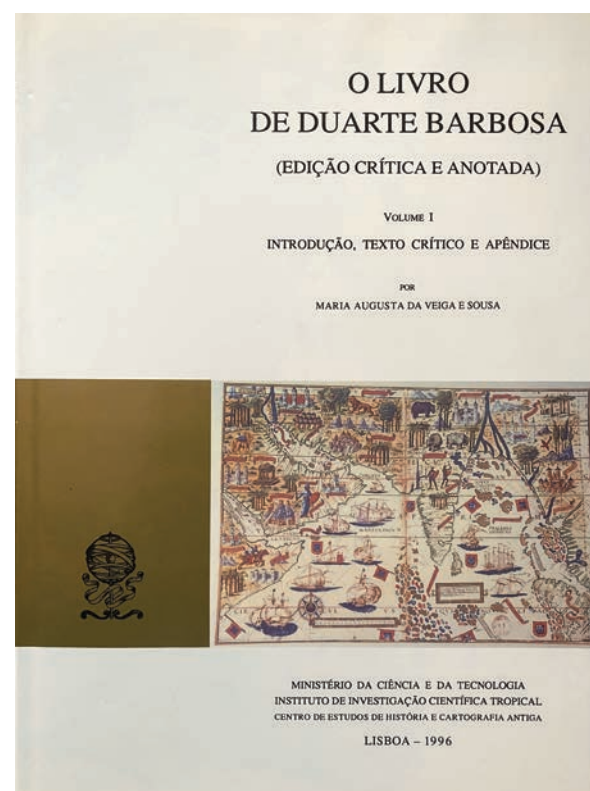
***A Momentous Journey. The Complete Manuscript
 of The "Book of Duarte Barbosa" 1565***

Sultan Bin Mohammad Al-Quasimi

Sharjah: Al Qassimi Publications, 2017

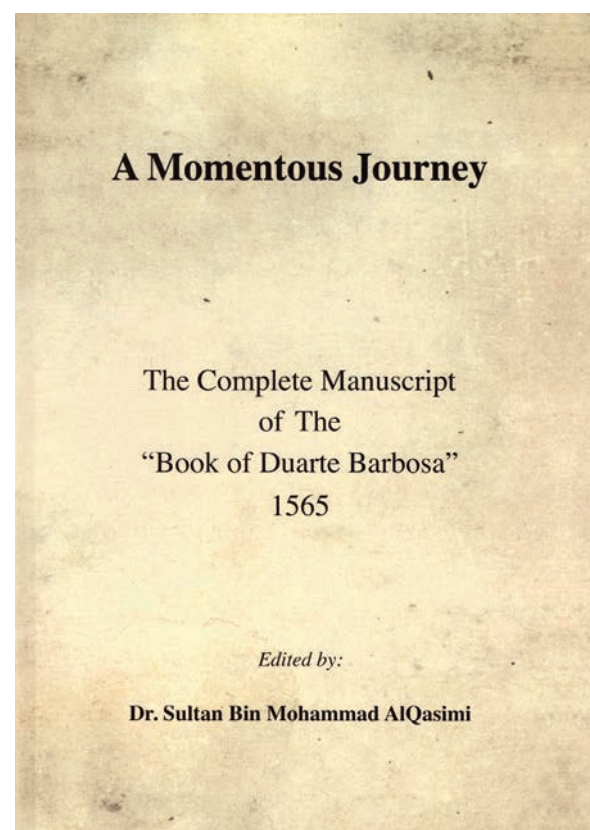
Printed on paper

20,5 x 28 cm



38

39



40

Diogo Ribeiro (também conhecido pela adaptação espanhola do seu nome, Diego Ribero) foi um cartógrafo português que se tornou famoso ao serviço da coroa espanhola. Nascido numa data incerta, acredita-se que navegou repetidamente para o Oceano Índico, em armadas portuguesas comandadas por Vasco da Gama, Lopo Soares e Afonso de Albuquerque, entre 1502 e 1509. Por razões que não são inteiramente claras, tornou-se parte de um grupo de navegadores e cartógrafos experientes que, por volta de 1518, abandonaram Portugal e foram servir Carlos I, o novo rei de Espanha, mais tarde também conhecido como Carlos V, Sacro Imperador Romano. Este grupo incluía Fernão de Magalhães, que propôs ao rei Carlos I navegar até às ilhas Molucas ou ilhas das Especiarias, indo para oeste através do Atlântico e do Pacífico. Outro desertor foi Jorge Reinel, filho do principal cartógrafo português Pedro Reinel. Em Espanha, Ribeiro encontrou emprego na oficina cartográfica real da *Casa de Contratación*, uma instituição oficial criada em 1503 pela Coroa Espanhola em Sevilha para controlar o comércio ultramarino, baseada na Casa da Índia de Lisboa. Diz-se que tanto Ribeiro como Reinel estiveram envolvidos na elaboração das cartas que ajudaram Magalhães na sua viagem através do Atlântico Sul até às ilhas do Extremo Oriente (1519–21).

Diogo Ribeiro passou algum tempo em 1522–23 na recém criada “Casa de la Contratación de la Especiería”. Em 1523, foi nomeado Cosmógrafo Real e “mestre de fazer mapas, astrolábios, e outros instrumentos”. No ano seguinte, em 1524, foi chamado à cidade de Vitória, onde Carlos V convocou negociações para discutir se as Molucas, visitadas por Magalhães, pertenciam a Espanha. Durante esses meses, Ribeiro ajudou o embaixador genovês Martín Centurion a traduzir o *Livro* de Duarte Barbosa de português para castelhano. Mais tarde nesse ano, Ribeiro fez parte da delegação espanhola que, entre as cidades de Elvas e Badajoz, começou a negociar com a Coroa Portuguesa a posse das Ilhas das Especiarias. Argumentou que esta parte do mundo estava no hemisfério espanhol, de acordo com o Tratado de Tordesilhas, que tinha dividido o globo em duas partes. Apenas houve entendimento em 1529, aceitando-se que as Ilhas das Especiarias estavam na esfera espanhola, mas seriam compradas pela grandiosa soma de 350 mil ducados por Portugal. A maior realização de Ribeiro neste contexto terá sido a supervisão, juntamente com Hernán Colón, de um “Padrón Real” revisto, um modelo de mapa oficial contendo todas as últimas informações trazidas do Ocidente e do Oriente por capitães espanhóis e alguns navegadores portugueses que desertaram para Espanha. Esta revisão foi encomendada por Carlos V em 1526, e não é inteiramente claro quanto do trabalho foi feito por Ribeiro. Foram produzidas cópias do “Padrón” para serem utilizadas em navios espanhóis. Embora o modelo original se tenha perdido mais tarde, várias cópias do mapa, feitas em parte por Ribeiro entre 1527 e 1530, sobrevivem hoje. Ribeiro morreu em 1533.

Os mapas de Ribeiro são planisférios que mostram os 360° do globo numa única superfície. No extremo norte da América, podemos ver a terra de Labrador e uma parte da Gronelândia. No extremo sul, a Patagónia está a tomar forma, com uma inscrição que demonstra que Ribeiro estava familiarizado com uma descrição desta terra produzida durante a expedição de Magalhães. A África é moldada quase corretamente, embora tenha sido tornada mais larga em latitude do que realmente é. O Golfo também está a tomar uma forma que se aproxima mais da realidade do

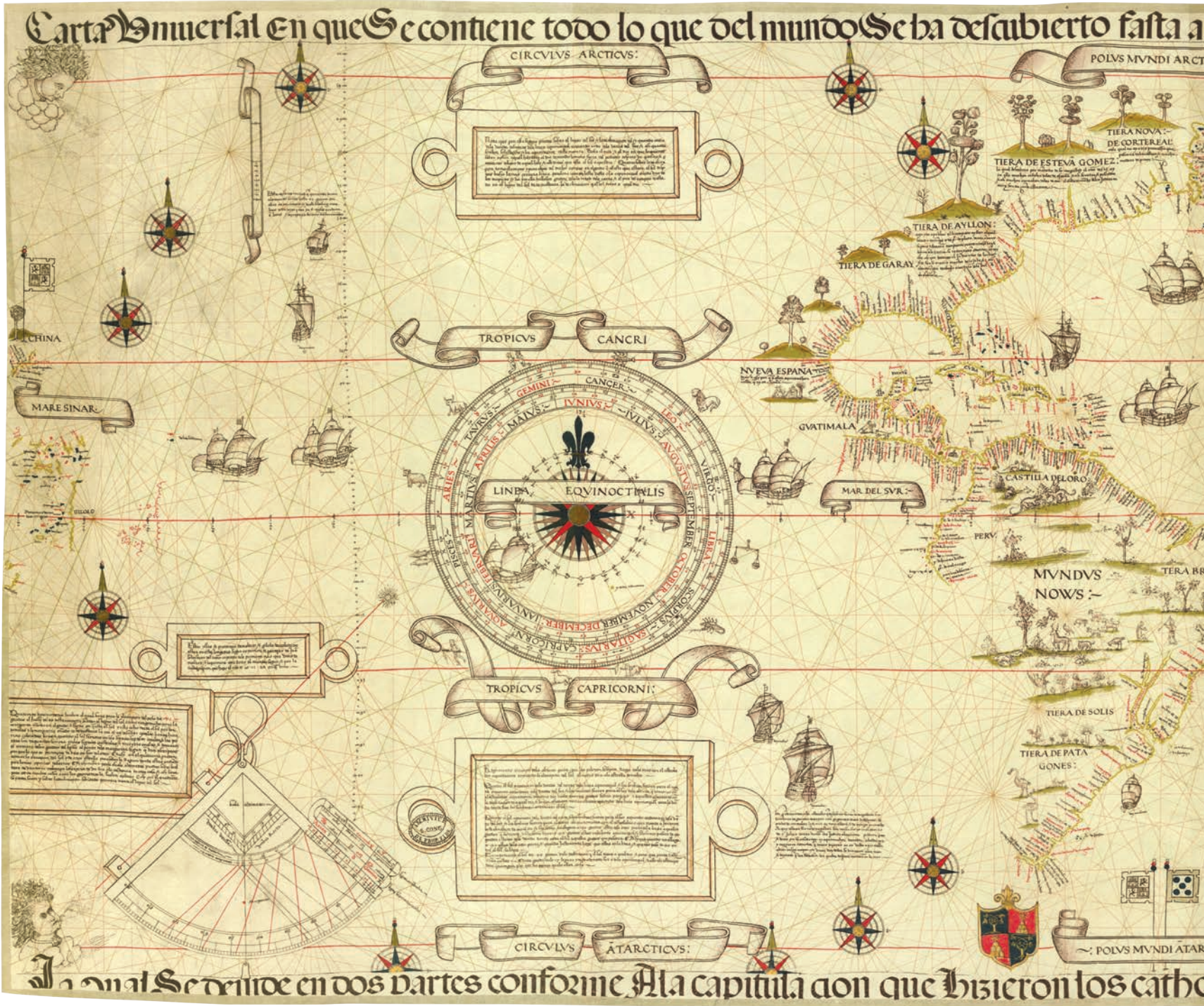
Diogo Ribeiro (also known by the Spanish adaptation of his name, Diego Ribero) was a Portuguese cartographer who became famous in the service of the Spanish crown. Born at an uncertain date, he is believed to have sailed to the Indian Ocean repeatedly, in Portuguese armadas commanded by Vasco da Gama, Lopo Soares and Afonso de Albuquerque between 1502 and 1509. For reasons that are not entirely clear, he became part of a group of experienced navigators and cartographers who, around 1518, abandoned Portugal and went to serve Charles I, the new king of Spain, later also known as Charles V, Holy Roman Emperor. This group included Fernão de Magalhães (Ferdinand Magellan), who made king Charles an offer to sail to the Maluku or Spice Islands by going West through the Atlantic and the Pacific. Another key defector was Jorge Reinel, the son of the leading Portuguese cartographer Pedro Reinel. In Spain, Ribeiro found employment in the royal cartographic workshop of the *Casa de Contratación* (the “House of Trade”), an official institution created in 1503 by the Spanish Crown in Seville to control the overseas trade, modelled on Portugal’s Casa da Índia (“House of India”). It is said that both Ribeiro and Reinel were involved in the making of the charts that helped Magellan on his voyage through the South Atlantic to the islands of the Far East (1519–21).

Diogo Ribeiro spent some time in 1522–23 at the newly established “Casa de la Contratación de la Especiería (“Spice Trade House”). In 1523, he was named Royal Cosmographer and “master in the art of creating maps, astrolabes, and other instruments”. In the following year of 1524, he was called to the city of Vitoria, where negotiations were called by Charles V to discuss whether the Moluccas, visited by Magellan, belonged to Spain. During those months, Ribeiro helped the Genoese ambassador Martín Centurion in translating the *Book* of Duarte Barbosa from Portuguese into Spanish. Later that year, Ribeiro was part of the Spanish delegation that, between the towns of Elvas and Badajoz, began to negotiate with the Portuguese Crown the possession of the Spice Islands. He argued that this part of the world fell into Spain’s hemisphere according to the Treaty of Tordesillas, which had divided the globe in two parts. The competing sides only agreed in 1529 that the Spice Islands fell into Spain’s sphere, but would be purchased for the large sum of 350,000 ducats by Portugal. Ribeiro’s greatest achievement in this context is said to have been the supervision, together with Hernán Colón, of a revised “Padrón Real”, an official template map containing all the latest information brought from the West and the East by Spanish captains and some Portuguese navigators defecting to Spain. This revision was ordered by Charles V in 1526, and it is not entirely clear how much of the work was done by Ribeiro. Copies of the “Padrón” were produced to be used on Spanish ships. Whilst the original template was later lost, several copies of the map, made partly at least by Ribeiro between 1527 and 1530, survive today. Ribeiro died in 1533.

Ribeiro’s maps are planispheres showing the entire 360° of the globe on a single surface. In the far North of America, we can see the land of Labrador and a part of Greenland. In the far South, Patagonia is taking shape, with an inscription proving that Ribeiro was familiar with a description of this land produced during Magellan’s expedition. Africa is shaped almost correctly, although it has been made wider in latitude →

que nos mapas anteriores. Não sabemos que expedição portuguesa traçou exatamente o Golfo para lhe dar esta nova forma, esguia e alongada, ligeiramente curvada. Mas é possível que este formato tenha sido levada para Espanha pelo jovem Jorge Reinel quando saiu de Lisboa para Sevilha em 1518. A direção geral do Golfo, curvando de sudeste para noroeste em vez de ser quase horizontal, como estava nos mapas anteriores, é também nova. Esta nova versão, que se aproxima mais da realidade do que as anteriores, pode estar relacionada com a correção feita, por volta de 1525, da distorção natural devida à diferença entre o Pólo Norte magnético e geográfico (o problema da declinação) — tanto em Lisboa como em Sevilha. Curiosamente, a região de Shatt al-Arab, que era particularmente difícil de representar devido à constante mudança da sua forma foi transformada em três “golfs” que fazem pouco sentido na realidade. Há uma profusão de nomes de lugares em redor do Golfo, incluindo ao longo da costa sul. Muitos destes nomes ainda não foram identificados com portos concretos, exigindo mais investigação filológica e arqueológica na região. [Zoltán Biedermann]

than it really is. The Gulf, too, is taking a shape that is coming closer to reality than in previous charts. We do not know which Portuguese expedition exactly charted the Gulf to give it this new, slender and elongated, slightly curved form. But it is possible that this shape design was brought to Spain by the young Jorge Reinel when he left Lisbon for Seville in 1518. The general direction of the Gulf, running in a curve from southeast to northwest instead of being almost horizontal, as it had been in previous maps, is also new. This new version, which comes closer to reality than previous ones, may be related to the fact that around 1525 the natural distortion due to the difference between the magnetic and geographical North Pole (the declination problem) was corrected — both in Lisbon and in Seville. Interestingly, the Shatt al-Arab region, which was particularly difficult to represent due to its ever-changing shape, was transformed into three “gulfs” that make little sense in reality. There is a profusion of place-names around the Gulf, including along the southern coast. Many of these names have not yet been identified with concrete ports, calling for further philological and archaeological research in the region. [Zoltán Biedermann]



goza, hysola Diego Ribeiro cosmographo de Su magestad: Año. de: 1529. e Sevilla:~



hicos Reyes de España: et el Rey don Juan de portugal en Gortefillas: Año: de: 1529.~

Planisfério náutico
Diogo Ribeiro
Sevilha (Espanha), 1529
Pergaminho
204,5 x 85 cm
Biblioteca Apostolica Vaticana,
Borg.Carte.naut.III
Nautical planisphere
Diogo Ribeiro
Sevilla (Spain), 1529
Parchment
204,5 x 85 cm
Biblioteca Apostolica Vaticana,
Borg.Carte.naut.III

IV.

Asia apartase dafrica pella banda do mar mediterraneo por alexandria hida de
 do labomte pto. Aho mho. Edomaar ocean pto mho dia digundo atoll.
 de partiam de aparta darthiopia abixia porcia carabia felix
 natinuente do mho

o mho lio primero e mho principal. traz du natinuente do rabo de boaa
 e speranca. Etem primeiro da abixia em lhos non gramde no funda
 bixia simo com arabia felix e faz nabugauell. pasa com lhos turo
 aegipto vasse do mar mediterraneo de mho por badeo de gres h
 principal lio. danjata pasa rade mra liguba da cidade do turo em
 julho e agosto e gres. he lingua atena e ab grites e duem e a
 ferra do lio vau aos alto com du guado e faz mda e como e gres
 lingua daa lugar que comta a gres. duntam de duntam e duntam
 duntam os de egypto que este mlagit procede de abixis grites e pas
 pto qual sim e speranca em toda atena do duntam e sim e mda
 de abixia e de o lio voluntariamente e nom he boaa nabuguar
 e comtra abixia

Abixia

comfina abixia da banda do mar lio com abixia felix. da banda do
 mar ocean de guarda fuy atentamto como e fada nom de lingua
 do mar com fenta liguba. da banda da fira com os de duntam
 e em parte darthiopia. sam e ftaos tem grande tena e mte
 guentira mironitell de la. ha mntim mntim o mho em qua lio.
 non tem portos no mar veni fazir duos traty em zila he bar
 boca. Eduntro no e fira nos porty darthiopia. sam e ftaos mntro
 com mntadas antyros ethiopes de de sam de duntam de duntam de
 nado da testa em lugar de bautismo tem sacerdotes patnadas
 e oute velhosos vau a fira de mntem. fira em mho
 marias cadano sam abixia nestas partes por lio de fira de fira
 cabaleros e mntes de fira e fira de duntam e fira de fira
 principal mntem umbringalla

Cadem de dar de fira de dala. he eu quem tratam e mntes abixia
 valem na abixia agnoa fada fira sequas mntem mntem mntem
 baxos de cambria e alijus de fira comtes de toda parte e fira.
 uno pamos baxos tamaras e fira de mntem

Marchaduas da bixia

ouro marfim caballos e pauos mntem mntem

*‘Nós lhe chamamos
Arábia Feliz’:*

*Percepções e Descrições
do Golfo*

*“We call it Arabia
Felix”:* *Perceptions
and Descriptions
of the Gulf*

A primeira coletânea de textos relativos aos Descobrimentos realizados por portugueses e espanhóis no século XV e nos inícios do século XVI foi editada em italiano por Francanzano da Montalboddo num volume impresso em 1507 em Vicenza com o título *Paesi nuovamente ritrovati*. Nesta obra foram incluídos trabalhos escritos por Alvise da Ca' da Mosto (conhecido na versão portuguesa por Luís de Cadamosto), Girolamo Sernigi, Américo Vespúcio, padre José indiano, entre outros, os quais são relativos à Guiné, à América e à Índia, bem como às viagens realizadas nomeadamente por Vasco da Gama, Pedro Álvares Cabral, Cristóvão Colombo e Gaspar Corte Real.

Esta obra surgia para responder à curiosidade que havia na Europa pelos Descobrimentos que então se estavam a realizar tendo tido um grande sucesso pois até 1528 teve dezassete edições e traduções em várias línguas.

Nesta coletânea um dos textos mais relevantes que nela se publica corresponde à tradução italiana de uma relação escrita por um autor português anónimo na qual se narra a viagem da armada chefiada por Pedro Álvares Cabral. Entre 1500 e 1501, este capitão-mor contactou pela primeira vez na História com os quatro continentes, pois tendo saído de Lisboa, descobriu o Brasil, na América, e, depois de ter chegado à Ásia e passado por África, regressou de novo à Europa.

Na relação aqui considerada o seu autor, depois de ter aludido à partida dessa armada em 7 de Agosto de 1500 de Melinde, para realizar a travessia do oceano Índico Ocidental rumo à Índia, mencionou terras que ficavam para norte, tendo anotado as primeiras observações sobre o Golfo que foram conhecidas em Portugal, as quais se encontram no capítulo 71 dos *Paesi nuovamente ritrovati*, onde se pode ler o seguinte:

«[...] mais adiante está uma ilha grande com outra cidade muito bela que é murada e tem uma ponte em terra. Esta ilha chama-se Socotorá. Avançando pela costa está a embocadura do estreito de Meca, que terá uma légua e meia de largo e dentro dele está o mar Roxo, a casa de Meca e Santa Catarina do Monte Sinai.

Por ali levam as especiarias e pedraria ao Cairo e Alexandria, atravessando um deserto em dromedários, que são camelos capados. Neste mar há muito grandes coisas para contar.

Passando a boca do estreito, da outra banda, está o mar da Pérsia, no qual há grandes províncias e muitos reinos sujeitos ao grão-soldão da Babilónia. No meio deste mar Pérsico há uma ilha pequena chamada *Gulfat*, na qual tiram muitas pérolas. Na embocadura deste mar Pérsico há uma grande ilha que se chama Ormuz, que é de mouros e tem um rei que é senhor de *Gulfat*.

Nesta Ormuz há muitos cavalos, que levam a vender por toda a Índia, valendo grande preço.»

Os portugueses ao ouvirem referências a todas estas terras, que poderiam ter sido indicadas por Gaspar da Índia ou pelo piloto guzarate que conduzia a armada, ficaram com a noção de estarem próximo de terras ricas com as quais iriam começar a contactar nos anos seguintes. [José Manuel Garcia]

The first collection of texts related to the Portuguese and Spanish Discoveries in the 15th and early 16th centuries was edited in Italian by Francanzano da Montalboddo. It appeared in 1507 as one volume, printed in Vicenza with the name *Paesi nuovamente ritrovati*. It included works written, amongst others, by Alvise da Ca' da Mosto (known to the Portuguese as Luís de Cadamosto), Girolamo Sernigi, Amerigo Vespucci, and Father José Indiano. It concerned the Guinea Coast, America and India, as well as the voyages of Vasco da Gama, Pedro Álvares Cabral, Christopher Columbus and Gaspar Corte Real.

This work responded to the interest generated by the Discoveries in Europe. It met with success, with seventeen editions and translations into several languages going to print before 1528.

One of the most relevant texts published was the Italian translation of a report by an anonymous Portuguese author of the voyage of Pedro Álvares Cabral's fleet. For the first time in history, between 1500 and 1501, Captain-Major Cabral reached the four continents, for after leaving Lisbon he discovered Brazil, in the Americas, while reaching Africa and Asia, whereupon he returned to Europe.

After mentioning the armada's departure from Malindi on 7 August 1500, to make the crossing of the Western Indian Ocean towards India, the author takes notice of the lands which lay to the north. From there, the first observations on the Gulf known in Portugal were made:

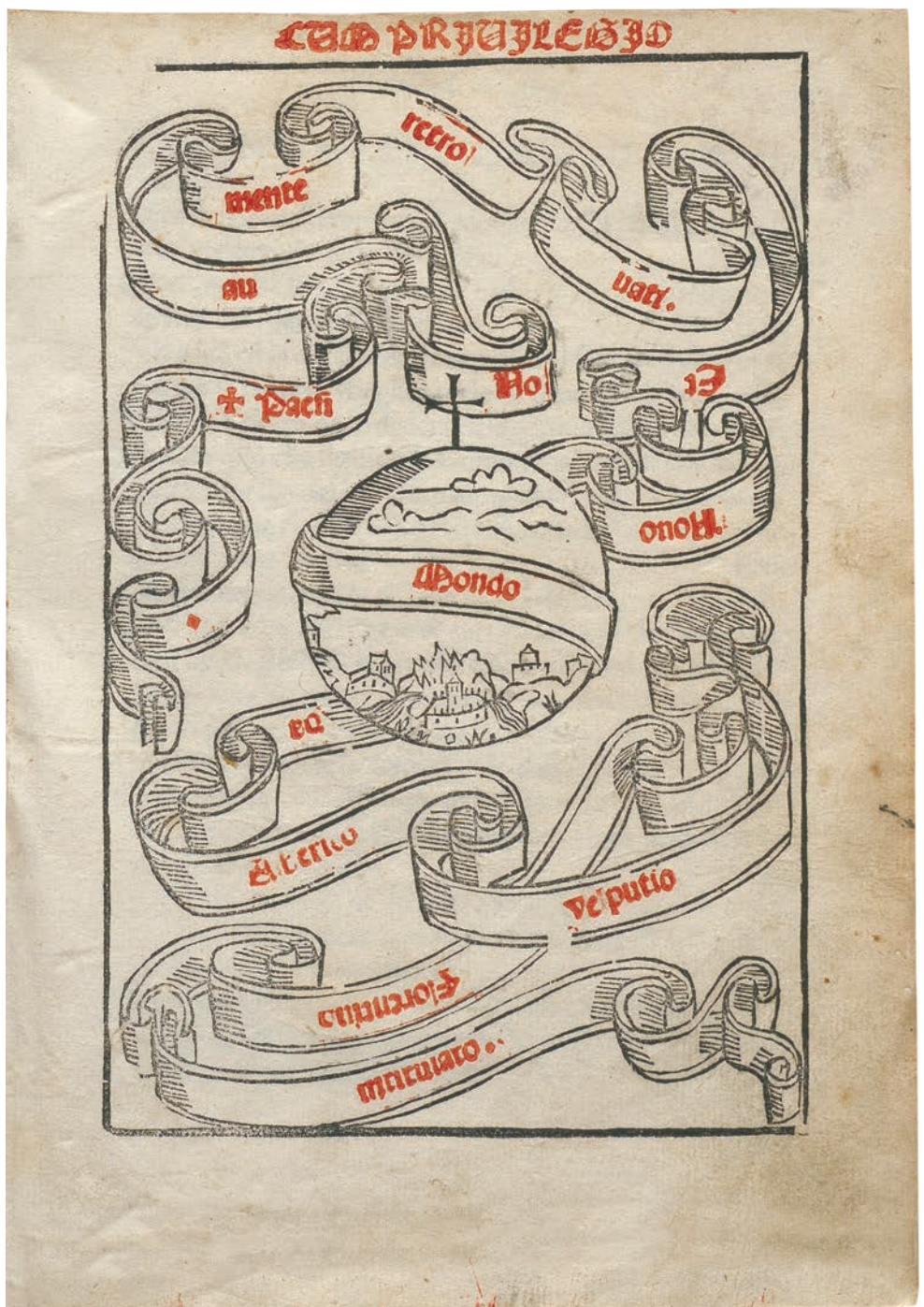
further along, there is a large island with another very beautiful town, walled with a bridge found on land. This island is called Socotra. Further down the coast is the mouth of the Strait of Mecca, which is a league and a half wide. Within is the Purple Sea, the house of Mecca and Saint Catherine of Mount Sinai.

The spices and precious stones are transported from there to Cairo and Alexandria, crossing the desert on the back of dromedaries, which is to say, castrated camels. About this sea, there is much to tell.

On crossing the mouth of the strait, the sea of Persia is found, where large provinces and many kingdoms are subject to the grand sultan of Babylon. In the middle of the Persian sea is a small island called *Gulfat*, from where many pearls are taken. At the mouth of the Persian sea, there is a large island called Hormuz, which belongs to the Moors and has a king who is lord of *Gulfat*.

In Hormuz, there are many horses taken to be sold all over India for a high cost. (*Paesi nuovamente ritrovati*, chapter 71)

On hearing about these lands, which could have been indicated by either Gaspar da Índia or the Gujarat pilot conducting the armada, the Portuguese understood that they were close to a prosperous territory, which they would come into contact with during the following years. [José Manuel Garcia]



Paesi novamente retrovati et Nouo Mondo

Vicentia: Henrico Vicentino & Zāmaria suo fiol, 1507

Impresso sobre papel

14,5 × 21 cm

Biblioteca Geral da Universidade de Coimbra (Portugal),

V.T.-19-7-17

Paesi novamente retrovati et Nouo Mondo

Venice: Henrico Vicentino & Zāmaria suo fiol, 1507.

Printed on paper

14,5 × 21 cm

Biblioteca Geral da Universidade de Coimbra (Portugal),

V.T.-19-7-17

Tomé Pires, que terá nascido na década de 1480, embarcou para a Índia em 1511, com o encargo de selecionar as drogas que de lá deveriam ser enviadas para Portugal. Depois de alguns meses de residência na cidade indiana de Cananor, Afonso de Albuquerque, que era o governador dos estabelecimentos portugueses no Oriente (mais tarde conhecidos como *Estado da Índia*), enviou-o para Malaca em meados de 1512, pouco tempo depois da conquista daquela cidade malaia pelos portugueses. Em princípios de 1515 Tomé Pires regressou à Índia, com planos para regressar definitivamente a Portugal.

Durante o período de residência em Malaca, Tomé Pires iniciou a redação da *Suma oriental*, um extenso e bem informado tratado de geografia, onde descrevia com enorme riqueza de pormenores um grande número de regiões e de povos da Ásia marítima. Dotado de um singular poder de observação, de uma curiosidade insaciável e de evidentes capacidades inquiridoras, o boticário português conseguira reunir em escassos anos um prodigioso volume de notícias sobre muitos temas orientais até então pouco ou nada conhecidos dos europeus. Tomé Pires, de forma sistemática, e começando no Mar Vermelho, vai descrevendo sucessivamente toda a Ásia marítima até ao arquipélago do Japão, destacando em cada região os principais portos, as mercadorias que ali eram intercambiadas, os preços cobrados, as moedas, pesos e medidas utilizadas, os direitos alfandegários vigentes, os câmbios praticados, as rotas seguidas e os calendários de viagem praticados. Paralelamente, a *Suma Oriental* era enriquecida com outros dados direta ou indiretamente relacionadas com as realidades mercantis. Assim, a propósito de numerosas regiões abordadas, o boticário fornecia informações complementares sobre sistemas políticos, crenças da população, potencialidades bélicas, embarcações disponíveis localmente, existência e estatuto de comunidades estrangeiras, bem como determinadas particularidades linguísticas.

A *Suma oriental* incluía uma descrição da costa da Arábia e do Golfo, baseada decerto no testemunho de informadores portugueses que haviam visitado aquelas regiões asiáticas nos primeiros anos do século XVI. Tomé Pires revelava-se extremamente bem informado para alguém que nunca tinha visitado aquelas áreas, o que confirma as suas capacidades de recolha e organização de informação estratégica. Especial destaque merecem as suas notícias sobre o reino de Ormuz, que estava centrado na ilha do mesmo nome, e sobre as suas dispersas possessões territoriais em ambas as margens do Golfo, que incluíam nomeadamente as ilhas de Bahrain.

Tomé Pires haveria de ser o primeiro embaixador português enviado a Pequim, pois, quando em 1516 se preparava para regressar a Portugal, foi destacado pelo governador da Índia, então Lopo Soares de Albergaria, para chefiar uma missão diplomática à China. A embaixada portuguesa desembarcou em Cantão em 1517, mas, depois de uma rápida visita à capital imperial em princípios de 1521, os seus membros acabariam por ser detidos pelas autoridades chinesas. Anos mais tarde, o viajante e escritor português Fernão Mendes Pinto, na sua *Peregrinação*, postumamente publicada em Lisboa em 1614, afirmaria ter encontrado durante as suas alegadas andanças pelo interior da China uma cristã chinesa chamada Inês de Leiria, que seria nada mais nada menos que a filha de Tomé Pires. O embaixador Tomé Pires veio a desaparecer em circunstâncias ainda não esclarecidas, numa prisão de Cantão, por volta de 1527.

Tomé Pires, who was born in the 1480's, sailed to India in 1511, with the task of selecting the drugs that should be sent from there to Portugal. After a few months of residence in the Indian city of Cannanore, Afonso de Albuquerque, who was the governor of the Portuguese establishments in the East (later known as *Estado da Índia*), sent him to Malacca in 1512, shortly after the conquest of that Malay city by the Portuguese. In early 1515 Tomé Pires was back in India, with plans to return permanently to Portugal.

During his period of residence in Malacca, Tomé Pires began writing the *Suma oriental*, an extensive and well-informed treatise on geography, in which he described in great detail a large number of regions and peoples of maritime Asia. Endowed with a singular power of observation, an insatiable curiosity and evident inquiring skills, the Portuguese apothecary had managed to gather in just a few years a prodigious volume of news on many oriental topics, until then little known or unknown to Europeans. Tomé Pires, in a systematic way, and starting from the Red Sea, described successively all of maritime Asia up to the archipelago of Japan, highlighting in each region the main ports, the goods that were exchanged there, the prices charged, the currencies, weights and measures used, the customs duties in force, the exchange rates practiced, the routes followed, and the travel schedules used. At the same time, the *Suma oriental* was enriched with other data directly or indirectly related to mercantile realities. Thus, regarding the numerous regions covered, the apothecary provided complementary information on political systems, population beliefs, war potential, vessels available locally, the existence and status of foreign communities, as well as certain linguistic particularities.

The *Suma oriental* included a description of the coast of Arabia and the Gulf, based no doubt on the testimony of Portuguese informants who had visited those Asian regions in the early years of the 16th century. Tomé Pires proved to be extremely well informed for someone who had never visited those areas, which confirms his abilities to collect and organize strategic information. Of particular note were his news about the kingdom of Hormuz, which was centred on the island of the same name, and on its scattered territorial possessions on both sides of the Gulf, which included notably the islands of Bahrain.

Tomé Pires would be the first Portuguese ambassador sent to Beijing, because, when he was preparing to return to Portugal in 1516, he was ordered by the governor of the *Estado da Índia*, then Lopo Soares de Albergaria, to head a diplomatic mission to China. The Portuguese embassy landed in Canton in 1517, but, after a quick visit to the imperial capital in early 1521, its members were eventually arrested by the Chinese authorities. Years later, the Portuguese traveller and writer Fernão Mendes Pinto, in his *Peregrinação*, published posthumously in Lisbon in 1614, claimed to have met, during his alleged wanderings in the interior of China, a Chinese Christian named Inês de Leiria, who was none other than the daughter of Tomé Pires. Ambassador Tomé Pires disappeared under circumstances not yet clarified, in a Canton prison, around 1527.

Meanwhile, the original manuscript of the *Suma oriental* was sent to Portugal, where it was analysed with the utmost secrecy in the circles close to the Portuguese Crown, disappearing afterwards. Currently, only two manuscript copies of the work are known, one complete preserved in →

Libro primero de Suma Oriental
 la original das tres Indias, f. 117, verso
 Suma Oriental que para de mar de
 arabe es el que se llama por thomaz
 de prima de Africa

Esta apertada de Africa por la banda de mar de mediterraneo por el estrecho de Gibraltar
 de la parte de Africa por la banda de mar de mediterraneo por el estrecho de Gibraltar
 de la parte de Africa por la banda de mar de mediterraneo por el estrecho de Gibraltar

ouillo de prima de Africa que para de mar de mediterraneo por el estrecho de Gibraltar
 de la parte de Africa por la banda de mar de mediterraneo por el estrecho de Gibraltar
 de la parte de Africa por la banda de mar de mediterraneo por el estrecho de Gibraltar

esta es la parte de Africa que para de mar de mediterraneo por el estrecho de Gibraltar
 de la parte de Africa por la banda de mar de mediterraneo por el estrecho de Gibraltar
 de la parte de Africa por la banda de mar de mediterraneo por el estrecho de Gibraltar

esta es la parte de Africa que para de mar de mediterraneo por el estrecho de Gibraltar
 de la parte de Africa por la banda de mar de mediterraneo por el estrecho de Gibraltar
 de la parte de Africa por la banda de mar de mediterraneo por el estrecho de Gibraltar

Suma Oriental
 Tomé Pires
 India (?), c. 1515.
 Manuscrito sobre papel
 26,3 x 37,7 cm
 Biblioteca da Assembleia
 Nacional de França (Paris),
 Ms. 1248, E/D 19
 Suma Oriental
 Tomé Pires
 India (?), c. 1515.
 Manuscript on paper
 26,3 x 37,7 cm
 Bibliothèque de l'Assemblée
 nationale de France (Paris),
 Ms. 1248, E/D 19

Entretanto, o manuscrito original da *Suma oriental* seguiu para Portugal, onde terá sido analisado com o máximo de sigilo nos meios próximos da Coroa portuguesa, para posteriormente levar sumiço. Atualmente conhecem-se apenas duas cópias manuscritas da obra, uma completa conservada em Paris, e outra incompleta, guardada em Lisboa. O manuscrito parisiense, intitulado «Somma orientall que trata do maar Roxo athee os chijs compilada por Thome Pirez», terá sido copiado por volta de 1516 pelo piloto português Francisco Rodrigues, a partir da versão original redigida pelo próprio Tomé Pires. Por caminhos que se desconhecem, acabou por ser depositado na Bibliothèque de l'Assemblée nationale (Ms. 1248, E/D 19), em Paris, onde hoje se encontra. Sabendo-se que esta biblioteca francesa foi constituída na sequência da revolução de 1789 com fundos bibliográficos confiscados a aristocratas franceses, será difícil determinar a exata origem do códice português.

O manuscrito lisboeta, que tem por título «Soma horiemtall que trata do mar Roxo ate os chims», não contém nome de autor e terá sido copiado em Lisboa por volta de 1526, conservando-se hoje na Biblioteca Nacional de Portugal (Cód. 299/2). Mas contém apenas uma versão parcial da *Suma Oriental*, com cerca de um terço da obra original, pois faltam-lhe as secções dedicadas a Malaca e à Insulíndia. Um emissário do erudito veneziano Giovanni Battista Ramusio, que visitou Lisboa entre 1525 e 1528, conseguiu adquirir uma cópia da *Suma Oriental* muito semelhante à do manuscrito lisboense. E Ramusio veio a publicar uma versão italiana, anónima, do texto obtido em Lisboa, no primeiro volume da sua célebre coletânea de viagens *Navigazioni et Viaggi*, que foi impresso em Veneza em 1550.

A obra de Tomé Pires constitui uma fonte histórica de extraordinário valor a múltiplos níveis. Em primeiro lugar, como obra revolucionária no contexto da história da geografia europeia, pois impôs um momento de rutura no processo de conhecimento europeu de muitas regiões da Ásia e mormente das suas partes mais orientais. Depois, como documento insubstituível na construção da história asiática, já que apresenta um circunstanciado panorama político e económico de vastas regiões orientais. Em terceiro lugar, a *Suma Oriental* vale como vastíssimo repositório de informações etnográficas, muitas delas inéditas e obtidas em primeira mão, sobre muitos povos orientais. Finalmente, como testemunho de um momento privilegiado na história das relações da Europa com a Ásia, pois a obra do boticário português apresentava o último grande retrato da Ásia marítima antes da chegada em força dos europeus.

Existe hoje uma edição em língua inglesa da *Suma oriental*, que foi publicada em Londres em 1944 pela Hakluyt Society, sob a responsabilidade de Armando Cortesão, o historiador que redescobriu o manuscrito parisiense (*The Suma Oriental of Tomé Pires and the Book of Francisco Rodrigues*). Estão também disponíveis edições críticas recentes de ambos os manuscritos, publicadas sobre a responsabilidade de Rui Manuel Loureiro em Macau em 1996 (*O Manuscrito de Lisboa da "Suma Oriental" de Tomé Pires*) e em Lisboa em 2017 (*Suma Oriental*). [Rui Manuel Loureiro]

Paris, and the other incomplete, kept in Lisbon. The Parisian manuscript, entitled «Somma orientall que trata do maar Roxo athee os chijs compilada por thome pirez», was copied around 1516 by the Portuguese pilot Francisco Rodrigues, from the original version written by Tomé Pires himself. Through unknown paths, it ended up being deposited in the Bibliothèque de l'Assemblée nationale (Ms. 1248, E/D 19), in Paris, where it is located today. Knowing that this French library was created following the 1789 revolution with bibliographic funds confiscated from French aristocrats, it will be difficult to determine the exact origin of the Portuguese codex.

The Lisbon manuscript, entitled «Soma horiemtall que trata do mar Roxo ate os chims», does not contain the author's name and was copied in Lisbon around 1526, and is preserved today in the National Library of Portugal (Cod. 299). But it contains only a partial version of the *Suma oriental*, with about a third of the original work, as it lacks the sections dedicated to Malacca and Insulindia. An emissary of the Venetian scholar Giovanni Battista Ramusio, who visited Lisbon between 1525 and 1528, managed to acquire a copy of the *Suma oriental* very similar to the Lisbon manuscript. And Ramusio went on to publish an anonymous Italian version of the text obtained in Lisbon, in the first volume of his famous travel collection *Navigazioni et Viaggi*, which was printed in Venice in 1550.

The work of Tomé Pires is a historical source of extraordinary value on multiple levels. Firstly, as a revolutionary work in the context of the history of European geography, as it imposed a moment of total rupture in the process of European knowledge of many regions of Asia and especially of its most eastern parts. Then, as an irreplaceable document in the construction of Asian history since it presents a detailed political and economic panorama of vast eastern regions. Thirdly, the *Suma oriental* serves as a vast repository of ethnographic information, much of it completely innovative and obtained at first hand, on many oriental peoples. Finally, as a testament to a privileged moment in the history of Europe's relations with Asia, as the work of the Portuguese apothecary presented the last great portrait of maritime Asia before the arrival of the Europeans in force.

There is an English-language edition of the *Suma oriental*, which was published in London in 1944 by the Hakluyt Society, under the responsibility of Armando Cortesão, the historian who rediscovered the Parisian manuscript (*The Suma Oriental of Tomé Pires and the Book of Francisco Rodrigues*). Recent critical editions of both manuscripts are also available, published under the responsibility of Rui Manuel Loureiro in Macau in 1996 (*O Manuscrito de Lisboa da "Suma Oriental" de Tomé Pires*) and in Lisbon in 2017 (*Suma Oriental*). [Rui Manuel Loureiro]

[44-47] →

As crónicas sobre o império português na Ásia são fontes essenciais para compreendermos e analisarmos essa presença europeia. Os autores e as obras aqui apresentadas são dos mais relevantes sobre este assunto.

Por volta de 1531, João de Barros (cerca de 1496–1570) começou a preparar em Lisboa, da forma mais ampla que conseguiu, a história da Expansão Portuguesa, respondendo assim aos pedidos que desde há algum tempo eram feitos no sentido de que uma tal matéria fosse tratada. A essa enorme iniciativa historiográfica deu o nome de Ásia tendo declarado que estaria concluída em 1539. Mesmo que se possa aceitar ter então acabado uma primeira redação desse trabalho sabemos que a sua preparação final foi sendo retocada e acrescentada em datas posteriores e que, mesmo depois de publicada em 1563 a sua terceira década da Ásia, a quarta ainda ficou incompleta e por corrigir. A primeira década da Ásia é consagrada à história dos Descobrimentos Portugueses até 1505, tendo sido impressa em 1552. A segunda década da *Asia* saiu em 1553 e trata do período histórico que abarca as ações dos portugueses no Oriente entre os anos de 1505 e 1515.

Fernão Lopes de Castanheda (cerca de 1500–1559) foi para a Índia em 18 de Abril de 1528 e por lá andou dez anos tendo durante esse período conhecido pessoalmente muitos dos locais que viria a referir na obra que escreveu tendo então contactado com intervenientes em ações que narrou, de forma a registar informações que deles obteve, além de ter consultado numerosa documentação. Depois de ter partido para Portugal, onde chegou em 1539, Castanheda radicou-se em Coimbra e nas décadas de 30 e 40 do século XVI escreveu da forma mais minuciosa que pôde uma vasta *História do Descobrimento e conquista da Índia pelos portugueses* cujo primeiro volume foi impresso em 1551 tendo o oitavo saído postumamente em 1561.

Gaspar Correia (cerca de 1492–cerca de 1564) partiu para a Índia em 1512 e nos inícios da segunda metade do século XVI decidiu escrever uma extensa história dos portugueses no Oriente até 1550 à qual terá chamado «Crónica dos feitos da Índia», mas que ficou conhecida pela denominação de: *Lendas da Índia*. A redação desta obra decorreu predominantemente entre 1561 e 1563 tendo ficado manuscrita até ser publicada no século XIX. *As Lendas da Índia* revelam deficiências na forma como por vezes o autor procedeu ao registo de muitos dos acontecimentos narrados. Por esse motivo as suas observações têm de passar por uma rigorosa crítica antes de poderem ser aceites.

Brás de Albuquerque (1500/1501–1581) era filho natural de Afonso de Albuquerque e tinha formação humanista, preparou uma obra consagrada à exaltação das atividades do seu pai no Oriente. O facto que terá levado Brás de Albuquerque a escrever sobre as ações do seu progenitor talvez se encontre na circunstância de ter considerado que nas crónicas publicadas por Fernão Lopes de Castanheda e João de Barros não se terem destacado como ele desejava os feitos de Afonso de Albuquerque. Foi assim que ele decidiu proceder a um tratamento mais exaustivo e em tom encomiástico de tal matéria. Para esse efeito Brás de Albuquerque baseou-se fundamentalmente nas cartas que o pai escrevera ou lhe haviam sido dirigidas, bem como em outros textos e depoimentos que recolheu. O resultado do seu labor historiográfico materializou-se em 1557 na publicação de um volume a que deu o título: *Commentarios de Afonso Dalboquerque*.

Chronicles about the Portuguese empire in Asia are essential to examining and understanding the European presence there. The authors and the works which follow are among the most relevant.

Around 1531 in Lisbon, João de Barros (c. 1496–1570) began to prepare a comprehensive history of the Portuguese Expansion in response to continuing requests for such a work. The immense historiographical enterprise was to be called *Asia*. Barros declared that it would be finished by 1539. We can accept that the first draft was finished at that time, but the manuscript was still being revised and expanded later. After the third ‘decade’, or volume, was published in 1563, the volume to follow was incomplete and in draft. The first decade, printed in 1552, encompasses the history of the Portuguese Discoveries up to 1505. The second decade came out in 1553. It concerns the Portuguese activities in the East between 1505 and 1515.

Fernão Lopes de Castanheda (c. 1500–1559) departed Portugal for India on 18 April 1528, where he would remain for ten years. During this period, he was a visitor to many places which are later mentioned in his body of work. He personally met some of the people featured in the narrative, who also became his informants. In addition, Castanheda also consulted numerous documents. After returning to Portugal (1539), Castanheda settled in Coimbra. During the 1530s and ’40s, he set out to write a thorough historical account of the Portuguese discovery and conquest of India, entitled *História do Descobrimento e conquista da Índia pelos portugueses*. The first volume was printed in 1551, while the eighth and final volume did not come out until 1561 after Castanheda had died.

Gaspar Correia (c. 1492 — c. 1564) left for India in 1512. At the beginning of the second half of the 16th century, he decided to write an extensive history of the Portuguese in the East until 1550. It was named ‘Crónica dos feitos da Índia’ (chronicle of the deeds in India), but became known as *Lendas da Índia*. Writing took place predominantly between 1561 and 1563, but the manuscript was not published until the 19th century. The shortcomings of *Lendas da Índia* are apparent in how many of the events are narrated, and Correia’s observations must therefore undergo rigorous criticism before they can be accepted.

Brás de Albuquerque (1500/1501–1581) was the natural son of Afonso de Albuquerque. He was educated in the humanist tradition and penned a work extolling his father’s career in the East. Brás de Albuquerque may have been prompted to write about his father because neither Fernão Lopes de Castanheda nor João de Barros praised the deeds of Afonso de Albuquerque as nearly as desired. Brás then proceeded to produce a more exhaustive and flattering account, mainly based on the letters that he and his father had exchanged and on other texts and testimonies collected. The result materialised in 1557, with the publication of a volume entitled *Commentarios de Afonso Dalboquerque*.

Sometimes with minor differences, all these works offer a narrative of the Portuguese presence in the Gulf in more or less detail, including their arrival in 1507 under Afonso de Albuquerque. The subject deserves recollecting.

Afonso de Albuquerque set sail from the island of Socotra on 10 August 1507 ahead of an armada of five ships originating from Lisbon, with about 460 men. The fleet headed towards the coast of the Arabian Peninsula and sailed along it. Having reached ‘Cape Rosalgate’ (Musadam) →

[44-47] →

As obras destes autores narram de forma mais ou menos pormenorizada, por vezes com pequenas diferenças, assuntos relativos a presença dos portugueses no Golfo, nomeadamente da forma como lá foram pela primeira vez em 1507 sob o comando de Afonso de Albuquerque, assunto que pela sua importância passamos a sumariar muito rapidamente.

Afonso de Albuquerque partiu da ilha de Socotorá em 10 de agosto de 1507 com uma armada constituída por cinco navios que trouxera de Lisboa onde iam embarcados uns quatrocentos e sessenta homens. Esta armada dirigiu-se para a costa da península Arábica tendo-a percorrido até chegar ao chamado cabo *Rosalgate* (Musadam), que no século XVI se considerava ser o princípio da costa onde começava o reino de Ormuz. Ele já então percebera que a sua melhor opção estratégica para dominar economicamente aquela região, de acordo com os objetivos portugueses, consistia em ir a Ormuz, que havia sido informado corresponder à cidade mais rica da região e ficar na ilha do mesmo nome que se encontrava à entrada de um golfo separando terras situadas na península Arábica e regiões pertencentes à então chamada Pérsia (Irão).

Durante a referida expedição rumo a Ormuz Afonso de Albuquerque contactou com várias povoações onde teve intervenções violentas a começar por Calaiate (Qalhat), onde chegou em 21 de agosto de 1507. Depois passou por Curiate (Qurayyat), Mascate (Mascot), Soar (Sohar) até chegar em 21 de setembro a Corfação ou Orfação (Khawr Fakkân ou Hur Faakkan), que deixou em 26 de Setembro de 1507. Ainda neste mesmo dia chegou à ilha de Ormuz, onde não foi possível estabelecer um acordo que assegurasse uma presença portuguesa dominante na região, o que levou Afonso de Albuquerque a dirigir uma ofensiva contra aquela cidade. Em resultado dessa ação o rei local assinou um tratado de paz em 10 de outubro de 1507, através do qual reconheceu a suserania portuguesa sobre a cidade, tendo-se comprometido a pagar um tributo e a deixar construir ali uma fortaleza. Os trabalhos para levar a cabo tal obra iniciaram-se em 24 de Outubro de 1507, mas desentendimentos entre Afonso de Albuquerque e alguns dos seus capitães, que questionaram aquela iniciativa, não permitiram que a fortaleza se concluísse. Por tal motivo em Janeiro de 1508 Afonso de Albuquerque deixou-a por acabar, só retomando a sua edificação em 1515, quando nesse ano lá regressou em Abril para a concluir. Essa fortaleza passaria a ter uma grande importância para o controlo português do Golfo, o que aconteceu até 1622. [José Manuel Garcia]

— considered in the 16th century to mark the coastal border of the Kingdom of Hormuz. Following the Portuguese objective of dominating the region's economy, Albuquerque took the strategic option to press on to Hormuz, which (according to the information given to him) was the wealthiest town in the area and stood on an island at the mouth of a gulf which separated lands in the Arabian peninsula from regions belonging to what was then known as Persia (Iran).

As the fleet sailed toward Hormuz, violent clashes broke out once Albuquerque and the Portuguese reached several villages, starting with Calaiate (Qalhat), where he arrived on 21 August 1507, then Curiate (Qurayyat), Muscat (Mascot), Soar (Sohar), and finally Corfação/Orfação (Khawr Fakkân or Hur Faakkan) on 21 September 1507. Later that day, the island of Ormuz (Hormuz) was reached. It was impossible to reach an agreement ensuring the Portuguese dominance of the region, which caused Afonso de Albuquerque to launch an attack on the city. As a result, the local king was forced to a peace treaty, signed on 10 October 1507, by which the Portuguese were recognised as sovereign over the town. The local king undertook to pay tribute and allow the Portuguese to erect a fortress. Works started on 24 October 1507, but the fortress was not completed because of disagreements between Afonso de Albuquerque and certain captains who questioned his policy. For this reason, Afonso de Albuquerque left it unfinished in January 1508. Work resumed after April 1515, as Albuquerque returned wishing to see it completed. The fortress would become of major importance for Portuguese control of the Gulf, which lasted until 1622. [José Manuel Garcia]

Da segunda decada

Liuro segundo da segunda decada da Asia de
João de Barros dos feitos que os Portugueses fizeram no descobri-
mento e conquista dos mares e terras do Oriente: em q se con-
tem as cousas que Alfonso Dalboquerque fez na conquista
do reyno de Ormuz, e assy outras que neste tempo o
visorey fez na India, e depois da morte
de seu filho dom Lourenço.

Capitulo primeiro, Como Alfonso Dalboquerque com armáda que
lhe ficou partido de Socotora, tomou na costa da Arábia cinco
villas do reyno Ormuz.



Como este reyno de Portugal per hū particular dō de deos lhe é cōcedida esta
prerogatiua, ganhar os titulos de sua coroa per conquista de infiees, e este é
o seu verdadeiro patrimonio, principalmente dos Arabios q como no prin-
cipio dissemos, descozendo das partes orientaes da sua patria Arabia, vieram
rã tér a estas occidentaes: parece q como deos permitio que elles fossem flia-
gello e castigo dos peccados de Espanha destruindo e assolando a terra aos
naturaes della, assy ordenou que passados tantos seculos, a gente Portugues a mais occiden-
tal de Espanha e do proprio solar della, nam somente dentro na sua esterele Arabia per o mesmo
modo a poder de ferro fossem errecutar esta natural prerogatiua, destruindo-lhe suas cidades,
queimando suas casas, captuando-lhe molheres e filhos, e fazendo-se senhores de suas fazen-
das e patria, mas ainda a gente Persa muy celebre em nome, nobre per antiguidade de reitto,
armas, e policia, pagasse esta offensa feita a Espanha, por se converterem á secta destes bárba-
ros Arabios e desobtemos debair o do jugo e potencia de nossas armas com as victorias
q delles ouuemos em a conquista do reyno Ormuz, cujo estado se contem nestas duas partes
Arabia Persia. E relacãm das quaes victorias começarem neste segundo liuro ante q sai-
mos do anno de quinhentos e oito, por nã confundir o tempo em q se as cousas fizera: o qual
quanto em nos for trabalharem por guardar no processo dellas. E tãbem porque os feitos
de Alfonso Dalboquerque a quem se deve tam grande estado como e de Ormuz, tenham nouo
principio: pois elle foy o primeiro q trilhou esta terra de Arabia, a qual elle tinha por cōquista
no regimento delrey, e principalmente andar cō aquella armáda q leuou entre estes dous estre-
tos, do mar roiro e Persa, q era a entrada e saída dos mouros naquellas partes da India.
O qual Alfonso Dalboquerque depois que se fez o feito de Socotora e Tristam da Cunha se par-
tio pera a India, dhy a dez dias q eram vinte de agosto partio elle tãbem pera este lugar de sua
conquista com as sete velhas que leuaua: seys na os capitães Francisco de Lãuora, Abannud
Tez, Alfonso Lopez da Costa, Antonio do Campo, Joam da Moura, e elle capitam mór, e
mais hūa fusta que se fez em Socotora capitam Mauro Chã de Castel Branco, em q yam ate
quatro centos e sessenta homens de pelea. E porque os tempos ò nam leixaram andar naquella
garganta do estreito do mar roiro, passando-se á costa de Arabia começou de a correr e dobrar
o cabo Rocalgate q é no principio da costa onde começa o estado do reyno Ormuz: ao qual ca-
bo Ptolemeu chama Sragro promontorio, e põe em quatorze grãos da parte do norte e per
nos está verificado em vinte dous grãos e meyo. O primeiro lugar do reyno de Ormuz a que
Alfonso Dalboquerque chegou, foy hū chamado Calayate q sera de dentro do cabo vinte lé-
guas: o qual em suas ruinas e edificios mostraua já em outro tempo ser algũa populosa cida-
de: e segundo fama dos naturaes hū tremor de terra a pos no estado em que Alfonso Dalbo-
querque a achou que era poucaçãm nobre com muros tores, casas, e yãdos, janellas ao mô-
do de Espanha. O sitio da qual por ser a beçda da praia com hū pouso em que as nossas naos
se abrigaram do tempo q trazia: a jazia ainda mais fermosa a vista dos nossos. Alfonso Dalbo-

Segunda década da Ásia [...] dos feitos que os portugueses fizeram no descobrimento e conquista dos mares e terras do Oriente

João de Barros

Lisboa: por Germão Galharde, 1553

Impresso sobre papel

37,5 x 51,5 cm

Faculdade de Letras da Universidade de Coimbra (Portugal), Sala Visconde de Lagoa: Arm.2-2-1 (VL)

Segunda década da Ásia [...] dos feitos que os portugueses fizeram no descobrimento e conquista dos mares e terras do Oriente

João de Barros

Lisbon: Germão Galharde, 1553

Printed on paper

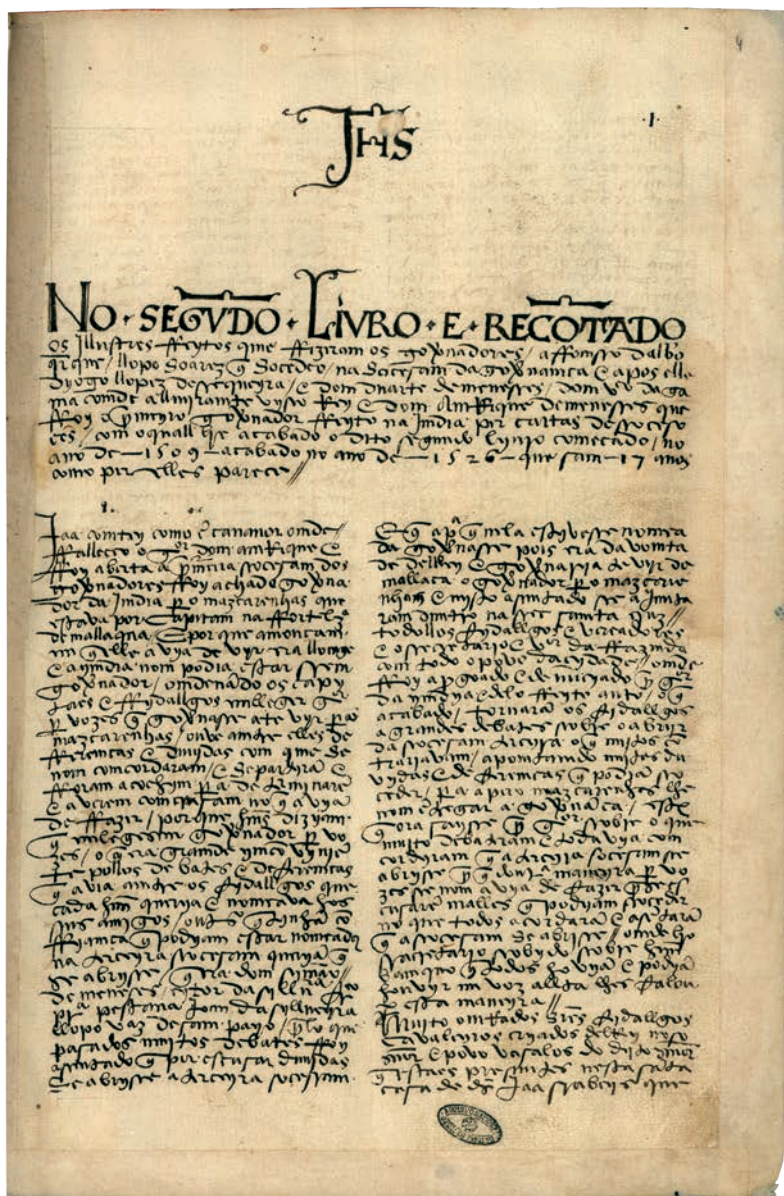
37,5 x 51,5 cm

Faculdade de Letras da Universidade de Coimbra (Portugal), Sala Visconde de Lagoa: Arm.2-2-1 (VL)



45

História do descobrimento e conquista da Índia pelos portugueses
 Fernão Lopes de Castanheda
 Coimbra: por João de Barreira e João Alvarez,
 1552, vols. 2 e 4
 Impresso sobre papel
 20 x 27,5 cm
 Colecção Sérgio Moreno, Lisboa
História do descobrimento e conquista da Índia pelos portugueses.
 Fernão Lopes de Castanheda
 Coimbra: João de Barreira and João Alvarez,
 1552
 20 x 27,5 cm
 Printed on paper
 Sérgio Moreno collection, Lisbon



Lendas da Índia
 Gaspar Correia
 Goa (India), c. 1560
 Manuscrito sobre papel
 43 x 30,2 cm
 Arquivo Nacional da Torre do Tombo (Lisboa), Códices e documentos de proveniência desconhecida, n.º 42

Lendas da Índia
 Gaspar Correia
 Goa (India), c. 1560
 Manuscript on paper
 43 x 30,2 cm
 Arquivo Nacional da Torre do Tombo (Lisbon), Códices e documentos de proveniência desconhecida, n.º 42

Comentários de Afonso de Albuquerque
 Brás de Albuquerque
 Lisboa: por João de Barreira, 1557
 Impresso sobre papel
 20 x 28 cm
 Colecção Sérgio Moreno, Lisboa
 Comentários de Afonso de Albuquerque
 Brás de Albuquerque
 Lisbon: João de Barreira, 1557
 Printed on paper
 20 x 28 cm
 Sérgio Moreno collection, Lisboa

O Livro das cidades, e fortalezas que a Coroa de Portugal tem nas partes da Índia, e das Capitánias, e mais cargos que nelas há, e da importância delles, é um manuscrito escrito por volta de 1582 e de autoria anónima. A data revela bem o momento em que foi elaborado: depois da integração de Portugal na Monarquia Hispânica em 1580, ou seja, da união do reino português aos reinos vizinhos da Península Ibérica, que duraria até 1640. Assim, este texto é dedicado ao novo rei (Filipe II) para servir de guia informativo sobre o *Estado da Índia* naquele momento. Concretamente, o documento descreve extensivamente todos os territórios e fortalezas que estão sob alçada portuguesa, com o registo das suas defesas, do seu enquadramento político e social, das suas receitas e despesas, entre tantas outras questões abordadas. O manuscrito terá sido escrito por um oficial com acesso aos registos administrativos centrais do *Estado da Índia* e com conhecimento próprio sobre as suas estruturas de poder e económico-financeiras. Composto por dezassete capítulos, o *Livro* dedica o sétimo capítulo a Ormuz e à região do Golfo. Sobre a importância desta cidade, o autor destaca que “hé esta cidade de Ormuz o mais celebre emporio e escala do mundo, em que mor concurso e trato ha de todallas mercadorias orientaes e occidentaes, e hũa escala muy grande de todos os cavalos que passão da Arabia e Persia para todas as partes da Índia, de que se provem os Portugueses, e per sua mão todos os reis mouros della”. Depois de explicitar o contexto político da região, destacando a importância da fortaleza para controlar o comércio e fazer frente à presença Otomana, em Bassorá, o texto destaca as funções e os ordenados dos oficiais portugueses, como por exemplo, o capitão, o ouvidor, o meirinho, os vários escrivães e o porteiro da alfandega, dando relevo à estrutura administrativa. Para além da importância de Ormuz, o autor anónimo descreveu o interesse de Calaiate e Mascate, “na costa da Arabia”, descritas como localidades “muito boas e de muito trato e rendimento”, mencionando ainda o local de Magostão, na costa norte do Golfo. A descrição desta região fecha com referência às galés que faziam a guarda do estreito “por causa dos muitos ladrões e cossairos que nelle andão”.

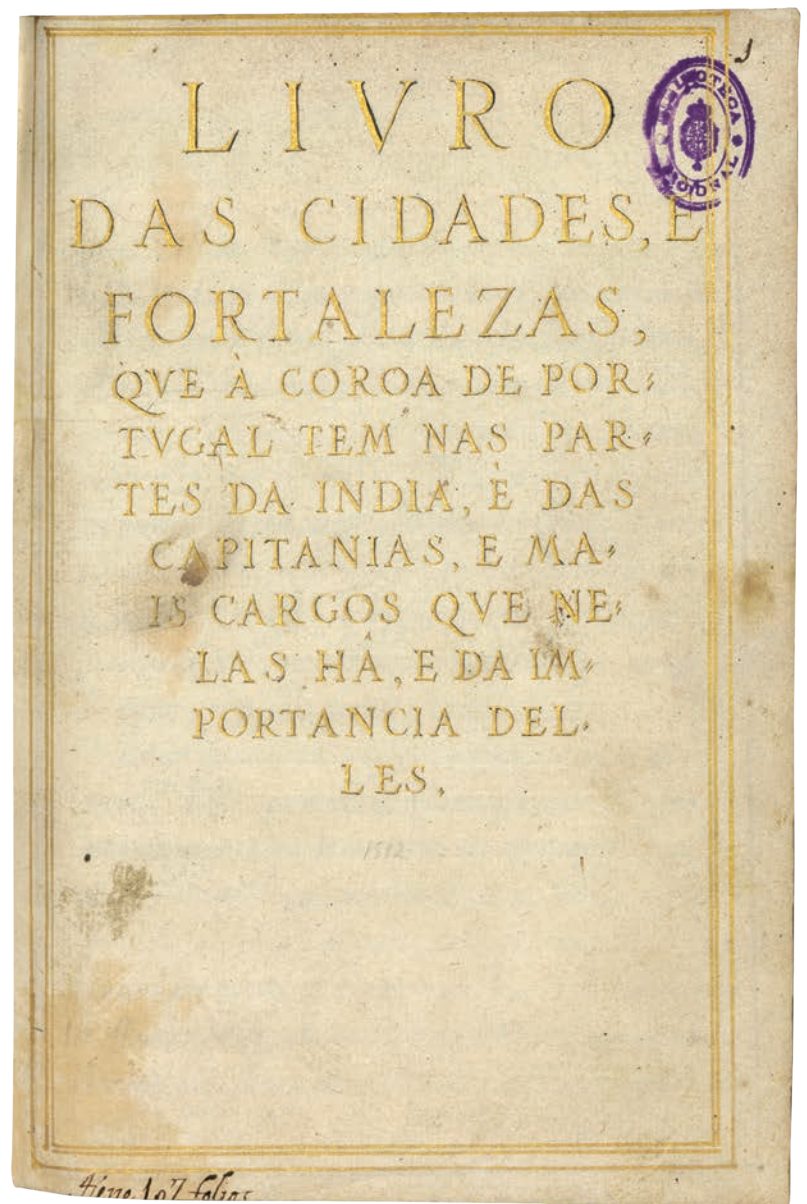
Esta fonte fornece uma visão privilegiada sobre o *Estado da Índia* no final do século XVI, sendo de maior interesse porque a informação foi seleccionada por ser a mais relevante para quem desconhecia a realidade do império português na Ásia — neste caso, o novo rei de Portugal. Insere-se assim num vasto conjunto de fontes deste período, como as várias colectâneas de plantas das fortalezas do reino e do império, que procuravam dar uma leitura panorâmica destes espaços extra-europeus, facilitando uma governação à distância, sedada na Europa e apenas possível graças à constante comunicação entre os monarcas e os seus agentes no terreno.

O manuscrito contém 107 fólhos e encontra-se na Biblioteca Nacional de España (Madrid), existindo ainda duas cópias incompletas — uma também em Madrid, na Real Academia de Historia, e outra na Academia das Ciências de Lisboa. [Roger Lee de Jesus]

The Livro das cidades, e fortalezas que a Coroa de Portugal tem nas partes da Índia, e das Capitánias, e mais cargos que nelas há, e da importância deles, is an anonymous manuscript written around 1582. The date well attests to the historical moment in which it was written: after the integration of Portugal in the Hispanic Monarchy in 1580, that is, the union of the Portuguese kingdom with the neighbouring kingdoms of the Iberian Peninsula, which would last until 1640. The text is therefore dedicated to the new king (King Philip II) to serve as an informative guide to the *Estado da Índia* at that time. More specifically, the document describes at length all the territories and forts under Portuguese jurisdiction, with a record of their defences, their political and social framework, their revenue and expenditure, among many other issues addressed. The manuscript was written by an official with access to the central administrative records of the *Estado da Índia* and with his own knowledge of its power and economic-financial structures. Comprising seventeen chapters, the *Livro* dedicates its seventh chapter to Hormuz and the Gulf region. About the importance of this city, the author stresses that “this city of Hormuz is the most famous emporium and entrepot of the world, in which there is a greater competition and trade of all merchandise eastern and western, and a very large way station for all horses that pass from Arabia and Persia to all parts of India, of which the Portuguese make use, and by their hand all the Moorish kings’. After detailing the region’s political context of, highlighting the fortress’ importance in controlling trade and facing the Ottoman presence in Basra, the text stresses the functions and salaries of the Portuguese officers, such as the captain, the overseer, the bailiff, the various clerks and the customs porter, with an emphasis on its the administrative structure. In addition to the importance of Hormuz, the anonymous author described the importance of Qalhat and Muscat, ‘on the coast of Arabia’, deemed as ‘very good and most rich and welcoming’ places, as well as mentioning the place of Moghistan, on the northern coast of the Gulf. The description of this region ends with a reference to the galleys that guarded the strait ‘because of the many thieves and sailors roaming there’.

This source provides a privileged glance of the *Estado da Índia* at the end of the 16th century, and is of greater interest because the information was selected as being the most relevant for those who were unaware of the reality of the Portuguese empire in Asia — in this case, the new king of Portugal. It fits into a vast set of sources from this period, such as the various collections of plans of the fortresses of the kingdom and the empire, which sought to create a panoramic view of these extra-European spaces, facilitating governance at a distance, based in Europe, and only made possible thanks to constant communication between the monarchs and their agents on the ground.

The manuscript contains 107 folios and is housed in the Biblioteca Nacional de España (Madrid). There are also two incomplete copies — one in Madrid, in the Real Academia de Historia, and the other in the Lisbon Academy of Sciences. [Roger Lee de Jesus]



Livro das Cidades e fortalezas

Portugal (?), 1582

Manuscrito sobre papel

20 x 14 cm

Biblioteca Nacional de España (Madrid),

Mss/3217

Livro das Cidades e fortalezas

Portugal (?), 1582

Manuscript on paper

20 x 14 cm

Biblioteca Nacional de España (Madrid),

Mss/3217

Quase nada se sabe sobre o viajante e escritor português Pedro Teixeira, para além das alusões autobiográficas contidas numa volumosa obra que publicou em Antuérpia em 1610, com o título *Relaciones de Pedro Teixeira d'el origen, descendencia y svccession de los reyes de Persia, y de Harmuz, y de vn viage hecho por el mismo avtor dende la India Oriental hasta Italia por tierra*. Teria nascido por volta de 1565, algures em Portugal, e seria de origem cristã-nova. Em 1586 embarcou em Lisboa num dos navios que anualmente rumavam à costa ocidental da Índia, aparentemente como homem de armas, e nos anos seguintes prestou serviço militar em diversas armadas do Estado Português da Índia, visitando nomeadamente a costa ocidental de África, o Ceilão e o Guzerate. Por volta de 1592 encontrava-se na ilha de Ormuz, onde existia uma fortaleza portuguesa, e aí viveria durante vários anos. Numa passagem das *Relaciones*, Teixeira refere que em 1595 se ocupava com a tradução e comentário de crónicas persas, podendo deduzir-se que tal atividade teria lugar em Ormuz, onde teria adquirido conhecimentos mais ou menos aprofundados da língua persa.

Em finais de 1597 Teixeira já se encontrava em Goa, de onde logo embarcou rumo à cidade de Malaca, outra das possessões portuguesas, onde permaneceria até 1600. Não se conhecem as funções específicas que o viajante português teria desenvolvido. Contudo, ao longo das *Relaciones* multiplicam-se de forma regular as referências a produtos naturais susceptíveis de utilização terapêutica, o que levaria a supor que Teixeira estaria ligado a uma profissão na área da saúde, ou como boticário que tivesse de preparar e manusear drogas, ou como físico que tivesse de as utilizar com fins curativos.

Fosse como fosse, nos primeiros meses de 1600, dando por completo o seu período oriental, Teixeira navegou para as Filipinas, com a intenção de alcançar a Europa seguindo a rota de Manila e Acapulco. Durante a União Ibérica, entre 1580 e 1640, não foram invulgares os contactos entre Malaca portuguesa e Manila espanhola, pois um constante movimento de navios mercantis ligava as duas cidades portuárias. A opção pela rota do Pacífico poderá ter ficado a dever-se ao desejo de correr mundo e de tomar contacto com novas terras. A viagem realizada a bordo de um galeão espanhol realizou-se sem incidentes, e depois de escalas em Acapulco e em Vera Cruz, Teixeira chegaria a Sevilha a bordo de um navio espanhol, em setembro de 1601. Um mês mais tarde estava em Lisboa, tendo completado uma viagem à volta ao mundo. Mas na capital portuguesa constatou que a avultada soma de dinheiro que enviara da Índia para Portugal ainda não chegara, pelo que em 1602 resolveu navegar de novo para o Oriente.

Tudo leva a crer que a situação tenha sido eventualmente resolvida. Mas quando chegou a hora de regressar novamente à Europa, em princípios de 1604, Pedro Teixeira, cansado de tão largas navegações, decidiu seguir pela via terrestre, a partir de Ormuz. A extensa «Relacion del camino qve hize dende la Índia hasta Itália», que faz parte integrante das *Relaciones*, reconstitui em detalhe esta aventureira jornada, que o levou sucessivamente a Mascate, Ormuz, Bassorá, Bagdade, Alepo e Veneza, onde chegaria a salvamento em julho de 1605. Após o seu regresso definitivo à Europa, Pedro Teixeira, por razões que não se conseguem apurar, ter-se-á fixado em Antuérpia, metrópole do sul dos Países Baixos que então era controlada por Espanha, onde em 1610 publicaria as suas *Relaciones*.

Almost nothing is known about the Portuguese traveler and writer Pedro Teixeira, apart from the autobiographical allusions contained in a voluminous work he published in Antwerp in 1610, entitled *Relaciones de Pedro Teixeira d'el origen, descendencia y svccession de los reyes de Persia, y de Harmuz, y de vn viagem hecho por el mismo avtor dende la India Oriental hasta Italia por tierra*. He would have been born around 1565, somewhere in Portugal, and would be of New Christian origin. In 1586, he embarked in Lisbon on one of the ships that sailed annually to the west coast of India, apparently as a man-at-arms, and in the following years he served in several fleets of the Portuguese *Estado da Índia*, visiting the west coast of Africa, Ceylon, and Gujarat. Around 1592 he was on the island of Hormuz, where there was a Portuguese fortress, and he would live there for several years. In a passage of the *Relaciones*, Teixeira mentions that in 1595 he was busy translating and commenting some Persian chronicles, and it can be deduced that this activity would take place in Hormuz, where he would have acquired more or less in-depth knowledge of the Persian language.

At the end of 1597 Teixeira was already in Goa, from where he soon embarked for the city of Malacca, another of the Portuguese possessions, where he would remain until 1600. The specific functions that the Portuguese traveller would have developed are not known. However, throughout the *Relaciones*, references to natural products of medical use appear regularly, which would lead to the assumption that Teixeira was linked to a profession in the health area, as an apothecary who had to prepare and handle drugs, or as a physicist who had to use them for curative purposes.

Anyway, in the first months of 1600, putting an end to his eastern period, Teixeira sailed to the Philippines, with the intention of reaching Europe through the route of Manila and Acapulco. During the Iberian Union, between 1580 and 1640, contacts between Portuguese Malacca and Spanish Manila were not uncommon, as a constant movement of merchant ships connected the two port cities. The option for the Pacific route may have been due to the desire to travel the world and contact new lands. The voyage on a Spanish galleon was without incident, and after stops at Acapulco and Vera Cruz, Teixeira arrived in Seville aboard a Spanish ship in September 1601. A month later he was in Lisbon, having completed a voyage around the world. But in the Portuguese port-city he found out that the large sum of money he had sent from India to Portugal had not yet arrived, so in 1602 he decided to sail again to Asia.

Everything suggests that the situation was eventually resolved. But when the time came to return to Europe again, at the beginning of 1604, Pedro Teixeira, tired of long maritime voyages, decided to take the land route, starting from Hormuz. The extensive «Relacion del camino qve hize dende la India to Italia», which is an integral part of the *Relaciones*, retraces in detail this adventurous journey, which took him successively to Muscat, Hormuz, Basra, Baghdad, Aleppo, and Venice, where he would arrive safely in July 1605. After his definitive return to Europe, Pedro Teixeira, for reasons that cannot be ascertained, seems to have settled in Antwerp, a metropolis in the south of the Netherlands that was then controlled by Spain, where in 1610 he would publish his *Relaciones*.

This work included relatively free Castilian versions of two Persian manuscript chronicles: on the one hand, a chronicle of the monarchs of →

RELACIONES

DE

PEDRO TEIXEIRA

D'EL ORIGEN

DESCENDENCIA

Y SVCCESION

de los Reyes de Persia, y de Harmuz,

Y DE VN VIAGE HECHO

POR EL MISMO AVTOR

dende la India Oriental hasta Italia
por tierra.



EN AMBERES

En casa de Hieronymo Verdussen.

M. D C. X.

Con Privilegio.

*Relaciones de Pedro Teixeira d'el origen descendencia
y succession de los reyes de Persia, y de Harmuz,
y de un viage hecho por el mismo autor dende la India
Oriental hasta Italia por tierra.*

Amberes: Hieronymo Verdussen, 1610

Impresso sobre papel

10 x 17 cm

Biblioteca Geral da Universidade de Coimbra (Portugal),

9-(4)-A-191

*Relaciones de Pedro Teixeira d'el origen descendencia
y succession de los reyes de Persia, y de Harmuz, y de un
viage hecho por el mismo autor dende la India Oriental
hasta Italia por tierra.*

Amberes: Hieronymo Verdussen, 1610.

Printed on paper

10 x 17 cm

Biblioteca Geral da Universidade de Coimbra (Portugal),

9-(4)-A-191

Esta obra incluía versões castelhanas relativamente livres de duas crónicas manuscritas persas: por um lado, uma crónica sobre os monarcas da Pérsia, conhecida como *Raudat al-safa*, do escritor quatrocentista Mirkhwand, ou Muhammad ibn Khavandshah; por outro lado, uma crónica sobre os soberanos do reino de Ormuz, a «Breve relacion del principio del reyno Harmuz e de sus reys hasta el tiempo en que los portugueses lo ocuparon», traduzida do manuscrito original do *Sháhnáma* de Turan Shah, entretanto perdido. Valerá a pena salientar que as várias partes das *Relaciones*, para além das matérias propriamente cronísticas, registam dezenas e dezenas de observações da mais diversa natureza, resultantes da vasta experiência ultramarina de Teixeira. Trata-se, sem dúvida, da mais surpreendente característica da obra, já que o autor avança com descrições, apontamentos, referências, esclarecimentos, respeitantes a assuntos tão variados como a geografia, a botânica, a farmacologia, a linguística e a etnografia das muitas regiões que visitou durante as suas prolongadas andanças ao redor do mundo. Destaque especial merece a cuidada descrição do Barém, ilha que Teixeira teve oportunidade de visitar, onde pode observar, e depois registar nas suas *Relaciones*, preciosas notícias sobre a pesca de pérolas que ali tinha lugar. Enfim, como complemento das duas crónicas persas, Pedro Teixeira incluiu ainda na sua obra uma extensa relação da sua viagem à volta do mundo, de natureza autobiográfica.

Existe hoje uma edição parcial em língua inglesa das *Relaciones*, que foi publicada em Londres em 1902 pela Hakluyt Society, sob a responsabilidade de William F. Sinclair e Donald Ferguson (*The Travels of Pedro Teixeira, with his Kings of Harmuz and extracts from his Kings of Persia*). Está ainda disponível uma edição em espanhol relativamente recente, publicada em Madrid em 1994, sob a responsabilidade de Eduardo Barajas Salas (*Relaciones de Pedro de Teixeira del origen, descendencia y sucesión de los Reyes de Persia, y de Harmuz, y de un viaje hecho por el mismo autor desde la India Oriental hasta Italia por tierra*). [Rui Manuel Loureiro]

Persia, known as *Raudat al-safa*, by the 14th century writer Mirkhwand, or Muhammad ibn Khavandshah; on the other hand, a chronicle on the sovereigns of the kingdom of Hormuz, the «Breve relacion del principio del reyno Harmuz e de sus reys hasta el tiempo en que los portugueses lo ocuparon», translated from the original manuscript of the *Sháhnáma* by Turan Shah, meanwhile lost. It is worth noting that the various parts of the *Relaciones*, in addition to the strictly historiographic matters, also register dozens and dozens of observations of the most diverse nature, resulting from Teixeira's vast overseas experience. This is, without a doubt, the most surprising feature of the work, as the author advances with descriptions, notes, references, clarifications, concerning subjects as varied as geography, botany, pharmacology, linguistics, and ethnography of the many regions he visited during his prolonged wanderings around the world. A special mention deserves the careful description of Bahrain, an island that Teixeira had the opportunity to visit, where he could observe, and then record in his *Relaciones*, precious news about the pearl fishing that took place there. Finally, as a complement to the two Persian chronicles, Pedro Teixeira also included in his work an extensive account of his journey around the world, of an autobiographical nature.

There is a partial English-language edition of the *Relaciones*, which was published in London in 1902 by the Hakluyt Society, under the responsibility of William F. Sinclair and Donald Ferguson (*The Travels of Pedro Teixeira, with his Kings of Harmuz and extracts from his Kings of Persia*). There is also a relatively recent edition in Spanish, published in Madrid in 1994, by Eduardo Barajas Salas (*Relaciones de Pedro de Teixeira del origen, descendencia y sucesión de los Reyes de Persia, y de Harmuz, y de un viaje hecho por el mismo autor desde la India Oriental hasta Italia por tierra*). [Rui Manuel Loureiro]

Durante o período da União Ibérica, entre 1580 e 1640, quando Portugal esteve submetido a Espanha, as relações entre o Estado da Índia e a região do Golfo conheceram desenvolvimentos importantes. Os monarcas espanhóis tentaram cooptar os safávidas para uma aliança estratégica contra o Império Otomano, com o qual mantinham uma relação conflituosa em diversas áreas litorâneas do Mediterrâneo, despachando sucessivas embaixadas para a corte persa, por via de Goa. Entretanto, a ascensão de ‘Abbas I ao trono da Pérsia, em 1587, marcou um momento de viragem na geopolítica safávida, pois o soberano persa, depois de consolidar o seu poder internamente, virou a sua atenção para as margens do Golfo, que até então tinham permanecido relativamente autónomas.

Os portugueses, desde os primeiros anos do século XVI, haviam conseguido manter um apertado controlo sobre a ilha de Ormuz e sobre diversas das suas dependências. A partir da base ormuzina, as armadas lusitanas asseguraram uma relativa hegemonia sobre a navegação que cruzava o Mar de Omã e se adentrava no Golfo. Com a conquista de Bahrain (Barém) em 1602, ‘Abbas I decidira finalmente fazer ao tradicional poderio marítimo dos portugueses. Nas duas décadas seguintes, o soberano persa desencadeou um lento, mas progressivo, assalto às posições portuguesas, que tinham o seu epicentro na ilha de Ormuz. Esse processo viria eventualmente a desembocar na conquista da fortaleza ormuzina por uma coligação anglo-persa em 1622. A ascensão de ‘Abbas coincidia com a chegada ao Oceano Índico de potências europeias rivais dos portugueses, e nomeadamente os ingleses, que desde cedo procuraram estabelecer relações amistosas com a Pérsia.

A embaixada de D. García de Silva y Figueroa à Pérsia insere-se neste contexto mais vasto. A sua missão diplomática estender-se-ia por cerca de uma década, com início em abril de 1614, data da partida de Lisboa, a bordo de uma nau portuguesa com rumo à Índia, onde aportaria em finais do mesmo ano. De seguida, efetuou uma prolongada estadia na capital do *Estado da Índia*, e apenas em abril de 1617 chegaria a Ormuz. Uma vez reunidos os importantes meios humanos, animais e materiais de que a sua comitiva de cerca de uma centena de pessoas necessitaria, D. García de Silva iniciou uma demorada jornada pelos caminhos da Pérsia, rumando ao encontro de ‘Abbas I, a fim de dar cumprimento à sua incumbência diplomática. O embaixador seria recebido pelo soberano safávida em Qazvin, em meados de 1618.

A missão de D. García de Silva saldou-se num total fracasso, pois nenhum acordo foi alcançado relativamente aos assuntos em disputa, e nomeadamente a devolução das possessões do reino de Ormuz ocupadas pelos safávidas. Nada mais lhe restava senão rumar à Europa. Assim, e após alguns meses de estada em Ormuz, D. García de Silva embarcou rumo a Goa em abril de 1620, para mais tarde, em fevereiro de 1624, iniciar a viagem para Lisboa. Mas o embaixador viria a falecer durante esta viagem, nas proximidades do arquipélago dos Açores. Facto por demais simbólico, durante a sua permanência em Goa, Silva y Figueroa tinha assistido à chegada de notícias oriundas do Golfo reportando a conquista de Ormuz por uma força conjunta de persas e ingleses.

D. García de Silva era um homem cultíssimo, fluente em latim e bom conhecedor da literatura clássica. Como um viajante moderno, preparou minuciosamente a sua viagem à Pérsia, através da consulta

During the period of the Iberian Union, between 1580 and 1640, when Portugal was ruled by Spain, the relations between the Estado da Índia and the Gulf region underwent important developments. The Spanish monarchs tried to co-opt the Safavids into a strategic alliance against the Ottoman Empire, with which they had a conflicted relationship in several coastal areas of the Mediterranean, dispatching successive embassies to the Persian court via Goa. Meanwhile, the accession of ‘Abbas I to the throne of Persia in 1587 marked a turning point in Safavid geopolitics, as the Persian sovereign, after consolidating his power internally, turned his attention to the shores of the Arabian-Persian Gulf, which until then had remained relatively autonomous.

The Portuguese, since the early years of the 16th century, had managed to maintain a tight control over the island of Hormuz and over several of its dependencies. From their Hormuz base, the Portuguese fleets ensured a relative hegemony over the navigation that crossed the Sea of Oman and entered the Gulf. With the conquest of Bahrain in 1602, ‘Abbas I finally decided to face the traditional maritime power of the Portuguese. Over the next two decades, the Persian sovereign unleashed a slow but progressive assault on Portuguese positions, which had their epicenter on the island of Hormuz. This process would eventually lead to the conquest of the Portuguese fortress by an Anglo-Persian coalition in 1622. The rise of ‘Abbas coincided with the arrival in the Indian Ocean of European powers rivaling the Portuguese, namely the English, who from the start sought to establish friendly relations with Persia.

The embassy of García de Silva y Figueroa to Persia was part of this broader context. His diplomatic mission would span about a decade, beginning in April 1614, when he left Lisbon, aboard a Portuguese ship bound for India, where he would arrive at the end of the same year. Then he made a long stop-over in the capital of the *Estado da Índia*, and only in April 1617 would he reach Hormuz. Having gathered the important human, animal and material resources that his entourage of about a hundred people would need, García de Silva began a long journey across Persia, heading towards ‘Abbas I, in order to carry out his diplomatic mission. The ambassador would be received by the Safavid sovereign at Qazvin in mid-1618.

The mission of García de Silva ended in a total failure, as no agreement was reached regarding the disputed issues, namely the return of the possessions of the kingdom of Hormuz occupied by the Safavids. There was nothing left for him but to head to Europe. Thus, and after a few months of stay in Hormuz, D. García de Silva embarked for Goa in April 1620, to later, in February 1624, begin the journey to Lisbon. But the ambassador died during this journey, in the vicinity of the Azores archipelago. A very symbolic fact, during his stay in Goa, Silva y Figueroa had witnessed the arrival of news from the Gulf reporting the conquest of Hormuz by a joint force of Persians and English.

García de Silva was a highly educated man, fluent in Latin and well acquainted with classical literature. As a modern traveller, he carefully prepared his trip to Persia, by consulting numerous works on history and geography. He was also a compulsive diarist, who throughout his long eastern journey, in addition to dozens of letters, wrote a voluminous travel diary. *The Comentarios de García de Silua que contienen su viaje* →

de numerosíssimos trabalhos de história e de geografia. Era também um diarista compulsivo, que ao longo do seu longo périplo oriental, para além de dezenas de cartas, redigiu um volumoso diário de viagem. Os *Commentários de Don Garçia de Silua que contienen su viaje a la Índia y de ella a Persia* — nome por que ficou conhecido o seu manuscrito de cerca de um milhão de páginas, que se conserva na Biblioteca Nacional de Espanha — descrevem demoradamente a sua jornada desde Lisboa até à Pérsia, assim como a inacabada viagem de regresso à Europa. Através da leitura dos *Comentarios*, é possível deduzir que o embaixador era compelido à escrita por diversas razões, e nomeadamente para ocupar as longuíssimas horas de ócio que uma jornada de Lisboa à Pérsia implicava; para registar tudo o que lhe parecia novidade, como homem ilustrado, interessado na história natural e moral das regiões que ia cruzando; para confrontar as realidades asiáticas com as suas leituras de materiais histórico-geográficos; e também como forma de justificar as suas andanças, apresentando uma espécie de detalhado relatório de missão. O manuscrito original foi decerto preparado para edição durante a viagem de regresso, mas o processo editorial teria sido interrompido pela morte do autor.

Uma breve síntese do conteúdo dos *Comentarios* revelará a respetiva importância. O Livro I relata de forma extremamente minuciosa as peripécias da longa viagem marítima entre Lisboa e Goa. Trata-se provavelmente da mais rigorosa e detalhada relação de uma viagem da *carreira da Índia*. O Livro II apresenta uma detalhada descrição de Goa e dos seus habitantes, com base na sua demorada residência naquele território. O Livro III debruça-se sobre os portos de Mascate e de Ormuz, na época baluartes da presença portuguesa no Golfo. Os Livros IV, V e VI, que ocupam cerca de metade do manuscrito original, para além de relatarem as peripécias da embaixada à corte de ‘Abbas I, seguem detalhadamente as peregrinações de Silva y Figueroa por territórios iranianos, registando ainda valiosas informações históricas e geográficas sobre outras regiões da Ásia Central. O Livro VII, enfim, descreve a viagem parcial de volta a Portugal. Em suma, os *Comentarios* configuram uma fonte de excepcional importância, e de extraordinária extensão, para a história do *Estado da Índia* no período da União Ibérica, para a história de diversas regiões asiáticas, e sobretudo para a história das relações que Portugal e Espanha, a partir de Goa, mantiveram com a Pérsia safávida e com as regiões litorâneas do Golfo.

Existe hoje uma edição em língua inglesa dos *Comentarios*, que foi publicada em Leiden / Boston em 2017, pela editorial Brill, sob a responsabilidade de Jeffrey S. Turley e George Bryan Souza (*The Commentaries of D. García de Silva y Figueroa on his Embassy to Shah ‘Abbās I of Persia on Behalf of Philip III, King of Spain*). Está também disponível uma edição crítica do original espanhol, publicada em Lisboa em 2011, pelo Centro de Humanidades da Universidade Nova de Lisboa, sob a responsabilidade de Rui Manuel Loureiro, Ana Cristina Costa Gomes e Vasco Resende (*Comentarios de la Embaxada al Rey Xa Abbas de Persia (1614–1624)*). [Rui Manuel Loureiro]

a la Índia y de ella a Persia — the name for which his one thousand-page manuscript, which is preserved in the National Library of Spain — became known — described at length his journey from Lisbon to Persia, as well as the unfinished journey back to Europe. By reading the *Comentarios*, it is possible to deduce that the ambassador was compelled to writing for several reasons, namely to occupy the long hours of leisure that a journey from Lisbon to Persia implied; to record everything that seemed new to him, as an enlightened man, interested in the natural and moral history of the regions he crossed; to confront Asian realities with his readings of historical-geographical materials; and also as a way of justifying his wanderings, presenting a kind of detailed mission report. The original manuscript was certainly prepared for publishing during the return trip, but the editorial process was interrupted by the author’s death.

A brief summary of the content of the *Comentarios* will reveal their importance. Book I gives an extremely detailed account of the adventures of the long sea voyage between Lisbon and Goa. It is probably the most rigorous and detailed account of the *India run*. Book II presents a detailed description of Goa and its inhabitants, based on his long residence in that territory. Book III focuses on the ports of Muscat and Hormuz, at the time strongholds of the Portuguese presence in the Gulf. Books IV, V and VI, which occupy about one half of the original manuscript, in addition to reporting the ventures of the embassy to the court of ‘Abbas I, follow in detail the pilgrimages of Silva y Figueroa through Persian territories, also recording valuable historical and geographic data on other regions of Central Asia. Book VII, finally, describes the partial journey back to Portugal. In short, the *Comentarios* are a source of exceptional importance, and of extraordinary length, for the history of the *Estado da Índia* in the period of the Iberian Union, for the history of several Asian regions, and above all for the history of the relations that Portugal and Spain, from Goa, maintained with Safavid Persia and the coastal areas of the Gulf.

There is now an English-language edition of the *Comentarios*, which was published in Leiden / Boston in 2017, by Brill, under the responsibility of Jeffrey S. Turley and George Bryan Souza (*The Commentaries of D. García de Silva y Figueroa on his Embassy to Shah ‘Abbās I of Persia on Behalf of Philip III, King of Spain*). A critical edition of the Spanish original is also available, published in Lisbon in 2011, by the Centro de Humanidades of the Universidade Nova de Lisboa, under the responsibility of Rui Manuel Loureiro, Ana Cristina Costa Gomes and Vasco Resende (*Comentarios de la Embaxada al Rey Xa Abbas of Persia (1614–1624)*). [Rui Manuel Loureiro]

por el camino de la India y de ella a Persia, y de lo que
 lo el pñaje, al asirio de la tarde, en frente de la ermita de San La
 lusa, como nos delinquiere de lengua de tierra. Y por q se sabía que
 el Embaxador Venia, Nos aron luego a La Mar, con el Redor de hall
 enda Miguel de Saldemental en su manchua, el Pñe y algunos fo
 iles de Nra Señora de Gracia de la oridende San Agustín, por aui
 deparar en su punto, el Embaxador en el interin que se aprata
 na Suposada: an mismo Vno un criado de don Luis de Gama ca
 pi Lano de la for Taleja, embiandole con su Manchua, en la qual se en
 bacia el Embaxador, con todos los que le auian venido a Visitar, y se
 fue al dicho continente, antes q del todo se viera la Noche, q dando se
 casi todas sus oradas en la Naue.

La Isla de Ormuz, que es por su mayor largura Sur
 de Noroeste, es trique tra o triangular Sumayrelado, que
 por la mayor parte se mira a ~~la~~ Viene de de la oron ta
 Nra Señora de la Esperanza, has fae el anoulo o punta a donde
 esta si Mada la for Taleja, que es la parte mas cercana a la
 tierra firme, por distancia un poco mas o menos de una legua y
 la q ~~abre~~ a Noroeste. El otro lado, corre de de a mes
 ma ermita nonbrada de Sueste por Medio dia, y Sud este has
 ta la punta o anoulo de la ru. de aqui por Oeste ~~de~~ de
 este tierra la basade este triangulo, sumenrolado, desde

Caru a la dicha for Taleja. De las otras partes de la tierra
 firme del Mogastan q general mente llamandose Persia dice
 La dos leguas y media por algunas partes, la costa de lo que
 la Isla que se para y como de ~~de~~ leguas no tiene la aspereza
 de o Mar Tiro de Arabia, de una cerria no podía comunicarse
 se pero lo interior y Montañas de la esta ocupado con las
 Las Sierras de color Rojas y blancas, las quales por la mayor
 parte son de muy fina Sal. Es de lo que punto esteril estage
 que na isleta. Sin tener mas de a pocos algunos pocos arbo
 les q aunq infuiteros fueran de algunos pñes, son tan escasos y
 verdes, siendo de son bra. o has malas mas o pu man le que
 arboles ay q aunq tienen a una hoja es muy menuda y aspera y
 an si todas estas ma las q algunos son grandis de rruos. Muchos he
 ras de espinos son ~~si~~ Bomas a la lista, tambien como ~~de~~
 Las o cas y oruas q su seco esteril suelo produce. ~~de~~ pñes
 pñes que miran a este ~~de~~ las del Suro corriendo las Si
 eras algunas peuenos arboles de agua q aunq muy cluores
 lo de ella de sal y asi por sus orillas ay grandes montones de
 Na muy blanca y fina quedando por el este los mas de los arbo
 les secos y mostrando la Sal que ha de la enal de su contini
 ente. En lo mas al lo y unbo de estas Sierras ay una ermita
 la cuya aduocacion es Nra Señora de la Peña, y como por la

50

Comentarios de su viaje a la India y de ella a Persia,
 cosas notables que vió en él y los sucesos
 de la embajada al Sophi
 García de Silva y Figueroa
 1614-1624
 Manuscrito sobre papel
 33 x 23 cm
 Biblioteca Nacional de España (Madrid),
 Mss/ 18217
 Comentarios de su viaje a la India y de ella a Persia,
 cosas notables que vió en él y los sucesos
 de la embajada al Sophi
 García de Silva y Figueroa
 1614-1624
 Manuscript on paper
 33 x 23 cm
 Biblioteca Nacional de España (Madrid),
 Mss/ 18217

133

V.



*‘Por aqui entra
o lago que é fechado’:
a presença portuguesa
no Golfo*

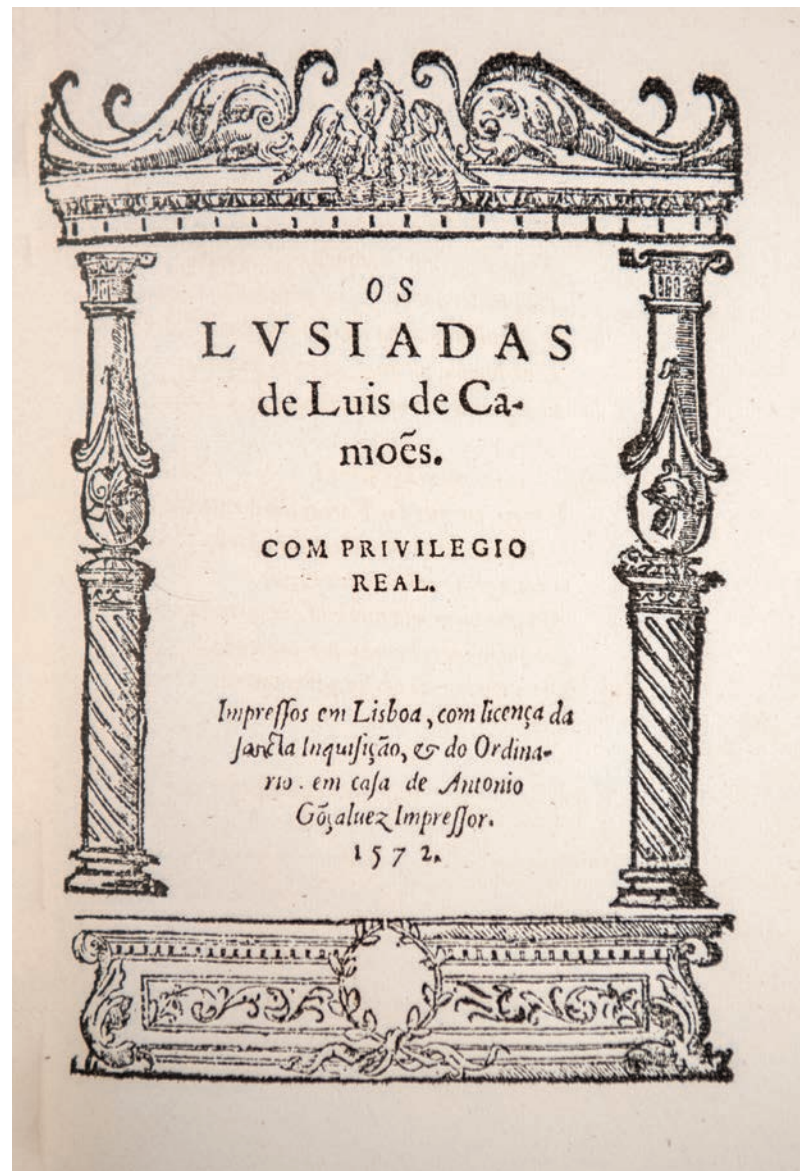
*“This is the entrance
to the closed lake”:
The Portuguese
presence in the Gulf*

Luís Vaz de Camões (c. 1524–1580) é um dos nomes maiores da literatura portuguesa, destacando-se como autor de *Os Lusíadas*, o grande poema épico publicado em 1572 que narra a primeira viagem de Vasco da Gama à Ásia, entre 1497–1499. Os dados biográficos sobre Camões são muito escassos. Terá nascido por volta de 1524, numa família da baixa nobreza. Consolidou os seus estudos e a sua cultura em Coimbra, junto de familiares seus que aí viviam, nomeadamente um deles que era religioso no mosteiro de Santa Cruz. Rapidamente se destacou na corte portuguesa pelos seus dotes poéticos. Contudo, conjugava esta fama com a da sua vida boémia, na cidade de Lisboa. Esteve algum tempo no Norte de África, na praça de Ceuta, onde participou em vários combates, tendo aí sido ferido e perdido o olho direito, característica bem notada em todas as representações da sua pessoa. Partiu para a Ásia em 1553, e por lá andou até 1569, chegando ao reino no ano seguinte. Em Goa conviveu de perto com todas as grandes figuras da época. Esta proximidade com os meios cultos locais revê-se, por exemplo, na inclusão de um poema seu no início da obra de Garcia de Orta, os *Colóquios dos Simples*. Camões serviu a coroa portuguesa em diversos cargos, no *Estado da Índia*, por isso terá conhecido relativamente bem o espaço de actuação dos portugueses nessa parte do mundo, inclusive até aos mares da China. Foi quando do regresso dessas partes mais afastadas que o navio onde vinha naufragou, salvando-se por pouco. Apesar da sua fama e das suas qualidades literárias, a vida deste poeta foi de recorrente pobreza. Foi nesta situação extrema que vários fidalgos o encontraram em Moçambique, no final da década de 1560, sem meios para pagar a viagem de regresso a Portugal. A solidariedade destes homens levou a que lhe pagassem a viagem, o que demonstra bem a inserção de Camões nas redes sociais e políticas daquele período.

A escrita de *Os Lusíadas* terá sido iniciada pouco depois da sua chegada a Goa, em 1553, e estaria praticamente concluído quando regressou, em 1570. Tal justifica que tenha rapidamente revisto o poema no ano seguinte, e arranjado apoio para a sua publicação, visto que o alvará autorizando-a data de Setembro de 1571. A obra foi impressa, como dissemos, em 1572, dedicada ao rei D. Sebastião, crendo-se que terá saído dos prelos no dia 12 de Março. Baseando-se no estilo épico da Antiguidade tão em moda durante o Renascimento, Camões aproveitou um tema histórico — a primeira viagem de Vasco da Gama — para criar um discurso laudatório relativo ao império português e à própria história do reino de Portugal. Composto por dez cantos, a obra segue o percurso da armada até chegar a Melinde, na costa oriental africana (actual Quênia), contando com a presença e a interferência dos deuses da mitologia romana, como Júpiter, Baco, Marte e Vênus, apesar do período de forte ortodoxia religiosa que se fazia sentir em Portugal. Aí chegado, Gama aproveita uma audiência com o rei local para narrar toda a história de Portugal. Desta forma, o autor utilizou este encontro para introduzir uma descrição detalhada e já bastante mitificada de todos os principais episódios que marcaram o reino desde antes da sua criação, com referência aos lusitanos que combateram a expansão romana, até à formação do país, no século XII, e chegando até aos finais do século XV. Descrevendo os acontecimentos cronologicamente, Vasco da Gama chega até ao seu próprio momento, e o poema segue a sua viagem até Calecute (Índia) e o seu regresso a Portugal. Contudo, neste regresso Camões aproveita novamente este estilo épico para colocar

Luís Vaz de Camões (c. 1524–1580) is one of the greatest names in Portuguese literature, standing out as the author of *Os Lusíadas*, the great epic poem published in 1572 that narrates Vasco da Gama's first voyage to Asia between 1497–1499. Biographical data on Camões is scarce. He was born around 1524 into a family from the lower nobility. He consolidated his studies and culture in Coimbra with family members who lived there, namely a friar in the monastery of Santa Cruz. He soon stood out at the Portuguese court for his gift for poetry. However, he combined this fame with his bohemian life in Lisbon. He spent some time in North Africa, in Ceuta, where he took part in several battles; he would be wounded and lose his right eye, a trait well present in every depiction of his. He left for Asia in 1553, and stayed there until 1569, arriving in the kingdom the following year. In Goa he was in close contact with all the great figures of the time. This proximity to the local cultured milieu can be seen, for example, in the inclusion of a poem of his at the beginning of Garcia de Orta's *Colóquios dos Simples*. Camões served the Portuguese crown in various positions in the *Estado da Índia*, so he would have been relatively well acquainted with the Portuguese area of operations in that part of the world, which extended as far as the seas of China. It was on his way back from those faraway lands that the ship he was on sank, and he narrowly escaped death. Despite his fame and literary qualities, the poet's life was one of recurrent poverty. It was in this extreme situation that several noblemen found him in Mozambique, at the end of the 1560s, without the means to pay for the journey back to Portugal. The solidarity of these men led them to pay for his journey, which clearly shows Camões' insertion in the social and political networks of the period.

Work on *Os Lusíadas* started shortly after his arrival in Goa, in 1553, and was practically finished when he returned in 1570. That would explain his quick revision of the poem the following year and finding support for its publication, since the charter authorising it dates from September 1571. As previously mentioned, the work, dedicated to King D. Sebastião, was printed in 1572, and is believed to have been published on 12 March. Based on the epic style of antiquity so fashionable during the Renaissance, Camões used a historical theme — the first voyage of Vasco da Gama — to create a laudatory discourse on the Portuguese Empire and the history of the kingdom of Portugal itself. Comprising ten cantos, the work follows the course of the armada until it reached Malindi, on the east African coast (present-day Kenya), relying on the presence and interference of the gods of Roman mythology, such as Jupiter, Bacchus, Mars and Venus, despite the period of strong religious orthodoxy in Portugal. There, Gama took advantage of an audience with the local king to tell the whole story of Portugal. The author made use of this encounter to introduce a detailed and already quite mythicized description of all the main episodes that marked the kingdom from before its creation, with reference to the Lusitanians who fought the Roman expansion, to the formation of the country in the 12th century, and reaching the end of the 15th century. Describing the events chronologically, Vasco da Gama arrives at his own time, and the poem follows his journey to Calicut (India) and his return to Portugal. However, on this return Camões again takes advantage of this epic style to place the armada on a fantastic island that appears on the horizon — the Island of Love. There the nymph Tethys tells →



Luís Vaz de Camões

Os Lusíadas

1572

Introdução e estudo por José Maria Rodrigues

Lisboa: Biblioteca Nacional, 1921 (facsimile)

Impresso sobre papel

37 x 24 cm

Colecção Sérgio Moreno, Lisboa

Os Lusíadas

Luís Vaz de Camões

Introduction and study by José Maria Rodrigues

Lisbon: Biblioteca Nacional, 1921 (facsimile)

Printed on paper

37 x 24 cm

Sérgio Moreno Collection, Lisbon

[51] →

a armada numa ilha fantástica que surge no horizonte — a ilha dos Amores. Aí a ninfa Tétis dá a Gama uma previsão do que será o império português na primeira metade do século XVI. Enquanto artifício literário Camões está a aproveitar aquilo que sabe que aconteceu, projectando assim este episódio fictício e mostrando o que naquele momento se pensava sobre a construção do *Estado da Índia*. Assim, é claro que o autor aproveitou muito da sua própria experiência e do seu conhecimento na elaboração do poema. *Os Lusíadas* ganharam considerável projecção nos séculos depois da sua publicação, sendo considerada como a grande obra épica portuguesa do século XVI, reflectindo o apogeu deste império com uma visão heróica e triunfalista do processo de expansão oceânica. A primeira tradução em inglês deste livro datou de 1655 e a tradução árabe foi realizada recentemente, em 2022. [Roger Lee de Jesus]

Gama her prediction of what the Portuguese empire will be in the first half of the sixteenth century. As a literary device, Camões is drawing on what he knows happened, thus projecting this fictional episode and showing what was thought at that moment about the construction of the *Estado da Índia*. It is clear that the author drew on much of his own experience and knowledge in crafting the poem. *Os Lusíadas* gained considerable recognition in the centuries after its publication, and has been hailed as the great Portuguese epic work of the 16th century, a reflection of the empire's zenith with a heroic and triumphalist vision of the process of oceanic expansion. The first English translation of the oeuvre dates from 1655, and the Arabic translation was made only recently, in 2022. [Roger Lee de Jesus]

“*Marinheiros arábios*” e “*Portugueses em Ormuz*” são três fólhos do manuscrito geralmente conhecido como *Codex Casanatense 1889*, hoje na Biblioteca Casanatense, em Roma, sob o título *Album di disegni, illustranti usi e costumi dei popoli d’Asia e d’Africa con brevi dichiarazioni in lingua portoghese*.

Mesmo que a cronologia da sua produção não seja ainda consensual, é provável que estes desenhos sejam da década de 1540. Durante esta década, a cidade de Goa, na Índia, era a capital do *Estado da Índia*, que abrangia territórios desde a África Oriental até à Península Arábica e ao Golfo, partes da Índia e do Sudeste Asiático. Consequentemente, Goa era uma cidade cosmopolita multilingue e multiétnica na encruzilhada de diferentes sociedades e culturas asiáticas. Além disso, a cidade, nomeadamente as cortes dos governadores Martim Afonso de Sousa (1542–1545) e D. João de Castro (1545–1548), acolhia poetas, cartógrafos, pintores formados em diferentes cortes indianas e outros eruditos.

Data também desta altura o crescente interesse de viajantes europeus, humanistas, missionários, oficiais do rei e comerciantes em reunir informações sobre diferentes sociedades. D. João de Castro, por exemplo, foi um nobre, militar, político, cartógrafo e humanista que escreveu tratados náuticos, descreveu as sociedades locais nas suas cartas e encomendou retratos dos anteriores governadores e vice-reis de Goa, além do seu próprio, para serem exibidos numa sala do palácio do vice-rei. Todavia, para além dele, em Goa eram muitos aqueles que estavam interessados em conhecer e representar as pessoas com quem os portugueses interagiram ou que aspiravam dominar.

Foi um pintor de origem indiana que retratou os desenhos do *Codex Casanatense 1889*. Talvez ele próprio um viajante que tinha acompanhado um oficial português a alguns dos lugares referidos no *Codex*, este pintor combinou a experiência visual que estas viagens implicaram com a sua prática como pintor que conhecia muitas das anteriores representações indianas de cenas mitológicas ou situações políticas, religiosas e sociais. Além disso, integrou nos seus desenhos informações que circulavam em Goa sobre várias sociedades asiáticas, incluindo, muito provavelmente, imagens e livros recentes vindos da Europa sobre os povos asiáticos e os seus “usos e costumes”. Todas estas informações convergiram de uma forma ou de outra nos dois fólhos com a designação oficial de “*Marinheiros arábios*” e no fólho chamado “*Portugueses em Ormuz*”.

Para além dos “*Marinheiros arábios*”, o *Codex* inclui outras pessoas do mundo árabe e persa. Assim, os “*Marinheiros arábios*” fazem parte de uma série de desenhos, incluindo os casais de Ormuz, Shiraz e Khorasan, e os de Bassorá, os chamados Turquimões que habitavam a Pérsia, e outros identificados Patanes.

Os fólhos chamados “*Marinheiros arábios*” representam provavelmente casais árabes, mas não necessariamente marinheiros. De facto, em vez de carregarem qualquer ferramenta que os pudesse identificar com atividades marítimas, os dois homens carregam um arco e um conjunto de flechas, como acontece nas outras sete pinturas relacionadas com os mundos da África Oriental, Arábia e Pérsia. Sem dúvida, o pintor não teve qualquer contacto direto com estas pessoas, reproduzindo a imagem difundida dos árabes como poderosos guerreiros. No entanto, como muitas outras imagens do *Codex*, estas duas também representam casais, o que não

“*Marinheiros arábios*” (*Arab sailors*) and “*Portugueses em Ormuz*” (*Portuguese at Hormuz*) are three folios of the manuscript usually known as *Codex Casanatense 1889*, today in Biblioteca Casanatense, in Rome, under the title *Album di disegni, illustranti usi e costumi dei popoli d’Asia e d’Africa con brevi dichiarazioni in lingua portoghese*.

Even if the chronology of its production is still disputed, these drawings are probably from the decade 1540. During this decade, the city of Goa, in India, was the capital of the Portuguese Estado da Índia, which encompassed territories from East Africa to the Arabic Peninsula and the Gulf, parts of India and South-East Asia. Consequently, Goa was a multilingual and multi-ethnic cosmopolitan town at the crossroads of different Asian societies and cultures. Moreover, the city, namely the courts of Governors Martim Afonso de Sousa (1542–1545) and D. João de Castro (1545–1548), hosted poets, cartographers, painters trained in different Indian courts, and other erudite.

That was when European travellers, humanists, missionaries, officials of the king and merchants were also eager to assemble information about different societies. D. João de Castro, for example, was a nobleman, military, politician, cartographer and humanist who had written nautical treatises, described the local societies in his letters and commissioned life-like portraits of Goa’s previous governors and viceroys besides his own to be displayed in a hall at the vice-regal palace. However, it is not surprising that, besides him, several other people were interested in knowing and depicting the people with whom the Portuguese interacted or aspired to rule in Goa.

It was a painter of Indian origin that depicted the drawings of *Codex Casanatense 1889*. Perhaps himself a traveller that had accompanied a Portuguese official to some of the places referred to in the *Codex*, this painter combined the visual experience entailed in these trips with his practice as a painter who knew many of the previous Indian visual representations of mythological scenes or political, religious and social situations. Moreover, he integrated information circulated in Goa on several Asian societies into his drawings, including, most probably, recent pictures and books from Europe on Asian people and their “uses and customs”. All this information converged in one way or another in the two folios with the official designation of “*Marinheiros arábios*” (“*Arabian sailors*”) and the folio called “*Portugueses em Ormuz*” (“*Portuguese at Hormuz*”).

Besides the “*Marinheiros arábios*”, the *Codex* includes other people of the Arabic and Persian worlds. Therefore, the “*Marinheiros arábios*” are part of a series of drawings, including the couples of Hormuz, Shiraz and Khorasan, and those of Basra, the ones called Turkmen that inhabited Persia, and others identified Pathans.

The folios called “*Marinheiros arábios*” likely represent Arabian couples, but not necessarily sailors. In fact, instead of carrying any tool that could identify them with maritime activities, both men carry a bow and a set of arrows, as happens in the other seven paintings related to the East African, Arabic and Persian worlds. Undoubtedly, the painter had no direct contact with these people, reproducing the spread image of the Arabian as mighty warriors. However, like many other pictures in the *Codex*, these two also represent couples. This is a significant →

[52] →

é apenas uma declaração sobre a importância das pessoas casadas como base da sociedade, como ainda um contributo significativo para ultrapassar o privilégio habitual dado aos homens nestas representações.

Estruturalmente, as duas imagens dos “Marinheiros arábios” estão representadas de formas semelhantes — os dois casais estão virados um para o outro — mas as diferenças entre ambos são igualmente relevantes. A segunda imagem retrata duas aves (identificadas como *micronisus gabar*), enquanto apenas um está presente na primeira. Os homens tentam impedir que estas aves ataquem os frutos transportados nos cestos em cima das cabeças das mulheres (romãs, num caso, e maçãs, no segundo). Estes detalhes indicam que estas mulheres também eram trabalhadoras. As roupas dos homens e das mulheres são também diferentes. Enquanto a primeira mulher veste um sari, a segunda usa calças e uma túnica, com um lenço por cima do busto, típico do vestuário islâmico nesse período. A cobertura da cabeça do seu marido lembra aquela do homem na imagem do *Codex* relativa a trabalhadores do Iêmen, indicando que o segundo casal era provavelmente oriundo dessa região. Menos claro, porém, é de que parte da Arábia era o primeiro casal.

Igualmente intrigante é a imagem chamada “Portugueses em Ormuz”. Mais uma vez, os protagonistas são casais; desta vez, dois casais de *casados* (como os homens portugueses casados com mulheres indianas eram chamados nessa altura) jantando em Ormuz. No entanto, as mulheres têm pele clara como os homens, como em outras imagens relativas ao Golfo, em contraste com os criados, que são retratados como tendo a pele mais escura. Cinco criadas e dois criados servem os casais, trazendo peixe e batatas, outros comestíveis e água. A legenda desta imagem sugere que este jantar teve lugar dentro de um tanque devido ao calor. Mais do que uma descrição, esta foi provavelmente uma forma metafórica de expressar as dificuldades com o calor que os portugueses experimentaram no Oceano Índico e frequentemente referidas nas suas cartas ao rei português. Como noutros casos, esta imagem também recorda outra no *Codex*: o banho de mulheres de Cambaia (certamente um banho religioso, mesmo que a legenda não o indique). Os dois tanques são semelhantes, mesmo que no jantar em Ormuz, tenha colocado no tanque uma mesa, cadeiras e os comensais!

Estes três quadros confirmam que o pintor do *Codex Casanatense 1889* não viajou para a Península Árabe e para o Golfo, mas utilizou informações que circulavam sobre os seus habitantes e, talvez, imagens anteriores dos mesmos, hoje desaparecidas. Quais foram as suas fontes? Como decidiu retratar estas pessoas? Quase quinhentos anos após a sua produção, o *Codex Casanatense 1889* é ainda um quebra-cabeças e um convite a ir mais longe e investigar sobre as sociedades e as pessoas que procurou retratar. [Ângela Barreto Xavier]

contribution to overcoming the usual privilege given to men in these representations and a statement on the importance of married people as the basis of society.

Structurally, the two pictures of “Marinheiros arábios” are represented in similar ways — the two couples are facing each other — but the differences between both are equally relevant. The second picture depicts two *gabar* goshawks, while only one is present in the first. The men try to stop these birds from attacking the fruits carried in the baskets over the heads of the women (pomegranates, in one case, and not indeed apples, in the second). These details indicate that these women were labourers, too. The clothes of both men and women are also different. While the first woman wears a saree, the second wears trousers and a tunic, with a scarf on the top, typical of the Islamic dressing in that period. Her husband’s headcover reminds the man’s headcover in the *Codex* picture concerning Yemen’s labourers, indicating that the second couple probably belonged to that region. Less clear, however, is from which part of Arabia was the first couple.

Equally intriguing is the picture called “Portugueses em Ormuz”. Again, the protagonists are couples; this time, two couples of *casados* (as the Portuguese men married to Indian women were called by that time) having dinner together in Hormuz. However, the women are as fair as men, like in other pictures concerning the Gulf, in contrast with the servants, who are depicted as having darker skin. Five female servants and two male serve the couples, bringing fish and potatoes, other edibles and water. The caption of this picture suggests that this dinner took place inside a tank due to the heat. More than a description, this was probably a metaphorical way of expressing the difficulties with the heat the Portuguese in the Indian Ocean experienced and frequently referred to in their letters to the Portuguese king. Like in other cases, this image also recalls another one in the *Codex*: the bath of women of Cambay (certainly a religious bath, even if the caption does not indicate it). The two tanks are similar, even if in the dinner at Hormuz, he inserted in the tank a table, chairs and the diners!

These three pictures confirm that the painter of *Codex Casanatense 1889* did not travel into the Arabic Peninsula and the Gulf but used information that circulated about their inhabitants and, perhaps, previous pictures of them today disappeared. Which were his sources? How did he decide to depict these people? Almost five hundred years after its production, *Codex Casanatense 1889* is still a puzzle and an invitation to go further to inquire about the societies and people it tries to depict. [Ângela Barreto Xavier]



52

Marinheiros Árabes
in *Códice Casanatense* 1889
India, c. 1550
Papel aguarelado
48,5 x 35,5 cm
Biblioteca Casanatense (Roma),
Ms. 1889, fl. 17v-18r
Arabian mariners and Portuguese in Hormuz
in *Codex Casanatense* 1889
India, c. 1550
Pen-and-ink and watercolor on paper
48,5 x 35,5 cm
Biblioteca Casanatense (Roma),
Ms. 1889, fl. 17v-18r



52

Marinheiros Árabes
in *Códice Casanatense* 1889
India, c. 1550
Papel aguarelado
48,5 x 35,5 cm
Biblioteca Casanatense (Roma),
Ms. 1889, fl. 13v-14r
Arabian mariners and Portuguese in Hormuz
in *Codex Casanatense* 1889
India, c. 1550
Pen-and-ink and watercolor on paper
48,5 x 35,5 cm
Biblioteca Casanatense (Roma),
Ms. 1889, fl. 13v-14r



52

Portugueses em Ormuz
in *Códice Casanatense* 1889
Índia, c. 1550
Papel aguarelado
48,5 x 35,5 cm
Biblioteca Casanatense (Roma),
Ms. 1889, fl. 29v-30r
Portuguese in Hormuz
in *Codex Casanatense* 1889
Índia, c. 1550
Pen-and-ink and watercolor on paper
48,5 x 35,5 cm
Biblioteca Casanatense (Roma),
Ms. 1889, fl. 29v-30r

Jan Huygen van Linschoten nasceu em 1562 ou 1563, numa família católica neerlandesa de Haarlem, a qual logo depois se mudou para Enkhuizen, importante cidade portuária dos Países Baixos. Em 1579 rumou a Sevilha, com o propósito de conhecer mundo e juntar fortuna; e logo depois, aproveitando as possibilidades abertas pela anexação de Portugal por Espanha em 1581, transferiu-se para Lisboa, onde residiria até 1583. Neste último ano embarcou para a Índia. Viveria os cinco anos seguintes em Goa, capital do *Estado da Índia* português, desempenhando funções de secretário do arcebispo D. Vicente da Fonseca. Linschoten teria decerto alguma cultura humanística, dominando nomeadamente o português e o latim, pois de outra forma dificilmente poderia cumprir as funções de secretário do eclesiástico português.

Linschoten era um homem curioso, muito atento ao mundo que o rodeava; para além de ser bom desenhador, era decerto um diarista compulsivo, que tomava prolixas notas sobre a sua vida quotidiana. Goa ficava no centro estratégico de uma larguíssima rede de rotas mercantis, através das quais ali chegavam regularmente gentes, mercadorias e informações oriundas de todos os quadrantes do Oriente. E enquanto secretário do arcebispo, o neerlandês estaria em posição de obter testemunhos orais dos muitos viajantes que demandavam a capital do *Estado da Índia*, quer fossem portugueses, quer oriundos de outras regiões europeias, africanas ou asiáticas. Era também um homem cheio de recursos, pois durante os cinco anos de residência na Índia conseguiu reunir um alargado conjunto de materiais manuscritos e impressos sobre o mundo oriental e sobre as atividades desenvolvidas por toda a Ásia pelos portugueses. Assim, chegaram-lhe às mãos cartas e relatórios, tratados geográficos, roteiros náuticos, e mapas variados, que foi compilando cuidadosamente.

Linschoten viveu em Goa até 1588, mas no início do ano seguinte encetou o regresso à Europa, pois recebera a notícia de que o seu patrono, o arcebispo D. Vicente, tinha falecido em 1587, durante uma viagem que efetuara a Lisboa. Depois de uma escala de cerca de dois anos nos Açores, em 1592 Linschoten estava de regresso aos Países Baixos, onde, entretanto, se tinham verificado importantes desenvolvimentos políticos, na sequência da prolongada guerra mantida pelas Províncias Unidas contra Espanha. Linschoten fixou-se no porto de Enkhuizen, adquirindo de imediato ampla reputação como homem informado e experimentado em assuntos marítimos e geográficos. E decidiu reunir para publicação os muitos materiais que recolhera sobre os mundos ultramarinos até então frequentados praticamente em exclusivo por navios portugueses e espanhóis.

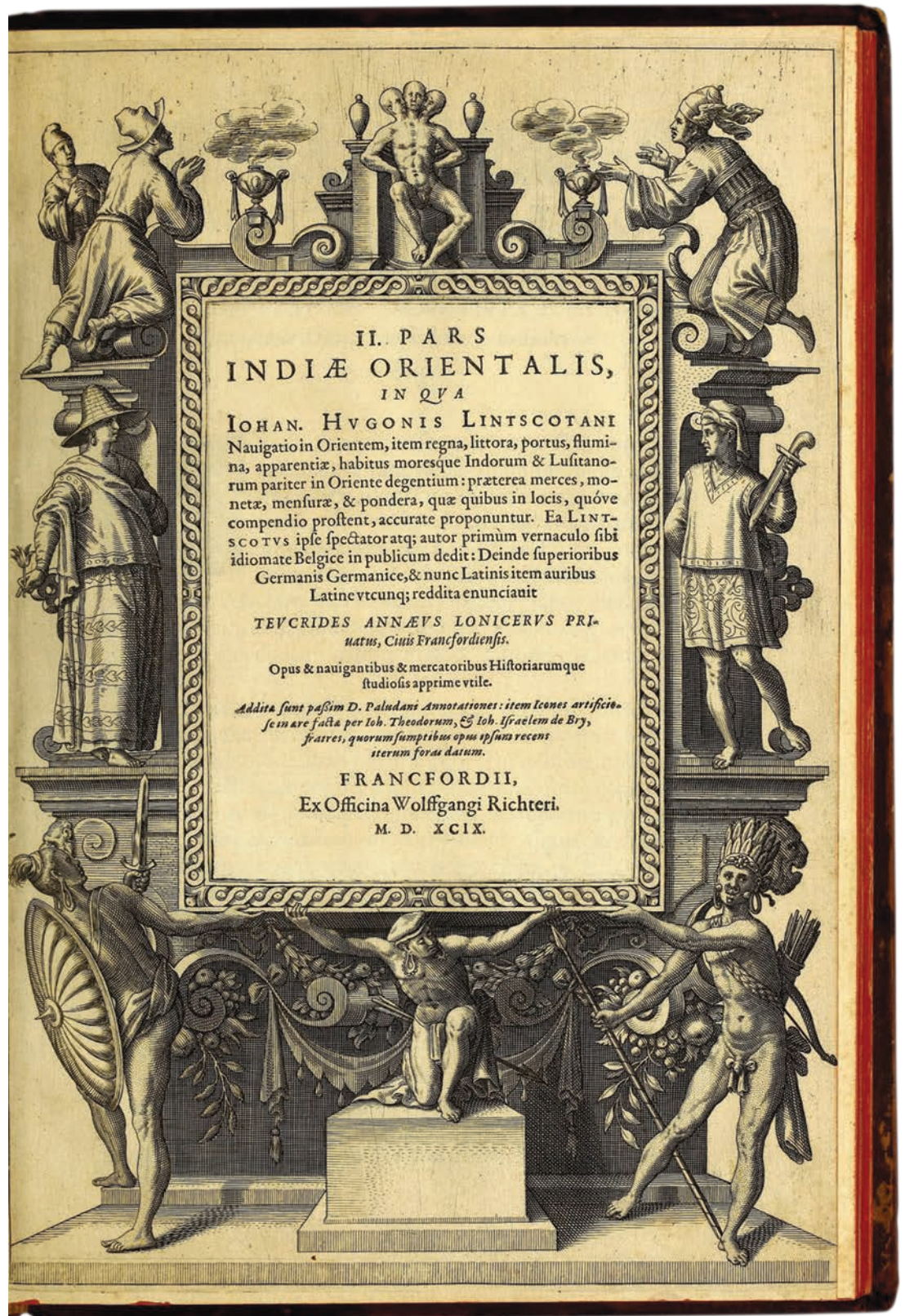
Em 1595–1596 o viajante neerlandês publicou em Amesterdão, com o impressor Cornelis Claesz, um conjunto de três obras distintas, mas todas relacionadas com os mundos extraeuropeus, as quais a breve trecho conheceriam uma amplíssima difusão europeia. Em primeiro lugar, publicava o *Itinerario: Voyage ofte Schipvaert van Jan Huygen van Linschoten naer Oost ofte Portugaels Indien* (Itinerário, Viagem ou Navegação de Jan Huygen van Linschoten para as Índias Orientais ou Portuguesas), um exaustivo relato das suas aventurosas viagens, juntamente com uma descrição detalhada das regiões orientais frequentadas pelos portugueses, desde Moçambique até ao longínquo Japão, incluindo notícias sobre a geografia e o mundo natural, a organização política e económica, as práticas sociais e culturais, e também sobre a vida

Jan Huygen van Linschoten was born in 1562 or 1563 to a Dutch Catholic family in Haarlem, which soon after moved to Enkhuizen, an important port city in the Netherlands. In 1579, he went to Seville, with the aim of getting to know the world and amassing his fortune; and soon after, taking advantage of the possibilities opened by the annexation of Portugal by Spain in 1581, he moved to Lisbon, where he would reside until 1583. In this last year he embarked for India. He would live for the next five years in Goa, capital of the Portuguese *Estado da Índia*, performing the duties of secretary to Archbishop Vicente da Fonseca. Linschoten would certainly have had some humanistic culture, mastering in particular Portuguese and Latin, as otherwise he would hardly have been able to fulfil the functions of secretary to the Portuguese ecclesiastic.

Linschoten was a curious man, very attentive to the world around him; in addition to being a good draftsman, he was certainly a compulsive diarist, who took prolix notes about his daily life. Goa was at the strategic centre of a vast network of mercantile routes, through which people, commodities, and information from all corners of the East regularly arrived there. And as the archbishop's secretary, the Dutchman would be in a position to obtain oral testimonies from the many travellers who sought the capital of the *Estado da Índia*, whether they were Portuguese or from other European, African or Asian regions. He was also a resourceful man, as during his five years of residence in India he managed to gather a wide range of manuscript and printed materials on the eastern world and on the activities carried out throughout Asia by the Portuguese. Thus, letters and reports, geographical treatises, nautical itineraries, and various maps came into his hands, which he carefully compiled.

Linschoten lived in Goa until 1588, but at the beginning of the following year he returned to Europe, having received the news that his patron, the Archbishop of Goa, had died in 1587, during a journey he had made to Lisbon. After a stop-over of about two years in the Azores, in 1592 Linschoten was back in the Netherlands, where, in the meantime, important political developments had taken place, following the prolonged war waged by the United Provinces against Spain. Linschoten settled in the port of Enkhuizen, immediately acquiring a wide reputation as an informed and experienced man in maritime and geographical matters. And he decided to put together for publication the many materials he had collected about the overseas worlds, which until then had been visited almost exclusively by Portuguese and Spanish ships.

In 1595–1596 the Dutch traveller published in Amsterdam, with the printer Cornelis Claesz, a set of three different works, but all related to extra-European worlds, which would soon have a very wide European distribution. First, he published the *Itinerario: Voyage ofte Schipvaert van Jan Huygen van Linschoten naer Oost ofte Portugaels Indien* (Itinerary, Voyage or Navigation by Jan Huygen van Linschoten to the East or Portuguese Indies), an exhaustive account of his adventurous voyages, together with a detailed description of the eastern regions frequented by the Portuguese, from Mozambique to distant Japan, including news about geography and the natural world, political and economic organization, social and cultural practices, as well as the daily life of the Portuguese. The work was published in 1595 (sometimes copies appear with the cover dated 1596), in a folio volume with 160 pages. Next, Linschoten →



Navigatio in Orientem in Pars Indiae Orientalis
Jan Huygen van Linschoten
Frankfurt: Wolfgangi Richteri, 1599
47 x 32 cm
Biblioteca Geral da Universidade de Coimbra (Portugal),
Joanina 1-20-5-205
Navigatio in Orientem in Pars Indiae Orientalis
Jan Huygen van Linschoten
Frankfurt: Wolfgangi Richteri, 1599
Printed on paper
47 x 32 cm
Biblioteca Geral da Universidade de Coimbra,
Joanina 1-20-5-205

quotidiana dos portugueses. A obra foi editada em 1595 (por vezes aparecem exemplares com a portada datada de 1596), num volume *in folio* com 160 páginas. Depois, Linschoten publicava o *Reys-gheschrift vande Navigatien der Portugaloyzers in Orienten* (Roteiro das Navegações dos Portugueses no Oriente), editado em 1595, num *in folio* de 134 páginas. Tratava-se de uma amplíssima compilação de roteiros portugueses (e também espanhóis), com instruções para navegação em praticamente todos os mares orientais. A obra continha ainda um *Extract*, um apêndice de 15 páginas descrevendo as riquezas e possessões do rei de Espanha. Enfim, um terceiro volume, intitulado *Beschrijvinge vande gantsche custe van Guínea/Manicongo/Angola/Monomotapa*, impresso em 1596, continha uma extensa descrição de toda a costa de África e das suas regiões litorâneas, e também de regiões americanas, num *in folio* de 82 páginas (em alguns exemplares não- numeradas).

O *Itinerario* de Linschoten incluía também dezenas de ilustrações, baseadas nas observações do autor e nas informações e esboços que tinha recibo de variados colaboradores. As ilustrações representavam variados espaços geográficos e naturais, embarcações portuguesas e orientais, plantas e animais exóticos, cenas da vida quotidiana de portugueses e asiáticos, e ainda uma alargada galeria de personagens, que incluía não só figuras portuguesas dos mais variados estratos sociais, mas também homens e mulheres oriundos de diversificadas regiões orientais. Uma das ilustrações, por exemplo, apresentava o «Aspetto e traje dos portugueses na Índia Oriental, tanto civis como militares» (gravura 8). Outra ilustração representava «Marinheiros árabes, que os portugueses deixam governar os seus navios» (gravura 23). Para além destes materiais, o *Itinerário* incluía também diversos e detalhados mapas, planos de cidades e vistas cavaleiras, inspirados em exemplares de cartografia portuguesa manuscrita que o neerlandês conseguira de alguma forma adquirir. Um dos mapas, por exemplo, representa a parte mais ocidental da Ásia, incluindo o Golfo Árabe-Pérsico. Este último, na sua margem árabe, aparece pontuado de topónimos, entre os quais se notam alguns facilmente identificáveis como «Catiffa», «Barem», «Gulfar» ou «Moasandaon».

O conjunto da obra de Linschoten teve um imenso sucesso editorial, ao divulgar informações que até então apenas circulavam nos meios ultramarinos ibéricos, conhecendo sucessivas reedições e traduções, e tendo servido como verdadeiro guia de viagens às primeiras expedições neerlandesas que rumaram ao Oriente a partir de 1595. Jan Huygen, celebrado pelos seus escritos, viria a falecer em Enkhuisen em 1611. O seu *Itinerário* está hoje disponível em tradução portuguesa da responsabilidade de Arie Pos e de Rui Manuel Loureiro, publicada em Lisboa em 1997 (*Itinerário, Viagem ou Navegação de Jan Huygen van Linschoten para as Índias Orientais ou Portuguesas*). Existe também uma já antiga tradução inglesa, da autoria de Arthur Coke Burnell e de P. A. Tiele, publicada em Londres, pela Hakluyt Society, em 1885 (*The Voyage of John Huyghen van Linschoten to the East Indies*). [Rui Manuel Loureiro]

published the *Reys-gheschrift vande Navigatien der Portugaloyzers in Orienten* (Rutters of the Navigations of the Portuguese in the East), published in 1595, in a folio of 134 pages. It was a very extensive compilation of Portuguese (and also Spanish) rutters, with instructions for navigation in practically all the eastern seas. The work also contained an *Extract*, a 15-page appendix describing the riches and possessions of the King of Spain. Finally, a third volume, entitled *Beschrijvinge vande gantsche custe van Guínea/Manicongo/Angola/Monomotapa*, printed in 1596, contained an extensive description of the entire coast of Africa, as well as American coastal regions, in a folio of 82 pages (which are unnumbered in some copies).

Linschoten's *Itinerario* also included dozens of illustrations, based on the author's observations and on information and sketches received from various contributors. The illustrations represented various geographic and natural spaces, Portuguese and Oriental ships, exotic plants and animals, scenes from the daily life of Portuguese and Asians, and also a wide gallery of characters, which included not only Portuguese figures from the most varied social strata, but also men and women from diverse eastern regions. One of the illustrations, for example, showed the «Aspect and costume of the Portuguese in Eastern India, both civil and military» (plate 8). Another illustration represented «Arab sailors, whom the Portuguese let govern their ships» (plate 23). In addition to these materials, the *Itinerario* also included several detailed maps, city plans and views, inspired by Portuguese manuscript cartography that the Dutch had somehow managed to acquire. One of the maps, for example, represents the westernmost part of Asia, including the Arabian-Persian Gulf. The latter, on its Arabic margin, is punctuated with place names, among which some easily identifiable such as «Catiffa», «Barem», «Gulfar» or «Moasandaon» can be noted.

Linschoten's work as a whole had an immense editorial success, as it disseminated information that until then had only circulated in Iberian overseas circles, through successive re-editions and translations, and served as a true travel guide for the first Dutch expeditions that headed to the East after 1595. Jan Huygen, famous for his writings, would die in Enkhuisen in 1611. His *Itinerario* is now available in a Portuguese translation by Arie Pos and Rui Manuel Loureiro, published in Lisbon in 1997 (*Itinerário, Viagem ou Navegação de Jan Huygen van Linschoten para as Índias Orientais ou Portuguesas*). There is also an old English translation by Arthur Coke Burnell and P. A. Tiele, published in London by the Hakluyt Society in 1885 (*The Voyage of John Huyghen van Linschoten to the East Indies*). [Rui Manuel Loureiro]

Iniciada na primeira década do século XVI, a instalação dos Portugueses em Ormuz deveu-se basicamente à ambição de controlo dos estreitos do Oceano Índico por Afonso de Albuquerque, governador do *Estado da Índia* (o império português na Ásia). Com efeito, situado na ilha de Djarun no Golfo, o *emporium* de Ormuz, um entreposto com amplas ramificações no comércio a longa distância, constituía dos mais importantes elos económicos da globalizada rede marítima mercantil ligando a Europa à Ásia do Sudeste através do Oceano Índico, e para a qual convergiam também várias estradas caravaneiras da Pérsia, do Sind e da Ásia Central. Comerciam-se aí veludos, brocados italianos e armas europeias, cavalos e pérolas do Golfo e do Oman, sedas iranianas, especiarias, arroz, açúcar, ferro, salitre, pedras preciosas e têxteis indianos, sedas, porcelanas, lacas, e drogas do Extremo-Oriente. Tendo sido desde o início o império português na Ásia uma empresa redistributiva, interessava aos Portugueses imiscuir-se no comércio inter-regional asiático, fazendo reverter em seu favor os réditos das taxas aduaneiras das mercadorias que passavam pelos Estreitos do Índico, dos quais Ormuz fazia parte.

Embora empenhado em se apoderar de Ormuz, que reinava sobre o mundo insular do interior do Golfo (incluindo Bahrain), sobre o litoral iraniano até aos limites de Šilāw, e igualmente sobre as zonas costeiras de Ğulfār, para além das cidades da fachada marítima do Oman (Muscat, Šuḥār, Qalhāt, Hūrfakān), Afonso de Albuquerque só conseguiu impôr inteiramente o seu domínio em 1515. Este foi estabelecido incompletamente em 1507/1508, devido à resistência militar ormuzi, liderada pela personalidade política marcante de Ormuz desses anos, Ḥwāġa Aṭā', protegido do rei Turān Shāh II, cujo poder ultrapassava o do vizir Nūruddīn Falī. Com efeito, Ḥwāġa Aṭā' aproveitara as três semanas de navegação de Albuquerque ao longo do litoral do Oman (durante as quais foi estabelecida uma primeira aliança com Qalhāt — aliança que viria a ser anulada em 1508 — seguida da pilhagem de Quryāt e Muscat, da ocupação de Khor Fakkān e da submissão de Sohar) para reforçar as forças militares de Ormuz. A renhida batalha contra Albuquerque no Outono de 1507 foi liderada pessoalmente por Ḥwāġa Aṭā' (que reinava sobre Ormuz desde os finais de 1505). Ḥwāġa Aṭā' ofereceu grande resistência, mas a artilharia europeia acabou por dar a vitória aos Portugueses apesar do acesso a Djarun se encontrar bloqueado por número elevado de embarcações ormuzis.

A situação política era, todavia, das mais complexas. Ormuz encontrou-se, sob tutela portuguesa, na situação de um duplo protectorado. O reino funcionava já como um protectorado exercido pelas suas elites persas — via uma oligarquia viziral como a da poderosa família persa dos Falī — sobre os seus súbditos árabes os quais (como por exemplo certos sheikhs nalgumas cidades do Oman) aspiravam libertar-se da tutela de Ormuz. O recrutamento de ġulām (escravos libertados) estrangeiros levou igualmente a revoltas dos chefes militares (particularmente na década de 1470) com capacidade de pressão política e intervenções na vida pública. Na transição do século XV para o XVI foi a vez dos eunucos reais tomarem o poder (1505). Podemos, pois, dizer que Ormuz foi, antes da chegada dos Portugueses, teatro de várias crises dinásticas e revoltas palacianas.

Apesar de pouco numerosos, e com recursos militares limitados, os Portugueses conseguiram impôr o pagamento de um tributo (*pāreas*),

The establishment of the Portuguese in Hormuz, which began in the first decade of the 16th century, was rooted in Afonso de Albuquerque's (governor of the Portuguese empire in Asia) ambition to control the straits of the Indian Ocean. Located on the island of Djarun in the Gulf, the *emporium* of Hormuz, a trading post with ample ramifications for long-distance trade, was one of the most important economic hubs in the globalised mercantile maritime network linking Europe to Southeast Asia via the Indian Ocean, as well as a point of convergence for various caravan routes from Persia, Sind and Central Asia. There were traded velvets, Italian brocades and European weapons, horses and pearls from the Gulf and Oman, Iranian silks, spices, rice, sugar, iron, saltpeter, precious stones and Indian textiles, silks, porcelains, lacquer, and drugs from the Far East. Since the Portuguese empire in Asia had been a redistributive enterprise from the beginning, it was of interest to the Portuguese to interfere in the Asian inter-regional trade and claim the revenues from the customs taxes on the goods that passed through the Indian Straits, in which Hormuz was situated.

While committed to seizing Hormuz, which ruled over the insular world of the interior of the Gulf (including Bahrain), over the Iranian coast up to the limits of Šilāw, as well as over the coastal areas of Ğulfār, in addition to the cities of the Oman seafront (Muscat, Šuḥār, Qalhāt, Hūrfakān), Alfonso de Albuquerque was not able to fully impose his power there until 1515. His rule had only been incompletely established in 1507/1508, due to Hormuzi military resistance led by the outstanding Hormuzi political personality of the time, Ḥwāġa Aṭā', protégé of King Turān Shāh II, whose power surpassed that of the vizier Nūruddīn Falī. Ḥwāġa Aṭā' had taken advantage of Albuquerque's three weeks of sailing along the Oman coast (during which an initial alliance with Qalhāt was established — an alliance that was to be annulled in 1508 — followed by the plunder of Quryāt and Muscat, the occupation of Khor Fakkān, and the submission of Sohar) to reinforce the military forces in Hormuz. The close battle against Albuquerque in the autumn of 1507 was personally led by Ḥwāġa Aṭā' (who had reigned over Hormuz since late 1505). Ḥwāġa Aṭā' offered great resistance, but European artillery eventually gave the Portuguese victory despite access to Djarun being blocked by large numbers of Hormuzi vessels.

The political situation was highly complex, however. Under Portuguese rule, Hormuz found itself in the situation of a double protectorate. The kingdom already functioned as a protectorate exercised by its Persian elites — through a vizier oligarchy such as that of the powerful Persian family of the Falī — over its Arab subjects who (for example, certain sheikhs in some Omani cities) aspired to free themselves from the tutelage of Hormuz. The recruitment of foreign ġulām (freed slaves) also led to revolts by military chiefs (particularly in the 1470s) with the capacity for political pressure and interventions in public life. In the transition from the 15th to the 16th century it was the turn of the royal eunuchs to take power (1505). It can therefore be said that, before the arrival of the Portuguese, Hormuz was the stage of several dynastic crises and palace revolts.

Although few in number, and with limited military resources, the Portuguese managed to impose the payment of a tribute (*pāreas*), but had to recognize the government of Ḥwāġa Aṭā'. Nevertheless, tensions →

mas tiveram de reconhecer o governo de Ḥwāḡa Aṭā'. Todavia, as tensões entre vencedores e vencidos permaneceram importantes; as relações com o Safávida Shāh Isma'īl, que exigia o pagamento de um imposto tradicional, a *muqarrariyya*, para assegurar o trânsito das caravanas vindas da Pérsia, foram mal compreendidas pelos Portugueses. Por seu lado, os Ormuzis recusaram a edificação de uma fortaleza portuguesa na ilha.

Se os Portugueses se empenharam em explorar os antagonismos políticos e interesses económicos divergentes das elites ormuzis (Albuquerque tentou servir-se do vizir Nūruddīn Falī contra Ḥwāḡa Aṭā'), este último fez o mesmo em relação aos Portugueses: aproveitou falhas internas na hierarquia de comando, servindo-se da oposição de alguns capitães de Albuquerque (de que teve tacitamente conhecimento), mais interessados pelos benefícios económicos provenientes dos navios apresados no alto mar, que pela construção de uma fortaleza, que perenizava a presença lusitana em Ormuz. Para além de aproveitar estas dissensões internas entre Albuquerque e alguns dos seus capitães, praticou várias formas de intoxicação política, fazendo, por exemplo, circular o rumor de uma intervenção militar mameluca. Instilou também a dúvida junto dos capitães portugueses, e pretendeu ter enviado por terra emissários a D. Manuel I queixando-se de Afonso de Albuquerque.

Mas mais importante que tudo o resto, e com o fito de refrear o ímpeto conquistador de Albuquerque, Ḥwāḡa Aṭā invoca nesta carta a política pacífica do vice-rei D. Francisco de Almeida (que seguia as instruções de D. Manuel, privilegiando a liberdade de comércio e as relações apaziguadas com os povos com os quais os Portugueses entravam em contacto) confrontando-o assim com as nítidas contradições das suas posições.

Não seriam assim ignoradas por Ḥwāḡa Aṭā as complexas relações do Vice-rei com Albuquerque, fruto igualmente da ambígua política real. Este último havia deixado Lisboa em 1506 detentor de uma carta secreta que o nomeava ao governo da Índia em 1508 (quando o mandato de D. Francisco só terminava em 1509). Mais do que isso, as instruções secretas davam a Albuquerque uma boa margem de manobra, que utilizou (aproveitando uma conjuntura propícia a que não foram estranhas as dificuldades de reabastecimento da sua pequena frota), para conquistar Ormuz.

Redigida em Setembro de 1508, a carta de Ḥwāḡa Aṭā' mostra, pois, claramente, de que modo este explorou em seu favor a oposição entre o vice-rei D. Francisco de Almeida e Albuquerque. Nela apela o capitão-mor a que reconheça a legitimidade de uma carta do Vice-rei enviada de Cochim (portadora do seu selo e transportada por um certo Ḥwāḡa Amīr), a qual era também acompanhada de uma outra, pessoalmente endereçada a Albuquerque e aos seus capitães. Trata-se, em suma, de convidar Albuquerque a não contestar a autenticidade das instruções do Vice-rei, implicando subtilmente que o capitão-mor estava a ultrapassar as ordens reais. A missiva elogia ao mesmo tempo a diplomacia reflectida do Vice-rei (em contraponto à brusquidão de Albuquerque) pois indica que os cativos enviados por Albuquerque a D. Francisco de Almeida (Nahuda 'Ali Mubariz e os seus companheiros), haviam sido bem tratados e reenviados pelo vice-rei a Ormuz. Esta contenda entre Albuquerque, Ḥwāḡa Aṭā e D. Francisco de Almeida, sem esquecer os capitães de Albuquerque, soldar-se-ia pela destituição de Albuquerque (de Dezembro de 1508 a Outubro de 1509) logo após esta troca de correspondência. [Dejanirah Couto]

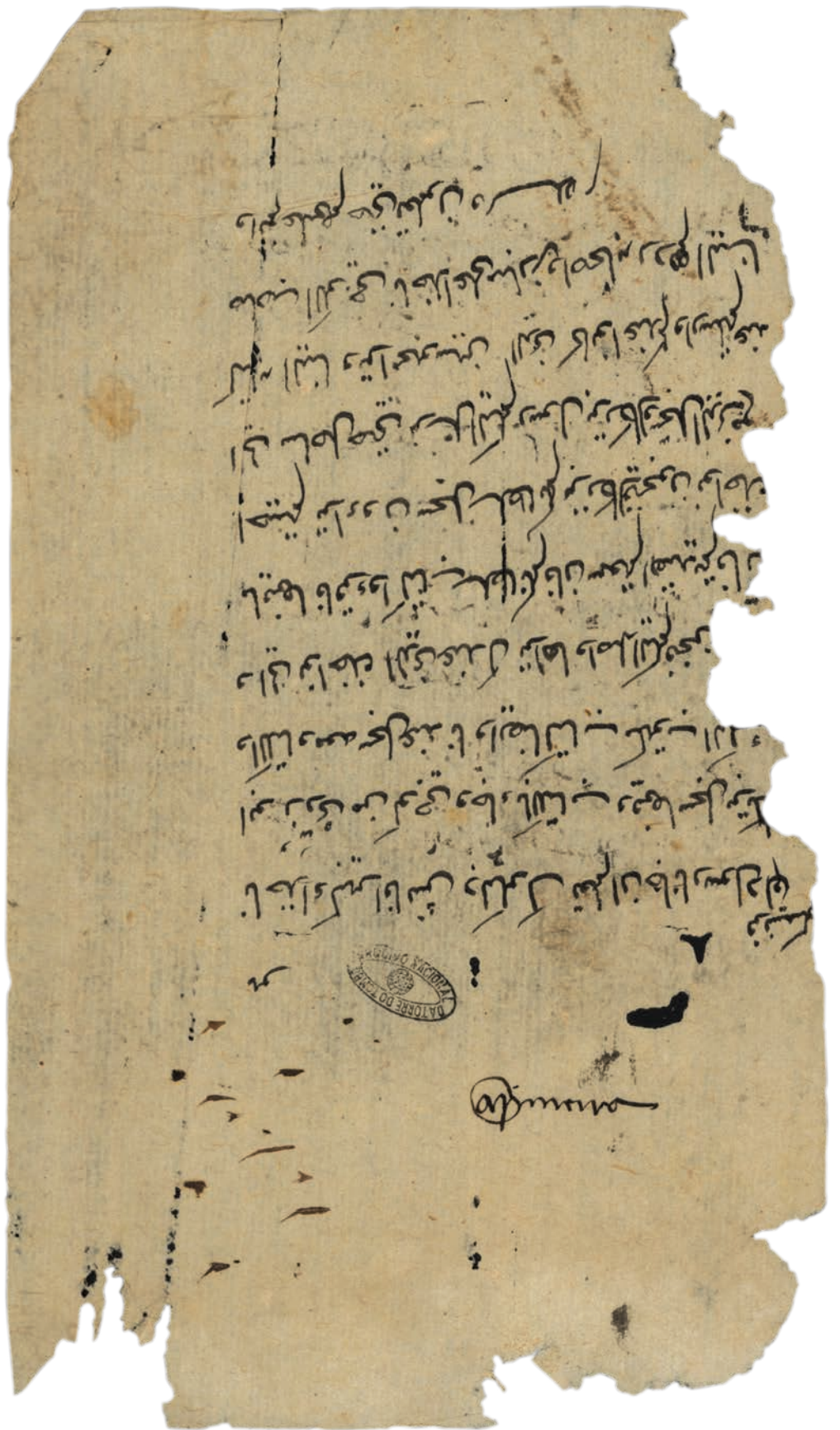
between victors and vanquished remained significant; relations with the Safavid Shāh Isma'īl, who demanded the payment of a traditional tax, the *muqarrariyya*, to ensure the transit of caravans coming from Persia, were misunderstood by the Portuguese. For their part, the Hormuzis refused the building of a Portuguese fortress on the island.

While the Portuguese were keen to exploit the divergent political antagonisms and economic interests of the Hormuzi elites (Albuquerque tried to use the vizier Nūruddīn Falī against Ḥwāḡa Aṭā'), the latter did the same in relation to the Portuguese: Ḥwāḡa Aṭā' took advantage of internal gaps in the command hierarchy, making use of the opposition of some of Albuquerque's captains (of which he was tacitly aware) who were more interested in the economic benefits from ships seized on the high seas than in the construction of a fortress, which would maintain Lusitanian presence in Hormuz. In addition to taking advantage of the internal dissension between Albuquerque and some of his captains, Ḥwāḡa Aṭā' used various forms of political poisoning, such as spreading the rumour of a Mamluk military intervention. He also instilled doubt among the Portuguese captains, and claimed to have sent emissaries overland to Manuel I complaining about Afonso de Albuquerque.

But more important than anything else, and with the aim of curbing Albuquerque's ambitions of conquest, in this letter Ḥwāḡa Aṭā invokes the peaceful policy of the Viceroy D. Francisco de Almeida (who followed D. Manuel's instructions favouring free trade and appeasing relations with the peoples with whom the Portuguese came into contact), thus confronting him with the clear contradictions of his positions.

Ḥwāḡa Aṭā did not ignore the Viceroy's complex relationship with Albuquerque, also a result of the ambiguous royal policy. The latter had left Lisbon in 1506 in possession of a secret letter appointing him to the government of India in 1508 (when Francisco's mandate did not end until 1509). Furthermore, the secret instructions gave Albuquerque room to manoeuvre, which he used to conquer Hormuz (taking advantage of a favourable situation partly helped by the difficulties in resupplying his small fleet).

Written in September 1508, Ḥwāḡa Aṭā's letter clearly shows how he exploited the opposition between the Viceroy Francisco de Almeida and Albuquerque to his advantage. In it, he appeals to the captain to recognise the legitimacy of a letter from the Viceroy sent from Cochim (bearing his seal and carried by a certain Ḥwāḡa Amīr), which was also accompanied by another, personally addressed to Albuquerque and his captains. It was, in short, an invitation for Albuquerque not to contest the authenticity of the viceroy's instructions, subtly implying that the captain was overstepping royal commands. At the same time, the letter praises the Viceroy's thoughtful diplomacy (in contrast to Albuquerque's brusqueness) as it indicates that the captives sent by Albuquerque to D. Francisco de Almeida (Nahuda 'Ali Mubariz and his companions) had been well treated and sent back to Hormuz by the Viceroy. This feud between Albuquerque, Ḥwāḡa Aṭā and Francisco de Almeida, not forgetting Albuquerque's captains, would be sealed by Albuquerque's dismissal (from December 1508 to October 1509) soon after this exchange of correspondence. [Dejanirah Couto]



54

Carta de Ḥwāḡa Aṭā' a Afonso de Albuquerque
Ormuz, 1508
Manuscrito sobre papel
27 x 15,8 cm
Arquivo Nacional da Torre do Tombo (Lisboa),
Colecção de cartas, Núcleo Antigo 891, mç. 1, n.º 10
Letter from Ḥwāḡa Aṭā' to Afonso de Albuquerque
Hormuz, 1508
Manuscript on paper
27 x 15,8 cm
Arquivo Nacional da Torre do Tombo (Lisbon),
Colecção de cartas, Núcleo Antigo 891, mç. 1, n.º 10

Ainda que muito rápido, pois logo seguido do retorno de Afonso de Albuquerque a Cananor em Dezembro de 1508, o primeiro assalto português contra Ormuz em 1507 teve impacto no interior do Golfo. Esse impacto aumentou substancialmente com a conquista definitiva da ilha por Albuquerque em 1515; nomeado finalmente governador do *Estado da Índia* em 1509, retornara a Ormuz para consolidar a conquista militar e a tributação do reino a D. Manuel I.

Endereçada a Afonso de Albuquerque, a carta do senhor de Bahrain que aqui se apresenta, é com efeito a do emir Muqrin b. Zāmil, cuja linhagem entroncava na poderosa confederação beduína dos Banū Ġabr, que ocupava o hinterland do Oman. Nessa época, Muqrin, que teria desposado uma filha do Šarīf de Meca (Barakāt II b. Muhammad — 1473–1525 — ou seu filho Abū Numayy II b. Barakāt associado ao exercício do poder nos últimos anos de seu pai), senhoreava, além da ilha de Bahrain, os oásis de Al Ḥasā e de Qatīf (este último situado em face da ilha, na costa da margem árabe) estando todos estes territórios englobados no reino de Ormuz. O qual, como se sabe, se estendia com alguma discontinuidade, ao longo dos litorais do Golfo, do Oman até Bahrain, e da costa do Makran até ao Fars.

Para compreender as relações estreitas de Bahrain com Ormuz (Bahrain sendo o grande centro de exportação de cavalos e de produção de pérolas e de exportação das mesmas, sobretudo em direcção da Ásia, mas também da Europa), há que compreender não apenas a importância económica da ilha, mas a natureza e a consistência dos seus laços políticos com Ormuz. Embora se tenha mantido dentro da esfera de influência dos diversos poderes que se sucederam no litoral iraniano do Golfo (foi tomada por Abū Bakr al-Salgharī cerca de 1250, tendo esta conquista deixado traços na remodelação da fortificação existente em Bahrain e sua reconversão em entreposto comercial), a suzerania de Tūran Šāh, o então príncipe de Ormuz, acabou por ser definitivamente reconhecida pelo beduíno Aġwad b. Zāmil, em troca de um tributo anual de 5000 *ašrafī*, tributo cujo pagamento, já era todavia contestado no início do século XVI.

Em 1507, no momento do primeiro desembarque de Afonso de Albuquerque em Ormuz, as veleidades de independência de Bahrain em relação ao poder Ormuzi já eram claramente expressas (e desse ponto de vista houve alguma semelhança com outras cidades da orla costeira do Oman, de que Ormuz dependia inteiramente em matéria de reabastecimento de vários tipos); Muqrin pretendia anular o pagamento do tributo, razão pela qual Ḥwāġa Aṭā, que governava *de facto* Ormuz, pediu aos Portugueses que submetessem de novo Bahrain e obrigassem o emir a efectuar o pagamento (e a não fazer reverter em seu próprio benefício os direitos que deveriam ser cobrados por Ormuz). Na realidade fora o que acontecera, e Muqrin tornara-se imensamente rico. No seu famoso diário de um “burguês” do Cairo, Ibn Iyās noticia que indo em peregrinação a Meca em 1519–1520, Muqrin trouxera consigo, além de 50.000 dinares, pérolas, almiscar, ambār, aloés, sedas de várias cores para além de outras mercadorias raras.

Todavia, Afonso de Albuquerque, que dispunha de poucas forças militares e se encontrava a braços com o desacordo de alguns dos seus capitães sobre empresa de Ormuz, renunciou ao ataque imediato a Bahrain. Apenas enviou à ilha, em 1514, o seu sobrinho Pero de Albuquerque em

Though quick, as it was soon followed by Afonso de Albuquerque’s return to Cananor in December 1508, the first Portuguese assault on Hormuz in 1507 had an impact on the interior of the Gulf. That impact increased substantially with Albuquerque’s final conquest of the island in 1515; finally appointed governor of the *Estado da Índia* in 1509, he had returned to Hormuz to consolidate the military conquest and the taxation of the kingdom in the name of D. Manuel I.

The letter from the lord of Bahrain addressed to Afonso de Albuquerque that is presented here is in effect a letter from the emir Muqrin b. Zāmil, whose lineage stemmed from the powerful Bedouin confederation of the Banū Ġabr, which occupied the hinterland of Oman. At this time, Muqrin, who was said to have espoused a daughter of the Šarīf of Mecca (Barakāt II b. Muhammad — 1473–1525 — or his son Abū Numayy II b. Barakāt associated with the exercise of power in his father’s later years), lorded over not just the island of Bahrain, but also the oases of Al Ḥasā and Qatīf (the latter situated opposite the island, on the coast of the Arabian shore), all of which belonged to the kingdom of Hormuz — which extended somewhat discontinuously along the Gulf coasts from Oman to Bahrain, and from the Makran coast to Fars.

To understand Bahrain’s close relations with Hormuz (Bahrain being the major centre for the export of horses and the production and export of pearls, mainly towards Asia but also Europe), one must understand not only the island’s economic importance, but also the nature and consistency of its political ties with Hormuz. Although it remained within the sphere of influence of various powers on the Iranian Gulf coast (it was taken by Abū Bakr al-Salgharī around 1250, a conquest which left traces in the remodelling of the existing fortification of Bahrain and its reconversion into a trading post), the suzerainty of Tūran Šāh, the then prince of Hormuz, was eventually recognised by the Bedouin Aġwad b. Zāmil, in exchange for an annual tribute of 5000 *ašrafī*, a tribute whose payment, however, was already disputed at the beginning of the 16th century.

In 1507, when Afonso de Albuquerque first landed in Hormuz, Bahrain’s yearnings for independence from Hormuzi power were already clearly expressed (much like other cities on the Oman coastal rim, on which Hormuz was entirely dependent in matters of resupply of various kinds); Muqrin’s intention was to stop paying tribute altogether, which is why Ḥwāġa Aṭā, who *de facto* ruled Hormuz, asked the Portuguese to re-subdue Bahrain and force the emir to pay (instead of claiming the revenues and duties that were to be collected by Hormuz as his own). That had in fact been taking place, and Muqrin had become immensely rich as a result: in his famous diary of a Cairo ‘bourgeois’, Ibn Iyās reports that while on pilgrimage to Mecca in 1519–1520, and in addition to 50,000 dinares, Muqrin had brought with him pearls, musk, amber, aloes, silks of various colours, and other rare commodities.

However, Afonso de Albuquerque, who had few military forces at his disposal and was faced with disagreement by some of his captains about the Hormuz enterprise, renounced the immediate attack on Bahrain. He only sent his nephew Pero de Albuquerque to the island on a reconnaissance mission, in 1514, in order to study the possibility of a landing, something the numerous coral reefs in the landing zones made very difficult, as became clear in the Portuguese expedition against Bahrain in →

piram & uny capitas & ste ipu lya bnu
la demunial Capitan mior & g' das Judas
Este comens de dubi Xaluo m' amor
& m' yros Burov como & Burov m' eja
ois de unyo q' s' m' d' v' Burov q' lo
v' v' b' m' e' digue a b' r' d' o q' s' m' d' v' v'
g' m' p' b' r' e' A' d' v' m' q' v' a' u' v' a' m' y' A' d' v' r' e' i' s' t' a
r' a' r' t' a' l' e' l' a' d' q' m' a' n' d' o' c' o' s' t' a' l' a' r' t' i' d' i' m' m' a
f' a' n' i' d' a' d' v' r' e' o' r' a' u' y' o' q' d' o' g' a' u' y' q' s' t' i' p' u
n' o' r' q' d' a' m' y' z' a' l' t' u' o' r' m' o' s' h' u' o' s' l' e' t' r' a' m
d' e' v' A' d' v' r' e' e' p' d' o' g' a' d' o' e' l' l' a' m' d' e' j' a' r' s' h' u
r' i' d' d' e' d' o' s' l' e' r' a' f' i' q' d' e' y' u' n' e' s' u' m' p' r' e' g' e' e'
q' r' o' m' u' o' n' d' e' u' y' o' q' d' e' m' y' q' u' y' o' s' e' s'
m' a' n' d' a' r' t' y' l' e' d' i' t' e' m' v' f' a' r' t' y' e' n' i' f' a' r' e'
m' i' y' t' a' m' i' t' e' q' l' e' v' l' a' m' d' e' v' r' e' i' s' t' a' d' o' m' a' r' e'
s' i' m' a' m' q' s' t' a' c' e' p' t' a' m' y' d' e' v' r' e' r' o' l' a' d' o' s'

54 Carta do Rey de Barém a Afonso de Albuquerque
pa de Salburgue

Para v' g' a' n' d' e' h' y' d' a' m' e' r' e' g' a' b' r' m' y' g' o' d' o
h' y' s' n' i' s' t' e' i' p' o' h' e' q' s' e' m' e' m' a' l' t' u' m' h' d' a' s
a' s' h' i' m' p' a' s' l' e' h' y' d' o' m' a' r' e' d' e' l' l' o' g' a' u' e'
d' e' c' a' p' i' t' a' n' m' i' o' r' e' d' i' g' u' e' s' t' a' c' e' p' t' a' m' y' o' n' a
v' i' z' a' d' e' p' a' r' t' e' d' e' o' s' s' a' n' d' o' s' e' a' m' y' z' a' l' e'
d' e' q' u' e' s' t' a' b' i' o' m' y' e' s' t' a' v' e' r' e' l' e' s' a' n' d' e' e' p' a' z'
f' i' r' m' a' m' o' s' n' o' b' i' s' d' e' m' y' v' e' l' e' s' t' i' t' u' y' o' h' e' s' i' m' p' a'
p' a' l' d' o' m' o' s' h' u' o' s' e' l' m' i' s' e' r' o' i' p' o' n' e' a' n'
d' i' g' r' a' d' o' n' o' b' e' n' e' m' o' s' c' o' m' e' d' i' s' t' a' n' c' i' a' d' e' m' i' t' e' q'
c' o' m' e' d' i' s' t' a' n' c' i' a' d' e' s' t' a' z' a' b' i' d' e' j' u' s' t' i' f' i' c' a'

157
Carta do Rey de Barém a Afonso de Albuquerque
pa de Salburgue

55 Carta do Rey de Barém a Afonso de Albuquerque
pa de Salburgue

Para v' g' a' n' d' e' h' y' d' a' m' e' r' e' g' a' b' r' m' y' g' o' d' o
h' y' s' n' i' s' t' e' i' p' o' h' e' q' s' e' m' e' m' a' l' t' u' m' h' d' a' s
a' s' h' i' m' p' a' s' l' e' h' y' d' o' m' a' r' e' d' e' l' l' o' g' a' u' e'
d' e' c' a' p' i' t' a' n' m' i' o' r' e' d' i' g' u' e' s' t' a' c' e' p' t' a' m' y' o' n' a
v' i' z' a' d' e' p' a' r' t' e' d' e' o' s' s' a' n' d' o' s' e' a' m' y' z' a' l' e'
d' e' q' u' e' s' t' a' b' i' o' m' y' e' s' t' a' v' e' r' e' l' e' s' a' n' d' e' e' p' a' z'
f' i' r' m' a' m' o' s' n' o' b' i' s' d' e' m' y' v' e' l' e' s' t' i' t' u' y' o' h' e' s' i' m' p' a'
p' a' l' d' o' m' o' s' h' u' o' s' e' l' m' i' s' e' r' o' i' p' o' n' e' a' n'
d' i' g' r' a' d' o' n' o' b' e' n' e' m' o' s' c' o' m' e' d' i' s' t' a' n' c' i' a' d' e' m' i' t' e' q'
c' o' m' e' d' i' s' t' a' n' c' i' a' d' e' s' t' a' z' a' b' i' d' e' j' u' s' t' i' f' i' c' a'

Carta do rei de Barém a Afonso de Albuquerque
Barém, 1515
Manuscrito sobre papel (cópia do século XVI)
50 x 32 cm
Biblioteca da Ajuda (Lisboa), Cod. 50-V-21, 156v-157r
Letter from the king of Bahrain to Afonso de Albuquerque
Bahrain, 1515
Manuscript on paper (copy from the 16th century)
50 x 32 cm
Biblioteca da Ajuda (Lisbon), 50-V-21, 156v-157r.

missão de reconhecimento, de modo a estudar a possibilidade de um possível desembarque, iniciativa que os inúmeros recifes coralíferos nas zonas de desembarque tornavam muito difícil, como se veio a verificar na expedição portuguesa contra Bahrain, em 1529. Entretanto, Pero de Albuquerque aproveitou para alargar a sua missão ao reconhecimento geográfico até aos confins do Golfo, à região do Shatt-al'Arab.

Afim de consolidar a conquista, Albuquerque voltou a Ormuz em Março de 1515. Como Ḥwāḡa Aṭā, o seu grande inimigo, entretanto falecera, as defesas de Ormuz não possuíam um comando eficaz e não foi difícil a Albuquerque fazer desembarcar os seus homens na ilha. Sem encontrar grande resistência, aproveitou em seguida para eliminar Ra'īs Hamed, filho do vizir Nūruddīn Falī, impondo a sua tutela sobre o jovem rei Tūrān Šāh. Dedicou-se em seguida à construção da almejada fortaleza portuguesa, que tanta resistência havia provocado em Ḥwāḡa Aṭā.

De teor diplomático, a carta do emir Muqrin (1515) que aqui se apresenta corresponde pois ao momento em que Albuquerque passou a controlar definitivamente Ormuz. É uma oferta de paz, (esperando sem dúvida afastar a hipótese de uma expedição portuguesa contra Bahrain) em que Albuquerque é nomeado «rei do mar», ilustrada pela oferta de três cavalos. Importante nesta carta, para além do desejo de manter um contacto diplomático com os Portugueses em Ormuz, insistindo, simultaneamente, no contacto tradicional entre Bahrain e as autoridades da ilha de Djarun, é a oferta implícita de lhes facilitar o comércio dos cavalos, um argumento de peso ao qual Albuquerque não podia ser insensível.

Todavia, esta oferta de paz viria a tornar-se caduca alguns anos depois, já depois da morte de Albuquerque em 1515. Cerca de 1521, Muqrin mostrou-se empenhado em criar um poder naval regional que lhe permitisse desafiar Ormuz e a consequente tutela dos Portugueses. Para isso consolidara o forte de Bahrain, adquirira munições e artilharia e edificara uma tranqueira em torno da cidade. Alertado, o governador do *Estado da Índia* Diogo Lopes de Sequeira, enviou então António de Souto Maior em missão de reconhecimento à ilha, seguido de António Correia. Este último desembarcou cerca de 27 de Julho de 1521, decidido a negociar com Muqrin o reatar do pagamento do tributo a Ormuz. Diante da resistência do emir, travou-se uma batalha dentro da cidade, onde Muqrin foi atingido. Refugiado numa mesquita, provavelmente na de Sūq-al-Khamīs, veio aí a falecer.

Esta resistência de Bahrain (que deve ser também avaliada no contexto do levantamento de 1521 contra os Portugueses em Ormuz), não terminou, contudo, com a morte de Muqrin. Em 1529, a rebelião foi animada pelo então governador de Bahrain Badr al-Dīn Muḥammad, genro do vizir de Ormuz Ra'īs Šaraf al-Dīn. Também ele recusou o pagamento do tributo de 40.000 *ašrafī* e os Portugueses lançaram nova campanha contra Bahrain em 8 de Setembro de 1529. Comandada por Simão da Cunha, esta revelar-se-ia um desastre militar para a expedição Portuguesa. Como Muqrin no seu tempo, Badr al-Dīn também havia consolidado as fortificações de Bahrain; tendo posto um longo cerco às fortificações, os Portugueses foram atingidos por uma epidemia e acabaram por retirar sem ter logrado obter o pagamento do tributo a Ormuz. [Dejanirah Couto]

1529. Meanwhile, Pero de Albuquerque took the opportunity to extend his mission of geographic reconnaissance to the farthest reaches of the Gulf, to the Shatt-al'Arab region.

In order to consolidate his conquest, Albuquerque returned to Hormuz in March 1515. As Ḥwāḡa Aṭā, his great enemy, had died, Hormuz's defences lacked an effective commander, and it wasn't difficult for Albuquerque to land his men on the island. Without encountering much resistance, he then took the opportunity to eliminate Ra'īs Hamed, son of the vizier Nūruddīn Falī, and imposed his suzerainty on the young king Tūrān Šāh. He then devoted himself to the construction of the much-desired Portuguese fortress, which had stirred Ḥwāḡa Aṭā to such fierce resistance.

Emir Muqrin's (1515) letter presented here, diplomatic in nature, corresponds to the moment when Albuquerque took definitive control of Hormuz. It is a peace offer, (undoubtedly hoping to ward off the possibility of a Portuguese expedition against Bahrain) in which Albuquerque is appointed 'king of the sea', shown by a gift of three horses. Besides the desire to maintain diplomatic contact with the Portuguese in Hormuz, while insisting on the traditional contact between Bahrain and the authorities on the island of Djarun, this letter is important because of the implicit offer to facilitate the horse trade, a weighty argument to which Albuquerque could not be indifferent.

However, this peace offer would lapse a few years later, after Albuquerque's death in 1515. Around 1521, Muqrin was determined to create a regional naval power that would allow him to challenge Hormuz and the consequent Portuguese sovereignty. To do so, he reinforced Bahrain's fortress, acquired ammunition and artillery and built a trench around the city. Alarmed, the governor of the *Estado da Índia*, Diogo Lopes de Sequeira, then sent António de Souto Maior on a reconnaissance mission to the island, followed by António Correia. The latter landed there about 27 July 1521, determined to negotiate with Muqrin to resume payment of the tribute to Hormuz. Faced with the emir's resistance, a battle was fought inside the city, in which Muqrin was hit. He took refuge in a mosque, probably that of Sūq-al-Khamīs, and died there.

Bahraini resistance (which must also be viewed in the context of the 1521 uprising against the Portuguese in Hormuz) did not, however, end with Muqrin's death. In 1529, the rebellion was spurred on by Badr al-Dīn Muḥammad, the then governor of Bahrain and son-in-law of the vizier of Hormuz Ra'īs Šaraf al-Dīn. He too refused to pay the tribute of 40,000 *ašrafī*, which prompted the Portuguese to launch another campaign against Bahrain on 8 September 1529. This expedition, commanded by Simão da Cunha, would prove a military disaster for the Portuguese. Like Muqrin in his time, Badr al-Dīn had also strengthened the fortifications of Bahrain; after a long siege to the fortifications, the Portuguese were struck by an epidemic and eventually withdrew without succeeding in obtaining payment of the tribute to Hormuz. [Dejanirah Couto]

Esta carta do rei de Ormuz a D. João III ilustra perfeitamente a situação de duplo protectorado em que Ormuz se encontrou após a dupla conquista de Afonso de Albuquerque (1507 e 1515). Com poucos homens e poucos recursos militares, os Portugueses tiveram de negociar com os Ormuzis. Estes, por sua vez viviam uma situação interna sempre complicada, que vinha a prolongar-se desde o século XV, marcada por revoltas de palácio, assassinatos e deposições. Além disso deviam reger territórios insulares e litorais muito dispersos no Golfo, e cidades litorais no Oman, com populações arabs ou arabofones com aspirações diversas.

A tutela dos Portugueses foi muito mal aceite, já que Ormuz tinha sempre conseguido manter a sua independência: protegida pelo terrível clima dos Garmsīrāt, e por uma política de embargo sobre os produtos estratégicos susceptíveis de contribuir à construção naval por parte dos seus súbditos (tanto no Oman como na costa iraniana), tinham reconhecido sucessivamente as federações tribais dos Qara-qoyunlu e dos Aq-qoyunlu e, no início do século XVI, do Shāh Isma‘īl, a quem pagavam um imposto fixo, a *muqarrariya*, a fim de assegurar a livre passagem das mercadorias.

Deve dizer-se que, desde 1515, os diversos capitães de Ormuz e os vice-reis adoptaram, em relação ao governo Ormuzi, uma política que oscilava entre pressões, negociação e violência. Nos anos de 1507–1515, Afonso de Albuquerque já disso dera provas nas suas relações com o vizir Ḥwāḡa Aṭā. Todavia, apesar do relativo sucesso dos Portugueses em jugular o levantamento do emir Muqrin de Bahrain em 1521 (motivado pela recusa do pagamento a Ormuz do tributo tradicional de 5.000 *ašrafī*) a situação envenenou-se em Ormuz, onde uma rebelião contra os Portugueses estalou em 30 de Novembro de 1521: mais uma vez, estiveram em jogo factores económicos, pois o tributo imposto por Albuquerque em 1508 (15.000 *ašrafī* anuais), foi pago pelos Ormuzis por vezes com atraso, apesar de algumas deduções, e acabara por ser aumentado substancialmente uns anos mais tarde (25.000 *ašrafī* em 1518). Mas o que certamente pesou na rebelião foi a imposição de D. Manuel I de nomear funcionários portugueses para a alfândega de Ormuz. Este levantamento, conduzido pelo vizir Šaraf-ud-dīn, caracterizou-se pelo incêndio dos estabelecimentos com perda das mercadorias, morte de muitos portugueses e cerco à fortaleza. Um reforço português enviado da Índia, sob o comando de D. Luís de Meneses pôs fim aparentemente à rebelião, e o tributo foi aumentado para 60.000 *ašrafī*, ou seja 35.000 mais dos que pagos em 1518. Todavia um problema que se iria agravar nos anos seguintes — o da corrupção dos oficiais da administração portuguesa em Ormuz — começou a tornar-se mais evidente: embora Šaraf-ud-dīn se tenha mantido no poder graças à reabilitação promovida pelo capitão de Ormuz João Rodrigues de Noronha, os negócios entre os capitães da fortaleza e os sucessivos vizires foram-se tornando cada vez mais controversos. O melhor exemplo foi sem dúvida o de Diogo de Melo, cujas pressões económicas sobre Šaraf-ud-dīn (aumento do tributo, entre outras, imposição feita aos comerciantes muçulmanos de utilizarem as suas embarcações para o comércio dos cavalos, um comércio essencial para Ormuz, extorção de somas de dinheiro) se tornaria um embróglio para a administração imperial do *Estado da Índia* (ver por exemplo a instrução do processo que moveu contra o vizir em documento do 21 de Setembro de 1525). Šaraf-ud-dīn manteve-se durante longo tempo no poder (mesmo durante a nova rebelião de 1529 na ilha de Bahrain, em que morreram

This letter from the King of Hormuz to King John III perfectly illustrates the dual protectorate under which Hormuz found itself after its double conquest by Afonso de Albuquerque (1507 and 1515). With few men and few military resources, the Portuguese were forced to negotiate with the Hormuzis. The Hormuzis were in a complicated internal situation, which had been going on since the 15th century, marked by palace revolts, assassinations and depositions. They also had to govern over widely scattered insular and coastal territories in the Gulf, and coastal cities in Oman, with Arab or Arab-speaking populations with many different goals and aspirations.

The suzerainty of the Portuguese was very poorly accepted, since Hormuz had always managed to maintain its independence: protected by the Garmsīrāt's terrible climate, and by a policy of embargo on strategic products likely to contribute to shipbuilding by their subjects (both in Oman and on the Iranian coast), they had successively recognised the tribal federations of the Qara-qoyunlu and the Aq-qoyunlu and, in the early 16th century, of the Shāh Isma‘īl, to whom they paid a fixed tax, the *muqarrariya*, in order to ensure the free passage of goods.

It should be noted that, in relation to the Hormuzi government, the various captains of Hormuz and the viceroys had adopted a policy since 1515 that fluctuated between pressure, negotiation, and violence. In the years 1507–1515, Afonso de Albuquerque had already proved this in his relations with the vizier Ḥwāḡa Aṭā. However, despite the relative success of the Portuguese in juggling the uprising of the Emir Muqrin of Bahrain in 1521 (prompted by his refusal to pay Hormuz the traditional tribute of 5,000 *ašrafī*) the situation in Hormuz became a tinderbox, and a rebellion against the Portuguese broke out on 30 November 1521: again, economic factors were at play, for the tribute imposed by Albuquerque in 1508 (15,000 *ašrafī* annually), was paid by the Hormuzis sometimes late, despite some deductions, and had eventually been substantially increased a few years later (25,000 *ašrafī* in 1518). But what certainly weighed on the rebellion was Manuel I's imposition of appointing Portuguese officials to the Hormuzi customs house. This uprising, led by vizier Šaraf-ud-dīn, burnt establishments to the ground, with a subsequent loss of goods, killed many Portuguese, and laid siege to the fortress. Portuguese reinforcements sent from India under the command of Luís de Meneses apparently put an end to the rebellion, and the tribute was then increased to 60,000 *ašrafī*, i.e. 35,000 more than had been paid in 1518. However, a problem that was to worsen in the following years — that of the corruption of the officials of the Portuguese administration in Hormuz — became more evident: although Šaraf-ud-dīn remained in power thanks to the rehabilitation sponsored by the captain of Hormuz, João Rodrigues de Noronha, the dealings between the captains of the fortress and the successive viziers became increasingly controversial. The best example of that is undoubtedly that of Diogo de Melo, whose economic leaning on Šaraf-ud-dīn (increase in tribute, among others, imposition on Muslim merchants to use their vessels for the horse trade, an essential trade for Hormuz, extortion of sums of money) would become an embarrassment for the imperial administration of the *Estado da Índia* (see for example the instruction in the suit he brought against the vizier in a document of 21 September 1525). Šaraf-ud-dīn remained in power for a long time (even during the →

alguns membros da sua família, e de um exílio prolongado em Portugal a partir de 1528/1529), e a situação de Ormuz foi-se deteriorando, embora a alfândega, em 1545, ainda rendesse 45.000 a 56.000 *pardaus*.

A presente carta, não datada, do rei de Ormuz a D. João III, queixando-se do vizir Rukn-al-Dīn, pode, pois ser deste período, pois várias cartas deste fundo homogêneo das *Cartas Orientais* referem-se aos anos de 1528-1529. Pode, portanto, ser uma carta do soberano Muhammad II. Este Rukn-al-Dīn poderá ter substituído Šaraf-ud-dīn durante o exílio deste último em Portugal (ou durante a estadia de Šaraf-ud-dīn na prisão em Ormuz, anterior ao exílio em Portugal). É a esta situação envolvendo Rukn-al-Dīn que parece referir-se a carta do capitão de Ormuz, Luís Falcão, a D. João de Castro, do 16 de Novembro de 1545 e a de 8 de Outubro de 1547 enviada por Fernandes Alvares de Andrade a D. João de Castro.

A segunda hipótese ligada à datação desta carta levar-nos-ia mais longe do ponto de vista cronológico, ao reino de Salghur Šāh II b. Turan Šāh (1534–1543) ou Fakhr ud-Dīn Tūrān Šāh V b. Salghur Šāh II (1543–1565). Nesta hipótese, este vizir Rukn-al-Dīn seria um dos irmãos de Nūr-al-Dīn, que por sua vez era filho de Šaraf-ud-Dīn. Temos um exemplo de uma carta de um Re'is Rukn-al-Dīn de 14 (?) de Dezembro de 1546, dirigida a D. João de Castro, no qual avisa sobre a conquista de Bassora pelos Otomanos (que veio a ter lugar 26 de Dezembro de 1546), declarando que era grande o prestígio militar dos Otomanos, sobretudo entre as camadas mais baixas da população Ormuzi, a qual, todavia, os temia.

Tanto no caso de uma datação de 1529, ou mais tardia, da década de 1540, trata-se de uma carta por assim dizer banal pois, desde o início da presença portuguesa em Ormuz, existem inúmeras outras cartas endereçadas pelos reis de Ormuz aos monarcas portugueses, queixando-se do comportamento dos seus próprios vizires e dos funcionários portugueses (envolvidos por vezes em lutas entre os dois grupos ou no seio dos seus próprios clãs). Queixavam-se também do seu estatuto subalternizado em relação aos vizires. Como declara o rei de Ormuz em carta ao governador D. João de Castro (de 4 de Fevereiro de 1546), o vizir era na verdade o rei, e o rei o servidor deste. O comportamento dos portugueses evocado na presente carta (roubo de cavalos, distúrbios durante os banquetes, engano de clientes nos mercados e recusa em pagar os preços fixados das mercadorias) eram a norma, assumindo por vezes formas de humilhação física. É possível ter-se uma ideia da confusa situação em Ormuz através da leitura do regimento dado por D. João de Castro ao vizir Šaraf-ud-Dīn, datado do 30 de Novembro de 1546.

Algumas cartas de D. João III fazem eco desta preocupante situação de desmandos e corrupção em Ormuz, o soberano exigindo nelas que se ponha termo a tais procedimentos. Sem sabermos se a carta de D. João III a D. João de Castro, datada de 13 de Março de 1545, responde especificamente à que aqui se apresenta (proibindo também os oficiais da Coroa de contrair empréstimos junto dos moradores de Ormuz e de intervir em demandas locais), o facto é que o problema principal da presença portuguesa em Ormuz no decorrer do século XVI residiu na emaranhada teia de interesses económicos associando os oficiais da Coroa portuguesa e os comerciantes, sobretudo muçulmanos, locais ou vindos doutras paragens. Ilustrado por múltiplas operações comerciais em parceria, o contrabando (em direcção dos Otomanos instalados em Baçora, por exemplo) assumiu-se como a melhor expressão dos disfuncionamentos a que o Rei de Portugal tentou pôr termo em vão. [Dejanirah Couto]

new rebellion of 1529 on the island of Bahrain, in which some members of his family died, and from a prolonged exile in Portugal from 1528/1529), and the situation in Hormuz deteriorated, although Hormuzi customs still yielded 45,000 to 56,000 *pardaus* in revenue in 1545.

The present undated letter from the king of Hormuz to King John III, complaining about the vizier Rukn-al-Dīn, may therefore be from this period, since several letters in this homogeneous collection of *Oriental Letters* refer to the years 1528-1529. It may therefore be a letter from the ruler Muhammad II. This Rukn-al-Dīn may have replaced Šaraf-ud-dīn during the latter's exile in Portugal (or during Šaraf-ud-dīn's spell in prison in Hormuz, prior to his exile in Portugal). It is to this situation involving Rukn-al-Dīn that the letter from the captain of Hormuz, Luís Falcão, to D. João de Castro of 16 November 1545 and that of 8 October 1547 sent by Fernandes Alvares de Andrade to D. João de Castro seem to refer.

The second hypothesis in dating of this letter would take us to a later period, to the reign of Salghur Šāh II b. Turan Šāh (1534–1543) or Fakhr ud-Dīn Tūrān Šāh V b. Salghur Šāh II (1543–1565). Following this hypothesis, this vizier Rukn-al-Dīn could be one of the brothers of Nūr-al-Dīn, who in turn was the son of Šaraf-ud-Dīn. We have an example of a letter from a Re'is Rukn-al-Dīn of 14 (?) December 1546, addressed to João de Castro, in which he warns of the conquest of Bassora by the Ottomans (which took place on 26 December 1546), stating that the military prestige of the Ottomans was great, especially among the lower strata of the Hormuzi population, who nevertheless feared them.

Whether dated to 1529 or later, to the 1540s, this is a trivial letter, so to speak. From the early days of Portuguese presence in Hormuz, there are numerous other letters addressed by the kings of Hormuz to the Portuguese monarchs complaining about the behaviour of their own viziers and Portuguese officials (sometimes involved in fights between the two groups or within their own clans). They also complained about their subordinate status in relation to the viziers. As the King of Hormuz states in a letter to Governor João de Castro (dated 4 February 1546), the vizier was in fact the king, and the king was his servant. The behaviour of the Portuguese referred to in this letter (horse stealing, disturbances during banquets, cheating customers in the markets and refusing to pay the fixed prices of goods) were the norm, sometimes taking the form of physical humiliation. One can get an idea of the muddled situation in Hormuz by reading the orders given by João de Castro to the vizier Šaraf-ud-Dīn, dated 30 November 1546.

Some letters from King John III echo this worrying situation of mismanagement and corruption in Hormuz, with the sovereign demanding an end to such actions. Without knowing whether the letter from John III to João de Castro, dated 13 March 1545, specifically answers the one presented here (prohibiting Crown officials from borrowing from the inhabitants of Hormuz and intervening in local issues), the fact remains that the main problem of the Portuguese presence in Hormuz during the 16th century was the tangled web of economic interests involving Portuguese Crown officials and merchants, especially Muslims, both local and from elsewhere. Illustrated by multiple commercial operations in partnership, smuggling (towards the Ottomans settled in Basra, for example) was the best expression of the disruptions the King of Portugal tried in vain to put an end to. [Dejanirah Couto]

O rei D. João III nomeou D. João de Castro para o cargo de governador do *Estado da Índia* em Fevereiro de 1545. A armada que levava este fidalgo partiu de Lisboa no final de Março desse ano, chegando a Goa nos últimos dias de Agosto. Para além do seu regimento e de várias cartas, o monarca endereçou ao mais alto oficial português na Ásia uma série de apontamentos relativos à presença portuguesa em Ormuz e no Golfo. Especificava que parte das questões mencionadas no documento derivavam de queixas apresentadas pelo rei de Ormuz. Desta forma, a Coroa procurava apaziguar o soberano local, tentando manter relações cordiais, o que beneficiaria a situação portuguesa. Em primeiro lugar instava o novo governador a manter contacto com todos os pequenos régulos locais, como os do Barém e Julfar, propiciando assim boas relações diplomáticas e económicas na região. As restantes indicações pretendiam restringir a acção dos capitães e outros oficiais portugueses. Por exemplo, ordenava que se impedissem e punissem os capitães que invernassem na costa da Arábia, visto que estes costumavam “agravar” as localidades do litoral, ou seja, atacando ou tentando condicionar as actividades económicas daquela zona. Por outro lado, pedia que o meirinho, responsável por manter a ordem social em Ormuz, não interferisse nas questões levantadas entre as populações muçulmanas, judaicas e de outras religiões aí existentes, tentando preservar as suas próprias ordens jurídicas. Da mesma maneira, dava conta que era necessário evitar que se pedissem empréstimos aos moradores e mercadores locais, e que não se tomassem os seus bens à força, nem os obrigassem a comprar produtos e mercadorias aos portugueses. Por fim, mandava que se proibisse que os capitães de Ormuz tivessem os seus próprios agentes económicos (feitores) em outros locais, como Bassorá e Julfar. Estes apontamentos indiciam que o principal problema do *Estado da Índia* no Golfo, neste período, era a acção individual dos oficiais e mercadores portugueses, ávidos de enriquecerem e de controlarem o comércio regional. As ordens régias, influenciadas pela autoridade local de Ormuz, pretendiam que a presença portuguesa se restringisse ao essencial, estabilizando assim as relações socioeconómicas quer com as autoridades, quer com os próprios comerciantes não portugueses. A acção desenfreada destes portugueses, longe de Goa e do centro de poder, em Lisboa, ou seja, com uma liberdade de acção muito superior do que a normal, facilitava este tipo de acção coerciva a nível local. Estas medidas vêm também tentar melhorar a própria situação económico-financeira de Ormuz, a qual atravessava um momento de crise na década de 1540. Concretamente, a partir de 1543 os portugueses tomaram o controlo total da alfândega da cidade, com o objectivo de aumentar o lucro proveniente dos tratos que por aí passavam. A medida teve um impacto relativo, já que as fontes mostram que as receitas dessa década sofreram uma flutuação considerável. Para além dos problemas acima identificados, o próprio contrabando dos mais diversos produtos, como o enxofre, afectava grandemente os ganhos, e foi um dos principais problemas combatidos por D. João de Castro durante a sua governação (1545–1548). Apesar da preocupação do rei, a disseminação dos portugueses pelo Golfo, de forma formal ou informal, sob alçada do *Estado da Índia* ou não, continuou durante todo o período da presença portuguesa nesta região. [Roger Lee de Jesus]

King D. João III appointed João de Castro governor of the *Estado da Índia* in February 1545. The armada carrying the nobleman left Lisbon at the end of March of that year, and arrived in Goa in the last days of August. In addition to his regiment and several letters, the monarch addressed a series of notes concerning the Portuguese presence in Hormuz and the Gulf to the highest Portuguese official in Asia. He specified that some of the issues mentioned in the document stemmed from complaints made by the King of Hormuz. In this way, the Crown sought to appease the local sovereign and maintain cordial relations, which would benefit the Portuguese situation. Firstly, it urged the new governor to maintain contact with all the small local chiefs, such as those of Bahrain and Julfar (Ras al-Khaimah), thus fostering good diplomatic and economic relations in the region. The remaining instructions were intended to limit the action of captains and other Portuguese officers. For instance, it ordered that captains who wintered on the Arabian coast be prevented and punished for doing so, since they used to ‘aggravate’ coastal localities, i.e. by attacking or trying to condition economic activities in that area. On the other hand, he asked the bailiff, who was responsible for maintaining social order in Hormuz, not to interfere in the issues raised between the Muslim, Jewish and other religious populations there, in order to safeguard their own legal orders. He also stated that it was necessary to prevent the local residents and merchants from being asked to borrow money, and that their goods should not be taken by force, nor should they be forced to buy products and merchandise from the Portuguese. Finally, it was forbidden for the captains of Hormuz to have their own economic agents (*feitores*) in other places, such as Basra and Julfar. These notes indicate that the main problem of the *Estado da Índia* in the Gulf in this period was the individual action of the Portuguese officers and merchants, eager to get rich and to control the regional trade. The royal orders, influenced by Hormuz’s local authority, wanted the Portuguese presence to be restricted to the essentials, thus stabilising socio-economic relations both with said authorities and with the non-Portuguese merchants themselves. The unrestrained action of these Portuguese, far from Goa and the centre of power in Lisbon, which is to say, with a much greater degree of freedom of action than normal, facilitated this type of coercive action at a local level. These measures also tried to improve the economic and financial situation of Hormuz, which was going through a moment of crisis in the 1540s. Specifically, from 1543 onwards, the Portuguese took full control of the city’s customs house, with the aim of increasing the profit from the treaties which passed through the city. The measure was somewhat impactful, as sources show that revenues in that decade fluctuated considerably. In addition to the problems identified above, the smuggling of the most diverse products, such as sulphur, greatly affected earnings, and was one of the main problems fought by D. João de Castro during his rule (1545–1548). Despite the king’s concern, the spread of the Portuguese throughout the Gulf, formally or informally, under the *Estado da Índia* or outside of it, continued throughout the period of Portuguese presence in this region. [Roger Lee de Jesus]

Situada na estratégica ilha de Jarun, guardiã da porta do Golfo, Ormuz permaneceu sob controlo português entre 1515 e 1622. No entanto, a posição privilegiada do *Estado da Índia* nesta cidade portuária durante cerca de um século não implicou o domínio total sobre o reino, que continuou a ser governado pela sua família real. Na linguagem política do século XVI, Turan Shah IV (r. 1513–1521) tornou-se vassalo de D. Manuel I (r. 1495–1521) e aceitou pagar um tributo anual ao monarca português, um gesto de lealdade que os seus sucessores deveriam renovar. Contudo, o poder dos reis de Ormuz foi cronicamente disputado por outras forças locais, especialmente pela família Fali, de onde provinham tradicionalmente os vizires do reino. A autoridade real foi adicionalmente minada pelo próprio *Estado da Índia*, através de uma alienação progressiva das competências dos sucessivos reis, que acabaria por transformá-los em reis fantoches.

O presente documento espelha indiretamente o difícil equilíbrio de poderes em Ormuz durante os últimos anos do século XVI. Trata-se de uma breve carta em português datada de 16 de abril de 1598 e dirigida por um príncipe local ao vice-rei do *Estado da Índia*. O príncipe era Mir Firuz Shah, um dos filhos do monarca reinante, enquanto o vice-rei era D. Francisco da Gama, quarto Conde da Vidigueira e bisneto de Vasco da Gama (f. 1524), que serviu em Goa de 1597 a 1600. Esta carta deve ser entendida no contexto das tensões em torno do termo do longo reinado de Farrukh Shah (r. 1565–1602) e sua sucessão. Os potenciais candidatos ao trono eram vários e os portugueses estavam divididos sobre quem apoiar, mas o vice-rei revelou-se um forte defensor de Mir Firuz Shah. No raciocínio de D. Francisco da Gama, a ascensão deste príncipe ao poder resultaria no enfraquecimento do vizir e consequentemente no equilíbrio político no reino de Ormuz. Mir Firuz Shah subiu finalmente ao trono em 1602 e governou até 1609.

A carta está escrita em português, provavelmente redigida em colaboração com um funcionário local do *Estado*. Nela, o príncipe menciona o portador da carta, um certo Baltazar Pinheiro, a quem pediu para viajar de Ormuz para Goa para apresentar de forma mais eficaz o seu caso. No final da página, Mir Firuz Shah identifica-se em português — “Do Príncipe de Ormus Mira Faruxa” —, mas acrescenta a sua assinatura original. Este documento está incluído num volume que contém outros exemplares de cartas endereçadas na época a D. Francisco da Gama por governantes de vários estados, da África Oriental ao Sudeste Asiático. Invariavelmente escritas em português, estas cartas incluem com frequência as assinaturas originais (e os selos, ocasionalmente) dos seus respetivos remetentes. [Jorge Flores].

Situated in the strategical island of Jarun, the gate guardian of the Gulf, Hormuz remained under Portuguese control between 1515 and 1622. And yet, the favoured position of the *Estado da Índia* in the port city for roughly a century did not entail full domination over the kingdom, which continued to be ruled by its royal family. In the political parlance of the sixteenth century, Turan Shah IV (r. 1513–1521) became a vassal of Manuel I (r. 1495–1521) and agreed on paying a yearly tribute to the Portuguese monarch, a gesture of allegiance that his successors were expected to renew. However, the power of the kings of Hormuz was chronically disputed by other local forces, especially by the Fali family, from where the kingdom’s viziers traditionally originated. Royal authority was additionally undermined by the *Estado da Índia* itself, by way of a progressive alienation of several of the kings’ competencies which would eventually turn them into puppet kings.

The present document indirectly mirrors the difficult balance of power in Hormuz during the last years of the sixteenth century. It consists of a brief letter in Portuguese dated 16 April 1598 and addressed by a local prince to the viceroy of the *Estado da Índia*. The prince was Mir Firuz Shah, one of the sons of the ruling monarch, whereas the viceroy was Dom Francisco da Gama, fourth Count of Vidigueira and great grandson of Vasco da Gama (d. 1524), who served in Goa from 1597 to 1600. This letter is to be placed in the context of the tensions around the foreseeable succession of the long-reigning Farrukh Shah (r. 1565–1602). The potential candidates to the throne were several and the Portuguese were divided about whom to support, but the viceroy always stood as a strong advocate of Mir Firuz Shah’s party. In Francisco da Gama’s reasoning, this prince’s ascendancy to power would result in the weakening of the vizier, hence in political equilibrium in the kingdom of Hormuz. Mir Firuz Shah eventually rose to the throne in 1602 and ruled until 1609.

The letter is written in Portuguese, probably prepared in collaboration with a local official of the *Estado*. In it, the prince mentions the letter-bearer, a certain Baltazar Pinheiro, whom he asked to travel from Hormuz to Goa to better present his case. At the bottom of the page, Mir Firuz Shah identifies himself in Portuguese — “From the Prince of Ormus Mira Faruxa” — but adds his original signature. This document is included in a volume which comprises other specimens of the many letters addressed at the time to Dom Francisco da Gama by rulers of various states, from East Africa to East Asia. Invariably written in Portuguese, these letters often include the original signatures (and the seals, on occasion) of their respective senders. [Jorge Flores]

Des pois de ver Escrito a V. S. q' l'ua sera dada por via de andrea
 furtado soubo q' se hia p'na cidade baltezar pinheiro ho men q' tem
 Espirencia das contas deste Reino pesso a V. S. me fusa M. de Se em
 formar delle no Estado en q' fiquao q' como as vis co os olhos sabe
 ra dar melhor Informacao delas do q' eu posso dar por Escrito E
 por q' tenho En vs. minha Justica Serta Espero obras de paz
 fiquo Rogando adis avida de vs. acrecente por muitos annos E
 estado pros pere Ede grandes vitorias como pode Er's. feita En
 ormus dae Bril i 8 de q' 8 Anos



Do principe de ormus: میر فیروز شاہ میرا فرمان

Carta do príncipe de Ormuz Mir Firuz Shah
 ao vice-rei D. Francisco da Gama
 Ormuz, 1598
 Manuscrito sobre papel
 21 x 34 cm
 Arquivo Nacional da Torre do Tombo (Lisboa),
Miscelâneas Manuscritas do Convento da Graça,
 tomo 3 (cx. 2), fl. 263.
 Letter from the Princip of Hormuz Mir Firuz Shah
 to viceroy D. Francisco da Gama
 Hormuz, 1598
 Manuscript on paper
 21 x 34 cm
 Arquivo Nacional da Torre do Tombo (Lisbon),
Miscelâneas Manuscritas do Convento da Graça,
 tomo 3 (cx. 2), fl. 263.

O *Tuhfat al-mujāhidīn fi ba‘d akhbār al-purtukālīn* consiste num relato árabe da presença portuguesa na costa do Malabar (parte do atual Kerala, no sudoeste da Índia) e trata em particular do conflito dos “Francos” com as comunidades islâmicas da região durante a maior parte do século XVI. A obra foi escrita por Zainuddin, um estudioso muçulmano local nascido em Chombal e educado em Ponanni, autor de dois outros textos árabes de diferente teor. O *Tuhfat al-mujāhidīn* é uma narrativa de resistência, destinada a incitar governantes de todo o mundo muçulmano à Jihad contra os portugueses. De facto, foi escrito numa época de guerra feroz no Oceano Índico central entre o *Estado da Índia* e os Mappilas de Malabar, a quem os portugueses chamavam “mouros da terra”. Zainuddin dedicou este relato a ‘Alī ‘Adil Shah I (r. 1558–1579) e todos os acontecimentos ocorridos entre 1579, ano da morte do Sultão de Bijapur, e 1583, o limite cronológico do *Tuhfat al-mujāhidīn*, deverão ter sido narrados *a posteriori* por um autor não identificado. Apesar da abrangência política e religiosa do livro, sabemos pouco sobre a sua circulação à época. É evidente, contudo, que o cronista do Decão Firishta (f. 1620) o utilizou para escrever o capítulo sobre os muçulmanos de Malabar incluído no seu *Tarikh*.

O relato de Zainuddin foi traduzido para português em 1898 pelo arabista português David Lopes (f. 1942). Para a sua cuidadosa (apesar de já datada) edição, Lopes optou por traduzir o exemplar de *Tuhfat al-mujāhidīn* guardado no Museu Britânico, mas também considerou as variantes existentes em outros três manuscritos existentes em Londres: um da Royal Asiatic Society e dois da British Library. Os anos finais do século XIX foram marcados em Portugal pela celebração do 400.º aniversário da chegada de Vasco da Gama à Índia. O esforço de Lopes faz parte desse programa político e cultural, mas é também a manifestação de uma certa dinamização dos estudos islâmicos e orientais no país, o que levou vários estudiosos portugueses a estudar fontes históricas e literárias produzidas em línguas não europeias. A primeira (e fraca) versão inglesa do *Tuhfat al-mujāhidīn* data de 1833, enquanto uma versão malaiala do texto só foi publicada em 1995. O trabalho de Zainuddin, como vimos, fornece uma perspetiva islâmica local sobre os portugueses e as suas ações na região do Malabar. Deve ser confrontada e complementada por outros pontos de vista indígenas, especialmente um relato malaiala do século XVI produzido na corte do rei hindu de Calecute. Escrito numa folha de palmeira (*ola*), este texto chegou-nos graças à sua antiga tradução inglesa — preparada nos primeiros anos do século XIX por um funcionário da Companhia Inglesa das Índias Orientais chamado John William Wye — e foi preservado na British Library como o ‘manuscrito de Wye’. [Jorge Flores].

The Tuhfat al-mujāhidīn fi ba‘d akhbār al-purtukālīn consists of an Arabic account of the Portuguese presence in the Malabar coast (part of present-day Kerala, in southwestern India) and deals in particular with the conflict of the “Franks” with the Islamic communities of the region during most of the sixteenth century. The work was penned by Zainuddin, a local Muslim scholar born in Chombal and educated in Ponanni who authored two other Arabic texts of a different sort. The *Tuhfat al-Mujahidin* is a narrative of resistance, meant to incite rulers across the Muslim world to the Jihad against the Portuguese. It was in fact written at a time of fierce war in the central Indian Ocean between the *Estado da Índia* and the Mappilas of Malabar, whom the Portuguese called “moors of the land” (*mouros da terra*). Zainuddin dedicated this account to ‘Alī ‘Adil Shah I (r. 1558–1579) and all the events occurred between 1579, the year of the Sultan of Bijapur’s death, and 1583, the chronological limit of the *Tuhfat al-Mujahidin*, must therefore have been recounted *a posteriori* by an unidentified author. Despite the book’s wide-ranging political and religious proposition, we know little about its coeval circulation. It is clear, however, that the Deccan chronicler Firishta (d. 1620) used it to write the chapter about the Muslims of Malabar included in his *Tarikh*.

Zainuddin’s account was translated into Portuguese in 1898 by the Portuguese Arabist David Lopes (d. 1942). For his careful (if dated) edition, Lopes chose to translate the copy of the *Tuhfat al-mujāhidīn* kept in the British Museum, but he also considered the variants offered by three other manuscripts extant in London: one from the Royal Asiatic Society and two from the British Library. The closing years of the nineteenth century were marked in Portugal by the celebration of the 400th anniversary of the arrival of Vasco da Gama in India. Lopes’s endeavour is part of such political and cultural programme, but it is likewise the manifestation of a certain vigour of Islamic and Oriental studies in the country, which led several Portuguese scholars to engage with historical and literary sources produced in non-European languages. The first (and poor) English version of the *Tuhfat al-mujāhidīn* dates to 1833, whereas a Malayalam version of the text was not published until 1995. Zainuddin’s work, we have seen, provides a local Islamic perspective on the Portuguese and their actions in the Malabar region. It should be contrasted and complemented by other indigenous views, especially a sixteenth-century Malayalam account produced at the court of the Hindu ruler of Calicut. Written on a palm leaf (*ola*), this text came to us thanks to its old English translation — prepared in the early years of the nineteenth century by an employee of the English East India Company called John William Wye — and it is preserved in the British Library as the Wye manuscript. [Jorge Flores]

بالتجريب وسحوة ولا يتعرضون لمن اسلم منهم بأذى بل
يحترمون كاحترام سائر المسلمين ولو كان عندهم من اسافلهم
وكان التجار المسلمين في الزمان القديمة يجمعون له ما
يرتفق به *

5 القسم الرابع في ذكر وصول الافرنج الى مليبار وشي
من افعالهم القبيحة وفيه فصول *

الفصل الاول في ابتداء وصولهم الى مليبار ووقوع الخلاف
بينهم وبين السامري وبناء قلعتهم في كشي وكتنور
وكولم واخذهم بندر كوه وتملكهم لها * وذلك ان ابتداء
10 وصولهم الى مليبار كان سنة اربع وتسعمائة من الهجرة النبوية
وصلوا الى فندرينة في ثلثة مسماريات بعد انقطاع موسم
الهند ثم خرجوا منها الى بندر كاليكوت في طريق البر
واقاموا فيها شهر يتعرفون اخبار مليبار واحوالها ولم يشتغلوا

فصل A 1-2, 5.

فصل A 1-2, 7.

10, 6 A فُسماريان ou فُتْماريات (?); e assim tambem nas
outras passagens em que esta palavra aparece.

Tuḥfat al-mujāhidīn fi ba'ḍ akhbār al-purtukālīn

Zayn al-Dīn al-Malabarī

c. 1580

David Lopes (ed.) — *História dos Portugueses
no Malabar por Zinadim*

Lisboa: Imprensa Nacional, 1898

Impresso sobre papel

17 × 25 cm

Faculdade de Letras da Universidade
de Coimbra (Portugal)

Tuḥfat al-mujāhidīn fi ba'ḍ akhbār al-purtukālīn

Zayn al-Dīn al-Malabarī

c. 1580

David Lopes (ed.) — *História dos Portugueses
no Malabar por Zinadim*.

Lisbon: Imprensa Nacional, 1898

Printed on paper'

17 × 25 cm

Faculdade de Letras da Universidade
de Coimbra (Portugal)

Os primeiros encontros da Índia portuguesa com a Índia mogol — cujos imperadores governaram a maior parte do subcontinente desde o último terço do século XVI até aos inícios do século XVIII — ocorreram no Guzerate nos anos de 1530, mas apenas quatro décadas mais tarde as interações entre as duas formações imperiais se tornaram sistemáticas. Não sem tensões políticas e mal-entendidos culturais, as relações entre Portugueses e Mogóis alcançaram o seu auge durante os reinados de Akbar (r. 1556–1605) e Jahangir (r. 1605–1627). Várias embaixadas mogóis foram enviadas a Goa (a capital do *Estado da Índia*) desde os anos de 1570, enquanto que os sucessivos vice-reis portugueses aproveitaram a presença regular de missionários jesuítas na corte imperial a partir da mesma década para os utilizar frequentemente como agentes políticos.

Os impactos culturais desta constante interação foram muitos, desde debates religiosos e discussões de livros a escritos etnográficos e trocas de objetos. Uma das manifestações mais relevantes das ricas experiências transculturais que se desenvolveram na corte mogol durante o período foi o forte interesse na arte ocidental manifestado pelo imperador, outros membros da família imperial e alguns nobres mogóis. Este interesse foi desencadeado por uma combinação de curiosidade cultural e ideologia imperial que tem suscitado grande interesse académico nas últimas décadas. Basta notar que distintos temas e técnicas características das pinturas, gravuras e objetos europeus foram conseqüentemente trazidos para a arte mogol através do trabalho de artistas imperiais de diversas proveniências que foram patrocinados por soberanos e príncipes mogóis. Muitas destas importantes composições sobreviveram tanto em álbuns encadernados como em folhas soltas, e estão guardadas em museus e bibliotecas públicas, bem como em coleções privadas um pouco por todo o mundo. Entre elas, um tema sobressai em particular: a representação de figuras humanas, sejam eles padres jesuítas, quase sempre representados nas suas vestes negras, ou portugueses e outros indivíduos europeus. Estas personagens podiam ser vistas regularmente em várias cidades imperiais e depressa entraram na imaginação mogol.

Esta pintura mogol é apenas uma peça do grande puzzle acima descrito. Mostra dois homens portugueses em conversa descontraída e retratados no seu traje típico, incluindo os chapéus que se transformaram numa imagem de marca da descrições originárias da Ásia do sul (visuais e escritas) acerca dos portugueses. A pintura aqui apresentada faz parte de um álbum que chegou à posse do colecionador francês do século XVIII Jean-Baptiste-Joseph Gentil (d. 1799). Gentil acumulou uma impressionante variedade de pinturas e manuscritos durante a sua estadia na Índia. A maioria deles entrou na Bibliothèque du Roi em 1778 e encontram-se hoje na Biblioteca Nacional Francesa, Paris. [Jorge Flores]

The first encounters of Portuguese India with Mughal India — whose emperors ruled over most of the subcontinent from the last third of the sixteenth century to the early years of the eighteenth century — occurred in Gujarat in the 1530s, but only four decades later the interactions between the two imperial formations became systematic. Not without political tensions and cultural misunderstandings, the Portuguese-Mughal connection reached its peak during the reigns of Akbar (r. 1556–1605) and Jahangir (r. 1605–1627). Several Mughal embassies were dispatched to Goa (the capital city of the *Estado da Índia*) since the 1570s, whereas successive Portuguese viceroys took advantage of the regular presence of Jesuit missionaries at the imperial court from the same decade onwards and often used them as political agents.

The cultural outcomes of this continued interaction were many, from religious debates and book discussions to ethnographic writings and material exchanges. One of the most relevant manifestations of the rich cross-cultural experiments that unfolded at the Mughal court during the period was the strong interest on Western art manifested by the ruler, other members of the imperial family, and some Mughal nobles. This interest was triggered by a combination of cultural curiosity and imperial ideology that has received significant scholarly attention in recent decades. Suffice it to note that distinctive themes and techniques characteristic of European paintings, engravings, and objects were consequently brought into Mughal art through the work of imperial artists of diverse provenances who were sponsored by Mughal emperors and princes. Many of these intriguing compositions have survived either in bound albums or as single leaves, and are housed in public museums and libraries, as well as in private collections around the world. Among them, a particular subject matter excels: the depiction of human figures, be they Jesuit priests, invariably represented in their black robes, or Portuguese and other European individuals. These characters could be regularly seen in several imperial cities and soon entered the Mughal imagination.

This Mughal painting is just a piece of the large puzzle described above. It shows two Portuguese men in relaxed conversation and depicted in their typical attire, including the hats that turned into a trope regarding early modern South Asian descriptions (visual and written alike) of the Portuguese. The painting exhibited here is part of an album which came into the possession of the French eighteenth-century collector Jean-Baptiste-Joseph Gentil (d. 1799). Gentil amassed an impressive array of paintings and manuscripts during his stay in India. Most of them entered the Bibliothèque du Roi in 1778 and are kept today in the French National Library, Paris. [Jorge Flores]



Retrato de dois portugueses a conversar

Índia, século XVII

Guache e ouro sobre papel

29,8 x 19,4 cm

Bibliothèque nationale de France (Paris),

département Estampes et photographie,

RESERVE4-OD-49, vue 57, fl. 25r

Portrait of two portuguese

India, 17th century

Gouache and gold on paper

29,8 x 19,4 cm

Bibliothèque nationale de France (Paris),

département Estampes et photographie,

RESERVE4-OD-49, vue 57, fl. 25r

Para compreender as origens da batalha retratada por este excerto do livro de Lisuarte Abreu é necessário recuar, a 1546, ano em que forças otomanas ocuparam o porto de Baçorá e a 1548, ano em que falhou uma tentativa portuguesa de erigir uma fortaleza em Adém. A ocupação otomana de Baçorá abriu ao Império Otomano, então liderado pelo sultão Solimão, “O Magnífico” (1521–1566), uma nova janela de acesso ao Índico. Dadas as intensas ligações comerciais e marítimas entre Baçorá e a fortaleza portuguesa de Ormuz e a fricção política, militar e religiosa entre Portugueses e Otomanos no Índico, a ocupação otomana de Baçorá teve como efeito imediato o reacender da rivalidade luso-otomana no espaço do Golfo. O pretexto local para tal decorreu, quando em 1550, forças otomanas capturaram Catifa, localizada na margem árabe do Golfo e cuja ocupação por forças otomanas ameaçava a navegação portuguesa na região. Em reacção a este acontecimento, D. Afonso de Noronha, vice-rei do Estado Português da Índia entre 1550 e 1554, enviou, em 1551, a esquadra de D. Antão de Noronha para retomar Catifa e assenhorear-se de Baçorá. D. Antão teve sucesso em reocupar Catifa, mas não Baçorá. A investida portuguesa gerou a reacção otomana: a expedição do almirante otomano Piri Reis de 1552. Partindo do porto do Suez, Reis recebera ordens para unir a frota otomana do Mar Vermelho à esquadra otomana fundada em Baçorá para em seguida cercar Ormuz. Após atribulada viagem desde o Suez até à entrada do Golfo, o almirante otomano decidiu cercar Ormuz sem os reforços de Baçorá. A forte resistência que encontrou levou-o a levantar o cerco à praça, recolhendo-se uma parte da esquadra que capitaneou para Baçorá.

Desde então, do lado português, e para evitar um novo possível cerco a Ormuz a partir de Baçorá, e já durante o ano de 1553, o vice-rei D. Afonso decidiu, enviar nova esquadra de reforço para o Golfo. O vice-rei que ainda estivera pronto para socorrer pessoalmente Ormuz, mas que suspendera a sua partida em 1552, pretendia, em 1553, bloquear a saída da armada otomana de Baçorá, impossibilitando-a de se unir à sua congénere do Mar Vermelho. O desfecho desta tensão teve o seu epílogo, ainda em 1553, numa primeira batalha naval entre a esquadra portuguesa liderada por D. Diogo de Noronha e as forças de Sanjakbey, o capitão otomano nomeado em Baçorá para unir as galés otomanas do Golfo à esquadra do Suez. Impedido pela esquadra portuguesa de abandonar o Golfo, o capitão otomano retornou a Baçorá com a sua esquadra, sem que as tentativas portuguesas de o perseguir tivessem sucesso. Foi, neste contexto, que em finais de 1553, o vice-rei D. Afonso indigitou o seu filho D. Fernando de Meneses para a capitania de nova armada que deveria deslocar-se ao Mar Vermelho para bloquear a saída da esquadra otomana do Suez em socorro da sua congénere do Golfo.

Porém, a tardia partida de D. Fernando forçou-o a liderar não uma expedição ao Mar Vermelho, mas antes uma jornada à costa árabe que o levou a entrar no Golfo. Após breves passagens por portos daquela costa, D. Fernando deslocou-se até Mascate, um dos mais importantes portos de então já na costa árabe do Golfo, para reforçar a sua armada. Neste local, foi informado de que o capitão Seydi Ali Reis, nomeado para dirigir a esquadra otomana de Baçorá para o Suez, se encontrava nas imediações. Deslocando-se para as imediações do Cabo Roçalgate, e após alguns imprevistos, a esquadra de D. Fernando avistou a armada otomana.

In order to understand the origins of the battle described in this excerpt from Lisuarte de Abreu’s book, it is necessary to go back to 1546, the year in which Ottoman forces occupied the port of Basra, and to 1548, when an attempt to erect a fortress in Aden by the Portuguese failed. The Ottoman occupation of Basra opened the Indian Ocean to the Ottoman Empire, then led by Sultan Solomon, ‘The Magnificent’ (1521–1566). Given the intense commercial and maritime connections between Basra and the Portuguese fortress of Hormuz, and the political, military and religious friction between the Portuguese and Ottomans in the Indian Ocean, the Ottoman occupation of Basra had the immediate effect of rekindling Luso-Ottoman rivalry in the Gulf. The immediate reason for this was the capture in 1550, by the Ottoman forces, of Qatif, on the Arabian shore of the Gulf. The occupation threatened Portuguese navigation in the region. In reaction, in 1551 Afonso de Noronha, the viceroy of the Portuguese *Estado da Índia* between 1550 and 1554, sent an armada, captained by Antão de Noronha, to Qatif, hoping to take control of Basra. Antão succeeded in reoccupying Qatif but not Basra. The Ottomans reacted, sending an expedition of their own, under admiral Piri Reis, in 1552. Reis had been ordered to join the Ottoman fleets stationed on the Red Sea and Basra, and then lay siege to Hormuz. After an arduous journey from the Suez to the entrance of the Gulf, the Ottoman admiral decided to lay siege to Hormuz without waiting for reinforcements from Basra. The strong resistance he encountered led to lifting the siege, with part of the squadron he commanded retreating to Basra.

To avoid a new attempt to besiege Hormuz from Basra, in 1553 the Portuguese viceroy decided to send a new squadron to reinforce the Persian Gulf. The mission was planned to be personally led by the viceroy in 1552. In 1553, the aim was to blockade the Ottoman armada’s departure from Basra, making it impossible for it to join the fleet on the Red Sea. The impasse came to a head later that year, when a naval battle was fought between the Portuguese fleet, led by Diogo de Noronha, and the Ottoman navy, under Sanjakbey, a captain appointed in Basra to unite the Ottoman galleys in the Gulf with the Suez fleet. Prevented by the Portuguese from leaving the Gulf, Sanjakbey’s fleet returned to Basra undisturbed, despite the attempts made by the Portuguese to pursue it. In late 1553, Viceroy Afonso would appoint his son Fernando de Meneses as captain of a new armada, which was to sail to the Red Sea to prevent the Ottoman fleet on the Suez from joining the naval forces in the Gulf.

However, Fernando’s fleet was late to depart, and the expedition into the Red Sea became a journey along the Arab coast and into the Persian Gulf. After quickly calling on ports on that coast, Fernando sailed to Muscat, one of the most critical Arabian ports on the Gulf, to reinforce his fleet. Once there, he was informed that Seydi Ali Reis, appointed to captain the Ottoman fleet from Basra to Suez, was in the vicinity. Moving his fleet towards Ra’s al-Hadd (Cape Roçalgate), Fernando eventually sighted the Ottoman squadron. Decisively, Ali Reis’s ships were facing bad weather and the vanguard was ambushed and captured by the Portuguese fleet, as shown in the illustration in Lisuarte de Abreu’s book. The captured ships were put in Portuguese service. However, part of the Ottoman fleet managed to evade the attackers and reach Daman, an important stronghold in the Gujarat sultanate. Contrary to the →

[61] →

Uma primeira parte da esquadra de Ali Reis, a qual navegava em tempo de monção adversa, factor decisivo para explicar o sucedido, foi emboscada pelos navios da esquadra de D. Fernando e capturada, como se demonstra na ilustração do livro de Lisuarte Abreu. Os navios capturados ficaram posteriormente ao serviço dos Portugueses. Uma outra parte da esquadra de Ali Reis iludiu a vigilância portuguesa, e após várias deambulações, conseguiu aportar em Damão, importante praça no então sultanato guzerate. Contrariamente ao que a ilustração de Lisuarte Abreu menciona, todos estes acontecimentos decorreram ainda em Agosto-Setembro de 1554 e não em 1555.

Assim, a batalha naval luso-otomana de 1554 pode ser vista como o desenlace da tensão vivida no Golfo desde 1550. Porém, a mesma continuou nos anos seguintes, particularmente em 1555 foram aprisionados os restantes navios da armada de Seydi Ali Reis já na costa indiana, ou, em 1559, quando forças otomanas cercaram a ilha do Bahrein, causando nova reacção portuguesa. O saldo destes conflitos manifestou-se nos anos seguintes como um acordo tácito (houve negociações diplomáticas que nunca o formalizaram) pelo qual os Portugueses não interfeririam no Mar Vermelho, zona fundamental na geoestratégia otomana, enquanto os Otomanos não voltariam a atacar as posições portuguesas no Golfo e sobretudo a aventurar-se seriamente no Índico. Neste processo, a batalha naval entre D. Fernando de Meneses e a esquadra de Seydi Ali Reis foi decisiva para alcançar este *status quo* que se manteve até finais do século XVI: se os Otomanos não tinham condições de manter um estado de guerra aberta permanente com os Portugueses em todo o Índico, o mesmo se verificava do lado português, onde várias outras prioridades se impunham. Os acontecimentos descritos encontram-se bem documentados quer em fontes portuguesas, quer em fontes otomanas, cuja análise combinada, permite alcançar uma visão mais global das limitações de poder de ambos os lados e sobretudo dos seus impactos posteriores na geopolítica asiática. [Nuno Vila-Santa]

illustration in the work of Lisuarte de Abreu, these events took place between August and September 1554, not 1555.

Thus, the Luso-Ottoman naval battle of 1554 can be seen as the result of tensions accumulating in the Gulf since 1550. They would continue, particularly in 1555, when the remaining ships from the fleet of Seydi Ali Reis were seized on the Indian coast, and in 1559, when the Ottomans besieged the island of Bahrain, causing the Portuguese to react. These clashes would be settled via a tacit agreement (as diplomatic negotiations were never formalised) by which the Portuguese promised not to interfere in the Red Sea, a key area in Ottoman geostrategy. Conversely, the Ottomans kept from attacking the Portuguese positions in the Persian Gulf and were especially to avoid the Indian Ocean. The naval battle opposing Fernando de Meneses and Seydi Ali Reis was decisive in achieving that *status quo*, which remained in place until the turn of the 16th century. Neither the Ottomans nor the Portuguese were in a position to handle a state of permanent warfare in the Indian Ocean. The events described are well documented in both the Portuguese and Ottoman sources, whose combined analysis makes it possible to capture the broader sense of limitations existing on both sides, and especially their subsequent impact on Asian geopolitics. [Nuno Vila-Santa]

A derrota e consequente expulsão dos portugueses de Ormuz, em 1622, para uma aliança de ingleses e persas, não significou o fim da presença portuguesa no Golfo, nem o fim da sua participação no comércio regional. Agora, os portugueses passavam a interferir nos equilíbrios políticos e comerciais da região, principalmente a partir de Mascate, na margem esquerda do Golfo de Omã, onde tinham uma fortaleza desde o início do século XVI, construída para dar apoio a Ormuz. Foi a partir de Mascate, sobretudo a partir da década de 1630, que os portugueses mantiveram a sua mão no comércio para Baçorá, Sinde, Guzerate e também para a costa ocidental indiana (Goa e Chaul). Foi também a partir de Mascate que os portugueses lidaram com a crescente ameaça das forças omanitas, uma ameaça que se intensificou com a ascensão do imã Nasir ibn Murshid (r. 1624–1649). Ao longo da década de 1640, foram várias as investidas omanitas, com maior ou menor sucesso, aos territórios controlados pelos portugueses na região, como Soar, Doba ou Corfacão, por exemplo, mas era em Mascate que a ameaça das forças de Omã era mais temida, não fosse Mascate o território mais importante que os portugueses ainda seguravam na região.

Em 1648, procuraram portugueses e omanitas negociar umas tréguas que trouxessem alguma acalmia à região e, no caso dos portugueses, que permitisse aguardar por algum apoio naval desde Goa. É neste contexto que o Xeque Imã Nasir ibn Murshid e o capitão-geral de Mascate, Gil Eanes de Noronha, assinam um tratado de paz, cujos efeitos se revelaram bastante fugazes. As cláusulas do tratado incidiam, especialmente, sobre a liberdade mútua para participar no comércio da região, sem impostos ou limitações, e sobre as tréguas nos ataques às forças do lado oposto, o que passou pela destruição de alguns fortes vizinhos (os que os portugueses tinham em Curiate, Doba e Matará, e o que os omanitas tinham também em Matará) e pela inibição de erguer novas construções militares.

Através deste tratado, tanto o imã como o capitão-geral juraram ser “*amigos com amizade limpa [...] amigos de amigos, e inimigos de inimigos*”, e guardar o tratado “*firmemente por sua ley*”, assinando-o “*por sua mão ambos de sua letra*”. No entanto, os acertos de pouco valeram e as pazes pouco duraram. Após a morte do imã, em 1649, o seu sucessor, o sultão ibn Saif al-Ya’rubi (r. 1649–1679) lideraria as forças omanitas na captura definitiva de Mascate aos portugueses. A notícia das pazes acertadas em Omã em condições desfavoráveis para os portugueses não agradaria às autoridades portuguesas em Goa, que logo substituiriam o capitão-geral Gil Eanes de Noronha por Francisco de Távora. Este, no entanto, já não conseguiria evitar a concretização dos intentos omanitas em relação a Mascate e ao estreito, e a fortaleza seria definitivamente perdida em 1650. [Graça Almeida Borges]

The Portuguese defeat and expulsion from Hormuz, in 1622, due to an Anglo-Persian alliance, did not bring an end to the Portuguese presence in the Gulf, nor did it mean the end of their participation in regional trade. The Portuguese were involved in the political and commercial balance of the region, mainly through Muscat on the left bank of the Gulf of Oman, where they had built a fortress in the early 1600s to support Hormuz. It was from Muscat, especially from the 1630s onwards, that the Portuguese maintained their influence on trade towards Basra, Sindh, Gujarat, and the western Indian coast (Goa and Chaul). It was also from Muscat that the Portuguese dealt with the growing threat of the Omani forces, a threat that intensified with the rise of Iman Nasir ibn Murshid (r. 1624–1649). Throughout the 1640s, several Omani assaults on the territories controlled by the Portuguese in the region were carried out with varying levels of success, such as those in Sohar, Diba, and Khor Fakkan. However, it was in Muscat that the Omani threat was most feared, as this was the most important territory still held by the Portuguese in the region.

In 1648, the Portuguese and the Omanis sought to negotiate a truce that halted the conflict in the region, allowing the Portuguese time to await naval support from Goa. It was under these circumstances that Sheikh Iman Nasir ibn Murshid and the captain-general of Muscat, Gil Eanes de Noronha, signed a peace treaty, the effects of which would prove to be short-term. The clauses of the treaty mainly focused on ensuring mutual freedom by the parties to participate in regional trade without taxes or limitations and on halting the attacks on each other, which led to the destruction of some neighbouring forts (the Portuguese forts of Qurayyat, Diba, and Matrah, and the Omani fort of Matrah), and the inhibition to build new military structures.

Both the Iman and the captain-general swore: ‘upon their law’ to be ‘friends with a pure friendship, friends of friends, and enemies of enemies’, both signing the treaty ‘in their own hand and script’. Nevertheless, the peace did not last long. After the death of the Iman in 1649, his successor, sultan ibn Saif al-Ya’rubi (r. 1649–1679), would lead the Omani forces in the definitive capture of Muscat. News of the peace treaty signed in Oman, which resulted in clearly disadvantageous conditions to the Portuguese, would not please the Portuguese authorities in Goa, who would soon replace captain-general Gil Eanes de Noronha with Francisco de Távora. The latter, however, would not be able to avoid the Omani advances toward Muscat and the Strait, and the Portuguese fortress was lost for good in 1650. [Graça Almeida Borges]

Em 1622, os portugueses perderiam a fortaleza de Ormuz para uma aliança anglo-persa. Após a derrota e durante largos anos foram muitas as figuras que procuraram encontrar explicações para o sucedido e, sobretudo, atribuir responsabilidades pela perda daquela que era uma das mais importantes fortalezas do *Estado da Índia*. Dois dos principais alvos destas acusações foram Fernão de Albuquerque, governador da Índia ao tempo da derrota portuguesa no Golfo, e Rui Freire de Andrade, capitão-mor da armada de socorro ao Estreito e uma das principais figuras do conflito. Rui Freire de Andrade chegou, inclusivamente, a ser julgado pelo Tribunal da Relação de Goa, enquanto que a responsabilidade judicial de Fernão de Albuquerque foi procurada já depois da morte do governador, respondendo o seu filho, Jorge de Albuquerque, aos esforços do procurador da Coroa e da Fazenda de Goa para levá-lo a julgamento. Nem Rui Freire de Andrade, nem Fernão de Albuquerque seriam formalmente responsabilizados pelos maus sucessos em Ormuz. No entanto, às campanhas no plano judicial seguiram-se aquilo que o historiador Rui Loureiro caracterizou como “complexas batalhas textuais”, onde, uma vez mais, se procuraram lançar acusações e defender reputações. Os *Apologeticos Discursos* e os *Commentarios do grande capitam Ruy Freyre de Andrada* são dois ilustrativos exemplos destas batalhas.

Em 1631, o cronista castelhano Don Gonzalo de Céspedes y Meneses, na sua *Primera Parte de la Historia de Don Felipe el IV, Rey de las Españas* (Lisboa) criticaria Fernão de Albuquerque pelo seu comportamento perante a crescente ameaça a Ormuz, pelo desaire português no Golfo e pelo abuso de poder no exercício do seu cargo. É neste contexto que surgem os *Apologeticos Discursos*, pela pena de Luís Marinho de Azevedo. O texto vinha, precisamente, responder a todas as acusações, procurando reabilitar a imagem e a memória do antigo governador e desresponsabilizá-lo da culpa pela derrota portuguesa e pela perda da fortaleza. Servindo-se de documentação coeva, Luís Marinho de Azevedo analisou cada momento do processo que resultou na perda de Ormuz, ajuizando sobre as verdadeiras causas que, no seu entender, tinham propiciado a derrota portuguesa no Golfo. Para o autor dos *Apologeticos Discursos*, a culpa pelo desaire repartia-se por Rui Freire de Andrade, capitão-mor da armada que socorreu o estreito e com quem Fernão de Albuquerque mantivera uma relação conturbada, e pelo governo dos Habsburgo, a quem deveriam ser assacadas as responsabilidades não só pela perda de Ormuz, mas também por outros infortúnios sofridos pelos portugueses nos espaços ultramarinos durante este período. Rui Freire de Andrade surgia, aliás, quase como um traidor por privilegiar as ordens desinformadas do rei aos juízos experimentados e cuidados do governador Fernão de Albuquerque. Luís Marinho de Azevedo procurava assim contrariar as acusações de Don Gonzalo de Céspedes y Meneses e desfazer as dúvidas por este criadas em relação à honra e memória de Fernão de Albuquerque e à sua conduta no conflito de Ormuz, o que leva alguns historiadores a acreditar que os *Apologeticos Discursos* poderão ter sido encomendados pelo filho do governador, Jorge de Albuquerque.

A resposta, procurando defender a memória de Rui Freire de Andrade, surgiria pouco depois, em 1647, também em Lisboa, nos *Commentarios do grande capitam Ruy Freyre de Andrada*, compilados pelo conhecido impressor Paulo Craesbeeck. Alguns detalhes acerca deste texto estão

In 1622, the Portuguese lost the fortress of Hormuz to an Anglo-Persian alliance. After this defeat and for many years, many people tried to find explanations for what had happened. Above all, they tried to find those responsible for the loss of what had been one of the most important Portuguese fortresses in the *Estado da Índia*. Two of the main targets of these accusations were Fernão de Albuquerque, governor of India at the time of the Portuguese defeat, and Rui Freire de Andrade, captain-major of the armada sent to liberate the Strait and one of the main figures within the conflict. Andrade was even tried by the *Tribunal da Relação de Goa* (the High Court of Goa), while steps were made to render Fernão de Albuquerque accountable to justice even after his death: his son, Jorge de Albuquerque, would be brought to trial by the prosecutor of the crown and treasury of Goa. Neither Andrade nor Albuquerque would be held formally responsible for the loss of Hormuz. However, the judicial campaigns were followed by what historian Rui Loureiro has characterised as ‘complex textual battles’, in which attempts were made to launch accusations and defend reputations. The *Apologeticos Discursos* and *Commentarios do grande Capitam Ruy Freyre de Andrada* are two examples illustrating these clashes.

In 1631, Castilian chronicler *Don Gonzalo de Céspedes y Meneses* would criticise Fernão de Albuquerque for his behaviour in the face of the growing threat to Hormuz, the Portuguese defeat in the Gulf, and the abuse of power in the exercise of his office in the *Primera Parte de la Historia de Don Felipe el IV, Rey de las Españas* (Lisbon). It was in this context that Luís Marinho de Azevedo wrote the *Apologeticos Discursos* — a work written in response to all the accusations to rehabilitate the image and memory of the former governor and exonerate him from blame for the Portuguese defeat and loss of the fortress. Using contemporary documentation, Luís Marinho de Azevedo analysed every moment of the process that led to the loss of Hormuz, establishing the true causes that, in his opinion, had led to the Portuguese defeat in the Gulf. For the author of *Apologeticos Discursos*, two responsables were to blame for the defeat. One was Freire de Andrade, captain-major of the fleet that succoured the Strait and with whom Fernão de Albuquerque had a troubled relationship, and the other was the Habsburg government, which should be held responsible not only for the loss of Hormuz but also for other misfortunes suffered overseas by the Portuguese during this period. Rui Freire de Andrade was almost depicted as a traitor for favouring the king’s uninformed orders over the experienced, careful judgements of governor Fernão de Albuquerque. Luís Marinho de Azevedo was thus trying to contradict *Don Gonzalo de Céspedes y Meneses’* accusations and dispel the doubts instilled about the honour and memory of Fernão de Albuquerque and his conduct in the Hormuz conflict. This had led some historians to believe that the *Apologeticos Discursos* could have been commissioned by the governor’s son, Jorge de Albuquerque.

A response, which sought to defend the memory of Rui Freire de Andrade, would appear shortly afterwards, in 1647, also in Lisbon, in the *Commentarios do grande capitam Ruy Freyre de Andrada*, compiled by well-known printer Paulo Craesbeeck (Peeter van Craesbeek). Some details about this text are still unclear, specifically its authorship, the reason why the author did not reveal his identity, who commissioned the →

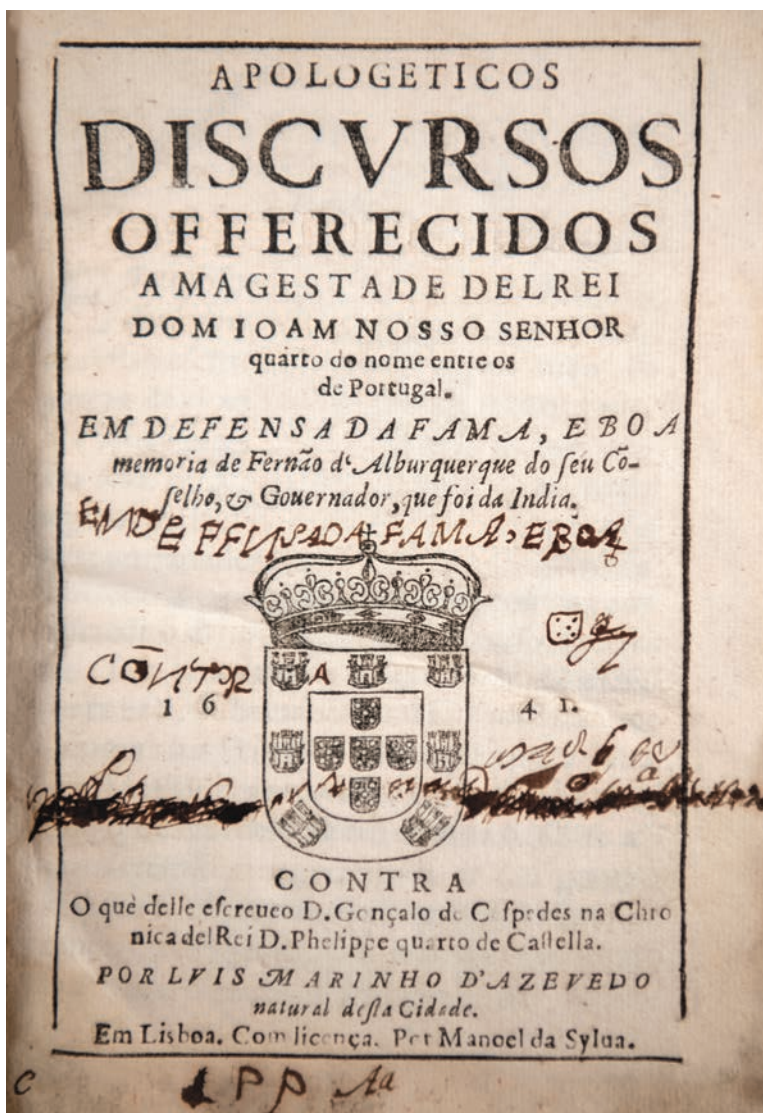
[63-64] →

ainda por esclarecer, nomeadamente, a sua autoria e o porquê de o seu autor não ter revelado a sua identidade, por quem teria sido encomendado, a sua relação com Rui Freire de Andrade, ou a sua relação com os *Apologeticos Discursos* e com o seu autor. Os *Commentarios* terão surgido como reacção ao texto de Luís Marinho de Azevedo e, de certa forma também, às acusações que ainda pairavam sobre o capitão-mor depois de 25 anos da perda de Ormuz. Os principais motivos da publicação de Craesbeeck são bastante claros: resgatar a memória do capitão da armada do Estreito de Ormuz, representar Rui Freire de Andrade como o herói das campanhas do Golfo, enaltecer a sua coragem e a sua honra no cumprimento do serviço ao rei e ao reino.

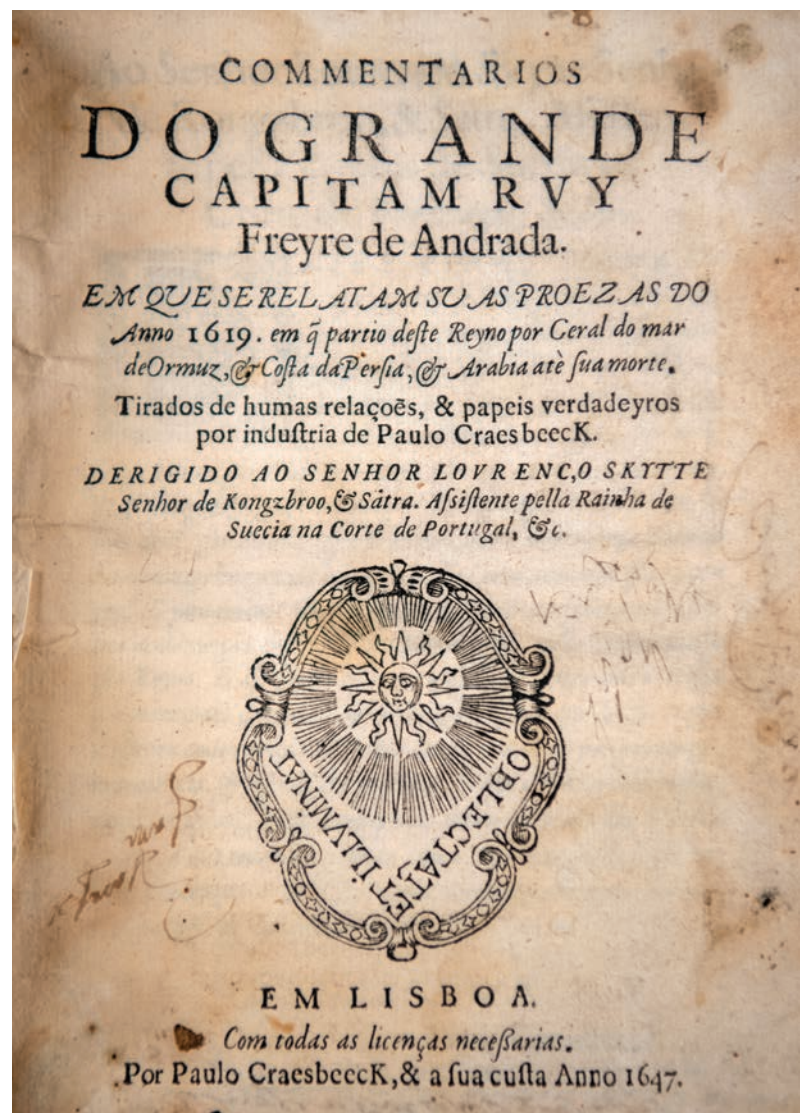
Os *Apologeticos Discursos* e os *Commentarios do grande capitam Ruy Freyre de Andrada* foram produtos das estratégias discursivas que proliferaram durante o período da Restauração, num momento em que Portugal procurava afirmar a sua autonomia perante Castela após a ruptura de 1640. A perda de Ormuz e o retrocesso português no Golfo ocupou um lugar importante nestas estratégias que procuraram, por um lado, responsabilizar os Habsburgo pelos traumas ultramarinos sofridos durante o seu governo, e, por outro lado, enaltecer a memória e os actos daqueles que se consideravam ser os heróis portugueses do *Estado da Índia*. Fernão de Albuquerque e Rui Freire de Andrade serviram este propósito. [Graça Almeida Borges]

work, the link to Rui Freire de Andrade and to the *Apologeticos Discursos* and its author. The *Commentarios* came about as a reaction to Luís Marinho de Azevedo's text and, to a certain extent, the accusations that still hovered over the captain-major, 25 years after the loss of Hormuz. The main motivations behind Craesbeeck's publication are quite clear: to redeem the memory of the captain of the armada of the Strait of Hormuz, to represent Rui Freire de Andrade as the hero of the Gulf campaigns, and to praise his honour and courage in serving king and kingdom.

The *Apologeticos Discursos* and *Commentarios do grande capitam Ruy Freyre de Andrada* were products of discursive strategies that proliferated during the Portuguese Restoration period at a time when Portugal sought to assert its autonomy from Spain after the rupture of 1640. The loss of Hormuz and the Portuguese setback in the Gulf occupied an important place in these strategies, which sought to hold the Habsburgs responsible for the overseas 'traumas' suffered during their rule on one hand, and to praise the memory and deeds of those considered to be the Portuguese heroes of the *Estado da Índia* on the other. Fernão de Albuquerque and Rui Freire de Andrade were fit for this purpose. [Graça Almeida Borges]



63



64

Apologeticos Discursos Offerecidos a Magestade del Rei Dom Joam [...] em defesa da fama, e boa memoria de Fernão d'Alburquerque
Lisboa: Manoel da Sylva, 1641

Impresso sobre papel

13 x 18 cm

Colecção Sérgio Moreno, Lisboa

Apologeticos Discursos Offerecidos a Magestade del Rei Dom Joam [...] em defesa da fama, e boa memoria de Fernão d'Alburquerque

Lisbon: Manoel da Sylva, 1641

Printed on paper

13 x 18 cm

Sérgio Moreno collection, Lisbon

Commentarios do grande capitam Ruy Freyre de Andrada

Lisboa: Paulo Craesbeeck, 1647

Impresso sobre papel

13,5 x 19 cm

Colecção Sérgio Moreno, Lisboa

Commentarios do grande capitam

Ruy Freyre de Andrada

Lisbon: Paulo Craesbeeck, 1647

Printed on paper

13,5 x 19 cm

Sérgio Moreno collection, Lisbon

VI.



*‘Todas sortes de mercadorias e per todas as partes daqui vão e vêm’:
o comércio do Golfo*

*“All sorts of goods come from, and go to all parts of the world”:
the Gulf’s trading networks*

Para além da chegada da armada de Vasco da Gama à Índia e do início da expansão portuguesa na Ásia, o reinado de D. Manuel I (r. 1495–1521) ficou marcado por sucessivas reformas administrativas e legislativas que alteraram consideravelmente o reino de Portugal nos inícios do século XVI. Uma das mais marcantes foi a nova codificação da lei nas chamadas *Ordenações Manuelinas*, compilando e harmonizando a legislação daquele período. Estas *Ordenações* foram inicialmente publicadas em 1512–1513, sendo elas próprias reformuladas em 1521. Note-se que o monarca mandou imprimir estas novas *Ordenações*, dando assim um destaque considerável à imprensa e à rápida e fácil disseminação deste novo formato de publicação que floresceu no seu reinado. Paralelamente, o rei promulgou um conjunto alargado de novas leis, entre as quais salientamos a peça aqui em destaque: as *Ordenações da Índia*, que saíram dos prelos a 8 de setembro de 1520, conhecendo-se apenas duas cópias que sobreviveram (uma impressa em pergaminho e outra em papel), ambas na Biblioteca Nacional de Portugal (Lisboa). Os assuntos aí abordados diziam respeito ao império português na Ásia, e por isso não foram incluídas nas ordenações gerais do reino. O prólogo da publicação declarava que o objectivo era o de “dar forma e maneira que o dito trato e comércio [das Índias] haja de andar na ordem que deve”, justificando também as medidas por este comércio ter sido “tão caro e tão custoso de haver, e com tanto risco e perigo de gente”. Os vinte e sete capítulos/partes reunidos neste documento tratam de legislar matérias relativas à administração do *Estado da Índia*, à sua regulação comercial, fiscal e penal. No que ao Golfo diz respeito, destaca-se a referência ao comércio de cavalos, ordenando que estes apenas fossem comprados em Goa, centralizando assim este importante e lucrativo produto. Para além das questões comerciais que tinham impacto na vida económica e financeira dos portugueses na Ásia, as *Ordenações* regulamentavam ainda as próprias viagens da *Carreira da Índia*, tentando controlar aquilo que os oficiais, soldados e marinheiros portugueses tinham direito a trazer nos navios que regressavam a Portugal. Apesar deste esforço legislativo, as próprias fontes provenientes da Coroa mostram que existiam muitas formas de contornar esta vigilância, não esquecendo a própria distância existente entre os centros de poder (Lisboa e Goa) e os enclaves portugueses espalhados por todo o eixo do Índico-Pacífico, e que, por isso, se tornava mais fácil fugir a esta fiscalização. Não obstante estas questões, este documento é uma peça essencial para se compreender o comércio português do *Estado da Índia* e o papel da Coroa na sua regulamentação. [Roger Lee de Jesus]

In addition to the arrival of Vasco da Gama's fleet in India and the beginning of Portuguese expansion in Asia, the reign of King Manuel I (from 1495 to 1521) was characterised by a series of administrative and legislative reforms which brought considerable changes to the kingdom of Portugal at the beginning of the sixteenth century. One of the most important reforms was a new codification of the law, known as the *Manueline Ordinances*, which compiled and standardised the legislation of the time. The *Ordinances* were first published in 1512–1513 and were revised in 1521. It should be noted that the monarch ordered the *Ordinances* to be printed, thus highlighting the importance of the press and the rapid and simple diffusion provided by this new means of publication, which flourished during his reign. At the same time, the king promulgated a wide range of new laws, including the legislation presented here: the *Ordinances of India*. This was published on 8 September 1520 and only two copies are known to have survived (one printed on parchment and the other on paper), both preserved in the National Library of Portugal (Lisbon). The *Ordinances* address all matters concerning the Portuguese empire in Asia, which were therefore not included in the general *Ordinances* for the kingdom. The prologue stated that the objective was “to provide a format and approach to the said trade and commerce (in the Indies) to ensure that it is conducted in the proper manner”, and justified these measures on the grounds that commerce was “so expensive and so costly to secure, with so much risk and danger to life”. The twenty-seven chapters compiled in this document legislate on matters concerning the administration of the *Estado da Índia* and its commercial, fiscal and penal regulation. With regard to the Gulf, there was a reference to the trade in horses, stipulating that they could only be purchased in Goa, thus centralising this important and lucrative commodity. In addition to commercial matters which had an impact on the economic and financial life of the Portuguese in Asia, the *Ordinances* also regulated voyages using the *Carreira da Índia* shipping line, in an attempt to control what Portuguese officers, soldiers and sailors were entitled to bring back on ships returning to Portugal. Regardless of this legislative endeavour, the Crown's own sources reveal that there were many ways to evade this surveillance, not to mention the actual distance between the two centres of power (Lisbon and Goa) and the Portuguese enclaves scattered throughout the entire Indo-Pacific axis, which made it easier to avoid inspection. Despite these issues, this document is essential to our understanding of Portuguese trade in the *Estado da Índia* and the role played by the Crown in its regulation. [Roger Lee de Jesus]

Ordenações da Índia.



Om Manuel per graça de

deos rei de Portugal: e dos algarues: Daquem e dalem mar em Africa: senhor de Guinee: e da conquista: navegação: e commercio: de Etiopia: Arabia: Persia: e da Índia: fazemos saber aquátos este nosso regimêto e ordenações virê: que cõfirando nos: como ho commercio e tranto das índias foy tam caro e tã custoso de auer: e cõ tanto risco e periguo de gente: e por tanto descurso de tempo: no qual algũas pessoas se antremetê: de modo que ligeiramente se poderia em muyta parte danificar: auendo hi tantarazã para ser muy conseruado: assi pelo muyto seruiço de deos no acrecentamento da nossa sancta fãe catolica que se dele seguio: e segue: e esperamos que se figura: como yssõ mesmo por resultar e se trautar de grãde proueito comũ e muy vniuersal a todos nossos reynos e senhorios: e assi pelo que cõprie a nosso particular seruiço: e querendo dar forma e maneira: que o dito tranto e commercio aja de andar na ordẽ que deue: e para ser conseruado: fezemos as ordenações: e regimento seguinte.

Item defendemos e mandamos: q̃ ninhuũ nosso feitor: de ninhuã nossa feitoria da Índia: nẽ de Malaca: nem do: muz: nẽ de ninhuã outra parte: em q̃ feitoria teuermos: posto q̃ fora da Índia se ja: nẽ os escriptuães das ditas feitorias: nem ninhuũ outro official de nossa fazenda q̃ tenhamos nos lugares das ditas nossas feitorias: por si nem por outrê: nem em ninhuã cõpanhia de mercadores cristãos: nem mouros: nem de qualquer outra naçam: nom possam trautar em ninhuã sorte de especiarias: drogarias: nem ninhuã outra mercadoria de laa: nẽ nas de caa do reyno: nẽ as cõprar: nem vêder: posto q̃ tenhamos dado lugar aaqueles: que nos andã seruido nas ditas partes da Índia: que ho possam fazer naquelas cousas: para q̃ lbe temos dado licẽça: por que nos sob: ditos nossos officiaes nõ queremos: que aja lugar a dita liberdade: nem se entenda: sob pena que sendo prouado aqualq̃r dos sob: ditos: que trantou: cõprou: ou vendeo algũa mercadoria: assi de laa da terra: como de caa do reyno: perder pelo mesmo



Ordenações da Índia

Lisboa, 1520

Impresso sobre papel

24,5 x 17,7 cm

Biblioteca Nacional de Portugal (Lisboa),

RES-80-A

Ordenações da Índia

Lisbon, 1520

Printed on paper

24,5 x 17,7 cm

Biblioteca Nacional de Portugal (Lisbon),

RES-80-A

A presença portuguesa no Golfo, a partir dos inícios do século XVI, tinha um claro interesse económico: incorporar no *Estado da Índia* as redes comerciais que ligavam os mercados asiáticos à Europa através desta via e retirar proveitos próprios. Contudo, o interesse não era apenas para o enriquecimento da Fazenda régia, mas também dos atores individuais, que rapidamente começaram a investir no comércio intra-asiático ou entre portos, compreendendo que era a forma mais rápida de enriquecerem, saindo assim fora da esfera de influência da Coroa portuguesa. Esta presença, assente, numa primeira fase, nas feitorias-fortalezas, e posteriormente nas cidades muralhadas, criou uma estrutura administrativa fixa, baseada não apenas na experiência prévia da administração portuguesa no reino, mas também naquela acumulada no século anterior nos arquipélagos atlânticos e no Norte de África. As figuras do capitão, do tesoureiro e do escrivão, para mencionar apenas algumas, eram tão banais quanto as do soldado, destacado para uma guarnição, ou de um fidalgo, nomeado para exercer qualquer cargo superior de comando por nomeação régia ou do próprio governador do *Estado da Índia*.

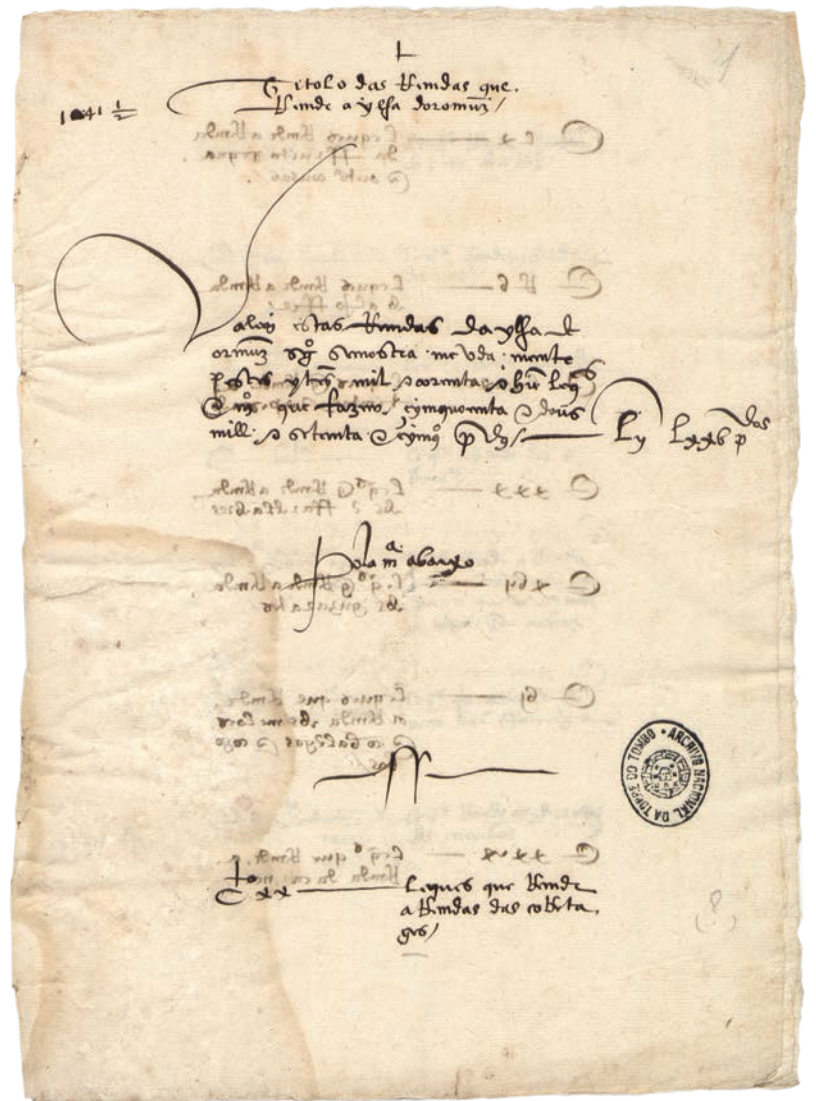
Os dois documentos aqui referidos remetem para esta realidade estruturada do quotidiano económico e comercial do império português. O primeiro, datado aproximadamente de 1541–1543, trata dos rendimentos e das despesas da fortaleza de Ormuz naquele período. Inicia com o elenco das receitas obtidas: vinte e quatro registos, que vão desde o rendimento da fruta seca, ao aljofre, ao pescado, à carne, aos direitos dos cavalos, à compra e venda de escravos, entre outros. A maioria destes rendimentos provinha das taxas alfandegárias aplicadas sobre os produtos que chegavam à ilha, isto é, na cobrança de um valor pela chegada e comercialização das mercadorias. Tratava-se de uma cobrança exercida e fiscalizada pelos oficiais portugueses e que garantiam que a presença portuguesa e o controlo da cidade, enquanto escala obrigatória das navegações no Golfo, era uma operação lucrativa. O documento inclui ainda dezanove entradas relativas aos rendimentos obtidos fora de Ormuz, em diversas povoações que a ela se encontravam ligadas comercialmente, tal como aqueles obtidos em Julfar, na costa árabe. O restante documento ocupa vários fólios com os gastos do rei de Ormuz, com oficiais e empregados diversos da sua corte, ou com os pagamentos feitos a vinte e três pessoas escravizadas, todas identificadas pelo nome, aos muitos fidalgos deste rei (mais de 80 registos) que recebiam várias mercês anuais. O registo final diz respeito aos gastos feitos com os portugueses. Concretamente, despesas variadas relativas, por exemplo, ao capitão, ao capitão-mor do mar, ao feitor, ao escrivão da alfândega e ao “língua” (intérprete).

O segundo documento remete para uma realidade mais alargada da presença portuguesa na região, que já tinha um século de duração. O manuscrito, de 1620, é uma cópia da cópia de 1619 do regimento dos direitos pagos na alfândega de Mascate, de 1615. Inclui cerca de quinze registos específicos de direitos diversos cobrados. Os portugueses que aí chegavam pagavam uma taxa alfandegária de 5%, seguido dos portugueses moradores em Mascate, com uma taxa de 3,5%, em clara distinção face aos “mouros e baneans”, que pagariam a 8,5%. O documento esmiuçava ainda alguns produtos, como o açúcar, a farinha, o trigo, o linho, os cavalos, entre outros. Os registos finais do manuscrito esclarecem ainda que esta era a cópia do “regimento antigo”, que estaria em vigor há “cento e tantos annos”

The Portuguese presence in the Gulf of the early 16th century was guided by a clear economic interest: to incorporate the commercial networks that connected the Asian markets to Europe into the *Estado da Índia* via this route, to their own benefit. This interest was, however, twofold, serving to enrich the royal treasury while also being beneficial to individual parties who quickly began to invest in trade within Asia or between ports, understanding that it was the fastest way to obtain riches, something which would allow them to leave the Portuguese Crown’s sphere of influence. This presence, which was, in the first phase, founded in fortress factories (*feitorias*) and later in walled cities, created a fixed administrative structure based not only on the previous experience of the Portuguese administration within Portugal itself but also on that accumulated across the Atlantic archipelagos and Northern Africa over the previous century. The figures of the captain, treasurer, and clerk, to name but a few, were as commonplace as those of the soldier, assigned to a garrison, or of the nobleman, appointed to any superior position of command by royal decree, or the governor of the *Estado da Índia* himself.

The two documents exhibited refer to how the Portuguese empire’s economic and commercial daily life was structured. The first, which dates back to approximately 1541–1543, contains data on the Fortress of Hormuz’s income and expenses during the period in question. It begins with a list of the revenue generated: twenty-four records, ranging from dried fruit yield to pearl beads, fish, meat, horse yields and the transaction of slaves, among others. Most of these incomes came from customs duties applied to products that arrived on the island, that is, from a charge placed on the arrival and sale of goods. It was a charge exercised and supervised by Portuguese officials, who provided a Portuguese presence and exerted control of Hormuz — a mandatory stopover when navigating the Gulf — ensuring it remained a profitable operation. The document also includes nineteen entries relating to income obtained outside the city in various settlements with commercial links to the island, such as those obtained in Julfar (present-day Ras al-Khaimah), on the Arab coast. The remainder of the document is spread across several folios detailing the King of Hormuz’s expenses. These span various officers and employees of his court, payments made to twenty-three slaves, all identified by name, and the king’s many nobles (over 80 recorded) who received several payments per year. The final record concerns expenses made out to the Portuguese. These include miscellaneous expenses relating, for example, to the captain, the captain-major of the sea, the overseer (*feitor*), the customs clerk, and the language interpreter.

The second document refers to the Portuguese presence in the region in a broader sense — a reality that had already lasted a century. The manuscript dated 1620 is a copy of the 1619 copy of a report of duties paid to the Muscat customs in 1615. It includes roughly fifteen specific records of miscellaneous duties collected. Portuguese arrivals paid a customs fee of 5 per cent, followed by Portuguese residents of Muscat, who paid a fee of 3.5 per cent and were clearly distinguished from the ‘Moors and Baneans’ (Gujurati people), who would pay 8.5 per cent. The document also detailed some products, such as sugar, flour, wheat, linen, and horses, among others. The final records of the manuscript also make it clear that this was a copy of the ‘old duties’, which would have been applicable ‘some →



66

Rendimentos da ilha de Ormuz
Ormuz, c. 1541-1543
Manuscrito sobre papel
21,5 x 29 cm
Arquivo Nacional da Torre do Tombo (Lisboa),
Coleção de cartas, Núcleo Antigo 876
— *Cartas dos Vice-Reis e Governadores
da Índia*, n.º 39, fl. 1r
Income of Hormuz
Hormuz, c. 1541-1543
Manuscript on paper
21,5 x 29 cm
Arquivo Nacional da Torre do Tombo (Lisbon),
Coleção de cartas, Núcleo Antigo 876
— *Cartas dos Vice-Reis e Governadores
da Índia*, n.º 39, fl. 1r

[66–67] →

— passando bem a ideia da antiguidade do mesmo e da manutenção de práticas comerciais relativamente antigas para este período. O escrivão assinalava ainda que, em 1615, a cópia tinha sido realizada a partir do regimento que estava em posse do Xeque local, escrito em árabe, e que tinha sido traduzido por um intérprete de nome Mamede Bemxabo, língua da fortaleza de Mascate. Já em 1619, a segunda cópia do regimento tinha sido também realizada com base num “caderno de letra mourisca”, que foi lido e traduzido por Sado, língua da fortaleza, o qual terá assinado o reslado, responsabilizando-se, assim, pela tradução realizada. A cópia final, datada de 26 de outubro de 1620, foi feita para o registo central do *Estado da Índia*, nos Contos de Goa, para memória futura. A importância da memória escrita permitia que as práticas locais fossem registadas em papel, fixando a regulamentação que fora negociada entre os portugueses e as autoridades locais e regionais, não esquecendo a relevância da conflitualidade entre as partes, sempre existente e necessária para estabelecer as hierarquias de poder tão usais nas relações empreendidas no *Estado da Índia*. [Roger Lee de Jesus]

hundred years’ prior – conveying the idea of their antiquity and the maintenance of relatively old commercial practices for this period. The clerk also noted that, in 1615, the copy had been made of the statutes in Arabic and was in the possession of the local sheikh. The copy had then been translated by Mamede Bemxabo, an interpreter working in the Muscat fortress. As early as 1619, a second copy of the duties had also been drafted from a ‘notebook in Moorish writing’, which was read and translated by Sado, the interpreter at the fortress, who signed the document, thus taking responsibility for the translation. The final copy, dated the 26th of October 1620, was drafted for the central register of the *Estado da Índia*, in Goan *contos*, for future memory. Written records allowed local practices to be recorded on paper, establishing the regulations that had been negotiated between the Portuguese and local and regional authorities, not forgetting the relevance of conflict between the parties, which was present and necessary so as to establish the hierarchies of power so common in the relations built in the *Estado da Índia*. [Roger Lee de Jesus]

Regimento dos direitos pagos na alfândega de Mascate

Goa (?), 1620

Manuscrito sobre papel

40,3 × 27 cm

Arquivo Nacional da Torre do Tombo (Lisboa),

Junta da Real Fazenda do Estado da Índia,

liv. 4, fls. 45v-47r

Duty paid in Muscat

Goa (?), 1620

Manuscript on paper

40,3 × 27 cm

Arquivo Nacional da Torre do Tombo (Lisbon),

Junta da Real Fazenda do Estado da Índia,

liv. 4, fls. 45v-47r

Inslido de duftim... q' pagao nalfundega de fortaleza de Mascate equal...

Los sete dias... De Mascate... De Mascate...

Los portugueses casados em Mascate...

Los portugueses casados em Mascate...

Los portugueses casados em Mascate...

Los portugueses casados em Mascate...

Los portugueses casados em Mascate...

46

to da faz... que vier de mooras...

Os de... cavallos todos os mercadores...

Los portugueses casados em Mascate...

Los portugueses casados em Mascate...

Los portugueses casados em Mascate...

Los portugueses casados em Mascate...

Los portugueses casados em Mascate...

partes tirando as embarcacoes...

Los portugueses casados em Mascate...

Los portugueses casados em Mascate...

Los portugueses casados em Mascate...

Los portugueses casados em Mascate...

Los portugueses casados em Mascate...

47

Dinafort... cathequim... de Mascate...

Los portugueses casados em Mascate...

Los portugueses casados em Mascate...

O Arquivo Nacional da Torre do Tombo, em Lisboa, conserva numerosos documentos que se referem ao tráfico de cavalos árabes e persas desenvolvido pelos portugueses no século XVI. Um desses documentos é um recibo de Diogo Rodrigues, que em 1515 desempenhava funções de feitor na cidade de Goa, acusando a receção de 28 cavalos trazidos por vários portugueses da região do Golfo.

Os portugueses, depois dos primeiros contactos com o Oriente que se seguiram à viagem de Vasco da Gama em 1498, desde logo entenderam as imensas potencialidades dos tráficos regionais, que, com investimentos limitados, poderiam produzir resultados muito mais significativos e muito mais rápidos do que aqueles que eram obtidos através da longa e perigosa viagem entre Lisboa e a Índia, que nunca demorava menos de 18 meses. E os primeiros observadores lusitanos das realidades orientais, como Tomé Pires e Duarte Barbosa, que redigiram tratados geográficos globais sobre a Ásia marítima por volta de 1515–1516, desde logo se aperceberam da extraordinária importância do movimento de cavalos que regularmente cruzavam o Mar da Arábia, em termos dos enormes rendimentos e das significativas vantagens políticas que podiam gerar.

O subcontinente indiano tinha permanente necessidade de cavalos, que eram utilizados em quantidades impressionantes nas constantes guerras que opunham diversas unidades políticas indianas, nomeadamente os sultanatos islamizados do Decão e o reino hindu de Vijayanagar, cujas forças de cavalaria ascendiam às dezenas de milhares de unidades. Para além dos conflitos militares permanentes, que consumiam quantidades impressionantes de equídeos, as condições ecológicas de grande parte da Índia eram pouco adequadas à criação e à manutenção de cavalos, contribuindo ainda mais para a elevada mortalidade destes animais. Por isso mesmo escrevia Tomé Pires na sua *Suma Oriental* que os cavalos que vinham de Ormuz tinham grande valor nos reinos de Goa, Decão e Narsinga [ou Vijayanagar].

Embora existisse criação de cavalos em algumas regiões do Guzerate, a respetiva qualidade era bastante inferior à dos animais originários da Pérsia e da Arábia. Como referia Tomé Pires, os melhores cavalos eram árabes, ficando os cavalos persas em segundo lugar. Um tráfico regular tinha-se desenvolvido no Mar da Arábia, originando de diversos portos vizinhos ao estreito de Ormuz, como a cidade de Mascate e a própria ilha de Ormuz, onde cavalos árabes e persas eram concentrados, para serem exportados para a Índia por via marítima. Inúmeros relatórios portugueses das primeiras décadas do século XVI — de que é exemplo este recibo do feitor de Goa de 1515 — confirmam a extraordinária importância de Ormuz no contexto do comércio de cavalos. Tomé Pires escrevia que naquela ilha, mais que todas as outras mercadorias, valiam cavalos árabes e persas. Duarte Barbosa, por seu lado, afirmava no seu *Livro das coisas do Oriente* que da Arábia ali vinha ter grande quantidade de cavalos, que eram exportados para a Índia. E acrescentava que os mercadores de Ormuz adquiriam cavalos em muitos portos da Arábia, onde excelentes espécimes abundavam, para depois os despacharem para a costa ocidental da Índia.

A importância do trato de cavalos estava decerto na mente do capitão português Afonso de Albuquerque quando decidiu conquistar o território de Goa em 1510, para aí estabelecer uma base de operações para a empresa portuguesa oriental. Várias das cartas que depois escreveu ao monarca

The National Archives of Torre do Tombo, in Lisbon, preserve numerous documents that refer to the trade in Arab and Persian horses developed by the Portuguese in the 16th century. One of these documents is a receipt from Diogo Rodrigues, who in 1515 was a trade officer in the city of Goa, testifying the delivery of 28 horses brought by several Portuguese from the region of the Gulf.

The Portuguese, after the first contacts with India that followed Vasco da Gama's voyage in 1498, immediately understood the immense potential of regional trades, which, with limited investments, could produce results much more significant and much faster than those that were obtained through the long and dangerous journey between Lisbon and India, which never took less than 18 months. And the first Portuguese observers of eastern realities, such as Tomé Pires and Duarte Barbosa, who wrote global geographic treatises on maritime Asia around 1515–1516, immediately realized the extraordinary importance of the movement of horses that regularly crossed the Arabian Sea, in terms of the huge revenues and significant political advantages they could generate.

The Indian subcontinent had a permanent need for horses, which were used in impressive quantities in the constant wars that opposed various Indian political units, namely the Islamic sultanates of the Deccan and the Hindu kingdom of Vijayanagar, whose cavalry forces amounted to tens of thousands of units. In addition to the permanent military conflicts, which consumed impressive amounts of horses, the ecological conditions of much of India were poorly suited to the rearing and maintenance of these animals, further contributing to its high mortality rate. That is why Tomé Pires wrote in his *Suma Oriental* that the horses that came from Hormuz were of great value in the kingdoms of Goa, Deccan and Vijayanagar.

Although there were horses in some regions of Gujarat, their quality was much lower than that of animals originating in Arabia and Persia. As stated by Tomé Pires, the best horses were from Arabia, those from Persia coming in second place. A regular traffic had developed in the Arabian Sea, originating from several ports neighbouring the Straits of Hormuz, such as the city of Muscat and the island of Hormuz itself, where Arabian and Persian horses were concentrated, to be exported to India by maritime route. Numerous Portuguese reports from the first decades of the 16th century — as exemplified by the receipt of the overseer of Goa in 1515 — confirm the extraordinary importance of Hormuz in the context of the horse trade. Tomé Pires wrote that on that island, Arab and Persian horses were worth more than any other commodities. Duarte Barbosa, for his part, stated in his *Livro das coisas do Oriente* that there came from Arabia a large number of horses, which were exported to India. And he added that the merchants of Hormuz acquired horses in many ports of Arabia, where excellent specimens abounded, and then shipped them to the west coast of India.

The importance of the horse trade was certainly in the mind of the Portuguese captain Afonso de Albuquerque when he decided to conquer the territory of Goa in 1510, to establish a base of operations for the Portuguese there. Several of the letters he later wrote to the Portuguese king confirm this assumption, namely a long letter written in December 1513, in which he explained the various steps taken to ensure the Portuguese Crown's monopoly on horse imports to the west coast of →

lusitano confirmam esta suposição, nomeadamente uma longa missiva redigida em dezembro de 1513, na qual explicava os vários passos tomados para assegurar para a Coroa portuguesa o monopólio das importações de cavalos para a costa ocidental do Indostão. Em primeiro lugar, diversos navios portugueses tinham sido despachados para o Mar da Arábia, para obrigarem todas as naus de Ormuz que transportavam cavalos a aportarem a Goa; em consequência desta ação, nesse mesmo ano para ali haviam sido trazidos mais de 400 cavalos de bom preço. Depois, Albuquerque ordenou a construção de grandes cavalariças nas cercanias do porto, contratando 300 homens para tratarem dos animais. Em terceiro lugar, todos os mercadores que trouxessem cavalos para Goa eram tratados com enorme deferência, sendo-lhes dada prioridade na aquisição de bens de primeira necessidade e de mercadorias de exportação. Medidas mais duras foram também tomadas pelos portugueses. Uma política de emissão de cartazes aos navios orientais foi implementada, num esforço para controlar de forma eficaz as rotas marítimas que ligavam a Índia ao Golfo Pérsico. Navios mercantes que não possuíam a necessária autorização, ou que demandavam portos indianos diferentes de Goa, podiam ser interceptados pelas forças portuguesas, sendo os cavalos transportados a bordo confiscados. Quaisquer navios oriundos de Ormuz que trouxessem cavalos a Goa recebiam um cartaz gratuito para a jornada de regresso. Além disso, os mercadores ormuzianos eram isentos de taxas alfandegárias em todos os têxteis que em Goa fossem trocados pelos cavalos trazidos. E se um navio vindo de Ormuz trouxesse 10 ou mais cavalos para Goa, as outras mercadorias transportadas a bordo estavam isentas de direitos.

Sob autoridade portuguesa, Goa cedo se tornou no principal porto de entrada na Índia para cavalos originários da Arábia e da Pérsia. Por volta de 1512, Afonso de Albuquerque, num dos seus regulares relatórios para o rei D. Manuel I, referia que o comércio de cavalos de Ormuz a da costa da Arábia para Goa gerava lucros na ordem dos 400 ou 500 por cento. O estabelecimento de um protetorado português sobre o reino de Ormuz em 1515 facilitou as coisas, pois agora as autoridades portuguesas podiam controlar e monitorizar o movimento de cavalos nas duas extremidades de uma das mais importantes rotas marítimas, auferindo daí proveitos muito consideráveis. A partir de então, e ao longo de todo o século XVI, os portugueses envolveram-se ativamente no comércio de cavalos que circulavam pelo Mar da Arábia. Em Ormuz e em Goa, um corretor-mor dos cavalos subordinado à Coroa lusitana controlava e taxava todas as compras e vendas de cavalos; feitores da Coroa portuguesa estavam estabelecidos em diversos portos indianos para venderem cartazes aos mercadores locais; e as alfândegas de Ormuz e de Goa recebiam um regular rendimento dos direitos cobrados sobre o trato de cavalos. Um anónimo funcionário português que em 1527 escrevia ao rei D. João III sublinhava que o maior rendimento obtido na Índia pelos portugueses derivava do comércio de cavalos entre Ormuz e Goa. [Rui Manuel Loureiro]

India. In the first place, several Portuguese ships had been dispatched to the Arabian Sea, to ensure that all the ships of Hormuz that carried horses docked at Goa; because of this action, that same year more than 400 good-priced horses had been brought there. Then, Albuquerque ordered the construction of large stables on the outskirts of the port, hiring 300 men to take care of the animals. Third, all merchants who brought horses to Goa were treated with enormous deference, given priority in acquiring commodities and export goods. Tougher measures were also taken by the Portuguese. A policy of issuing *cartazes* (or passports) to Asian ships was implemented, to effectively control the shipping lanes linking India to the Arabian-Persian Gulf. Merchant ships that did not have the necessary authorization, or that were bound for Indian ports other than Goa, could be intercepted by Portuguese forces, and the horses carried on board were confiscated. Any ships from Hormuz that brought horses to Goa received a free *cartaz* for the return journey. In addition, Hormuzian merchants were exempt from customs duties on all textiles that were exchanged in Goa for the horses brought in. And if a ship from Hormuz brought ten or more horses to Goa, the other goods carried on board were duty free.

Under Portuguese authority, Goa soon became the main port of entry into India for horses from Arabia and Persia. Around 1512, Afonso de Albuquerque, in one of his regular reports to King Manuel I of Portugal, mentioned that the trade in horses from Hormuz and from the Arabian coast to Goa generated profits in the order of 400 or 500 percent. The establishment of a Portuguese protectorate over the kingdom of Hormuz in 1515 made things easier, as the Portuguese authorities could now control and monitor the movement of horses at both ends of one of the most important sea routes, reaping very considerable profits. From then on, and throughout the 16th century, the Portuguese were actively involved in the trade in horses that crossed the Arabian Sea. In Hormuz and in Goa, a horse broker under the Portuguese crown controlled and taxed all purchases and sales of horses; overseers of the Portuguese Crown were established in several Indian ports to sell *cartazes* to local merchants; and the customs of Hormuz and Goa received a regular income from the duties levied on the trade in horses. An anonymous Portuguese official who in 1527 wrote to King João III of Portugal stressed that the greatest income obtained in India by the Portuguese derived from the horse trade between Hormuz and Goa. [Rui Manuel Loureiro]

A constituição do Estado da Índia, nos inícios do século XVI, e o desenvolvimento de uma presença portuguesa alargada na Ásia procurou, de certa forma, desenvolver uma estrutura capaz de remeter para a Europa uma série de produtos que aí não existiam, como é o caso das especiarias. Do mundo natural, destacavam-se as seis principais especiarias: a pimenta, o gengibre, a canela, a noz-moscada, a maçã e o cravo. Assim, a Rota do Cabo, a ligação marítima entre a Europa e a Ásia contornando o continente africano, passando pelo Cabo da Boa Esperança, entrou em concorrência com as antigas rotas existentes, a rota do Mar Vermelho e as rotas que passavam pelo Golfo e que seguiam caminho até ao Mediterrâneo por via terrestre. A historiografia manteve a ideia, durante muito tempo, de que a chegada dos portugueses à Ásia colocou em causa a sobrevivência destas antigas vias, visto que a imposição de um patrulhamento regular no Oceano Índico por armadas portuguesas teria restringido a passagem de navios árabes para estes caminhos. A criação de uma ‘armada do Estreito’, na embocadura do Mar Vermelho, e a construção de uma fortaleza em Ormuz teriam sido os principais elementos decisivos nesta política de bloqueio das antigas vias comerciais. Contudo, vários estudos têm mostrado que tal não corresponde à realidade. Em primeiro lugar, a capacidade militar portuguesa era muito relativa e reduzida. O *Estado da Índia* não tinha meios suficientes para manter uma armada durante todo o ano no estreito de Bab-el-Mandeb, nem para um patrulhamento rigoroso e extensivo dessas águas. Em segundo lugar, uma visão ampla do comércio das especiarias para a Europa revela que, apesar de alguma diminuição na chegada destes produtos nos inícios do século XVI, as antigas rotas nunca deixaram de ser usadas nesse século, e as mercadorias continuaram a ser recebidas no Mediterrâneo. Em último lugar, é necessário observar que os próprios portugueses tinham interesses na manutenção destas rotas, não apenas porque lucravam também como elas, mas porque eram necessárias para o funcionamento dos mercados asiáticos.

Os três documentos seleccionados revelam as várias facetas do que se acaba de explicitar. O documento n.º 64 diz respeito a um parecer emitido pelos oficiais e fidalgos do *Estado da Índia*, sob a coordenação do governador D. João de Castro, em novembro de 1545, acerca do comércio de produtos pelo Golfo. O rei português D. João III tinha solicitado ao governador uma opinião sobre se a chegada de “pimentas e drogas” a Alexandria e Veneza pelas vias do Golfo era prejudicial aos negócios da Coroa e do *Estado da Índia*, e o que fazer para remediar isso. O manuscrito, preservado no Arquivo Nacional da Torre do Tombo (Lisboa), demonstra bem a complexidade do assunto. Não obstante o monarca supor que esta rota seria desvantajosa à do Cabo, a opinião emitida em Goa é totalmente contrária. Os signatários realçam que impedir o fluxo comercial do Golfo seria desastroso para o império português na Ásia, afirmando até que “seria causa de se a Índia perder e não poder sustentar”. Reconheciam que os produtos chegavam facilmente a Alexandria e Veneza, mas seria um mal menor face à perda do rendimento das alfândegas das fortalezas portuguesas e do próprio excedente que não teria mercado caso se fechasse a via do Golfo. Concluía, então, que era necessário manter as vias terrestres abertas, sem impedir a passagem de navios, caso contrário “seria grande seu desserviço e perda de sua fazenda e dano universal destas partes”.

With the creation of the Portuguese Estado da Índia, at the beginning of the sixteenth century, and the development of an extended Portuguese presence in Asia, came a structure capable of sending to Europe a series of products that did not exist there, including spices. The main commodities from nature included spices, of which the most important were pepper, ginger, cinnamon, nutmeg, mace and clove. Thus, the maritime connection between Europe and Asia, known as the Cape Route, which went around the African continent along the Cape of Good Hope, came into competition with the existing routes, namely that which went through the Red Sea and those going through the Gulf and overland onto the Mediterranean. Historiography long maintained that the arrival of the Portuguese in Asia jeopardized the survival of these ancient routes, since the regular patrolling of the Indian Ocean by Portuguese flotillas would have restricted the passage of Arab ships. The creation of a local armada (the *esquadra do Estreito*) at the mouth of the Red Sea, and the building of a fortress in Hormuz by the Portuguese would have been decisive to blocking the ancient trade routes. However, this has already been shown to be untrue. Firstly, the Portuguese military capacity was only relative and not so sizeable. The *Estado da Índia* did not harness the sufficient means to keep an armada in the Bab-el-Mandeb Strait throughout the year, nor to extensively and adequately patrol those waters. Secondly, once the spice trade to Europe is broadly considered, it becomes clear that the import of Asian goods into Europe did somewhat decrease in the early sixteenth century, the old routes never ceased to be used, and goods continued to be shipped to the Mediterranean. Thirdly, the Portuguese themselves were interested in keeping such routes open, not only because they also made a profit of them, but because they were necessary for the Asian markets to function.

The three documents selected show the various facets of the foregoing arguments. Document 69 concerns an opinion issued by the officers and noblemen of the *Estado da Índia*, as supervised by Governor João de Castro, in November 1545, on the trade of goods through the Gulf. The Portuguese king, João III, had asked the governor for an opinion on whether the arrival of ‘peppers and drugs’ in Alexandria and Venice through the Gulf routes was harmful to the interests of the Portuguese crown and the *Estado da Índia*, and on how to proceed about it. The manuscript, preserved in the Torre do Tombo national archive, Lisbon, shows how complex the issue was. The king had supposed the Gulf route to be worse than the Cape route. Yet, the opinion manifested from Goa was the entire opposite. The king’s men emphasized that to block the commercial flow of the Gulf would have been disastrous for the Portuguese empire in Asia, even stating that ‘it would be reason enough to lose control of India and not be able to sustain it [again]’. They did acknowledge that the products reached Alexandria and Venice easily, but also stated this to be a lesser evil when compared to losing customs revenue from the Portuguese forts. Besides, shutting down the Gulf route would leave surplus products out of the market. The signatories concluded by saying that it was necessary to keep the land routes open, as long as the passing of ships was not hindered, since doing otherwise ‘would be of great disservice [to the king] and cause losses to the royal treasury, and make widespread damage to these parts’.

[69–71] →

A análise deste parecer conduz o olhar para estas mesmas rotas terrestres, que ligavam o Golfo ao Mediterrâneo oriental. O documento n.º 65 permite compreender quais eram estas vias. Trata-se de uma descrição do “caminho que faziam os mercadores que levavam as especiarias de Ormuz para Trípoli”. Apesar de breve, o texto indica que a partir de Ormuz os produtos partiam em direcção a Baçorá, podendo aí optar por duas vias: o caminho mais rápido partia em direcção a Damasco (na actual Síria), mas era mais perigoso, pelos “muitos ladrões e salteadores que andam no deserto”; o outro seguia de Baçorá até Bagdade (Iraque), daí até Alepo (Síria), continuando até Trípoli (Líbano). O autor anónimo ainda informa que a rota recomendada e até apoiada pelas autoridades otomanas era a segunda, visto que passava por regiões mais povoadas, por isso mais segura e contribuía para o desenvolvimento local até chegar ao destino final. Esta descrição está incluída num códice datado de aproximadamente 1545–1548, hoje na Biblioteca Municipal de Elvas (Portugal), e que contém um conjunto de textos variados sobre o *Estado da Índia*. Os textos poderão ter sido recolhidos pelo governador D. João de Castro, neste período, para o ajudar a compreender a dimensão e as necessidades do seu governo. Assim, o documento deverá ter servido para a reflexão levada a cabo pelo governador e pelos oficiais e fidalgos na elaboração do parecer mencionado anteriormente.

Os problemas levantados sobre a chegada de produtos asiáticos à Europa através das rotas terrestres que partiam do Golfo continuaram na segunda metade do século XVI. O documento n.º 66, uma carta anónima escrita em castelhano, a partir de Veneza, e datada de 20 de julho de 1566, mostra que a Coroa portuguesa estava atenta a este fluxo comercial. O autor tivera notícia de que a via de Baçorá voltara a abrir. Tal informação remete para o cerco que a cidade viveu nesses anos, sitiada por forças árabes que se opunham à extensão do império Otomano até essa região, visto que estava sob alçada deste potentado muçulmano desde o final de 1546. Esta carta revela também que estas vias por terra, bem como a própria rota do Mar Vermelho, continuavam com grande capacidade comercial, especificando a quantidade de especiarias que chegavam a Alepo, abastecendo o Mediterrâneo em concorrência directa com a *Carreira da Índia*.

Os três documentos encontram-se assim interligados por serem peças fundamentais para compreender a importância do Golfo nas rotas comerciais do período moderno. Os portugueses reconheciam as vias terrestres e estavam condicionados a permitir a existência destes caminhos. Com a expansão Otomana em direcção ao Golfo, com a conquista de Baçorá, em 1546, e ao Mar Vermelho, com a tomada de Adem em 1548, o *Estado da Índia* apenas podia tentar evitar perdas maiores, pois não tinha capacidade militar ou económica para travar ou impedir estes fluxos comerciais alternativos em direcção em Europa. Este caso revela bem como a presença portuguesa na Ásia estava subordinada não apenas à política régia, mas também à realidade local, da qual o Golfo é um exemplo de uma presença moldada conforme o tempo, os espaços e as próprias necessidades. [Roger Lee de Jesus]

That opinion leads our gaze to the land routes linking the Gulf to the eastern Mediterranean. Document 70 allows us to understand what these routes were. It describes ‘the route taken by the merchants taking spices from Hormuz to Tripoli’. In only a few words, it indicates that from Hormuz the goods left in the direction of Basra, where one of two routes would be chosen. The quickest was to Damascus (in present-day Syria), but it was more dangerous because of ‘many thieves and robbers who walk the desert’. The alternative route went from Basra to Baghdad (Iraq), from Baghdad to Aleppo (Syria), and from there to Tripoli (Lebanon). The anonymous author also states that the route recommended, even supported, by the Ottoman authorities was the latter, since it went through more densely populated region and was therefore safer besides contributing to local development until the final destination was reached. The description is included in a bound volume dating from approximately 1545 to 1548, kept in the Elvas Municipal Library (Portugal) various pieces of text concerning the *Estado da Índia*. The texts may have been assembled by Governor João de Castro during this period, with the aim to help him understand the reach and needs of government. Thus, it may well have served the governor, his officials and the noblemen in coming to the opinions expressed, as seen above.

The problems raised about the arrival of Asian products in Europe via the land routes departing from the Gulf continued throughout the second half of the sixteenth century. Document 71, an anonymous letter in Castilian, written from Venice on 20 July 1566, shows the Portuguese Crown to have been aware of this trade flow. The author had heard that the Basra road had reopened, which refers to the siege the city had only experienced from the Arab forces opposing the growth of the Ottoman Empire in the region — a region under Ottoman control since late 1546. The letter reveals that the land routes, in addition to the Red Sea route itself, continued to be highly capable from the commercial standpoint. Further, it specified the amount of spices reaching Aleppo, competing directly with the Indian run in supplying the Mediterranean.

The three documents are interconnected as fundamental pieces to understanding the importance of the Gulf for the trade routes of the early modern period. The Portuguese were well aware of the land routes and were conditioned to allow them to exist. With Ottoman expansion towards the Gulf, namely through the conquest of Basra in 1546, and towards the Red Sea, with the taking of Aden in 1548, the *Estado da Índia* could only attempt to minimize losses, for it had neither the military nor the economic capacity to halt alternative trade flows towards Europe. This reveals just how much the Portuguese presence in Asia was subordinate to the local reality besides royal policy. The Gulf is a fine example of the Portuguese presence as shaped by time, space and conjectural need. [Roger Lee de Jesus]

Das ditas conças, e de or omente da qual parte
 e las que parem que abastara pera or gatar na
 na enão oryã pera para aegunã e que or po
 or gnyã aegunã pnyã / e que nã se fizer des e los
 parem m adisarys / e tanto que e sy lo o di d
 capitulo, si or o gonerador que e este caso era
 mnyã Jm portamya a ornyã e diti oryã por
 fazã e contrato que or fizo no thyo de pimento
 droguas per que or obiguarão os mercaderes e llos
 e em diuydar sua d. Das dyndas e framides
 e a or por estar no thyo fize no de pimento e
 droguas que cadano e qua bay pera o thyo, e a or
 ar bay dã que cada bay bay e mnyã em or alar
 guarã a oryã e llos droguas / e por tanto e ho
 mandava que cada fã per or si or or parem
 note caso e que or de byã da orntar dyto orã
 pibelo e diti e fimento, e como per fazã e or
 qua dar a oryã de pimento droguas oryã a or
 e los contractados no thyo podum em campar
 o contrato que tnyã fizo / e or e equal caso
 foy praticado amtr todo e mnyã e batido
 e dadas mnytas fazõs, foy orntado e com
 dade per todo e mnyã e ormpar que ora d.
 nã to e or mnyã Jm pedior per mnyã byã e or
 trato das droguas a toda pãra que mnyã que or
 tratar como orã em eustom. Este or em
 barguo e saberem per mnyã que e diti drogua
 toda podã pasar a byã mnyã e diti e aduza
 pe los mnytos e grandes e mnyõments que or
 ornyã or or a or nã fizo e or to e or

que oryã caua e or a mdyã per de e nã poder
 e orntar, por que pnyã mnyã or e l fã mnyã
 caua, noz mnyã que boni e malguo e malagu
 estas fortalyas ambas or nã podryã e orntar
 e a gnyã e mnyã e las a os pouarys e nã
 vnyã or las mnyã mnyã orntã pãra Jyã
 la que oryã a or e nã e per de or malguo, e
 a fortalyã e malaguã nã terã e mnyã
 nã a e famlyã mnyã or e orntar, por que or pnyã pal
 trato e las e e diti droguas, e llos or or
 nã terã mnyã pãra tanto e diti pãra que
 todas as a or a or nã, e diti que or pnyã fize
 nã podryã de orntã or nã que mnyã
 a que or pnyã de a oryã que cadano bay pera e thyo
 e llos diti e a e famlyã e diti e diti e diti
 e orntar, e a or nã e todas e sua d.
 or per e or nã e mnyã e e mnyã e las
 e mnyã, e per de e or e mnyã nã f.
 qua mnyã que or poã fize os gnyã e los pãra
 e a mnyã, e orntar como fã e llos nã podro
 e or mnyã Jyã, e llos e llos per de e diti or
 nã e mnyã e orntar e or pnyã a os pou e
 e mnyã fã mnyã mal em e orntar e or nã
 qua or e e e mnyã por or e mnyã e orntar
 e orntar e mnyã e sua d. e or e or nã fã
 e pimento droguas perã or mnyã e orntar que
 or nã e or e e fize nã e orntar e orntar
 pnyã mnyã mnyã, e orntar a quella q pãra or

Parecer sobre a continuação comércio das drogas de Ormuz
 Goa (India), 1545
 Manuscrito sobre papel
 31,8 x 21,8 cm
 Arquivo Nacional da Torre do Tombo (Lisboa),
 Corpo Cronológico, Parte II, mç. 240, n.º 53
 Opinion on the drug and spices trade of Hormuz
 Goa (India), 1545
 Manuscript on paper
 31,8 x 21,8 cm
 Arquivo Nacional da Torre do Tombo (Lisbon),
 Corpo Cronológico, Parte II, mç. 240, n.º 53

que em o mui C peroya or puaor gubtar por qm
 parem or o mui de di do omor aoy pera afuda do
 guabto Inmdia como pera or dar exyda adrogun
 que or hja da carqui pofo nao tem outra or yda
 or nao rota Ctas hem por qui os mercaderes que
 Com prao rotas Inguas nao nas quorem or nao
 or dadas um aecguua cancha Ctas hem aecguu
 gem gium o gual ora tal cantidat que or
 posa gubtar em o mui C na peroya / C por dadas
 aoy parem o gverna da manebu any or dadas
 que figor ebr aovuto byoto como atobos pare
 no or dadas de di or o mui de di do omor Ctas hem
 or or mtrayro or ya grande or mls or mui C
 perda de sua fazenda Alano byber saee
 de das paradas

Impano l-rast
 Im alln l-rast
 Baryabrat
 Bernaldim l-ovoso
 o luter fr do quano
 o luter pagnoal fiorij
 Anjo a
 Batiav luy's

Im jromimo l-ovoso
 ma wor l-ovoso
 l-ovoso
 Im bernald l-ovoso
 Joo rabral
 Baryabrat
 July ao foubly
 fabyao da mo da

o l-ovoso luy's l-galva per l-farya
 per l-piz l-ovoso l-ovoso

notafimo unolo dux canpo frotapio ofuy dux
 ho de dony Jhao de rasti em fiz ty ladar Ar
 ntrito de pyno or ta fity no luyso do b aputo b
 orota 2 fuy podra hoga l fity l adou de dda xho
 fuly or fuy dux dux or dux do dux de 1597

[Signature]



Copia de carta de venia de 1566

De alepo a carta de 29 de abril en q' d'afisan cono el camino de bacora
 era abicito por onde ena r. da la copciaria de ormuz. y que en
 bacora estava un factor dellos vendiendola; que es lo que solian
 tener los capitanes de ormuz donde sacavan en sus años sesenta
 o setenta mil ducados, alepo era llegada gran cantidad de canela
 y abia bajado las sus partes de lo que solia valer; Allí se coporaban
 por mil e quinientos quintales de especias asbi nueca, canela, macia,
 clauo, y algun gengibre; Pero no viene por esta via ninguna; Esta
 esenta de bacora es por donde en los tiempos pasados venian todas
 las drogas aqui y esto queda tener por cierto; De alepo
 abisan q' van a mactas en copciarias de ansa y de deniso
 y los nabios de la india a puertos de india; y es por donde se han
 de sacar la india y de donde vienen los de arben.

El mudo nuevo abaxa la india y nueca a fuesa de la nao cruz y viene
 de india ser en el xante y ena via se copcia aqui esta
 nao no se esperaba sino en octubre y la carga q' trae es: 1500 q's
 de pimenta / 1500 q's de gengibre / 1000 q's de nueca / 1500 q's de clauo
 3000 q's de macias / 3000 q's de canela / y elao las naos vendias
 de suria q' se vendio la carga de alexandria y venos
 cartas de los mercaderes se an vendida muy bien y esto q'
 se sabe de serem a q' dados al puerto de juda y muchos nabios de
 india y los moros las fuan a lcy por se falia de las q' se
 se sabe en la venida de la nao por quanto esto se sabe por cartas
 de los mercaderes q' tan a la

precio de copciarias en el mes de agosto 1566

Y pimenta granada	34 q's a f'ra f'ra
Y gengibre aditudo	26 q's
Y macias	12 q's
Y nueca	626 d.
Y canela	11 q's
Y crano granulado a	625 d.
Y crano granulado	6 q's
Y pimenta longa	3 q's
Y pimenta de pabo	10 q's d.

Carta de Veneza sobre as especiarias que chegam por Baçorá
 Veneza (Itália), 1566
 Manuscrito sobre papel
 34,6 x 23,7 cm
 Arquivo Nacional da Torre do Tombo (Lisboa),
 Gavetas, Gav. 15, mç. 2, n.º 6
 Venice letter on spices arriving via Basra
 Venice (Italy), 1566
 Manuscript on paper
 34,6 x 23,7 cm
 Arquivo Nacional da Torre do Tombo (Lisbon),
 Gavetas, Gav. 15, mç. 2, n.º 6

Garcia de Orta (c. 1500–1568), nascido em Castelo de Vide (Alentejo, Portugal), no seio de uma família de cristãos-novos, cedo rumou às universidades de Salamanca e de Alcalá de Henares onde cursou Medicina. Terminada a sua formação médica, dirigiu-se para Lisboa onde leccionou nos Estudos Gerais. Permaneceu poucos anos nesta instituição de ensino já que, em 1534 partiu para a Índia como físico privado do Capitão-Mor da Armada, Martim Afonso de Sousa.

Como lhe competia pelo cargo que ocupava, acompanhou o fidalgo nas missões de cariz militar e diplomático que este comandou. Nos portos e bazares que visitou ao longo das costas da península indostânica, Orta teve oportunidade de observar os produtos ali negociados e de inquirir os comerciantes sobre os usos, preços, rotas de distribuição e regiões de origem das diferentes mercadorias. Nas visitas às cortes do Sultão Bahadur e de Nizamoxa, observou, registou, inquiriu e avaliou as práticas e conhecimentos médico-botânicos de físicos árabes e gentios ali destacados. Este contacto com as gentes, saberes e tradições locais, permitiu-lhe constatar as numerosas imprecisões registadas nos textos médico-botânicos em circulação na Europa.

Quando, em 1538, Martim Afonso de Sousa regressou ao Reino, Orta fixou residência em Goa. Nas décadas que se seguiram, cuidou de sucessivos governantes, prelados ou funcionários régios e desenvolveu uma importante actividade clínica. Para assegurar a viabilidade dos seus negócios, adquiriu um barco, contratou um feitor e recolheu, junto de mercadores, agentes locais e viajantes, aturadas notícias sobre as regiões de origem, rotas de distribuição, mercados e preços de aquisição de drogas, especiarias e produtos asiáticos.

Ao fim de quase 30 anos de vivência oriental, publicou, em Goa, *Colóquios dos Simples e Drogas e Coisa medicinais da Índia*, obra que divulgou, na Europa, a primeira descrição moderna dos recursos naturais da Ásia. Redigido em português, em forma de diálogo, *Colóquios dos Simples* descreveu 59 conversas fictícias ocorridas entre dois médicos ibéricos. Tendo como pano de fundo o pomar, a horta, o gabinete de trabalho, a biblioteca ou a varanda da casa goesa do médico português, os produtos asiáticos foram sendo colocados sobre a mesa de trabalho, de forma natural, ao ritmo da vivência quotidiana. Os debates entre os dois homens trouxeram aos leitores uma nova descrição da natureza das Índias Orientais. As animadas discussões entre os sábios foram frequentemente interrompidas por empregados, servas e moças e pela chegada de mercadores, feitores e visitantes que traziam ao médico exemplares, amostras e notícias sobre o uso das drogas, especiarias e pedras do Oriente.

Ao longo de *Colóquios dos Simples*, Garcia de Orta apresentou uma cuidada revisão dos saberes em circulação na Europa sobre a história, propriedades, usos, origem e mercados de distribuição dos principais produtos asiáticos. Em cada colóquio, os médicos esgrimiram argumentos e debateram conhecimentos. Enquanto Ruano, o médico recém-chegado a Goa, se resguardava na palavra dos sábios Gregos, Orta, que as conhecia, bastas vezes contestou, preferindo citar fontes arábicas; valorizar a observação de produtos que guardava no seu escritório e revelar as notícias que alguns dos seus informadores lhe confiavam. Evocando a sua ampla experiência clínica no Oriente, Orta atendeu ainda ao saber dos físicos locais dos quais aprendeu as designações, aplicação e utilidade de numerosas drogas indianas.

Garcia de Orta (c. 1500–1568) was born in Castelo de Vide (Alentejo, Portugal) into a family of New Christians, and he studied Medicine at the universities of Salamanca and of Alcalá de Henares. After a spell living in Lisbon, where he became a teacher at the Estudos Gerais, in 1534 he left for India as the personal physician to Martim Afonso de Sousa, the captain-general of the navy.

As befitted the position, he followed Sousa on military and diplomatic missions. In the ports and bazaars he visited along the coast of the Hindustan Peninsula, Orta had the chance to examine the products traded and to ask the merchants about their uses, prices, commercial routes and places of origin. During his visits to the courts of Sultan Bahadur and of Nizam Shah (Nizamoxa), he observed, recorded, questioned and assessed the medical and botanical practices and knowledge of the Arab physicians and gentiles found there. This contact with the local people, their knowledge and traditions enabled him to identify numerous inaccuracies in the medical and botanical texts which circulated in Europe at the time.

While, in 1538, Martim Afonso de Sousa returned to Portugal, Orta settled in Goa. In the following decades, he looked after the health of rulers, prelates and royal officials. To increment his business, he bought a ship, hired a factor, and collected — from merchants, local agents and travellers — detailed information on Asian drugs, spices and other products, including the regions of origin, distribution routes, markets, and prices fetched.

After almost 30 years of living in the East, he published, in Goa, *Colóquios dos Simples e Drogas e Coisas Medicinais da Índia*, making the natural resources of Asia known to Europeans for the first time. Written in Portuguese as a dialogue, it fictionally described 59 conversations held between two Iberian doctors. Against the backdrop of the orchard, the vegetable garden, the work desk, the library, or the house's balcony in Goa, Asian products had naturally found their place on the Portuguese doctor's desk. The debates gave readers a fresh description of nature in the East Indies. The lively discussions between the two wise men were often interrupted by servants, maidservants and girls, and by the arrival of merchants, factors and visitors who brought the doctor's attention to new samples and news about the use of the drugs, spices and gems of the East.

Colóquios dos Simples is a thorough review of the state of knowledge in Europe on the history, properties, uses, origin, and trade of the leading Asian commodities. For each dialogue, the two physicians argued and debated with each other. Ruano, the doctor who had recently arrived in Goa, relied on the word of the Greek scholars. While familiar with them, Orta also often contested them, as he turned to Arabic sources. He put value on the examination of the products kept in his office and the news from his informers. Drawing upon the extensive clinical experience he had obtained in the East, Orta paid attention to the practices of local physicians, from whom he learnt the names, application and usefulness of numerous Indian drugs.

Showing unusual intellectual autonomy, Orta dared to question the accepted medical and botanical body of knowledge. Among many other Asian products, he validated new knowledge regarding cinnamon, pepper, ginger, clove, and nutmeg. He described fruit as delicious as mango, durian, carambola, jackfruit, Indian coffee plum, jambolan, mangosteen, →

Coloquios dos simples, e
drogas he cousas medicinais da India, e
alsi dalgũas frutas achadas nella onde se
tratam algũas cousas tocantes a medicina,
pratica, e outras cousas boas, pera saber
cõpostos pello Doutor garçia dorta : fisico
del Rey nosso senhor, vistos pello muyto
Reuerendo senhor, ho liçençiado
Alexos diaz : falcam defenbar-
gador da casa da supricaçã
inquisidor nestas
partes.

¶ Com priuilegio do Conde visõ Rey.

Im presso em Goa, por Ioannes
de endem as x. dias de
Abril de 1563. annos.

*Coloquios dos simples, e drogas he cousas
medicinais da India*

Garcia da Orta

1563

Lisboa: Academia das Ciências de Lisboa,

1963 (facsimile)

Impresso sobre papel

33 x 22 cm

Colecção Sérgio Moreno, Lisboa

*Coloquios dos simples, e drogas he cousas
medicinais da India*

Garcia da Orta

1563

Lisboa: Academia das Ciências de Lisboa,

1963 (facsimile)

Impresso sobre papel

33 x 22 cm

Sérgio Soares collection, Lisbon

Atestando uma invulgar autonomia intelectual, Garcia de Orta ousou questionar o conhecimento médico-botânico em circulação. De entre os muitos produtos asiáticos que abordou, validou um novo saber sobre canelas, pimentas, gengibre, cravo ou noz-moscada; descreveu deliciosas frutas como mangas, duriões, carambolas, jacas, jangomas, jambolões, mangustões, brindões ou líchias; testemunhou a sua confiança na eficácia terapêutica de drogas “novas” como a raiz-da-China ou os bezoares; apresentou plantas extraordinárias como a árvore-triste ou a erva-viva. Atendeu ainda às qualidades das pérolas e pedras preciosas, realçou a relevância do uso dos diamantes, esmeraldas, rubis, safiras, jacintos ou granadas e manifestou a sua confiança nas propriedades dos exsudados de aloés ou de gomas e resinas como o âmbar, o ópio, o benjoim, o incenso, a mirra, a laca ou a cânfora.

Referindo-se, ao longo da obra, à importância do comércio de cavalos que, provenientes dos portos do Golfo e da costa do actual Oman eram destinados aos mercados da costa ocidental da Índia, Orta destacou produtos como o esquinanto. Segundo o médico, a palha desta erva proveniente de Mascate, — “o esquinanto nasce em grande soma na Arábia, *scilicet*, em Mascate e Calaiate” (Colóquio 52^o) — era colocada no fundo das embarcações que transportavam cavalos, para as manter limpas. Zelando pela saúde e higiene dos animais, os mercadores evitavam, assim, a deterioração de tão valiosa carga. Ao longo da obra, Orta referiu-se ainda a outros produtos despachados a partir do porto de Mascate, nomeadamente o amomo e algumas gomas e resinas produzidas na península arábica.

Revelando um optimismo contagiante na sua capacidade de dominar a torrente de novidades sobre a natureza das Índias Orientais que então se desvelava, Orta não se coibiu de afirmar “O que hoje não sabemos, amanhã saberemos” (Colóquio 18^o)

Saída dos prelos goeses em 1563, a obra desembarcou em Lisboa no final do ano seguinte. Para a rápida divulgação europeia do saber contido neste tratado, muito contribuiu a versão latina de Clusius que, até finais de Quinhentos, publicou sucessivas edições e comentários ao *Aromaticum, et simplicium* (Antuérpia, 1567). Desta obras foram feitas versões italianas e francesas que muito contribuíram para a difusão do saber reunido por Orta. Também as obras dos médicos João Fragoso, *Discurso de las plantas aromáticas* (Madrid, 1572) e de Cristóvão da Costa, *Tractado de las Drogas, y medicinas de las Indias Orientales* (Burgos, 1578), assim como a versões latinas, italianas e francesas de que foram alvo, contribuíram para a difusão do saber veiculado pelo físico português. Até finais do século XVI, as novidades sobre os recursos naturais da Ásia divulgadas por *Colóquios dos Simples*, tiveram ampla circulação na Europa e foram alvo de inquestionável interesse. [Teresa Nobre de Carvalho]

kokum fruit and lychee. He testified to his confidence in the therapeutic efficacy of ‘new’ drugs such as China root and bezoars. He introduced unusual plants, such as the night-flowering jasmine and erva-viva (likely *Mimosa pudica* L.). Finally, he paid attention to the characteristics of pearls and precious stones, stressed the significance of the use of diamonds, emeralds, rubies, sapphires, hyacinths and garnets, and expressed confidence in the properties of aloe exudates and gums and resins, such as amber, opium, benzoin, frankincense, myrrh, lacquer and camphor.

His work refers throughout to the importance of the horse trade. Arriving from the ports of the Gulf and the coast of what is now Oman, horses found a way to the markets on the west coast of India. Camel grass (*Cymbopogon schoenanthus*, (L.) Spreng, called esquinanto) is widely mentioned. According to Orta, the straw of this herb originating from Muscat (‘camel grass grows in large quantities in Arabia, namely in Muscat and Qalhat’: Dialogue 52) was decked aboard the ships carrying horses to keep them clean. By ensuring animal health and hygiene, the merchants avoided the deterioration of such valuable cargo. Throughout *Colóquios*, Orta refers to other products dispatched from the port of Muscat, namely amomum and certain gums and resins grown in the Arabian Peninsula.

Orta’s optimism in his ability to master the torrent of news about the natural world of the East Indies is infectious. He does not shy away from stating: ‘What we do not know today, tomorrow we will’ (Dialogue 18).

Colóquios dos Simples was printed in Goa in 1563, making its way to Lisbon at the end of the following year. A Latin version, Clusius’s *Aromaticum, et simplicium* (Antwerp, 1567), contributed significantly to quickly disseminating across Europe the treatise and the body of knowledge it contained. Before the end of the 16th century, Clusius had already published several editions and commentaries. Italian and French versions were also made, making an important contribution to disseminating the knowledge garnered by Orta. The works of the physicians João Fragoso (*Discurso de las plantas aromáticas*, Madrid, 1572) and Cristóvão da Costa (*Tractado de las Drogas, y medicinas de las Indias Orientales*, Burgos, 1578), as well as their Latin, Italian and French versions, also contributed to making the work of the Portuguese physicist more amply known. Before the 17th century, the novelties regarding the natural resources of Asia, as disseminated in *Colóquios dos Simples*, circulated widely in Europe and unquestionably had become a subject of interest. [Teresa Nobre de Carvalho]

Natural de Arras (França), Clusius (1526–1609) foi um dos mais destacados botânicos europeus do século XVI. Particularmente atento aos recursos naturais das Índias Orientais, Ocidentais e do Levante, ao longo de toda a sua vida, criou, centralizou e geriu uma importante rede epistolar através da qual recolheu notícias e espécimes e divulgou informações relativas à natureza extra-europeia então conhecida.

Nos anos 1564–1565 acompanhou, enquanto tutor, o jovem Jacob Függer, numa viagem pela Península Ibérica. Um dos objectivos desta expedição era contactar com académicos e apresentar a este sucessor do emporio dos banqueiros de Augsburg, feitores e agentes comerciais, sábios e fidalgos peninsulares. O outro era proceder ao levantamento, tão exaustivo quanto possível, de endemismos da flora ibérica assim como exotismos ali aclimatados. Um volume sobre as riquezas florísticas peninsulares viria a ser publicado em Antuérpia, em 1576: *Rariorum aliquot Stirpium per Hispanias observatarum Historia*. No seu plano estaria também, certamente, a visita à Casa da Índia, em Lisboa ou à Casa da Contratación, de Sevilha. O contacto com os recursos naturais das Índias ali descarregados, permitiriam ao botânico ter uma mais íntimo conhecimento das mercadorias ultramarinas.

Foi durante a sua passagem por Lisboa que Clusius se deparou com um exemplar de *Colóquios dos Simples e Drogas e Coisas Mediciniais da Índia* (Goa, 1563), obra da autoria de Garcia de Orta que teria desembarcado em Lisboa no final de 1564. Tendo-se apercebido do valor das informações que o volume veiculava, de imediato se empenhou a fazer uma versão latina, revista, comentada e ilustrada.

Assim, adaptando o texto de Garcia de Orta aos interesses dos leitores do Norte da Europa, trouxe a público *Aromatum et Simplicium* (Antuérpia, 1567), uma versão latina do texto do médico português. Nesta edição, com uma tiragem de 1250 exemplares (a que outras versões mais completas se sucederam, nomeadamente em 1574 e 1593), dividiu os temas tratados por Orta em dois livros: *Aromatum et Simplicium aliquot medicamentorum apud Indos Nascentium Historia* (Histórias dos aromas e dos medicamentos simples) no qual reuniu os capítulos dedicados às gomas e resinas, madeiras e cascas, frutos e sementes, ervas e plantas da Ásia e *Indicarum aliquot plantarum historiae* (Histórias de algumas plantas índicas), que dedicou, de forma especial, ao estudo das frutas asiáticas. Para além da reorganização dos conteúdos, o botânico incluiu comentários e várias ilustrações de produtos asiáticos à venda no mercado de Antuérpia tais como: a laca, o bedélio, os paus e folhas de caneleira, os ramos, botões florais e frutos do cravo-da-Índia, os frutos de pimenta preta, os anacardos e cajús. O imenso interesse da informação médico-botânica veiculada por *Aromatum et Simplicium* ficou bem patente pelas sucessivas edições, comentários e versões da obra que, ao longos dos séculos XVI-XVII foram difundidos na Europa. Para além das versões das obras de Garcia de Orta, Clusius publicou também versões latinas das obras de Cristóvão da Costa, *Aromatum et medicamentorum*, Antuérpia, 1582; Nicolas Monardes, *De Simplicibus medicamentis...* Antuérpia, 1574 e Pierre Belon du Mans, *Plurimarum singularum et memorabilium rerum in Graecia, Asia, Aegypto, Iudaeo Arabia, allisque exteris provinciis...* Os diversos tratados publicados durante a sua vida foram compilados em duas grandes obras publicadas em Leiden: *Rariorum plantarum historia*, 1601 e *Exoticorum libri decem*, 1605. [Teresa Nobre De Carvalho]

Born in Arras (France), Clusius (1526–1609) was among the foremost European botanists of the 16th century. Particularly interested throughout his life in the natural resources of the East and West Indies and the Far East, he was at the core of an important epistolary network, through which news and natural specimens from outside Europe were collected and information about them disseminated.

During 1564–1565, he was tutor to a young Jacob Függer while on a journey around the Iberian Peninsula. One aim of this ‘expedition’ was to make contact with scholars and introduce Jacob — heir to the Augsburg emporium of bankers, factors and commercial agents — to Iberia’s wisest and noblest individuals. The other aim was to conduct a survey, as exhaustive as possible, of the endemic Iberian flora as well as of the exotic species that had successfully acclimatised. The result of that survey came to be published in Antwerp in 1576, as *Rariorum aliquot Stirpium per Hispanias observatarum Historia*. A visit to the Casa da Índia in Lisbon and the Casa da Contratación in Seville had also been planned. Contact with the natural resources of the Indies arriving at the two warehouses would allow the botanist to inspect such items more closely.

During his stay in Lisbon, Clusius came across a copy of *Colóquios dos Simples e Drogas e Coisas Mediciniais da Índia* (Goa, 1563), by Garcia de Orta, who returned to Lisbon from Goa probably in late 1564. Having realised the importance of that piece of work, Clusius immediately made a revised, commented and illustrated Latin version of it.

Having adapted Garcia de Orta’s text to the interests of Northern European readers, he published it in Latin under the title *Aromatum et Simplicium* (Antwerp, 1567), with a print run of 1,250 copies, followed by more complete versions (in 1574 and 1593). It divided into two books the topics treated by Orta: *Aromatum et Simplicium aliquot medicamentorum apud Indos Nascentium Historia* (History of aromas and simple medicines), which brought together the chapters on Asian gums and resins, woods and barks, fruits and seeds, and herbs and plants, and *Indicarum aliquot plantarum historiae* (Histories of some Indian plants), on the fruits found in Asia. In addition to reorganising the contents, the botanist included commentaries and several illustrations of Asian products on sale in the Antwerp market, such as lacquer, bdellium, cinnamon sticks and leaves, clove branches, flower buds and fruits, black pepper fruits, *anacardos* and cashew nuts. The immense interest in the medical-botanical information conveyed in *Aromatum et Simplicium* was clearly shown by the successive editions, commentaries and versions of the work that were published in Europe during the 16th and 17th centuries. Besides the versions he made of the works by Garcia de Orta, Clusius also published Latin versions of treatises by Cristóvão da Costa (*Aromatum et medicamentorum*, Antwerp, 1582), Nicolas Monardes (*De Simplicibus medicamentis...*, Antwerp, 1574), and Pierre Belon du Mans (*Plurimarum singularum et memorabilium rerum in Graecia, Asia, Aegypto, Iudaeo Arabia, allisque exteris provinciis...*). The various treatises published during his lifetime were compiled into two major works, both published in Leiden: *Rariorum plantarum historia*, in 1601, and *Exoticorum libri decem*, in 1605. [Teresa Nobre de Carvalho]

A R O M A T V M,
ET
S I M P L I C I V M A L I Q V O T
M E D I C A M E N T O R V M A P U D
I N D O S N A S C E N T I V M
H I S T O R I A :

Ante biennium quidem Lusitanica lingua per
Dialogos conscripta, D. GARCIA AB
HORTO, Proregis Indiæ Medico, auctore:

Nunc verò primùm Latina facta, & in Epitomen
contracta à CAROLO CLVSIO Atrebate.



ANTVERPIÆ,
Ex officina Christophori Plantini,
cIo. Io. LXVII.
CVM PRIVILEGIO

73

*Aromatum et Simplicium aliquot medicamentorum
apud Indios nascentium historia*

Carolus Clusius

Antuérpia: Christophe Plantin 1567.

Impresso sobre papel

15,6 x 10,5 cm

Colecção Sérgio Moreno, Lisboa

*Aromatum et Simplicium aliquot medicamentorum
apud Indios nascentium historia*

Carolus Clusius

Antwerp: Christophe Plantin 1567

Printed on paper

15,6 x 10,5 cm

Sérgio Moreno collection, Lisbon

Sabe-se muito pouco sobre a vida de Cristóvão da Costa/Christobal Acosta y Boaventura (c. 1525–c.1594). Alguns autores situam a sua terra natal no Norte da África, outros identificam Cabo Verde como arquipélago de origem. Dos seus estudos, apenas podemos afirmar que cursou medicina e cirurgia. A sua fluência em castelhano permite-nos supor que frequentou universidades espanholas. Partiu a 7 de Abril de 1568 para o Oriente, como *físico* ou cirurgião da armada que levou para Goa o Vice-Rei da Índia, D. Luís de Ataíde (1568–1572) e que ali aportou em Setembro do mesmo ano. Durante a sua permanência na Ásia participou nas expedições e campanhas organizadas ou comandadas pelo governante. Da passagem do médico por terras orientais pouco se pode precisar. Têm sido referidas peregrinações à longínqua China, Pérsia, Damasco, Jerusalém ou Cairo. Das palavras de Cristóvão da Costa não se consegue estabelecer um percurso definitivo. Aparentemente acompanhou Martim Afonso de Miranda na esquadra que atravessou o Mar do Malabar com o objectivo de o libertar dos muitos navios piratas que ali se posicionavam. Foi feito prisioneiro em Cranganor, facto que o impediu de cumprir o desejo de viajar até ao golfo de Bengala. No final de 1569 estava destacado no Hospital Real de Cochim tendo, nesta ocasião, tratado o Rei de Cochim. Em 1571 regressou a Goa e, meses mais tarde, encontrava-se em Tanor. Daí dirigiu-se a Cochim de onde embarcou na viagem de regresso ao Reino. Supõe-se que, em 1572, o médico acompanhou o Vice-Rei na sua viagem de regresso a Lisboa. Com todas estas deambulações asiáticas em tão pouco tempo, parece-nos que dificilmente teria tido ocasião de alcançar a longínqua China.

Em Abril de 1576, assinou contrato por três anos com o Senado de Burgos — cidade do Norte de Espanha que o acolheu como médico municipal. Foi ali que publicou *Tractado de las drogas, y medicinas de las Indias Orientales, com sus plantas debuxadas al bivo por Christoval Acosta medico y cirurjano que las vio ocularmente*. (Burgos, 1578).

Neste volume, o físico português reuniu as mais actualizadas notícias sobre as drogas, especiarias e produtos utilizados na Índia, na medicina, culinária ou produção têxtil. Amplamente baseada na obra do médico português Garcia de Orta, *Colóquios dos Simples e Drogas e Coisas Mediciais da Índia* (Goa, 1563). O tratado de Costa revelava, no entanto, uma novidade absoluta na Europa de Quinhentos: a ilustração feita “ao vivo” das plantas asiáticas ali descritas. Este aperfeiçoamento, do qual Costa não prescindiu trouxe, pela primeira vez à Europa, as imagens das plantas Orientais desenhadas por testemunhas oculares. Partindo da obra de Orta, Cristóvão da Costa analisou as qualidades e usos das principais drogas e especiarias asiáticas, como a canela, a pimenta, a noz-moscada, o cravo ou o gengibre mas também numerosas gomas, frutas e madeiras indianas, descritas por Orta e usadas na medicina local. Homem profundamente curioso, incluiu no seu tratado descrições textuais e gráficas de plantas desconhecidas na Europa: frutos provenientes das Américas — ananás e cajús — ervas, frutos e madeiras chegados das ilhas de Maluco, plantas como a moringa, com valiosas qualidades terapêuticas, etc.

Publicado em Burgos, num momento em que as ligações dos castelhanos com a Ásia se haviam regularizado através das viagens do Galeão que ligava Manila a Acapulco, o tratado possibilitou, a castelhanos e portugueses, uma mais clara apropriação do saber relativo aos recursos naturais

Not much is known of the life of Cristóvão da Costa/Christobal Acosta y Boaventura (c. 1525–c. 1594). Some authors believe he was born in North Africa, others in Cape Verde. His fluency in the Castilian language makes it likely that he attended university in Spain. For sure, he studied medicine and surgery. He left for the East on 7 April 1568 as a physician or surgeon in the armada of the 10th viceroy of India, Luís de Ataíde (r. 1568–1572), arriving in Goa in September. During his stay in Asia, he participated in the expeditions and campaigns organised and commanded by Ataíde. Little is known about Cristóvão da Costa’s travels in the East, but it is possible he visited distant China, Persia, Damascus, Jerusalem and Cairo. From his own words a definitive route cannot be established, either. Apparently, he accompanied Martim Afonso de Miranda in a squadron to free the Malabar Sea from the many pirate ships stationed there. He was taken prisoner at Kodungallur, which prevented him from fulfilling the wish to see the Gulf of Bengal. At the end of 1569, he was stationed at the royal hospital in Cochim, where he treated the local king. In 1571, he returned to Goa and, a few months later, could be found in Tanur (India). From there, he returned to Portugal, calling first at Cochim. It is assumed that, in 1572, he accompanied Viceroy Luís de Ataíde on his return to Lisbon. Considering these wanderings in Asia in such a short time, it would appear that he would hardly have had the occasion to reach far-off China.

In April 1576, he signed a three-year contract with the senate of Burgos, to act as a municipal physician in that northern Spanish city. In Burgos, he published *Tractado de las drogas, y medicinas de las Indias Orientales, com sus plantas debuxadas al bivo por Christoval Acosta medico y cirurjano que las vio ocularmente* (1578).

The treatise collected the most recent notices on the drugs, spices and products used in India, namely in medicine, cooking and textile production. Costa’s treatise was largely based on the work of the Portuguese physician Garcia de Orta, *Colóquios dos Simples e Drogas e Coisas Mediciais da Índia* (Goa, 1563). However, it was absolutely novel in the context of 16th-century Europe, in that it contained drawings of the Asian plants described. Such a refinement introduced Europeans to images of eastern plants as drawn by eyewitnesses. Based on Orta’s work, Cristóvão da Costa analysed the qualities and uses of the main Asian drugs and spices, such as cinnamon, pepper, nutmeg, clove and ginger, but also numerous gums, fruits and Indian woods, which Orta had already described and were used in local medicine. Inquisitive as he was, Costa included in the treatise textual and graphic descriptions of plants previously unknown in Europe: fruits from the Americas (pineapples and cashew nuts), herbs, fruits and woods from the Moluccas, plants such as moringa whose therapeutic qualities were highly valued.

Published in Burgos at a time when Castilian connections with Asia had become regular, thanks to the galleon route operating between Manila and Acapulco, the treatise provided both the Castilians and Portuguese with a more exact knowledge of the natural resources of Asia, and updated and complemented the scientific information they already knew. *Tractado de las Drogas* was translated into Italian and printed in the Venice workshops of Francesco Ziletti as *Della Historia, natura et virtu delle droghe medicinali...* (1585 and 1589). It was adapted and com- →

[74] →

asiáticos, e actualizou e complementou a informação de cariz científico então em circulação. O *Tractado de las Drogas* foi integralmente traduzido para italiano e publicado nas oficinas de Francesco Ziletti (*Della Historia, natura et virtu delle droghe medicinali...* Veneza, 1585 e 1589) e adaptado e comentado por botânicos e boticários flamengos e franceses (Clusius, *Aromatum ☉ medicamentorum...* Antuérpia, 1582 ou *Traité des drogues et médicaments qui naissent aux Indes...* Lião, 1602 e 1619). Tal facto permitiu-lhe alcançar grande difusão e inegável autoridade na Europa dos séculos XVI-XVII. [Teresa Nobre De Carvalho]

mented on by Flemish and French botanists and apothecaries, namely Clusius, as *Aromatum ☉ medicamentorum...* (Antwerp, 1582), and *Traité des drogues et médicaments qui naissent aux Indes...* (Lyon, 1602 and 1619). This made Costa amply known to 16th and 17th century Europe as an authority on the subject. [Teresa Nobre de Carvalho]



74

Tractado de las drogas, y medicinas de las Indias Orientales, con sus plantas debuxadas al vivo.

Cristóvão da Costa

Burgos: por Martín de Victoria, 1578.

Impreso sobre papel

12,5 x 18 cm

Biblioteca Geral da Universidade de Coimbra (Portugal), R-40-14

Tractado delas [sic] drogas, y medicinas de las Indias Orientales, con sus plantas debuxadas al vivo

Cristóvão da Costa

Burgos: Martín de Victoria, 1578

Printed on paper

12,5 x 18 cm

Biblioteca Geral da Universidade de Coimbra (Portugal), R-40-14

Duarte Gomes de Solis (1561/1562–1632, Lisboa) foi um mercador cristão-novo e um homem de negócios abastado. Na Índia, onde esteve entre finais do século XVI e início do século XVII, foi correspondente de alguns dos maiores contratadores da pimenta, portugueses e estrangeiros. Em 1612, estabeleceu-se na corte, em Madrid, a partir de onde escreveu um conjunto de textos que pretendiam aconselhar os decisores políticos, sobretudo em matérias de economia e comércio. A experiência adquirida na Índia, bem como o seu apurado sentido de observação, proporcionaram-lhe um conhecimento vasto sobre a realidade política e económica dos espaços ultramarinos nos primeiros anos do século XVII, e foram várias as vezes em que textos de sua autoria encontraram eco junto de importantes personalidades da política da monarquia. Nos seus escritos, o mercador cristão-novo sublinhava a importância da sua experiência em contraste com a ciência dos letrados e outros indivíduos que agiam directamente sobre a política da monarquia sem nunca terem saído da corte. Considerando-se a ele próprio um arbitrista, publica *Os Discursos sobre los comércios de las dos Indias* em 1622, um texto com 256 fólhos, onde pretendia alertar para o “*quam peligrosas estavam las cosas de la India*” (*Discursos*, Prologo), pela falta de gente e pela ameaça crescente dos holandeses. É um texto que se foca, sobretudo, nos territórios ultramarinos portugueses na Ásia e no seu comércio, mas que abrange também os territórios ultramarinos castelhanos na região, nomeadamente as Filipinas. Ao longo do texto, Duarte Gomes de Solis dá vários conselhos sobre tudo aquilo que importava ao comércio da Índia, desde as armadas às técnicas de navegação, passando pela gestão financeira, pelos vários produtos asiáticos e pelos territórios sobre os quais Portugal mantinha algum tipo de controlo, tecendo múltiplos comentários sobre o estado em que eles se encontravam. As áreas que os portugueses controlavam no Golfo, e as relações políticas e comerciais com as potências regionais, ocupavam, naturalmente, um lugar importante nos seus textos.

Solis defendia que os portugueses não tinham sabido ser nem mercadores, nem senhores da Índia. Céptico em relação aos efeitos da união das coroas de Portugal e de Castela neste comércio, aponta-a como uma das causas para a crise vivida por Portugal nos seus territórios ultramarinos, responsabilizando-a pelos ataques de ingleses e holandeses aos territórios sob o jugo português. Alguns anos mais tarde, porém, na sua *Alegación en favor de la Compañía de la India Oriental y Comercios Ultramarinos que de nuevo se instituyó en el Reino de Portugal* (1628), viria a propor uma união de armas, para que se juntassem “*todos los señoríos de España, para que veamos grandes armadas en nuestros mares, a poder juntarse, y salir de Lisboa*” (*Alegación* 1628: 47). A boa recepção e o sucesso dos textos de Duarte Gomes Solis têm uma explicação simples. Todo este período, desde o seu regresso a Lisboa à sua mudança para Madrid e os anos que se seguiram, foi propício a advertências e propostas sobre os grandes problemas e desafios da monarquia. O império ultramarino português e os seus diferentes territórios ocupavam um lugar importante neste vasto leque de problemas e desafios, entre os quais se contavam o conflito no Golfo e a perda de Ormuz, em 1622. A opinião e experiência de indivíduos como Duarte Gomes Solis eram fortemente desejadas na corte, independentemente da sua condição de cristão-novo, de mercador ou de arbitrista e dos privilégios que ele subtilmente esperava em retorno. [Graça Almeida Borges]

Duarte Gomes de Solis (1561/1562–1632, Lisbon) was a *converso* merchant and wealthy businessman. Having operated in India between the late sixteenth and early seventeenth centuries, he was a correspondent to some of the largest Portuguese and foreign pepper contractors. In 1612, he settled at the Madrid court, where he would write several texts intending to advise decision-makers, especially on matters relating to economics and trade. The experience he gained in India, as well as his keen sense of observation, afforded him vast knowledge of the political and economic overseas reality in the early seventeenth century, and his texts often resonated with key political figures within the monarchy. In his writings, de Solis stressed the importance of his experience in contrast to the opinions of scholars and other individuals acting directly on the monarchy’s policies, however without ever having left the court. Considering himself an ‘arbitrista’, he published *Discursos sobre los comércios de las dos Indias* in 1622, a text made up of 256 folios in which he sought to warn about ‘how dangerous the matters of India are’ (*Discursos*, ‘Prologo’), due to the lack of residents and the growing threat of the Dutch. The text mainly focuses on the Portuguese trade and territories in Asia but also covers the Spanish overseas territories in there, specifically the Philippines. Throughout the text, Duarte Gomes de Solis gives various pieces of advice on everything that mattered to trade in India, namely the condition of the fleet, navigation techniques, financial management, and the various Asian products and territories over which Portugal exerted any kind of control, making multiple comments on their state of affairs. The areas that the Portuguese controlled in the Gulf and Portugal’s political and commercial relations with regional powers naturally occupy an important place in the text.

Solis argued that the Portuguese had failed to be accomplished merchants and lords of India. Sceptical about the effects of the union of the crowns of Portugal and Spain (1580-1640) on the trade, he pointed to the union as a cause of the crisis Portugal was experiencing in its overseas territories, blaming it for attacks suffered from the English and Dutch on the territories under Portuguese rule. A few years later, however, in his *Alegación en favor de la Compañía de la India Oriental y Comercios Ultramarinos que de nuevo se instituyó en el Reino de Portugal* (1628), he would propose a military union, one to bring together all of the Iberian Peninsula’s forces ‘so that we may see great armadas in our seas, which may join together and depart from Lisbon’ (*Alegación*, p. 47). The favourable reception and success of Duarte Gomes Solis’ texts have a simple explanation. The whole period, from his return to Lisbon to moving to Madrid and the years that followed, was ripe with warnings and proposals relating to the significant problems and challenges faced by the monarchy. The Portuguese overseas empire and its various territories occupied an important place in this wide range of problems and challenges, among which were the conflict in the Gulf and the loss of Hormuz in 1622. The opinion and experience of individuals like Duarte Gomes Solis were coveted at court, regardless of the author’s status as a *converso*, merchant and *arbitrista*, and the privileges he subtly expected in return. [Graça Almeida Borges]

DISCURSOS
SOBRE LOS COMERCIOS
DE LAS DOS INDIAS, DONDE
se tratan materias importantes de Esta-
do, y Guerra.

DIRIGIDO A LA SACRA
y Católica Magestad del Rey don Felipe de castela.
Quarto año de su señoría.

AVTOR DVARTE GOMEZ,
natural de la Ciudad de Lisboa.



Año M.DC. XXII.

Discursos sobre los comercios de las dos Indias.

Duarte Gomes de Solis

Portugal (?), 1622

Impresso sobre papel

13 x 19,5 cm

Biblioteca Geral da Universidade

de Coimbra (Portugal), R-42-5

Discursos sobre los comercios de las dos Indias.

Duarte Gomes de Solis

Portugal (?), c. 1622

Printed on paper

13 x 19,5 cm

Biblioteca Geral da Universidade

de Coimbra (Portugal), R-42-5

A participação dos portugueses no comércio do Golfo implicou, à semelhança do que aconteceu no restante espaço do Índico-Pacífico, uma adaptação às condições dos mercados, quer nos meios quer nas formas. Uma das questões mais relevantes diz respeito à aprendizagem das formas de pagamento e de pesagem e medições dos diversos produtos comercializados, que variavam conforme o espaço de atuação. Assim, as medições utilizadas nas feitorias e fortalezas da costa oriental de África eram diferentes das praticadas em Cochim ou em Goa, e estas diferiam das moedas, pesos e medidas do Golfo ou do sudeste asiático. Tendo em conta o vasto espaço geográfico por onde se moviam, os portugueses acabaram por registar todas estas diferentes formas de negociar. O documento que destacamos aqui, o *Livro dos pesos, medidas e moedas*, foi redigido em 1554, em Goa, por António Nunes, contador, que naquele momento servia de provedor dos “Contos e Fazenda da Índia”. O compilador do manuscrito dava conta, no final, de que as informações tinham sido retiradas de um “livro dos pesos, que anda nesta Casa [dos Contos], muito antigo”. Tinha ainda utilizado dados recolhidos por capitães, feitores e outros oficiais régios, e de “pessoas que trataram e andaram pelos ditos lugares, para mais certeza”. Assim, o *Livro* assumia uma posição de autoridade enquanto obra de referência para apoio às operações contabilísticas e financeiras dos Contos do *Estado da Índia*. Note-se que a preocupação em compilar este tipo de conhecimentos revela não apenas as dificuldades inerentes à estrutura económica e financeira do próprio *Estado da Índia*, dilatado no espaço, mas também a grande diversidade das suas operações comerciais. Para o Golfo, os dados reportam-se à fortaleza de Ormuz, recolhendo os pesos (como o bar/bahar e a *faraçola*) e as respetivas conversões (para quintais, arráteis, onças e outras medidas) das especiarias, como o cravo, da maçã, da noz-moscada, da canela ou da pimenta, bem como de outros produtos como o calaim, o beijoim, o aljôfar, o lacre, ou ainda de mantimentos comuns, como o arroz, o trigo e o azeite, entre tantos outros bens aí referidos. Quanto às formas de pagamento, o documento converte ainda o *xerafim de ouro*, a moeda mais relevante do Golfo, cujo peso e valor equivalia e rivalizava com o *ducado* italiano, o *português* cunhado em Portugal e os *Pardaus de São Tomé*, saídos principalmente em Goa. [Roger Lee de Jesus]

Participation in the Gulf trade led the Portuguese to adapt to market conditions, as was the case in the rest of the Indian-Pacific region, both in terms of means and form. One of the most relevant changes involved learning to pay, weigh, and measure the various products sold, which varied depending on geographical location. As such, the measurements used in the trading posts and fortresses on the east coast of Africa differed from those employed in Kochi and Goa, differing from the currencies, weights and measures in the Gulf and Southeast Asia. Due to the vast geographic area travelled, the Portuguese ended up registering all these different ways of negotiating. The document highlighted here, the *Book of Weights, Measures and Currency*, was written in 1554, in Goa, by António Nunes, an accountant then responsible for drafting the ‘Accounts and Finances of India’. The compiler of the manuscript realised, at the end, that the information had been taken from a ‘book of weights, which is in this House [of Accounts], and is very old’. He had also used data collected by captains, overseers (*feitores*), and other royal officials, as well as from ‘people who traded and were present in said places, for more certainty’. Thus, the *Book* took became as authoritative as a reference work, supporting the accounting and financial operations of the *Estado da Índia* accounts. It should be noted that the act of compiling this type of knowledge reveals not only the difficulties inherent to the economic and financial structure of the *Estado da Índia* itself, which was extensive in territory, but also the diversity of its commercial operations. Where the Gulf was concerned, the data refers to the Fortress of Hormuz, collecting the weight measurements used (such as the bar/bahar and *faraçola*) and respective conversions — for *quintais* (hundredweights), *arráteis* (pounds), *onças* (ounces) and other measures — of spices, such as cloves, apple, nutmeg, cinnamon and pepper, as well as other products such as *calaim* (a copper, tin, and lead alloy), benzoin, pearl beads, sealing wax, and even common foodstuffs such as rice, wheat, and olive oil, among many other goods referred to. As for the forms of payment, the document provides conversion details for the *gold xerafim*, the most relevant currency used in the Gulf, the weight and value of which was equivalent to (and rivalled with) the Italian ducat, the *português* minted in Portugal, and the *pardaus de São Tomé*, mainly produced in Goa. [Roger Lee de Jesus]

O reinado de D. Manuel I (r. 1495–1521) foi responsável por profundas reformas que unificaram diversos sectores da vida administrativa e institucional do reino português. Para além de um novo código de leis (as *Ordenações Manuelinas* e as *Ordenações da Índia*, por exemplo), da reforma dos forais e da compilação de registos da chancelaria (a *Leitura Nova*), este monarca conseguiu também avançar com a reforma dos pesos e medidas já tentada nos reinados de D. Afonso V (r. 1438–1481) e de D. João II (r. 1481–1495), mas nunca alcançada. Nos finais da Idade Média, Portugal continuava a ser um local de confluência de culturas seculares, onde as medidas e os pesos variavam regionalmente, conforme influências romanas, árabes ou já cristãs europeias. A base do sistema padronizado no reinado de D. Manuel I, baseado nas medidas de Lisboa, assentava no arrátel (0,459 kg) e nos seus respetivos múltiplos, dividindo-se em pesos maiores (com destaque para o quintal, com 58,7 kg), pesos grandes (com a arroba, de 14,688 kg), pesos médios (com o peso central do arrátel) e pesos pequenos (a onça, de 0,029 kg). Para assegurar uma padronização eficiente em todo o país foram produzidas caixas ou pilhas de pesos que servissem de medida padrão, sendo estas distribuídas pelos municípios. Neste contexto, foram produzidos três tipos de modelos: os de quintal, meio-quintal e arroba. Encomendados na Flandres, eram fundidos em bronze e aferidos pelas autoridades, e compostos por várias gamelas encaixadas umas nas outras, permitindo facilitar a multiplicação dos pesos. Como era próprio deste reinado, as pilhas eram ricamente ornamentadas com esferas armilares e escudos régios, remetendo simbolicamente para a autoridade do monarca, juntamente com uma inscrição que atestava a legitimidade da peça. Um novo regimento dos oficiais das cidades, vilas e lugares foi publicado originalmente em 1502, e em 1504 sairia dos prelos o regimento dos pesos, que seria distribuído de norte a sul do país, juntamente com as ditas pilhas. Apesar dos esforços, a padronização só seria completamente atingida no século XIX, com a introdução do sistema métrico decimal.

A pilha manuelina aqui em destaque, uma réplica, provavelmente produzida no século XX e proveniente de coleção privada, é de uma arroba e documenta este processo de reformas administrativas do reino português. Assim, esta peça é um testemunho relevante do quotidiano português do período moderno, quer em Portugal, quer nos diversos espaços do império, visto que a reforma dos pesos se estendeu a estes locais. É o caso de Goa, cuja Câmara Municipal enviou um representante a Lisboa, em 1520, para recolher os pesos que servissem de referência na capital do *Estado da Índia*. [Roger Lee de Jesus]

During the reign of King Manuel I (r. 1495–1521) substantial reforms were introduced which unified various sectors of administrative and institutional life in the Portuguese kingdom. In addition to a new code of law (the *Manueline Ordinances* and the *Ordinances of India*, for example), the reform of municipal charters and the compilation of chancellery records (the *Leitura Nova* collection), the monarch also proceeded with the reform of weights and measures, which had already been attempted during the reigns of King Afonso V (r. 1438–1481) and King John II (r. 1481–1495), but had never been accomplished. At the end of the Middle Ages, Portugal remained an area where centuries-old cultures still converged and weights and measures varied in different regions, according to Roman, Arab or European Christian influences. The system that was standardised during the reign of Manuel I, using Lisbon measurements, was based on the *arrátel* (or pound, weighing 0.459 kg) and its respective multiples, which were divided into larger weights (such as the quintal, or hundredweight, weighing 58.7 kg), heavy weights (the arroba, weighing 14.688 kg), medium weights (the most common being the *arrátel*) and small weights (the *onça*, or ounce, weighing 0.029 kg). To ensure efficient standardisation throughout the territory, boxes or sets of weights were manufactured to serve as standard measures and were distributed to the municipalities. Three types of models were produced: the quintal, half-quintal and arroba. Ordered from Flanders, they were cast in bronze and checked by the authorities, and consisted of a set of nested weights, thus facilitating measurements that required different multiples of weights. The weights were elaborately decorated with images of armillary spheres and royal shields, symbolic references to the authority of the crown which were typical of this reign, and bore an inscription testifying to the authenticity of the item. A new set of regulations for officials in cities, towns and settlements was published for the first time in 1502, followed by the regulations for weights in 1504, which would be distributed throughout the country from north to south, together with the sets. Despite these efforts, the standardisation process was only completed in the nineteenth century, with the introduction of the decimal metric system.

The Manueline set featured here, a replica which belongs to a private collection and was probably manufactured in the twentieth century, is a one-arroba set which documents this process of administrative reform in the kingdom of Portugal. It provides significant evidence of everyday Portuguese life in the Early Modern period, both in Portugal and in the various parts of its empire, given that the reform of weights also extended to these areas. In Goa, for example, the City Council sent a representative to Lisbon in 1520 to collect the weights that would serve as the standard for the capital of the *Estado da Índia*. [Roger Lee de Jesus]



Réplica de pilha manuelina de arroba

Portugal, século XX

Bronze

15 x 16 cm, c. 14 kg

Colecção particular, Lisboa

Replica of a Manueline set of arroba weights

Portugal, 20th century

Bronze

15 x 16 cm, c. 14 kg

Private Collection, Lisbon



77



77

Réplica de pilha manuelina de arroba
Portugal, século XX
Bronze
15 x 16 cm, c. 14 kg
Colecção particular, Lisboa
Replica of a Manueline set of arroba weights
Portugal, 20th century
Bronze
15 x 16 cm, c. 14 kg
Private Collection, Lisbon

A peça aqui em destaque é uma das mais importantes moedas cunhadas na história de Portugal e na história monetária da Europa. Trata-se do *Português*, moeda de prestígio, batida depois do regresso de Vasco da Gama da Índia, em 1499. Pesava cerca de 35,5 gramas, sendo quase ouro puro, e valia 10 *cruzados* (a moeda de ouro cunhada a partir do reinado de D. Afonso V (r. 1438–1481) e que fora criada para concorrer com os *ducados* italianos). A grande legenda do anverso, que ocupa duas linhas, revela de forma abreviada o título adotado por D. Manuel I (r. 1495–1521) depois da primeira viagem de Gama, e que indicava mais os espaços e as áreas que aspirava a controlar do que a efetiva extensão do seu poder: rei de Portugal e dos Algarves d'aquém e d'além mar em África, senhor da Guiné, da conquista, navegação e comércio da Etiópia, Arábia, Pérsia e Índia. Se nessa face a legenda rodeava as armas do reino, já no reverso encontra-se a cruz da Ordem de Cristo (da qual o rei era então administrador), ladeada pelo moto cristão *In hoc signo vinces* — com esta cruz vencerás. Tendo em conta a sua dimensão, esta foi a maior moeda de ouro cunhada na Europa durante várias décadas, tendo sido lavrada em Portugal nos reinados de D. Manuel I e do seu herdeiro, D. João III (r. 1521–1557). A fama e o prestígio desta moeda tiveram um impacto tal no espaço europeu que as suas características foram copiadas por várias cidades e principados da Alemanha, na Dinamarca, na Holanda e na Polónia, ficando conhecidos como *portugalóides* ou *portugalösers*. Tendo sido usada pelos portugueses no *Estado da Índia*, esta moeda usada ao mesmo tempo que outras enviadas do reino, mas também com as moedas que circulavam localmente e aquelas que eram cunhadas nas fortalezas portuguesa, mas com as características e o valor das moedas locais. Não obstante a grande diversidade do sistema monetário português nesse espaço do império, o *Português* é o exemplo da importante estrutura económica e financeira que sustentava esta presença no Golfo ou desde a costa oriental de África até ao Japão. [Roger Lee de Jesus]

The piece featured is one of the most important coins minted in the history of Portugal and European monetary history. It is the *português*, a prestigious coin produced following the return of Vasco da Gama from India in 1499. It weighed about 35.5 grams, having been made of almost pure gold, and was worth ten *cruzados* (this was the gold coin minted from the reign of King Afonso V (r. 1438–1481) onwards, done so to compete with the Italian ducat). The large inscription on the obverse, etched in two lines, reveals in abbreviated form the title adopted by King Manuel I (r. 1495–1521) after Gama's first voyage, and which provided more of an indication of the locations and areas he aspired to control than those effectively under his rule. It reads: 'King of Portugal and of the Algarves before and beyond the African sea, lord of Guinea, of the conquest, navigation and commerce of Ethiopia, Arabia, Persia, and India'. While on this side of the coin, the inscription was printed around the kingdom's coat of arms, the reverse displayed a cross of the Military Order of Christ (of which Manuel was head), flanked by the Christian motto *In hoc signo vinces* — With this sign, thou shalt conquer. This was the largest gold coin minted in Europe for several decades, having been produced in Portugal during the reigns of Manuel I and his heir, João III (r. 1521–1557). Its fame and prestige had such a significant impact on Europe as a whole that its characteristics were copied by several cities and principalities in Germany, Denmark, the Netherlands, and Poland, those coins becoming known as *portugalesers* or *portugalösers*. While in use by the Portuguese in the *Estado da Índia*, this coin was used alongside others sent from the mainland kingdom, besides coins that were used locally and coins minted in the Portuguese fortresses, which adhered to the characteristics of local coins and were worth the same. Despite the diversity of the Portuguese monetary system in this part of the empire, the *português* is a fine example of the economic and financial structure supporting the Portuguese presence from the east coast of Africa to Japan, which included the Gulf. [Roger Lee de Jesus]

Os primeiros relatos detalhados a chegar à Europa sobre as diversas origens, natureza e propriedades das gemas e os aspectos práticos do seu comércio intrarregional na Ásia são os de Tomé Pires (*Suma Oriental*, 1512–1515) e de Duarte Barbosa (*Livro*, 1516–1518), ambos traduzidos por Giovanni Battista Ramusio no seu *Delle navigationi et viaggi*, 1550–1559. Uma das mais importantes fontes portuguesas do século XVI sobre gemas e seu comércio, um manuscrito original da Biblioteca Nacional de Portugal (Lisboa), é um guia prático quanto à aquisição de pedras preciosas na Ásia que pode ser datado de meados do século XVI. Embora comparável a outros pequenos tratados coevos sobre o mesmo assunto, é único nas informações que fornece sobre as propriedades das pedras preciosas, seus depósitos, comércio e valor financeiro, além de simulantes e tratamentos artificiais. Mais do que um tratado bem estruturado, o manuscrito é, sobretudo, um guia prático sobre a identificação e aquisição de matérias preciosas nos mercados asiáticos, em grande parte pedras preciosas, destinado aos mercadores portugueses que viajam na *Carreira da Índia*. A segunda secção do guia, de maior extensão, é intitulada “Cousas de pedraria”. Esta parte é então subdividida por gema preciosa, a primeira e maior delas sendo dedicada aos diamantes. Aos diamantes sucedem-se rubis, espinelas, *balas*, esmeraldas, safiras, turquesas, olhos de gato, jacintos, granadas (e outras pedras), pedras de bezoar, jóias do Ceilão, pérolas e aljófares, seguidas por secções adicionais sobre aljófares. A ordem em que estas gemas são apresentadas reflecte o valor simbólico e comercial coevo; uma ordenação utilizada, com mais ou menos variações, noutros textos contemporâneos. Algumas das secções mais interessantes do manuscrito tratam de pérolas e aljófares, de forma tão detalhada e rica quanto a secção sobre diamantes lapidados e em bruto. No Renascimento Europeu, as pérolas provinham das pescarias do Golfo, Estreito de Manaar (Ceilão) e Mar Vermelho, mas também do “Novo Mundo”, das costas caribenhas da Venezuela e do Golfo do Panamá, exploradas a partir de 1535. As pérolas “orientais” eram produzidas principalmente pelas ostras perliíferas da espécie *Pinctada radiata* (e também *P. margaritifera*) raramente ultrapassando Ø 6 mm. Pérolas do “Novo Mundo”, encontradas dentro de espécies de *Pinctada sp.* de cor branca, como a *P. mazatlanica*, eram também de pequenas dimensões, raramente ultrapassando Ø 10 mm. Assim, a grande maioria das pérolas neste período, sempre escassas, teria cerca de Ø 2-3 mm. As pérolas abaixo de Ø 2 mm eram conhecidas em português por aljófar (*aljoffar* no manuscrito), do termo ormuziano para descrever pequenas pérolas, *al-Julfari* (da ilha de Julfar). O autor adverte o leitor sobre as dificuldades do comércio das pérolas, dado que comerciantes sem escrúpulos, observa ele, vendiam aljófares de maiores dimensões e perfeitamente redondos das “Antilhas de Castela” (as pescarias de pérolas do “Novo Mundo”), como se fossem pérolas da Índia (ou seja, as do Golfo) que, embora de menor dimensão, eram “orientais”. Assim como as esmeraldas, as pérolas do Novo Mundo eram pelo autor consideradas inferiores, menos perfeitas na forma e na cor, sendo menos brancas. O autor apresenta também tabelas de preços em quilates para pérolas e explica as formas locais como as pequenas pérolas eram classificadas e vendidas. [Hugo Miguel Crespo]

The first detailed accounts to reach Europe on the diverse origins, nature, and properties of gems and the practical and commercial aspects of its intraregional trade in Asia are those by Tomé Pires (*Suma Oriental*, 1512–1515) and Duarte Barbosa (*Livro*, 1516–1518), both translated by Giovanni Battista Ramusio in his *Delle navigationi et viaggi*, 1550–1559. One of the most important sixteenth-century Portuguese sources on gems and gem trade, an original manuscript in the Portuguese national library, Lisbon, is a practical guide for acquiring gemstones in Asia which may be dated to the mid sixteenth century. Although comparable to other contemporary small treatises on the subject, it is unique in the information it provides on gemstone properties, gem deposits, trade, and commercial value, and also gemstone simulants, and enhancements. More than a well-structured treatise, the manuscript is mostly a practical guide on the identification and acquisition of precious substances in the Asian markets, largely gemstones, aimed at Portuguese merchants travelling on the India Run. The second and largest part of the guide is titled “Cousas de pedraria” or “On gemstones”. This part is then subdivided by gemstone, the first and larger section devoted to diamonds. Diamonds are followed by rubies, spinels, *balas*, emeralds, sapphires, turquoises, cat’s-eyes, jacinths, garnets (and other stones), bezoar stones, gem-set trinkets from Ceylon, pearls and small pearls, followed by extra sections on small pearls. The order in which these gemstones are presented mirror their contemporary symbolic and commercial value and are used, with more or fewer variations, in other contemporary texts. Some of the most interesting sections of the manuscript deal with pearls and small pearls, a section which is as detailed and rich as the section on cut and rough diamonds. Pearl sources in the Renaissance included the Gulf fisheries, the Strait of Manaar (Ceylon) and the Red Sea, but also those of the “New World”, on the Caribbean coasts of Venezuela and the Gulf of Panama which became available from 1535 onwards. “Oriental” pearls were produced mostly by the *Pinctada radiata* pearl oysters (and also *P. margaritifera*) rarely surpassing Ø 6 mm. “New World” pearls, found inside a *Pinctada sp.* of white colour such as *P. mazatlanica*, were also small, unusually exceeding Ø 10 mm. Thus the vast majority of the always scarce pearls being about Ø 2-3 mm. Pearls below Ø 2 mm were known in Portuguese as *aljôfre* (*aljoffar* in the manuscript), from the Hormuzi term to describe small pearls *al-Julfari* (from the island of Julfar). The author admonishes the reader on the difficulties of the pearl trade, as unscrupulous merchants, he notes, sell large perfectly round *aljôfre* from the “Antilles of Castille” (the New World pearl fisheries), as if pearls from India (that is, the Gulf) which albeit smaller were ‘oriental’. As with emeralds, pearls from the “New World” were deemed inferior by the author, less perfect in shape and colour, being less white. He then gives price tables in carats for pearls and explains the local ways small pearls are sorted and sold. [Hugo Miguel Crespo]

As jóias representadas neste retrato da princesa D. Joana de Áustria (1547–1578), filha do imperador Carlos V, em particular as que decoram os seus cabelos, estão perfeitamente documentadas, tendo sido oferecidas pelo rei e pela rainha de Portugal D. João III (r. 1521–1557) e D. Catarina de Áustria (1507–1578) por ocasião do casamento de D. Joana com o príncipe D. João Manuel (1537–1554) em 1552, datando do ano seguinte esta pintura por Cristóvão de Morais. Decoram os cabelos da retratada uma larga douradura composta por entrançado de ouro com travessas de três pérolas, da qual pende uma jóia pendente (*joyel* em espanhol) composta por um enorme rubi barroco no topo e um grande diamante triangular em baixo, com uma enorme pérola pingente (c. 21 mm de diâmetro). A gema que mais sobressai pelo seu incrível tamanho é a pérola pingente deste *joyel* oferecido por D. João III. Embora pudessem existir outras pérolas de grande dimensão no tesouro real português, é possível identificar esta oferecida à princesa, com a pérola enviada pelo rei de Ormuz, Turan Shah IV (r. 1513–1522), a D. Manuel I (r. 1495–1521) e registada no inventário *post mortem* da sua guarda-roupa em 1522: *huũa perla muito grossa que mamdou el Rei d’Ormuz a quall pesou antes de ser furada duas oitavas e mea*. Recebida numa caixa de ouro de fabrico ormuziano decorada com uma turquesa ao gosto persa, a pérola vinha ainda sem furo, pesando então 44,79 ct. Foi depois furada e montada com perno de ouro esmaltado ainda em vida do rei, transitando depois para a guarda-roupa do filho, D. João III, em 1524. A partir desta data perde-se o trilho desta fabulosa gema dada a inexistência de inventários régios posteriores. No entanto, comparando a dimensão tal como estimada em c. de 21 mm de diâmetro no retrato de D. Joana, com a famosa pérola *Peregrina* de 25,5 mm e 51 ct de peso, podemos pensar num peso que facilmente se relaciona com uma pérola redonda de mais de 40 ct. É crível então, que fazendo parte, junto com um grande rubi e diamante, de uma jóia usada por D. João III, fosse esta a mesma pérola de Bahrein, passada de pai para filho, e agora oferecida à nova “filha” dos reis de Portugal. É possível que esta seja a pérola (junto com semelhante rubi e diamante) que surge representada em dois retratos de Ana de Áustria, quarta mulher de Felipe II de Espanha, por Sánchez Coello e datados de c. 1570, quando do seu casamento com o rei castelhano, dado que a nova rainha chegara à corte madrileña com poucas jóias, sendo-lhe emprestadas algumas, precisamente por D. Joana, irmã do rei castelhano. [Hugo Miguel Crespo]

The jewels depicted in this portrait of Princess Juana of Austria (1547–1578), daughter of the emperor Charles V, in particular those that decorate her hair, are perfectly documented, having been gifted by the king of Portugal João III (r. 1521–1557) and her wife Catarina of Austria (1507–1578) on the occasion of Joana’s marriage to Prince João Manuel (1537–1554) in 1552; this painting by Cristóvão de Morais dating from the following year. The princesses’ hair is decorated with a wide hair ornament (*douradura*) braided in gold with bars set with three pearls each, from which hangs a pendant jewel (*joyel* in Spanish). This comprises a huge baroque ruby above and a large triangular diamond below, with an enormous pendant pearl (c. 21 mm in diameter). The gem which stands out the most for its incredible size is the pendant pearl pendant of this *joyel* gifted by João III. Although there could be other large pearls in the Portuguese royal treasury, it is possible to identify this one given to the princess, with the pearl sent by the king of Hormuz, Turan Shah IV (r. 1513–1522) to Manuel I (r. 1495–1521) of Portugal. The pearl was recorded in the post mortem inventory of his wardrobe in 1522 as: *a very large pearl sent by the King of Hormuz which before drilled weighed two and a half oitavas*. Received in a gold box of Hormuzian manufacture decorated with a turquoise in the Persian style, the pearl was still undrilled and weighing 44.79 ct. It was then drilled and mounted with an enamelled gold stud during the king’s lifetime, then transferred to the royal wardrobe (*guarda-roupa*) of his son João III in 1524. There are no traces of this fabulous gem after this date as no extant later royal inventories survive for this period. Comparing its probable size, considering an estimated c. 21 mm in diameter as seen from the portrait of Juana of Austria, with the famous *Peregrina* pearl measuring 25.5 mm and weighing 51 ct, we may assume a weight for this round pearl exceeding 40 ct. It is likely that, alongside the large ruby and diamond set on a jewel used by João III, this is the same large Bahraini pearl passed from father to son and gifted to the new “daughter” of the Portuguese kings. This may be the pearl (along with a similar ruby and diamond) depicted in two portraits of Anna of Austria, the fourth wife of Philip II of Spain. These portraits were painted by Sánchez Coello around 1570 at the time of her marriage to the Spanish king. The new queen had arrived at the Madrid court with few jewels, some being lent to her precisely by Juana, sister of the Spanish king. [Hugo Miguel Crespo]



Retrato da princesa D. Joana de Áustria (1547-1578)

Cristóvão de Morais

Portugal, 1553

Pintura a óleo sobre tela

99 x 81,5 cm

Musées Royaux de Beaux-Arts

de Belgique, inv. 1296

Portrait of Joana of Áustria (1547-1578)

Cristóvão de Morais

Portugal, 1553

Oil painting on canvas

99 x 81,5 cm

Musées Royaux de Beaux-Arts

de Belgique (Brussels), inv. 1296

Pedras bezoar (da palavra árabe *bazahr*, derivada do persa *padzahr*, “antídoto”), potente remédio contra todos os venenos, peste, vermes, melancolia, loucura e febres malignas, na verdade concreções encontradas no sistema gastrointestinal dos animais, têm origem na cabra-selvagem ou bezoar (*Capra aegagrus*), antepassada da cabra doméstica. Avidamente procuradas pelos príncipes do Renascimento na Europa, que desembolsavam valores astronómicos por espécimes grandes e perfeitos, a sua popularidade agudizou-se com o comércio intercontinental entre a Europa e as Índias Orientais e Ocidentais durante a época dos Descobrimentos, tornando-se onipresente nas boticas particulares dos mais abastados nos inícios do século XVI. Enquanto os bezoares mais cobiçados tinham nas cabras iranianas a sua origem, comercializados em importantes portos marítimos como a Ormuz sob domínio português, muitos outros animais produziam semelhantes concreções, como vacas, ovelhas, macacos e até chimpanzés, por todo o globo, desde Malaca ao “Novo Mundo”. Sequiosamente coleccionados, eram também objecto de oferta. Em Julho de 1553 D. Catarina de Áustria (1507–1578), rainha de Portugal, enviava ao seu amado irmão, o imperador Carlos V (r. 1519–1556), então em Bruxelas, um bezoar com montagens de ouro. Por esta altura era certamente difícil para o imperador adquirir bons bezoares, algo ao alcance da sua irmã D. Catarina, cujo poder se estendia do Brasil ao Japão. Uma das primeiras representações de bezoares montados que, tal como estes dois exemplares, poderia ser suspenso em líquidos como antídoto ou simplesmente usado junto à pele, encontramos no inventário ilustrado das jóias (fl. 13v.) de Anna de Áustria (1528–1590), o chamado *Kleinodienbuch* (ca. 1552–1555) ou “livro de jóias”, pelo pintor de corte Hans Mielich (1516–1573). Um dos exemplares, com fio retorcido emoldurando a banda recortada com flores-de-lis, mostra sinais de ter sido bem raspado com limas metálicas. O pó seria misturado com um líquido resultando num tónico medicinal. [Hugo Miguel Crespo]

Bezoar stones (from the Arabic word *bazahr*, stemming from the Persian *padzahr*, “antidote”), were considered to be a potent remedy against all kinds of poisons, plague, worms, melancholy, madness, and malignant fevers, but are, in fact, concretions found in the gastrointestinal system of animals, and are obtained from the bezoar or wild goats (*Capra aegagrus*), the ancestors of domestic goats. Highly sought after by European Renaissance princes, who paid astronomical prices for large, perfect specimens, their popularity was heightened by intercontinental trade between Europe and the East and West Indies during the Age of Discoveries, and were ubiquitous in the private apothecaries of the wealthy since the 16th century. While the most coveted bezoars originated in Iranian goats, which were traded in important sea ports such as Portuguese-ruled Hormuz, many other creatures across the globe, from Malacca to the “New World”, produce such concretions, such as cows, sheep, monkeys and even some apes. Bezoars were avidly collected and also presented as gifts. In July 1553 Catarina of Austria (1507–1578), queen of Portugal sent a bezoar with gold mounts to her beloved brother the emperor Carlos V (r. 1519–1556) who was then in Brussels. At this early date it was certainly difficult for the emperor to procure fine bezoars, which were more within the reach of his sister Catarina, whose rule extended from Brazil to Japan. One of the earliest depictions of such mounted bezoars which, like the two present examples, might have been suspended in liquids as an antidote to poison, or simply worn next to the skin of its wearer, is found in the illustrated inventory of the jewellery (fol. 13v.) belonging to Anna of Austria (1528–1590), the so-called *Kleinodienbuch* (ca. 1552–1555) or “jewel book” by the court painter Hans Mielich (1516–1573). One of the examples, featuring twisted silver wire bordering a chisel-cut band with fleur-de-lis, shows signs of having been heavily scraped with metal files. The resulting powder would be mixed with a liquid medium to make a medicinal tonic. [Hugo Miguel Crespo]



Pendente (bezoar)
Europa, século XVII
Pedra bezoar, com montagens em prata
dourada
4,5 x 3,0 cm
Coleção Pedro Aguiar-Branco, Lisboa
Pendant (bezoar)
Europe, 17th century
Bezoar stone, with gilt silver mounts
4.5 x 3,0 cm
Pedro Aguiar-Branco Collection, Lisbon

Pendente (bezoar)
Europa, século XVII
Pedra bezoar, com montagens em prata
1,7 x 3,8 x 6,4 cm
Coleção Pedro Aguiar-Branco, Lisboa
Pendant (bezoar)
Europe, 17th century
Bezoar stone, with silver mounts
1,7 x 3,8 x 6,4 cm
Pedro Aguiar-Branco Collection, Lisbon

Este par de brincos, junto com este outro brinco com terminal em forma cabeça de serpente, foi resgatado em 1996 da nau Nossa Senhora dos Mártires que naufragou a 15 de Setembro de 1606 junto a São Julião da Barra em Lisboa. Tanto o precário estado de conservação, já sem qualquer vestígio de esmaltes, como o facto de ter sido encontrado num naufrágio da *Carreira da Índia*, contribuíram para afirmar tratar-se de uma obra indo-portuguesa, considerando-se o precioso par de brincos como uma obra de síntese artística entre Portugal e a Ásia. Na verdade, uma análise atenta deste par de brincos, e um outro par em colecção particular (ainda com muita da decoração esmaltada), que seguem a forma de lúnula típica das *arreçadas* ibéricas deste período, permite constatar estarmos em presença de uma produção europeia, já que se distanciam tanto em termos técnicos como estilísticos, das poucas jóias indo-portuguesas remanescentes. A parte superior, obtida por fundição, representa uma cabeça de jovem, com olhos redondos. A cabeça é sobrepujada por uma coroa de cinco pontas, cada uma tendo na origem sua pequena pérola (aljôfares), sendo debruada na base, também originalmente, por pequenas pérolas enfiadas em fio de ouro. O rosto, integralmente sulcado a buril por forma a melhor receber os esmaltes originais, apresenta em relevo, alteados, um “S” na face esquerda e uma seta com a ponta para cima na direita. A parte inferior, em chapa recortada tem a forma de uma lúnula, sendo articulada com a superior por uma argola. A lúnula apresenta fino desenho de *ferrouneries* de estilo maneirista com cinco círculos, cada um na origem com sua pérola (sobrevivem cinco num brinco, e apenas duas no outro). Da lúnula penderiam pequenas pérolas, à semelhança dos pingentes que ladeiam o rosto. Sabendo-se a sua datação aproximada, pode-se propor uma leitura iconográfica mais afinada para o par de brincos. Na verdade, se o “S” e a seta remetem para São Sebastião e o seu martírio, já que foi executado com flechas, já a coroa ajuda a identificar esta peça como uma alusão à figura do rei de Portugal D. Sebastião I (1554–1578), muitas vezes representado como o santo homónimo festejado no seu dia de nascimento, 20 de Janeiro. Também não devemos esquecer que na sua numismática, caso do vintém de prata (20 reais) ou nas moedas de um real (de cobre), figura proeminente no reverso um “S” coroado. E também que setas apontadas para baixo flanqueiam o escudo régio do anverso dos tostões de prata e de alguns S. Vicente de ouro, ou que setas cruzadas dentro de coroas figuram nos reversos das moedas de dois bazarucos (cobre) e meio bastião (prata) cunhadas em Goa. Esta iconografia, e clara simbologia sebástica, num período já de integração de Portugal na monarquia hispânica (desde 1581), contribuem para a extrema raridade e importância do presente par de brincos. E isto não apenas enquanto documento artístico, já que da joalharia renascentista portuguesa pouco ou nada restou, mas também como documento histórico e testemunho de um sebastianismo patriótico e de um sentimento de resistência nacional. Um dos aspectos mais interessantes destes brincos (par e brinco único) é o uso de pérolas e aljôfares, e dado o acesso privilegiado dos portugueses às pérolas do Golfo, através do controlo do reino de Ormuz, é muito provável que tenham essa origem. [Hugo Miguel Crespo]

This pair of earrings, alongside this loose earring terminating in a serpent’s head, was excavated in 1996 from the shipwreck of the carrack Nossa Senhora dos Mártires which foundered on 15th September 1607 near São Julião da Barra in Lisbon. Its poor state of conservation, without any of the original enamel intact, and the fact that it was found on a shipwreck of a carrack from the India Run (*Carreira da Índia*), helped to posit an Indo-Portuguese origin for these earrings. Moreover, this precious pair of earrings was considered to be a fine example of cross-cultural and artistic synthesis between Renaissance Portugal and Asia. In reality, an in-depth analysis of these two pairs of earrings, featuring the lunula which is typical of contemporary Iberian *arreçadas*, enables us to posit a European production, given the technical dissimilarities and differences in style with the few known surviving Indo-Portuguese jewels. The top section, produced by casting, depicts the head of a young man with round eyes. The head is surmounted by a crown of five points, each originally with a small pearl, with the edge also in origin decorated with small pearls. The face, fully carved with linear grooves to better receive the now lost enamels, features the letter “S” in high relief on the left cheek, and an upward pointing arrow on the right. The crescent-shaped lower section, in openwork sheet gold, is articulated with the top section by a linking ring. The lunula features a refined Mannerist decoration of *ferrouneries* with five circles, each of which was originally set with a pearl (five surviving on one of the earrings, and two on the other). From the lunula originally small pearl pendants, similar to those once flanking the face. Knowing its estimated date of production, a more accurate iconographic reading for the pair of earrings may be proposed. While the “S” and the upward pointing arrow point to Saint Sebastian, the martyr saint executed with arrows, the crown helps to identify this piece as an allusion to Sebastião I (1554–1578), King of Portugal, given that he is sometimes depicted as the homonymous saint, celebrated on the King’s birth date, the 20th of January. Furthermore, on the King’s coinage, such as the silver *vintém* (20 *reais*) or one *real* copper coins, a crowned “S” is featured on the reverse. It should also be noted that downward-pointing arrows flanking the royal coat of arms are present on the reverse of his silver *tostões* and some of his gold *S. Vicente*, and that crossed arrows inside a crown are featured on the reverse of Sebastião I’s copper *bazarucos* and silver *meio bastião* minted in Goa. Such iconography and strong “Sebastianism” — a particular form of Messianism that emerged after the death of the king, which had left the country with no direct successor, a “sleeping hero” folklore motif — from a period of Spanish rule in Portugal (from 1581), make the pair of earrings an important historical document. Their relevance stems not only from their rarity, given that little Portuguese jewellery of the sixteenth century has survived, but also from the nationalistic sentiment and political stance conveyed by them. One of the most interesting aspects of these earrings (the pair, and the loose earring) is the use of pearls and small pearls, and given the privileged access of the Portuguese to Gulf pearls, from their control over the Kingdom of Hormuz, it is likely that these have that exact origin. [Hugo Miguel Crespo]



Par de brincos
 Portugal, c. 1600
 Ouro, pérolas, e vestígios de esmalte
 2,8 cm de largura
 Museu da Marinha (Lisboa),
 n.º de inventário MM.06369
 Pair of earrings
 Portugal, c. 1600
 Gold, pearls, and traces of enamel
 2,8 cm in length
 Museu da Marinha (Lisbon),
 inv. MM.06369

Brinco
 Portugal, c. 1600
 Ouro e pérola
 1,6 cm de largura
 Museu da Marinha (Lisboa),
 n.º de inventário MM.0637
 Earring
 Portugal, c. 1600
 Gold, and pearl
 1,6 cm in length
 Museu da Marinha (Lisbon),
 inv. MM.0637

VII.



*Dinâmicas religiosas
num espaço de fronteira*
*Religious dynamics
in a frontier zone*

Em meados do século XVI, a Europa cristã estava em desordem. Embora as forças otomanas não tivessem sido capazes de tomar Viena, a Batalha de Mohács (1526) quebrou a resistência húngara e consolidou o poder turco no Leste e nos Balcãs durante séculos. O medo do Islão apareceu ao mesmo tempo que a Reforma Protestante abalou quaisquer ilusões de que poderia ter havido uma cristandade unida, capaz de se unificar contra um inimigo comum, especialmente porque potências europeias, como a França, conseguiram digladiar-se entre si, invocando alianças com os exércitos do Sultão Otomano.

Neste contexto, vemos um grande incremento nas tentativas dos estudiosos cristãos europeus de se envolverem com o Islão. Tal não é novidade, e as tentativas dos fiéis de ambos os lados para se compreenderem, ou de se entenderem mal, estão presentes desde a ascensão do Islão, e particularmente após o início das Cruzadas. Com isso, os sucessos militares do Império Otomano não fizeram aumentar o interesse académico pelo Islão, manifestando-se tanto na recuperação de tratados mais antigos sobre o assunto, que refletiam preocupações do passado e que podiam ser adaptadas às novas circunstâncias, como em composições novas e originais, refletindo a época em que foram escritas, e o conhecimento ou falta dele que os escritores do século XVI tinham da fé muçulmana e dos seus praticantes.

Um desses escritores cuja vida foi profundamente marcada pelo entendimento de que a Europa cristã não podia dar-se ao luxo de negligenciar o significado do Islão foi Theodore Bibliander (1509–1564 CE). Bibliander — cujo nome original era Buchmann mas mudou o seu nome como parte do filelénismo que caracterizou o movimento Renascentista — era um linguista suíço, um hebraísta e uma figura importante da Reforma Protestante. Em 1543 publicou a primeira edição de uma das suas obras mais marcantes: “A vida e doutrina de Maomé, príncipe dos Sarracenos, assim como as dos seus sucessores, tal como o próprio Alcorão” [*Machumetis Saracenorum principis, eiusque successorum vite, doctrina, ac ipse Alcoran*].

Este texto, cuja segunda edição de 1550 aparece neste catálogo, é uma compilação heterogénea em três volumes de muitos documentos escritos sobre — e muitos deles contra — o Islão e o Alcorão. Muitos destes são retirados da chamada “Coleção Toledo” [*Collectio toledana*], uma compilação de meados do século XII de tratados anti-muçulmanos reunidos pelo abade beneditino Pedro o Venerável (1092–1156 AD), que são tratados polémicos destinados a “refutar” as afirmações feitas no Alcorão e a difamar a vida e o carácter de Maomé. O exemplo mais importante destes deve ser a “Refutação ao Alcorão” [*Confutatio Alcorani*] do frade dominicano Riccoldo da Monte di Croce (1243–1320 AD). Outros são mais conciliadores no tom, e refletem um objetivo missionário, não tanto de refutar os muçulmanos, mas antes de os converter apelando às similitudes entre as fés. Este tom mais irénico, embora não menos paternalista, foi partilhado por muitas figuras importantes da época, sobretudo Erasmus de Roterdão (1466–1536 AD), bem como por Nicholas de Cusa (1401–1464 AD), cujos “Escrutínios do Alcorão” [*Cribationes Alcorani*] Bibliander inclui na sua obra.

Esta compilação de textos não foi a principal característica da edição. Pelo contrário, grande parte do seu significado reside no facto de ter incluído a primeira edição impressa de uma tradução do texto alcorânico. Não era uma tradução feita pelo próprio Bibliander, que tinha

In the middle of the 16th century, Christian Europe was in disarray. Though Ottoman forces had been unable to take Vienna, the Battle of Mohács broke Hungarian resistance and consolidated Turkish power in the East and in the Balkans for centuries. Fear of Islam appeared at the same time as the Protestant reformation shattered any illusions that there might have been of a united Christendom able to band together against a common foe, especially as European powers such as France were able to maneuver against each other by summoning alliances with the armies of the Ottoman Sultan.

In this context we see a great increase in attempts by Christian European scholars to engage with Islam. This is not new, and attempts by faithful of either side to understand, or misunderstand one another date are present ever since the rise of Islam, and particularly after the launch of the Crusades. With that, the military successes of the Ottoman Empire led not to a surge of scholarly interest in Islam that manifested itself both in the recovery of older tractates on the subject that reflected past concerns that could be adapted to the new circumstances, as well as in new and original compositions reflecting the epoch they were written in, and the knowledge or lack thereof that 16th century writers had of the Muslim faith and its practitioners.

One such writer whose life was profoundly marked by the understanding that Christian Europe could not afford to neglect the significance of Islam was Theodore Bibliander (1509–1564 CE). Bibliander — whose original name was Buchmann but changed his name as part of the philhellenism that characterized the Renaissance movement — was a Swiss linguistic, a Hebraist and an important figure of the Protestant Reformation. In 1543 he published the first edition of one of his most important works: “The life and doctrine of Moḥammad, prince of the Sarracens, as well as those of his successors, as well as the Qur’ān itself” [*Machumetis Saracenorum principis, eiusque successorum vite, doctrina, ac ipse Alcoran*].

This text, whose second edition from 1550 appears in the catalog, is a motley compilation in three volumes of many documents written about - and many of them against - Islam and the Qur’ān. Many of these are taken from the so-called “Toledo Collection” [*Collectio toledana*], a mid-12th century assembly of anti-Muslim treatises gathered by the Benedictine abbot Peter the Venerable (1092–1156 CE), and are outright polemical treatises meant to “refute” the claims made in the Qur’ān and to slander the life and character of Muḥammad. The most important example of these may be the “Refutation of the Qur’ān” [*Confutatio Alcorani*] by the Dominican friar Riccoldo da Monte di Croce (1243–1320 CE). Others are more conciliatory in tone, and reflect a missionary goal not so much of refuting Muslims but rather to convert them by appealing to the similitudes between the faiths. This more eirenic, though not at all less patronizing tone was shared by many important figures of the time, above all Erasmus of Rotterdam (1466–1536 AD), as well as by Nicholas of Cusa (1401–1464 CE), whose “Scrutinies of the Qur’ān” [*Cribationes Alcorani*] Bibliander includes in his work.

That collection of texts was not the main feature of the edition. Rather, a large part of its significance lies in the fact that it included the first ever printed edition of a translation of the Qur’ānic text. It was not a translation made by Bibliander himself, who had learnt some Arabic but →

Med. Bennett (1862), vol. III - part. 2a - 1308.

MACHV METIS SA- racenorum principis, eius que

SVCCESSORVM VITAE, DOCTRINA, AC IPSE

ALCORAN.

Quo uelut authentico legum diuinarum codice Agareni & Turcae, alijsq; CHR IST O aduersantes populi reguntur. quae ante annos CCCC, uir multis nominibus, Diui quoq; Bernardi testimonio, clarissimus, D. Petrus Abbas Cluniacensis, per uiros eruditos, ad fidei Christianae ac sanctae matris Ecclesiae propugnationem, ex Arabica lingua in Latinam transferri curauit.

His adiunctae sunt CONFVTATIONES multorum, & quidem probatis, authorum, Arabum, Graecorum, & Latinorum, una cum doctis, uiri PHILIPPI MELANCHTHONIS premonitione. Quibus uelut instructissima fidei Catholicae propugnationum acie, peruersa dogmata & tota superstitio Machumetica profligantur.

Adiuncti sunt etiam De Turcarum, siue Sarracenorum (qui non tam sectatores Machumeticae uexanae, quam uindices & propugnatores, nominisq; Christiani acerri- mos hostes, aliquot iam seculis praestiterunt) origine, ac rebus gestis, a DCCCCannis ad nostra usq; tempora, Libelli alii- quot lectu dignissimi.

Quorum omnium Catalogum uersa cuiusq; tomi prima pagina reperies.



Haec omnia in unum uolumen redacta sunt, opera & studio THEODORI BIBLIANDRI, Ecclesiae Tigurinae ministri, qui collatis etiam exemplaribus Latinis & Arab. Alcorani textum emendaui, & marginibus apposui Annotationes, quibus doctrinae Machumeticae absurditas, contradic- tiones, origines errorum, diuinae q; scripturae deprauationes, atq; alia id genus indicantur. Quae quidem in lucem edidit ad gloriam Domini IESV CHRISTI, & multiplicem Ecclesiae utilitatem, ad- uersus Satanam principem tenebrarum, eiusq; nuncium Antichristum, quem oportet manifestari, & confici spuriu oris CHRISTI Ser- uatoris nostri.

ANNO SALVTIS HVMA-
nae, M. D. L. Mense Martio.

20 13

*Machumetis Saracenorum principis, eius que
svccessorvm vitae, doctrina, ac ipse Alcoran*
Theodore Bibliander
Basel: Johann Oporinus, 1550 (2.ª edição)
Impresso sobre papel
17,5 x 27,5 cm
Biblioteca Geral da Universidade de Coimbra (Portugal),
Joanina 2-8-21-2
*Machumetis Saracenorum principis, eius que
svccessorvm vitae, doctrina, ac ipse Alcoran*
Theodore Bibliander
Basel: Johann Oporinus, 1550 (2nd edition)
Printed on paper
17,5 x 27,5 cm
Biblioteca Geral da Universidade de Coimbra (Portugal),
Joanina 2-8-21-2

aprendido algum árabe, mas cujas competências eram provavelmente demasiado rudimentares para realizar uma tradução completa. Foi antes uma tradução feita por Robert de Ketton (d. 1157 CE) no século XII que Bibliander escolheu para a sua publicação, mesmo queixando-se de que esta era imprecisa. Embora os estudiosos modernos tenham encontrado erros cruciais na tradução de Ketton, não é claro qual a distância crítica que Bibliander foi capaz de ter em relação a esse texto. Ele afirmou ter emendado muito o texto após consultar os originais em árabe, mas o índice das suas correções é de certa forma inexistente e não atesta um domínio da língua árabe que teria permitido uma reformulação em grande escala da versão de Ketton.

Onde a influência de Bibliander foi mais visível foi na *marginalia*, isto é, os comentários na margem da página que se destinavam a fornecer estrutura, esclarecimento, comentário e orientar o leitor na interpretação feita pelo editor do volume. A tradução de Ketton apresentava originalmente comentários num tom mais polémico, com passagens do Alcorão explicadas como resultado do caráter enganador e lascivo de Maomé. Bibliander retira quase totalmente esse tom do seu próprio comentário, substituindo-o por explicações mais factuais, ou então por comentários em que realça as passagens com louvores às bênçãos de Deus, que ele enquadrava de uma forma ecuménica, como comum a cristãos e muçulmanos.

O compromisso de Bibliander com o Islão foi próprio do seu tempo, e não há razão para suspeitar que ele não acreditava numa fé que se baseava em mentiras e equívocos. No entanto, a sua abordagem aos muçulmanos era menos belicosa do que a de outros. Fez uma tentativa genuína de compreender a vida política e religiosa dos muçulmanos no seu próprio tempo, diferenciando — ao contrário da norma — entre “turcos” e “muçulmanos” (a quem muitas vezes chamou *agareni*, do siríaco *mhaggrāyē*, frequentemente interpretado como os “filhos de Hagar”, mas provavelmente resultante de “emigrantes” *muhājirūn*), e expressou a sua esperança de que uma compreensão da herança comum do Cristianismo e do Islão pudesse levar à conversão dos muçulmanos, em vez da luta entre ambos. Até planeou uma viagem missionária ao Egito, à semelhança da famosa viagem de Francisco de Assis, mas foi persuadido a desistir.

A sua visão conciliadora, quando comparada com a maioria dos seus contemporâneos, pode ter sido resultado da sua teologia universalista, bem como da mentalidade de cerco sentida por tantos europeus da sua geração. No entanto, é retratado como uma das primeiras personagens da Europa moderna a tentar envolver-se com o Islão nos seus próprios termos, numa época em que o contacto direto entre as duas religiões só acontecia através da expansão económica e militar tanto na Europa Oriental como no Sudeste Asiático. [Miguel Monteiro]

whose skills were probably too rudimentary to undertake a full translation. Rather it was the one made by Robert of Ketton (d. 1157 CE) in the 12th century which Bibliander chose for his publication, even while he complained that it was inaccurate. While modern scholarship has indeed found crucial misunderstandings in Ketton’s translation, it is unclear how much critical distance Bibliander was able to have towards that text. He claimed to have intensely emended the text after consulting Arabic originals, but the index of his emendations is somewhat lacking and does not attest to a command of the Arabic language that would have permitted a full-scale reworking of Ketton’s version.

Where Bibliander’s influence was most visible was in the *marginalia*, the comments at the side of the page meant to provide structure, clarification, commentary, and to guide the reader towards the interpretation most favored by the editor of the volume. Ketton’s translation had originally featured commentary of the most polemical tone, with passages from the Qur’ān explained as originating from Muḥammad’s deceitful and lecherous character. Bibliander almost fully removes that tone from his own commentary, replacing it instead with either more matter-of-fact explanations, or else with comments where he emphasizes the passages featuring praises of God’s blessings that he is able to frame in an ecumenical manner as common to Christians and Muslims.

Bibliander’s engagement with Islam was very much of his time, and there is no reason to suspect he did not believe it to a faith based on lies and misunderstandings. Yet in his approach to Muslims he was less bellicose than many. He made a genuine attempt to understand the political and religious life of Muslims in his own time, differentiating — unlike the norm — between ‘Turks’ and ‘Muslims’ (whom he often called *agareni*, ultimately from the Syriac *mhaggrāyē*, often interpreted as the ‘Children of Hagar’ but likely derived from ‘emigrants’ *muhājirūn*), and expressed his hope that an understanding of the common heritage of Christianity and Islam might lead to the conversion of the Muslims, instead of having to be fighting between the two. He even planned such a missionary journey to Egypt, in the likes of the famous one by Francis of Assisi, but was persuaded against that.

His conciliatory outlook, when compared with most of his contemporaries, may have been just as much a result of his universalist theology as well as of the siege mentality that was felt by so many Europeans of his generation. It nonetheless portrays him as one of the first characters in Early Modern Europe to try to engage with Islam on its own terms, in an age where direct contact between the two faiths was only accelerating through capital and military expansion in both Eastern Europe and South-east Asia. [Miguel Monteiro]

A carta escrita em Ormuz, pelo jesuíta Gaspar Berzé (Gaspar Barzaeus) ilustra uma dimensão essencial da presença portuguesa na Ásia. Desde o final da década de 1530, em parte por inspiração do modelo imperial romano, as políticas de construção de um império territorial passaram a estar articuladas com a edificação de um império da fé. Entendeu-se que a capacidade para sustentar uma presença constante de Portugal nas zonas costeiras onde os portugueses foram erigindo fortalezas e feitorias, entre a costa oriental de África e Malaca, implicava a difusão do cristianismo pelos povos nativos desses territórios.

Foram peças dessa política a criação da diocese de Goa (1534) e a ação do bispo Juan de Albuquerque (1538–1553). A partir de 1542 começaram a chegar à Ásia missionários da recém formada Companhia de Jesus, liderados por Francisco Xavier, com quem o arcebispo estabeleceu laços de cordialidade e cooperação. Depois, muitos outros foram partindo, entre os quais o autor desta carta, que aportou em Goa em Setembro de 1548. Logo visitou o bispo, de quem recebeu privilégios e com quem manteve correspondência a partir dos diversos locais entre a Índia e Mascate, por onde circulou até 1553, quando faleceu.

O percurso de vida de Berzé não foi exclusivo, e assumiu marcas que caracterizaram as vidas de muitos clérigos europeus, naturais de diversos países, que deixaram a Europa com a missão de difundir o cristianismo num mundo que até então os europeus mal conheciam ou ignoravam. Natural da Zelândia, hoje Holanda, frequentou a Universidade de Lovaina e depois combateu pelas forças de Carlos V contra os exércitos franceses de Francisco I em Itália e França. Após os combates, tornou-se ermitão num mosteiro beneditino, até que, inquieto, rumou a Lisboa, onde teve acesso à corte de D. João III. Ali tinham sido muito bem recebidos alguns dos primeiros jesuítas, com destaque para Simão Rodrigues, que em Paris fora companheiro de Inácio de Loyola. Instigado por Rodrigues, em abril de 1546, ingressaria no noviciado da Companhia de Jesus, no colégio da instituição em Coimbra. Até meados do século XVI, quase todos os jesuítas que missionaram pelo mundo passaram por este Colégio.

Pouco depois de chegar à Índia, Berzé foi enviado por Francisco Xavier para Ormuz, e de lá escreveu diversas cartas. Esta é longuíssima, como o próprio reconhece, ao explicar que para dar conta de tudo o que se passava em Ormuz “não lhe bastará tempo, papel, tinta e vida”. Na sua perceção do mundo, o território para onde foi enviado ficava no “Golfo Persico, entre a Arábia feliz e a Pérsia”, terra onde fazia muito calor, “não havendo no mundo terra mais destemperada”. Reconhece ainda que era populosa e rica, sendo originárias da Arábia muitas dessas riquezas. Destacou a variedade de religiões, que faziam com que, em Ormuz, houvesse 4 dias de “festa” por semana: à segunda-feira a dos “gentios”, como lhes chama, isto é, os que ignoravam o nome de Deus, a dos muçulmanos às sextas, a dos judeus aos sábados e os domingos para os cristãos. Ali os portugueses tinham além de uma fortaleza, onde haveria cerca de 700 a 800 soldados, uma igreja e um hospital onde o jesuíta passava parte do seu tempo alimentando, lavando e animando os doentes.

Na viagem marítima até Ormuz Berzé abeirou-se de territórios próximos da atual Sharjah. Em Calaiate ou Qalhat, porto comercial na entrada do Golfo, e Mascate, constatou haver muitos portugueses que viviam entre muçulmanos e há mais de dez anos se não confessavam. Um de-

The letter written in Hormuz by Gaspar Berzé (Gaspar Barzaeus), a Jesuit, illustrates an essential dimension of the Portuguese presence in Asia. Partly inspired by the Roman imperial model, the Portuguese policies of territorial empire-building, from the late 1530s onwards, came in hand with the creation of an empire of faith. It was understood that to ensure the continual Portuguese presence in the coastal areas between the east coast of Africa and Malacca (where the Portuguese had been building forts and trading posts), the native peoples had to convert and become Christians.

The creation of the diocese of Goa (1534) and the work of Bishop Juan de Albuquerque (1538–1553) came under this policy. From 1542 onwards, missionaries of the newly formed Society of Jesus began to arrive in Asia, led by Francisco Xavier, with whom the archbishop established cordial ties and cooperation. Many others followed, including Gaspar Berzé, who arrived in Goa in September 1548. He soon visited and received privileges from the bishop. The two corresponded, with Berzé writing from locations between India and Muscat until 1553, when he died.

Berzé’s trajectory in life was not unlike that of many clerics from across Europe, who took on the mission of spreading Christianity in a world that, up until then, was barely known in Europe, even ignored. Born in Zeeland, in the Low Countries, Berzé attended the University of Louvain and went on to fight in Italy and France for Charles V against Francis I. After the fighting, he became a hermit in a Benedictine monastery but eventually made his way to Lisbon, where he entered the court of King John III. Some of the first Jesuits had been well received at John’s court, especially Simão Rodrigues, a former companion of Ignatius of Loyola in Paris. Prompted by Rodrigues, he entered the Society of Jesus’s Coimbra college as a novice in April 1546. Until the mid-16th century, almost all the Jesuits who became missionaries across the globe trained in this College at some point.

Shortly after Berzé arrived in India, Francisco Xavier sent him to Hormuz. Out of several letters written from Hormuz, this one is particularly long. As Berzé himself admits, ‘time, paper, ink and lifespan’ would not be enough for him to record everything he wanted to say about Hormuz. In his perception, the territory was located in the ‘Persian Gulf, between *Arábia feliz* and Persia’. It was sweltering, for ‘nowhere else in the world is [the climate] more extreme’. He considered Hormuz populous and prosperous, with many of its riches originating in Arabia. The substantial religious diversity of Hormuz made it so that there were feasts on four days of the week: Mondays for the ‘gentiles’ (as Berzé called those who ignored the name of God), Fridays for the Muslims, Saturdays for the Jewish, and Sundays for the Christians. Besides a fortress with about 700 to 800 soldiers, the Portuguese had a church and a hospital where Berzé spent part of his time feeding, cleaning and cheering up the sick.

On the sea voyage to Hormuz, Berzé approached territories near present-day Sharjah. In Qalhat, a commercial port at the entrance to the Gulf, as well as Muscat, he found many Portuguese living among the Muslim who had not confessed for more than ten years. One of them said that he had lived there for eighteen years and had learned Arabic, Persian, Gujarati, Malayalam and the Indo-Aryan languages spoken in the Deccan region. This demonstrates how polyglotism, especially for commercial reasons, was crucial in that crossroads. →

les, contará que há 18 ali vivia e tinha aprendido árabe, persa, guzerate, malaiala e línguas indo arianas faladas no Decão, demonstrando como o políglotismo, sobretudo por razões comerciais, era crucial num espaço onde se cruzavam tantos mundos.

Para Berzé Ormuz “era uma Babilónia”, onde se via toda a “bestialidade e luxúria” e onde os cristãos oriundos de várias paragens viviam “misturados” com muçulmanos, turcos, judeus e hindus. Estes, o jesuíta identificou por serem vegetarianos e “adorarem vacas”. Lamentava esta promiscuidade da partilha de espaço e de vidas entre quem tinha crenças diferentes, e o facto de muitos portugueses manterem relações com mulheres muçulmanas, e até de portuguesas viverem com muçulmanos. Para combater este costume pediu ao juiz português de Ormuz “que os mandasse queimar”, que ele “os acusaria por heréticos”, por cometerem tão grande “pecado”. Violências e guerras, confirmadas pela presença de soldados em Ormuz, eram o cenário em que procurava afirmar o cristianismo. Outro grande problema, aos olhos do jesuíta era a usura que os mercadores aplicavam nos seus negócios, independentemente da sua religião. Chegariam a praticar-se interesses de 100% ao ano. O terceiro grande mal que alastrava era o comércio de compra e venda de cavalos e armas entre mercadores cristãos e muçulmanos árabes ou turcos.

Contra tudo isto fazia veementes pregações, não clarificando em que língua comunicava, mas carecendo seguramente de intérprete, como fazia quando confessava cristãos arménios residentes em Ormuz. Também ensinava doutrina, sobretudo a crianças, pessoas escravizadas e “cristãos da terra”, isto é, nativos de Ormuz que foram batizados, e alegrava-se por saber que estes aprendiam as principais orações e os mandamentos da lei de Deus e da Igreja. Entre os escravizados havia abexins, da Etiópia, que considerava mal batizados, pelo que os rebatizava, mandando que depois fossem libertados por serem cristãos.

Berzé organizava outras formas de divulgação da religião, como uma procissão composta por pessoas descalças e com velas nas mãos, até uma ermida de Nossa Senhora da Esperança, situada próximo da fortaleza, o que impressionava os muçulmanos. Numa ocasião excepcional um deles teria apedrejado a procissão. Tinha ainda o hábito de debater com chefes de outras religiões, nomeadamente com um joguete hindu, com um “filósofo” muçulmano e com um rabi judeu, num tempo e num cenário onde não era possível eliminar as religiões diferentes da sua. A esta babel de religiões ainda se juntariam em Ormuz luteranos, com quem, por 1550, também debateria. Nesta altura, tentava colocar em prática outra dinâmica de ação: a conversão do rei de Ormuz, o que lhe fora expressamente pedido pelo governador da Índia.

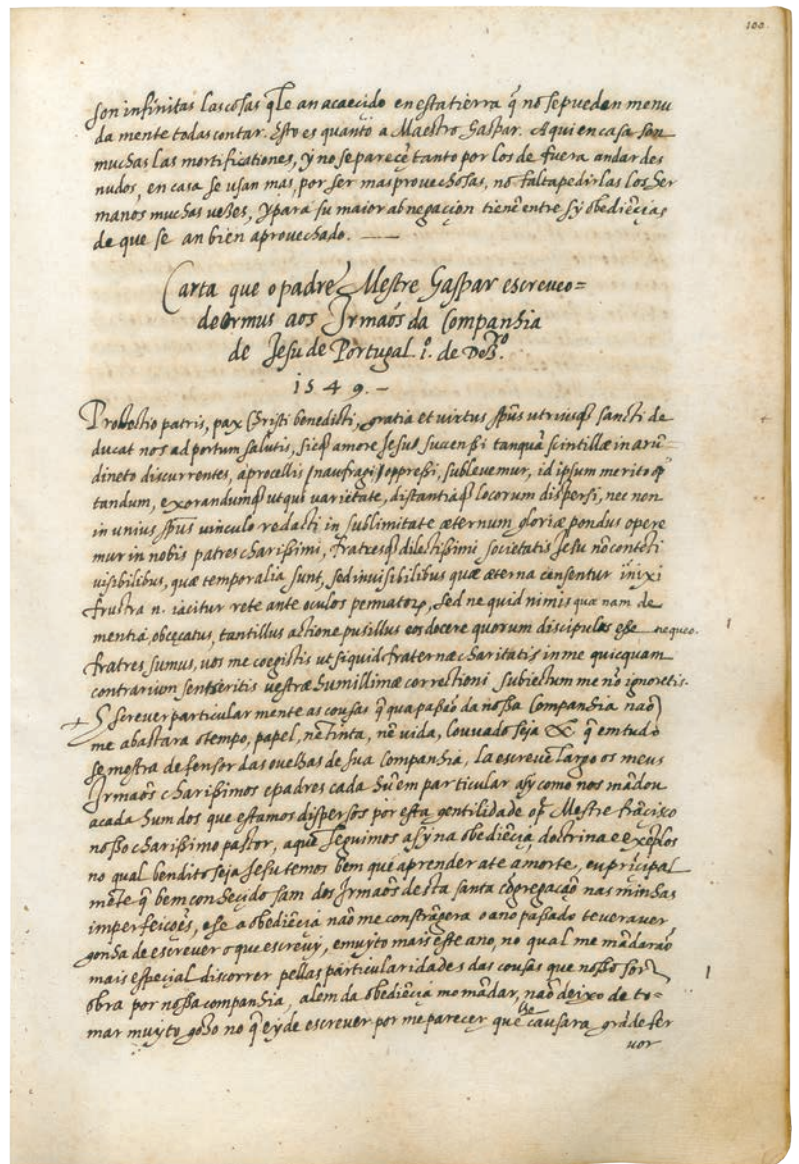
Ormuz era um mundo aberto, de grande circulação de pessoas, produtos, crenças, um eixo de conexão entre culturas e religiões diferentes, num tempo em que os vigários do bispo, um em Ormuz e outro em Mascate, além de Berzé e outros clérigos procuravam afirmar o cristianismo. Eram dinâmicas que propiciavam intercâmbios de feição muito variada, vínculos, entrelaçamentos, mas também resistências, dissimulações, fugas e violências. Em suma, fluxos que não tinham sentidos unidirecionais. [José Pedro Paiva]

For Berzé, Hormuz ‘was like Babylon’, where one witnessed ‘animal behaviour and lust’ and where Christians from diverse origins ‘mixed’ with Muslims, Turks, Jews and Hindus. The Jesuit identified the latter as vegetarians who ‘worshipped cows’. He was critical that people of such different beliefs were as close in the same living space, and also of the fact that many Portuguese became involved with Muslim women, not even to mention Portuguese women living with Muslim men. To go against this, Berzé asked the Portuguese judge in Hormuz ‘to have them burned’, stating that he would ‘declare them heretics’ for committing such a great ‘sin’. Violence and war, as confirmed by soldiers being stationed in Hormuz, was the backdrop to such attempts at championing Christian beliefs. Another significant problem for the Jesuits was that merchants, regardless of religion, charged interest in their businesses. In some cases, interest rates were as high as 100 per cent yearly. To Berzé, the third evil was the horse and weapon trade between Christian merchants and the Arab and Turkish Muslims.

Gaspar Berzé preached fervently against all this. Which language he used is unclear, but an interpreter was surely needed, as for when he heard the Armenian Christians living in Hormuz in confession. He also taught doctrine, especially to children, enslaved people and natives of Hormuz who had taken baptism (the *cristãos da terra*). He rejoiced when they learned the main prayers and commandments of God and the Church. Among the slaves, he considered the Abyssinians, from Ethiopia, to have been imperfectly baptised, so he gave them new names and had them freed for becoming Christians.

Other ways of spreading Christianity included Berzé holding a procession of people walking barefoot with candles in their hands to a chapel dedicated to Our Lady of Hope, located near the fortress. This made an impression on the Muslims, and on one occasion stones were hurled at the procession. He was in the habit of debating with the heads of other religions, namely with a Hindu yogi, with a Muslim ‘philosopher’, and with a Jewish rabbi, at a time and setting where it was impossible to eliminate religions different from his own. This Tower of Babel of religions in Hormuz also included the Lutherans, with whom Berzé held debates in around 1550. At that time, he was trying to put another course of action into practice, namely to convert the king of Hormuz at the request of the governor of India.

Hormuz was open to the world and a place where the circulation of people, products and beliefs was vast. It was a hub connecting cultures and religions, at a time when the bishop’s vicars, one in Hormuz and another in Muscat, as well as Berzé and other clerics, did not spare any efforts in affirming Christianity. These dynamics gave rise to manifold exchanges and many links and mingling were forged, but they also caused resistance, dissimulation, flights and violence. In short, this was a stream flowing along several riverbeds. [José Pedro Paiva]



86

Carta do P.^o Gaspar Barzeo aos irmãos
na Índia e na Europa
Ormuz, 1549
Manuscrito sobre papel
21 x 29,5 cm
Arquivo Histórico e Diplomático do Ministério dos
Negócios Estrangeiros (Lisboa), *Códices Conimbricenses*,
tomo I, 28/C, fls. 100-114 (cópia de inícios do séc. XVII)
Letter from Father Gaspar Barzeo to the Jesuits
in India and Europe
Hormuz, 1549
Manuscript on paper
21 x 29,5 cm
Arquivo e Biblioteca do Ministério dos Negócios
Estrangeiros (Lisboa), *Códices Conimbricenses*,
tomo I, 28/C, fls. 100-114 (copy from early 17th century)

Uma análise comparativa entre o mobiliário remanescente em Goa — na sua maioria arcazes de sacristia e outras tipologias relacionadas — e um vasto grupo de objectos invariavelmente feitos de teca faixeada a ébano com embutidos de ébano fixos por cavilhas de marfim, e com ferreiros de cobre dourado e vazado, comprova uma origem goesa para este grupo. Replicando protótipos europeus dos séculos XVI e XVII, uma produção mais recuada e de maior qualidade do século XVII inclui uma vasta panóplia de tipologias, desde grandes contadores sobre trempe, por vezes produzidos aos pares, armários, mesas bufete e bancas de escrita, algumas destinadas ao estrado, contadores de mesa de diferentes formas e dimensões e contadores de duas portas, escritórios, ventós, arcas e arquetas-escritório e oratórios. Também em Goa se produziu uma grande quantidade de cadeiras entalhadas, em teca e sissó, com assento e espaldar revestido a palhinha. A produção goesa de mobiliário pode ser dividida em grupos de acordo com a sua decoração. Um caracteriza-se por arabescos com enrolamentos vegetalistas e plantas floridas estilizadas de embutidos de ébano sobre teca à semelhança dos arcazes de sacristia da Basílica do Bom Jesus que datam de c. 1659. Outro faz uso de *ferromerries* de estilo maneirista tal como se pode ver na sacristia da catedral de Goa. Embutidos de enrolamentos vegetalistas de ébano sobre teca fixos por cavilhas decorativas de marfim constituem outro grupo, do qual sobressai o arcaz da sacristia outrora no Mosteiro de Santa Mónica, Velha Goa. Uma variação desse tipo inclui iconografia animal de origem hindu, de criaturas muito estilizadas imbuídas de poderes mágicos e protectores. Outros tipos de decoração incluem padrões geométricos, como o bem conhecido padrão de círculos secantes que se tornou típico da produção goesa. Outras decorações geométricas incluem padrões de losango e triângulo com embutidos contrastantes. Esta gaveta-escritório, com sua decoração de arabescos com enrolamentos vegetalistas, filia-se no primeiro grupo referido, apresentando na face superior o emblema dos Jesuítas (em ébano embutido sobre a teca), comprovando a sua encomenda e fruição no contexto da presença asiática desta ordem religiosa. Ao contrário das arquetas-escritório, com tampo de levantar ou de deslizar, as gavetas-escritório, tal como a presente, apresentam-se como uma caixa fechada munida de gaveta munida de escaninhos (um com tampa e sua fechadura), poço para armazenar papel ou documentos, tinteiro e areeiro em ébano maciço, e duas pequenas gavetas discretas (com suas fechaduras) que correm alternadamente ao longo da largura da gaveta que compõe a caixa. Tal como outras peças de conter deste período, serviria para guardar instrumentos de escrita e documentos e proteger outros objectos de valor e mesmo dinheiro e jóias. A face superior poderia também servir como superfície de escrita. [Hugo Miguel Crespo]

A comparative analysis between extant pieces of furniture in Goa — mostly fixed sacristy chests of drawers and related church furnishings — and a vast group of objects invariably made from teak veneered in ebony and inlaid with ebony pinned with decorative ivory pins and set with pierced openwork gilt copper fittings, has proved successful in attributing them with a Goan origin. Following sixteenth and seventeenth-century European prototypes, an earlier, higher quality seventeenth-century production comprises a vast array of types, from large cabinets on stands which were sometimes produced in pairs, cupboards, centre and writing tables, some for the dais, differently shaped and sized table cabinets and two-door cabinets, fall-front writing cabinets, *ventós*, chests and writing boxes, and oratories. Carved chairs were also produced in large quantities in Goa, made from teak and rosewood, with cane seats and backs. The Goan production may be divided into groups according to their decoration. One is characterised by arabesques with vegetal scrolls and stylised flowering plants with ebony inlays on teak, similar to the sacristy chests of drawers of the Bom Jesus, made c. 1659. Another deploys Mannerist-style *ferromerries* as seen in the sacristy of the Cathedral of Goa. Ebony vegetal scroll inlays on teak pinned with decorative ivory pins make up another group, of which good examples are the sacristy chest of drawers that was once in the Monastery of Santa Mónica, Old Goa. A variation on this type includes animal imagery of Hindu origin, always highly stylised and featuring creatures imbued with magical, protective powers. Other types of decoration include geometrical patterns, namely a diaper pattern with interlocking circles which became quintessentially Goan. Other geometric decorations include lozenge and triangle patterns in contrasting inlays. This writing box (drawer), with its arabesque decoration with vegetal scrolls, belongs to the first group, featuring the emblem of the Jesuits (in ebony inlaid on teak) on the top. The presence of the emblem documents its commission and fruition in the context of the presence of this religious order in Asia. Unlike other writing boxes set with to lids or sliding covers, writing boxes (drawers), such as the present one are shaped as closed boxes fitted with a single larger drawer featuring internal nooks (one fitted with its cover and lock), an interior well for storing paper or documents, inkwell and pounce pot made from solid ebony, and two small, discreet drawers (each with their locks) which run alternately along the width of the large drawer that makes up the box. Like other pieces of furniture made for storage from this period, this writing box would serve to store writing implements and documents and protect other valuables and even money and jewellery. The top side could also serve as a writing surface. [Hugo Miguel Crespo]



Gaveta-escritório
Goa (Índia), c. 1650
Teca, ébano, ferro, e ferragens
de cobre dourado
16,5 x 44,5 x 33 cm
Coleção particular, Lisboa
Writing box
Goa (India), c. 1650
Ebony, iron, and gilt copper fittings
16,5 x 44,5 x 33 cm
Private collection, Lisbon

Na miríade das invocações marianas, densamente enraizadas por todo o território português, os títulos topográficos constituem uma das suas parcelas mais significativas. Apropriando-se de narrativas que alicerçam do culto, a devoção a Nossa Senhora da Pérsia, na igreja da Graça em Lisboa tem origem nos prodígios de uma imagem oriunda de Ormuz, resgatada pelos agostinhos portugueses na cidade persa de Isfahan. Com uma história descrita por frei António da Purificação, em 1656, a exposição do cronista servirá de base aos posteriores relatos que, com escassas variantes, a reproduzem.

A obra recuperada, talvez ainda de feitura quinhentista, seria certamente proveniente de um dos edifícios de culto cristão estabelecidos em Ormuz. Entrepósito primordial da presença portuguesa no Golfo, aí se destacavam a igreja da Misericórdia, um convento da Ordem de Santo Agostinho, outro de Carmelitas, e ainda pequenas ermidas distribuídas pela ilha.

Espoliando e destruindo a generalidade das imagens cultuadas, duas esculturas passariam para a posse de um árabe após a tomada da ilha, em 1622. Vendidas em Isfahan a um mercador, seriam adquiridas, doze anos mais tarde, por frei Francisco Ribeiro, prior do convento dos Agostinhos nessa cidade. Na realidade, detalhando aspetos omissos nas crónicas referidas, será no Compromisso da Irmandade (exemplar manuscrito único, datado de 16 de maio de 1656, hoje em coleção privada) que se precisa a existência de duas imagens em bronze “de N. S.^{ma} com q. os Mouros fazião grandes galhofas, zombando dos christãos, q. veneravão por Deos figuras de pau, e pedra: e assi reputavão estas S.tas imagens por idolos”.

Quanto à imagem que particularmente nos ocupa, seria transportada a Goa para ser reparada, recebendo aí, muito provavelmente, o tabernáculo dourado de talha “muyto miúda feito na India”, onde frei Agostinho de Santa Maria a pôde admirar em 1707. Em Goa, o prior do convento de Isfahan embarcará rumo a Lisboa, onde chega com a escultura em 1644. Uma década passada desde a aquisição, a imagem seria finalmente entronizada, a 25 de março, na antiga capela de Santa Ana da igreja do convento da Graça, casa-mãe da Ordem em Portugal.

Vinculada à ideia de uma imagem profanada e negligenciada por “infiéis” durante anos, seria popularmente venerada como Nossa Senhora a Cativa, ou do Resgate. Acabaria cultuada como Nossa Senhora da Pérsia, legitimando a narrativa que a sustenta.

A associação do título a fenómenos de importação ou a contactos com esculturas oriundas de territórios estrangeiros, ilustra-se ainda com uma outra imagem desta rara invocação, venerada na igreja dos dominicanos irlandeses de Lisboa, desde 1700. Peça em madeira de grande porte, constituía a figura de proa de uma nau de mercadores gregos, célebre por epopeias missões a Argel e Mazagão.

Objeto de crescente devoção, a imagem oriunda de Ormuz estaria ainda na génese da irmandade de Nossa Senhora da Pérsia, instituída por iniciativa do mesmo frei Francisco Ribeiro a 4 de julho de 1654. Nos livros de registo de irmãos, conservados no antigo arquivo, assinala-se o primeiro ingresso quatro dias depois, pelo eremita agostinho frei Dionísio dos Anjos, confessor de D. João IV. Já a capela, seria doada à confraria por frei Miguel da Luz, a 9 de março de 1664, conforme nota apensa no Compromisso referido.

Quanto à imagem de Nossa Senhora da Pérsia, descrita por frei Agostinho de Santa Maria como uma escultura em madeira estofada,

Topographic titles are one of the most significant elements of the countless Marian devotions, deeply rooted throughout Portuguese territory. Drawing on the narratives that form the basis of the cult, the veneration of Our Lady of Persia at the Church of Graça in Lisbon has its origins in the wonders of an image that had come from Hormuz and had been rescued by Portuguese Augustinians in the Persian city of Isfahan. Its history was described by Friar António da Purificação in 1656 and the chronicler’s account served as the basis for future reports, which would reproduce it with very few changes.

The work that was recovered, perhaps also dating from the sixteenth century, would certainly have come from one of the buildings dedicated to Christian worship that had been established on Ormus, a primary trading post for the Portuguese in the Gulf where a Misericórdia Church, a convent belonging the Order of Saint Augustine and another belonging to the Carmelites could also be found, in addition to several small hermitages scattered throughout the island.

After the island was taken in 1622 and most of the holy images had been plundered and destroyed, two sculptures came into the possession of an Arab. They were sold to a merchant in Isfahan and would then be acquired, twelve years later, by Friar Francisco Ribeiro, the prior of the Augustinian convent in the city. In fact, the Statutes of the Brotherhood (a single manuscript, dated 16th May 1656, now in a private collection) detail aspects omitted in the aforementioned chronicles about the existence of two bronze images “of Our Lady with which the Moors made many jokes, mocking the Christians, who worshipped figures of wood and stone for God: and so these holy images were considered idols”.

As for this specific image, it would be transported to Goa to be repaired, and it is very likely that it was here where it received the gilded tabernacle with carving described as “very fine work, done in India” that would be admired by Friar Agostinho de Santa Maria in 1707. In Goa, the prior of the Isfahan convent set sail for Lisbon, arriving there, with the sculpture, in 1644. A decade after it had been acquired, the image would finally be installed, on 25 March, in the old chapel of Santa Ana in the church of the convent of Graça, the main house of the Order in Portugal.

Associated with the idea of an image profaned and neglected by “infidels” for years, it would be popularly venerated as Our Lady the Captive, or of the Rescue. It would eventually be worshipped as Our Lady of Persia, thus legitimising the underlying narrative.

The association of the title with the phenomena of importation or contact with sculptures from foreign territories is also illustrated by another image that became the subject of this rare form of devotion, worshipped in the Irish Dominican church in Lisbon since 1700. This large wooden item comprised the figurehead of a Greek merchant ship famous for its epic missions to Algiers and Mazagan.

As the subject of increasing devotion, the image from Hormuz was also linked to the establishment of the brotherhood of Our Lady of Persia, founded by the same Friar Francisco Ribeiro on 4 July 1654. In the record books kept by the brothers, preserved in the old archive, there is a reference to the first admission four days later, on 8 July 1645, namely the hermit Augustinian Friar Dionísio dos Anjos, confessor to King John IV of Portugal. The chapel, on the other hand, was donated to the →

de três palmos, rosto trigueiro e o Menino Jesus no braço esquerdo, são vários os obstáculos que se colocam hoje à sua cabal localização.

Sem atributos específicos ou particular caracterização iconográfica, o mais credível testemunho dessa obra é-nos dado pela belíssima iluminura constante no Compromisso da Irmandade, datável de 1657. Além desta representação, merecem também referência as gravuras que acompanham as patentes de irmãos, executadas, ao longo dos anos, a partir de diferentes chapas. Entre essas, foi possível localizar, até ao momento, duas delas: a primeira, em patente de 1789; a segunda, datável de 1819, apresenta a escultura envergando manto têxtil, peruca e buquê. Nenhuma das duas, porém, reproduz qualquer das obras preservadas no antigo templo graciano.

A todas as incertezas formais acresce, por outro lado, a enumeração de duas imagens de Nossa Senhora da Pérsia num inventário oitocentista, correspondentes, porventura, às duas imagens efetivamente resgatadas, como vimos. Conservado no antigo arquivo da irmandade, ali se elenca, além da escultura cultuada na capela, uma outra, na sala do despacho, expressamente identificada como sendo “a mesma que veio da Pérsia”. Revela ainda o mesmo documento, a existência da “maquineta de madeira dourada por dentro, em que veio da Índia a Senhora”, certamente aquela descrita por frei Agostinho de Santa Maria, em 1707. Desconhecendo-se a data desta mudança, à acomodação da imagem original na casa do despacho deverão estar associados os gastos com a execução de um altar, registados em 1820 nos livros de despesas da irmandade. De todas estas importantes sobrevivências se ignora o paradeiro.

Com efeito, a imagem que na atualidade se venera com o título de Nossa Senhora da Pérsia na igreja da Graça, evidencia claras discrepâncias compositivas e estéticas face à iluminura, gravuras e descrições conhecidas. De escala natural, atitude serena e expressão circunspeta, Maria ergue-se em posição frontal, com o Menino repousado no braço esquerdo, segurando-lhe o pé com a mão direita. Inscrita nos valores plásticos de finais de Quinhentos, a investigação desenvolvida permitiu identificar esta escultura como Nossa Senhora da Vida. Orago da capela instituída por Bartolomeu Vaz de Lemos na vizinha igreja de Santo André, trata-se de uma imagem datável da década de 1580, incorporada na Graça no quadro das reformas liberais. Salva do terramoto de 1755, o volumoso manto, caindo em pregas fluidas, e a base ornada com pequenos querubins fazem eco de uma muito provável intervenção durante a segunda metade do século XVIII. A localização de uma gravura que a reproduz com precisão, constitui a derradeira memória visual dessa obra no templo primitivo.

Em maio de 1835, com a transferência da sede paroquial das freguesias de Santo André e Santa Marinha para a igreja da Graça, a imagem de Nossa Senhora da Vida é colocada na capela do Santíssimo, onde se terá mantido até às primeiras décadas do século XX.

A última referência que explicita a presença das duas esculturas marianas na igreja da Graça remonta a 1938, ano em que a imagem da Senhora da Vida é descrita por Mário de Sampaio Ribeiro na capela de Nossa Senhora da Pérsia. A invocação da capela manter-se-á, mas o orago passa a apresentar-se em posição suplementar, na base do altar.

Fruto de sistemáticas deslocações e transformações no interior do templo (eventualmente, no âmbito das diversas intervenções da Direção-Geral dos Edifícios e Monumentos Nacionais), perde-se o rasto

confraternity by Friar Miguel da Luz on 9 March 1664, according to the note attached to the Statutes mentioned above.

With regard to the image of Our Lady of Persia described by Friar Agostinho de Santa Maria as a figure with a dusky complexion, carved in gilded wood, standing three spans high, and holding the Infant Jesus on her left arm, there are nowadays various obstacles to reliably determining its location.

Due to the lack of specific features or particular iconographic characterisation, the most credible evidence for this figure is provided by the beautiful miniature in the Brotherhood's Statutes, dated 1657. In addition to this representation, there are also the engravings which accompany the letters patent of the brotherhood, produced over the years on different plates. It has so far been possible to identify two examples: the first, which appears in letters patent from 1789, is certainly closer to the original image; the second, dating from 1819, presents a figure wearing a mantle and wig and holding a bouquet. However, neither of them depict any of the figures preserved in the old Church of Graça.

Moreover, two images of Our Lady of Persia, corresponding perhaps to the two images effectively rescued and which are listed in a nineteenth-century inventory preserved in the archive of the brotherhood, add to these uncertainties. In addition to the sculpture worshipped in the chapel, it also contains a reference to another, in the dispatch room, expressly identified as “the one which came from Persia”. The document also reveals the existence of a “wooden sacarium with a gilded interior, in which the Lady arrived from India”, certainly the one described by Friar Agostinho de Santa Maria in 1707. Since the date of this move is unknown, the installation of the original image in the dispatch room must be associated with the expenses for building an altar, registered in 1820 in the accounts of the brotherhood. The whereabouts of all this important surviving evidence is unknown.

In fact, the image nowadays worshipped as Our Lady of Persia in the Church of Graça reveals clear compositional and aesthetic discrepancies in relation to the known miniature, engravings and descriptions. Portrayed on a natural scale, with a serene posture and wise expression, Mary stands upright, facing forwards, with the Infant cradled in her left arm, supporting his foot with her right hand. Research has identified this sculpture, which reflects the artistic values of the sixteenth century, as Our Lady of Life, the patron saint of the chapel founded by Bartolomeu Vaz de Lemos in the neighbouring Church of Santo André. The image dates from the 1580s and was incorporated into Graça in the context of the Liberal reforms. Salvaged from the 1755 earthquake, the voluminous flowing mantle and the base decorated with small cherubs suggest the likelihood of an intervention in the second half of the eighteenth century. The discovery of an engraving that provides an exact reproduction constitutes the last visual memory of this image in the original church.

In May 1835, after the seat for the parishes of Santo André and Santa Marinha was transferred to the Church of Graça, the image of Our Lady of Life was placed in the Eucharistic Chapel, where it remained until the early decades of the twentieth century.

The last reference to the presence of the two Marian sculptures in the Church of Graça dates back to 1938, the year in which the image of Our Lady of Life was described by Mário de Sampaio Ribeiro as standing →

à imagem associada à narrativa de Ormuz. A peça oriunda de Santo André passa, então, a ser venerada como Nossa Senhora da Pérsia, título com que José Benard Guedes a regista no inventário artístico do Patriarcado de Lisboa, em 1976, perpetuando-se a troca até à atualidade.

Equívoco que, naturalmente, importa sinalizar, tal constatação coloca-nos, contudo, perante o problema concreto do apuramento do atual paradeiro da escultura cultuada na Graça como Nossa Senhora da Pérsia, até às décadas iniciais do século XX.

A tais indefinições acresce, por outro lado, a possibilidade da imagem procedente de Ormuz não ter sobrevivido incólume ao terramoto de Lisboa de 1755, acalentando, assim, a hipótese de alteração no âmbito de uma possível consolidação ou intervenção de restauro.

Catástrofe que provocaria a derrocada parcial da igreja, naquela zona do templo, particularmente, são consideráveis os danos descritos pelo padre João Baptista de Castro. Exaltando a recuperação de algumas imagens, o sacerdote alude unicamente às do Senhor dos Passos e de Nossa Senhora da Graça, não fazendo qualquer menção à escultura de Nossa Senhora da Pérsia. O inventário de bens da irmandade atrás referido, porém, corrobora a sua sobrevivência.

Em manuscrito conservado no Arquivo Histórico do Patriarcado de Lisboa, o agostinho frei Miguel da Franca dá conta das intervenções ocorridas nesse período, que terá acompanhado de perto nas décadas finais de Setecentos. Descreve ainda a procissão solene de trasladação do Santíssimo Sacramento, a 13 de setembro de 1772, referindo-se à presença de todas as irmandades “da Caza, e suas Imagens”. Tal como a escultura de Nossa Senhora da Graça, transferida no dia seguinte, também os oragos dos restantes altares terão sido colocados no templo até esta data.

Partindo das (presumíveis) sobrevivências da representação original, ou remotamente filiada na memória preservada, uma eventual recuperação legitimaria inevitáveis alterações, desde logo, pela necessidade de adaptação à capela reedificada.

Entre as várias imagens marianas conservadas no templo, uma em particular se afigura plausível filiar, plástica e cronologicamente, na primitiva escultura de Nossa Senhora da Pérsia. Hoje exibida na boca da tribuna da capela-mor, representa a Virgem de pé, de delicada expressão, com o Menino sobre o braço esquerdo. Conferem-lhe feições de peculiar exotismo os longos cabelos, lavrados em finas madeixas onduladas, e o rosto longo, de olhos amendoados, vinculando-a a um ideal de beleza tipificado e ao imaginário longínquo de uma (hipotética) génese oriental.

Fazendo eco, por outro lado, de uma posterior intervenção, esta imagem reflete ainda os padrões estéticos da segunda metade do século XVIII. De um modo particular no tratamento plástico dos panejamentos e configuração do manto da Virgem, é a figura do Menino Jesus, inteiramente despido, de braços erguidos e em posição atípica ao colo da Mãe, que melhor ilustra a fórmula devocional mais comum na escultura dessas décadas, tendencialmente humanizada, com contornos de maior naturalismo e movimento. Templo situado na freguesia de Santo André, aí se estabelecia, por esses anos, a mais vasta comunidade de imaginários da capital. A própria irmandade possuía, de resto, uma propriedade no Beco do Imaginário, reforçando a proximidade a esse núcleo fundamental de artistas durante toda a segunda metade do século XVIII e, com ela, a filiação de uma (possível) reformulação da obra na atividade dessas oficinas.

in the chapel of Our Lady of Persia. The devotions in the chapel remained the same, but the patron saint was now presented in an additional position at the base of the altar.

As a result of the regular reorganisations and transformations in the interior of the church (possibly in the context of various interventions by the Directorate-General for National Buildings and Monuments), we have lost track of the image associated with the Hormuz narrative. The image which came from Santo André began to be worshipped as Our Lady of Persia, and was registered under that title by José Benard Guedes in 1976, in the inventory of works of art belonging to the Patriarchate of Lisbon, thus perpetuating the exchange up to the present day.

This is a misunderstanding which should, naturally, be pointed out, yet leaves us with the specific problem of determining the current whereabouts of the sculpture that was worshipped as Our Lady of Persia until the early decades of the twentieth century.

Adding to these uncertainties, there is also the possibility that the image from Ormus may not have survived the 1755 Lisbon earthquake undamaged, thus supporting the hypothesis of alterations undertaken as part of possible repair or restoration work.

The catastrophe resulted in the partial collapse of the church, particularly in that area of the building, and the damage, as described by the priest João Baptista de Castro, was considerable. Although he praises the recovery of certain images, he alludes only to the Lord of the Steps (of the Cross) and Our Lady of Grace, making no mention of the sculpture of Our Lady of Persia. However, the abovementioned inventory of the property of the brotherhood corroborates its survival.

In a manuscript preserved in the Historical Archive of the Patriarchate of Lisbon, the Augustinian friar Miguel da Franca provides an account of the interventions that took place during this period, which he would have followed closely in the final decades of the eighteenth century. He also describes the solemn procession for the transfer of the Holy Sacrament on 13 September 1772, referring to the presence of all the brotherhoods “of the Church, and their Images”. Like the sculpture of Our Lady of Grace, which was transferred the following day, the patron saints from the remaining altars would all have been installed in the church at this time.

Assuming that the original representation, or one remotely associated with its memory, had survived, any restoration would legitimise the inevitable alterations primarily due to the need to adapt to the rebuilt chapel.

Among the various Marian images preserved in the church, it would seem plausible, in artistic and chronological terms, to link one in particular to the original sculpture of Our Lady of Persia. Nowadays positioned by the chancel tribune, it represents the Virgin standing, with a gentle expression on her face, holding the Infant in her left arm. Her long hair, sculpted in fine wavy strands, and long face with almond-shaped eyes endow her with unusually exotic features, linking her to an ideal of classic beauty and to the distant imaginary of her (hypothetical) oriental origins.

On the other hand, the image also reflects the aesthetic models of the second half of the eighteenth century, suggesting a later intervention, particularly evident in the treatment of the flowing drapery and the shaping of the Virgin’s mantel. However, it is the figure of the Infant Jesus, entirely naked with his arms raised, in an unusual pose in his mother’s arms →



88

Illuminura de Nossa Senhora da Pérsia
in *Compromisso da Irmandade de Nossa Senhora da Pérsia*
Lisboa (Portugal), 1657
Pintura sobre papel
25 x 18 cm
Colecção Franquelim Neiva Soares, Braga
Miniature of Our Lady of Persia
in *Compromisso da Irmandade de Nossa Senhora da Pérsia*
Lisbon (Portugal), 1657
Painting on paper
25 x 18 cm
Collection Franquelim Neiva Soares, Braga (Portugal)

Escultura de vulto pleno em barro policromado, trata-se de uma peça recentemente recuperada, após longo período de degradação, no nicho exterior sobre o pórtico de acesso, onde sobreviveu, desde data desconhecida, até à total deterioração. Visível nesse espaço em registos fotográficos da década de 1960, ocuparia o local que, antes do terramoto, era preenchido por uma imagem de Nossa Senhora da Graça. Esta última, descrita na fachada que viria a ruir, não poderá, naturalmente, corresponder à que até hoje sobreviveu.

Panorama ainda muito lacunar, que exigirá uma investigação mais circunstanciada em torno do espólio da irmandade de Nossa Senhora da Pérsia (parcialmente disperso em coleções particulares), a escultura original — oriunda de Ormuz, resgatada em Isfahan, recuperada em Goa e cultuada em Lisboa — permanece assim, lamentavelmente, por localizar e identificar de forma segura.

Neste cenário de incertezas, que não nos permite ir além de algumas hipóteses e conjecturas, merece referência a notícia de uma derradeira representação deste tema, recenseada no inventário de bens da irmandade como um “quadro grande com a imagem de Nossa Senhora da Pérsia”. Obra que constituiria, por certo, um documento iconográfico singular desta invocação, poderá corresponder a uma pintura a óleo sobre tela recolhida nas atuais dependências paroquiais. Datável das últimas décadas de Seiscentos, uma identificação conclusiva, porém, vê-se comprometida pelo deplorável estado de conservação em que se encontra, clamando por urgentíssima intervenção de restauro. [Sandra Costa Saldanha]

that best illustrates the most common devotional formula in sculpture during these decades, which favoured humanising the subjects through the use of more natural contours and movement. The church was situated in the parish of Santo André where the largest community in the capital of craftsmen trained to produce religious artefacts and icons was established. The brotherhood itself owned a property in Beco do Imaginário, reinforcing its proximity to this important nucleus of artists throughout the entire second half of the eighteenth century and thus to its association with a (possible) reformulation of the image in the local workshops.

The polychrome clay figure was recently restored after a long period in which it had begun to deteriorate, having been placed in the exterior niche above the portico on an unknown date, where it remained until it reached a state of total decay. It is visible in this position in photographic records dating from the 1960s, in the place formerly occupied by an image of Our Lady of Grace prior to the earthquake. The latter, displayed on the façade that would collapse, clearly does not correspond to the image that has survived to the present day.

Since this is still a very incomplete picture which requires more detailed research into the estate of the brotherhood of Our Lady of Persia (partly divided among private collections), unfortunately the original sculpture — which came from Hormuz, was rescued in Isfahan, restored in Goa and worshipped in Lisbon — has still not been located and reliably identified.

Within this uncertain scenario, which does not allow us to advance beyond certain hypotheses and conjectures, it is worth mentioning one final representation of the subject, listed in the inventory of the brotherhood as a “large painting showing the image of Our Lady of Persia”. This work, which would undoubtedly constitute a unique iconographic document of the devotions, may correspond to an oil painting on canvas found in the current parish annexes. Dating from the final decades of the seventeenth century, a more conclusive identification is hampered by the deplorable condition in which it was discovered, and it urgently requires restoration. [Sandra Costa Saldanha]

Tendo em conta os caracteres estilísticos da filigrana iraniana medieval, sua sobrevivência na joalheria omanita e iemenita, e sua identificação com os termos que surgem nalguma da documentação quinhentista portuguesa que nos chegou, é seguro afirmar que na Ormuz dominada pelos portugueses se produzia filigrana de ouro com tais características — entrançado justaposto (*palha*), fio perolado, grânulos em triângulo e losango, frisos de elementos em “8”, ou palmetas de pontas reviradas em “o” fechado — sendo avidamente consumida tanto pelos portugueses que regressavam ao reino, como aos que permaneciam na Ásia. Estes caracteres estão presentes na decoração do muito conhecido cofre de filigrana de ouro de Matias de Albuquerque [cofre n.º 89] que, tendo naturalmente vindo da Índia — à semelhança das porcelanas chinesas que *vêm da Índia, fazem-se na China*, como afirmou Frei Bartolomeu dos Mártires — foi encomendado e realizado com boa dose de certeza, não em Goa, como tem sido apontado, mas em Ormuz. A história da sua chegada a Lisboa é conhecida. Filipa de Vilhena, viúva de Matias de Albuquerque (1547–1609), décimo-sexto vice-rei do Estado Português da Índia (1591–1597), em cumprimento do testamento do marido, ofereceu-o para a capela-mor (para cofre eucarístico) do convento agostinho de Nossa Senhora da Graça, capela associada à família Albuquerque e à figura de Afonso de Albuquerque, aí sepultado. Menos notada pela historiografia é a preponderância de Ormuz e do seu governo no *cursus honorum* de Matias de Albuquerque, já que antes de nomeado vice-rei foi capitão da fortaleza ormuziana de 1584 a 1587, onde patrocinou a construção da igreja de Nossa Senhora da Graça e de Nossa Senhora da Pena na ilha de Ormuz e se evidenciou na conversão de elementos da família real local. Neste cofre encontramos os caracteres próprios da filigrana iraniana: fio perolado (chamado *magrool* na tradição iemenita) a rematar os extremos de todos os frisos do cofre, quer serpentina (*hallph*), quer de elementos em “8”; frisos de elementos em “8” a separar os quadrados que compõem a decoração de todas as faces do cofre; frisos de *palha*, a emoldurar os quadrados que formam a decoração do cofre, constituídos por feixes de fio redondo liso e encordoado (*sahber*), conjugados em entrançado duplo (*mazvi*); enrolamento de fio encordoado de tipo floral, nos pés; e, significativamente, a aplicação de pequenos grânulos (*habbiyat*), ligeiramente achatados, formando triângulos e rosetas (*masbua*). Este cofre de filigrana de ouro de Ormuz poderá então ser datado de c. 1584–1587, período em que Matias de Albuquerque esteve ao comando da sua fortaleza. Este cofre de filigrana de ouro era um dos três cofres de diferentes tamanhos que decoravam a capela-mor da igreja do convento. Repousava dentro de um cofre de tartaruga com montagens de prata que não sobrevive, provavelmente feito no Guzarate na segunda metade do século XVI. Por sua vez, este cofre indiano continha-se dentro de um maior, em cristal de rocha, que ainda sobrevive no mesmo museu lisboeta [cofre n.º 90]. De desenho arquitectónico, assemelhando-se a um edifício completo com colunas de fuste espiralado, e à semelhança de outros exemplares sobreviventes de diversos tamanhos feitos em Veneza por volta de 1600, hoje em diferentes coleções europeias e norte-americanas, o grande cofre apresenta uma estrutura de madeira decorada imitando ferro damasquinado (decorado a ouro), e grandes placas de cristal de rocha polido de grande pureza. O cofre em cristal de rocha foi oferecido a D. Aleixo de Meneses (1556–1617), arcebispo (1595–1612) e governador de Goa (1607–1609) pelo rei de Ormuz. Meneses, por sua vez, enviou-o para o Convento da Graça onde havia professado como agostiniano, e ali serviu de tabernáculo assente sobre serafins entalhados. [Hugo Miguel Crespo]

Considering the stylistic features of medieval Iranian filigree, its survival in Omani and Yemeni jewellery, and its identification with the vocabulary recorded in some surviving sixteenth-century Portuguese documents, it is safe to say that in Portuguese-ruled Hormuz, gold filigree with these features was certainly made: juxtaposed braided wire (*palha* in Portuguese, “straw”), beaded wire, granules forming triangles and lozenges, friezes of “8”-shaped elements, or palmettes swirling into a closed “o”. Such filigree works were avidly consumed by both the Portuguese returning to Europe and those who remained in Asia. These features are present in the decoration of the well-known gold filigree casket that once belonged to Matias de Albuquerque [casket n.º 89] which, having come from India — like the Chinese porcelain which comes from India but is made in China, as Friar Bartolomeu dos Mártires so aptly stated — was commissioned and made not in Goa as previously assumed but in Hormuz. The story of its arrival in Lisbon is well known. Filipa de Vilhena, the widow of Matias de Albuquerque (1547–1609), the sixteenth viceroy of the Portuguese *Estado da Índia* (1591–1597), in fulfilment of her husband’s will, gifted the casket to the main chapel (to be used as a Communion box) of the Augustine Convent of Nossa Senhora da Graça, a chapel associated with the Albuquerque family and the figure of Afonso de Albuquerque, buried there. Less noted by historiography is the preponderance of Hormuz and its control in Matias de Albuquerque’s *cursus honorum*. Before being appointed viceroy, Albuquerque was captain of the Hormuzian fortress from 1584 to 1587, where he sponsored the construction of the church of Nossa Senhora da Graça and Nossa Senhora da Pena on the island of Hormuz. He also became noted for the conversion of elements of the local royal family. In this casket, we find all of the typical features of Iranian filigree: beaded wire (called *magrool* in the Yemeni tradition) decorating the outer edges of all the friezes of the casket, whether serpentine (*hallph*) or comprising “8”-shaped elements; friezes of “8”-shaped elements separating the squares that make up the decoration of all the casket’s sides; “straw”-type friezes framing the squares that form the decoration of the casket, made from bundles of smooth round wires and braided wires (*sahber*), combined with double braids (*mazvi*); braided wire coiled motifs forming floral motifs set on the feet; and, most significantly, the application of small granules (*habbiyat*), slightly flattened, forming triangles and rosettes (*masbua*). This gold filigree casket from Hormuz can thus be dated to around 1584–1587, a period in which Matias de Albuquerque was in charge of this fortress. This gold filigree casket was one of three caskets of different sizes which decorated the convent’s church high chapel. It was stored inside a tortoiseshell casket set with silver mounts which does not survive, probably made in Gujarat in the second half of the sixteenth century. In turn, this Indian casket was stored inside a larger one made from rock crystal, which still survives in the same Lisbon museum [casket n.º 90]. Architectural in design, resembling a building complete with spiralled columns, and like other surviving examples of diverse sizes made in Venice around 1600, now in different collections across Europe and the United States, the casket features a wooden structure decorated as to resemble damascened iron (as if with gold inlays), and large polished rock-crystal plaques of great purity. The rock-crystal casket was gifted to Aleixo de Meneses (1556–1617), archbishop (1595–1612) and governor of Goa (1607–1609) by the king of Hormuz. Meneses in turn sent it to the Convent of Graça where he as an Augustinian had professed, where it served as a tabernacle, set on top of carved seraphim. [Hugo Miguel Crespo]



89

Cofre
Irão, provavelmente Ormuz, c. 1574-1587
Filigrana de ouro, com vestígios de esmalte
14 x 19,5 x 9,6 cm
Museu Nacional de Arte Antiga (Lisboa),
Inv. 577 Our.
Casket
Iran, probably Hormuz, ca. 1574-1587
Gold filigree with traces of enamel
14 x 19,5 x 9,6 cm
Museu Nacional de Arte Antiga (Lisbon),
Inv. 577 Our



90

Cofre
Veneza (Itália), c. 1600
Cristal de rocha, madeira policromada
e dourada, prata dourada, e cobre prateado
58 x 99 x 72 cm
Museu Nacional de Arte Antiga (Lisboa),
Inv. 576 Our.

Casket
Venice (Italy), c. 1600
Rock crystal, painted and gilded wood,
gilt silver, and silvered copper
58 x 99 x 72 cm
Museu Nacional de Arte Antiga (Lisbon),
Inv. 576 Our

Este livro relata as atividades de D. frei Aleixo de Meneses, arcebispo de Goa, na sua deslocação à região de Querala (Kerala), no sudoeste do subcontinente indiano, em 1599, com o objetivo de submeter a comunidade cristã siro-malabar local ao rito latino. O autor da obra foi o frade agostinho António de Gouveia, um discípulo e capelão do arcebispo, que a compôs a partir de registos em primeira mão do arcebispo, do seu confessor e de outros eclesiásticos que também integraram a comitiva. O texto, redigido em 1603 e publicado em 1606, teve boa circulação na Europa, incluindo noutras línguas para além do português, nomeadamente o latim e o inglês. Como sublinhado por Sanjay Subrahmanyam, o livro era uma peça importante do “projeto auto-hagiográfico” do arcebispo, que teve relevante ação em Goa, onde chegou a ser vice-rei, e que, ao regressar a Portugal, em 1611, veio a ser vice-rei de Portugal e arcebispo de Braga, a diocese mais prestigiada do reino, comprovando as suas ambições políticas. Trata-se, portanto, de texto que deve ser lido como uma obra de propaganda política.

A *Jornada* está organizada em três partes, cada uma delas com diversos capítulos, e não tem qualquer menção explícita aos territórios de Sharjah. O fundamento para a sua integração nesta exposição são descrições incluídas na terceira parte da obra, na qual o seu autor fornece informações sobre a sua deslocação à corte de Abbas, xá da Pérsia, onde foi enviado em 1603, no âmbito de embaixada preparada pelo arcebispo de Goa após chegar de Kerala.

Ao longo da bacia do Golfo e à entrada do Mar Vermelho, desde 1572 que a Ordem de Santo Agostinho tinha vindo a assumir papel de relevo, com a criação de conventos, administração de hospitais e outros encargos assumidos por religiosos da Ordem na região. Durante o episcopado do arcebispo D. frei Aleixo de Meneses (1595–1611) essas posições foram reforçadas. Em Mascate, existiu um convento, entre 1595 e 1647, e como os religiosos de Santo Agostinho eram os únicos sacerdotes católicos na região, ali desempenhavam também funções de vigários da paróquia, a qual integrava a arquidiocese de Goa, além de cuidarem dos doentes do hospital régio e de serem pai dos cristãos. Nesta última função deviam instruir e proteger os habitantes locais recém batizados.

Além de Mascate, e provavelmente a partir desta base, os agostinhos espalharam-se por outras fortalezas portuguesas na região, nomeadamente em Qurayyat, Soar, Diba al Hisn [Doba, Dibba], alcançando Baçorá, além de integrarem as armadas navais portuguesas que transitavam por este mar. Nas fortalezas serviam como capelães dos soldados e procuravam expandir o catolicismo entre populações que disputavam com os muçulmanos, o que gerou episódios violentos. Numa crónica seiscentista, da autoria de um agostinho, dizia-se que em Diba al Hisn, fortaleza perdida pelos portugueses em 1620, havia um padre agostinho que também tinha a função de resgatar meninos provenientes da Índia, que os muçulmanos da região mantinham com o intuito de os converterem à sua religião. De igual modo, tentavam os agostinhos cristianizar pessoas nascidas na Arábia ou filhos de pais árabes.

Na sua ida à Pérsia, ou por imperativos da viagem ou para beneficiar do apoio dos confrades instalados na região, António de Gouveia viajou pelas costas da Arábia, e deixou notas sobre as suas perceções e intenções, sublinhando, entre outros aspetos, o calor excessivo e as viagens montado

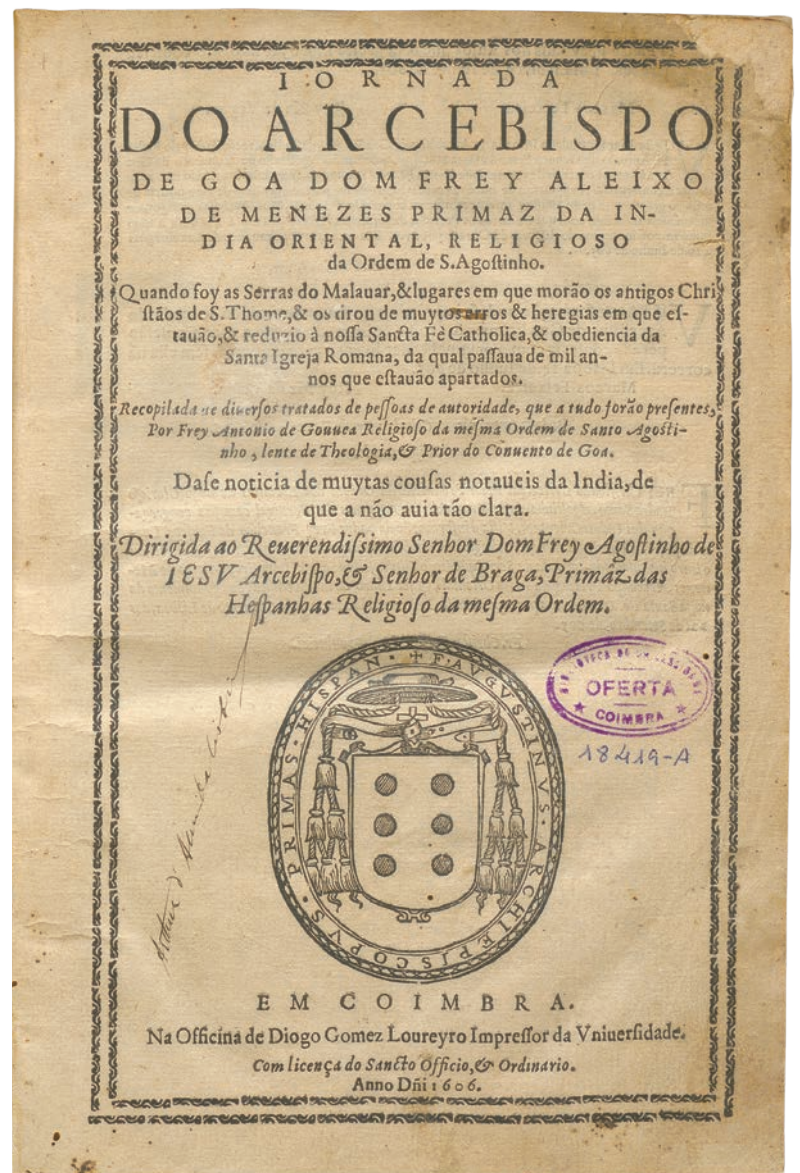
This book relates the activities of Friar Aleixo de Meneses, Archbishop of Goa, on his journey, in 1599, to the region of Kerala, in the southwestern Indian subcontinent, with the aim to submit the local Syro-Malabar Christian community to the Latin rite. The author was the Augustine friar António de Gouveia, a disciple and chaplain to Aleixo de Meneses. The book is based on first-hand information transmitted by the archbishop, his confessor, and other ecclesiastics in the entourage. Written in 1603 and published in 1606, it was read all around Europe, including in languages other than Portuguese, namely Latin and English. As underlined by Sanjay Subrahmanyam, it was an important element in the archbishop’s ‘auto-hagiographical’ project. The archbishop performed a relevant role in Goa, reaching the post of viceroy. On his return to Portugal, in 1611, he became viceroy of Portugal and archbishop of Braga, the most prestigious diocese in the kingdom, which confirmed his political ambitions. The book, therefore, should best be read as a work of political propaganda.

Jornada falls into three parts, each having several chapters, and does not mention the Sharjah territories explicitly. The grounds for including it in this exhibition are the descriptions found in the third part of the book, recalling the author’s journey to the court of Abbas, Shah of Persia, in 1603, as a member of an embassy prepared by the archbishop of Goa after arriving from Kerala.

Since 1572, the Order of St Augustine had played an important role along the Gulf basin and at the entrance to the Red Sea. It had founded convents, administered hospitals and saw to other tasks by its members in the region. Its standing was reinforced during the tenure of Aleixo de Meneses (1595–1611). A convent existed in Muscat between 1595 and 1647. As the Augustinians were the only catholic priests in the region, they were also the parish vicars, the parish being part of the archdiocese of Goa. Besides, they cared for the sick in the royal hospital and looked after the Christian community. This included instructing and protecting the local inhabitants after they took baptism.

Probably working their way from Muscat, the Augustinians spread to other Portuguese strongholds in the region, namely Qurayyat, Sohar, Doba, as far as Basra. Besides, they joined the local Portuguese armadas. In the fortresses, they served as chaplains to the soldiers and tried to expand Catholicism among the local populations, disputing with the Muslims their conversion. This gave rise to violence, as reported in a 16th-century chronicle by an Augustinian friar. According to its author, in the fortress of Diba al Hisn, which the Portuguese lost in 1620, there was an Augustine priest tasked with rescuing young boys from India kept there by local Muslims wanting to convert them. Similarly, the Augustinians tried to Christianise people born in Arabia and the children of Arab parents.

On his trip to Persia (either because his travels required or to find support from his brethren in the region), António de Gouveia travelled along the coasts of Arabia, noting down his perceptions and intents. Among other things, he stressed the excessive heat and travelling on the back of camels. Besides Hormuz and Persia, he was in Bahrain and Socotra. According to his descriptions, this island was located at the ‘mouth of the strait of Mecca (...) toward the side of Arabia’. Its palm groves were laden with dates, and the sea around it was rich in fish. In Socotra, by 1603, →



Jornada do Arcebispo de Goa
Dom Frey Aleixo de Menezes
António de Gouveia
Coimbra: Diogo Gomez Loureyro, 1606
Impresso sobre papel
17,5 x 25,5 cm
Biblioteca Geral da Universidade
de Coimbra (Portugal), RB-6-20
Jornada do Arcebispo de Goa
Dom Frey Aleixo de Menezes
António de Gouveia
Coimbra: Diogo Gomez Loureyro, 1606.
Printed on paper
17,5 x 25,5 cm
Biblioteca Geral da Universidade
de Coimbra (Portugal), RB-6-20

[91] →

em camelos. Além de ter estado em Ormuz e na Pérsia, tocou o Barém e a ilha de Socotorá. Esta, na sua descrição, ficava na “boca do estreito de Meca”, estava “mais encostada a parte de Arábia”, tinha muitas tâmaras nos palmares, e o mar em sua volta era rico em peixes. Aqui, por 1603, o arcebispo pressionava para que o “xeque lhe mande alguns moços orfãos beduínos coma intenção de os batizar e os mandar ensinar em Goa”, para se tornarem sacerdotes e assim “domesticados” regressarem às suas terras para ensinarem o cristianismo junto dos naturais. Ideias semelhantes que o arcebispo poderá ter tido para outras partes do Golfo onde os agostinhos estavam instalados. [José Pedro Paiva]

the archbishop was pressing the ‘sheikh to send him some Bedouin orphan boys with the intention of baptising them and having them taught in Goa’ so that they could become priests. ‘Domesticated’, as it were, they could then be returned to their lands of origin to teach Christian doctrine to the natives. The archbishop may have entertained similar ideas for other parts of the Gulf where the Augustinians were also present. [José Pedro Paiva]

Os primeiros eremitas de Santo Agostinho chegaram à Ásia em 1572, num dos ciclos de maior fulgor da Ordem em Portugal, sob o impulso de reformas protagonizadas por frei Luís de Montoia e iniciadas por 1535. Era então provincial em Portugal frei Agostinho de Jesus que foi um dos impulsionadores desta diáspora rumo ao continente asiático. O foco inicial de atividade foi Ormuz e a região do Golfo e naquela fortaleza criaram os agostinhos o seu primeiro convento na Ásia, sob o priorado de frei Simão de Morais.

Há diversas crónicas redigidas por eremitas de Santo Agostinho que relatam a história destes religiosos na Ásia, nos séculos XVI e XVII. As mais relevantes, da autoria de Manuel da Ave-Maria, frei Manuel da Purificação, frei António de Morais e frei Domingos Vieira subsistiram em versões manuscritas hoje existentes na Biblioteca Nacional de Portugal, na Biblioteca do Seminário Maior da diocese do Porto e na Academia das Ciências de Lisboa. Todas conheceram uma transcrição e impressão apenas nos séculos XX e XXI, por iniciativa de António da Silva Rego, nos volumes 11 e 12 da *Documentação para a História das Missões do Padroado Português do Oriente*, e de Carlos A. Moreira Azevedo, em *Ordem dos Eremitas de Santo Agostinho em Portugal (1256–1834). Edição da Coleção de Memórias de Fr. Domingos Vieira, OESA*.

Elegeu-se para figurar nesta exposição o manuscrito da Academia das Ciências de Lisboa, da qual é académico Sua Alteza o Xequê Sultan bin Muhammad bin Saqr bin Khalid bin Sultan bin Saqr bin Rashid Al Qasimi.

Pouco se sabe acerca de frei António de Morais, autor deste *Memorial*. Tornou-se eremita de Santo Agostinho no convento da Graça, em Lisboa, de onde era natural, em dezembro de 1583, e pouco depois partiu como missionária para a Índia onde chegou a ser vigário da Congregação da Índia Oriental. Foi coetâneo dos acontecimentos que aqui narra, e redigiu-os em Goa, onde acabaria por morrer.

Como as demais crónicas, esta foi concebida num estilo apologetico, apresentando as ações individuais dos agostinhos como grandes façanhas na missão de populações asiáticas, dando conta das principais fundações que erigiram e da emulação com missionários de outras ordens, principalmente os que precederam os agostinhos na Ásia: franciscanos, dominicanos e jesuítas. Destacou ainda os agostinhos mártires que teriam morrido para difundir o cristianismo entre populações que professavam outras crenças, nomeadamente muçulmanos e hindus. Não é nem original, nem historiograficamente especialmente relevante, pese embora forneça dados factuais úteis a respeito dos missionários e dos territórios onde se instalaram.

O *Memorial* apresenta numa sequência cronológica os 26 grupos que, entre 1572 e 1628 embarcaram para a Ásia. Esta é a parte mais substantiva do relato e vai até ao capítulo 30, numa obra que tem um total de 39 capítulos. Neste périplo, o autor refere alguns dos religiosos que estiveram em Ormuz, Mascate ou na região do Golfo, como frei Sebastião de Jesus, prior de Mascate pelos finais do século XVI inícios do século XVII, ou frei Francisco Ribeiro, prior e vigário de Mascate na década de 20 do século XVII.

Os capítulos 31 a 37 são os mais ricos a respeito de informações sobre os territórios onde estes eremitas de Santo Agostinho atuaram. O foco do capítulo 32 é a região Golfo, com destaque para o convento e igreja de Nossa Senhora da Graça de Ormuz, onde os agostinhos tiveram até 1622 sem-

The first Augustinian hermits arrived in Asia in 1572, as part of a most significant cycle in the history of the Order in Portugal, under the impetus of reforms by Friar Luís de Montoya, which began in 1535. Friar Agostinho de Jesus, who resided in Portugal at the time, was among the pioneers of this diaspora in Asia. Their initial target was Hormuz and the Gulf region, having been in the fortress itself that the Augustinians founded their first convent in Asia, under the leadership of Friar Simão de Morais.

Several chronicles were penned by Augustinian hermits, recounting the history of these men of religion in Asia throughout the 16th and 17th centuries. The most relevant — written by Manuel da Ave-Maria, Friar Manuel da Purificação, Friar António de Morais and Friar Domingos Vieira — have survived in handwriting in their original form and are currently stored in the National Library of Portugal, in the Library of the Major Seminary of the Diocese of Porto, and in the Lisbon Academy of Sciences. None were transcribed nor printed before the 20th and 21st centuries, on the initiative of António da Silva Rego, in volumes 11 and 12 of his *Documentação para a História das Missões do Padroado Português do Oriente*, and of Carlos A. Moreira Azevedo, in *Ordem dos Eremitas de Santo Agostinho em Portugal (1256–1834). Edição da Coleção de Memórias de Fr. Domingos Vieira, OESA*.

The manuscript on display is the copy at the Sciences Academy of Lisbon, an institution of which His Highness Sheikh Sultan bin Muhammad bin Saqr bin Khalid bin Sultan bin Saqr bin Rashid Al Qasimi is a member.

Little is known about Friar António de Morais, author of the *Record*, except that he became an Augustinian hermit in the Graça Convent, Lisbon, where he had been born in December 1583. Shortly after joining the order, he left as a missionary to India, where he was appointed the vicar of the Congregation of Eastern India. He was a firsthand witness to the events narrated in the *Record*, which he wrote up in Goa, the place where he died.

Like other chronicles, this one was conceived in an apologetic style, presenting the individual actions of the Augustines as incredible feats in the missionary work conducted among the Asian populations. It provides an account of the main facilities built and the efforts made to emulate missionaries of other orders, especially those who preceded the Augustines in Asia: the Franciscans, Dominicans, and Jesuits. He also highlighted the Augustin martyrs who died to spread Christianity among populations that professed other beliefs, specifically Muslim and Hindu. The work is neither original nor especially relevant from a historiographical standpoint. However, it does provide valuable factual data about the missionaries and the lands where they settled.

The *Report* represents chronologically 26 groups that sailed to Asia between 1572 and 1628. Taking up the first 30 chapters in a work totaling 39 chapters, this is the largest part. The author mentions some of the religious people who travelled to Hormuz, Muscat, and the Gulf region, such as Friar Sebastião de Jesus, prior of Muscat in the late 16th and early 17th centuries, and Friar Francisco Ribeiro, prior and vicar of Muscat in the 1720s.

Chapters 31 to 37 are the richest in information about the territory in which the Augustinian hermits operated. The focus of chapter 32 →

[92] →

pre cerca de 20 freires. Estes ajudavam os doentes no hospital, pregavam aos cristãos e ensinavam a doutrina “pelas ruas” às populações não cristãs que viviam no importante porto e fortaleza de Ormuz, a maior parte deles muçulmanos, mas também judeus e hindus. Outro dos locais a que é dado relevo é a fortaleza de Mascate. Ali os agostinhos dispunham de um vigário indicado pelo arcebispo de Goa o qual era responsável pelo acompanhamento religioso dos cristãos, mas também pela aplicação da justiça eclesiástica sobre os cristãos da fortaleza. A partir de Mascate, os agostinhos forneciam as armadas portuguesas com eclesiásticos, em todas “os assaltos e brigas” que os navios portugueses faziam nas costas do Golfo. Os agostinhos também tinham um freire para acompanhar os soldados das guarnições portuguesas de Sohar, no atual Omã, e Doba (Dibah, Dibba), isto é, Diba al-Hisn, hoje em Sharjah.

Neste capítulo também se menciona a atuação dos agostinhos em Baçorá e na Pérsia, nomeadamente em Aspão, pois no espaço mental dos portugueses toda esta região do Golfo, com Ormuz à cabeça constituía uma unidade.

A ideia principal que o autor desejou transmitir é a de que todas as necessidades dos cristãos e todas as iniciativas de difusão do cristianismo que se realizaram nesta zona estiveram a cargo dos eremitas de Santo Agostinho. [José Pedro Paiva]

is the Gulf region, with emphasis placed on the convent and church of Our Lady of Grace at Hormuz, in which around 20 Augustinian friars lived until 1622. They gave assistance to the inmates at the hospital, preached to the Christian community, and evangelised the non-Christian population ‘in the street’, in the important port and fortress of Hormuz. Most of them were Muslims but there were also Jews and Hindus. The Fortress of Muscat is referred to as the place where the Augustines had a vicar appointed by the archbishop of Goa, who was responsible for providing religious support and applying ecclesiastical law on the Christian residents of the fortress. Operating out of Muscat, the Augustines supplied the Portuguese fleets with ecclesiastics for all ‘the assaults and fights’ carried out on the Gulf coasts. The Augustines also provided a friar to join the Portuguese garrisons in Sohar, in present-day Oman, and Doba, that is, Diba al-Hisn, in present-day Sharjah.

The same chapter mentions Augustine activity in Basra and Persia, specifically in Isfahan, as the Portuguese saw this entire Gulf region as a single unit, with Hormuz at its head.

The author sought to convey the main idea that every need of the Christians found in this area was met, and that the the Hermits of Saint Augustine were fully responsible for spreading Christianity there. [José Pedro Paiva]

Memorial das missões de Religiosos que
mandou a nossa Prouincia de nosso P.
Santo Aug.^o de Portugal a esta Con-
gregação da Índia, e das cousas e
que se occupão feito pello P.^o Freij
Antonio demoraes Vig.^o Prou.^o
que foi da dita Congregação.



Cap. I.
Do tempo em que uierão oprim.^o Religiosos.

No anno de 1577. que foi o ultimo do pontificado do Papa Pio 5.^o que co suas heroicas
obras, e excellentes uirtudes, e grandes mostras de sanctidade, deu por eterna memoria
de seu nome o sanctissimo gouerno, reinoua nos seus Reinos de Portugal, o excellentissimo,
e excellentissimo Rey d.^o Sebastião conquistador dos mouros e africanos, e reparo seu
reino grandeza de animo como mal afortunado, em idade de dezoito annos, seis antes
de sua queda de africa, em nossa sagrada Religião Augustiniana tinha o p.^o lugar, e
gouernou vinte annos, om.^o benemérito, e docto p.^o mestre fr.^o Jodas p.^o s.^o geral
de toda ella, em benemérito de outros lugares de muito mor dignidade e honra, em
nossa Prouincia de Portugal, era dignissimo Prouincial om.^o P.^o de fr.^o Aug.^o de
jesu, que seruindo primeiro outros officios da Prouincia co excellente administração
e gu.^o neste lugar sendo segundo depois do gouerno do b.^o fr.^o Luis de montoya,
que como reformador e Vig.^o geral gouernou vinte annos, co tam grandes mostras
de sua sanctidade co grande de milagres, como se alla muree anda escrito em sua Vi-
da, e de P.^o fr.^o Aug.^o de jesu, acabado officio de Prouincial que co muita gra-
deza fez, foi mandado pella Prouincia a Roma de negocios de muita importancia, e
no tempo que chegou gouernou a a igreja de d.^o de d.^o de memoria eterna do Papa
gregorio 13. diante do qual fr.^o ead.^o adito p.^o que o mandou reformar as Pro-
uincias de nossa sagrada Religião de alemanha. Em tempo que ellas estavam bem ne-
cessitadas de tal uiceo como aquella, e ali se ouu de maua e de tanta grandeza

*Memorial das missões dos religiosos que mandou a nossa
Prouincia de nosso Padre Santo Augustinho de Portugal
a esta Congregação da Índia e das cousas em que se occupam*

Frei António de Morais

Goa (?), c. 1630

19,5 x 14,5 cm

Academia das Ciências de Lisboa (Portugal),

Vermelho 495

*Memorial das missões dos religiosos que mandou a nossa
Prouincia de nosso Padre Santo Augustinho de Portugal
a esta Congregação da Índia e das cousas em que se occupam*

Frei António de Morais

Goa (?), c. 1630

Manuscript on paper

19,5 x 14,5 cm

Academia das Ciências de Lisboa (Portugal),

Vermelho 495

A Congregação da Propaganda Fide foi instituída pelo papa Gregório XV, no ano de 1622, com o intuito de aumentar o domínio papal sobre os processos de expansão de cristianismo em diversos territórios do mundo. Nos seus ricos acervos preservam-se documentos com informação sobre a região do Golfo, desde o Estreito de Rossalgate, hoje cabo El-Hadd, à entrada do Golfo de Omã, até Baçorá.

Entre essa documentação, figura este relatório, compilado em Lisboa, por religiosos da Ordem de Santo Agostinho, no ano de 1630, a respeito de disputas que mantinham com missionários apostólicos carmelitas enviados pela Propaganda Fide, os quais não eram portugueses e que atuavam na região do Golfo. Um dos pontos da polémica era a designada cristandade de S. João, comunidade de cristãos caldeus originária de Baçorá. Estes, na década de 1620, tinham sido autorizados pelo vice-rei da Índia a instalar-se em Doba (Dibah, Dibba), região que se refere ao porto de Diba al-Hisn, hoje em Sharjah, ao território adjacente de Dibba al-Fujeirah, no emirado de Fujeirah, e a uma zona mais a Norte da baía Dibba al-Bay'ah, no atual Omã, onde então havia uma fortaleza portuguesa. Os membros da cristandade, cerca de 700 pessoas, quando lá foram deixados, encontraram o território ocupado por árabes locais, com exceção da fortaleza. Isso desagradou-os, pois eles desejavam a terra para a trabalhar e dela tirarem o seu sustento, pelo que rapidamente se deslocaram para Mascate e dali, alguns deles, para Goa.

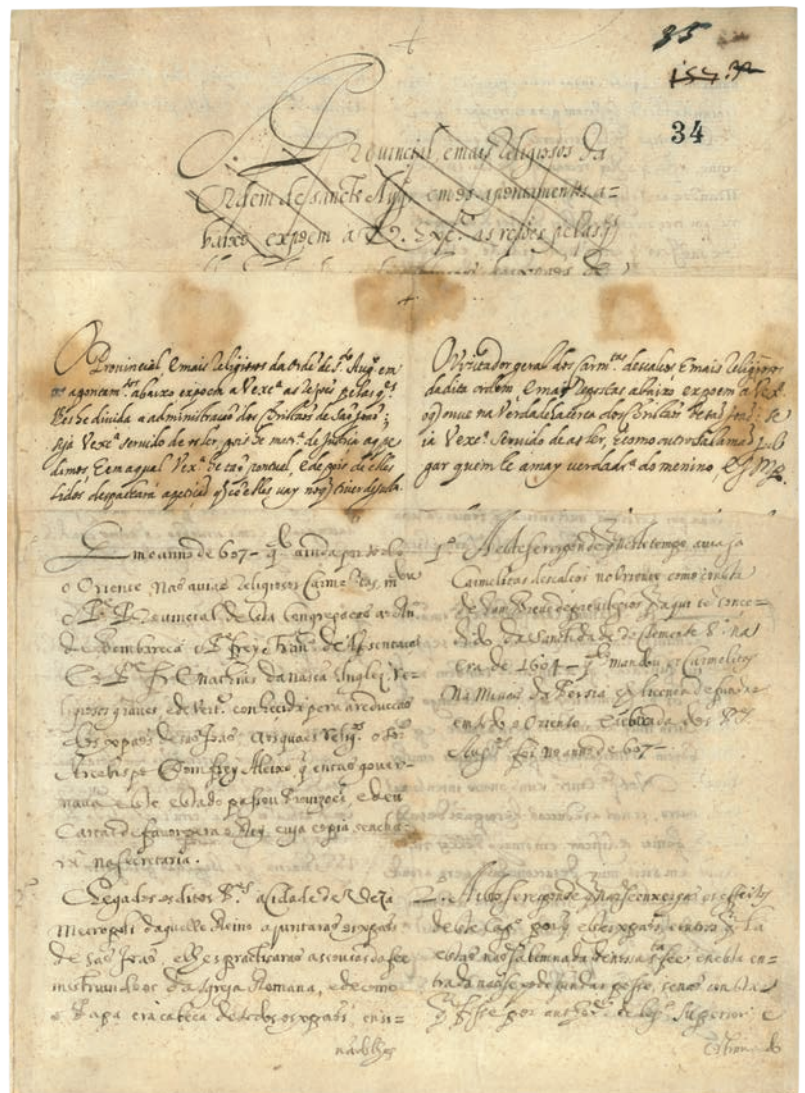
Neste relatório, contrariando pretensões dos carmelitas na região, os agostinhos defendem que o rei de Portugal D. Sebastião, em 1573, os enviara para a fortaleza e Estreito de Ormuz e que, desde então, ali sempre tinha havido membros desta ordem religiosa, tal como na vizinha Pérsia, aqui por instruções dadas pelo rei D. Felipe I (r. 1581–1598). Explicam ainda que, desde 1573, os vice-reis e governadores do *Estado da Índia* e os arcebispos de Goa sempre mantiveram os privilégios que os agostinhos tinham naquela região, nunca consentindo que outros missionários se instalassem para norte do Estreito de Rossalgate, hoje cabo El-Hadd à entrada do Golfo de Omã, pelo que toda a zona do Golfo até Baçorá lhes estaria reservada. Assim, no período entre 1573 e 1630, logo que nascia uma cristandade do “Estreito para dentro”, os agostinhos mandavam edificar igrejas e colocar padres da sua religião, como sucedeu na fortaleza de Mascate, no bandel de Comorão (Bandar Abbas), cidade portuária na costa sul do Irão, perto de Ormuz; em Queixome (ilha de Qeshm ou Jerizar-at-Tawila), a maior ilha do Golfo, na banda contrária a Sharjah; e na referida Doba (Dibah, Dibba). Nestas regiões, explicavam, sempre mantiveram vigários, menos nas terras que, entretanto, iam ficando em “poder de mouros”. Assim se referiam os agostinhos às populações muçulmanas, na linguagem violenta e segregadora da época. Além disso, os agostinhos sempre mantiveram capelães seus nas armadas do Estreito, alguns dos quais teriam morrido como mártires, quer por naufrágios, quer em guerras com populações locais. [José Pedro Paiva]

The Congregation de Propaganda Fide was established by Pope Gregory XV in 1622, in order to increase papal control over the expansion of Christendom around the world. Its rich collections contain documents with information about the Gulf region, from Ra's al-Hadd (Cape Roçalgate), at the entrance to the Gulf of Oman, to Basra.

Among the documents a report can be found, compiled in Lisbon in 1630 by clergymen belonging to the Order of St Augustine. It concerns their disputes with members of the Carmelite Order, which the Propaganda Fide had sent on an apostolic mission. They were active in the Gulf region and were not of Portuguese origin. One point of contention was the so-called *cristandade de São João*, a community of Chaldean Christians originally from Basra.

In the 1620s, the Viceroy of India had allowed them to settle in ‘Doba’, a region corresponding to the port of Diba al-Hisn, today in Sharjah, to an adjacent territory named Dibba al-Fujairah, in the Fujairah emirate, and to an area north of the Dibba al-Bay'ah bay, in present-day Oman, where a Portuguese fortress existed. The Christians (about 700 in number), left there, found the territory occupied by local Arabs, except for the fortress. This was not to their liking, since they wished the land for themselves, to work on and make a living. Therefore, they quickly moved to Muscat. From there, some proceeded to Goa.

The report opposes claims made by the local Carmelites. In it, the Augustinians defend that King Sebastião of Portugal had sent them in 1573 to the fortress and Strait of Hormuz, adding that since then, there had always been Augustinians there and in neighbouring Persia, following the instructions of King Philip I (r. 1581–1598). They also explain that, since 1573, the viceroys and governors of the *Estado da Índia*, along with the archbishops of Goa, had always kept the Augustinian privileges in the region, never consenting to other missionaries settling north of Ra's al-Hadd, at the entrance to the Gulf of Oman, so that the entire Gulf region as far as Basra was their preserve. Thus, in the period between 1573 and 1630, at the same time a Christian community emerged from ‘the Strait inwards’, the Augustinians had churches built, assigning priests from their own kind. This much happened in the fortress of Muscat, located in Bandar Abbas, a port city near Hormuz, in southern Iran; at Qeshm, the largest island in the Gulf, on the opposite side of Sharjah; and at Doba, already mentioned. They were careful to explain that they had always kept vicars in those regions, except in places which eventually fell ‘in power of the Moors’ — the Augustinians referring to the Muslim populations in violent and segregating terms, as befitted the age. Besides, the Augustinians added, there had always been chaplains of theirs in the armadas of the Strait. Some had lost their lives as true martyrs, either in shipwrecks or on account of war with the local populations. [José Pedro Paiva]



Exposição elaborada por religiosos de Santo Agostinho, sobre a “crisandade” de S. João, originária de Baçorá, contendo referências a diversos territórios situados no Golfo, entre os quais Diba

Lisboa, 1633

Manuscrito sobre papel

21 x 29,5 cm

Archivio Storico “De Propaganda Fide” (Roma), Scrittura originali riferite nelle Congregazione Generali (SOCCG), vol. 194, fl. 34-39

Exposition made by the Augustinians on the *crisandade* de S. João, from Basra, containing references to several territories in the Gulf, Diba among them

Lisbon, 1633

Manuscript on paper

21 x 29,5 cm

Archivio Storico “De Propaganda Fide” (Roma), Scrittura originali riferite nelle Congregazione Generali (SOCCG), vol. 194, fl. 34-39

Emirado de Sharjah,
Emirados Árabes Unidos.
Novembro 2023

Emirate of Sharjah,
United Arab Emirates.
November 2023

إمارة الشارقة ،
الإمارات العربية المتحدة.
نوفمبر 2023

شهد عام 1622 تأسيس البابا جريجوري الخامس عشر لمجمع تبشير الشعوب Congregation de Propaganda Fide وذلك من أجل زيادة السيطرة البابوية على توسع المسيحية حول العالم، وقد تضمنت مجموعاته الغنية وثائق تحتوي على معلومات حول منطقة الخليج بدءًا من رأس الحد (رأس روتشالجييت) الواقع عند مدخل خليج عمان وصولًا إلى البصرة.

ونجد من ضمن تلك الوثائق تقريرًا كان قد جُمع في مدينة لشبونة في عام 1630 من قبل رجال دين ينتمون إلى كنيسة القديس أوجسطينوس وهو التقرير الذي يتعلق بنزاعاتهم مع أعضاء الرهبنة الكرميلية التي أرسلها مجمع تبشير الشعوب في مهمة رسولية، وقد اتسم أفراد تلك المهمة بنشاطهم التبشيري داخل منطقة الخليج ولم يكونوا من أصول برتغالية وكانت إحدى نقاط الخلاف الدائر هي ما يُعرف باسم مسيحية القديس جون وهي جماعة من المسيحيين الكلدان المنحدرين في الأصل من البصرة.

وقد شهدت فترة عشرينيات القرن السادس عشر سماح نائب الملك في الهند باستقرارهم في «دبا» وهي المنطقة المقابلة لميناء دبا الحصن (اليوم في الشارقة) في منطقة مجاورة تسمى دبا الفجيرة في إمارة الفجيرة، كما سُمح لهم أيضًا بالاستقرار في منطقة شمال خليج دبا البايعة (في عُمان الحالية) حيث توجد قلعة برتغالية، غادر المسيحيون (وكان عددهم حوالي 700 مسيحي) تلك الأماكن ووجدوا أن المنطقة قد احتلها العرب المحليون باستثناء القلعة ولم يكن هذا مناسبًا لهم لأنهم كانوا يرغبون في الحصول على كل الأرض لأنفسهم للعمل وكسب الرزق لذلك سرعان ما انتقلوا إلى مسقط ومن هناك توجه بعضهم إلى جوا.

ومن الجدير بالذكر أن التقرير قد جاء بما يعارض مزاعم الكرمليين المحليين: فحسبما ورد فيه قد دافع الأوجسطينيون عن حقيقة أن ملك البرتغال سيستياو قد أرسلهم في عام 1573 إلى قلعة ومضيق هرمز مضيفين أنه منذ ذلك الحين كان هناك دائمًا أوجسطينيين يعيشون هناك وفي بلاد فارس المجاورة وفقًا لتعليمات الملك فيليب الأول (1581-1598)، وقد أوضحوا أيضًا أنه منذ عام 1573 حافظ نواب الملك وحكام ولاية الهند جنبًا إلى جنب مع أساقفة جوا على امتيازات الأوجسطينيين في المنطقة ولم يكونوا أبدًا على وفاق مع المبشرين الآخرين الذين استقروا في شمال رأس الحد عند مدخل خليج عُمان فكانت منطقة الخليج بأكملها وصولًا إلى مدينة البصرة حكرًا عليهم، لذا وفي الفترة ما بين 1573 و 1630 وفي نفس الوقت الذي نشأ فيه مجتمع مسيحي من «المضيق إلى الداخل» شيد الأوجسطينيون كنائسهم وقاموا بتعيين قساوسة من دوائرتهم وكان هذا نمطًا متكررًا وكثير الحدوث في قلعة مسقط الواقعة في بندر عباس وهي المدينة الساحلية التي تقع بالقرب من هرمز في جنوب إيران؛ في قشم وهي أكبر جزيرة في الخليج وعلى الجانب الآخر من الشارقة؛ في دبا، وقد كان الأوجسطينيين حريصين على توضيح حقيقة احتفاظهم دومًا بقساوسة في تلك المناطق باستثناء الأماكن التي سقطت في نهاية المطاف تحت «سلطة المورين» والتي كان يشير فيها الأوجسطينيون إلى السكان المسلمين بعبارة عنصرية كانت تناسب هذه الفترة من الزمان، بالإضافة إلى ذلك فقد أضاف الأوجسطينيون أنه كان هناك دائمًا قساوسة تابعين لهم في أسطول المضيق وقد فقد بعضهم حياتهم كشهداء حقيقيين إما بين حطام السفن أو بين رحايا الحرب الدائرة مع في مواجهة السكان المحليين.

[خوسيه بيدرو بايفا]

93 - شرح للأوجسطينيين عن مسيحية القديس يوحنا - من البصرة ، ويتضمن إشارات إلى عدة أقاليم في الخليج من بينها دبا لشبونة - 1633 مخطوطة على ورق مقاس: 21 × 29.5 سم الأرشيف التاريخي لـ «De Propaganda Fide» (روما) - الكتب المقدسة الأصلية المشار إليها في المجموعات العامة (SOCG) - المجلد رقم 194 - الصحيفة رقم 34-39

92. إحياء ذكرى الإرساليات الدينية التي أرسلتها مقاطعة أينا القديس أوجسطينوس البرتغالي إلى هؤلاء المصلين في الهند والأمور التي تعنيهم
الراهب أنتونيو دي موراييس
جوا (؟) - حوالي 1630
مخطوطة على ورق
مقاس: 14.5×19.5 سم
أكاديمية لشبونة للعلوم - فيرميلهو 495

لقد شهد عام 1572 وصول أول النُساك الأوجسطينيين إلى قارة آسيا كجزء من أهم دورة في تاريخ الكنيسة في البرتغال في ظل زخم الإصلاحات التي قام بها الراهب لويس دي مونتويا والتي بدأت في عام 1535، وقد كان الراهب أوجستينو دي جيسوس والذي أقام في البرتغال في ذلك الوقت من بين رواد هذا الشتات في آسيا وكان هدفهم الأولي هرمز ومنطقة الخليج بعد أن عاشوا في القلعة نفسها والتي اتخذ منها الأوجسطينيون أول دير لهم في آسيا تحت قيادة الراهب سيماء دي موراييس.

وتشير العديد من السجلات التاريخية التي خطها النساك الأوجسطينيون ، إلى تاريخ رجال الدين هؤلاء في آسيا طوال القرنين السادس عشر والسابع عشر ويُعد ما كتبه كل من مانويل دا أفي ماريا والراهب مانويل دا بوريفيكاسا والراهب أنتونيو دي موراييس والراهب دومينجوس فييرا الأكثر صلّة وقد نجت تلك الكتابات بخط اليد في شكلها الأصلي وهي مودعة اليوم في المكتبة الوطنية للبرتغال وفي مكتبة المدرسة الإكليريكية الرئيسية لأبرشية بورتو وفي أكاديمية لشبونة للعلوم ، ومن الجدير بالذكر أنه لم يتم نسخ أي منها أو طباعتها قبل القرن العشرين والقرن الحادي والعشرين وذلك بمبادرة قام بها أنتونيو دا سيلفا ريجو ، في المجلدين 11 و 12 من كتابه توثيق لتاريخ البعثات البرتغالية Padroado do Oriente ، وكارلوس أ. موريرا أزيفيدو في كتابه وسام الناسك للقديس أوجسطين في البرتغال (1834-1256) - طبعة من مجموعة ذكريات الأب - دومينجوس فييرا.

وتُعد المخطوطة المعروضة هنا النسخة المودعة في أكاديمية العلوم بلشبونة وهي المؤسسة التي ينتمي إليها صاحب السمو الشيخ سلطان بن محمد بن صقر بن خالد بن سلطان بن صقر بن راشد القاسمي.

قد لا نعرف الكثير عن الراهب أنتونيو دي موراييس- مؤلف السجل- باستثناء أنه قد أصبح ناسكًا أوجسطينيًا في دير جراسا بلشبونة حيث ولد في ديسمبر 1583، وقد غادر دي موراييس كمبشر إلى الهند بعد فترة وجيزة من انضمامه إلى الكنيسة حيث تم تعيينه نائبًا لمجمع شرق الهند ، وقد كان شاهدًا مباشرًا على الأحداث الواردة في السجل والتي كتبها في جوا؛ ذلك المكان الذي تُوفي فيه.

وكغيره من السجلات التاريخية فقد تم تصميم هذا الكتاب بأسلوب دفاعي أو تبريري؛ حيث يطرح الإجراءات الفردية لأوجسطين على كونها متأثر لا تُصدق في العمل التبشيري الذي تم نشره بين السكان الآسيويين، ويقدم السجل وصفًا للمرافق الرئيسة التي تم بناؤها والجهود المبذولة لمحاكاة المبشرين من الرتب الأخرى وخاصة أولئك الذين سبقوا أوجسطين في آسيا مثال الفرنسييسكان والدومينيكان واليسوعيون، كما سلط السجل الضوء على شهاداء أوجسطين الذين ماتوا في سبيل نشر المسيحية بين تلك الشعوب التي اعتنقت معتقدات أخرى وتحديداً المسلمين والهندوس، ومن الجدير بالذكر أن هذا العمل لا يُعد أصليًا ولا يُعد أيضًا ذا صلة خاصة من وجهة نظر تاريخية إلا أنه يوفر بيانات واقعية قيمة حول المبشرين والأراضي التي استقروا فيها.

ويقدم التقرير في خط زمني متسلسل 26 مجموعة من النُساك الذين أبحروا في اتجاه قارة آسيا في الفترة بين 1572 و 1628 ليحتل هذا الجزء 30 فصلًا من فصول عمل يتألف من 39 فصل ويشكل أكبر شطر منه،

ويذكر المؤلف بعض الشخصيات الدينية التي سافرت إلى هرمز ومسقط ومنطقة الخليج مثل الراهب سيباستياو دي جيسوس والذي احتل منصب رئيس كنيسة مسقط في أواخر القرن السادس عشر وأوائل القرن السابع عشر والراهب فرانسيسكو ريبيرو الرئيس السابق ونائب كنيسة مسقط في عشرينيات القرن الثامن عشر.

وتُعد الفصول من 31 إلى 37 هي الفصول الأكثر ثراءً بالمعلومات حول الإقليم التي عمل فيها النُساك الأوجسطينيون؛ فينصب التركيز في الفصل 32 على منطقة الخليج مع إبراز دير وكنيسة سيدة النعمة في هرمز حيث تواجد فيها حوالي 20 من النُساك الأوجسطينيين حتى عام 1622، وقد قدموا المساعدة لنزلاء المستشفى ووعظوا المجتمع المسيحي وبشروا السكان غير المسيحيين « في الشوارع » في ميناء وحصن هرمز المهمين والتي كان معظم سكانها من المسلمين إضافةً إلى بعض اليهود والهندوس، ويُشار في التقرير إلى قلعة مسقط على أنها المكان الذي اتخذ فيه القديس أوجسطينوس نائبًا له معيّنًا من قبل رئيس أساقفة جوا والذي كان مسؤولاً عن تقديم الدعم الديني وتطبيق القانون الكنسي على السكان المسيحيين في القلعة، أما بالنسبة للوضع خارج مسقط فقد قام الأوجسطينيون بتزويد الأساطيل البرتغالية برجال دين انضموا إلى جميع «الغزوات والحملات» التي نُفذت على سواحل الخليج ، كما وفر الأوجسطينيون أيضًا راهبًا للانضمام إلى الحاميات البرتغالية في صحار في عُمان الحالية ودوبا أي دبا الحصن في الشارقة الحالية.

كما يذكر الفصل نفسه الأنشطة التي اضطلع بها الأوجسطينيون في البصرة وفارس؛ خاصةً في أصفهان حيث تعامل البرتغاليون مع منطقة الخليج كوحدة واحدة ترأسها هرمز.

ومن الجدير بالذكر أن المؤلف قد سعى إلى إيصال الفكرة الرئيسة التي مفادها أنه قد تم تلبية كل حاجة للمسيحيين الموجودين في هذه المنطقة وأن النُساك في كنيسة القديس أوجسطين كانوا مسؤولين مسؤولية كاملة عن نشر المسيحية هناك.

[خوسيه بيدرو بايفا]

91. لقاء كبير أساقفة جوا السيد فردي أليكسو دي مينيسيس أنطونيو دي جوفيا
كوبيرا: دييجو جوميز لوريريو، 1606.
مطبوع على ورق
مقاس: 17.5 × 25.5 سم

يحتوي هذا الكتاب الأنشطة التي قام بها الراهب أليكسو دي مينيسيس رئيس أساقفة جوا في رحلته في عام 1599 إلى منطقة كيرالا في جنوب غرب شبه الجزيرة الهندية بهدف إخضاع جماعة السريان- المالبارين المسيحية للطغس اللاتيني. وكان مؤلف الكتاب الراهب الأوجسطيني أنطونيو دي جوفيا، تلميذ وقس مساعد لأليكسو دي مينيسيس، ويعتمد الكتاب على معلومات عايشها المؤلف بنفسه وينقلها رئيس الأساقفة وكاهن الاعتراف الخاص به ورجال دين آخرون في الحاشية، وضع الكتاب في عام 1603 ونُشر في عام 1606 وقرئ في جميع أنحاء أوروبا بلغات غير البرتغالية كاللاتينية والإنجليزية، وكما أوضح سانجاي سابراهمانيام فقد كان هذا عنصرًا مهمًا في مشروع رئيس الأساقفة لكتابة «السيرة الذاتية» حيث لعب رئيس الأساقفة دورًا ملاميًا في جوا إلى أن وصل إلى منصب الحاكم، وبعد عودته إلى البرتغال في 1611، صار حاكم البرتغال ورئيس أساقفة براجا، أعرق أبرشية في المملكة الأمر الذي عزز من طموحه السياسي لذا فإنه من الأفضل قراءة الكتاب كأداة للدعاية السياسية.

يقع كتاب «الرحلة» في ثلاثة أجزاء يتكون كل منها من عدة فصول ولا يرد فيه ذكر المشاركة بوضوح، لكن تم إدراجها في المعرض بسبب التوصيفات الواردة في الجزء الثالث من الكتاب الذي يذكر رحلة المؤلف لبلاط عباس شاه فارس في عام 1603 كعضو من أعضاء السفارة التي جهزها رئيس أساقفة جوا بعد وصوله من كوريا.

ومنذ عام 1572 لعبت طائفة سان أوجسطين دورًا هامًا بطول حوض الخليج وعند مدخل البحر الأحمر؛ حيث أنشأت أديارا للراهبات وأدارت مستشفيات وأنجزت أعضاؤها مهام أخرى في المنطقة، وقد تعززت مكانتها في أثناء حكم أليكسو دي مينيسيس (1595-1611) وأقيم دير في مسقط ما بين عامي 1595 و1647، ونظرًا لأن الأوجسطينيين كانوا الكهنة الكاثوليك الوحيدين في المنطقة فقد قاموا أيضا بدور كهنة الأبرشيات لأن الأبرشية جزء من أسقفية جوا، علاوة على هذا فقد اعتنقوا بالمرضى في المستشفى الملكي وقدموا الرعاية للمجتمع المسيحي وتضمن هذا إرشاد وحماية السكان المحليين بعد تعميدهم.

ربما انتشر الأوجسطينيون وهم عائدون من مسقط بين المعامل البرتغالية الأخرى في المنطقة مثل القريات وصحار ودوبا ووصلوا حتى البصرة، كما أنهم انضموا إلى الأسطول البرتغالي المحلي في الحصون فعملوا كمساعدين للجنود وحاولوا نشر الكاثوليكية بين السكان المحليين واختلّفوا مع المسلمين حول تنصيرهم، وقد أدى هذا إلى اندلاع أعمال العنف كما أفاد أحد سجلات القرن السادس عشر الذي كتبه قس أوجسطيني، ووفقًا للمؤلف فقد سكن حصن دبا الحصن الذي فقده البرتغاليون عام 1620 كاهن أوجسطيني مكلف بإنقاذ الفتية الصغار القادمين من الهند والمحتجزين هناك من جانب الأهالي المسلمين الذين يرغبون في أن يجبروهم على اعتناق الإسلام، وبالمثل حاول الأوجسطينيون تنصير الناس المولودين في الجزيرة العربية والأطفال المنحدرين من آباء عرب.

ومن الجدير بالذكر أن أنطونيو دي جوفيا قد سافر في رحلته إلى فارس (إما لأن أسفاره تطلبت هذا أو سعيا للحصول على دعم من إخوته في المنطقة) بمحاذاة ساحل الجزيرة العربية مدوّنًا ما يراه في مخططاته، وقد أبرز من بين ما أبرزه في كتاباته تلك القبيظ الشديد والسفر على ظهر الجمال، وبالإضافة إلى هرمز وفارس فقد سافر أنطونيو دي جوفيا أيضًا إلى البحرين وسقطرى، ووفقًا لأوصافه كانت هذه الجزيرة تقع في «فم مضيق مكة (..)» وتميل جهة الجزيرة العربية، وكانت بساتين النخيل بها زاخرة بالتمر وكانت البحار المحيطة بها غنية بالأسماك، في سقطرى وبحلول عام 1603 ألح رئيس الأساقفة على الشيخ ليعت له ببعض الفتية من البدو الأيتام بنية تعميدهم وتعليمهم في جوا» كي يكونوا كهنة فيما بعد، وبعد «استئناسهم» يمكن إعادتهم إلى أوطانهم لتدريس العقيدة المسيحية للأهالي، وربما قد خطر لرئيس الأساقفة مثل هذه الأفكار في مناطق أخرى من الخليج حيث وجد الأوجسطينيون أيضًا.

[خوسيه بيدرو بايفا]

89. صندوق
إيران - ربما مملكة هرمز - 1574-1587
تفريغ في الذهب مع آثار من المينا
مقاس: 14 × 19.5 × 9.6 سم
المتحف الوطني للفن القديم (لشبونة)، القطعة 577

90. صندوق
فينيسيا (إيطاليا) - 1600 م.
من الكريستال الصخري والخشب المطلي والمذهب والفضة
المطلية بالذهب والنحاس المطلي بالفضة
مقاس: 99 × 72 سم
المتحف الوطني للفن القديم (لشبونة)، القطعة 576.

[90-89] بالنظر إلى السمات الأسلوبية لتقنية التفريغ الإيرانية المستخدمة خلال العصور الوسطى واستمرار استخدامها في صناعة الحلي العمانية واليمينية وتطابقها مع المفردات المسجلة في بعض الوثائق البرتغالية التي ترجع إلى القرن السادس عشر فإننا بوسعنا القول إنه لا بد من أن مثل هذا تفريغ الذهب بهذه الخصائص كان يُصنع في مملكة هرمز التي كانت خاضعة لحكم البرتغاليين حيث يظهر ذلك في الأسلاك المتضافرة المتجاورة (بالبرتغالية palha وتعني «القشة») ونظم اللاقي والتحبيب لتشكيل مثلثات ومعينات والأفاريز التي تضم عناصر ثمانية أو سعة النخل الذي يشكل الحرف «o»، وكانت أعمال التفريغ هذه تلاقى رواجًا كبيرًا من كل من البرتغاليين العائدين إلى أوروبا وهؤلاء الذين بقوا في آسيا، كما نجد هذه السمات في الصندوق الشهير من الذهب المفرغ الذي كان ذات يوم ملكًا لماتياس دي ألبوكيرك والذي أتى من الهند مثل البورسلين الصيني الذي يأتي من الهند ولكنه يُصنع في الصين كما ذكر الراهب بارتولوميو دو مارتيريز وليس في جوا كما أعتقد في السابق وإنما في مملكة هرمز، وقصة وصوله إلى لشبونة قصة مشهورة حيث قامت فيليبيا دي فيلينا، أرملة ماتياس دي ألبوكيرك (1547-1609) الحاكم السادس عشر لولاية الهند البرتغالية (ما بين 1591-1597)، تنفيذًا لوصية زوجها بإهداء الصندوق إلى الكنيسة العليا (ليستخدم كصندوق للمناولة) في دير الراهبات الأوجسطيني بكنيسة نوسا سينورا دا جارسيا وهي كنيسة صغيرة ذات صلة بأسرة ألبوكيرك وشخص أفونسو دي ألبوكيرك المدفون بها، ولا يتوقف التاريخ طويلًا عند بروز مملكة هرمز وهيمنتها على مشوار أفونسو دي ألبوكيرك الذي يدعو للفخر، فقبل تعيينه في منصب الحاكم كان ألبوكيرك قائد الحصن في مملكة هرمز منذ 1584 وحتى 1587 حيث قام بتمويل إنشاء كنيسة نوسا سينورا دا جارسيا ونوسا سينورا دا بينا على جزيرة هرمز، كما اشتهر بتنصيره لأفراد من العائلة الملكية المحلية، وفي هذا الصندوق نجد كل السمات التقليدية في تقنيات التفريغ الإيرانية: اللؤلؤ المنظوم (المسمى المجرول في التقليد اليمني) والذي يزين الحواف الخارجية لكل أفاريز الصندوق سواء كانت متعرجة أم تضم عناصر على شكل الرقم 8؛ تفصل بين المربعات التي تشكل الزخارف على كل جوانب الصندوق وتؤطر الأفاريز التي تأخذ شكل القشة المربعات التي تشكل زخارف الصندوق والمصنوعة من حزم من الأسلاك الناعمة المستديرة والمضفرة إلى جانب المضفرة مرتين، وهناك تشكيلات لصور بأسلاك مضفرة ملتوية تشكل صورًا نباتية ترصع الأقدام والأهم من هذا استخدام الحبيبات الصغيرة التي يتم تسطيحها بشكل طفيف لتشكيل مثلثات وورود صغيرة، ويعود هذا الصندوق ذو الذهب المفرغ من هرمز إلى حوالي 1584-1587، وهي الحقبة التي كان فيها ماتياس دي ألبوكيرك مسؤولًا عن الحصن، كان هذا الصندوق من الذهب المفرغ أحد ثلاثة صناديق ذات أحجام مختلفة كانت تزين الكنيسة العليا بكنيسة دير الراهبات، كان هذا الصندوق مُخزَّنًا داخل صندوق من عظم السلحفاة مرصع بقطع من الفضة لم تعد موجودة، ربما يكون قد صنع في مدينة جوجارات في النصف الثاني من القرن السادس عشر، وبدوره كان هذا الصندوق الهندي مُخزَّنًا داخل صندوق أكبر منه حجمًا مصنوع من الكريستال الصخري لا يزال موجودًا في نفس المتحف بمدينة لشبونة، ويملك الصندوق الذي يتميز بتصميمه المعماري الذي يشبه البناية الكاملة بعمداتها الحلزونية ومثل غيرها من النماذج الباقية ذات الأحجام المتنوعة المصنوعة في مدينة فينيسيا في حوالي عام 1600، والتي توجد الآن في مجموعات مختلفة عبر أوروبا والولايات المتحدة، هيكلًا خشبيًا مزخرف بحيث يشبه الحديد الدمشقي (كما لو كان مطعمًا بالذهب) وألواحًا من الكريستال الصخري الكبيرة المصقولة عالية النقاء، كان الصندوق المصنوع من الكريستال الصخري هدية من ملك هرمز لأليكسو دي مينيسيس (1556-1617)، ورئيس الأساقفة (1595-1612) وحاكم جوا (1607-1609) وقد أرسله مينيسيس بدوره إلى دير راهبات جارسيا الذي اعتنق فيه المذهب الأوجسطيني حيث يُستخدم كوعاء للقرابين يوضع فوق أحد منحوتات الملائكة.

[هوجو ميغيل كريسيو]

ويعود تاريخ آخر إشارة إلى وجود التمثالين المرصين في كنيسة جراسا إلى عام 1938 وهو العام الذي وصف فيه ماريو دي سامبايو ريبيرو صورة سيدة الحياة بأنها تقف في كنيسة سيدة بلاد فارس ، وقد بقيت التماثيل في الكنيسة كما هي إلا أن القديس الراعي قد قُدم في وضع إضافي عند قاعدة المذبح.

وكتيجة لعمليات إعادة التنظيم والتحويلات المنتظمة في الترتيب الداخلي الكنيسة (ربما في سياق تدخلات مختلفة قامت بها المديرية العامة للمباني والآثار الوطنية) فقد فقدنا مسار الصورة المرتبطة بسرد هرمز، أما بالنسبة للصورة التي أتت من سانتو أندريه فقد بدأت تُعبد بصفتها سيدة فارس وقد تم تسجيلها تحت هذا العنوان من قبل خوسيه بينارد جيديس في عام 1976 وذلك في جرد الأعمال الفنية التابعة لطيريركية لشبونة وبالتالي فقد استمر هذا التبادل حتى يومنا الحاضر.

ويُعد هذا سوء فهم يتعين- بطبيعة الحال- الإشارة إليه بيد أننا إن فعلنا هذا نجد أنفسنا في مواجهة مشكلة محددة تتمثل في تحديد المكان الحالي للتماثيل الذي كان يُعبد بصفته سيدة بلاد فارس حتى العقود الأولى من القرن العشرين.

وبالإضافة إلى كل تلك الاحتمالات غير المؤثوق منها فهناك أيضًا احتمال ألا تكون الصورة القادمة من هرمز قد نجت من زلزال لشبونة 1755 دون تلف مما يدعم فرضية التعديلات التي تم إجراؤها كجزء من أعمال الإصلاح أو الترميم المحتملة.

لقد أدت تلك الكارثة إلى الانهيار الجزئي للكنيسة خاصة في تلك المنطقة من المبنى وكان الضرر كما وصفه القس جواو بابتيسا دي كاسترو كبيرًا ، وعلى الرغم من أنه قد ذكر عمليات استعادة بعض الصور فقد أشار فقط إلى سيد الدرجات (على الصليب) وسيدة النعمة دون أن يأتي على ذكر تمثال سيدة فارس ، ومع ذلك فإن الجرد المذكور أعلاه لممتلكات الأخوية يؤكد نجاحها من تلك الكارثة.

وتشير إحدى المخطوطات المودعة في الأرشيف التاريخي لطيريركية لشبونة إلى ما قدمه الراهب الأوجسطيني ميغيل دا فرانكا من سردٍ للتدخلات التي طرأت على الكنيسة خلال هذه الفترة والتي من الممكن أن يكون قد عاصرها عن كثب في العقود الأخيرة من القرن الثامن عشر؛ فيصف دا فرانكا الموكب الاحتفالي لنقل القربان المقدس في 13 سبتمبر 1772 مشيرًا إلى وجود جميع أخويات «الكنيسة وصورهم» مثل تمثال سيدة النعمة الذي تم نقله في اليوم التالي، أما بالنسبة لتمثال القديسين الراعيون من المذابح المتبقية فقد ذكر دا فرانكا أنهم جميعًا كانوا مثبتين في الكنيسة في هذا الوقت.

وبافتراض أن التمثال الأصلي أو أي تمثال آخر ذي صلة به قد نجا فإن أي ترميم من شأنه أن يضيفي الشرعية على التعديلات التي لا مفر منها بسبب الحاجة إلى التكيف مع الكنيسة المعاد بناؤها.

وقد يبدو من المعقول- من الناحية الفنية والتسلسل الزمني- ربط واحدة من الصور المرصية المختلفة المحفوظة في الكنيسة على وجه الخصوص بالتمثال الأصلي لسيدة بلاد فارس الذي يتواجد في الوقت الحاضر بجوار منبر المذبح وتظهر فيه السيدة العذراء واقفةً بعنق وجهاً لطيف وهي ممسكةً بالرضيع في ذراعها اليسرى وشعرها الطويل المنحوت ينساب في خيوط رفيعة متموجة حول وجهها الطويل ذا العيون لوزية الشكل فيمنحها ملامح مثيرة للاهتمام بشكل غير عادي مما يربطها بالجمال الكلاسيكي والتخيل البعيد لأصولها الشرقية (الافتراضية).

وعلى جانب آخر نجد أن الصورة تعكس أيضًا النماذج الجمالية التي شاعت في النصف الثاني من القرن الثامن عشر مما يشير إلى تدخل لاحق، ويتضح ذلك التدخل وبشكل خاص في معالجة السناثر المتدلية وتشكيل عباءة السيدة العذراء إلا أن شكل الطفل يسوع الذي يظهر عارياً بالكامل وذراعه مرفوعتان في وضع غير معتاد بين ذراعي والدته يوضح وبشكل أفضل الصيغة التعبدية الأكثر شيوعًا في النحت خلال هذه العقود والتي فضلت إضفاء الطابع الإنساني على الموضوعات من خلال استخدام ملامح وحركة أكثر طبيعية، وكانت الكنيسة تقع في أبرشية سانتو أندريه حيث تم إنشاء أكبر مجتمع يضم الحرفيين المدربين على إنتاج المصنوعات والأيقونات الدينية في العاصمة، وكانت الأخوية نفسها تمتلك عقارًا في زقاق الخيال مما عزز قربها من هذه النواة المهمة للفنانين طوال النصف الثاني من القرن الثامن عشر بأكمله ، وبالتالي فقد أدى ذلك إلى ارتباطها بفرضية إعادة الرسم (المحتملة) للصورة في ورش العمل المحلية القائمة آنذاك.

تم ترميم التمثال الطيني متعدد الألوان مؤخرًا بعد فترة طويلة بدأ يتدهور فيها حيث تم وضعه في المشكاة الخارجية فوق الرواق في تاريخ غير معروف وظل في مكانه هذا حتى وصل إلى حالة الاضمحلال التام ، والتمثال مرئي في هذا الموقع في سجلات التصوير الفوتوغرافي التي يعود تاريخها إلى الستينيات في المكان الذي كانت تحتله في السابق صورة سيدة النعمة قبل الزلزال ، ومن الواضح أن الأخيرة والمعروضة على الواجهة التي ستتهار لا تتوافق مع الصورة التي نجت من الزلزال حتى يومنا هذا.

وهما أن الصورة التي نحن بصدددها لا تزال غير مكتملة للغاية وتتطلب بحثًا أكثر تفصيلاً حول ملكية أخوية سيدة بلاد فارس (المقسمة جزئيًا بين مجموعات خاصة) فإن التمثال الأصلي- الذي جاء من هرمز وأُنقذ في أصفهان وأعيد ترميمه في جوا وعُبد في لشبونة- للأسف لم يتم تحديد موقعه بشكل موثوق.

وفي ظل هذا السيناريو الذي لا نملك تأكيدًا على أحداثه ومجرياته والذي لا يسمح لنا أيضًا بالتقدم إلى ما وراء بعض الفرضيات والتخمينات فإنه يجدر بنا ذكر تمثال آخر يعكس نفس الموضوع وهو التمثال المدرج في قائمة جرد الأخوية والذي يرد فيه وصفًا لـ «لوحة كبيرة تُظهر صورة سيدة بلاد فارس»، وهذا العمل الذي يشكل بلا شك وثيقة أيقونية فريدة للتماثيل المرصية قد يتطابق مع لوحة زيتية على قماش مودعة في ملاحق الرعية الحالية، ومن الجدير بالذكر أيضًا أن هذا التمثال يعود تاريخه إلى العقود الأخيرة من القرن السابع عشر مما يعيق الوصول إلى تحديد أكثر دقة وذلك بسبب الحالة المؤسفة التي تم اكتشافها فيها حيث يتطلب الأمر ترميمه بشكل عاجل.

[ساندرا كوستا سالدانها]

88. سيدة بلاد فارس

1600-1590 (تقريبًا) مسبار - هرمز

متعدد الألوان وخشب مذهب - حوالي 66-55 سم

أبرشية كنيسة جراسا - لشبونة

الموقع غير معروف

تُعد الألقاب الطوبوغرافية أحد أهم عناصر التماثيل المرهية التي لا تعد ولا تحصى، وهي متجذرة بعمق في جميع أنحاء الأراضي البرتغالية، وبالاعتماد على الروايات التي تشكل أساس الطائفة فإن تجيل سيدة بلاد فارس في كنيسة جراسا في لشبونة مسألة لها أصولها التي تعود إلى عجائب تلك الصورة التي أتت من هرمز وأُنقذها الأوجسطينيون البرتغاليون في مدينة أصفهان الفارسية، وقد وصف الراهب أنتونيو دا بوريغاسا تاريخها في عام 1656 كما أن إفادة المؤرخ كانت بمثابة أساس بُنيت عليه التقارير المستقبلية والتي أدت إلى إعادة طباعتها مع إضافة القليل من التغييرات.

ومن المؤكد أن ذلك العمل الذي تم إنقاذه والذي يرجع تاريخه أيضًا إلى القرن السادس عشر كان قد أتى من أحد المباني المخصصة للعبادة المسيحية التي تم إنشاؤها في هرمز- المركز التجاري الرئيس للبرتغاليين في منطقة الخليج -حيث تقع كنيسة الرحمة، وهو أيضًا ذلك المكان الذي يضم ديرًا ينتمي إلى رهبنة القديس أوجسطين وأخرًا ينتمي إلى الكرمليين بالإضافة إلى العديد من النساك الصغيرة المنتشرة في جميع أنحاء الجزيرة.

وبعد الاستيلاء على الجزيرة بعد سقوطها عام 1622 نُهبَت معظم الصور المقدسة وتعرضت للتدمير فأصبح التمثال في حوزة عربي وتم بيعه لتاجر في أصفهان ليحصل عليه بعد ذلك الراهب فرانسيسكو ريبيرو- بعد مرور اثني عشر عامًا- رئيس الدير الأوجسطيني السابق في المدينة.

انتقل التمثال بعد ذلك إلى جوا بغرض إصلاحه ومن المحتمل جدًا أن يكون المكان الذي تم طلاؤه فيه باللون الذهبي وحيث نُحِتت عليه عبارة «عمل رفيع المستوى» هو الهند، وقد حظي التمثال بإعجاب الراهب أوجستينو دي سانتا ماريا، وفي عام 1707 وفي جوا أبحر أوجستينو من دير أصفهان إلى لشبونة ووصل إلى هناك وفي صحبته التمثال، وفي عام 1644 وبعد مرور عقد من تاريخ الحصول عليه تم تركيب الصورة أخيرًا في 25 مارس داخل كنيسة سانتا آنا القديمة في كنيسة دير جراسا الكنيسة الرئيسة للرهبانية في البرتغال.

وبذلك حظيت تلك الصورة التي دنسها «الكفار» وأهملوها لسنوات بتكريم على نطاق واسع لأنها سيدة الأسرى أو المنقذة وبالتالي أضيفت الشرعية على السرد الأساسي.

ومن الجدير بالذكر أن ارتباط اللقب بظاهرة الاستيراد أو الاتصال بالمنحوتات القائمة في الأقاليم الأجنبية هو أمر يتضح لنا مرة أخرى من خلال صورة أخرى أصبحت موضوع هذا الشكل النادر من التعبير المُمارس في الكنيسة الأيرلندية الدومينيكية في لشبونة منذ عام 1700، ويتألف هذا العنصر الخشبي الكبير من صورة لسفينة تجارية يونانية مشهورة ببعثاتها الملحمية إلى الجزائر ومازاجان.

ولربط الصورة بفكرة العبادة الزائدة فقد ارتبطت الصورة القادمة من هرمز أيضًا بتأسيس أخوية سيدة فارس والتي أسسها الراهب فرانسيسكو ريبيرو بنفسه، وقد تضمنت دفاتر التسجيلات التي يحتفظ بها أفراد الأخوية والمودعة في الأرشيف القديم إشارة إلى الاعتراف الأول في 8 يوليو 1645 والذي قام به الراهب الأوجسطيني ديونيسيو دوس أنجوس المعترف للملك يوحنا الرابع ملك البرتغال.

أما بالحديث عن صورة سيدة بلاد فارس والتي وصفها الراهب أوجستينو دي سانتا ماريا على أنها شخصية ذات بشرة داكنة فهي منحوتة في الخشب المذهب وتقف على ارتفاع ثلاثة امتدادات حاملمة الطفل يسوع على ذراعها اليسرى واليوم يُعد من الصعب تحديد موقعه بشكل موثوق.

ونظرًا لعدم وجود سمات محددة أو توصيف أيقوني معين فإن الدليل الأكثر مصداقية لهذا التمثال هو النقوش المصاحبة له والتي هي بمثابة براءة اختراع تعود إلى الأخوية وقد تم نقشها على مر السنين على لوحات مختلفة، وقد كان من الممكن حتى الآن تحديد مثالين منها: الأول والذي ظهر في براءة اختراع تعود إلى عام 1789 وهو بالتأكيد أقرب إلى الشكل الأصلي؛ والثاني يعود تاريخه إلى عام 1819 حيث يُظهر شخصية ترتدي عباءة وشعر مستعار وتحمل باقة من الزهور إلا أنه لا يصور أي منهما أيًا من الأشكال المحفوظة في كنيسة جراسا القديمة.

علاوة على ذلك فإن هناك صورتان لسيدة فارس مدرجتان في قائمة جرد تعود للقرن التاسع عشر وهي محفوظة في أرشيف الأخوية، وبالإضافة إلى التمثال القائم في الكنيسة للتعبد فهناك أيضًا إشارة إلى وجود تمثال آخر مودع في غرفة الإرسال والذي أُشير إليه صراحةً على أنه «القادم من بلاد فارس»، وتكشف الوثيقة أيضًا عن وجود «حجرة زجاجية خشبية ذات تصميم داخلي مُذهب وصلت فيه السيدة من الهند»، وبالتأكيد تلك هي التي وصفها الراهب أوجستينو دي سانتا ماريا في عام 1707، وبما أن تاريخ هذا الانتقال والوصول غير معروف فإن تركيب التمثال الأصلي في غرفة الإرسال من المفترض أن يقترن بنفقات بناء المذبح المسجلة بدورها في عام 1820 في حسابات الأخوية بيد أن مكان تواجد كل هذه الأدلة الباقية المهمة غير معروف.

في واقع الأمر إن الصورة التي تُعبد في الوقت الحاضر على أنها سيدة بلاد فارس في كنيسة جراسا تكشف لنا عن تباينات تركيبية وجمالية واضحة فيما يتعلق بالنقوش والأوصاف المعروفة؛ ففي الصورة التي تم تصويرها على قياسات طبيعية تظهر مريم في وضعية هادئة يعتلي وجهها تعبير حكيم وتقف منتصبه مواجهة للأمام حاملمة الرضيع على ذراعها اليسرى وهي تدعم قدمه بيدها اليمنى، وقد أشارت الأبحاث المُجرّاة حول هذا التمثال الذي يعكس القيم الفنية للقرن السادس عشر إلى أنه تمثال لسيدة الحياة وهي شفيعة الكنيسة التي أسسها بارتولوميو فاز دي ليموس في كنيسة سانتو أندريه المجاورة، ويعود تاريخ الصورة إلى ثمانينيات القرن الخامس عشر وقد تم تركيبها في جراسا في سياق الإصلاحات الليبرالية التي طرأت عليها، وقد تأنقذت الصورة من التدمير نتيجة لزلزال عام 1755، وتقترح العبادة الضخمة المتطابرة والقاعدة المزينة بالملاذكة الصغيرة احتمال التدخل في النصف الثاني من القرن الثامن عشر حيث يعكس اكتشاف نقش استنساخًا دقيقًا يشكل الذاكرة البصرية لهذه الصورة في الكنيسة الأصلية.

في مايو 1835 و بعد انتقال مقعد رعايا سانتو أندريه وسانتا مارينا إلى كنيسة جراسا، وضعت صورة سيدة الحياة في الكنيسة القربانية حيث بقيت هناك حتى العقود الأولى من القرن العشرين.

87. صندوق كتابة

جوا (الهند)

1650 م

معدات من الأبنوس والحديد والنحاس المذهب

مقاس: 16.5 × 44.5 سم

مجموعة خاصة

لقد نجحت عملية تحليل مقارن كانت قد أجريت بين قطع أثاث في جوا- أغلبها وحدات خزانات كهنة ثابتة بأدراج وقطع أثاث خاصة بالكنيسة- وبين عدد كبير من الأغراض المصنوعة من خشب الساج المغطى بقشرة من الأبنوس والمطعم بالأبنوس المثبت بمسامير زخرفية من العاج المرصعة بقطع نحاسية مذهبة مثقوبة- في إثبات أن هذه القطع من أصل جواي، وعلى نسق الطرز الأوروبية في القرنين السادس عشر والسابع عشر فقد اشتملت القطع المصنوعة في وقت يسبق هذا في القرن السابع عشر ذات الجودة العالية على أنواع متعددة بدءاً من الخزانات الكبيرة الموضوعة على منصات والتي كانت تُصنع أحياناً في أزواج والخزانات والموائد التي تتوسط المجالس وموائد الكتابة وبعض الخزانات التي توضع فوق منصة وخزائن المناضد بمختلف الأشكال والأحجام والخزانات ببابين وخزانات تفتح لتبرز منها منضدة للكتابة، وصناديق وصناديق كتابة وأماكن للصلاة، وكانت تُنتج المقاعد المزخرفة بالنحت بكميات كبيرة في جوا وكانت تصنع من خشب الساج وخشب الورد وكان مكان الجلوس ومسند الظهر من البوص، ويمكن تصنيف الإنتاج الجواي إلى مجموعات حسب الزخارف فبعضها يُزين بالأرابيسك بأعواد نباتية ونباتات مزهرة أنيقة يطعم فيها خشب الساج بالأبنوس مثل خزانة الأدرج المقدسة بكنيسة بازيليك بوم يسوع المصنوعة عام 1650، وقد تستخدم قطعة أخرى أسلوب التكلف واللحام كما هو الحال في غرفة مقدسات كاندراية جوا، ويكون أسلوب التطعيم بالقراطيس النباتية على خشب الساج المثبت بمسامير عاجية زخرفية مجموعة أخرى من أفضل الأمثلة عليها خزانة أدرج غرفة المقدسات التي كانت ذات يوم في دير سانتا مونيكا في جوا القديمة، وهناك تنوعات على هذه الفئة تتضمن صور الحيوانات من أصول هندوسية التي يتم تنميقها دوماً بشكل كبير وتصور كائنات تضاف إليها قوى سحرية وحامية، تتضمن أنواع الزخارف الأخرى النقوش الهندسية، خاصة الأشكال المتكررة مع الدوائر المتداخلة والتي صارت جوانية بامتياز، تتضمن الزخارف الهندسية الأخرى أشكال المعينات والمثلثات في تطعيم متباين، صندوق الكتابة هذا (الدرج) بزخارفه من الأرابيسك والقراطيس النباتية ينتمي إلى المجموعة الأولى ويظهر فيه شعار اليسوعيين (من خشب الساج المطعم بالأبنوس) في أعلاه، وجود الشعار يوثق للدلالة التي تحملها القطعة وأثرها في سياق وجود هذا النظام الديني في آسيا، بخلاف صناديق الكتابة الأخرى التي لها غطاء أو غطاء منزلق، فصناديق الكتابة المماثلة لهذا الصندوق صنعت على هيئة صناديق مغلقة تدخل في درج واحد أكبر منها تظهر زواياها الداخلية (كصندوق له غطاء وقفل)، وفجوة داخلية لتخزين الأوراق أو الوثائق، وفجوة لوضع الحبر ومدواة تبرز لأعلى مصنوعة من الأبنوس المصمت ودرجين صغيرين سريعين (لكل قفله الخاص) يمكن فتح أحدهما أو الآخر بعرض الدرج الكبير الذي يشكل الصندوق، مثل غيره من قطع الأثاث المصنوعة للتخزين في هذه الحقبة، يصلح صندوق الكتابة هذا لتخزين أدوات الكتابة والوثائق وحفظ الأغراض الثمينة الأخرى بما في ذلك حتى النقود والمجوهرات، يصلح الجزء العلوي منه للاستخدام كسطح مكتب.

[هوجو ميغيل كريسبو]

86. رسالة من الأب جاسبار بارزيو اليسوعيين في الهند وأوروبا
 هرمز - 1549
 مخطوطة على ورق
 مقاس: 21 × 29.5 سم
 المكتبة العامة لبلدية بورتو، المخطوط رقم 554، الصفحة. 53-55.

إن الرسالة التي كتبها في هرمز جاسبر بيرزيه (جاسبار بارزايسوس) اليسوعي تظهر بعدًا جوهريًا للوجود البرتغالي في آسيا فقد كانت السياسات البرتغالية لبناء الإمبراطوريات الإقليمية منذ الثلاثينيات من القرن السادس عشر فصاعدًا والتي استلهمت من بين ما استلهمت النموذج الإمبراطوري الروماني ذات نفع فيما يخص إنشاء إمبراطورية دينية، وكان من المفهوم أنه لضمان استمرارية الوجود البرتغالي في المناطق الساحلية الواقعة بين الساحل الشرقي لأفريقيا ومدينة ملقا (حيث كان البرتغاليون يبنون القلاع ومراكز تجارية) اضطر الأهالي لاعتناق المسيحية.

وقد جاء إنشاء أبرشية جوا (1534) وعمل الأسقف جوان دي ألبوكيرك (1538 و1553) بموجب هذه السياسة، ومنذ عام 1542 وما بعدها بدأت إرساليات المجتمع اليسوعي حديث النشأة في التوافد إلى آسيا بقيادة فرانسيسكو خافيير الذي أقام معه كبير الأساقفة علاقات وطيدة وتعاونًا وثيقًا، وقد تبعه الكثيرون من أمثال جاسبر بيرزيه الذي وصل إلى جوا في سبتمبر 1548، وسرعان ما زار المطران وحصل منه على مزايا، وقد تواصل كلاهما؛ حيث كتب بيرزيه رسائل من مواقع ما بين الهند ومسقط حتى وفاته في عام 1553.

لم يكن مسار بيرزيه في الحياة مماثلاً لمسار الكثير من رجال الدين في أنحاء أوروبا الذين تبناوا رسالة نشر المسيحية في عالم لم يكن معروفًا إلى ذلك الحين في أوروبا بل وكان يتم إغفاله، ولد بيرزيه في زيلاند في البلاد المنخفضة والتحق بجامعة لوفيان وذهب للحرب في إيطاليا وفرنسا ضمن قوات تشارلز الخامس ضد فرانسيس الأول، وبعد انتهاء الحرب صار راهبًا في دير بينديكتي وذهب في النهاية إلى لشبونة حيث انضم إلى بلاط الملك جون الثالث، لقد تلقى بعض من اليسوعيين الأوائل ترحابًا في بلاط جون خاصة سيماو رودريجز وهو الرفيق السابق لإغناطيوس دي لوبولا في باريس، وبتشجيع من رودريجز، انضم لمدرسة كويمبرا بجمعية يسوع كمستجد في أبريل 1546، وحتى منتصف القرن السادس عشر، تدرب تقريبًا كل اليسوعيين في جميع أنحاء العالم الذين صاروا تبشيريين في تلك المدرسة في فترة من الفترات.

بعد هذا بقليل وصل بيرزيه إلى الهند، وأرسله فرانسيسكو خافيير إلى مملكة هرمز، ومن بين العديد من الرسائل التي كُتبت من مملكة هرمز، كان هذا الخطاب طويلًا بصورة ملحوظة، كما يقر بيرزيه نفسه: «الوقت والأوراق والحبر والعمر» لن يكفوه لتسجيل كل ما يود قوله عن مملكة هرمز، ففي تصوره كانت المقاطعة تقع في «الخليج الفارسي ما بين اليمن السعيد وفارس» وكان الجو حارًا، «فالتقس هنا أكثر تطرفًا من أي مكان بالعالم» وكان بيرزيه يرى أن مملكة هرمز مأهولة بالسكان وعامرة بالخيرات وأن مصدر الكثير من ثروتها يأتي من الجزيرة العربية، وقد ادى التنوع الديني الكبير في مملكة هرمز إلى وجود أربعة أعياد في أربعة أيام من أيام الأسبوع؛ فيوم الإثنين هو عيد «الأمميين» (كما اطلق بيريز على من لا يؤمنون بالله)، وأيام الجمع عيد المسلمين والسبت عيد اليهود والأحد عيد المسيحيين، وقد امتلك البرتغاليون بجانب القلعة التي سكنها 700 أو 800 جندي كنيسة ومستشفى حيث كان بيرزيه يمضي أغلب وقته في إطعام المرضى والعناية بهم وإسعادهم، وخلال رحلته البحرية إلى مملكة هرمز اقترب بيرزيه من مناطق قريبة من الشارقة حاليًا، وفي قلهاة وهو ميناء تجاري يقع عند مدخل الخليج وفي مسقط أيضا وجد الكثير من البرتغاليين الذين عاشوا بين المسلمين ولم يقوموا بالاعتراف منذ أكثر من عشر سنوات، وقد أخبره أحدهم بأنه عاش هناك لما يربو على ثمانية عشر عامًا وتعلم اللغة العربية والفارسية والغوجاراتية ولغة المالايالام واللغات الهندية الآرية وهي اللغات المستخدمة في منطقة الدكن، ويوضح هذا أهمية تعدد اللغات خاصة لدوافع تجارية في تلك المناطق.

وفي رأي بيرزيه كانت مملكة هرمز «شبيهة ببابل» حيث يشاهد المرء «السلوك والشهوة الحيوانية» وحيث «يمتزج» المسيحيون ذوي الأصول المتنوعة مع المسلمين والأتراك واليهود والهندوس، وعرف اليسوعيون الهندوس بأنهم نباتيون «يعبدون الأبقار»، وقد انتقد وجود أناس بهذه المعتقدات المختلفة متقاربين في نفس الحيز السكني وانتقد حقيقة أن الكثير من البرتغاليين ارتبطوا بعلاقات مع سيدات مسلمات، ناهيك عن أن سيدات برتغاليات يعشن مع رجال مسلمين، وللاعتراض على هذا، طلب بيرزيه من القاضي البرتغالي في مملكة هرمز «إحراقهم» قائلاً إنه كان ليحكم عليهم «بالزندقة» لارتكابهم مثل هذا «الإثم» الكبير، كان العنف والحرب كما أكد الجنود المتمركزين في مملكة هرمز في خلفية مثل هذه المحاولات لتصدي المعتقدات المسيحية، ومن الإشكاليات الهامة الأخرى التي واجهت اليسوعيين أن التجار، بغض النظر عن دينهم، كانوا يتعاملون بالفائدة، وارتفع سعر الفائدة في بعض الأحوال ليصل إلى 100% سنويًا، وفي رأي بيرزيه كان الشر الثالث هو تجارة الخيول والسلاح بين التجار المسيحيين من ناحية والمسلمين من العرب والأتراك من ناحية أخرى.

وقد وعظ جاسبر بيرزيه بحماسة كبيرة ضد كل هذا، ولكن لا نعرف على وجه الدقة اللغة التي استخدمها للوعظ ولكن من المؤكد أنه احتاج إلى مترجم كما احتاج إلى مترجم حين استمع إلى اعترافات المسيحيين من الأرمن الذين يعيشون في مملكة هرمز، كما قام بتدريس العقيدة خاصة للأطفال والرقائق وأهالي مملكة هرمز الذين تعمدوا، وشرّ حين تعلموا الصلوات الرئيسية ووصايا الرب والكنيسة، ومن بين العبيد، كان يرى أن الحباش من إثيوبيا لم يتم تعميدهم بصورة جيدة، لذا منحهم أسماء جديدة وحررهم مقابل اعتناقهم للمسيحية.

كان من بين الطرق الأخرى لنشر المسيحية إقامة بيرزيه لموكب لأشخاص حفاة يحملون شموعًا بأيديهم لكنيسة صغيرة مهداة لسيدة الأمل تقع قرب الحصن، كان لهذا تأثير كبير على المسلمين وفي إحدى المرات تم كذف الموكب بالحجارة، اعتاد بيرزيه على مناظرة رؤوس الديانات الأخرى، وتحديدًا مع رجل دين هندوسي و«فيلسوف» مسلم وحاخام يهودي في عصر ومكان كان من المستحيل محو الأديان المغايرة لدينه، برج بابل الأديان هذا الذي كان مملكة هرمز تضمن أيضًا اللوثريين اللذين أقام معهم بيرزيه مناظرات في حوالي عام 1550، في ذلك الوقت كان يحاول بدء انتهاج مسار آخر للعمل، وهو تنصير ملك مملكة هرمز بناء على طلب حاكم الهند.

كانت مملكة هرمز منفتحة على العالم وكانت مكانًا يتم فيه تداول الأشخاص والمنتجات والمعتقدات بشكل كبير، كانت مركزًا يصل بين الثقافات والأديان في وقت لم يأل فيه كهنة المطران، اللذين كان أحدهما في هرمز والآخر في مسقط، ولا بيرزيه ولا غيره من رجال الدين، جهدًا في ترسيخ الديانة المسيحية، أسفرت عن هذه التفاعلات عمليات تبادل متعددة وقامت الكثير من الصلات وعمليات الاختلاط، غير أنها أدت أيضًا إلى ظهور حركات المقاومة والنفاق والهروب والعنف، بإيجاز، كان هذا تيارًا يتدفق عبر عدد من مجاري الأنهار.

نُشرت الرسالة في عدد من مجموعات الوثائق (ويكي، 1949، 595-638؛ ريجو، 1950، 373-417).

[خوسيه بيدرو بايفا]

85. «حياة وعقيدة محمد: أمير المسلمين وحياة وعقيدة خلفائه والقرآن نفسه»
 تيودور بيبلياندر
 بازل: يوهان أوبورينوس - 1550 (الطبعة الثانية)
 مطبوع على ورق
 مقياس: 17.5 × 27.5
 مكتبة جامعة كويمبرا العامة (البرتغال)

في منتصف القرن السادس عشر سادت الفوضى أوروبا المسيحية، ورغم عجز العثمانيين عن الاستيلاء على فيينا فقد كسرت معركة موهاج شوكة المقاومة المجرية وعززت من قوة الأتراك في الشرق وفي منطقة البلقان لقرون، ظهر الخوف من الإسلام في نفس الوقت الذي يدد فيه الإصلاح البروتستانتي أي أوهاج بتوحيد أمة مسيحية قادرة على التعاون في مواجهة عدو مشترك، خاصة وان القوى الأوروبية كفرنسا كانت قادرة على إجراء مناورات ضد بعضها البعض بعقد تحالفات مع جيوش السلطان العثماني، في هذا السياق نجد ازديادًا كبيرًا في المحاولات التي أجراها العلماء الأوروبيون المسيحيون للتشابه مع الإسلام، وليس هذا بجديد وهناك محاولات من المخلصين في الجانبين لفهم أو إساءة فهم بعضهم ترجع إلى بداية ظهور الإسلام، خاصة بعد شن الحملات الصليبية، في ظل كل هذا، لم تؤد النجاحات العسكرية للإمبراطورية العثمانية إلى زيادة اهتمام العلماء بالإسلام والذي ظهر جليًا في الرسائل الأقدم عن هذا الموضوع الذي عكس مخاوف قديمة كان من الممكن تكييفها مع الظروف الجديدة بالإضافة إلى تكييفها في المؤلفات الجديدة والأصلية التي تعكس الحقبة التي كتبت فيها ومعرفه أو جهل كتاب القرن السادس عشر بديانة المسلمين وطقوسهم.

من هؤلاء الكتاب الذين تميزت حياتهم بإدراكه أن أوروبا المسيحية لا يمكنها تحمل تبعات إغفال أهمية الإسلام تيودور بيبلياندر (1509-1564)، بيبلياندر - واسمه الأصلي بوخمان ولكنه غيره تشبيهًا بالإغريق الذي كان توجهًا مميزًا لحركة النهضة - كان عالم لغة سويسري وعالم في اللغة العربية ورمز هام من رموز الإصلاح البروتستانتي، في عام 1543 نشر أول طبعة من أهم أعماله: «حياة وعقيدة محمد، أمير المسلمين وحياة وعقيدة خلفائه والقرآن نفسه».

وهذا النص الذي تظهر طبعته الثانية المنشورة عام 1550 في الكتلوج هو جمع غير متناغم في ثلاثة مجلدات لكثير من الوثائق المكتوبة عن - والكثير منها ضد - الإسلام والقرآن، والكثير من هذه الوثائق مأخوذ عما يطلق عليه اسم «وثائق طليطلة» وهي جمع للمقالات المناهضة للإسلام في القرن الثاني عشر قام به كبير الأساقفة البينديكتي بطرس المجل (1092-1156 م) وهي مقالات جدلية مباشرة عُنت «بدحض» مزاعم القرآن وتشويه حياة وشخص محمد، وقد يكون أهم مثال على هذا «دحض القرآن» الذي وضعه الراهب الدومينيكي ريكولودو دا مونتني دي كروتشي (1243-1320 م)، كانت الكتابات الأخرى أقل حدة في نبرتها وعكست هدفًا تبشيريًا لا يهدف إلى دحض الإسلام وإنما إلى تنصيرهم ببيان أوجه التشابه بين العقيدتين، هذه النبرة المسالمة، وإن كانت لا تقل استعلاء عن سابقتها، تنهاها الكثير من رموز العصر المهمين وأبرزهم إراسموس روتردام (1466-1536) ونيكولاس دي كوسا (1401-1464 م) الذي ضمن بيبلياندر كتابه «انتقادات للقرآن» في مؤلفه، لم يكن جمع النصوص هذا هو السمة الأساسية للطبعة، وإنما ترجع أهميتها في جزء كبير منها إلى أنها تضمنت أول ترجمة مطبوعة لنص القرآن، لم يقم بهذه الترجمة بيبلياندر نفسه الذي تعلم القليل من اللغة العربية ولكن كانت مهاراته بدائية لا تمكنه من الاضطلاع بترجمة كاملة، وبينما وجد علماء العصر الحديث بالفعل أوجه خطيرة لسوء الفهم في وقع اختيار بيبلياندر على هذه الترجمة لوضعها في مؤلفه رغم شكواه من أنها تفتقر للدقة، وبينما وجد علماء العصر الحديث بالفعل أوجه خطيرة لسوء الفهم في ترجمة «كيتون»، فليس من الواضح إلى أي مدى كان بيبلياندر ينتقد ذلك النص، زعم بيبلياندر أنه أدخل تعديلات كثيرة على النص بعد استشارة بعض من العرب ولكن لا يوجد مسرد للتصويبات ولم يكن يتقن العربية بالشكل الذي يسمح له بإجراء تنقيح كامل على نسخة كيتون.

ورغم ان تأثير بيبلياندر كان ملحوظًا بدرجة أكبر في الهوامش الجانبية، فقد سعت تعليقاته التي دونها على هوامش الصفحة لتقديم بنية وتوضيح وشروح وإرشاد للقارئ نحو التفسير المفضل لدى محرر المجلد، لقد ضمت ترجمة كيتون بالفعل شروحًا بنبرة شديدة الجدلية بفقرات من القرآن فُسرت على أنها نتاج شخصية محمد المخادعة والفاسقة، يكاد بيبلياندر يتخلى عن هذه النبرة في شروحه مستبدلاً إياها إما بشروحات أكثر مباشرة أو تعليقات يؤكد فيها على الفقرات التي تسبح بحمد الله ليمكن من تشكيل طريقة مسكونية مشتركة ما بين المسلمين والمسيحيين.

كان اتشباك بيبلياندر مع الإسلام ملائمًا لعصره للغاية ولا يوجد مبرر للشك في انه لم يراه دينًا قائمًا على الأكاذيب والتدليس، غير انه عند مقارنته للمسلمين كان أقل عدوانية من كثيرين غيره، فقد قام بمحاولة حقيقية لفهم الحياة السياسية والدينية للمسلمين في عصره، ومميز - بخلاف ما كان سائدًا آنذاك - بين «الأتراك» و«المسلمين» (الذين اطلق عليهم مصطلح agareni وهي كلمة مشتقة من الكلمة السريانية mhaggraya والتي غالبًا ما كانت تُترجم بمعنى «أبناء هاجر» ولكنها على الأرجح مشتقة من كلمة «مهاجرين»)، وأعرب عن أمله في إمكانية أن يؤدي فهم التراث المشترك للمسيحية والإسلام إلى تنصير المسلمين بدلا من اندلاع الحرب بين الفريقين، كما أنه خطط لرحلة تبشيرية إلى مصر كتلك الرحلة الشهيرة التي قام بها فرانسيس الأسيزي لكنه نُصح بعدم القيام بها.

وقد يكون مظهره التوفيقي عند مقارنته بمعاصريه نابغًا إلى حد كبير من علم اللاهوت العالمي وعقلية الحصار التي استشعرها الكثير من الأوروبيين من جيله، بيد أنها ترسم له صورة كواحد من أوائل الشخصيات في التاريخ المبكر لأوروبا الحديثة يحاول الاشتباك مع الإسلام بشروطه الخاصة في عصر كان الاتصال المباشر بين العقيدتين يتصاعد فقط عبر التوسعات العسكرية والرأسمالية في كل من أوروبا الشرقية وجنوب شرق آسيا.

[ميجيل مونتر يو]

الديناميكيات الدينية في منطقة الجبهة

[84-83] تم الكشف عن هذا الزوج من الأقراط بالإضافة إلى هذا القرط المتدلي الذي ينتهي برأس أفعى في عام 1996 في حطام السفينة الشراعية الضخمة سيده الشهداء التي جنحت في 15 سبتمبر 1607 قرب شاطيء ساو خوليو دا بارا في لشبونة، ونظراً لحالة الأقراط السيئة حيث كانت طبقة المينا التي تغطيها تالفة بالكامل ونظراً للعثور عليها في حطام سفينة من السفن التي تقوم برحلات إلى الهند افترض أن هذه الأقراط من أصول هندية-برتغالية، علاوة على ذلك، اعتبرت هذه الأقراط الثمينة مثالا جيداً على التمازج الفني الثقافي بين برتغال عصر النهضة من ناحية والهند من ناحية أخرى، وفي واقع الأمر، فإن من شأن التحليل العميق لهذين القرطين والمستخدمة فيهما الأهلة المميزة المشابهة للقطرة في الفن الأيبيري المعاصر، من شأنه تمكيننا من افتراض أنها صناعة أوروبية نظراً لأوجه التشابه والاختلاف الفنية في الأسلوب مع الحلبي الهندية-البرتغالية القليلة المعروفة المتبقية، ويصور الجزء العلوي المصبوب رأس شاب له عينان مستديرتان، ويعلو الرأس تاج له خمس نقاط مستدقة تعلو كلا منها لؤلؤة صغيرة الحجم والحافة مرصعة بلألئ صغيرة، الوجه المنحوت بتعاريج خطية ليستقر فيها المينا المفقود الآن تأخذ شكل حرف «S» في نحت بارز علوي على الجانب الأيسر وسهم يشير لأعلى على الجانب الأيمن، أما القسم السفلي الذي يأخذ هيئة الهلال، ومصنوع من الرقائق الذهبية المخرمة يبرز أكثر مع القسم العلوي عبر حلقة تربط بينهما، وتظهر الأهلة كحلية أسلوبية رقيقة بزخارف من خمس دوائر، كل منها كانت ترصعه لؤلؤة (خمس منها لا زالت موجودة على أحد القرطين، ولا يوجد على الآخر سوى اثنتين)، من الدلائل التي تأخذ شكل الأهلة والصغيرة في الساس والمماثلة لتلك التي تحيط بالوجه، بمعرفة تاريخ صناعتها التقريبي، قد تُطرح قراءة أيقونية أدق لزوج الأقراط، فبينما يرمز حرف ال«S» والسهم المتجه لأعلى إلى سان سيباستيان، القديس الشهيد الذي أُعدم بالسهم، يساعد التاج على تمييز هذه القطعة بوصفها تشير إلى سيباستيان الأول (1554-1578) ملك البرتغال نظراً لأنه أحياناً ما يُصور بوصفه القديس سمي، والذي يتم الاحتفاء به في نفس يوم عيد ميلاد الملك الموافق للعشرين من يناير، إضافة إلى هذا، نجد حرف «S» متوج على ظهر العملة الملكية كالبنس الفضي (20 ريال) أو العملات النحاسية من فئة الريال الواحد، من الجدير بالذكر أيضاً وجود سهام متجهة لأسفل تحيط بشعار النبالة الملكي على ظهر هذه البنسات الفضية (التوستوس) وبعض من عملاته الذهبية من فئة سان فينسنت وتظهر تلك الأسهم المتقاطعة بداخل تاج على ظهر أول عملة نحاسية لسيباستيان الأول (البازاروكوس) وعملة الميو باستياو الفضية التي صُكّت في جوا، مثل هذه الأيقنة والميل نحو «السبستانية» بقوة - وهو شكل من أشكال التبشيرية التي ظهرت بعد وفاة الملك الذي خلف وراءه البلاد بدون خليفة مباشر، فإن فكرة «البطل المنتظر» الفلكلورية المأخوذة عن فترة الحكم الإسباني في البرتغال (منذ 1581)، تجعل من هذا الزوج من الأقراط وثيقة تاريخية هامة، ولا تنشأ أهميتهم فقط من ندرتهم حيث لم يتبق الكثير من الحلبي البرتغالية الخاصة بالقرن السادس عشر، ولكن أيضاً من الحس الوطني والموقف السياسي الذي تعبر عنه، أحد أهم جوانب هذه الأقراط (زوج الأقراط، والقرط المتدلي) هو استخدام اللألئ واللألئ الصغيرة ونظراً للميزة التي تمتع بها البرتغاليون في الحصول على لآلئ الخليج بفضل بسط نفوذهم على مملكة هرمز، فمن الأرجح أن تكون هذه اللآلئ من هناك.

83. زوج من الأقراط
البرتغال - 1600
ذهب وأقراط وآثار من المينا
بطول 2.8 سم
المتحف البحري (لشبونة)، قطعة MM06369

84. زوج من الأقراط
البرتغال - 1600
ذهب ولؤلؤ
بطول 1.6 سم
المتحف البحري (لشبونة)، قطعة MM.0637

[هوجو ميغيل كريسبو]

[82-81] حجر البازهر (مشتق من الكلمة العربية بازهر المشتقة بدورها من الكلمة الفارسية باد زهر وتعني «ترياق») وكان يُعد علاجًا ناجحًا لكل أنواع السموم والأوبئة والديدان والكآبة والجنون والحمى الخبيثة وهو في واقع الأمر تكتلات حجرية تتكون في أمعاء الجهاز الهضمي للحيوانات وتُستخرج من ماعز إيران البري الذي تنحدر منه أنواع الماعز المستأنسة، كان أمراء النهضة الأوروبيون يسعون بدأب للحصول عليه وكانوا يدفعون مبالغ فلكية للأنواع الضخمة والرائعة منه وقد ازدادت شهرة هذا الحجر بسبب التجارة بين القارات ما بين أوروبا والهند الشرقية والغربية أثناء عصر الاستكشافات واتسع انتشاره في مجال الصيادية الخاصة للأثرياء منذ القرن السادس عشر، رغم أن أحجار البازهر الأكثر جذبًا للاهتمام تكونت في أمعاء الماعز الإيراني الذي كان يتم الإتجار به في الموانئ البحرية الهامة كموانئ هرمز الخاضعة لحكم البرتغاليين، إلا أن الكثير من الكائنات الأخرى في جميع أرجاء العالم من ملقة إلى «العالم الجديد» تنتج مثل هذه التكتلات ومنها الأبقار والأغنام والقروود وحتى بعض السعادين، كان هناك تسابق على جمع أحجار البازهر وتقديمه كهدايا، في يوليو من عام 1553، بعثت كاترينا أميرة النمسا (1507-1578) وملكة البرتغال بحجر بازهر بأطر ذهبية إلى أخيها العزيز الإمبراطور كارلوس الخامس (الذي حكم ما بين 1519-1556) والذي كان في بروكسيل في ذلك الوقت، لافي ذلك الوقت المبكر كان من الصعب بالتأكيد على الإمبراطور جلب حجر بازهر ذي جودة عالية وهو ما كان في متناول يد شقيقته كاترينا بصورة أكبر والتي كانت الأراضي التي تحكمها تمتد كم البرازيل وحتى اليابان، أحد التصويرات الأولى لحجر البازهر المرصع والذي كما حدث في المثاليين الحاليين ربما تم وضعه في سواحل كترياق للسموم، أو تم الاكتفاء بارتداء الشخص له ملامسًا لبشرته، يوجد في قائمة الجرد الموضحة للمجوهرات (ص، ٧13) المملوكة لآنا ملكة النمسا (1528-1590)، المسمى «بكتاب الجواهر» (1552-1555) والذي وضعه رسام البلاط هانز ميليش (1516-1573)، في أحد الأمثلة يظهر سلك فضي ملتو يحد شريطًا مقطوعًا بالإزميل عليه زهرة السوسن وتظهر عليه آثار للبرد بشكل كبير بالمبارد المعدنية، المسحوق الناشئ عن عملية البرد يُخلط بسائل لصنع علاج مقوي.

[هوجو ميغيل كريسو]

81. دلالة (من حجر بازهر)
أوروبا - القرن السابع عشر
حجر بازهر مطعم بقطع فضية مذهبة
مقاس: 4.5 × 3.0 سم
مجموعة بيدرو أجويار برانكو

82. دلالة (من حجر بازهر)
أوروبا - القرن السابع عشر
حجر بازهرمطعم بقطع فضية
مقاس: 1.7 × 3.8 × 6.4 سم
مجموعة بيدرو أجويار برانكو

80. صورة لجوانا النمساوية (1547-1578)

كريستوفانو دي موراي

البرتغال - 1553

لوحة زيتية على قماش

مقاس: 99 × 81.5 سم

المتاحف الملكية للفنون الجميلة في بلجيكا (بروكسل)، قطعة 3

إن الجواهر المرسومة في هذه اللوحة للأميرة جوانا، أميرة النمسا (1547-1578) وابنة الإمبراطور تشارلز الخامس، خاصة الجواهر التي تزين شعرها هي جواهر موثقة بالكامل حيث تلقتها كهدايا من ملك البرتغال جون الثالث (الذي حكم في الفترة ما بين 1521-1557) ومن قريبته الأميرة النمساوية كاترينا (1507-1578) بمناسبة زواج جوانا من الأمير جون مانويل (1537-1554) في عام 1552، وتعود هذه اللوحة التي رسمها كريستوفانو دي موراي إلى العام التالي للزواج، ويظهر شعر الأميرة مزين بعدد كبير من الحلي (مطلي بالذهب) مُصَفَّر مع قضبان بكل منها ثلاث لآلئ وتندلي منها لؤلؤة مدلاة (بالإسبانية joyel)، وتضم زينتها أيضاً ياقوتة ضخمة من عصر الباروك في أعلى الحلية وألماسة ضخمة على شكل مثلث تندلي منها لؤلؤة ضخمة (قطرها 21 مم)، أما الجوهرة والتي تبرز أكثر من غيرها بسبب حجمها الكبير فهي اللؤلؤة المتدلية من هذه الحلية التي أهداها لها جون الثالث، وبرغم أنه قد يكون هناك لآلئ أخرى كبيرة في الخزانة الملكية البرتغالية فيمكن تمييز هذه اللؤلؤة المهداة إلى الأميرة التي بها لؤلؤة أرسلها ملك جزر هرمز توران شاه الرابع (الذي حكم ما بين 1513-1522) إلى مانويل الأول (الذي حكم ما بين 1495-1521) ملك البرتغال. سُجِلت اللؤلؤة في قوائم الجرد لخزانة ملبسه بعد وفاته في عام 1522 بوصفها لؤلؤة كبيرة الحجم أرسلها ملك جزيرة هرمز كانت تزن قبل ثقبها أوكثافين ونصف. وردت في صندوق مذهب مصنوع بجزر هرمز مرصع بالفيروز بالأسلوب الفارسي، وردت اللؤلؤة غير مثقوبة وكان وزنها 44.79 قيراط، ثم نُقبت وثبتت بترصيع ذهبي مطلي بالميناء خلال حياة الملك ثم انتقلت إلى خزانة الملابس الملكية الخاصة بابنه جون الثالث في عام 1524، لم يُعثَر على أي أثر لهذه اللؤلؤة المذهلة بعد هذا التاريخ حيث لا تتوافر قوائم جرد ملكية لاحقة على هذا التاريخ خاصة بهذه الحقب، وبالمقارنة بين حجمها المحتمل، بقطر يقارب 21 مم كما نرى في لوحة جوانا النمساوية، مع لؤلؤة لا بيريجرينا الشهيرة التي يبلغ قطرها 25,5 ملم وتزن 51 قيراط، نفترض أن وزن هذه اللؤلؤة المستديرة يزيد عن 40 قيراطاً، ومن المرجح أن تكون هذه اللؤلؤة بالإضافة إلى الياقوتة الضخمة وأحجار الألماس التي ترصع حلية استخدمها جون الثالث، هي نفس اللؤلؤة البحرينية وقد انتقلت من الأب إلى ابنه ثم أُهديت إلى «الابنة» الجديدة للملوك البرتغاليين، وقد تكون هذه هي اللؤلؤة ذاتها (ونفس أحجار الياقوت والألماس) التي صُورت في لوحتين لآنا أميرة النمسا، والزوجة الرابعة لفيليب الثاني ملك إسبانيا، رسم هذه اللوحات سانشيز كويلو في حوالي 1570 إبان زواجها من الملك الإسباني، وصلت الملكة الجديدة للبلط المدريدي بقليل من الجواهر والبعض منها أعارته لها جوانا، شقيقة الملك الإسباني.

[هيوغو ميغيل كريستوفانو]

79. ملاحظات على الحصول على منتجات ثمينة من الهند

جوا (٩) - 1550 م.

مخطوطة على ورق

مقاس: 30 × 20.5 سم

المكتبة الوطنية في البرتغال (لشبونة) - رقم 8571 - الصحيفة .

239-238

من أوائل الكتابات التفصيلية التي وصلت إلى أوروبا حول أصول الجواهر وطبيعتها وخصائصها المختلفة والجوانب العملية والتجارية للتجارة البينية فيها في آسيا كانت كتابات توم بيريز (سومطرة الشرقية، 1512-1515) ودوارت باربوسا (كتاب، 1516-1518)، وقد ترجم كليهما جيوفاني باتيستا راموسيو في كتابه «عن الملاحة والسفر» 1550-1559، من أهم المصادر البرتغالية في القرن السادس عشر حول الجواهر وتجارة الجواهر مخطوط أصلي في المكتبة الوطنية البرتغالية بلشبونة وهو دليل عملي للحصول على الجواهر في آسيا قد يرجع تاريخه إلى منتصف القرن السادس عشر، ورغم أنه يماثل رسائل أخرى صغيرة في الموضوع ذاته، يُعد هذا المخطوط متفردًا فيما يخص المعلومات التي يقدمها حول خصائص الجواهر ومستودعاتها وتجارتها وقيمتها التجارية وأيضًا الأحجار الكريمة الصناعية وصلها، يتجاوز المخطوط كونه رسالة محكمة البناء، فهو دليل عملي للتجار البرتغاليين المسافرين عبر المجاري المائية الهندية على كيفية التعرف على المواد الثمينة في الأسواق الآسيوية وحياتها وخاصة الجواهر، والجزء الثاني والأكثر لهذا الدليل يأتي تحت عنوان «حول الجواهر»، ثم يُقسم هذا الجزء إلى أقسام فرعية حسب نوع الجواهر، ويُخصص القسم الأول والأكثر منها للألماس، وبعد الألماس يأتي الياقوت، والإسبينل، واللعل والزمرد والياقوت الأزرق والفيروز وعين الهر والحجر اليماني والعقيق الأحمر (وغيرهم من الأحجار)، وأحجار البازهر، والمجوهرات المرصعة بالأحجار الكريمة من سيلان، واللآلئ واللآلئ الصغيرة، ويلى هذا قسم إضافي حول اللآلئ الصغيرة، ويعكس الترتيب الذي تُعرض به هذه الجواهر قيمتها الرمزية والتجارية في ذلك الوقت ويُستخدم مع إدخال الكثير أو القليل من التعديلات في غيرها من النصوص المعاصرة له، من بين أكثر الأقسام تشويقًا في هذا المخطوط الذي يتناول اللآلئ واللآلئ الصغيرة وهو قسم يتسم بالتفصيل والثراء الشديدين كالقسم الخاص بالألماس المقطوع والخام، تضمنت مصادر اللآلئ في عصر النهضة مناطق الصيد بالخليج ومضيق بالك (سيلان) والبحر الأحمر، وأيضًا المصادر الواقعة في «العالم الجديد» على سواحل الكاريبي لفنزويلا وخليج بنما التي صارت متاحة منذ عام 1535 فصاعدًا، كانت أغلب اللآلئ الشرقية تُستخرج من محار اللؤلؤ (ومن المحار الأسود أيضًا) والذي نادرًا ما يتجاوز حجمه 6 مللم، وكذلك كانت لآلئ «العالم الجديد» التي تُستخرج من محار اللآلئ ذات لون أبيض مثل محار P، mazatlanica كانت أيضًا صغيرة الحجم لا تتجاوز في العادة 10 مللم، عُرفت اللآلئ الأصغر من 2 مللم في البرتغالية باسم الجوفار (alljoffar في المخطوط) المأخوذ من المصطلح الهرمزي الذي يصف اللآلئ الصغيرة بأنها الجوفار (من جزيرة جلفار)، كما يقدم المؤلف النصح للقارئ بشأن الصعوبات التي تنطوي عليها تجارة اللآلئ حيث يبيع التجار معدومو الضمائر، على حد قوله، لآلئ جوفار كبيرة ومستديرة من جزر الأنتيل التابعة لقشتالة (مصايد الآلئ بالعالم الجديد)، على أنها لآلئ من الهند (أي الخليج) والتي رغم صغر حجمها كانت «شرقية»، كان المؤلف يعتبر اللآلئ المستخرجة من «العالم الجديد» - مثلها مثل الزمرد - أقل قيمة وأقل جمالا من حيث الشكل والألوان حيث كانت أقل بياضًا، بعدها يورد المؤلف جداول لأسعار اللآلئ بالقيراط ويشرح الطرق المحلية التي تُصنّف وتباع وفقًا لها اللآلئ الصغيرة.

[هوجو ميجيل كريسبو]

تُعد القطع المعروضة في هذا القسم من أهم العملات التي سُكّت في تاريخ البرتغال وأوروبا النقدي وهي عملة عريقة قد تم إنتاجها بعد عودة فاسكو دا جاما من الهند عام 1499، كان وزن العملة حوالي 35.5 جرام وكانت مصنوعة من الذهب الخالص كما أنها كانت تساوي 10 كروزادو، وكانت هذه العملة الذهبية المسكوكة من عهد الملك أفونسو الخامس (1438-1481) فصاعدًا قد تم إنتاجها لتنافس الدوكات الإيطالية ، ويكشف النقش الكبير على وجه العملة المحفور في سطرين بشكل مختصر عن العنوان المعتمد من قبل الملك مانويل الأول (1495-1521) بعد رحلة جاما الأولى والتي أشارت أكثر من مرة إلى المواقع والمناطق التي كان يتطلع إلى السيطرة عليها والتي فاقت في العدد تلك التي كانت تحت حكمه بالفعل ونصها: «ملك البرتغال وجزر الغارف وما يقع قبل البحر الأفريقي وما وراءه وملك غينيا، ملك الغزو والملاحة والتجارة في إثيوبيا والجزيرة العربية وبلاد فارس والهند»، وبينما حمل أحد وجهي العملة هذا النقش حول شعار المملكة حمل الوجه الآخر صليبيًا من وسام المسيح العسكري (الذي كان مانويل على رأسه) وكان محاطًا بالشعار المسيحي *In hoc signo vincis* أي بهذه العلامة سوف تغزو ، وكانت هذه أكبر عملة ذهبية تم سكها في أوروبا لعدة عقود بعد أن أنتجت في البرتغال في عهد مانويل الأول ووريثه- جواو الثالث (1521-1557) ، وقد كان لشهرة تلك العملة ومكانتها تأثيرًا كبيرًا على أوروبا ككل؛ حيث تم نسخ خصائصها من قبل العديد من المدن والإمارات في ألمانيا والدنمارك وهولندا وبولندا ، وأصبحت تلك العملات تُعرف باسم *portugalesers* أو *portugalösers* ، وفي الوقت الذي شهد استخدام تلك العملة المعدنية من قبل البرتغاليين في ولاية الهند البرتغالية فقد تم استخدامها جنبًا إلى جنب مع العملات الأخرى التي تم إرسالها من المملكة الرئيسية وإلى جانب العملات المعدنية التي تم استخدامها محليًا والعملات المعدنية التي تم سكها في الحصون البرتغالية والتي تم الالتزام بها لخصائص العملات المعدنية المحلية وكانت تبلغ نفس القيمة، وعلى الرغم من تنوع النظام النقدي البرتغالي في هذا الجزء من الإمبراطورية فإن البرتغال تُعد مثالًا جيدًا على الهيكل الاقتصادي والمالي الذي يدعم الوجود البرتغالي من الساحل الشرقي لأفريقيا إلى اليابان بما في ذلك الخليج.

[روجر لي دي جيسوس]

78. العملة البرتغالية
مسكوكات لشبونة (البرتغال) - 1499
من الذهب
مقاس: 35 مم - 35 جرام
متحف المسكوكات (لشبونة)

كانت فترة حكم الملك مانويل الأول (1495-1521) قد شهدت إصلاحات جذرية أدت بدورها إلى اتحاد العديد من القطاعات الإدارية والمؤسسية في البرتغال، فبالإضافة إلى سن القوانين الجديدة (مثل المراسيم المانويلية والمراسيم الهندية) وإصلاح الموائيق البلدية وتجميع سجلات المستشارية (مجموعة ليتورا نونا) شرع الملك أيضًا في إصلاح الأوزان والمقاييس والتي تمت تجربتها بالفعل في عهد الملك أفونسو الخامس (1438-1481) والملك جون الثاني (1481-1495) بيد أن ذلك النوع من الإصلاحات لم يتم إنجازه أبدًا، وفي نهاية العصور الوسطى ظلت البرتغال منطقة تتقارب فيها الثقافات القديمة وكانت الأوزان والمقاييس تختلف في مناطق مختلفة وفقًا للتأثيرات المسيحية الأوروبية والرومانية والعربية، وكان النظام الذي تم تويده في عهد مانويل الأول باستخدام قياسات لشبونة معتمدًا على أراتيل (أو الباوند الذي يزن 0.459 كجم) ومضاعفاته التي كانت تُقسم إلى أوزان أكبر (مثل القنطار أو المائة وزن التي تزن 58.7 كجم)، والأوزان الثقيلة (الأروبا والتي تزن 14.688 كجم)، والأوزان المتوسطة (والأكثر شيوعًا فيها الأرتيل) والأوزان الصغيرة (الأونكا أو الأونصة والتي تزن 0.029 كجم)، ولضمان التوحيد الفعال في جميع أنحاء الإقليم فقد تم تصنيع الصناديق أو مجموعات الأوزان لتكون بمثابة مقاييس معيارية كما تم توزيعها على البلديات حيث تم إنتاج ثلاثة أنواع من النماذج: القنطار ونصف القنطار والأروبا. وقد طلب فلاندرز أن يتم صيها من البرونز وأن يتم فحصها من قبل السلطات على أن تتكون من مجموعة من الأوزان المتداخلة مما يسهل القياسات التي تتطلب مضاعفات مختلفة من الأوزان، وقد تم تزيين الأوزان بشكل متقن باستخدام صور المُحلِّقات والدروع الملكية كما زينتها أيضًا إشارات رمزية إلى سلطة التاج والتي كانت من أهم سمات هذا العصر، وقد حملت الأوزان أيضًا نقوشًا توثق سلامتها وصحتها، وقد أصدرت مجموعة جديدة من اللوائح للمسؤولين في المدن وتم نشرها في البلديات والمستوطنات لأول مرة في عام 1502 ثم تلتها لوائح الأوزان في عام 1504 والتي تم توزيعها في جميع أنحاء البلاد من الشمال إلى الجنوب جنبًا إلى جنب مع المجموعات، وعلى الرغم من كل هذه الجهود فإن عملية التقييس قد اكتملت فقط في القرن التاسع عشر وذلك مع إدخال النظام المتري العشري.

ومن الجدير بالذكر أن المجموعة المانويلية المعروضة هنا- والتي هي نسخة طبق الأصل تعود ملكيتها إلى مجموعة خاصة وربما قد تم تصنيعها في القرن العشرين- هي مجموعة أروبا واحدة توثق عملية الإصلاح الإداري في مملكة البرتغال كما أنها توفر أيضًا دليلًا هامًا على الحياة البرتغالية اليومية في تلك الفترة الحديثة المبكرة في كل من المملكة البرتغالية وفي أجزاء مختلفة من إمبراطوريتها، ونظرًا لأن عمليات إصلاح الأوزان امتدت أيضًا إلى هذه المناطق- في جوا على سبيل المثال- فقد أرسل مجلس المدينة ممثلًا إلى لشبونة في عام 1520 لجمع الأوزان لتكون بمثابة المعيار لعاصمة دولة الهند البرتغالية.

[روجر بي ديجيسوس]

77. نسخة طبق الأصل من المجموعة المانويلية لأوزان الأروبا
البرتغال - حوالي القرن العشرين
من البرونز
مقاس: 15 × 16 سم - حوالي 14 كجم
مجموعة خاصة

76. كتاب الأوزان والمكاييل والعملات المعدنية

أنتونيو نونيس

جوا (؟) - 1554

مخطوطة على ورق

الأرشيف الوطني لمكتبة توري دو تومبو (الشبونة) - حكايات

المملكة والقصر - نيكولا أنتيجو - 865 - الصحيفة رقم 3 - 16r

لقد كان لانخراط البرتغاليين في أنشطة التجارة القائمة في منطقة الخليج أثره في تكييفهم مع ظروف السوق وحالاته كما هو الحال في بقية منطقة الهند والمحيط الهادئ وذلك من حيث الوسائل والشكل على حد سواء، وقد كان من بين التغييرات الأكثر صلة بالأمر هذا هو تعلم البرتغاليين أمط الدفع والوزن والشكل لقياس المنتجات المختلفة المباعة والتي تختلف باختلاف موقعها الجغرافي، وعلى هذا النحو فإن القياسات المستخدمة في المراكز التجارية والحصون الواقعة على الساحل الشرقي لأفريقيا كانت تختلف عن تلك المستخدمة في كوتشي وجوا المختلفة بدورها عن العملات والأوزان والمقاييس المستخدمة في الخليج وجنوب شرق آسيا، ونظرًا للمساحة الجغرافية الشاسعة التي وصل إليها البرتغاليون فقد انتهى الأمر بهم بتسجيل كل هذه الطرق المختلفة للتفاوض، ومن الجدير بالذكر أن الوثيقة الأولى التي تم تسليط الضوء عليها في هذا القسم هي «كتاب الأوزان والمكاييل والعملات المعدنية» الذي كتب في عام 1554 في جوا على يد أنتونيو نونيس وهو المحاسب الذي تولى صياغة كتاب «الحسابات والشؤون المالية في الهند» بعد ذلك، وقد أدرك جامع المخطوطة في النهاية أن المعلومات الواردة فيه مأخوذة من «كتاب الأوزان وهو كتاب قديم جدًا»، وقد استخدم أيضًا البيانات التي تم جمعها من قبل القباطنة والمشرفين والمسؤولين الملكيين الآخرين وكذلك الأشخاص الذين عملوا بالتجارة وكانوا متواجدين في الأماكن المذكورة لمزيد من التأكيد، وهكذا أصبح الكتاب موثوقًا به ومثابة العمل المرجعي حيث أكد على العمليات المحاسبية والمالية لحسابات ولاية الهند البرتغالية، وتصدر الإشارة هنا إلى أن هذا التجميع لمثل هذا النوع من المعارف لا يكشف عن الصعوبات الكامنة في الهيكل الاقتصادي والمالي لدولة الهند البرتغالية نفسها فحسب - والذي كان واسع النطاق - بل يكشف أيضًا عن تنوع عملياتها التجارية، وفي حالة منطقة الخليج فإن البيانات تشير إلى قلعة هرمز حيث جُمعت قياسات الوزن المستخدمة (مثل البار والفاراسولا) والتحويلات ذات الصلة - للقطار (مائة الأوزان)، والأرتيليس (الجنيهات)، والأونصات (الأوقية) وغيرها من المقاييس - لقياس أوزان التوابل مثل القرنفل والتفاح وجوزة الطيب والقرفة والفلفل بالإضافة إلى غيرها من المنتجات مثل الكالايم (سبيكة من النحاس والقصدير والرصاص) واللبن الجاوي وحب اللؤلؤ وشمع الأختام وحتى المواد الغذائية الشائعة مثل الأرز والقمح وزيت الزيتون وغيرها من السلع الأخرى المشار إليها، أما بالنسبة لأشكال الدفع فتوفر لنا الوثيقة تفاصيل تحويل عملة الصرافيم الذهبية وهي العملة الأكثر صلة المستخدمة في الخليج والتي كان وزنها وقيمتها معادلًا (ومناقسًا ل) الدوكات الإيطالية والبرتغالية المسكوكة في البرتغال و عملة ساو تومي وبرينسيب التي كانت تُسك بشكل رئيسي في جوا.

[روجر لي ديجيسوس]

75. الخطابات المتعلقة بالتجارة في الهند.

دوارتي جوميز دي سوليس

البرتغال (؟) - حوالي 1622

طباعة على ورق

مقاس: 13 × 19.5 سم

المكتبة العامة لجامعة كويمبرا (البرتغال) جوانينا 4-19-3

كان دوارتي جوميز دي سوليس (1561 / 1562-1632 من لشبونة) تاجرًا من يهود الكونفرسوس وكان أيضًا رجل أعمال ثريًا، وقد عمل دوارتي في الهند في الفترة بين أواخر القرن السادس عشر وأوائل القرن السابع عشر حيث عمل مراسلًا لبعض أكبر مقاولي الفلفل البرتغاليين والأجانب، وفي عام 1612 استقر في البلاط الملكي في مدريد حيث كان يكتب العديد من النصوص التي تهدف إلى تقديم المشورة لصانعي القرار لا سيما في الأمور ذات الصلة بالاقتصاد والتجارة، ومن الجدير بالذكر أن الخبرات التي اكتسبها دوارتي أثناء مكوثه في الهند إضافة إلى قوة ملاحظته الشديدة قد أكسبته معرفة واسعة بالواقع السياسي والاقتصادي فيما وراء البحار في أوائل القرن السابع عشر، وغالبًا ما كانت نصوصه تعكس الشخصيات السياسية الرئيسية داخل النظام الملكي الحاكم، و في كتاباته شدد دي سوليس على أهمية التجربة على النقيض من آراء العلماء الآخرين وغيرهم ممن كانوا يتصرفون بشكل مباشر بناءً على السياسات الملكية دون مغادرتهم للبلاط الملكي، وقد اعتبر دي سوليس نفسه «مُصلحًا اقتصاديًا» ونشر كتابه «نقاشات حول التجارة بين جزر الهند» في عام 1622 وهو عبارة عن نص مكون من 256 صفحة سعى دي سوليس من خلالها إلى التحذير من «مدى خطورة الأمور في الهند» بسبب قلة السكان والتهديد المتزايد للهولنديين، وقد ركز النص بشكل أساسي على التجارة والأراضي البرتغالية في آسيا كما تناول أيضًا الأراضي الإسبانية الكائنة فيما وراء البحار وتحديداً في الفلبين، ومن خلال الكتاب يسدي دي سوليس العديد من النصائح التي تناولت كل ما يهم التجارة في الهند؛ أي حالة الأسطول وتقنيات الملاحة والإدارة المالية ومختلف المنتجات التي يتم الإتجار فيها والأقاليم الآسيوية التي مارست البرتغال أي نوع من السيطرة عليها، كما أدرج دي سوليس بعض التعليقات ذات الصلة بها وبأوضاعها، أما بالحديث عن المناطق التي سيطر عليها البرتغاليون في الخليج والعلاقات السياسية والتجارية التي ربطت بين البرتغال والقوى الإقليمية فقد كانت بطبيعة الحال تحتل مكانة مهمة في كتابه.

وفي كتابه أوضح دي سوليس أن البرتغاليين قد فشلوا في أن يكونوا تجارًا وأمرًا للهند حيث شكك في الآثار التي نجمت عن اتحاد تيجان البرتغال وإسبانيا (1580-1640) ذلك الاتحاد الذي ألقى بظلاله على التجارة فأشار إلى الاتحاد بصفته سببًا للأزمة التي كانت تعيش البرتغال أجواءها في أقاليم ما وراء البحار ملقبًا باللوم عليه عند تناوله للهجومات التي شنها الإنجليز والهولنديون على الأراضي الواقعة تحت الحكم البرتغالي، إلا أنه وبعد مرور بضع سنوات اقترح دي سوليس من خلال كتابه « الادعاءات لصالح شركة الهند الشرقية والتجارة الخارجية التي تم تأسيسها مرة أخرى في مملكة البرتغال» (1628) إقامة اتحادًا عسكريًا واحدًا يجمع بين صفوفه كل قوات شبه الجزيرة الإيبيرية «حتى تتمكن من امتلاك قوات مسلحة كبيرة في بحارنا والتي قد تتحد مع بعضها البعض وتغادر من لشبونة» (ادعاءات، ص 47)، ومن الجدير بالذكر أن الاستقبال الإيجابي والنجاح لكتابات دوارتي جوميز سوليس كان له تفسير بسيط؛ فقد كانت الفترة بأكملها منذ عودته إلى لشبونة ومن ثم انتقاله إلى مدريد والسنوات التي تلت ذلك تُعج بالتحذيرات والمقترحات ذات الصلة بالمشكلات والتحديات الكبيرة التي يواجهها النظام الملكي، ومن الجدير بالذكر أيضًا أن الإمبراطورية البرتغالية فيما وراء البحار وأقاليمها التي احتلتها قد شكلت جزءًا أصيلًا من هذا النطاق من المشكلات والتحديات والتي كان من ضمنها مسألة الصراع الدائر في منطقة الخليج وفقدان هرمز في 1622، لقد كانت آراء وخبرات أفراد مثل دوارتي جوميز سوليس أمرًا مُرحبًا به في البلاط الملكي بغض النظر عن مكانة صاحب ذلك الرأي كمتحدث وتاجر ومصالح اقتصادي وبغض النظر أيضًا عن الامتيازات التي نالها في المقابل بفضل مهاراته.

[جراسا أليدا بورخيس]

74. «رسالة حول عقاقير وأدوية الهند الشرقية مع رسوم حية لنباتاتها»
كريستوفالو دا كوستا
برجوش: مارتين دي فيكتوريا، 1578
مطبوع على ورق
مقاس: 18 × 12.5 سم

إننا لا نعرف الكثير عن حياة كريستوفالو دا كوستا / أو كريستوبال أكوستا إي بوفنتورا (1525-1594م لكن يعتقد بعض المؤلفين أنه وُلد في شمال أفريقيا، ويظن البعض الآخر أنه وُلد في كيب فيردي، ولطالقه في اللغة القشتالية، رجح البعض أنه درس في إحدى جامعات إسبانيا، والأمر المؤكد هو أنه درس الطب والجراحة، ارتحل كريستوفالو دا كوستا إلى الشرق في السابع من أبريل من عام 1568 كطبيب أو جراح في أسطول نائب الملك العاشر في الهند لويس دي أتايد (الذي حكم ما بين 1568-1572) ووصل إلى جوا في سبتمبر، وخلال إقامته في آسيا شارك في الرحلات الاستكشافية والحملات التي نظمها أتايد وقادها، وقد لا نعرف الكثير أيضًا عن رحلات كريستوفالو دا كوستا في الشرق ولكن من المحتمل أن يكون قد زار مناطق بعيدة كبلاد الصين وفارس ودمشق ومدينة بيت المقدس والقاهرة، ولا يمكن الخلوص إلى مسار محدد لأسفاره من خلال أقواله أيضًا، من الواضح أنه صاحب مارتيم أفونسو دي ميراندا في كتيبة لتحرير بحر مالابار من سفن القراصنة الكثيرة التي تمركزت فيه، وقع في الأسر في مدينة كودونجالور، مما حال دون تحقيق أمنيته برؤية خليج البنغال، بنهاية عام 1569، عمل في المستشفى الملكي في مدينة كوتشين حيث عالج الملك المحلي، في عام 1571 عاد إلى جوا وبعدها بعدة أشهر كان في تانور (بالهند)، ومن هناك، عاد إلى البرتغال بعد أن عرّج في طريقه أولاً على كوتشين، ويُعتقد أنه في عام 1572 رافق نائب الملك لويس دي أتايد في رحلته عائداً إلى لشبونة، وبالنظر إلى هذه الأسفار في آسيا في هذه المدة القصيرة، يتضح أنه لم تكن أمامه فرصة للوصول إلى الصين البعيدة.

وفي أبريل من عام 1576، وقع على عقد لمدة ثلاث سنوات مع نائب برجوش في مجلس الشيوخ للعمل كطبيب للبلدية في تلك المدينة الإسبانية الشمالية، وفي برجوش، نشر كتابه «رسالة حول عقاقير وأدوية الهند الشرقية مع رسوم حية لنباتاتها» لكريستوفالو أكوستا، طبيب وجراح رآهم بنفسه (1578).

جمعت الرسائل أحدث الملاحظات المتعلقة بالعقاقير والتوابل والمنتجات المستخدمة في الهند، خاصة في مجال الطب والطهي وإنتاج الأقمشة، اعتمدت رسالة كوستا اعتماداً كبيراً على عمل الطبيب البرتغالي جارسيا دي أورتا «النقاشات البسيطة والعقاقير والأشياء الطبية في الهند» (جوا، 1563)، بيد أن هذا الأمر كان جديداً تماماً في سياق أوروبا القرن السادس عشر لاحتوائه على صور للنباتات الشرقية كما رسمها شاهد عيان، اعتمد كريستوفالو دا كوستا على كتاب أورتا في تحليل خصائص واستخدامات العقاقير والتوابل الآسيوية الرئيسية مثل القرفة والفلفل وجوزة الطيب والقرنفل والزنجبيل إلى جانب الكثير من أنواع الصمغ والفواكه والأخشاب الهندية التي كان أورتا قد وصفها من قبل واستخدمت في العلاج المحلي، ولفضوله الشديد، ضَمَن كوستا رسالته توصيفات بالنصوص وبالرسوم لنباتات لم تكن معروفة من قبل في أوروبا منها فواكه من الأمريكتين (كالأناناس والكاجو) وأعشاب وفواكه وأخشاب من جزر الملوك ونباتات مثل المورينجا ذات الخواص العلاجية الكبيرة، بنشر الرسالة في برجوش حين صارت الصلات القشتالية مع آسيا منتظمة بفضل طريق الغليون الذي ربط بين مدينتي مانيللا وأكابولكو، قدمت الرسالة للقشتاليين والبرتغاليين معرفة أكثر دقة بالموارد الطبيعية لآسيا وقامت بتحديث واستكمال المعلومات العلمية التي كانت لديهم من قبل، ترجم كتاب «رسالة حول العقاقير» إلى اللغة الإيطالية وطُبع في ورش فينيسيا المملوكة لفرانيسيسكو زيليتي تحت عنوان «عن تاريخ العقاقير المعالجة وطبيعتها وفضلها» (1585 و1589)، وقد أدخل عليه بعض التعديلات والشروح بعض علماء النباتات والصيدلة، وهم كلوسيوست تحت اسم «عطرية ومفيدة» (أنتويرب، 1582) و«رسالة حول العقاقير والأدوية التي نشأت في الهند» (ليون، 1602 و1619)، حقق هذا لكوستا شهرة كبيرة في أوروبا القرنين السادس عشر والسابع عشر كمرجع في هذا الموضوع.

[تريزا نوبر دي كارفالو]

73. تاريخ أصل العقاقير العطرية والبسيطة عند الهنود، كارلوس كلوسيسوس
 أنتويرب: كريستوف بلانتين 1567
 مطبوع على ورق
 مقاس: 10.5 × 15.6 سم

كان «كلوسيسوس» (1526-1609) المولود في مدينة «أراس» (بفرنسا) من أوائل علماء النباتات الأوروبيين في القرن السادس عشر، ولأنه أولى اهتمامًا خاصًا بالموارد الطبيعية للهند الشرقية والغربية والشرق الأقصى طوال حياته، فقد كان في قلب شبكة مراسلات هامة كانت تعمل على جمع الأخبار والعينات الطبيعية من خارج أوروبا ونشر معلومات عنها.

وفي الفترة ما بين 1564-1565، تلمذ على يده الشاب «جيكوب فوجر» خلال قيامه برحلة حول شبه الجزيرة الأيبيرية، وكان من بين أهداف هذه «الرحلة الاستكشافية» الاتصال بالعلماء وتعريف «جيكوب»- الذي كان وريثًا لمناجر كبيرة في أوجسبورج لمصرفيين ووسطاء تجاريين- بحكام أيبيريا ونبلاتها، من أهدافها الأخرى إجراء مسح شامل بقدر المستطاع- للحياة النباتية المتوطنة في أيبيريا بالإضافة إلى الأنواع الغريبة التي نجحت في التكيف مع المنطقة، نُشرت نتيجة ذلك البحث في «أنتويرب» في عام 1576 تحت عنوان «تاريخ بعض من أندر الأنواع الموجودة في إسبانيا»، كما انتوى زيارة شركة الهند في «لشبونة» وشركة غينيا في إشبيلية، كان من شأن رؤية الموارد الطبيعية للهند والتي تصل إلى مخازن الشركتين أن تمكن عالم النباتات من فحص مثل هذه الموارد عن كثب.

وخلال إقامته في لشبونة، عثر «كلوسيسوس» على نسخة من كتاب «النقاشات البسيطة والعقاقير والأشياء الطبية في الهند» (جوا، 1563) لبارسيا دي أورتا الذي ربما عاد إلى لشبونة من جوا في أواخر عام 1564، ولوعيه بمدى أهمية ذلك المؤلف، قام كلوسيسوس من فوره بإخراج نسخة لاتينية مُنقحة من الكتاب بعد إضافة الشروحات والرسوم لها.

وبعد تطويع كلوسيسوس لنص جارسيا دي أورتا ليناسب اهتمامات القراء الأوروبيين، نشره باللاتينية تحت عنوان «عطرية وبسيطة» (أنتويرب، 1567) ووصلت نسخة إلى 1250 نسخة مطبوعة وتبعه بنسخ أكثر اكتمالا (في عامي 1574 و1593)، وقسمت الموضوعات التي عالجهها أورتا إلى كتابين، الأول (تاريخ النباتات العطرية والأدوية البسيطة) الذي جمع فيه الفصول التي تناولت أنواع الصمغ والراتينج والخشب واللحاء والفواكه والبذور والأعشاب والنباتات في آسيا، أما الكتاب الثاني (تاريخ بعض النباتات الهندية)، فتناول أنواع الفواكه الموجودة في آسيا، وإلى جانب ترتيب المحتويات، ضمّن عالم النباتات الكتابين شروحات وعدداً من الرسوم الإيضاحية للمنتجات الآسيوية التي تُباع في سوق أنتويرب مثل البرنيق والمقل وأعواد القرفة وأوراقها، وأعواد القرنفل وبراعم الزهور والفواكه والفلفل الأسود والكاجو، وقد ظهر الاهتمام الهائل بالمعلومات الطبية-النباتية التي قدمها كتاب «عطرية ومفيدة» من خلال الطبقات والشروحات والنسخ المتعاقبة للمؤلف التي نُشرت في أوروبا خلال القرنين السادس عشر والسابع عشر، وإلى جانب النسخ التي أعدها لأعمال جارسيا دي أورتا، نشر كلوسيسوس أيضًا نسخًا لاتينية لرسائل لكريستوفافو دا كوستا (النباتات العطرية والعقاقير، أنتويرب، 1582) ونيكولاس مونارديس (حول الأدوية البسيطة، أنتويرب، 1574) وبيير بيلون دو مانس (الكثير من الأغراض المتفردة التي لا تنسى في اليونان وآسيا ومصر والجزيرة العربية وجميع الأقاليم الأجنبية) وقد جُمعت مختلف الرسائل التي نُشرت خلال حياته في مؤلفين كبيرين نُشرا في لايدن هما «تاريخ النباتات النادرة» في عام 1601، و«عشرة كتب غريبة» في عام 1605.

[تيريزا نوبر دي كارفالو]

72. النقاشات البسيطة والعقاقير والأشياء الطبية من الهند
 جارسيا دي أورتا
 جوا: يوحنا دي أنديم - 1563
 مطبوع على ورق
 مقياس: 19 × 14 سم

وُلِدَ جارسيا دي أورتا (حوالي 1500-1568) في كاستيلو دي فيدي -البرتغال- لعائلةٍ من المسيحيين ودَكَرَسَ الطب في جامعتي سالامانكا وألكالا دي إيناريس، وبعد فترةٍ من العيش في لشبونة، حيث أصبح مُدَرِّسًا، وفي عام 1534 غادر إلى الهند كطبيبٍ شخصي لـمارتيم أفونسو دي سوزا، القبطان العام للبحرية البرتغالية. وبطبيعة منصبه، تبعه في مهمات عسكرية ودبلوماسية. وفي الموانئ والبازارات التي زارها على طول ساحل شبه جزيرة هندوستان، أتاحت الفرصة لـ جارسيا دي أورتا لفحص المنتجات المتداولة وسؤال التُّجَّار عن استخداماتها وأسعارها وطرقها التجارية وأماكنها الأصلية. وخلال زيارته إلى بلاط السلطان بهادور و نظام شاه، لاحظَ وسجَّلَ واستفسرَ وقَيِّمَ الممارسات الطبية والنباتية ومعرفة علماء العرب الموجودين هناك. هذا الاتصال مع السكان المحليين ومعرفتهم وتقاليدهم مكَّنته من تحديد العديد من الأخطاء في النصوص الطبية والنباتية التي تم تداولها في أوروبا في ذلك الوقت.

وبينما عاد مارتيم أفونسو دي سوزا في عام 1538 إلى البرتغال، واستقر جارسيا دي أورتا في جوا في الهند حيث اعتنى، في العقود التالية، بصحة الحكام والأساقفة والمسؤولين الملكيين. ولزيادة أعماله، اشترى سفينة، واستأجر عاملًا، وجمع - من التُّجَّار والوكلاء المحليين والمسافرين - معلومات مُفَصَّلة عن الأدوية والتوابل وغيرها من المنتجات الآسيوية، بما في ذلك مناطق المنشأ وطرق التوزيع والأسواق والأسعار.

بعد ما يقرب من 30 عامًا من العيش في الشرق، نشر في جوا كتاب «النقاشات البسيطة، والعقاقير والأشياء الطبية من الهند»، مما جعل الموارد الطبيعية في آسيا معروفة للأوروبيين لأول مرة. كتبه باللغة البرتغالية على شكل حوار، ووصف بشكلٍ دقيق 59 محادثة أجريت بين طبيبين من إيبيريا في البستان أو حديقة الخضروات أو مكتب العمل أو المكتبة أو شرفة المنزل في جوا، وجدت المنتجات الآسيوية مكانها بشكلٍ طبيعي على مكتب الطبيب البرتغالي. أعطت المناقشات القراء وصفًا جديدًا للطبيعة في جزر الهند الشرقية. وغالبًا ما كانت تقطع الخادمت والفتيات تلك النقاشات البسيطة بين الطبيبين، وكذلك وصول التُّجَّار والزائرين الذين لفتوا انتباه الطبيب إلى عيّنات جديدة وأخبار عن استخدام الأدوية والتوابل والأحجار الكريمة الموجودة في الشرق.

لذلك يُعد كتاب «النقاشات البسيطة» مراجعة شاملة لحالة المعرفة في أوروبا حول تاريخ تجارة السلع الآسيوية الرائدة وخصائصها واستخداماتها ومنشأها. في كل حوار، كان الطبيبان يتجادلان ويتناقشان مع بعضهما البعض. اعتمد روانو، الطبيب الذي وصل مؤخرًا إلى جوا، على كلام العلماء اليونانيين. وعلى الرغم من معرفته بهم، غالبًا ما كان جارسيا دي أورتا يتعارض معهم؛ حيث اعتمد على المصادر العربية فحسب. فوضع قيمة كبيرة لفحص المنتجات المحفوظة في مكتبه والأخبار من مُخبريه.

وبالاعتماد على الخبرة السريرية الواسعة التي حصل عليها في الشرق، اهتم جارسيا دي أورتا بممارسات الأطباء المحليين، الذين تعلّم منهم أسماء العديد من الأدوية الهندية وتطبيقاتها وفوائدها. فأظهر استقلالية فكرية غير عادية؛ حيث تجرّأ على التشكيك في مجموعة المعرفة الطبية والنباتية في أوروبا آنذاك. فمن بين العديد من المنتجات الآسيوية الأخرى، تحقّق من صحّة المعرفة الجديدة المتعلقة بالقرفة والفلفل والزنجبيل والقرنفل وجوزة الطيب. ووصف الفاكهة بأنها لذیذة مثل المانجو والكرامبولا والجاك فروت والقهوة الهندية والبرقوق والجامبولان والمانجوستين وفاكهة الكوكوم والليتشي. كما شهد على ثقته في الفعالية العلاجية للأدوية «الجديدة»، فقدّم نباتات غير عادية، مثل الياسمين المُزهر ليلاً.

وأخيرًا، اهتم جارسيا دي أورتا بخصائص اللؤلؤ والأحجار الكريمة، وشدّد على أهمية استخدام الماس والزمرد والياقوت والزنابق والعقيق والياقوت الأزرق، وأعرب عن ثقته في خصائص إفرازات الصُّبَّار والصَّمغ والراتنجات، مثل العنبر والأفيون والجاوي واللبان ونبات المُر والكافور.

كما أن عمله هذا قد أشار إلى أهمية تجارة الخيول حيث كانت الخيول تتجه عند وصولها من موانئ الخليج وساحل عمان حاليًا إلى الأسواق الواقعة على الساحل الغربي للهند، وكثيرًا ما يرد ذكر حشيش الجمل (Cymbopogon schoenanthus) باللاتينية أو (عشبة الحلفا) والإذخر، يرى «أورتا» فإن قش هذا العشب الذي تُعد مسقط موطنه الأصلي («فحشيش الجمل ينمو بكميات كبيرة في الجزيرة العربية، خاصة في مدينتي مسقط وقلهات»: الحوار رقم 52) كان يُفرش بالسفن التي تحمل الخيول للحفاظ على نظافتها. وبالحفاظ على صحة الحيوانات ونظافتها، كان التجار يتجنبون تدهور حالة هذه البضاعة القيّمة المشحونة بالسفينة. وخلال حواراته، أشار «أورتا» إلى منتجات أخرى مرسلّة من ميناء مسقط، خاصة الجبهان وأنواعًا من الصمغ والراتينغ التي تُزرع في شبه الجزيرة العربية.

ومن الجدير بالذكر أن تفاؤل «أورتا» في قدرته على الإلمام بسيل الأخبار الخاصة بالعالم الطبيعي في الهند الشرقية تفاؤل معدٍ؛ فهو لا يتورع عن أن يقول: «ما لا نعرفه اليوم، سنعرفه غدًا» (الحوار رقم 18).

طُبِعَ كتاب «النقاشات البسيطة والعقاقير والأشياء الطبية» في «جوا» عام 1563 ووصل إلى «لشبونة» في نهاية العام التالي. وقد أسهمت نسخة لاتينية من الكتاب بعنوان «عطرية وبسيطة» لـكلوسيو (أنتويرب، 1567) إسهامًا كبيرًا في انتشار الرسالة والمعارف التي يوحىها الكتاب انتشارًا سريعًا عبر أوروبا، قبل نهاية القرن السادس عشر، كان «كلوسيو» قد نشر بالفعل عدة طبقات وشروحات، كما صدرت نسخ بالإيطالية والفرنسية أيضًا مما أسهم بشكلٍ كبير في نشر المعارف التي جمعها «أورتا»، وكذلك أسهمت أعمال الأطباء «جوا فراغوزو» (حديث حول النباتات العطرية، مدريد، 1572) و«كريستوفو دا كوستا» (اتفاقية العقاقير والأدوية بالهند الشرقية، مقاطعة برغش، 1578)، إلى جانب النسخ اللاتينية والإيطالية والفرنسية منها، في التعريف بعمل الطبيب البرتغالي بصورة أوفى، قبل القرن السابع عشر، نُشرت المستجندات الخاصة بموارد آسيا الطبيعية، كما هي مُوزعة في «النقاشات البسيطة والعقاقير والأشياء الطبية»، على نطاق واسع في أوروبا وأصبحت مثار اهتمام كبير.

[تيريزا نزيير دي كارفالو]

69. آراء حول تجارة العقاقير والتوابل في هرمز
 جوا (الهند) - 1545
 مخطوطة على ورق
 الأرشيف الوطني لمكتبة توري دو تومبو (لشبونة) - الهيكل الزمني
 ، الجزء الثاني ، مخطوطة رقم240 ، رقم 53

70. وصف طريق البهارات من هرمز إلى طرابلس
 جوا (؟) - حوالي 1548
 مخطوطة على ورق
 مقاس: 20.5 × 30 سم
 مكتبة بلدية إلفاس (البرتغال - كتاب يتناول أشياء الهند واليابان
 - مخطوطة رقم381 ، الصحيفة رقم 44v-44r.

وتشير الوثائق الثلاث المختارة والمعروضة في هذا القسم إلى الجوانب المختلفة للبراهين الثلاثة السابقة؛ حيث تدور الوثيقة رقم 69 حول الرأي الصادر عن مسؤولي ونبله دولة الهند البرتغالية، والذين كانوا تحت إشراف الحاكم جواو دي كاسترو في نوفمبر 1545 حول تجارة البضائع عبر الخليج حيث طلب الملك البرتغالي- جواو الثالث- من الحاكم إبداء رأيه حول ما إذا كان وصول `` الفلفل والعقاقير « إلى الإسكندرية والبندقية عبر طرق الخليج يضر بمصالح التاج البرتغالي ودولة الهند البرتغالية كما طلب الملك أيضًا رأي الحاكم حول كيفية التعامل مع مثل هذه المشكلة، فتُظهر المخطوطة المودعة في الأرشيف الوطني لمكتبة توري دو تومبو بلشبونة مدى تعقيد هذه المشكلة؛ فقد افترض الملك أن طريق الخليج سيكون أسوأ من طريق كيب روت، ومع ذلك فإن الرأي الذي ورده من جواو كان على النقيض تمامًا حيث أكد رجال الملك أن منع التدفق التجاري للخليج من شأنه أن يكون أمرًا كارثيًا للإمبراطورية البرتغالية في آسيا حتى أنهم صرحوا بأن ذلك: `` سيكون سيئًا كافيًا لفقدان السيطرة على الهند وعدم القدرة على الحفاظ عليها [مرة أخرى]» وقد أقرّوا أيضًا بأن المنتجات وصلت إلى الإسكندرية والبندقية بسهولة لكنهم ذكروا أيضًا أن هذا يُعد أقل ضررًا مقارنةً بفقدان الإيرادات الجمركية الواردة من الحصون البرتغالية، بالإضافة إلى ذلك فإن إغلاق طريق الخليج من شأنه أن يؤدي إلى نفاذ فائض المنتجات من السوق، واختتم الموقعون رأيهم مؤكدين على أنه من الضروري إبقاء الطرق البرية مفتوحة طالما لم تتم إعاقة مرور السفن لأن القيام بخلاف ذلك «سيكون أمرًا بالغ الضرر [للملك] وقد يسبب خسائر في الخزانة الملكية ويلحق أضرار جسيمة بهذه الأجزاء“.

بالتالي فإن مثل هذا الرأي من شأنه أن يلفت نظرنا إلى الطرق البرية التي تربط الخليج بشرق البحر الأبيض المتوسط حيث تسمح لنا الوثيقة رقم 70 بفهم ماهية هذه الطرق حين تصفها بأنها «الطريق الذي سلّكه التجار لجلب التوابل من هرمز إلى طرابلس «، وفي كلمات قليلة فقط تشير الوثيقة إلى أن البضائع كانت تخرج من هرمز متجهةً نحو البصرة حيث يتم اختيار طريق واحد من بين طريقين متاحين وقد كان أسرعها هو طريق دمشق (في سوريا الحالية) ، لكنه كان الطريق الأكثر خطورة بسبب «العديد من اللصوص الذي يهيمون في الصحراء»، أما بالحديث عن الطريق الثاني فقد كان يمتد من البصرة إلى بغداد (العراق) ومنها إلى حلب (سوريا) ومنها إلى طرابلس (لبنان)، وقد ذكر صاحب الرأي المجهول أن الطريق الذي أوصى به العثمانيون- بل ودعموه أيضًا- كان الطريق الأخير لأنه كان يمر عبر منطقة ذات كثافة سكانية أكبر وبالتالي كان الطريق أكثر أمانًا إلى جانب أنه كان يساهم في التنمية المحلية حتى نهاية الرحلة بالوصول إلى الوجهة النهائية، وقد ورد وصف ذلك الطريق في مجلّد يرجع تاريخه إلى حوالي 1545 إلى 1548 وهو محفوظ اليوم في مكتبة بلدية إلفاس (البرتغال) ضمن مجموعة من النصوص التي تدور حول دولة الهند البرتغالية والتي من الممكن أن تكون جُمعت من قبل الحاكم جواو دي كاسترو خلال هذه الفترة بهدف مساعدته على فهم متطلبات الحكومة واحتياجاتها، وبالتالي ربما تكون تلك النصوص قد خدمت الحاكم وموظفيه والنبل في الوصول إلى الآراء المعبر عنها والموضحة أعلاه.

وقد استمرت المناقشات حول مسألة وصول المنتجات الآسيوية إلى أوروبا عبر الطرق البرية المغادرة من منطقة الخليج طيلة النصف الثاني من القرن السادس عشر فتشير الوثيقة رقم 71 وهي عبارة عن رسالة مجهولة باللغة القشتالية كانت قد كُتبت في البندقية في 20 يوليو عام 1566 وتُظهر أن التاج البرتغالي كان على علم بهذا التدفق التجاري، وقد سمع كاتب الرسالة بأن طريق البصرة قد أعيد فتحه مما يشير إلى الحصار الذي لم تتعرض له المدينة إلا من قبل القوات العربية المعارضة لنمو الإمبراطورية العثمانية في المنطقة - وهي المنطقة الخاضعة للسيطرة العثمانية منذ أواخر عام 1546 ، كما تشير الرسالة أيضًا إلى أن الطرق البرية-بالإضافة إلى طريق البحر الأحمر نفسه- لا والتي تتمتع بقدرات عالية من الناحية التجارية، علاوة على ذلك فقد حددت الرسالة أيضًا كمية التوابل التي تصل عبر طريق حلب ليتنافس مباشرة مع الطريق البحري الهندي في الإمداد المتوسطي.

وتُعد الوثائق الثلاث المشار إليها أعلاه مترابطة باعتبارها من الوثائق الأساسية لفهم أهمية منطقة الخليج بالنسبة لطرق التجارة أوائل العصر الحديث فقد كان البرتغاليون على دراية جيدة بالطرق البرية كما أنها قد تم تهيئتها للسماح لها بالوجود، ومع التوسع العثماني باتجاه منطقة الخليج وبالتحديد من خلال غزو البصرة عام 1546 وبتجاه البحر الأحمر مع الاستيلاء على عدن عام 1548 ، كان بإمكان دولة الهند البرتغالية محاولة تقليل الخسائر فقط؛ لأنها لم تكن تملك القدرة العسكرية أو الاقتصادية لوقف التدفقات التجارية البديلة نحو أوروبا وهذا من شأنه أن يكشف مدى خضوع الوجود البرتغالي في آسيا للواقع المحلي إلى جانب السياسة الملكية ويُعد الخليج مثال جيد للوجود البرتغالي الذي شكله الزمان والمكان والحاجة الحدية.

[روجر بي ديجيسوس]

68. فاتورة تعود إلى تجارة الخيول الخليجية

جوا (الهند - 1515

مخطوطة على ورق

الأرشيف الوطني توري دو تومبو (لشبوننة)، السجلات التاريخية،

الجزء الثاني، المخطوطة، رقم 113

يحتفظ الأرشيف الوطني في توري دو تومبو في لشبوننة بالعديد من الوثائق التي تُشير إلى تجارة الخيول العربية والفارسية التي انشغل بها البرتغاليون في القرن السادس عشر، وإحدى هذه الوثائق هي فاتورة من دييجو رودريجييز، الذي كان موظفًا تجاريًا في مدينة جوا في عام 1515 ويشهد فيها على تسليم 28 حصانًا جلبها العديد من البرتغاليين من منطقة الخليج، فالبرتغاليون بعد الاتصالات الأولى مع الهند التي أعقبت رحلة فاسكو دا جاما في عام 1498 فهموا على الفور الإمكانيات الهائلة للتجارة الإقليمية، والتي يُمكن أن تُثمر عن نتائج أكثر أهمية وأسرع بكثير وباستثمارات محدودة من تلك التي يتم الحصول عليها خلال فترة طويلة ورحلة خطيرة بين لشبوننة والهند والتي لم تستغرق أقل من 18 شهرًا.

وأول المراقبين البرتغاليين للواقع الشرقي، مثل توم بيريس و دُوارتي باربوسا، الذين كتبوا أطروحات جغرافية عالمية حول آسيا البحرية حوالي 1515-1516، أدركا على الفور الأهمية الاستثنائية لحركة الخيول التي تعبر بحر العرب بانتظام، من حيث العائدات الضخمة والمزايا السياسية الكبيرة التي يُمكن أن تُولدها. فقد كانت شبه القارة الهندية بحاجة دائمة للخيول، والتي استُخدمت بكميات مذهلة في الحروب المستمرة التي عارضت مختلف الوحدات السياسية الهندية، وهي السُلطنات الإسلامية في ديكان ومملكة فياينانجار الهندوسية، التي بلغ عدد قوات الفرسان فيها عشرات الآلاف من الوحدات. وبالإضافة إلى النزاعات العسكرية الدائمة، التي استهلكت كميات هائلة من الخيول، كانت الظروف البيئية في كثير من الهند غير مناسبة لتربية هذه الحيوانات وصيانتها، مما ساهم في ارتفاع معدل الوفيات فيها. لهذا السبب كتب توم بيريس في كتابه «سوما الشرقية» أن الخيول التي أتت من هرمز كانت ذات قيمة كبيرة في ممالك جوا و ديكان و فياينانجار.

على الرغم من وجود خيول في بعض مناطق ولاية جوجارات، فإن جودتها كانت أقل بكثير من جودة الحيوانات التي نشأت في شبه الجزيرة العربية وبلاد فارس. كما ذكر توم بيريس، كانت أفضل الخيول من الجزيرة العربية، وجاءت الخيول من بلاد فارس في المرتبة الثانية. لذلك تطوّرت حركة مرور منتظمة في بحر العرب، قادمة من عدة موانئ مجاورة لمضيق هرمز، مثل مدينة مسقط وجزيرة هرمز نفسها، حيث تتركز الخيول العربية والفارسية، ليتم تصديرها إلى الهند بالطريق البحري. وتؤكد تقارير برتغالية عديدة من العقود الأولى من القرن السادس عشر - كما يتضح من استلام مشرف جوا عام 1515 - تؤكد الأهمية غير العادية لهرمز في سياق تجارة الخيول. كتب توم بيريس أن الخيول العربية والفارسية في تلك الجزيرة كانت تساوي أكثر من أي سلعة أخرى. ومن جانبه، ذكر دُوارتي باربوسا في كتابه «كتاب الأشياء الشرقية» أن هناك عددًا كبيرًا من الخيول جاء من الجزيرة العربية، والتي تم تصديرها إلى الهند. وأضاف أن تُجرّار هرمز حصلوا على خيول في العديد من موانئ الجزيرة العربية، حيث كثرت العينات الممتازة، ثم قاموا بشحنها إلى الساحل الغربي للهند.

كانت أهمية تجارة الخيول بالتأكيد في ذهن القبطان البرتغالي أفونسو دي ألبوكيرك عندما قرر احتلال إقليم جوا في عام 1510، لتأسيس قاعدة عمليات للبرتغاليين هناك. وتؤكد العديد من الرسائل التي كتبها لاحقًا إلى الملك البرتغالي هذا الافتراض، مثل رسالة طويلة كتبها في ديسمبر 1513، أوضح فيها الخطوات المختلفة المتخذة لضمان احتكار التاج البرتغالي لواردات الخيول إلى الساحل الغربي للهند. أولًا تم إرسال عِدَّة سفن برتغالية إلى بحر العرب للتأكد من أن جميع سفن هرمز التي كانت تحمل خيولًا ترسو في جوا؛ وبسبب هذا الإجراء، تم جلب أكثر من 400 حصان بسعر جيد إلى هناك في نفس العام. ثانيًا، أمر أفونسو دي ألبوكيرك ببناء اسطبلات كبيرة على مشارف الميناء، و وَطَّفَ 300 رجل لرعاية الحيوانات. ثالثًا، تم التعامل مع جميع التجار الذين جلبوا الخيول إلى جوا باحترام كبير، مع إعطائهم الأولوية في الحصول على السلع وتصدير البضائع.

كما اتخذ البرتغاليون إجراءات أكثر فعالية؛ حيث تم تنفيذ سياسة إصدار «جوازات سفر» للسفن الآسيوية، للسيطرة بشكلٍ فعّال على ممرات الشحن التي تربط الهند بالخليج العربي الفارسي. وهكذا يُمكن أن تعترض القوات البرتغالية السفن التجارية التي لم يكن لديها التصريح اللازم، أو التي كانت متجهة إلى موانئ هندية غير جوا، وتمت مُصَادرة الخيول التي كانت على متنها. وفي الوقت ذاته، حصلت السفن التي تجلب الخيول من هرمز إلى جوا على «جواز سفر» مجاني لرحلة العودة. بالإضافة إلى ذلك، تم إعفاء التُّجّار الهرمزيين من الرسوم الجمركية على جميع المنسوجات التي تم استبدالها في جوا بالخيول التي يتم جلبها. وإذا أحضرت سفينة من هرمز عشرة خيول أو أكثر إلى جوا، فإن البضائع الأخرى المنقولة على متنها تكون مُعفاة من الرسوم الجمركية.

سرعان ما أصبحت جوا الميناء الرئيسي لدخول الخيول من شبه الجزيرة العربية وبلاد فارس إلى الهند تحت الحكم البرتغالي، وحوالي عام 1512، ذكر أفونسو دي ألبوكيرك، في أحد تقاريره المنتظمة إلى ملك البرتغال مانويل الأول، أن تجارة الخيول من هرمز ومن الساحل العربي إلى جوا قد حققت أرباحًا في حدود 400 أو 500 في المائة. وفي واقع الأمر، فقد جعل إنشاء محمية برتغالية على مملكة هرمز عام 1515 الأمور أسهل، حيث يُمكن للسُلطات البرتغالية الآن التحكم في حركة الخيول ومراقبتها على طرفي أحد أهم الطرق البحرية، مما أدى إلى جنسي أرباح كبيرة جدًا. منذ ذلك الحين، وطوال القرن السادس عشر، شارك البرتغاليون بنشاط في تجارة الخيول التي تعبر بحر العرب. في هرمز و جوا، كان سمسار الخيول تحت التاج البرتغالي يتحكم في جميع مشتريات ومبيعات الخيول ويفرض ضرائب عليها؛ وتم استحداث منصب المشرف التابع للتاج البرتغالي في العديد من الموانئ الهندية لإصدار «جوازات السفر» للتُّجّار المحليين؛ وحصلت جمارك هرمز و جوا دخلًا منتظمًا من الرسوم المفروضة على تجارة الخيول. حيث أُكِّد مسؤول برتغالي مجهول - كتب في عام 1527 إلى الملك جواو الثالث ملك البرتغال - أن أكبر دخل حصل عليه البرتغاليون في الهند مُستَمَد من تجارة الخيول بين هرمز و جوا.

(روي مانويل لوريريو)

[66-67] لقد كان التواجد البرتغالي في منطقة الخليج في بدايات القرن السادس عشر تواجدًا تدفعه نوايا وأسباب اقتصادية بحثة وجلية؛ وهي دمج الشبكات التجارية التي تربط الأسواق الآسيوية بأوروبا في دولة الهند البرتغالية عبر هذا الطريق وذلك لمصلحتهم الخاصة، ومع ذلك فقد كان لهذا الدافع شقين: حيث كان ذلك يعمل على إثراء الخزانة الملكية من جهة بينما كان يُعد أيضًا أمرًا له فائدته بالنسبة للأطراف الفردية التي بدأت بسرعة في الاستثمار في التجارة داخل آسيا أو بين الموانئ مدركين أنها كانت أسرع طريقة للحصول على المال الوفير وهو الأمر الذي من شأنه أن يسمح بإضعاف دائرة نفوذ التاج البرتغالي، وقد أنشأ هذا الوجود- الذي أُرسيت قواعده في المرحلة الأولى في مصانع الحصون ثم في المدن المحاطة والأسوار- هيكلًا إداريًا ثابتًا لا يعتمد فقط على الخبرة السابقة للإدارة البرتغالية داخل البرتغال نفسها ولكن أيضًا على تلك الخبرات المكتسبة عبر أرخبيل المحيط الأطلسي وشمال إفريقيا خلال القرن الماضي، لذا فإن شخصيات القبطان وأمين الصندوق والكتاب- على سبيل المثال لا الحصر- كانت شائعة آنذاك كتلك المستخدمة للجندى المعين في حامية أو النبيل المعين في أي منصب قيادي أعلى بدرجة ملكية أو الحاكم لدولة الهند البرتغالية نفسه.

.66 الدخل النقدي في هرمز

هرمز - حوالي 1541-1543

مخطوطة على ورق

الأرشيف الوطني لمكتبة توري دو تومبو (لشبونة) - مجموعة الرسائل النواة القديمة -876 رسائل من نواب الملك وحكام الهند ، رقم 39

.67 الرسوم المدفوعة في مسقط

جوا (5) - ١٦٢٠

مخطوطة على ورق

الأرشيف الوطني لمكتبة توري دو تومبو (لشبونة) - مجلس الخزانة الملكية لولاية الهند ، كتاب رقم 4 ، الصحيفة رقم 45 v-47r .

وتشير الوثيقتان المعروضتان إلى الكيفية التي تم بها تنظيم الحياة اليومية الاقتصادية والتجارية للإمبراطورية البرتغالية؛ فتتضمن الوثيقة الأولى والتي يعود تاريخها إلى 1541-1543 تقريبًا بيانات عن دخل ونفقات حصن هرمز خلال الفترة المعنية، تبدأ الوثيقة بقائمة الإيرادات المحققة: أربعة وعشرون سجلًا تتراوح من محصول الفاكهة المجففة إلى حبات اللؤلؤ والأسماك واللحوم ومحاويل الخيول ومعاملات التجارة في العبيد وغيرها، وقد جاءت معظم هذه المداخيل من الرسوم الجمركية المطبقة على المنتجات التي وصلت إلى الجزيرة؛ أي من الرسوم المفروضة على وصول البضائع وبيعها، وكانت تلك عبارة عن رسوم يجمعها ويشرف عليها المسؤولون البرتغاليون الذين الذين شكلوا الوجود البرتغالي ومارسوا سيطرتهم على هرمز- وهي محطة توقف إلزامية عند التنقل في الخليج- وذلك لضمان بقائها عملية مرحة، كما تتضمن الوثيقة أيضًا تسعة عشر قيدًا يتعلق بالدخل الذي تم الحصول عليه من خارج المدينة من مستوطنات مختلفة تربطها بالجزيرة علاقات تجارية مثل تلك الموجودة في جلفار (رأس الخيمة الحالية) على الساحل العربي، أما بالحديث عما تبقى من الوثيقة فهو عبارة عن عدة أوراق توضح بالتفصيل نفقات ملك هرمز والتي تغطي العديد من موظفي الملك والعاملين في بلاطه والمدفوعات التي سددت مقابل ثلاثة وعشرين عبدًا قد تم تحديدهم جميعًا بالاسم بالإضافة إلى العديد من نبلاء الملك (أكثر من 80 مسجلًا) الذين تلقوا عدة مدفوعات سنويًا، أما السجل الأخير من الوثيقة فيتناول النفقات التي تم دفعها إلى البرتغاليين وتشمل هذه النفقات المتنوعة- على سبيل المثال- النفقات ذات الصلة بالقبطان والقبطان الرئيس للبحر والمشراف وموظف الجمارك والمترجم.

أما الوثيقة الثانية فتشير إلى الوجود البرتغالي في المنطقة بمعنى أوسع وأشمل- وهي الحقيقة التي استمرت لقرنٍ من الزمان، والمخطوطة المؤرخة عام 1620 هي نسخة من النسخة الصادرة في عام 1619 من تقرير الرسوم المدفوعة لجمارك مسقط عام 1615، وتتضمن الوثيقة خمسة عشر سجلًا محددًا للرسوم المتنوعة التي تم جمعها حيث كان يدفع الوافدون البرتغاليون رسومًا جمركية بنسبة 5 في المائة وكان يليهم البرتغاليون المقيمون في مسقط الذين دفعوا رسومًا بنسبة 3.5 في المائة والذين تميزوا بوضوح عن «المورين والبنين» (شعب الجوجورائي) الذي دفعوا 8.5 في المائة، وقد وصفت الوثيقة أيضًا بعض المنتجات مثل السكر والدقيق والقمح والكتان والخيول وغيرها، كما توضح السجلات النهائية من المخطوطة أن هذه الوثيقة كانت عبارة عن نسخة من `` الرسوم القديمة ``. ، والتي كان من الممكن أن تكون قابلة للتطبيق `` قبل مائة عام ``، وذلك لنقل فكرة كونها أمر قديم وللحفاظ على الممارسات التجارية القديمة نسبيًا لهذه الفترة، وقد وضع كاتب الوثيقة ملاحظة تشير إلى أنه في عام 1615 تم إصدار نسخة من النظام الأساسي باللغة العربية وكانت تلك النسخة في حوزة الشيخ المحلي ، ثم تمت ترجمة النسخة من قبل ماميدي مكسابو وهو المترجم الفوري الذي عمل في قلعة مسقط، وفي وقت مبكر من عام 1619 تمت صياغة نسخة ثانية من الرسوم من «دفتر ملاحظات مكتوب بخط مغربي» والذي تمت قراءته وترجمته من قبل سادو- المترجم الشفوي في القلعة والذي وقع الوثيقة وبالتالي فقد تحمل سادو مسؤولية الترجمة ، أما فيما يخص النسخة النهائية المؤرخة في 26 أكتوبر 1620 فقد تمت صياغتها لصالح السجل المركزي لدولة الهند البرتغالية في جوان كونتوس للذاكرة المستقبلية، ومن الجدير بالذكر أن السجلات المكتوبة قد سمحت بتسجيل الممارسات المحلية على الورق مما ساهم في وضع اللوائح التي تم التفاوض عليها بين السلطات البرتغالية والمحلية والإقليمية مع عدم إغفال أهمية النزاع الدائر بين الأطراف والذي كانت حاضرًا وضروريًا من أجل إقامة تسلسلات هرمية للسلطة والتي كانت في حد ذاتها أمرًا شائع جدًا في العلاقات التي أقيمت في دولة الهند البرتغالية.

[روجر لي ديجيسوس]

65. مراسيم الهند

لشبونة - 1520

طباعة على ورق

مقاس: 17.7 × 24.5 سم

مكتبة البرتغال الوطنية (لشبونة) ، RES-80-A

لقد اتسمت فترة حكم الملك مانويل الأول (من 1494 إلى 1521) بالعديد من السمات ومنها- بالإضافة إلى وصول أسطول فاسكو دا جاما إلى الهند وبداية التوسع البرتغالي في آسيا- سلسلة الإصلاحات الإدارية والتشريعية التي أحدثت تغييرات كبيرة في المملكة في البرتغال في بداية القرن السادس عشر، وقد كان أحد أهم تلك الإصلاحات هو تدوين القانون الجديد والمعروف باسم مراسيم مانويل والذي جمع ووحّد التشريعات المعمول بها في ذلك الوقت في نص واحد، وقد نُشرت المراسيم لأول مرة في 1512-1513 و في عام 1521، وتجدر الإشارة هنا إلى أن الملك قد أمر بطباعة المراسيم مما يبرز أهمية الدور الذي لعبته الصحافة والانتشار السريع والبسيط الذي وفرته وسيلة النشر الجديدة تلك والتي ازدهرت في عهده، وفي نفس الوقت أصدر الملك مجموعة واسعة من القوانين الجديدة بما في ذلك التشريع المعروف في هذا القسم ألا وهو المراسيم الهندية، وتم نشر هذا التشريع (المراسيم الهندية) في 8 سبتمبر 1520 ومن المعروف أن نسختين من تلك المراسيم قد نجتا (إحداها مطبوعة على مخطوطة والأخرى مطبوعة على الورق) وكلاهما محفوظ في مكتبة البرتغال الوطنية (لشبونة)، وتتناول المراسيم جميع الأمور المتعلقة بالإمبراطورية البرتغالية في آسيا والتي لم تكن بالتالي مدرجة في المراسيم العامة للمملكة، وقد ذكرت المقدمة أن الهدف من تلك المراسيم كان «توفير نسق ونهج للتجارة المذكورة (في جزر الهند) لضمان إجرائها بالطريقة المناسبة»، وقد بررت المقدمة هذه الإجراءات على أساس أن التجارة كانت «مسألة عالية التكلفة كما أنها انطوت على مخاطر تهدد حياة من يقومون عليها»، لذا فإن الفصول السبعة والعشرون التي تم تجميعها في هذه الوثيقة تشرع المسائل المتعلقة بإدارة دولة الهند البرتغالية (Estado da ndia) ومهامها التجارية والمالية واللوائح الجزائية، أما فيما يتعلق بمنطقة الخليج فقد كانت هناك إشارة إلى تجارة الخيول وقد نُص على أنه لا يمكن شراؤها إلا في جوا وبالتالي فقد تركزت هذه السلعة المهمة والمربحة في تلك البقعة من الإقليم، وبالإضافة إلى المسائل التجارية التي غطتها تلك الوثيقة والتي كان لها أثرها على الحياة الاقتصادية والمالية للبرتغاليين في آسيا فقد نظمت المراسيم أيضًا الرحلات باستخدام خط الشحن عن طريق الهند البحري Carreira da India وذلك في محاولة للسيطرة على البضائع التي يحق للضباط والجنود والبحارة البرتغاليين جلبها على متن السفن عند عودتهم إلى البرتغال، وبغض النظر عن هذا المسعى التشريعي فإن مصادر التاج الخاصة تكشف لنا أنه كانت هناك طرقًا عديدة للتهرب من هذه المراقبة ناهيك عن المسافة الفعلية بين مركزي السلطة (لشبونة وجوا) والجيوب البرتغالية المنتشرة في جميع أنحاء مداخل المحيطين الهندي والهادئ مما سهل أمر تجنب التفتيش، وعلى الرغم من هذه النقاط المثيرة للجدل فإن هذه الوثيقة تُعد ضرورية لتكوين فهمنا عن التجارة البرتغالية في دولة الهند والدور الذي لعبه التاج البرتغالي في تنظيمها.

[روجر لي ديجيسوس]

«جميع أنواع البضائع
تنتقل إلى جميع
أجزاء العالم»:
شبكات الخليج
التجارية

63 الخطاب الدفاعية التي أقيمت إلى جلالته الملك دوم جوام [...] دفاعًا عن الشهرة وإحياءً لذكرى فيرنانو البوكيرك لشبونة: مانويل دا سيلفا - 1641 طباعة على ورق مقاس: 13 × 18 سم مجموعة سيرجيو مورينو - لشبونة

64 تعليقات القبطان العظيم روي فريري دي أندراي لشبونة: باولو كرايسبيك - ١٦٤٧ طباعة على ورق مقاس: 13.5 × 19 سم مجموعة سيرجيو مورينو - لشبونة

في عام 1631 انتقد المؤرخ القشتالي دون جونزالو دي سيسبيديس مينيسيس فيرنانو دي ألبوكيرك بسبب سلوكه في مواجهة التهديد المتزايد لهرمز والهزيمة البرتغالية في الخليج وإساءة استخدام السلطة أثناء توليه منصبه في الجزء الأول من حكم دون فيليبي الرابع ملك إسبانيا (لشبونة)، وقد كان هذا هو السياق الذي كتب فيه لويس مارينيو دي أزيفيدو الخطابات الدفاعية؛ ذلك العمل الذي كُتب ردًا على جميع الاتهامات وإعادة تأهيل صورة وذاكرة الحاكم السابق وتبرئته من الاتهامات الموجهة إليه عن هزيمة البرتغاليين وفقدان الحصن البرتغالي، وبالاستعانة بالوثائق المعاصرة حلل لويس مارينيو دي أزيفيدو كل خطوة من خطوات فقدان هرمز كما حدد أيضًا الأسباب الحقيقية وراء ذلك حسبما يرى، وبالنسبة لمؤلف كتاب الخطابات الدفاعية فإن ثمة شخصان يُعدان هما المسئولان عن الهزيمة؛ أحدهما كان فريري دي أندراي وهو قائد الأسطول الذي دعم المضيق والذي كانت تربطه مضطربة مع فيرنانو دي البوكيرك؛ أما الآخر فقد كان حكومة هابسبورج التي يجب أن تتحمل المسؤولية ليس فقط عن خسارة هرمز ولكن أيضًا عن المصائب الأخرى التي عانى منها البرتغاليون في الخارج خلال هذه الفترة، وقد صُوّر روي فريري دي أندراي على أنه خائن وذلك لتفضيله اتباع أوامر الملك غير الواعية على اتباع الأحكام المخضمة والحذرة للحاكم فيرنانو دي ألبوكيرك وبالتالي فقد حاول لويس مارينيو دي أزيفيدو معارضة اتهامات دون جونزالو دي سيسبيديس ومينيسيس وتبديد الشكوك التي عُرسّت حول شرف فيرنانو دي ألبوكيرك وذكره وسلوكه فيما يخص قضية هرمز وقد أدى ذلك بعض المؤرخين إلى الاعتقاد بأنه من الممكن أن تكون الخطابات الدفاعية قد كُتبت بتكليف من ابن الحاكم خورخي دي ألبوكيرك.

وردًا على ذلك وفي محاولة للدفاع عن ذكرى روي فريري دي أندراي فقد ظهر بعد ذلك بوقت قصير وفي عام 1647 تحديدًا في لشبونة ما يُعرف باسم تعليقات القبطان العظيم روي فريري دي أندراي والتي جمعها الطابع الشهير باولو كرايسبيك (بيتر فان كريسبيك)، ومن الجدير بالذكر أن هناك بعض التفاصيل التي لا تزال غير واضحة بخصوص هذا النص وتحديدها تلك التي تتعلق بمؤلفه والسبب وراء عدم كشف المؤلف عن هويته ومن الذي كلفه بمثل هذا العمل، والعلاقة التي تربط بينه وبين روي فريري دي أندراي وبين الخطابات الدفاعية ومؤلفها، لقد أتت التعليقات لتكون بمثابة رد فعل على كتبه لويس مارينيو دي أزيفيدو - وإلى حد ما- لتكون أيضًا بمثابة رد فعل على الاتهامات التي لا تزال تحوم حول القائد بعد مرور 25 عامًا من فقدان هرمز، ومن الواضح أن الدوافع الرئيسية وراء نشر كرايسبيك لمثل هذا العمل تُعد واضحة تمامًا: استعادة ذكرى قبطان أسطول مضيق هرمز ولتقديم روي فريري دي أندراي كبطل الحملات الخليجية والإشادة بشرفه وشجاعته في خدمة الملك والمملكة.

لقد جاءت تعليقات القبطان العظيم روي فريري دي أندراي لتكون نتاجًا لاستراتيجيات استردادية انتشرت خلال فترة الاستعادة البرتغالية في الوقت الذي سعت فيه البرتغال لتأكيد استقلالها عن إسبانيا بعد انهيار عام 1640، وقد احتلت مسألة فقدان هرمز والنكسة البرتغالية في منطقة الخليج مكانة مهمة في هذه الاستراتيجيات التي سعت إلى تحميل آل هابسبورج مسؤولية الصدمات «التي عانى الكل منها أثناء حكمهم من جهة كما سعت تلك الاستراتيجيات أيضًا إلى الإشادة بذكرى وأفعال أولئك الذين يُعتبرون أبطال الدولة البرتغالية في الهند من جهة أخرى وقد كان كل من فيرنانو دي ألبوكيرك وروي فريري دي أندراي الشخصين المناسبين لهذا الغرض.

[جراسا أليدا بورخيس]

اليسرى لخليج عمان حيث بنوا حصنًا في أوائل القرن السابع عشر لدعم هرمز، ومن مسقط وخاصةً خلال ثلاثينيات القرن السابع عشر فصاعدًا. حافظ البرتغاليون على دورهم المؤثر على التجارة المتجهة إلى كل من البصرة والسند وكوجارات والساحل الهندي الغربي (جوا وشاول)، ومن مسقط أيضًا تعامل البرتغاليون مع التهديد المتزايد للقوات العمانية وهو التهديد الذي اشتد مع صعود نجم الحاكم إيمان ناصر بن مرشد (حكم 1624-1649)، وخلال أربعينيات القرن السادس عشر تم تنفيذ العديد من الهجمات العمانية على الأراضي التي يسيطر عليها البرتغاليون بمستويات متفاوتة من النجاح مثل تلك التي شهدتها مناطق صحار ودبا وخورفكان، ومع ذلك فقد كانت مسقط أكثر ما يخشى التهديد العماني؛ حيث كانت هذه المنطقة الأهم التي لا يزال البرتغاليون يسيطرون عليها في الإقليم.

وفي عام 1648 سعى البرتغاليون والعمانيون للالتفاف حول مائدة التفاوض وتوصلوا إلى هدنة أوقفت الصراع الدائر في المنطقة مما أتاح للبرتغاليين فرصة انتظار الدعم البحري القادم من جوا، وفي ظل هذه الظروف وقع الشيخ إيمان ناصر بن مرشد والقائد العام في مسقط وجيل إينيس دي نوروها معاهدة السلام التي ستكون آثارها قصيرة المدى، وقد ركزت بنود المعاهدة بشكل أساسي على ضمان الحرية المتبادلة من قبل الأطراف للمشاركة في التجارة الإقليمية دون فرض ضرائب أو قيود وعلى وقف الهجمات المتبادلة التي أدت إلى تدمير بعض الحصون المجاورة (الحصون البرتغالية في مناطق القريات ودبا ومطرح والحصن العماني في مطرح) ومنع بناء منشآت عسكرية جديدة.

وهو يجب هذا المعاهدة أقسم كل من الشيخ إيمان والقائد العام «وفقًا لقانونهما» أن يكونا «أصدقاء تربطهما صداقة خالصة وأن يكونا أصدقاء للأصدقاء وأعداء للأعداء» وقد وقع كلاهما المعاهدة «بيدهما» إلا أن حالة السلم تلك لم تدم طويلًا؛ فبعد وفاة الشيخ إيمان عام 1649 قاد خليفته السلطان بن سيف اليعربي (1649-1679) القوات العمانية للاستيلاء النهائي على مسقط، لم تنل أخبار معاهدة السلام الموقعة في عُمان والتي أسفرت عن ظروف غير مواتية للبرتغاليين رضاه السلطات البرتغالية في جوا التي لم تلبث أن اتخذت من القائد العام فرانسيسكو دي تافورا بديلًا لجيل إيانس دي نوروها، ومع ذلك فلم يكن تافورا قادرًا على تجنب التقدم العماني نحو مسقط والمضيق فضاعت القلعة البرتغالية للأبد عام 1650.

[جراسا أميدا بورخيس]

62. معاهدة السلام المبرمة بين الشيخ إيمان ناصر ب ودولة الهند البرتغالية

جوا (٩) - 1648

مخطوطة على ورق

مقاس: 23×33 سم

الأرشيف الوطني لمكتبة توري دو تومبو (لشبونة) - مجموعة كتب مونسويز- كتاب رقم 59 - الصحيفة 88r-v

لم تكن هزيمة البرتغاليين وطردهم من هرمز عام 1622 بسبب التحالف الأنجلو-فارسي هي الدافع وراء إنهاء الوجود البرتغالي في الخليج أو انتهاء دورهم في التجارة الإقليمية؛ فقد شارك البرتغاليون في خلق حالة من التوازن السياسي والتجاري للمنطقة بشكل رئيس من خلال ميناء مسقط الواقع على الضفة

61. أسطول فرناندو دي مينيسيس في مسقط

كتاب ليسوارت دي أبرو

جوا، الهند (؟) حوالي 1560

قلم وحرر وألوان مائية على ورق

مقاس: 30 × 43.5 سم

مكتبة ومتحف مورجان (نيويورك)، المخطوطة M.525

لفهم أصول المعركة الموصوفة في هذا المقتطف من كتاب ليسوارت دي أبرو فإنه من الضروري العودة إلى عام 1546 وهو العام الذي احتلت فيه القوات العثمانية ميناء البصرة، كما يتعين أيضًا العودة إلى عام 1548، عندما تكلفت محاولة إقامة حصن في عدن من قبل البرتغاليين بالفشل، فتح الاحتلال العثماني للبصرة المحيط الهندي أمام الإمبراطورية العثمانية، بقيادة السلطان سليمان «العظيم» (1521-1566). وبالنظر إلى الروابط التجارية والبحرية المكثفة بين البصرة وقلعة هرمز البرتغالية، والاحتكاك السياسي والعسكري والديني بين البرتغاليين والعثمانيين في المحيط الهندي، كان للاحتلال العثماني للبصرة تأثير مباشر في إعادة إحياء التنافس العثماني البرتغالي في الخليج الفارسي، وكان السبب المباشر لذلك هو الاستيلاء على القطيف عام 1550 من قبل القوات العثمانية، على الشاطئ العربي للخليج العربي؛ حيث كان ذلك الاحتلال يهدد الملاحة البرتغالية في المنطقة.

وكرّد فعل في 1551، قام أفونسو دي نورونها - نائب الملك «لدولة الهند» البرتغالية بين عامي 1550 و 1554 - بإرسال أسطول بقيادة أنطونيو دي نورونها إلى القطيف، على أمل السيطرة على البصرة، وبالفعل نجح في إعادة احتلال القطيف ولكن ليس البصرة. ردّ العثمانيون على ذلك، فأرسلوا رحلة استكشافية خاصة بهم، بقيادة الأدميرال بيرري ريس، في عام 1552 الذي أمر بالانضمام إلى الأساطيل العثمانية المتمركزة على البحر الأحمر والبصرة، ثم فرض حصارًا على هرمز. وبعد رحلة شاقّة من السويس إلى مدخل الخليج العربي، قرّر الأدميرال العثماني فرض حصار على هرمز دون انتظار تعزيزات من البصرة، فأدّت المقاومة القوية التي واجهها إلى رفع الحصار، مع انسحاب جزء من السرب الذي قاده إلى البصرة.

ولتجنب محاولة جديدة لمحاورة هرمز من البصرة، قرر نائب الملك البرتغالي في عام 1553 إرسال سرب جديد لتعزيز الخليج العربي. كان المقرر أن يقود نائب الملك بنفسه البعثة في عام 1552. وفي عام 1553، كان الهدف هو منع الأسطول العثماني من مغادرة البصرة، مما جعل من المستحيل عليه الانضمام إلى الأسطول المطل على البحر الأحمر، وصل المأزق إلى ذروته في وقت لاحق من ذلك العام، عندما اندلعت معركة بحرية بين الأسطول البرتغالي، بقيادة دييجو دي نورونها، والبحرية العثمانية، بقيادة سانجاكي، قبطان عين في البصرة لتوحيد السفن العثمانية في الخليج الفارسي مع أسطول السويس. ورغم محاولات البرتغاليين لملاحقته، عاد أسطول سانجاكي إلى البصرة دون عائق بعد أن منعه البرتغاليون من مغادرة الخليج الفارسي، وفي أواخر عام 1553، تم تعيين فرناندو دي مينيسيس قائدًا لأسطول جديد، والذي كان من المقرر أن يبحر إلى البحر الأحمر لمنع الأسطول العثماني على السويس من الانضمام إلى القوات البحرية في الخليج الفارسي.

ومع ذلك فقد تأخر أسطول فرناندو دي مينيسيس عن المغادرة وأصبحت الرحلة الاستكشافية إلى البحر الأحمر رحلة على طول الساحل العربي والخليج العربي، وبعد الاتصال السريع بالموانئ على ذلك الساحل، أبحر فرناندو دي مينيسيس إلى مسقط، أحد أهم الموانئ العربية على الخليج العربي، لتعزيز أسطوله، وبمجرد وصوله إلى هناك، أبلغ أن سيدي علي ريس، المُعيّن قائدًا للأسطول العثماني من البصرة إلى السويس، كان في الجوار. فقام فرناندو دي مينيسيس بتحريك أسطوله نحو رأس الحد، وتلاقى في النهاية مع السرب العثماني.

كانت سُفن سيدي علي ريس تواجه طقسًا سيئًا وتعرّض الأسطول البرتغالي لكمين وتم الاستيلاء عليه، كما هو موضّح في الرسم التوضيحي في كتاب ليسوارت دي أبرو، وبالفعل تم وضع السفن التي تم الاستيلاء عليها في الخدمة البرتغالية. ومع ذلك، تمكّن جزء من الأسطول العثماني من الهروب من المهاجمين والوصول إلى دامن، وهي معقل مهم في سلطنة جوجارات. وعلى عكس الرسم التوضيحي الموجود في أعمال ليسوارت دي أبرو، وقعت هذه الأحداث بين أغسطس وسبتمبر 1554، وليس 1555.

وبالتالي يُمكن اعتبار المعركة البرتغالية-العثمانية البحرية التي حدثت عام 1554 نتيجةً للتوترات المتصاعدة في الخليج العربي منذ عام 1550، وقد استمرّ الجانبان، خاصةً في عام 1555، عندما تم الاستيلاء على السفن المتبقية من أسطول سيدي علي ريس على الساحل الهندي، وفي عام 1559، عندما حاصر العثمانيون جزيرة البحرين، مما تسبب في رد فعل قوي من البرتغاليين. وقد تمت تسوية هذه الاشتباكات عن طريق اتفاق ضمني (حيث لم يتم إضفاء الطابع الرسمي على المفاوضات الدبلوماسية) وعد البرتغاليون بموجبه بعدم التدخل في البحر الأحمر، وهي منطقة رئيسية في الاستراتيجية الجيولوجية العثمانية، وفي المقابل امتنع العثمانيون عن مهاجمة المواقع البرتغالية في الخليج الفارسي وكانوا على وجه الخصوص يتجنبونهم في المحيط الهندي.

كانت المعركة البحرية ضد فرناندو دي مينيسيس و سيدي علي ريس حاسمة في تحقيق ذلك الوضع الذي ظلّ قائمًا حتى مطلع القرن السادس عشر؛ حيث لم يكن العثمانيون ولا البرتغاليون في وضع يسمح لهم بالتعامل مع حالة الحرب الدائمة في المحيط الهندي، وهكذا فإن الأحداث الموصوفة مُوثّقة جيدًا في كل من المصادر البرتغالية والعثمانية؛ حيث يُتيح تحليلهما المشترك التقاط الإحساس الأوسع بالقيود الموجودة على الجانبين، ولا سيّما تأثيرها اللاحق على الجغرافيا السياسية الآسيوية.

[نوو فيلا سانتا]

إن المواجهات الأولى للهند البرتغالية مع الهند المغولية - التي حكم أباطرتها على معظم شبه القارة الهندية من الثلث الأخير من القرن السادس عشر إلى السنوات الأولى من القرن الثامن عشر - حدثت في جوجارات في ثلاثينيات القرن الخامس عشر. ولكن بعد أربعة عقود فقط، أصبحت التفاعلات بين الإمبراطوريتين منهجية.

ورغم أنه لا يخلو من التوترات السياسية وسوء الفهم الثقافي فقد وصل الارتباط البرتغالي-المغولي إلى ذروته خلال عهدتي أكبر (الذي حكم من 1556 إلى 1605) و جهانجير (الذي حكم من 1605 إلى 1627). وقد تم إرسال العديد من السفارات المغولية إلى جوا (عاصمة «دولة الهند» البرتغالية) منذ سبعينيات القرن الخامس عشر، في حين استفاد نواب الملك البرتغاليون المتعاقبون من الوجود المنتظم للمُبشرين اليسوعيين في البلاط الإمبراطوري من نفس العقد فصاعدًا وغالبًا ما استخدموهم كوكلاء سياسيين .

60. صورة لشخصين برتغاليين

الهند - القرن السابع عشر

جواش وذهب على ورق

مقاس: 19.4 × 29.8 سم

مكتبة فرنسا الوطنية (باريس)، قسم المطبوعات والتصوير،

المحفوظ رقم 4-OD-49، المنظر fl. 25 r، 57.

كانت النتائج الثقافية لهذا التفاعل المستمر كثيرة فتضمنت المناقشات الدينية ومناقشات الكتاب والكتابات الإثنوجرافية والتبادلات المادية، وكان أحد أهم مظاهر التجارب الغنية عبر الثقافات التي تكشفت في البلاط المغولي خلال تلك الفترة هو الاهتمام القوي بالفن الغربي الذي تجلّى من قبل الحاكم وأعضاء آخرين من العائلة الإمبراطورية وبعض نبلاء المغول. نشأ هذا الاهتمام من خلال مزيج من الفضول الثقافي والأيدولوجية الإمبراطورية التي حظيت باهتمام علمي كبير في العقود الأخيرة. ويكفي أن نلاحظ أن الموضوعات والتقنيات المميزة التي تتميز بها اللوحات والنقوش والأشياء الأوروبية قد تم إدخالها بالتالي إلى الفن المغولي من خلال أعمال الفنانين الإمبراطوريين ذوي التجارب المتنوعة الذين رعاهم أباطرة وأمراء مغول، وقد نجحت العديد من هذه المؤلفات المشيرة للاهتمام إيمًا في ألبومات مجلدة أو كأوراق منفردة، وتم وضعها في المتاحف والمكتبات العامة، وكذلك في مجموعات خاصة حول العالم. ومن بينها، يتفوّق موضوع معين: تصوير الشخصيات البشرية، سواء كانوا كهنة يسوعيين، مُمثّلين دائمًا في أرديتهم السوداء، أو البرتغاليين وغيرهم من الأفراد الأوروبيين. ويُمكّن رؤية هذه الشخصيات بانتظام في العديد من المدن الإمبراطورية وسرعان ما دخلت خيال المغول.

هذه اللوحة المغولية هي مجرد قطعة من اللغز الكبير؛ حيث يظهر رجلين برتغاليين في محادثة هادئة ويُصوّران بزِيههما التقليدي، بما في ذلك القُبعت التي تحوّلت إلى مجاز فيما يتعلق بأوصاف جنوب آسيا الحديثة (المريّة والمكتوبة على حد سواء) للبرتغاليين. واللوحة المعروضة هنا هي جزء من ألبوم حصل عليه جامع القرن الثامن عشر الفرنسي جان بابتيست جوزيف جنتيل (المتوفي عام 1799)؛ حيث جمّع مجموعة رائعة من اللوحات والمخطوطات أثناء إقامته في الهند، دخل معظمهم المكتبة الملكية في عام 1778 وهي محفوظة اليوم في المكتبة الوطنية الفرنسية، باريس.

[خورخي فلوريس]

59 - تحفة المجاهدين في بعض أخبار البرتغاليين.

زين الدين الملبري

حوالي 1580

ديفيد لوبيز (محرر) - تاريخ البرتغاليين في مالابار - زينديم.

لشبونة: المطبعة الوطنية، 1898

مطبوع على ورق

يتألف كتاب «تحفة المجاهدين في بعض أخبار البرتغاليين» من سردٍ عربي للوجود البرتغالي في ساحل مالابار (جزء من ولاية كيرلا الحالية، في جنوب غرب الهند)، ويتناول بشكل خاص صراع «الفرنجة» مع الجاليات الإسلامية في المنطقة خلال معظم القرن السادس عشر. صاغ العمل زين الدين الملبري، وهو عالم مسلم مَحَلِّي وُلد في مدينة تشامبال بالهند وتلقى تعليمه في مدينة بوناني، وقام بتأليف نصين عربيين آخرين من نوع مختلفٍ. «تحفة المجاهدين» هي قصة مقاومة، تهدف إلى تحريض الحكام في جميع أنحاء العالم الإسلامي على الجهاد ضد البرتغاليين.

لقد كُتبت في الواقع في وقت حرب شرسة في وسط المحيط الهندي بين «دولة الهند» البرتغالية و مايبلا أهل ملابار، الذين أطلق عليهم البرتغاليون «مورُيون هذه الأرض». وقد حَصَّص زين الدين الملبري هذا السرد لـ عَلِيّ عادل شاه الأول (حَكَمَ من 1558 إلى 1579) وكل الأحداث وقعت بين 1579، عام وفاة سُلطان بيجابور، و 1583، الحد الزمني لـ «تحفة المجاهدين». وعلى الرغم من الافتراضات السياسية والدينية الواسعة النطاق للكتاب، فإننا لا نعرف سوى القليل عن تداوله. ومن الواضح، أن فيريشتا (المتوفي في 1620)، كاتب تاريخ سُلْطَنَاتُ الدَّكْنِ، قد استخدمه لكتابة فصل عن مُسَلِمِي مالابار في تدويناته.

تُرجم سَرْد زين الدين الملبري إلى اللغة البرتغالية عام 1898 على يد المستعرب البرتغالي ديفيد لوبيز (المتوفي عام 1942). من أجل نسخته الدقيقة، اختار ديفيد لوبيز ترجمة نسخة «تحفة المجاهدين» المحفوظة في المتحف البريطاني، لكنه اطلع أيضاً على المتغيرات التي تُقدمها ثلاث مخطوطات أخرى موجودة في لندن: واحدة من الجمعية الملكية الآسيوية واثنتان من المكتبة البريطانية.

تميّزت السنوات الأخيرة من القرن التاسع عشر في البرتغال بالاحتفال بالذكرى الأربعمئة لوصول فاسكو دا جاما إلى الهند. لذلك يُعد مسعى ديفيد لوبيز جزءاً من هذا البرنامج السياسي والثقافي، ولكنه بالمثل يُعدُّ تجسيداً لتجدد الدراسات الإسلامية والشرقية في البلاد، مما دعا العديد من الباحثين البرتغاليين إلى التعامل مع المصادر التاريخية والأدبية المنتجة بلغات غير أوروبية. يعود تاريخ النسخة الإنجليزية الأولى (والفقيرة) من كتاب «تحفة المجاهدين» إلى عام 1833، بينما لم يتم نشر النسخة الماليلية من النص حتى عام 1995.

إن عمل زين الدين الملبري، يُقدّم منظوراً إسلامياً محلياً للبرتغاليين وأفعالهم في منطقة مالابار. لذلك يجب أن يقرأ جنباً إلى جنب مع آراء السكان الأصليين الأخرى ويكملها، ولا سيّما السرد المكتوب باللغة الماليلية من القرن السادس عشر، التي تم إنتاجها في بلاط حاكم مدينة كوجيكود الهندوسي. جاء هذا النص المكتوب على سعفة النخيل إلينا بفضل ترجمته الإنجليزية القديمة - التي أعدها في السنوات الأولى من القرن التاسع عشر موظف في شركة الهند الشرقية الإنجليزية يُدعى جون ويليام واي - وهو محفوظ في المكتبة البريطانية بإسم «مخطوطة واي».

[خورخي فلوريس]

تقع مملكة هرمز في جزيرة دجارون الاستراتيجية وكأنها حارس بوابة الخليج، وظلّت تحت السيطرة البرتغالية منذ عام 1515 حتى عام 1622. ومع ذلك، فإن الموقع المتميز «لدولة الهند» البرتغالية في المدينة الساحلية لمدة قرن تقريبًا لم ينعن السيطرة الكاملة على مملكة هرمز التي استمرت عائلتها المالكة في حكمها. سياسيًا، أصبح توران شاه الرابع (الذي تولّى الحكم من 1513 إلى 1521) تابعًا للملك البرتغالي مانويل الأول (الذي حكم من 1495 إلى 1521) ووافق على دفع جزية سنوية للملك البرتغالي، وهي لفظة من الولاء كان من المتوقع من خلفائه الالتزام بها. ومع ذلك، فقد كانت سلطة ملوك هرمز محل نزاع مُزمن من قِبَل القوى المحلية الأخرى، وخاصة من قِبَل عائلة فالبي، التي منها وزراء المملكة تقليديًا. على أية حال، فقد تم تقويض السلطة الملكية من قبل تأسيس «دولة الهند» البرتغالية نفسها، عن طريق غياب الملوك ذوي التأثير تدريجيًا مما أدى في النهاية إلى تحويلهم إلى دُمى في أيدي ملوك البرتغال.

58. رسالة من رئيس هرمز مير فيروز شاه إلى نائب الملك فرانسيسكو دا جاما
هرمز - 1598
مخطوطة على ورق
مقاس: 21 × 34 سم
الأرشيف الوطني توري دو تومبو (لشبونة)، متفرقات مكتوبة
بخط اليد من مَجْمَع جراسا الكنتي، المجلد 3 (القسم 2)، f. 263.

تعكس هذه الوثيقة بشكل غير مباشر توازن القوى الصعب في هرمز خلال السنوات الأخيرة من القرن السادس عشر. وهي رسالة مختصرة باللغة البرتغالية بتاريخ 16 أبريل 1598 وموجهة من أمير مَحَلّي إلى نائب الملك في «دولة الهند» البرتغالية. كان الأمير مير فيروز شاه، أحد أبناء الملك الحاكم، بينما كان نائب الملك هو دوم فرانسيسكو دا جاما، رابع كونت لمدينة فيديجويرا البرتغالية والحفيد الأكبر لفاسكو دا جاما (المتوفي 1524)، الذي خدم في جوا من 1597 إلى 1600.

ويجب وضع هذه الرسالة في سياق التوترات حول الخلافة المتوقعة لفاروق شاه (حكم من 1565 إلى 1602). لقد كان هناك عدة مرشحين محتملين للعرش، وانقسم البرتغاليون حول من يجب دعمه، لكن نائب الملك كان دائمًا مدافعًا قويًا عن حزب مير فيروز شاه. فوفقًا لمنطق فرانسيسكو دا جاما، فإن صعود هذا الأمير إلى السلطة سيؤدي إلى إضعاف الوزير، وبالتالي التوازن السياسي في مملكة هرمز. وبالفعل اعتلى مير فيروز شاه العرش عام 1602 وحكم حتى عام 1609.

الرسالة مكتوبة باللغة البرتغالية وقد تم إعدادها على الأرجح بالتعاون مع مسؤول محلي في «دولة الهند» البرتغالية. وفي ذلك، يذكر الأميرُ حاملَ الخطاب، وهو بالتازار بينيرو، الذي طلب السفر من هرمز إلى جوا لتقديم قضيته بشكل أفضل. وفي أسفل الصفحة، يُعرّف مير فيروز شاه نفسه بالبرتغالية - «من أمير أورموس ميرا فاروكسا» - لكنه يُضيف توقيعَه الأصلي. وقد صُمِّنت هذه الوثيقة في مجلد يضم عينات أخرى من العديد من الرسائل الموجهة في ذلك الوقت إلى دوم فرانسيسكو دا جاما من قبل حكام دول مختلفة، من شرق أفريقيا إلى شرق آسيا. غالبًا ما تكون هذه الرسائل مكتوبة باللغة البرتغالية، وغالبًا ما تتضمن التوقيعات الأصلية (والأختام، في بعض الأحيان) لمُرسلها المعنيين.

[خورخي فلوريس]

57. رسالة من الملك جواو الثالث إلى الحاكم جواو دي كاسترو
إيفورا (البرتغال) 1545
مخطوطة على ورق
الأرشيف الوطني تورني دو توميو (لشبونة)، رسائل إلى جواو دي
كاسترو، رسائل من الملك جواو الثالث، 61-fls.

عينَ الملك جواو الثالث جواو دي كاسترو حاكمًا «لدولة الهند» البرتغالية في فبراير 1545. غادر الأسطول الذي يحمل النبيل لشبونة في نهاية شهر مارس من ذلك العام، ووصل إلى جوا في الأيام الأخيرة من شهر أغسطس. بالإضافة إلى العديد من الرسائل، وجّه الملك سلسلة من الملاحظات بشأن الوجود البرتغالي في هرمز والخليج إلى أعلى مسؤول برتغالي في آسيا. وأوضح أن بعض الأمور التي وردت في الوثيقة نابعة من شكاوى تقدم بها ملك هرمز. وبهذه الطريقة، سعى التاج البرتغالي إلى استرضاء السيادة المحلية والحفاظ على العلاقات الودية التي من شأنها أن تفيّد الوضع البرتغالي.

فأولاً حتّى الملكُ الحاكمَ الجديدَ على الحفاظ على الاتصال مع جميع الزعماء المحليين الصغار، مثل زعماء البحرين وجليفار (رأس الخيمة حاليًا)، وبالتالي تعزيز العلاقات الدبلوماسية والاقتصادية الجيدة في المنطقة. وكانت التعليمات المتبقية تهدف إلى الحد من عمل القباطنة والضباط البرتغاليين الآخرين. على سبيل المثال، أمرت بمنع القباطنة الذين قضاوا فصل الشتاء على الساحل العربي ومعاقبتهم على فعل ذلك، لأنهم اعتادوا على «مضايقته» المناطق الساحلية، أي مهاجمة أو محاولة وضع شروط للأنشطة الاقتصادية في تلك المنطقة.

من ناحيةٍ أخرى طلبَ الملكُ من الحاجب، المسؤول عن الحفاظ على النظام الاجتماعي في هرمز، عدم التدخل في القضايا المُثارة بين المسلمين واليهود وغيرهم من المتدينين هناك، من أجل حماية أنظمتهم القانونية الخاصة. ودكّر أيضًا أنه كان من الضروري منع السكان المحليين والتجار من طلب اقتراض الأموال، وأنه لا ينبغي الاستيلاء على سلعهم بالقوة، ولا ينبغي إجبارهم على شراء المنتجات والبضائع من البرتغاليين. أخيرًا، كان ممنوعًا على قادة هرمز أن يكون لهم وكلاء اقتصاديون في أماكن أخرى، مثل البصرة وجليفار. تُشير هذه الملاحظات إلى أن المشكلة الرئيسية «لدولة الهند» البرتغالية في الخليج في هذه الفترة كانت العمل الفردي للضباط والتجار البرتغاليين، المتحمسين للثراء والسيطرة على التجارة الإقليمية.

أوضحت الأوامر الملكية المتأثرة بالسلطة المحلية لهرمز أن يقتصر الوجود البرتغالي على الأساسيات، وبالتالي استقرار العلاقات الاجتماعية والاقتصادية مع كل من السلطات المذكورة ومع التجار غير البرتغاليين أنفسهم. إن العمل غير المقيد لهؤلاء البرتغاليين، بعيدًا عن جوا ومركز السلطة في لشبونة، أي بدرجة أكبر بكثير من حرية التصرف أكثر من المعتاد، سهّل هذا النوع من الإجراءات القسرية على المستوى المحلي. حاولت هذه الإجراءات أيضًا تحسين الوضع الاقتصادي والمالي لمدينة هرمز، التي كانت تمر بلحظة أزمة في أربعينيات القرن الخامس عشر. على وجه التحديد، منذ عام 1543 فصاعدًا، حيث سيطر البرتغاليون بشكل كامل على دار الجمارك في المدينة، بهدف زيادة الأرباح من المعاهدات التي مرت عبر المدينة. كان هذا الإجراء مؤثرًا إلى حد ما؛ حيث أظهرت المصادر أن الإيرادات في ذلك العقد تقلبت بشكل كبير. بالإضافة إلى المشاكل المحددة أعلاه، أُنثر تهريب المنتجات الأكثر تنوعًا، مثل الكبريت، بشكل كبير على الأرباح، وكان أحد المشاكل الرئيسية التي حاربها جواو دي كاسترو خلال فترة حكمه (1545-1548). وعلى الرغم من قلق الملك، فقد استمرّ انتشار البرتغاليين في جميع أنحاء الخليج، رسميًا أو لا، داخل «دولة الهند» البرتغالية أو خارجها، طوال فترة الوجود البرتغالي في هذه المنطقة.

[روجر لي دي جيسوس]

56. رسالة من ملك هرمز إلى جواو الثالث ملك البرتغال

هرمز - حوالي 1529-1548

مخطوطة على ورق

مقاس: 79.8 × 22.4 سم

الأرشيف الوطني توري دو تومبو (لشبونة)، مجموعة الوثائق

القدمية 891، المخطوطة 1

تُوضِّح هذه الرسالة من ملك هرمز إلى الملك جواو الثالث الحماية المزدوجة التي وجدت هرمز نفسها في ظلها بعد غزوها من قِبَل أفونسو دي ألبوكيرك (عامي 1507 و 1515). فمع قلة الرجال وقلة الموارد العسكرية، اضطر البرتغاليون للتفاوض مع هرمز. كان أهل هرمز في وضع داخلي معقد، استمرَّ منذ القرن الخامس عشر، تميَّز بكثرة ثورات القصر والاعتقالات. كما كان عليهم أن يحكموا مناطق جزرية وساحلية متناثرة على نطاق واسع في الخليج، والمدن الساحلية في عُمان التي سكنها العرب أو الناطقين بالعربية؛ هذا بالإضافة إلى العديد من الأهداف والتطلعات المختلفة.

لم يتم قبول سيادة البرتغاليين؛ حيث تمكَّنت هرمز دائماً من الحفاظ على استقلالها؛ فهي محمية مناخها الحار، وبسياسة الحظر على المنتجات الاستراتيجية التي من المحتمل أن تساهم في بناء السفن من قِبَل رعاياهم (في عُمان وعلى الساحل الإيراني). لقد اعترفت هرمز دائماً باتحادات القبائل العربية، وفي أوائل القرن السادس عشر، اعترفت بالملك إسماعيل شاه، الذي دفعوا له ضريبة ثابتة (المُقَرَّرِيَّة) من أجل ضمان حرية مرور بضائعهم.

وتجدر الإشارة إلى أنه فيما يتعلق بحكومة هرمز، فقد تبني مختلف قادة هرمز ونواب الملك سياسة منذ عام 1515 تتأرجح بين الضغط والتفاوض والعنف. ففي عامي 1507 و 1515، أثبت أفونسو دي ألبوكيرك ذلك بالفعل في علاقته بالوزير «خواجه عطا». ومع ذلك، فعلى الرغم من النجاح النسبي للبرتغاليين في انتفاضة الأمير مُقِر بن زامل في البحرين عام 1521 (بدافع رفضه دفع الجزية التقليدية البالغة 5000 أشرقي لهرمز)، أصبح الوضع في هرمز متوتراً للغاية، فاندلع التمرد ضد البرتغاليين في 30 نوفمبر 1521. ومرّةً أخرى، كان للعوامل الاقتصادية دوراً هاماً، لأن الجزية التي فرضها أفونسو دي ألبوكيرك في عام 1508 (15,000 أشرقي سنوياً)، كانت هرمز تدفعها في وقتٍ متأخرٍ أحياناً، على الرغم من بعض الخسومات، وقد زاد في النهاية بشكل كبير بعد بضع سنوات (25000 أشرقي في 1518).

لكن ما أثار على التمرد بالتأكيد هو فرض مانويل الأول تعيين مسؤولين برتغاليين في غرفة الجمارك في هرمز. فأدَّت هذه الانتفاضة، التي قادها الوزير شرف الدين، إلى إحراق المؤسسات على الأرض، مع خسارة فادحة في البضائع، وقتل العديد من البرتغاليين، وفرض حصاراً على القلعة. ولكن يبدو أن التعزيزات البرتغالية المرسلة من الهند تحت قيادة لويس دي مينيسيس وضعت حداً للتمرد . ثم تمت زيادة الجزية إلى 60,000 أشرقي، أي بما يُعادل 35000 أكثر مما تم دفعه في عام 1518. ومع ذلك، فإن المشكلة التي تفاقمت في السنوات التالية – مشكلة فساد مسؤولي الإدارة البرتغالية في هرمز – التي أصبحت أكثر وضوحاً. فعلى الرغم من بقاء شرف الدين في السُلطة بفضل جواو رودريجييز دي نورونا، أصبحت التعاملات بين قباطنة القلعة والوزراء المتعاقبين مثيرة للجدل بشكل متزايد.

إن أفضل مثال على ذلك هو بلا شك ديجو دي ميلو الذي اعتمد اقتصادياً على شرف الدين في زيادة الجزية، من بين أمور أخرى؛ حيث فرض على التجار المسلمين استخدام سفنهم في تجارة الخيول، وهي تجارة أساسية لهرمز؛ وزاد ابتزاز المبالغ المالية من إحراج إدارة «دولة الهند» البرتغالية (انظر على سبيل المثال التعليمات الواردة في الدعوى التي رفعها ضد الوزير في وثيقة بتاريخ 21 سبتمبر 1525). وقد ظلَّ شرف الدين في السلطة لفترة طويلة (حتى أثناء التمرد الجديد عام 1529 في جزيرة البحرين، والذي توفي فيه بعض أفراد عائلته، ونجا من منفاه المطوَّل في البرتغال من 1528/1529)، و تدهور الوضع في هرمز، على الرغم من أن جمارك هرمز كانت لا تزال تجني من 45000 إلى 56000 من الإيرادات في عام 1545.

قد تكون هذه الرسالة غير المؤرَّخة من ملك هرمز إلى الملك جواو الثالث، والتي يشكو فيها من الوزير ركن الدين، تعود إلى هذه الفترة؛ حيث تُشير العديد من الرسائل في هذه المجموعة المتجانسة من الرسائل الشرقية إلى عامي 1528 و 1529. لذلك قد تكون هذه الرسالة من الحاكم محمد الثاني. وربما يكون ركن الدين هذا قد حَلَّ محلَّ شرف الدين أثناء نفي الأخير في البرتغال (أو أثناء فترة سجن شرف الدين في هرمز، قبل نفيه في البرتغال). يتعلق الأمر إذن بركن الدين؛ حيث تم إرسال الرسالة من قبطان هرمز، لويس فالكاو، إلى جواو دي كاسترو بتاريخ 16 نوفمبر 1545. ويبدو أن الرسالة المؤرَّخة في 8 أكتوبر 1547 التي أرسلها فرنانديز ألفاريس دي أندراي إلى جواو دي كاسترو تُشير إليها.

الفرضية الثانية في تأريخ هذه الرسالة ستأخذنا إلى فترة لاحقة، إلى عهد صلغور شاه الثاني ابن توران شاه (1534-1543) أو فخر الدين توران شاه الخامس ابن صلغور شاه الثاني (1543-1565). إذا اتبعنا هذه الفرضية، فيُمكن أن يكون الوزير ركن الدين أحد إخوة نور الدين، الذي كان بدوره ابن شرف الدين. لدينا مثال على رسالة من الرئيس ركن الدين بتاريخ 14 (?) ديسمبر 1546، موجهة إلى جواو دي كاسترو، التي حدَّرت فيها من غزو العثمانيين للبصرة (الذي حدث في 26 ديسمبر 1546)، مُشيراً إلى أن المكانة العسكرية للعثمانيين كانت عظيمة، لا سيَّما بين الطبقات الدنيا من سكان هرمز الذين كانوا يخشونهم رغم ذلك. سواء أكانت مؤرَّخة بعام 1529 أو ما بعده، إلى أربعينيات القرن الخامس عشر، فهذه رسالة ليست ذات أهميَّة، إذا جاز التعبير.

فمنذ الأيام الأولى للوجود البرتغالي في هرمز، كانت هناك العديد من الرسائل الأخرى التي وجهها ملوك هرمز إلى الملوك البرتغاليين يشكون فيها من سلوك وزرائهم والمسؤولين البرتغاليين (الذين يُشاركون أحياناً في معارك بين المجموعتين أو داخل عشايرهم). كما اشتكوا من وضعهم كمرؤوسين للوزراء. كما ذكر ملك هرمز في رسالة إلى الحاكم جواو دي كاسترو (بتاريخ 4 فبراير 1546)، كان الوزير في الواقع هو الملك، وكان الملك خادماً له!! فكان سلوك البرتغاليين المشار إليه في هذه الرسالة (سرقة الخيول، والاضطرابات أثناء الولايم، وغش العملاء في الأسواق، ورفض دفع الأسعار الثابتة للبضائع) هو القاعدة، وأحياناً يتخذ شكل الإدلال الجسدي. يُمكن للمرء الحصول على فكرة عن الوضع المشوش في هرمز من خلال قراءة الأوامر التي قدمها جواو دي كاسترو للوزير شرف الدين، بتاريخ 30 نوفمبر 1546.

وتُرَدَّد بعض رسائل الملك جواو الثالث صدى هذا الوضع المقلق من سوء الإدارة والفساد في هرمز، حيث يطالب الملك بوضع حد لمثل هذه الأعمال. وبدون معرفة ما إذا كانت الرسالة من الملك جواو الثالث إلى جواو دي كاسترو، المؤرَّخة في 13 مارس 1545، تُجيب على وجه التحديد على الرسالة المقدمة هنا (التي تمنح مسؤولي التاج من الاقتراض من سكان هرمز والتدخل في القضايا المحلية)، تبقى الحقيقة أن المشكلة الرئيسية للوجود البرتغالي في هرمز خلال القرن السادس عشر كانت شبكة المصالح الاقتصادية المتشابكة التي تضم مسؤولي التاج البرتغالي والتجار، وخاصة المسلمين، سواء المحليين أو من أي مكان آخر. ويتضح من العمليات التجارية المتعددة بالشراكة، أن عمليَّات التهريب (باتجاه العثمانيين الذين استقروا في البصرة، على سبيل المثال) كان أفضل مثال عن مدى الاضطرابات التي حاول ملك البرتغال وضع حد لها دون جدوى.

[ديانيرا كوتو]

55. رسالة من ملك البحرين إلى أفونسو دي ألبوكيرك
البحرين - 1515
مخطوطة على ورق (نسخة من القرن السادس عشر)
32 x 50 سم
مكتبة أجودا (شبونة)، 156v-157r، 50-V-21.

على الرغم من السرعة التي أعقبتها عودة أفونسو دي ألبوكيرك إلى كانور في ديسمبر 1508 فإن الهجوم البرتغالي الأول على هرمز في عام 1507 كان له تأثير على المناطق الداخلية من الخليج وقد زاد هذا التأثير بشكل كبير مع غزو أفونسو دي ألبوكيرك النهائي للجزيرة في عام 1515 : تم تعيينه أخيراً حاكمًا «لدولة الهند» البرتغالية في عام 1509، وعاد إلى هرمز لتعزيز الغزو العسكري وفرض الضرائب على المملكة باسم الملك مانويل الأول.

إن الرسالة الموجهة من ملك البحرين إلى أفونسو دي ألبوكيرك المعروضة هنا هي في الواقع رسالة من الأمير مُقرن بن زامل، الذي ينحدر نسبه من اتحاد القبائل البدوية القوية لبني جبر، التي احتلت المناطق النائية من عُمان. في هذا الوقت، كان مُقرن بن زامل، الذي قيل إنه تزوج ابنة شريف مكة (بركات الثاني بن محمد - 1473-1525 - أو ابنه أبو نعمي الثاني بن بركات، الذي ارتبط بسيطرته على السلطة في سنوات والده الأخيرة)، كان مُقرن بن زامل قد فرض سيطرته، ليس على جزيرة البحرين فحسب، بل على واحات الحسا (الإحساء حاليًا)، والقظيف أيضًا (التي مقابل الجزيرة العُمانية، على ساحل الشاطئ العربي)، وكلها تنتمي إلى مملكة هرمز - التي امتدت إلى حد ما على طول سواحل الخليج من عُمان إلى البحرين، ومن ساحل مكران إلى فارس.

لفهم علاقات البحرين الوثيقة مع مملكة هرمز (فالبحرين هي المركز الرئيسي لتصدير الخيول وإنتاج اللؤلؤ وتصديره، بشكل أساسي نحو آسيا وأوروبا أيضًا)، يجب على المرء أن يفهم ليس فقط الأهمية الاقتصادية للجزيرة، ولكن أيضًا طبيعة واتساق العلاقات السياسية مع هرمز. فعلى الرغم من أنها ظلت ضمن دائرة نفوذ القوى المختلفة على ساحل الخليج الإيراني (إذ تم الاستيلاء عليها من قِبَل أبو بكر الصَّلغري حوالي عام 1250، وهو الفتح الذي ترك آثارًا في إعادة تشكيل التحصين الحالي للبحرين وإعادة تحويلها إلى مركز تجاري)، فقد تم الاعتراف في النهاية بسيادة توران شاه، أمير هرمز آنذاك، من قِبَل البدوي أجودا بن زامل، مقابل دفع جزية سنوية قدرها 5000 أشرقي، كان دفع الجزية محل نزاع بالفعل في بداية القرن السادس عشر.

في عام 1507 وعندما هبط أفونسو دي ألبوكيرك لأول مرة في هرمز، تم التعبير بوضوح بالفعل عن تطورات البحرين للاستقلال عن قوة هرمز (مثلها مثل المدن الأخرى الواقعة على حافة عُمان الساحلية، والتي كانت مملكة هرمز تعتمد عليها كليًا في توفير الإمدادات بمختلف أنواعها) ؛ كانت مُقرن بن زامل ينوي التوقف عن دفع الجزية تمامًا، وهذا هو السبب في أن «خواجة عطا»، الذي حكم هرمز في واقع الأمر، قد طلب من البرتغاليين إعادة إخضاع البحرين وإجبار أميرها على دفع الجزية (بدلاً من المطالبة بالإيرادات والرسوم التي كانت ستجمعها هرمز منهم). وبالفعل، توقّف مُقرن بن زامل عن دفع الجزية، ونتيجة لذلك أصبح ثريًا للغاية؛ ففي مذكراته الشهيرة عن بُرجوازي القاهرة، يذكر ابن إياس أنه أثناء الحج إلى مكة في 1519-1520، كان مُقرن بن زامل قد أحضر معه اللؤلؤ والمسك والعنبر والعود والحرير بألوان مختلفة وبلغت قيمة أخرى نادرة، بالإضافة إلى 50,000 دينار.

ومع ذلك فإن أفونسو دي ألبوكيرك، الذي كان لديه القليل من القوات العسكرية تحت تصرفه وكان يواجه خلافًا من قِبَل بعض قبائلته حول مشروع هرمز، نبذ الهجوم الفوري على البحرين حيث أرسل ابن أخيه بيرو دي ألبوكيرك إلى الجزيرة في مهمة استكشافية، في عام 1514، من أجل دراسة إمكانية الهبوط، فوجد العديد من الشُعاب المرجانية في مناطق الإنزال مما جعل الأمر صعبًا للغاية، كما اتضح في الحملة البرتغالية ضد البحرين عام 1529. وفي غضون ذلك، انتهز بيرو دي ألبوكيرك الفرصة لتوسيع مهمته في الاستطلاع الجغرافي إلى أقصى مناطق الخليج، حتى وصل إلى منطقة شط العرب.

من أجل تعزيز غزوه عاد أفونسو دي ألبوكيرك إلى هرمز في مارس 1515. فبعد أن مات عدوه العظيم «خواجة عطا»، افتقرت دفاعات هرمز إلى قائدٍ مَحَنكٍ مثله، وحينئذٍ لم يكن من الصعب على أفونسو دي ألبوكيرك أن ينزل برجاله في الجزيرة، دون أن يواجه مقاومة كبيرة، فانتهاز الفرصة بعد ذلك للقضاء على الرئيس حامد، نجل الوزير نور الدين فالي، وفرض سُلطته على الملك الشاب توران شاه. ثم كرّس جهوده لبناء القلعة البرتغالية التي طالما رغب في بنائها بشدة، والتي كانت قد حُرّكت «خواجة عطا» لمثل هذه المقاومة الشرسة.

تتوافق رسالة الأمير مُقرن بن زامل (1515) المعروضة هنا، ذات الطابع الدبلوماسي، مع اللحظة التي تولّى فيها أفونسو دي ألبوكيرك السيطرة النهائية على هرمز. إنه عرض سلام (أملًا بلا شك في دره إمكانية قيام حملة برتغالية ضد البحرين) حيث تم تعيين أفونسو دي ألبوكيرك «ملك البحر»، يظهر في هيئةٍ مكوّنة من ثلاثة خيول. وإلى جانب الرغبة في الحفاظ على الاتصال الدبلوماسي مع البرتغاليين في هرمز، مع الإصرار على الاتصال التقليدي بين البحرين والسلطات في جزيرة دجارون، فإن هذه الرسالة مهمة بسبب العرض الضمني لتسهيل تجارة الخيول، وهو عرض سخّي لا يُمكن لأفونسو دي ألبوكيرك أن يتجاهله.

ومع ذلك فإن عرض السلام هذا سينتهي بعد بضع سنوات، بعد وفاة أفونسو دي ألبوكيرك في عام 1515. فف عام 1521 تقريبًا، كان مُقرن بن زامل مُضَمِّمًا على إنشاء قوة بحرية إقليمية تسمح له بتحدي هرمز وما يترب على ذلك من سيادة برتغالية. وللقيام بذلك، عزّز قلعة البحرين وحصل على الذخيرة والمدفعية وبنى خندقًا حول المدينة. بعد ذلك، أرسل حاكم «دولة الهند» البرتغالية، ديجو لوبيز دي سكويرا، أنطونيو دي سوتو مايور في مهمة استطلاعية إلى الجزيرة، تبعه أنطونيو كورثيا. هبط الأخير هناك حوالي 27 يوليو 1521، مُضَمِّمًا على التفاوض مع مُقرن بن زامل لاستئناف دفع الجزية لهرمز. وفي ظل مقاومة الأمير، اندلعت معركة داخل المدينة أصيب فيها مُقرن بن زامل، الذي لجأ إلى أحد المساجد - ربما مسجد سوق الخميس - ومات فيه.

ورغم ذلك لم تنته المقاومة البحرينية (التي يجب أن يُنظر إليها أيضًا في سياق انتفاضة 1521 ضد البرتغاليين في هرمز) بوفاة مُقرن بن زامل. ففي عام 1529، أثار التمرد الذي قادته بدر الدين محمد، حاكم البحرين آنذاك وصهر وزير هرمز الرئيس شرف الدين، الذي رفض دفع الجزية البالغة 40,000 أشرقي، مما دفع البرتغاليين لشن حملة أخرى ضد البحرين في 8 سبتمبر 1529. هذه الحملة التي قادها سيمباو دي كونها ستكون كارثة عسكرية للبرتغاليين. فمِثلما فعل مُقرن بن زامل في عصره، عزّز بدر الدين محمد أيضًا تحصينات البحرين. وبعد حصار دان طويلًا لتلك التحصينات، ضرب البرتغاليون وباء وانسحبوا في النهاية دون أن ينجحوا في الحصول على دفع الجزية لهرمز.

[ديانيرا كوتو]

54. رسالة من «خواجه عطا» إلى أفونسو دي ألبوكيرك
 هرمز - 1508
 مخطوطة على ورق
 مقاس: 27 × 15.8 سم
 الأرشيف الوطني البرتغالي توري دو تومبو (لشبونة)، مجموعة
 الوثائق القديمة 891، المخطوطة 1

كان تأسيس الوجود البرتغالي في هرمز والذي بدأ في العقد الأول من القرن السادس عشر مُتجذراً في طموح أفونسو دي ألبوكيرك (حاكم الإمبراطورية البرتغالية في آسيا) للسيطرة على مضيق المحيط الهندي حيث يقع مركز هرمز التجاري في جزيرة دجارون في الخليج، وهو مركز تجاري له تداعيات واسعة للتجارة لمسافات طويلة، وكان أحد أهم المحاور الاقتصادية في الشبكة البحرية التجارية العالمية التي تربط أوروبا بجنوب شرق آسيا عبر المحيط الهندي، بالإضافة إلى كونه نقطة التقاء لطرق القوافل المختلفة من بلاد فارس والسند وآسيا الوسطى وكانت هناك تجارة المخمل والديباج الإيطالي والأسلحة الأوروبية والخيول واللائين القادمة من الخليج وعمان وتجارة الحرير الإيراني والتوابل والأرز والسكر والحديد والملح والأحجار الكريمة والمنسوجات الهندية والحرير والخزف والورنيش والمخدرات القادمة من بلاد الشرق الأقصى، ونظراً لأنّ توسّع الإمبراطورية البرتغالية في آسيا كان مشروعاً لإعادة توزيع ثرواتها منذ البداية فقد كان من مصلحة البرتغاليين التدرُّج في التجارة الآسيوية البيئية والمطالبة بعائدات الضرائب الجمركية على البضائع التي تمر عبر المضيق الهندي حيث كانت توجد هرمز.

أصرّ أفونسو دي ألبوكيرك على الاستيلاء على هرمز التي حكمت منطقة الخليج (بما في ذلك البحرين) على الساحل الإيراني حتى حدود سيبه وكذلك على المناطق الساحلية لمدينة جلفار (رأس الخيمة حالياً) بالإضافة إلى مدن واجهة عمان البحرية (مسقط، صحار، قلهات، خورفكان) بيد أن أفونسو دي ألبوكيرك لم يكن قادراً على فرض سُلطته بالكامل هناك حتى عام 1515 حيث لم يستتب له الأمر إلا في عام 1507/1508 وذلك بسبب المقاومة العسكرية الهُرمزية بقيادة الشخصية السياسية البارزة في ذلك الوقت «خواجه عطا» نديم الملك توران شاه الثاني الذي تجاوزت قوته سلطة الوزير نور الدين فالي فقد استفاد «خواجه عطا» من رحلة أفونسو دي ألبوكيرك على طول ساحل عمان والتي استمرّت ثلاثة أسابيع (أقام خلالها تحالفاً مبدئياً مع مدينة قلهات - وهو التحالف الذي تمّ إلغاؤه فيما بعد عام 1508- تلاه نهب مسقط، واحتلال خورفكان، وخضوع صحار) لتعزيز القوات العسكرية في هرمز.

قاد «خواجه عطا» بنفسه المعركة ضد أفونسو دي ألبوكيرك في خريف عام 1507 (حيث كان حاكماً على هرمز منذ أواخر عام 1505) وأبدى «خواجه عطا» مقاومةً كبيرةً لكن المدفعية الأوروبية كانت السبب في تحقيق البرتغاليين النصر في النهاية على الرغم من حظر الوصول إلى مدينة دجارون (عاصمة الهرمز آنذاك) بواسطة أعداد كبيرة من السفن الهرمزيّة.

كان الوضع السياسي شديد التعقيد في ظل الحكم البرتغالي حيث وجدت مملكة هرمز نفسها تحت الحماية المزدوجة؛ فقد كانت بالفعل تحت حماية الخُبة الفارسية - مثل عائلة الوزير نور الدين فالي القوية - على رعاياها العرب الذين يطمحون لتحرير أنفسهم من وصاية هرمز (على سبيل المثال، بعض المشايخ في بعض المدن العمانية) وقد أدى تجنيد الغلمان الأجانب (العبيد المحررين) أيضاً إلى تمرد القادة العسكريين (خاصة في سبعينيات القرن الخامس عشر) مع زيادة قدرتهم على ممارسة الضغط السياسي والتدخل في الحياة العامة. ومع الانتقال من القرن الخامس عشر إلى القرن السادس عشر سنحت الفرصة للخصيان الملكيين (أي العبيد المحررين) لتولي السلطة في 1505. لذلك يُمكن القول إنه قبل وصول البرتغاليين، كانت هرمز مسرحاً للعديد من أزمات الأسر الحاكمة وثورات القصر.

وعلى الرغم من قلة العدد والموارد العسكرية المحدودة فقد تمكّن البرتغاليون من فرض دفع الجزية لكن كان عليهم الاعتراف بحكومة «خواجه عطا». ومع ذلك ظلت التوترات بين المنتصرين والمهزومين كبيرة: فقد ساءت علاقة البرتغاليين مع شاه إسماعيل الصفوي الذي طالب بدفع الضريبة التقليدية (المُقَرَّرَة) لضمان عبور القوافل القادمة من بلاد فارس، ومن جانبهم فقد رفض الهرمز بناء قلعة برتغالية في الجزيرة.

وبينما كان البرتغاليون حريصين على استغلال التناقضات السياسية المتباينة والمصالح الاقتصادية للنخب الهرمزية (إذ حاول أفونسو دي ألبوكيرك استخدام الوزير نور الدين فالي ضد «خواجه عطا»)، فقد حاول «خواجه عطا» فعل الشيء نفسه بالبرتغاليين؛ فقد استفاد «خواجه عطا» من الثغرات الداخلية في التسلسل الهرمي للقيادة مستفيداً من معارضة بعض قادة أفونسو دي ألبوكيرك له (التي كان على علم بها)، لأنهم كانوا مهتمين بالمزايا الاقتصادية من السفن التي تم الاستيلاء عليها في أعالي البحار أكثر من اهتمامهم ببناء قلعة من شأنها أن تحافظ على الوجود اللوسيتانيين في هرمز بالإضافة إلى الاستفادة من الخلاف الداخلي بين أفونسو دي ألبوكيرك وبعض قادته، استخدم «خواجه عطا» أشكالاً مختلفة من الدسائس السياسية مثل نشر إشاعة التدخل العسكري المملوكي كما أثار الشك بين القباطنة البرتغاليين وأدعى أنه أرسل مبعوثين براً إلى مانويل الأول يشكو من أفونسو دي ألبوكيرك.

ولكن الأهم من أي شيء آخر وبهدف كبح جماح طموحات أفونسو دي ألبوكيرك في الغزو استشهد «خواجه عطا» في هذه رسالته تلك السياسة السُلْميّة للنائب فرانسيسكو دي ألميدا (الذي اتبع تعليمات الملك مانويل لصالح قيامالتجارة الحرة وتهذبة العلاقات مع الشعوب التي اتصل بها البرتغاليون) وبالتالي واجهوه بالتناقضات الواضحة لمواقفه.

لم يتجاهل «خواجه عطا» العلاقة المعقدة بين نائب الملك و أفونسو دي ألبوكيرك، وهي أيضاً نتيجة للسياسة الملكية الغامضة؛ فقد غادر أفونسو دي ألبوكيرك لشبونة في عام 1506 وبحوزته رسالة سرية بتعيينه في حكومة الهند عام 1508 (بينما لم تنته ولاية فرانسيسكو حتى عام 1509). علاوة على ذلك، أعطت التعليمات السرية أفونسو دي ألبوكيرك حريّة المناورة العسكرية، والتي استخدمها لغزو هرمز (مستفيداً من الوضع المناسب الذي ساعد جزئياً في الصعوبات في إعادة إمداد أسطول الصغرى).

وتُظهر رسالة «خواجه عطا»، المكتوبة في سبتمبر 1508، بوضوح كيف استغلّ المعارضة بين نائب الملك فرانسيسكو دي ألميدا و أفونسو دي ألبوكيرك لصالحه. وفيها، يناشد القبطان أن يعترف بشرعيّة رسالة من نائب الملك مُرسلة من كوشين (تحمل ختمه ويحملها أحد مواطنيه «خواجه أمير»)، والتي كانت مرفقة أيضاً برسالة أخرى، موجهة شخصياً إلى أفونسو دي ألبوكيرك وقائده. باختصار، كانت دعوة لأفونسو دي ألبوكيرك بعدم الطعن في صحة تعليمات نائب الملك، مما يعني ضمناً أن القبطان كان يتجاوز الأوامر الملكية. في الوقت نفسه، تُنسى الرسالة على دبلوماسية نائب الملك المدروسة (على عكس فظاظة أفونسو دي ألبوكيرك) لأنها تشير إلى أن الأسرى الذين أرسلهم أفونسو دي ألبوكيرك إلى النائب فرانسيسكو دي ألميدا (علي مبارك ورفاقه) قد عوملوا معاملة حسنة وأعيدوا إلى هرمز بواسطة نائب الملك. هذا الخلاف بين أفونسو دي ألبوكيرك، و «خواجه عطا»، و فرانسيسكو دي ألميدا، دون أن ننسى قباطنة أفونسو دي ألبوكيرك، سيُختتم بإقالة أفونسو دي ألبوكيرك (من ديسمبر 1508 إلى أكتوبر 1509) بعد وقتٍ قصيرٍ من تبادل تلك المراسلات.

[ديانيرا كوتو]

53. رحلة إلى الشرق في جزر الهند الشرقية
جان هويجن فان لينشوتن
فرانكفورت: وولفجانج ريختر - 1599
طباعة على ورق
مقاس: ٤٧ × ٣٢ سم

وُلِدَ جان هويجن فان لينشوتن في عام 1562 أو 1563 لعائلة كاثوليكية هولندية في هارلم، والتي انتقلت بعد فترة وجيزة إلى مدينة إنكهويرين، وهي مدينة ساحلية مهمة في هولندا، وفي عام 1579، ذهب إلى إشبيلية، بهدف التعرف على العالم وجمع ثروته؛ وبعد فترة وجيزة، مستفيدًا من الإمكانيات التي أتاحها ضم البرتغال من قبل إسبانيا عام 1581، انتقل إلى لشبونة، حيث أقام حتى عام 1583، في ذلك العام صعد على متن إحدى السفن المتجهة إلى الهند حيث أقام لمدة خمس سنوات في جوا، عاصمة «دولة الهند» البرتغالية؛ حيث عمِلَ سكرتيرًا لرئيس الأساقفة «فيسنتي دا فونسيكا»، كان جان هويجن فان لينشوتن بالتأكيد مُطلعًا على الثقافة الإنسانية، وتُتقن اللغة البرتغالية واللاتينية على وجه الخصوص، وإلا لما كان قادرًا على أداء مهام سكرتير رئيس الأساقفة البرتغالي.

كان جان هويجن فان لينشوتن يتمتع بفضول كبير؛ حيث كان منتهبًا جدًا للعالم من حوله؛ بالإضافة إلى كونه رسامًا جيدًا، فقد كان بالتأكيد كاتب مذكرات، وكان يُدوّن ملاحظات طويلة عن حياته اليومية، واحتلت مدينة جوا مركزًا استراتيجيًا لشبكة واسعة من الطرق التجارية، التي من خلالها كان الناس والسلع والمعلومات من جميع أنحاء الشرق يصلون هناك بانتظام، وبصفته سكرتير رئيس الأساقفة، كان هذا الهولندي في وضع يسمح له بالحصول على شهادات شفوية من العديد من المسافرين الذين وفدوا على عاصمة «دولة الهند» البرتغالية، سواء كانوا برتغاليين أو من مناطق أوروبية أو أفريقية أو آسيوية أخرى، كما كان رجلًا واسع الحيلة؛ حيث تمكّن خلال خمس سنوات من إقامته في الهند من جمع مجموعة واسعة من المخطوطات والمواد المطبوعة حول العالم الشرقي وحول الأنشطة التي قام بها البرتغاليون في جميع أنحاء آسيا، وهكذا، جاءت بين يديه الرسائل والتقارير، والأطروحات الجغرافية، ومسارات الرحلات البحرية، والخرائط المختلفة، التي جمعها بعناية.

عاش جان هويجن فان لينشوتن في جوا حتى عام 1588، ولكن في بداية العام التالي عاد إلى أوروبا، بعد أن تلقى نبأ وفاة رابعه، رئيس أساقفة جوا، في عام 1587، خلال رحلة قام بها إلى لشبونة، بعد توقف دام حوالي عامين في جزر الأزور، في عام 1592، عاد جان هويجن فان لينشوتن إلى هولندا، حيث حدثت تطورات سياسية مهمة في هذه الأثناء، في أعقاب الحرب الطويلة التي شنتها المقاطعات المتحدة ضد إسبانيا.

استقرَّ جان هويجن فان لينشوتن في ميناء إنكهاوزن، واكتسب على الفور سمعة واسعة كرجل مطلع وخبير في الشؤون البحرية والجغرافية، وقرَّر أن يجمع للنشر العديد من المواد التي جمعها عن العالم الخارجي، والتي كانت حتى ذلك الحين تزورها بشكل حصري تقريبًا السفن البرتغالية والإسبانية.

وخلال الفترة بين عامي 1595 و 1596، تعاون الرحالة الهولندي مع الناشر كورنيليس كلايس في نشر مجموعة من ثلاثة أعمال مختلفة في أمستردام، ولكن كلها ذات صلة بعوالم خارج أوروبا، توسّعت فيها أوروبا بشكل كبير فيما بعد. أولاً نشر كتاب (بعنوان: «خط سير الرحلة: رحلة جان هويجن فان لينشوتن البحرية إلى الشرق أو جزر الهند البرتغالية»)، وهو سرد شامل لرحلاته المغامرة، جنبًا إلى جنب مع وصف تفصيلي للمناطق الشرقية التي يرتادها البرتغاليون، من موزمبيق إلى اليابان البعيدة، بما في ذلك أخبار عن الجغرافيا والعالم الطبيعي، والتنظيم السياسي والاقتصادي، والممارسات الاجتماعية والثقافية، فضلاً عن الحياة اليومية للبرتغاليين. وقد نُشر ذلك العمل عام 1595 (كما تظهر أحيانًا نُسخ مع الغلاف بتاريخ 1596)، في مجلد مكوّن من 160 صفحة.

بعد ذلك، نشر جان هويجن فان لينشوتن كتاب (بعنوان: «الكتيب البحري البرتغاليين في المشرق»)، الذي نُشر عام 1595، وهو مجلد مكوّن من 134 صفحة. وقد كان عبارة عن مجموعة كبيرة من الإرشادات البرتغالية (والإسبانية أيضًا)، مع تعليقات للملاح في جميع البحار الشرقية تقريبًا. احتوى العمل أيضًا على مقتطف، وهو ملحق من 15 صفحة يصف ثروات وممتلكات ملك إسبانيا.

أخيرًا، يحتوي المجلد الثالث، المعنون («كتاب وصف سواحل غينيا، والكونجو، وأنجولا، ومملكة موتابا - أي زيمبابوي وموزمبيق حاليًا -»)، الذي طُبِع عام 1596، واحتوى على وصف شامل لساحل أفريقيا بأكمله، في 82 صفحة (وهي غير مُرقّمة في بعض النسخ).

تضمّن الكتاب الأوّل «خط سير الرحلة» لـ جان هويجن فان لينشوتن العشرات من الرسوم التوضيحية، بناءً على ملاحظات المؤلف وعلى المعلومات والرسومات التي تلقّاها من مختلف المساهمين. وتُمثّل الرسوم الإيضاحية مساحات جغرافية وطبيعية مختلفة، وسُفُنًا برتغالية وشرقية، ونباتات وحيوانات غريبة، ومشاهد من الحياة اليومية للبرتغاليين والآسيويين، وأيضًا مجموعة كبيرة من الشخصيات، والتي لم تضم فقط الشخصيات البرتغالية من أكثر الطبقات الاجتماعية تنوعًا، ولكن أيضًا رجال ونساء من مناطق شرقية متنوعة.

أحد الرسوم التوضيحية، على سبيل المثال، يُظهر «مظهر البرتغاليين وأزيائهم في شرق الهند، مدنيًا وعسكريًا» (اللوحة 8). وهناك رسم آخر يمثل «البحارة العرب الذين سمح البرتغاليون لهم بإدارة سفنهم» (اللوحة 23). بالإضافة إلى ذلك، تضمّن «خط سير الرحلة» أيضًا العديد من الخرائط التفصيلية وخطط المدن والمناظر المستوحاة من رسم خرائط المخطوطات البرتغالية التي تمكّن الهولنديون بطريقة ما من الحصول عليها. إحدى الخرائط، على سبيل المثال، تُمثّل الجزء الغربي من آسيا، بما في ذلك الخليج العربي الفارسي. يتخلّلها، على الهامش العربي، أسماء أماكن، يُمكن الإشارة إلى بعضها بسهولة مثل «القطفية» أو «بارم» أو «جلفار» أو «مُسنديم».

بصفة عامة، حققت أعمال جان هويجن فان لينشوتن نجاحًا هائلًا؛ حيث نشر معلومات لم يتم تداولها حتى ذلك الحين إلا في الدوائر الإيبيرية في الخارج، من خلال عمليات إعادة النسخ والترجمات المتتالية، وكانت بمثابة دليل سفر حقيقي للبعثات الهولندية الأولى التي توجهت إلى الشرق بعد عام 1595. مات يان هويجن، المشهور بكتاباتاته، في مدينة إنكهويرين عام 1611. كتابه «خط سير الرحلة» متاح الآن بترجمة برتغالية كتبها أري بوس و روي مانويل لوريرو، نُشرت في لشبونة عام 1997. هناك أيضًا ترجمة إنجليزية قديمة كتبها آرثر كوك بورنيل و بي إيه تيبيل، نُشرت في جمعية هاكليوت في لندن عام 1885 (تحت عنوان: «رحلة جان هويجن فان لينشوتن إلى جزر الهند الشرقية»).

[روي مانويل لوريرو]

52. مجموعة مخطوطات كازانانتسي - «البحارة العرب» و «البرتغاليون في هرمز» هي ضمن مجموعة مخطوطات كازانانتسي، الموجودة اليوم في مكتبة كازانانتسي، في روما. تحت عنوان: (ألبوم رسومات يوضح عادات شعوب آسيا وأفريقيا مع تعليقات مختصرة بالبرتغالية).

«البرتغاليون في هرمز»

الهند - حوالي 1550

قلم وحر وأوان مائبة على ورق

مقاس 48.5 × 35.5 سم

مكتبة كازانانتسي (روما)، المخطوطة 1889

على الرغم من أن تاريخ كتابتها لا يزال محل نزاع، فمن المحتمل أن تعود هذه الرسومات إلى عام 1540. خلال هذه الفترة، كانت مدينة جوا، عاصمة «دولة الهند» البرتغالية، وقد شملت مناطق من شرق أفريقيا إلى شبه الجزيرة العربية والخليج وأجزاء من الهند وجنوب شرق آسيا، وبالتالي، فقد كانت جوا مدينة عالمية متعددة اللغات والأعراق وضمت مجتمعات وثقافات آسيوية مختلفة، علاوة على ذلك، استضاف بلاط الحاكم مارتييم أفونسو دي سوزا (1542-1545) وبلاط الحاكم جواو دي كاسترو (1545-1548)، استضافا الرّسامين والشعراء و رسّامي الخرائط من مختلف الممالك الهندية وغيرهم من المثقفين.

لقد كان ذلك عندما كان الرحالة الأوروبيون والمُبشرون والعاملون في البلاط الملكي والتجار حريصون أيضًا على جمع المعلومات حول المجتمعات المختلفة، فالحاكم جواو دي كاسترو، على سبيل المثال، كان نبيلًا وعسكريًا وسياسيًا ورسّام خرائط وعالمًا إنسانيًا كتب أطروحات بحريّة، ووصف المجتمعات المحلية في رسائله وأمر برسم صور واقعية لحكام ونواب الملك السابقين في جوا إلى جانب صورته الخاصة لعرضها في قاعة في قصر نائب ملكي، ومع ذلك، فليس من المستغرب، أن العديد من الأشخاص الآخرين كانوا مهتمين بمعرفة وتصوير الأشخاص الذين تفاعل معهم البرتغاليون أو تطعّوا إلى الحكم في جوا.

كان رسّامًا من أصل هندي هو من صوّر رسومات مجموعة مخطوطات كازانانتسي، ربما كان هو نفسه مسافرًا رافق مسؤولًا برتغاليًا إلى بعض الأماكن المشار إليها في المخطوطة، فقد جمع هذا الرسّام بين التجربة البصرية التي تنطوي عليها هذه الرحلات مع ممارسته كرسّام عرف العديد من التمثيلات المرئية الهندية السابقة للمشاهد الأسطورية أو المواقف السياسية والدينية والاجتماعية، علاوة على ذلك، فقد قام بدمج المعلومات المتداولة في جوا عن العديد من المجتمعات الآسيوية في رسوماته، بما في ذلك، على الأرجح، صور وكتب حديثة من أوروبا حول الشعوب الآسيوية و «ثقافتهم وعاداتهم»، تقاربت كل هذه المعلومات بطريقة أو بأخرى في «البحارة العرب» و «البرتغاليون في هرمز».

إلى جانب «البحارة العرب»، تضم المخطوطة أناسًا آخرين من العالمين العربي والفارسي، لذلك، فإن «البحارة العرب» هي جزء من سلسلة من الرسومات، التي شملت أزواج هرمز وشيراز وخراسان، وأزواج البصرة، والتركان الذين سكنوا بلاد فارس، وآخرون عُرفوا بقبائل الباتان.

من المحتمل أن تمثل مخطوطة «البحارة العرب» الأزواج العرب، ولكن ليس بالضرورة أن تمثل البحارة، ففي الواقع، بدلاً من حمل أي أداة يُمكن أن تميزهم بالأنشطة البحرية، يحمل كلا الرجلين قوسًا ومجموعة من الأسهم، كما يحدث في اللوحات السبع الأخرى المتعلقة بعالم شرق أفريقيا والعرب وفارس، ومما لا شك فيه أن الرسّام لم يكن على اتصال مباشر بهؤلاء الناس، وأعاد إنتاج الصورة المنتشرة للعربي على أنهم محاربون أقوياء، ومع ذلك، فيمثل العديد من الصور الأخرى في «مجموعة المخطوطات»، هذان يمثلان أيضًا الأزواج، هذه مساهمة كبيرة في التغلب على الامتياز المعتاد الممنوح للرجال في هذه التمثيلات وبيان أهمية المتزوجين كأساس للمجتمع.

من ناحية البناء التصميمي، تم تمثيل صورتَي «البحارة العرب» بطرق متشابهة - الزوجان يواجهان بعضهما البعض - لكن الاختلافات بينهما وثيقة الصلة بنفس القدر، فالصورة الثانية تُصوّر اثنين من طائر الباز الجبار، بينما يوجد واحد فقط في الصورة الأولى، يحاول الرجال منع هذه الطيور من مهاجمة الثمار المحمولة في السلال فوق رؤوس النساء (المرمان في إحدى الحالات وليس التفاح في الحالة الثانية)، وتشير هذه التفاصيل إلى أن هؤلاء النساء كن عاملات أيضًا، وملابس الرجال والنساء مختلفة أيضًا، فبينما ترتدي المرأة الأولى الساري، ترتدي الثانية بنطلون وسترة، مع وشاح في الأعلى، وهو نموذج للزي الإسلامي في تلك الفترة، يُذكر غطاء رأس زوجها غطاء رأس الرجل في صورة المخطوطة المتعلقة بعُمال اليمن، مما يُشير إلى أن الزوجين الآخرين ربما ينتميان إلى تلك المنطقة، ومع ذلك، فالأمر الأقل وضوحًا هو من أي جزء من الجزيرة العربية كان الزوجان الأولان.

ومما يُثير الاهتمام بالقدر نفسه الصورة المسماة «البرتغاليون في هرمز»، مرةً أخرى، الأبطال هم الأزواج، هذه المرة، زوجان من الكاسادو (كما كان يُطلق على الرجال البرتغاليين المتزوجين من نساء هنديات في ذلك الوقت) يتناولان العشاء معًا في هرمز، إلا أن المرأة ذات بشرة فاتحة اللون مثل الرجل، كما في الصور الأخرى المتعلقة بالخليج، على عكس الخادمت، اللاتي يُصوّرُن على أنّهنّ صاحبات بشرة داكنة، وتخدم خمس خادمات ورجلان الأزواج؛ حيث يجليّن السمك والبطاطا والأطعمة الأخرى والمياه، ويشير التعليق المصاحب لهذه الصورة إلى أنّ هذا العشاء تم داخل خزان بسبب الحرارة، فهذا أكثر من مجرد وصف، ربما كانت هذه طريقة مجازية للتعبير عن الصعوبات التي يواجهها البرتغاليون في المحيط الهندي من الحرارة والتي كثيراً ما يشار إليها في رسائلهم إلى الملك البرتغالي، كما هو الحال في حالات أخرى، تستدعي هذه الصورة أيضًا صورة أخرى في «مجموعة المخطوطات»: حمام نساء كامباي (بالتأكيد حمام ديني، حتى لو لم يشر التعليق عليه إلى ذلك)، فالخزانان متشابهان، حتى لو كان في صورة «العشاء في هرمز»، أدخل في الخزان طاولة وكراسي وطاولات!

تؤكد هذه الصور الثلاث أنّ رسّام مجموعة مخطوطات كازانانتسي لم يُسافر إلى شبه الجزيرة العربية والخليج، بل استخدم معلومات متداولة عن سكانها، وربما اختفت صور سابقة لهم اليوم، فما هي مصادره؟ وكيف قرر تصوير هؤلاء الناس؟ فيبعد مرور ما يقرب من خمسمائة عام بعد إنتاجها، لا تزال مجموعة مخطوطات كازانانتسي لغزًا ودعوة للمضي قدمًا للاستعلام عن المجتمعات والأشخاص الذين حاولوا تصويرها.

[أنجيلا باريتو كزافييه]

51. اللوسيد

لويس دي كامويس

لشبونة: أنطونيو جونكالفيس 1572

طباعة على ورق

مقاس: 24 × 37 سم

لويس دي كامويس (تقريباً 1524-1580) هو أحد أعظم الأسماء في الأدب البرتغالي، وقد اشتهر بأنه مؤلف «اللوسيد»، القصيدة الملحمية العظيمة التي نُشرت عام 1572 والتي تروي رحلة فاسكو دا جاما الأولى إلى آسيا بين 1497-1499، بيانات سيرته الذاتية نادرة؛ حيث وُلِدَ حوالي عام 1524 في عائلة من طبقة النبلاء، عزَّزَ دراسته وثقافته في قلمرية مع أفراد أسرته الذين عاشوا هناك، خاصةً راهب دير سانتا كروز، وسرعان ما برز في البلاط البرتغالي بسبب موهبته الشعرية، ومع ذلك، فقد جمع هذه الشهرة مع حياته البوهيمية في لشبونة، أمضى بعض الوقت في شمال أفريقيا في سبته حيث شارك في عدة معارك حيث جُرح وفقد عينه اليمنى، وهي سمة موجودة جيداً في كل تصوير له، غادر إلى آسيا عام 1553، وبقي هناك حتى عام 1569.

كان في جوا على اتصال وثيق بجميع الشخصيات العظيمة في ذلك الوقت، ومُكِّن رؤية هذا القرب من البيئة المثقفة المحلية، على سبيل المثال، في إدراج قصيدة له في بداية كتاب «محادثات عن العقاقير» للطبيب الشهير جارسيا دي أورتا، وقد حَدَّثَ لويس دي كامويس التاج البرتغالي في مناصب مختلفة في «دولة الهند»، لذلك كان على دراية جيدة بمنطقة العمليات البرتغالية في ذلك الجزء من العالم، والتي امتدت حتى بحار الصين، وفي طريق عودته من تلك الأراضي البعيدة غرقت السفينة التي كان على متنها، ونجا بصعوبة من الموت.

على الرغم من شهرته وصفاته الأدبية، كانت حياة الشاعر مليئة بالفقر المتكرر، وفي هذا الوضع المتطرف وجده العديد من النبلاء في موزمبيق، في نهاية ستينيات القرن السادس عشر، بدون ما يكفي لدفع تكاليف رحلة العودة إلى البرتغال، فضاغماً هؤلاء الرجال ودفعوا تكاليف رحلته، مما يدل بوضوح على صلته الوثيقة بالشبكات الاجتماعية والسياسية في تلك الفترة.

بدأ لويس دي كامويس في كتابة «اللوسيد» بعد وقت قصير من وصوله إلى جوا، عام 1553، وانتهى عملياً عندما عاد عام 1570، من شأن ذلك أن يفسر مراجعته السريعة للقصيدة في العام التالي وإيجاد دعم لنشرها، لأنَّ توثيقها يعود إلى سبتمبر 1571، وكما ذكرنا سابقاً، طُبِعَ العمل، المخصص للملك سيباستياو الأول، في عام 1572، ويُعتقد أنه نُشر في 12 مارس، واستناداً إلى الأسلوب الملحمي للصور القديمة الذي كان رائجاً للغاية خلال عصر النهضة، استخدم لويس دي كامويس موضوعاً تاريخياً - الرحلة الأولى لفاسكو دا جاما - لإنشاء خطاب مدح عن الإمبراطورية البرتغالية وتاريخ مملكة البرتغال نفسها.

يتألف العمل من عشرة مقاطع، ويتبع مسار الأسطول حتى وصل إلى ماليندي، على الساحل الشرقي لأفريقيا (كينيا حالياً)، معتمداً على وجود وتدخل آلهة الأساطير الرومانية، مثل كوكب المشتري وباخوس والمريخ وكوكب الزهرة، على الرغم من فترة العقيدة الدينية القوية في البرتغال، وهناك، استفاد فاسكو دا جاما من لقاءه مع الملك المحلي لبروي قصة البرتغال بأكملها، وبالمثل، استفاد المؤلف من هذا اللقاء لتقديم وصف مُفصَّل ومسطور بالفعل لجميع الحلقات الرئيسية التي ميَّزت المملكة منذ ما قبل إنشائها، بالإشارة إلى اللوسيتانيين الذين حاربوا التوسع الروماني، إلى تشكيل الدولة في القرن الثاني عشر، ويصل إلى نهاية القرن الخامس عشر.

وإضافةً للأحداث بالترتيب الزمني، وصل فاسكو دا جاما في وقته الخاص، وتتبعت القصيدة رحلته إلى كاليكوت (في الهند) وعودته إلى البرتغال، ومع ذلك، ففي هذه العودة، يستفيد لويس دي كامويس مرةً أخرى من هذا الأسلوب الملحمي لوضع الأسطول على جزيرة رائعة تظهر في الأفق - جزيرة الحب، هناك تخبر الحورية تيثيس، فاسكو دا جاما عن توقعاتها لما ستكون عليه الإمبراطورية البرتغالية في النصف الأول من القرن السادس عشر، وكأسلوب أدبي، يعتمد لويس دي كامويس استخدام بعض الأحداث الواقعية، وبالتالي يعرض هذه الحلقة الخيالية ويظهر ما كان يعتقد في تلك اللحظة حول بناء «دولة الهند»، ومن الواضح أنَّ المؤلف قد اعتمد على الكثير من خبرته ومعرفته في صياغة القصيدة.

اكتسبت ملحمة «اللوسيد» مكانةً كبيرةً في القرون التي تلت نشرها، وتم الترحيب بها باعتبارها العمل الملحمي البرتغالي العظيم في القرن السادس عشر، وهو انعكاس لذرورة الإمبراطورية مع رؤية بطولية وانتصار لعملية التوسع عبر المحيطات، هذا ويعود تاريخ الترجمة الإنجليزية الأولى لهذا العمل إلى عام 1655، وقد تمَّت الترجمة العربية مؤخراً في عام 2022.

[روجر لي دي جيسوس]

« المدخل إلى البحيرة
المغلقة »:

الوجود البرتغالي في
منطقة الخليج

50. تعليقات على رحلته إلى الهند ومنها إلى بلاد فارس وأشياء رآها فيها وأحداث السفارة لدى الصفويين
 جارسيا دي سيلفا فيجيروا
 1624-1614
 مخطوطة على ورق
 مقياس: 23 33 x سم
 مكتبة إسبانيا الوطنية (مدريد)، المخطوطة 18217

خلال فترة الاتحاد الإيبيري الذي امتد بين عامي 1580 و 1640 عندما كانت البرتغال واقعةً تحت الحكم الإسباني شهدت العلاقات بين «دولة الهند» ومنطقة الخليج تطورات مهمة، حاول الملوك الإسبان استمالة الصفويين في تحالف استراتيجي ضد الإمبراطورية العثمانية، والتي كانت معهم علاقة متضاربة في العديد من المناطق الساحلية في البحر الأبيض المتوسط، وأرسلوا السفارات المتعاقبة إلى البلاط الفارسي عبر جوا، في هذه الأثناء، كان وصول عباس الأول إلى عرش بلاد فارس عام 1587 بمثابة نقطة تحول في الجغرافيا السياسية الصفوية، فبعد تعزيز السيادة الفارسية داخليًا، وجّه انتباهه إلى شواطئ الخليج العربي الفارسي، والتي كانت حتى ذلك الحين مستقلة نسبيًا.

تمكّن البرتغاليون، منذ السنوات الأولى من القرن السادس عشر، من الحفاظ على سيطرة محكمة على جزيرة هرمز وعلى العديد من المراكز التابعة لها، من قاعدتها في هرمز، ضمنت الأساطيل البرتغالية هيمنة نسبية على الملاحة التي عبرت بحر عمان ودخلت الخليج، مع احتلال البحرين عام 1602، قرّر عباس الأول أخيرًا مواجهة القوة البحرية التقليدية للبرتغاليين، وعلى مدى العقدين التاليين، شنّ الملك الفارسي هجومًا بطيئًا ولكنه فعّال على المواقع البرتغالية، التي كان مركزها في جزيرة هرمز، وقد أدت هذه العملية في النهاية إلى احتلال التحالف الأنجلو-فارسي للقلعة البرتغالية في عام 1622، تزامن صعود عبّاس الأول مع وصول قوى أوروبية تنافس البرتغاليين، وهم الإنجليز، إلى المحيط الهندي، والذين سعوا منذ البداية إلى إقامة علاقات ودّية مع بلاد فارس.

فكانت سفارة جارسيا دي سيلفا فيجيروا إلى بلاد فارس جزءًا من هذا السياق الأوسع؛ حيث امتدت هذه المهمة الدبلوماسية لنحو عقد من الزمن، ابتداءً من أبريل 1614، عندما غادر لشبونة على متن سفينة برتغالية متجهة إلى الهند، حيث وصل في نهاية العام نفسه، ثم توقف لفترة طويلة في عاصمة «دولة الهند»، وفي أبريل 1617 وصل إلى هرمز، بعد أن جمع الموارد البشرية والحيوانية والمادية المهمة التي يحتاجها حاشيته المكوّنة من حوالي مائة شخص، بدأ جارسيا دي سيلفا فيجيروا رحلة طويلة عبر بلاد فارس، متجهًا نحو عبّاس الأول، من أجل تنفيذ مهمته الدبلوماسية، وبالفعل تمّ استقبال السفير من قبل السيادة الصفوية في قزوين في منتصف عام 1618.

انتهت مهمة جارسيا دي سيلفا فيجيروا بالفشل التام؛ حيث لم يتم التوصل إلى اتفاق بشأن القضايا المتنازع عليها، وهي إعادة ممتلكات مملكة هرمز التي احتلها الصفويون، لذلك لم يبق له شيء سوى التوجه إلى أوروبا، وهكذا، وبعد بضعة أشهر من الإقامة في هرمز، صعد جارسيا دي سيلفا فيجيروا على متن سفينته التي غادرت جوا في أبريل 1620، ليبدأ لاحقًا، في فبراير 1624، رحلته إلى لشبونة، لكنّ السفير توفي خلال هذه الرحلة، بالقرب من أرخبيل جزر الأزور، وهناك حقيقة رمزية للغاية، وهي أنه خلال إقامته في جوا، وصلت جارسيا دي سيلفا فيجيروا أخبار من الخليج تُفيد بغزو هرمز من قبل قوة مشتركة من الفرس والإنجليز.

كان جارسيا دي سيلفا فيجيروا رجلًا مثقفًا للغاية، يُجيد اللغة اللاتينية ومُطعمًا جيدًا على الأدب الكلاسيكي، بصفته مسافرًا حديثًا، أعد بعناية رحلته إلى بلاد فارس، من خلال مُطالعة العديد من الأعمال في التاريخ والجغرافيا، كان أيضًا يُسجّل يومياته، وكتب خلال رحلته الطويلة إلى الشرق، بالإضافة إلى عشرات الرسائل، ويوميات سفر ضخمة عُرفت باسم «تعليقات على رحلة جارسيا دي سيلفا فيجيروا إلى الهند ومنها إلى بلاد فارس»، وهو الاسم الذي عُرفت به مخطوطته المؤلفة من ألف صفحة والمحافظة في المكتبة الوطنية الإسبانية - التي وصفت رحلته الطويلة من لشبونة إلى بلاد فارس، وكذلك رحلة العودة غير المكتملة إلى أوروبا.

فمن خلال قراءة كتابه، من الممكن أن نستنتج أن السفير اضطر إلى الكتابة لعدة أسباب، وهي شغل ساعات الفراغ الطويلة التي تنطوي عليها الرحلة من لشبونة إلى بلاد فارس؛ ولتسجيل كل ما بدا جديدًا بالنسبة له، كإنسان مستنير، مهتم بالتاريخ الطبيعي والأخلاقي للمناطق التي عبرها؛ ولمواجهة الحقائق الآسيوية بقرائه للمواد التاريخية والجغرافية؛ وأيضًا كطريقة لتبرير تجواله، وتقديم نوع من تقرير المهمة المفصل، ولقد تمّ تحضير المخطوطة الأصلية بالتأكيد للنشر أثناء رحلة العودة، لكن عملية التحرير توقفت بسبب وفاة المؤلف.

ملخص موجز لمحتوى كتاب «التعليقات» سيكشف عن أهميته، فيُقدّم الكتاب الأول وصفًا مفصلاً للغاية لمغامرات الرحلة البحرية الطويلة بين لشبونة و جوا، ربما يكون هذا هو السرد الأكثر دقة وتفصيلًا لمسار الهند، ويعرض المؤلف في الكتاب الثاني وصفًا تفصيليًا لمدينة جوا وسكانها، بناءً على إقامته الطويلة في تلك المنطقة، ثمّ يُركّز الكتاب الثالث على مينائي مسقط و هرمز، اللذين كانا آنذاك معاقل الوجود البرتغالي في الخليج، أمّا الكتب الرابع والخامس والسادس، والتي تشغل حوالي نصف المخطوطة الأصلية، بالإضافة إلى الإبلاغ عن مغامرات السفارة إلى بلاط عباس الأول، فهي تتنوّع بالتفصيل رحلة حج جارسيا دي سيلفا فيجيروا عبر الأراضي الفارسية، وتُسجّل أيضًا بيانات تاريخية وجغرافية قيّمة عن مناطق أخرى من آسيا الوسطى، وأخيرًا، فالكتاب السابع يصف رحلة العودة الجزئية إلى البرتغال، باختصار، يُعد كتاب «التعليقات» مصدرًا ذا أهمية استثنائية لتاريخ «دولة الهند» في فترة الاتحاد الإيبيري، ولتاريخ العديد من المناطق الآسيوية، وقبل كل شيء لتاريخ العلاقات التي حافظت عليها البرتغال وإسبانيا، من مدينة جوا، مع الصفويين في بلاد فارس والمناطق الساحلية للخليج.

وتوجد الآن طبعة باللغة الإنجليزية من كتاب «التعليقات»، نُشرت في بوسطن عام 2017، بواسطة دار بريل للنشر والطباعة، تحت إشراف جيفري تريبي و جورج برايان (بعنوان: تعليقات جارسيا دي سيلفا فيجيروا على سفارته إلى شاه عباس الأول ملك إيران نيابة عن فيليب الثالث، ملك إسبانيا)، كما توجد أيضًا نسخة نقدية للنسخة الإسبانية الأصلية، نُشرت في لشبونة عام 2011، من قِبَل مركز العلوم الإنسانية التابع لجامعة نونفا دي لشبونة، تحت إشراف روي مانويل لوريرو، و أنا كريستينا كوستا جوميز، و فاسكو ريزندي (بعنوان: ملاحظات السفارة لدى عبّاس الأول ملك بلاد فارس (1614-1624)).

[روي مانويل لوريرو]

49. روايات بيدرو تيكسيرا عن أصل ونسب وخلافة ملوك بلاد فارس وهرمز، وعن رحلة قام بها المؤلف نفسه من الهند الشرقية إلى إيطاليا برأً
 أنتويرب: هيرونيمو فيردوسن، 1610،
 طباعة على ورق
 مقياس: 10 × 17 سم
 المكتبة العامة لجامعة قلمرية (البرتغال)، (VL) 14-RB-7

لم يصلنا أي شيء تقريباً عن المسافر والكاتب البرتغالي بيدرو تيكسيرا إلا إشارات السيرة الذاتية الواردة في عمل ضخم نشره في أنتويرب عام 1610، بعنوان «روايات بيدرو تيكسيرا عن أصل ونسب وخلافة ملوك بلاد فارس وهرمز، وعن رحلة قام بها المؤلف نفسه من الهند الشرقية إلى إيطاليا برأً»، أغلب الظن أنه وُلِدَ حوالي عام 1565، في مكان ما في البرتغال، وأنه من أصل مسيحي، وفي عام 1586، في لشبونة، صعد على متن إحدى السفن التي أبحرت إلى الساحل الغربي للهند، على ما يبدو كجندي يحمل السلاح، وفي السنوات التالية خدم في عدة أساطيل من دولة الهند البرتغالية، حيث قام بزيارة الساحل الغربي لأفريقيا وسيلان و جوجارات، حوالي عام 1592 كان في جزيرة هرمز، حيث كانت هناك قلعة برتغالية، وعاش هناك لعدة سنوات، وفي إحدى فقرات الكتاب، يذكر بيدرو تيكسيرا إنه في عام 1595 كان مشغولاً بترجمة بعض السجلات الفارسية والتعليق عليها، ويُمكن استنتاج أن هذا النشاط قد حدث في هرمز، حيث كان يكتسب معرفة متعمقة أكثر عن اللغة الفارسية.

في نهاية عام 1597، كان بيدرو تيكسيرا موجوداً بالفعل في جوا، ومن هناك سرعان ما انطلق إلى مدينة مَلَقَا، وهي إحدى المملكات البرتغالية، حيث بقي حتى عام 1600، وفي الحقيقة، فإنَّ الوظائف المحددة التي كان يُمكن لذلك المسافر البرتغالي تطويرها غير معروفة، ومع ذلك، ففي الكتاب، تظهر الإشارات إلى المنتجات الطبيعية للاستخدام الطبي بانتظام، مما قد يؤدي إلى افتراض أن بيدرو تيكسيرا كان مرتبطاً مهنة في المجال الصحي، أو كطبيبٍ صيدلانيٍّ عليه إعداد الأدوية والتعامل معها، أو كطبيبٍ مُعالِجٍ لا بد له من استخدامها لأغراضٍ علاجية.

وعلى أية حال ففي الأشهر الأولى من عام 1600 وضع بيدرو تيكسيرا نهايةً لأيامه في الشرق حيث أبحر بيدرو تيكسيرا إلى الفلبين، بقصد الوصول إلى أوروبا عبر طريق مانيلا و أكابولكو، خلال الاتحاد الإيبيري، بين عامي 1580 و 1640، كانت الاتصالات بين مَلَقَا البرتغالية ومانيلا الإسبانية شائعة، حيث ربطت الحركة المستمرة للسفن التجارية المدينتين الساحليتين، وقد يكون خيار طريق المحيط الهادئ بسبب الرغبة في السفر حول العالم والاتصال بأراضي جديدة، وبالفعل تمَّت الرحلة على متن سفينة إسبانية بدون حوادث، وبعد توقف في أكابولكو و فيرا كروز، وصل بيدرو تيكسيرا إلى إشبيلية على متن سفينة إسبانية في سبتمبر 1601، وبعد شهر كان في لشبونة، بعد أن أكمل رحلته حول العالم، لكنه اكتشف في المدينة الساحلية البرتغالية أنَّ المبلغ الكبير الذي أرسله من الهند إلى البرتغال لم يصل بعد، لذلك قرر في عام 1602 الإبحار مرةً أخرى إلى آسيا.

كل شيء يُشير إلى أنَّ الوضع قد تم حله في النهاية، ولكن عندما حان وقت العودة إلى أوروبا مرةً أخرى، في بداية عام 1604، قرر بيدرو تيكسيرا، الذي سَمَّ الرحلات البحرية الطويلة، أن يسلك الطريق البري، بدءاً من هرمز، ليسرد لنا القسم المعنون «رحلة قام بها المؤلف نفسه من الهند الشرقية إلى إيطاليا برأً» والذي يُعدُّ جزءاً لا يتجزأ من كتابه والذي تضمن الرحلة المغامرة التي أخذته على التوالي إلى مسقط و هرمز و البصرة و بغداد و حلب و فينيسيا ليصل بأمان في يوليو 1605، وبعد عودته النهائية إلى أوروبا يبدو أنَّ بيدرو تيكسيرا ولأسباب لا يُمكن التأكد منها قد استقرَّ في أنتويرب وهي مدينة في جنوب هولندا كانت تحت سيطرة إسبانيا حيث نشر كتابه في عام 1610.

تضمن هذا العمل نسختين قشتاليتين لسجلات مخطوطات فارسية: الأولى «سرد تاريخ ملوك بلاد فارس»، المعروف بإسم «روضة الصفا»، لكاتب القرن الرابع عشر ميرخواند، أو محمد بن خوانشاه؛ أمَّا الثانية «سرد تاريخ ملوك مملكة هرمز»، مترجم من المخطوطة الأصلية لشاناما بواسطة توران شاه، ومن الجدير بالذكر أنَّ كتاب «روايات بيدرو تيكسيرا»، بالإضافة إلى تسجيله المسائل التاريخية الدقيقة، فقد سجَّل أيضًا عشرات الملاحظات ذات الطبيعة الأكثر تنوعاً، الناتجة عن تجربة بيدرو تيكسيرا الواسعة خارج بلاده، هذه، بلا شك، الميزة الأكثر إثارة للدهشة في العمل؛ حيث يذكر المؤلف الأوصاف والملاحظات والمراجع والتوضيحات المتعلقة بموضوعات متنوعة مثل الجغرافيا وعلم النبات وعلم العقاقير واللغويات والإثنوجرافيا في العديد من المناطق التي زارها خلال تجواله الطويل حول العالم، وتجدر الإشارة إلى الوصف الدقيق الذي سرده عن البحرين، وهي جزيرة أتيحت الفرصة لبيدرو تيكسيرا زيارتها، حيث أمكنه أن يراقب، ثم يسجل في كتابه، معلوماتٍ قيِّمة عن صيد اللؤلؤ الذي اشتهرت به تلك الجزيرة، أخيراً، كتكملةً للكتاب، قام بيدرو تيكسيرا أيضاً بتضمين وصفاً شاملاً لرحلته حول العالم، وكأنه يكتب سيرته الذاتية.

هناك طبعة جزئية باللغة الإنجليزية من كتاب بيدرو تيكسيرا تم نشرها في لندن عام 1902 من قبل جمعية هاكليوت، تحت إشراف ويليام سينكليير و دونالد فيرجيوسن (بعنوان: رحلات بيدرو تيكسيرا مع ملوك هرمز وملوك بلاد فارس)، وهناك أيضاً طبعة حديثة نسبياً باللغة الإسبانية، نُشرت في مدريد في عام 1994، من قبل إدواردو باراخاس سالاس (بعنوان: روايات بيدرو دي تيكسيرا حول أصل ونسب وتعاقب ملوك بلاد فارس وهرمز، ورحلة قام بها المؤلف نفسه من الهند الشرقية إلى إيطاليا عن طريق البر).

[روي مانويل لوربرو]

48. كتاب المدن والحصون

البرتغال (؟) - 1582

مخطوطة على ورق

مقاس: 20 × 14 سم

مكتبة إسبانيا الوطنية (مدريد)، المخطوطة 3217

«كتاب المدن والحصون التي يمتلكها تاج البرتغال في أجزاء الهند، وكتاب النقيب، والمزيد من المناصب الموجودة فيها، وأهميتها» هو مخطوطة مجهولة المصدر كتبت حوالي عام 1582، يشهد التاريخ جيداً على اللحظة التاريخية التي كُتبت فيها: بعد اندماج البرتغال في النظام الملكي الإسباني في عام 1580، أي اتحاد المملكة البرتغالية مع الممالك المجاورة لشبه الجزيرة الإيبيرية، والتي استمرت حتى عام 1640، لذلك تم تخصيص النص للملك الجديد (الملك فيليب الثاني) ليكون بمثابة دليل إعلامي لحالة الهند في ذلك الوقت، وبشكل أكثر تحديداً، نصف الوثيقة بإسهاب جميع الأراضي والحصون الواقعة تحت الولاية القضائية البرتغالية، مع سجل دفاعاتها، وإطارها السياسي والاجتماعي، وإيراداتها ونفقاتها، من بين العديد من القضايا الأخرى التي تم تناولها، كتب المخطوطة مسؤول يتمتع بإمكانية الوصول إلى السجلات الإدارية المركزية لولاية الهند وبمعرفة الخاصة بسلطتها وهياكلها الاقتصادية والمالية، هذا ويتكوّن الكتاب من سبعة عشر فصلاً، وتناول الفصل السابع مدينة هرمز ومنطقة الخليج.

وحول أهمية هذه المدينة، يؤكد المؤلف أن «مدينة هرمز هذه هي أشهر مركز تجاري رائد في العالم، حيث توجد منافسة وتجارة أكبر لجميع البضائع الشرقية والغربية، ومحطة طريق كبيرة جداً لجميع الخيول التي تمر من شبه الجزيرة العربية وبلاد فارس إلى جميع أنحاء الهند، التي يستخدمها البرتغاليون، وبأيديهم جميع الملوك الموريين، بعد تفصيل السياق السياسي للمنطقة، وتسليط الضوء على أهمية القلعة في السيطرة على التجارة ومواجهة الوجود العثماني في البصرة، يُشدد النص على وظائف ورواتب الضباط البرتغاليين، مثل النقيب، والمراقب، والمحضر، ومختلف الكتبة والحامل الجمركي مع التأكيد على الهيكل الإداري، بالإضافة إلى أهمية هرمز، وصف المؤلف المجهول أهمية قلعات و مسقط، «على ساحل الجزيرة العربية»، باعتبارهما من الأماكن «الجيدة للغاية والأكثر ثراءً وترحيباً»، فضلاً عن ذكر مكان موجستان، في الساحل الشمالي للخليج، ينتهي وصف هذه المنطقة بالإشارة إلى السفن الحربية الكبيرة التي كانت تحرس المضيق «بسبب العديد من اللصوص والبحارة الذين يتجولون هناك».

يُقدّم هذا المصدر لمحة مميزة عن حالة الهند في نهاية القرن السادس عشر، وهو ذو أهمية أكبر حيث تم اختيار المعلومات على أنها الأكثر صلة لأولئك الذين لم يكونوا على دراية بواقع الإمبراطورية البرتغالية في آسيا - في هذه الحالة، ملك البرتغال الجديد، ويتناسب مع مجموعة واسعة من المصادر من هذه الفترة، مثل المجموعات المختلفة لخطط حصون المملكة والإمبراطورية، والتي سعت إلى إنشاء رؤية بانورامية لهذه المساحات خارج أوروبا، مما يسهل الحكم عن بعد، على أن تظل مركزية الحكم في أوروبا، وأصبح ذلك ممكناً فقط بفضل التواصل المستمر بين الملوك وعملائهم على الأرض.

وتحتوي المخطوطة على 107 صحيفة وموجودة في المكتبة الوطنية الإسبانية (مدريد)، وهناك أيضاً نسختان غير مكتملتين - واحدة في مدريد في «الأكاديمية الملكية للتاريخ» والأخرى في أكاديمية لشبونة للعلوم.

[روجر لي دي جيسوس]

44. آسيا - العقد الثاني [...] من الإنجازات التي حققها البرتغاليون في اكتشاف وغزو البحار والأراضي في الشرق
جواو دي باروس
لشبونة: جيرماو جالهارد، 1553
طباعة على ورق
مقاس: 37.5 × 51.5 سم
كلية الآداب بجامعة قلمرية (البرتغال)

[47-44] تُعد السجلات التاريخية المُرقمة من 44 إلى 47 والتي تتناول الإمبراطورية البرتغالية في آسيا ضرورية لفحص وفهم الوجود الأوروبي هناك كما أن المؤلفين والمصنفات التالية هي من بين الأكثر صلة بالموضوع.
في حوالي عام 1531 في لشبونة بدأ جواو دي باروس (1496-1570) في إعداد تاريخ شامل للتوسع البرتغالي استجابةً للطلبات المستمرة لمثل هذا العمل، وكان من المقرر تسمية المشروع التاريخي الهائل «آسيا»، وكان جواو دي باروس قد أعلن أنه سيتم الانتهاء منه بحلول عام 1539، ويمكننا القول بأن المسودة الأولى قد اكتملت في ذلك الوقت، لكن المخطوطة كانت لا تزال قيد المراجعة والتوسع في وقت لاحق، فبعد نشر «العقد» الثالث، في عام 1563، كان الإصدار الذي يليه غير مكتمل ولا يعدو أن يكون مسودة، هذا ويشمل العقد الأول، المطبوع عام 1552، تاريخ الاكتشافات البرتغالية حتى عام 1505، ثم جاء العقد الثاني عام 1553، ويتعلق بالأنشطة البرتغالية في الشرق بين عامي 1505 و 1515.

45. تاريخ اكتشاف وغزو الهند من قبل البرتغاليين
فيرناو لوبيز دي كاستانهدا
قلمرية: جواو دي باريرا و جواو ألفاريز - 1552
مقاس: 27.5 × 27 سم
طباعة على ورق
مجموعة خاصة
غادر فيرناو لوبيز دي كاستانهدا (1500-1559) البرتغال متوجهاً إلى الهند في 18 أبريل 1528، حيث بقي هناك لمدة عشر سنوات، وخلال هذه الفترة، زارَ عديد من الأماكن التي ورد ذكرها لاحقاً في مجموعة أعماله، التقى شخصياً ببعض الأشخاص الذين ظهروا في سردياته، والذين أصبحوا أيضاً مُخبريه، بالإضافة إلى ذلك، فقد اطلع أيضاً على العديد من الوثائق، وبعد عودته إلى البرتغال (1539)، استقرَّ في قلمرية، وخلال ثلاثينيات وأربعينيات القرن العشرين، شرع في كتابة سرد تاريخي شامل لاكتشاف واحتلال البرتغاليين للهند، بعنوان «تاريخ اكتشاف وغزو الهند من قبل البرتغاليين»، طُبِع الإصدار الأول عام 1551، بينما لم يصدر الإصدار الثامن والأخير إلا عام 1561 بعد وفاة فيرناو لوبيز دي كاستانهدا.

46. أساطير الهند
جاسبار كوريا
(الهند) - حوالي 1560
مخطوطة على ورق
مقاس: 43 × 30.2 سم
الأرشيف الوطني توري دو تومبو (لشبونة - وثيقة 42)
غادر جاسبار كوريا (1492 - 1564) إلى الهند عام 1512، وفي بداية النصف الثاني من القرن السادس عشر، قرر كتابة تاريخ شامل للبرتغاليين في الشرق حتى عام 1550، وكان اسمه «تاريخ الأعمال في الهند»، لكنه أصبح يُعرف باسم «أساطير الهند»، تمت كتابته في الغالب بين عامي 1561 و 1563، لكنَّ المخطوطة لم تُنشر حتى القرن التاسع عشر، هذا وتظهر عيوب ذلك العمل في عدد الأحداث التي يتم سردها، وبالتالي يجب أن تخضع ملاحظات جاسبار كوريا لفحص دقيق قبل قبولها.

47. تعليقات أفونسو دي ألبوكيرك
براس دي ألبوكيرك
لشبونة: جواو دي باريرا - 1557
طباعة على ورق
مقاس: 28 × 20 سم
كان براس دي ألبوكيرك (1500 / 1501-1581) الابن الطبيعي لأفونسو دي ألبوكيرك، تلقى تعليمه في التقاليد الإنسانية وصاغ عملاً يُجد تاريخ والده في الشرق، ربما يكون ما حثَّ براس دي ألبوكيرك على الكتابة عن تاريخ والده هو أنَّ فيرناو لوبيز دي كاستانهدا و جواو دي باروس لم يُشيدا بأفعال أفونسو دي ألبوكيرك بالقدر الكافي، ثم شرع براس في كتابة سردٍ أكثر شمولاً وإطراءً، يعتمد بشكلٍ أساسي على الرسائل التي تبادلها هو ووالده وكذلك على النصوص والشهادات الأخرى التي جمعها، وبالفعل جاءت نتيجة ذلك السعي في عام 1557، مع نشر مجلد بعنوان «تعليقات أفونسو دي ألبوكيرك»، في بعض الأحيان، مع وجود اختلافات طفيفة، تقدم كل هذه الأعمال سرداً للوجود البرتغالي في الخليج بتفاصيل أكثر أو أقل، بما في ذلك وصولهم في عام 1507 تحت قيادة أفونسو دي ألبوكيرك، فالموضوع يستحق التسجيل حقاً.

أبحر أفونسو دي ألبوكيرك من جزيرة سقطرى في 10 أغسطس 1507 أمام أسطول من خمس سفن منشؤها لشبونة، مع حوالي 460 رجلاً، توجه الأسطول نحو ساحل شبه الجزيرة العربية وأبحر بمحاذاته، بعد أن وصلت إلى رأس روسالجيت (مسدم) - التي اعتُبرت في القرن السادس عشر علامة على الحدود الساحلية لمملكة هرمز، تبعاً للهدف البرتغالي المتمثل في السيطرة على اقتصاد المنطقة، اتخذ أفونسو دي ألبوكيرك الخيار الاستراتيجي للضغط على هرمز، التي كانت (وفقاً للمعلومات المقدمة إليه) أغنى مدينة في المنطقة على جزيرة عند مصب خليج فصَلت الأراضي في شبه الجزيرة العربية عن مناطق تنتمي إلى ما كان يُعرف آنذاك ببلاد فارس (أي إيران الآن).

ومع إبحار الأسطول باتجاه هرمز اندلعت اشتباكات عنيفة بمجرد وصول أفونسو دي ألبوكيرك والبرتغاليين إلى عدة قرى، بدءاً من كلايا (قلهات)، حيث وصل في 21 أغسطس 1507، ثم كوريات (القريات)، مسقط (مسقط)، سوار (صحار)، وأخيراً (خور فكان أو حور فكان) في 21 سبتمبر 1507، وفي وقتٍ لاحق من ذلك اليوم، تم الوصول إلى جزيرة هرمز، وقد كان من المستحيل التوصل إلى اتفاق يضمن الهيمنة البرتغالية على المنطقة، مما دفع أفونسو دي ألبوكيرك لشن هجوم على المدينة، نتيجةً لذلك، أُجبر الملك المحلي على معاهدة سلام، تم توقيعها في 10 أكتوبر 1507، والتي بموجبها تم الاعتراف بسيادة البرتغاليين على المدينة، وتعهَّد الملك المحلي بتقديم الجزية والسماح للبرتغاليين ببناء حصن، بدأت الأعمال في 24 أكتوبر 1507، لكن القلعة لم تكتمل بسبب الخلافات بين أفونسو دي ألبوكيرك وبعض القباطنة الذين شككوا في سياسته، لهذا السبب، تركها في يناير 1508 غير مكتملة، ثمَّ استؤنف العمل بعد أبريل 1515؛ حيث عاد أفونسو دي ألبوكيرك راغباً في إتمامها، أصبحت القلعة ذات أهمية كبرى للسيطرة البرتغالية على الخليج، والتي استمرت حتى عام 1622.

[خوسيه مانويل جارسيا]

43. سوما الشرقية

توم بيريس

الهند - حوالي 1515

مخطوطة على ورق

مقاس: 26.3 × 37.7 سم

مكتبة الجمعية الوطنية الفرنسية (باريس)، المخطوطة 1248، E/D/

19

أبحر توم بيريس، المولود في ثمانينيات القرن التاسع عشر، إلى الهند عام 1511، وكانت مهمته اختيار الأدوية التي يجب إرسالها من هناك إلى البرتغال، بعد بضعة أشهر من الإقامة في مدينة كائسور الهندية، أرسله أفونسو دي ألبوكيرك، الذي كان حاكمًا للمؤسسات البرتغالية في الشرق (التي عُرفت لاحقًا باسم «دولة الهند»)، إلى مدينة مَلَقَا في عام 1512، بعد وقت قصير من غزو البرتغاليين لتلك المدينة، في أوائل عام 1515، عاد توم بيريس إلى الهند، وكان يخطط للعودة بشكل دائم إلى البرتغال.

وخلال فترة إقامته في مدينة مَلَقَا بدأ توم بيريس في كتابة «سوما الشرقية»، وهي مقالة موسّعة عن الجغرافيا، وصف فيها بتفصيل كبير عددًا كبيرًا من مناطق آسيا البحرية وشعوبها، وبفضل قوة ملاحظته الفريدة، وفضوله التّهم، ومهارات استفساره المتميزة، تمكّن الصيدلاني البرتغالي في غضون بضعة سنوات فقط من جمع كمية هائلة من الأخبار حول العديد من الموضوعات الشرقية، لم تكن معروفة للأوروبيين حتى ذلك الحين، حيث قام توم بيريس، بطريقة منهجية، بدءًا من البحر الأحمر، بوصف كل آسيا البحرية على التوالي حتى أرخبيل اليابان، مع إبراز الموانئ الرئيسية في كل منطقة، والبضائع التي تم تبادلها هناك، والأسعار المفروضة، والعملات، والأوزان، والمقاييس المستخدمة، والرسوم الجمركية السارية، وأسعار الصرف المعمول بها، والمسارات المتبعة، وجداول السفر المستخدمة، وفي الوقت ذاته، تمّ إثراء مقالة «سوما الشرقية» ببيانات أخرى مرتبطة بشكل مباشر أو غير مباشر بالواقع التجاري، وبالتالي فقد قدّم هذا الصيدلاني معلومات تكميلية عن الأنظمة السياسية، ومعتقدات السكان، وإمكانية الحرب، والسفن المتاحة محليًا، ووجود المجتمعات الأجنبية وحالتها، فضلًا عن بعض الخصائص اللغوية.

تضمنت مقالة «سوما الشرقية» وصفًا لساحل الجزيرة العربية والخليج العربي الفارسي والذي استند في مصادره إلى شهادة المخبرين البرتغاليين الذين زاروا تلك المناطق الآسيوية في السنوات الأولى من القرن السادس عشر، أثبت توم بيريس أنه على اطلاع جيد للغاية بالنسبة لشخص لم يسبق له زيارة تلك المناطق، مما يؤكد قدرته الفائقة على جمع المعلومات الاستراتيجية وتنظيمها، وتجدر الإشارة بشكل خاص إلى أخباره عن مملكة هرمز، التي كانت تتمركز في الجزيرة التي تحمل الاسم نفسه، وممتلكاتها الإقليمية المتناثرة على جانبي الخليج، والتي تضمنت بشكل خاص جزر البحرين.

وبذلك يكون توم بيريس أوّل سفير برتغالي يُرسل إلى بكين، لأنه عندما كان يستعد للعودة إلى البرتغال عام 1516، أمره حاكم «دولة الهند» آنذاك - لوبو سوارس دي ألبوجاريا - برئاسة بعثة دبلوماسية إلى الصين، وهكذا وصلت البعثة البرتغالية إلى كانتون عام 1517، ولكن بعد زيارة سريعة لعاصمة الإمبراطورية في أوائل عام 1521، أُلقت السلطات الصينية القبض على أعضائها في النهاية، بعد سنوات، ادعى الرّحالة والكااتب البرتغالي فرنانو ميندش بنتو، في كتابه «الصّحج»، الذي نُشر بعد وفاته في لشبونة عام 1614، أنه التقى، أثناء تجواله المزعوم في المناطق الداخلية من الصين، بمسيحية صينية تُدعى «إينيس دي ليربا» التي لم تكن سوى ابنة توم بيريس، والمعروف أنّ السفير توم بيريس قد اختفى في ظروف لم يتم توضيحها في سجن كانتون حوالي عام 1527.

وفي هذه الأثناء تم إرسال المخطوطة الأصلية لـ «سوما الشرقية» إلى البرتغال، حيث تم تحليلها بمنتهى السرية في الدوائر القريبة من التاج البرتغالي، واختفت بعد ذلك، حاليًا، لا يُعرف سوى نسختين من المخطوطة، واحدة كاملة محفوظة في باريس، والأخرى غير مكتملة، محفوظة في لشبونة، تم نسخ المخطوطة الباريسية حوالي عام 1516 بواسطة القبطان البرتغالي فرانسيسكو رودريجيز، من النسخة الأصلية التي كتبها توم بيريس نفسه، من خلال مسارات غير معروفة، انتهى الأمر بإيداعها مكتبة الجمعية الوطنية (المخطوطة 1248، E/D 19)، في باريس، حيث تقع اليوم، ومع الأخذ في الحسبان أنّ هذه المكتبة الفرنسية تم إنشاؤها في أعقاب ثورة 1789 بأموال مُصادرة من الأرستقراطيين الفرنسيين، فسيكون من الصعب تحديد الأصل الدقيق للمخطوطة البرتغالية.

لا تحتوي مخطوطة لشبونة على اسم المؤلف وقد تم نسخها في لشبونة حوالي عام 1526، وهي محفوظة اليوم في مكتبة البرتغال الوطنية (كود 299)، لكنها تحتوي فقط على نسخة جزئية من «سوما الشرقية»، حوالي ثلث العمل الأصلي؛ حيث تفتقر إلى الأقسام المخصصة لمَلَقَا وإنسولندا، هذا وقد تمكّن مبعوث الباحث الفينيسي جيوفاني باتيستا راموسيو، الذي زار لشبونة بين عامي 1525 و 1528، من الحصول على نسخة من مخطوطة «سوما الشرقية» التي تشبه إلى حد بعيد مخطوطة لشبونة، واستمر في نشر نسخة إيطالية مجهولة المصدر من النص الذي تم الحصول عليه في لشبونة، في المجلد الأول من مجموعته الشهيرة للسفر «التنقل والسفر»، والتي طُبعت في فينيسيا عام 1550.

يُعد عمل توم بيريس مصدرًا تاريخيًا ذا قيمة غير عادية على مستويات متعددة، أولًا كعمل ثوري في سياق تاريخ الجغرافيا الأوروبية؛ حيث أعاد صياغة المعرفة الأوروبية بالعديد من مناطق آسيا وخاصة الأجزاء الشرقية منها وثانيًا كوثيقة لا يمكن الاستغناء عنها في بناء التاريخ الآسيوي لأنها تقدم بانوراما سياسية واقتصادية مفصلة للمناطق الشرقية الشاسعة وثالثًا، تُعد مقالة «سوما الشرقية» مستودعًا واسعًا للمعلومات الإثنوجرافية، والكثير منها جديد تمامًا بشكلٍ مباشر، عن العديد من الشعوب الشرقية وأخيرًا كدليل على لحظة مميزة في تاريخ علاقات أوروبا مع آسيا، حيث قدّم عمل هذا الصيدلاني البرتغالي آخر صورة عظيمة عن آسيا البحرية قبل وصول الأوروبيين بقوة إليها.

هناك نسخة باللغة الإنجليزية من مقالة «سوما الشرقية» نشرتها جمعية هاكليوت في لندن عام 1944 تحت إشراف أماندو كورتيساو المؤرخ الذي أعاد اكتشاف المخطوطة الباريسية (مقالة «سوما الشرقية» لتوم بيريس وكتاب فرانسيسكو رودريجيز)، تتوفر أيضًا الطبقات النقدية الحديثة للمخطوطتين، وقد نُشرت تحت إشراف روي مانويل لوريرو في ماكاو عام 1996 (مخطوطة لشبونة «سوما أورينتال» لتوم بيريس) وفي لشبونة في عام 2017 («سوما الشرقية»).

[روي مانويل لوريرو]

42. البلدان التي تمت استعادتها

البندقية: هنريك فيتشنتينو و تلميذه زاماريا، 1507.

طباعة على ورق

مقاس: 21 × 14.5 سم

مكتبة جيرال من جامعة قلمرية (البرتغال)، 17-7-V.T-19

تم تحرير المجموعة الأولى من النصوص المتعلقة بالاكشافات البرتغالية والإسبانية في القرن الخامس عشر وأوائل القرن السادس عشر باللغة الإيطالية بواسطة فرانكانزانو دا مونتالبودو، وقد ظهرت في عام 1507 كمجلد واحد طُبِع في مدينة فيتشنيزا الإيطالية، بعنوان «الدول التي تمت استعادتها حديثاً»، وتضمنت المجموعة أعمالاً كتبها- من بين آخرين- ألفيس دا كا دا موسو (المعروف لدى البرتغاليين باسم لويس دي كاداموستو)، و جيرولامو سيريني، و أمريجو فسبوتشي، والأب خوسيه إنديانو، وقد اهتمت تلك النصوص بساحل غينيا وأمريكا والهند، فضلاً عن رحلات فاسكو دا جاما و بيدرو ألفاريس كابرال و كريستوفر كولومبوس و جاسبار كورتي ريال،

ويُعد هذا المجلد استجابةً للاهتمام الذي وُدته الاكتشافات في أوروبا، وقد لاقى نجاحاً كبيراً؛ حيث صَدَرَ منه سبعة عشر إصداراً وتمت ترجمته إلى عدّة لغات قبل عام 1528، ومن بين النصوص المنشورة ذات الصلة، الترجمة الإيطالية لتقرير مؤلف برتغالي مجهول عن رحلة أسطول بيدرو ألفاريس كابرال، لأول مرة في التاريخ، بين عامي 1500 و 1501، وصل الكاتب الرائد بيدرو ألفاريس كابرال إلى أربع قارات، لأنه بعد مغادرته لشبونة اكتشف البرازيل، في الأمريكتين، بينما وصل إلى أفريقيا وآسيا، ومن ثم عاد إلى أوروبا. بعد ذكر مغادرة الأسطول من ماليندي في 7 أغسطس 1500، لعبور غرب المحيط الهندي باتجاه الهند، لاحظ المؤلف الأراضي التي تقع في الشمال، من هناك، تم إجراء أول الملاحظات على الخليج المعروف في البرتغال.

علاوة على ذلك توجد جزيرة كبيرة بها بلدة أخرى جميلة للغاية محاطة بجسر موجود على الأرض، هذه الجزيرة تسمى سقطرى وتقع إلى أسفل الساحل يوجد مدخل مضيق مكة الي يبلغ عرضه فرسخ ونصف وبداخله البحر الأرجواني («البحر الأحمر») بيت مكة/الكعبة و سانت كاترين في جبل سيناء.

كانت البهارات والأحجار الكريمة تُنقل من هناك إلى القاهرة والإسكندرية عابرة الصحراء على ظهر الجمال العربية، وإذا أردنا أن نتحدث فهناك الكثير لقوله بشأن هذا البحر.

عند عبور المضيق يوجد بحر فارس حيث تخضع المقاطعات الكبيرة والعديد من الممالك لسلطان بابل الأكبر، وفي وسط البحر الفارسي توجد جزيرة صغيرة تسمى جلفات، حيث يتم استخراج العديد من اللؤلؤ، وعند مصب البحر الفارسي، توجد جزيرة كبيرة تسمى هرمز، تحت حكم الموريين ولديها ملك هو سيد جلفات، وفي هرمز، هناك العديد من الخيول التي تؤخذ ليتم بيعها في جميع أنحاء الهند مقابل سعر باهظ.

(من كتاب «الدول التي تمت استعادتها حديثاً»، الفصل 71)

عند سماعهم عن هذه الأراضي، التي أشار إليها جاسبار دي انديا أو قبطان جوجارات قائد الأسطول، أدرك البرتغاليون أنهم قريبين من منطقة مزدهرة، سيتعاملون معها خلال السنوات التالية.

[خوسيه مانويل جارسيا]

«نُسَمِّيها أرابيا
فليكس»
تصورات منطقة
الخليج وأوصافها

41. الكرة الأرضية البحرية

دييجو ريبيرو

أشبيلية (إسبانيا) - 1529

بارشمن

مقاس: 204.5 × 85 سم

مكتبة الفاتيكان الرسولية، خرائط بورجيانى البحرية III

كان ديوجو ريبيرو (المعروف أيضًا بالهجماء الإسباني لاسمه دييجو ريبيرو) رسّام خرائط برتغالي اشتهر بخدمته للتاج الإسباني وتاريخ ولادته غير معروف تحديداً، يُعتقد أنه أبحر إلى المحيط الهندي مراراً وتكراراً في الأسطول البرتغالي بقيادة فاسكو دا جاما و لوبو سواريس و أفونسو دي ألبوكيرك بين عامي 1502 و 1509، لأسباب غير واضحة تماماً، وأصبح جزءاً من مجموعة من الملاحين ورسامي الخرائط ذوي الخبرة الذين تركوا البرتغال حوالي عام 1518 وذهبوا لخدمة تشارلز الأول- ملك إسبانيا الجديد- والذي عُرف فيما بعد باسم تشارلز الخامس الإمبراطور الروماني الشهير، وقد ضمت هذه المجموعة فرديناند ماجلان الذي قدّم للملك تشارلز عرضاً بالإبحار إلى جزر الملوك (أو جزر التوابل) بالذهاب غرباً عبر المحيط الأطلسي والمحيط الهادئ، هذا وقد ترك البرتغال أيضاً خورخي رينيل نجل رسّام الخرائط البرتغالي الرائد بيدرو رينيل، وفي إسبانيا وجد دييجو ريبيرو عملاً في ورشة رسم الخرائط الملكية في كاسا دي كونتراتاسيون («دار التجارة») وهي مؤسسة رسمية أنشأها التاج الإسباني في إشبيلية عام 1503 للسيطرة على التجارة الخارجية، وعلى غرار كاسا دا أنديا البرتغالية («دار الهند»)، ويقال إن كلاً من دييجو ريبيرو و خورخي رينيل قد شاركا في عمل المخططات التي ساعدت فرديناند ماجلان في رحلته عبر جنوب المحيط الأطلسي إلى جزر الشرق الأقصى (1519-1521).

وقد قضى دييجو ريبيرو بعض الوقت بين عامي 1522 و 1523 في («دار تجارة التوابل»)، وفي عام 152 حصل على لقب الخبير الملكي في علم أوصاف الكون (الكوزموجرافيا) و«خبير في فن رسم الخرائط واستخدام الأسطلاب وغيره من الأدوات الفلكية»، وفي العام التالي - أي في 1524 - تم استدعاؤه إلى مدينة فيتوريا، حيث دعا تشارلز الخامس إلى إجراء مفاوضات لمناقشة ما إذا كانت جزر الملوك (أو جزر التوابل)، التي زارها فرديناند ماجلان، تخضع للتاج الإسباني أم لا، وخلال الأشهر التي قضاها دييجو ريبيرو في مدينة فيتوريا، ساعد سفير جنوة، مارتين سنتوريون في ترجمة كتاب دؤارتي باربوسا من البرتغالية إلى الإسبانية، وفي وقت لاحق من ذلك العام، كان دييجو ريبيرو جزءاً من الوفد الإسباني الذي بدأ في التفاوض، بين مدينة الواس البرتغالية ومدينة بطليوس الإسبانية، على حيازة «جزر التوابل»، وأُكد دييجو ريبيرو أنّ هذا الجزء من العالم يقع في نصف الكرة الإسباني وفقاً لمعاهدة تورديسيلاس، التي قسّمت الكرة الأرضية إلى جزأين، لم يتفق الجانبان المتنافسان إلا في عام 1529 على أنّ «جزر التوابل» تقع تحت التاج الإسباني، ولكن سيتم شراؤها بمبلغ كبير قدره 350,000 دوكلات من قبيل البرتغال.

ويقال إنَّ أعظم إنجازات دييجو ريبيرو في هذا السياق هو الإشراف، مع هيرنان كولون، على مراجعة «السجل الملكي»، وهو خريطة نموذجية رسمية تحتوي على أحدث المعلومات التي جلبها من الغرب والشرق القباطنة الإسبانيين وبعض الملاحين البرتغاليين الذين فرّوا من البرتغال إلى إسبانيا، أمر تشارلز الخامس بهذه المراجعة في عام 1526، وليس من الواضح تماماً مقدار العمل الذي أنجزه دييجو ريبيرو تحديداً، تم إنتاج نسخ من هذا «السجل الملكي» لاستخدامها على متن السفن الإسبانية، وعلى الرغم من أنّ النموذج الأصلي قد فُقد في وقت لاحق، فقد بقيت عدة نسخ من هذه الخريطة صنعها دييجو ريبيرو - جزئياً على الأقل - بين عامي 1527 و 1530، ولا تزال باقية إلى اليوم، هذا وقد توفي دييجو ريبيرو عام 1533.

إنَّ خرائط دييجو ريبيرو تعرض 360 درجة للكرة الأرضية بالكامل على سطح واحد، ففي أقصى شمال أمريكا، يمكننا رؤية أرض لابرادور وجزء من جرينلاند، وفي أقصى الجنوب، تظهر باتاجونيا، مع نقش يُثبت أنّ دييجو ريبيرو كان على دراية بوصف هذه الأرض التي تم تسجيلها خلال رحلة فرديناند ماجلان الاستكشافية، وتم رسم أفريقيًا بشكل صحيح تقريباً، إلا أنها أوسع في خط العرض مما هي عليه بالفعل، وكذلك منطقة الخليج أيضاً تأخذ شكلاً أقرب إلى الواقع مما كانت عليه في الخرائط السابقة، لا نعرف أي بعثة برتغالية رسمت خريطة الخليج بالضبط بهذا الشكل الجديد النحيف والممدود والمنحني قليلاً، ولكن من المحتمل أن يكون هذا الشكل قد تم إحضاره إلى إسبانيا بواسطة الشاب خورخي رينيل عندما غادر لشبونة متجهاً إلى إشبيلية في عام 1518، الاتجاه العام للخليج، الذي يمتد من الجنوب الشرقي إلى الشمال الغربي بدلاً من أن يكون أفقيًا تقريباً، كما كان في الخرائط السابقة، هو أيضاً جديد، قد يكون هذا الإصدار الجديد، الذي يقترب من الواقع أكثر من النسخ السابقة، مرتبطاً بحقيقة أنه تم تصحيح التشوه الطبيعي الناتج عن الاختلاف بين القطب الشمالي المغناطيسي والجغرافي (مشكلة الانحراف) في حوالي عام 1525 - في لشبونة وإشبيلية على حدٍ سواء، ومن المثير للاهتمام أن منطقة «شط العرب»، التي كان من الصعب تمثيلها بشكل خاص بسبب شكلها المتغير باستمرار، قد تحولت إلى ثلاث «خلجان» لا معنى لها في الواقع، وهناك وفرة من أسماء الأماكن حول الخليج، بما في ذلك على طول الساحل الجنوبي، لم يتم تحديد العديد من هذه الأسماء حتى الآن مع الموانئ الحالية، مما يتطلب مزيداً من البحث اللغوي والأثري في المنطقة.

[زولتان بيدرمان]

37. وصف ساحل شرق أفريقيا ومالبار في بداية القرن السادس

عشر

هنري ستانلي

لندن: جمعية هالكوت - ١٨٦٥

طباعة على ورق

مقاس: 22 × 29 سم

مجموعة سيرجيو مورينو - لشبونة

38. كتاب دوارتي باربوسا

مانسيل لونجويرث دامس

لندن: جمعية هالكوت - 1918-1921

طباعة على ورق

مقاس: 22,5 × 32 سم

كلية الآداب بجامعة كويمبرا (البرتغال) - قاعة يواكيم كارفالو 15-

87-8 : 19-9-60

39. كتاب دوارتي باربوسا

ماريا أوجوستا دا فيجا إي سوزا

لشبونة: معهد البحوث العلمية والمدارية 1992-2002

طباعة على ورق

مقاس: 20,5 × 29 سم

كلية الآداب بجامعة كويمبرا - المكتبة المركزية: 910,4 «15» B1961

v, 1

40. الرحلة التاريخية: المخطوطة الكاملة لـ «كتاب دوارتي باربوسا»

1565

سلطان بن محمد القاسمي

الشارقة: منشورات القاسمي ، 2017

طباعة على ورق

مقاس: 20,5 × 28 سم

ومن المعروف أن العديد من نسخ المخطوطات الأخرى التي يعود تاريخها إلى النصف الثاني من القرن السادس عشر وما بعده موجودة في إسبانيا وفرنسا وحتى في ألمانيا ومع ذلك فإن النسخ المذكورة تكتسب أهميتها بسبب عمرها وجودتها، وقد تم نشر الكتاب في عدد كبير من المخطوطات كما تم تضمينه في مجموعة Navigationi et Viaggi وهي المجموعة الشهيرة لرحلات السفر التي قام بها جيوفاني باتيستا راموسيو من مدينة البندقية والتي تم نشر المجلد الأول منها في عام 1550 وقد تم إعادة طبعها بعد ذلك، وظهرت نسخة من الطبعة الثانية- على سبيل المثال- في عام 1554 وهي محفوظة اليوم في المكتبة العامة لجامعة كويمبرا، وقد أُطلق على عمل دوارتي باربوسا عنوان Libro di Odoardo Barbessa Portoghese (تم تصحيح الاسم إلى "Barbosa" من الإصدار الثاني وما بعده)، ومن المحتمل أن الترجمة الإيطالية قد استندت إلى النسخة التي أصدرها سينتوريون عام 1524 والنسخة البرتغالية التي تم الحصول عليها- ربما- من خلال دامباو دي جويس، لذا فإن نجاح تلك المجموعة من الأعمال قد ضمن نجاح نص باربوسا أيضًا مما مكنه من أن يكتسب شهرة أكبر في جميع أنحاء أوروبا في القرون التالية.

وكما ذكرنا في البداية فقد اكتسب هذا الكتاب مكانته الاستثنائية لتنوع المعلومات الواردة فيه والتي تتناول الفترة في مستهل القرن السادس عشر؛ حيث تنافس ذلك الكتاب مع كتاب Suma Orientalis الذي كتبه توم بيريس وهو عمل آخر تناول قارة آسيا وقد أُصدر في نفس العقد، وإذا كان الكتاب نفسه يفتقر إلى عنوان رسمي - حيث كان معروفًا في ذلك الوقت باسم الكتاب (ليفرو) لدوارتي باربوسا- فقد حملت النسخ والإصدارات المختلفة العنوان بعد تكبير حروفه ليعكس محتواه شبه الموسوعي، فعلى سبيل المثال هناك بعض النسخ التي تحمل العنوان `` كتاب يتعلق بأمور الهند وشؤونها؛ أي الفتح والملاحاة لسيدنا الملك `` ، `` وصف أراضي الهند الشرقية وعاداتها وطقوسها `` وغيرها ، `` الكتاب الذي يروي ويشرح كل الأشياء في الهند من رأس الرجاء الصالح إلى جزر الملوك ومملكة الصين، ومع ذلك فإن الاسم الذي اشتهر به العمل «كتاب ما رآه وما سمعه دوارتي باربوسا في رحلاته البحرية» يوضح مدى أهمية جمع المعلومات لبناء الإمبراطورية البرتغالية في آسيا، وبهذا المعنى فإن كتاب دوارتي باربوسا هو بلا شك علامة بارزة في تلك الفترة في المشهد الأدبي وهو أيضًا عمل أساسي لفهمنا لسبل الاتصال التي أقامها البرتغاليون على الجانب الآخر من الكرة الأرضية.

[روجر لي ديجيسوس]

- يُعدُّ كتاب دوارتي باربوسا أحد أهم الكتب البرتغالية في القرن السادس عشر ؛ إذ يُقدِّم وصفًا للمناطق التي كانت على اتصال مباشر بـ «دولة الهند البرتغالية» ، أو تحت ولايتها خلال أوائل القرن السادس عشر على طول ساحل شرق أفريقيا حتى جنوب شرق آسيا بل حتى الصين فشملت منطقة الخليج بأكملها بالطبع.
- يُعتقد أنه تم الانتهاء من الكتاب حوالي عام 1516 ومؤلفه بالتأكيد هو دوارتي باربوسا ومع ذلك لم يكن الكشف عن سيرته الذاتية لأكثر من قرن أمرًا سهلاً وكان السبب في ذلك أنه في هذه الفترة كان هناك العديد من الأسماء التي تحمل الاسم نفسه في آسيا -ثلاثة رجال تقاسموا الاسم- أحدهم كان صهر فرديناند ماجلان الشهير الذي خدم في الهند من 1500 حتى حوالي 1516، وكذلك أحد أفراد أسطول ماجلان الذي أبحر إلى جزر الملوك (إندونيسيا الحالية) في عام 1519، ومثل صهره توفي في الفلبين في أبريل 1521، خدم دوارتي باربوسا الثاني في الإمبراطورية البرتغالية في آسيا خلال الفترة من 1510 إلى 1530، وكان بحارًا وتوفي في «دولة الهند البرتغالية» حوالي 1532 أو 1533، أما الشخص الثالث والأخير الذي يُعتقد أنه الكاتب الحقيقي فقد غادر إلى آسيا في 1500 في أسطول بيدرو ألفاريس كابرال، وكان قد ألَّف كتابًا تناول فيه عدة حصون برتغالية مثل كانور وكاليكوت وكان وقت وفاته بين 1546 و 1547.
- وبسبب التحديد الخاطئ الذي أجراه جيوفاني باتيستا راموسيو عام 1550 كان يُعتقد لفترة طويلة أن مؤلف الكتاب هو صهر ماجلان، ومع ذلك فإنَّ التحليل النقدي للمخطوطات الباقية ومحتوى العمل نفسه يجعل هذا الاقتراح غير مقبول؛ فالمعرفة الشخصية للمؤلف للمناطق الموصوفة والمعلومات التي تم الحصول عليها عن طريق المخبرين المحليين تُقدِّم عرضًا بانوراميًا للتاريخ والعادات والاقتصاد في المنطقة التي كان فيها البرتغاليون.
- وفيما يتعلق بالخليج فقد تم وصف المنطقة بأكملها في عدة أوراق في جميع المخطوطات ؛ حيث ينصب التركيز على مملكة هرمز والعلاقات التجارية مع شبه الجزيرة العربية وبلاد فارس، ولا يعكس النص فضول دوارتي باربوسا واهتماماته فحسب بل يعكس أيضًا أمورًا تهتم تطور الإمبراطورية البرتغالية وتوسعها في آسيا ممَّا يُفسر أيضًا نجاح الكتاب حيث نُسخ لعدة مرات خلال منتصف القرن السادس عشر وقد أصبح الكتاب معروفًا الآن وذلك بفضل الطبعة النقدية التي كتبها ماريا أوجوستا دا فيجا إي سوزا والتي نُشرَت بين عامي 1996 و 2002.
- ومن الجدير بالذكر أن تاريخ أقدم نسخة مخطوطة معروفة من الكتاب يعود إلى عام 1524 وهي الترجمة القشتالية لمارتن سينتوريون والتي أُصدرت في وقت الجدل الذي دار بين كل من البرتغال وقشتالة حول الموقع الحقيقي لجزر الملوك، وقد قام سينتوريون بتأليف الترجمة بتلقيح الدعم من رسام الخرائط ديوجو ريبيرو الذي كان يمتلك نسخة من المخطوطة التي استندت إليها الترجمة وإن دل ذلك على شيء فإنه يدل على أنه على الرغم من المخاوف بشأن السرية فقد تم تداول هذا النوع من الوثائق بين الدوائر المعروفة في ذلك الوقت، وقد استخدم ريبيرو نفسه المعلومات الموجودة في الكتاب لتأليف وإضافة أسماء الأماكن إلى مجسمات الكرات الأرضية التي أنتجها في إشبيلية عام 1529 والتي يُعد نموذجها المحفوظ في مكتبة الفاتيكان من أفضل النماذج الموجودة، وقد نبغ عن الترجمة التي خرجت إلى النور عام 1524 ترجمة أخرى إلى اللغة الألمانية والتي خرجت بدورها إلى النور في عام 1530 على يد هيرونيموس سيتز وهي محفوظة اليوم في مكتبة شتوتجارت، أما بالنسبة للنسخة الإنجليزية التي تُرجمت من اللغة القشتالية على يد اللورد هنري ستانلي من ألدرلي فقد أُصدرت لصالح جمعية هاكليوت في عام 1865، أما فيما يتعلق بالمخطوطات البرتغالية فيرجع تاريخ أقدم نسخة منها إلى عام 1539 وهي موجودة اليوم في مكتبة البرتغال الوطنية (لشبونة) وقد أكمل فرانسيسكو موسيو كاميرتي تلك الترجمة في باجي عاصمة الكونغو على ساحل غرب إفريقيا في 12 يناير 1539، ويحتوي أرشيف توري دو تومبو الوطني (لشبونة) على ثاني أقدم نسخة والتي يرجع تاريخها إلى حوالي عام 1542 وقد كان من قام بترجمتها يعرف دولة الهند البرتغالية معرفةً جيدهً ويبدو أنه قد شارك بلا شك في العديد من الحملات العسكرية وذلك إذا ما قمنا بتصديق التعليقات التوضيحية المضافة إلى النص الأصلي.
- وتُعد إحدى المخطوطات الكاملة المعروفة من الكتاب جزءًا من المجموعة المودعة في دارة الدكتور سلطان القاسمي للدراسات الخليجية في إمارة الشارقة (الإمارات العربية المتحدة)، ومن المعروف أن تلك النسخة كانت جزءًا من مجلد يحتوي على ما يسمى بكتاب ليسوارت دي أبرو والتي يرجع تاريخها إلى حوالي 1558 إلى 1565، وفي عام 1812 كانت المخطوطة في حوزة سيباستياو فرانسيسكو ميندو تريجوسو الذي استعان بها في إخراج الطبعة البرتغالية الأولى والتي نشرتها أكاديمية لشبونة للعلوم، وقد دخلت المخطوطة في مجموعة الأمير أفونسو- شقيق الملك كارلوس الأول- في نهاية القرن التاسع عشر وأودعت في مكتبة أجيودا الملكية (لشبونة) حيث اختفت عام 1911، بعد ذلك تم تقسيم المجلد إلى ثلاثة أجزاء بين عامي 1912 و 1963 فتمكنت مكتبة ومتحف مورجان (نيويورك) من الحصول على جزأين من الأجزاء الثلاثة فأودعته أرففها تحت الرقم التعريفي للمخطوطة M525 وهي تحتوي على وصف طريق الهند البحري خلال عام 1558 إضافةً إلى نسخ من عدة رسائل تعود إلى تلك الفترة وصور لحكام ونواب الملك في دولة الهند البرتغالية الذين شغلوا مناصبهم خلال الفترة من 1505 إلى 1558 بالإضافة إلى أسطول الهند في نفس الفترة إلى جانب مشاهد من المواجهات العسكرية وأحداث أخرى ذات صلة بالبرتغاليين في آسيا، أما بالحديث عن الجزء الثالث الذي يحتوي على كتاب لدوارتي باربوسا فقد ظهر مؤخرًا في الإمارة الشارقة وصدر عام 2017 بالنص البرتغالي وترجماته الإنجليزية والعربية كاملة.
31. دوارتي باربوسا - كتاب عما رآه وسمعه في الشرق البرتغال - القرن السادس عشر مخطوطة على ورق مقاس: 17×25.5 سم مجموعة من الشيخ د. سلطان بن محمد القاسمي
32. كتاب دوارتي باربوسا إسبانيا - حوالي عام 1524 مخطوطة على ورق مقاس: 30 × 21 سم مكتبة جامعة برشلونة (إسبانيا) - مخطوطة رقم 835
33. يتناول هذا الكتاب الأشياء والخروج من الهند [...] دوارتي باربوسا الكونغو 1539 مخطوطة على ورق مقاس: 29 × 21 سم مكتبة البرتغال الوطنية (لشبونة) - كود رقم 11008
34. كتاب دوارتي باربوسا البرتغال - حوالي عام 1542 مخطوطة على ورق مقاس: 23.5 × 35.4 سم الأرشيف الوطني لمكتبة توري دو تومبو (لشبونة) - مخطوطات من البرازيل - مخطوطة رقم 25
35. المجلد الأول والطبعة الثانية من كتاب الملاحة والأسفار جيوفاني باتيستا راموسيو البندقية: جوينتي - 1554 (الطبعة الثانية) طباعة على ورق مقاس: 19 × 28.5 سم المكتبة العامة لجامعة كويمبرا (البرتغال)
36. مجموعة من الأخبار عن تاريخ وجغرافية دول ما وراء البحار المُستأخمة للبرتغال أو المجاورة لها لشبونة: الأكاديمية الملكية للعلوم - 1812 - المجلد الثاني - المجلد - السابع - ص 231 - 394 طباعة على ورق مقاس: 14 × 20.5 سم مجموعة سرجيو مورينو - لشبونة

كتاب ما رآه
وما سمعه دوارتي
باربوسا في رحلاته
البحرية

وقد عُثِرَ أيضًا على أرضيات مغطاة بالجبس في قلعة ليديا / بديا البرتغالية (إمارة الفجيرة) والتي تم بناؤها أيضًا على الشاطئ بأمر من ماتئوس دي سييرا (1623) وقد بُنيت تلك الأرضيات من التراب المدك لتظهر أبعادًا مشابهة لأبعاد قلعة كويلبا القديمة / خور كلباء.

وعُثِرَ في المنطقة الداخلية لقلعة كويلبا / خور كلباء على بئر دائرية الفم بالإضافة إلى بقايا أربعة أفران (تنور) مصنوعة من الحجارة والتراب وجرة خزفية كبيرة مُعاد استخدامها وتسعة عشر مدفأة، تختلف أشكال هذه الهياكل الصغيرة المكتشفة أثناء أعمال الحفر مما يعكس وظائفها حيث تتوافق مع أماكن الإضاءة والتدفئة أو الأماكن التي تم فيها طهي الطعام واستهلاكه.

وكان من الواضح أن المكون الرئيسي للمدافئ هو الرمل المحروق إلا أن العثور على قطع السيراميك الصغيرة كان أمرًا شائعًا أثناء عمليات الحفر، وقد عُثِرَ أيضًا على قطع عظمية متكررة لثدييات وأسماك وقشريات في بعضها مما يشير إلى وظيفتها في إعداد الوجبات.

عُثِرَ أيضًا على منخفض ترابي صغير على شكل حفرة كان يُستخدم كمكان لحفر النفايات وقد عُثِرَ فيه على العديد من المصنوعات اليدوية المهملة أو الشظايا المصنوعة من السيراميك والزجاج والحجر والمعدن (عملة صفوية من البرونز) ودبوس شعر وقطعة من قضيب معدني وقطع من البرونز والخرز الصدي وعظام الثدييات والأسماك الصغيرة وكذلك أصداف الرخويات.

أظهرت القطع الخزفية المكتشفة في منطقة الحصن أن لها أصول وأشكال بل وخصائص متنوعة؛ فكان منها ما يُستخدم كأواني للطهي أو كأوعية للمياه أو كأطباق تم تصنيعها في ورش محلية أو إقليمية إضافةً إلى السيراميك المستورد من عمان وإيران والخزف الصيني، كما تم العثور على زخارف خزفية وقطع لعبة ومبخرة برونزية وزجاج وخرز من الصدف وأساور ومكحل وشظايا زجاجة.

ومن الجدير بالذكر أن تلك المجموعة الفنية الغنية بالمعلومات التي تم اكتشافها بالإضافة إلى السجلات التاريخية المهمة تعود إلى القرنين السابع عشر والثامن عشر وتكشف أيضًا عن تفاعل تجاري قوي وتبادل ثقافي واسع النطاق حيث كانت الطرق البحرية تتمتع بأهمية كبيرة.

[روزا فاريليا جوميز وماريو فاريليا جوميز و روي كاريتا]

لقد احتل ذلك الحصن القديم الذي أطلق عليه البرتغاليون اسم «كويلبا» والعرب اسم خور كلباء مساحةً رمليّة مسطحة تقع شرق جبال الحجر أو ما يُعرف اليوم بأنه الأرض الجبسية التابعة لإمارة الشارقة والواقعة على السواحل الشمالي الشرقي لشبه الجزيرة العربية المقابل لحافة خليج عمان في شمال غرب المحيط الهندي.

وتقع المستوطنة الأثرية اليوم في حدود مدينة كلباء وهي إحدى المدن الساحلية الشرقية لدولة الإمارات العربية المتحدة والتي تقع بالقرب من حدود سلطنة عمان.

وفقًا لما ذكره أنطونيو بوكارو (1646، الصحيفة 138-139) فقد استولى جاسبار لايت على قلعة ومستوطنة كلباء في مارس من عام 1624 وذلك بناءً على أوامر قائد هرمز الرائد روي فريير دي أندراد.

ويعكس هذا الحدث الاستراتيجية الاقتصادية والعسكرية التي اتبعتها البرتغاليون في الخليج العربي والمناطق المحيطة به وهو- في تلك الحالة- أمر يبرره إعادة احتلال جزيرة هرمز في مايو 1622 حين كانت كلباء تحت سيطرة سلطانها كما ورد في نص كتبه مانويل جودينهو دي إريديا (حوالي 1625) فقال فيه إن كلباء كان يحكمها قاسمي «رجل من الموريين ذاتي لصيت» وربما كان هذا القاسمي هو أحد سلف أمير الشارقة الحالي، وعلى حسب علمنا لم يكن هناك جدال مباشر على كلمة «مور» والتي كانت تعد التسمية التي منحها البرتغاليون للمسلمين من شمال إفريقيا والشام وشبه الجزيرة العربية والهند والكلمة مشتقة من منطقة شمال إفريقيا المسماة موريتانيا وقد استخدمها الرومان أولاً بلفظها (ماوروس).

بنى البرتغاليون حصنًا جديدًا بأبعاد صغيرة ليؤدي وظيفته- بالطبع- كمركز تجاري بالقرب من كلباء وخور كلباء، وبقدر ما وصلنا من معلومات وأخبار فيمكننا استنتاج أن فترة السيادة تلك لم تمتد لأكثر من عقدين من الزمان.

و كان لقرب كويلبا/خور كلباء من شاطئ البحر والمحيط الهندي ورافد كلباء أمرًا له أهميته فقد سمح ذلك برسو السفن فيه كما أنه قد شكل نقطة دعم للملاحة خاصة خلال موسم الرياح الموسمية حيث كان الموقع يحتوي على مياه نظيفة وعبدة وكان ذلك مفيدًا للتفاعل التجاري مما يفسر السبب وراء بنائه، وفي حالة بناء نقاط جديدة في أماكن أخرى في المناطق الساحلية الخارجية فإن المبنى الجديد يتبع الأحكام القديمة التي وضعها ديوجو لوبيز دي سكويرا والمؤرخة في عام 1508.

كما أن حملات التنقيب الأثري التي أجريت في الفترة من 2017 إلى 2020 في كويلبا / خور كلباء من قبل البعثة الأثرية البرتغالية المدعومة من هيئة الشارقة للآثار ومعهد الآثار وعلوم الحفريات (جامعة نونفا في لشبونة) قد أدت إلى اكتشاف بقايا من الحصن البرتغالي القديم الذي تم رفعه إلى مستوى الأرض، ومن خلال أعمال البحث والحفر والتنقيب تم التأكيد على أن الحصن قد اشتمل على مخطط شبه مربع يبلغ طول كل جانب فيه حوالي 50 مترًا وهو موجهًا شمالًا-جنوبًا وشرقًا-غربًا ومحميًا ببرج مخطط دائري في الزاوية الجنوبية الشرقية يبلغ قطره يبلغ 8 متر، ومن المحتمل أيضًا أن الزاوية الجنوبية الغربية تمثل برجًا له نفس الشكل والحجم، كما أن سُمك الأسوار في الحصن يبلغ 2.60 مترًا وقد تم بناؤه من التراب المدك والأحجار المرجانية على الأساسات وملاط الجير مع احتمالية تكسيته الخارجية بطبقات من الجبس كما إننا لا نعرف ما إذا كانت تمت إضافة دريئة إلى هذا الحصن، ومن الجدير بالذكر أن هذا النوع من عمليات البناء السريعة والمستخدم أيضًا في بناء أبراج الزاوية يُعد من الممارسات التقليدية في مختلف القارات وبالتحديد في الشرق الأدنى وهو أمر قد استمر حتى العصر الحديث وحتى وقت لاحق حيث استخدمه البرتغاليون كثيرًا، وحسب ما تم اكتشافه في الموقع فقد كان المدخل الرئيسي مفتوحًا في اتجاه الجنوب حيث وجدنا عناصر بناء مثل المرجان وغيره من الكتل كبيرة الحجم أو ما يشابهها من الأحجار التي تتوافق مع أسس الحوائط، كما عُثر أيضًا خارج حائط الأساس الجنوبي على طبقة وفيرة من الأصداف المشتقة من رواسب المد والجزر وذلك أمر تدعمه الروايات المحلية والتي تنص على أن مياه المحيط كانت تغزو القلعة القديمة بشكل متكرر مما أدى إلى نقل تلك الأصداف إلى مكان ليس بالبعيد حيث استقرت فيه.

لا توجد هناك أي بقايا لمنزل القبطان أو غيره من الأبنية الناجية ذات القيمة، كما عُثر داخل تربة الحوائط المبنية من التراب المدك على بعض قطع السيراميك التي تعود للقرن السابع عشر وهي بذلك تمدنا بأدلة كرونولوجية مهمة تدعم الأصل البرتغالي لقلعة خور كلباء والتي ربما تكون قد شُيدت بناءً على الأوامر التي أصدرها جاسبار لايت حوالي عام 1624.

وخلال أعمال البحث والتنقيب ظهرت بقايا أرضيات جيسية مصنوعة من الجبس أو الجير وفي بعض الأحيان احتوت تلك على حصى صغيرة داخل وخارج بقايا الحائط التحصيني وفي النطاق المجاور له على الجانبين الشرقي والجنوبي، وكانت تلك الأرضيات أفقية وذات أسطح مستوية تركز على الرمال التي تتوافق مع المستوى القديم الصالح للسكن وتظهر ثقوبًا لاحقة يظهر بعضها في محاذاة مرتبة في بعض الأحيان بشكل متوازي، كما أظهرت الأعمال وجود بيوت مصنوعة من جذوع وأغصان نخيل التمر (العريش) وهي من الأنواع الشائعة جدًا في المنطقة ولها أهمية اقتصادية كبيرة.

وكان من المعتاد أن يكون لمثل هذه المنازل (العريشية) مخططات مستطيلة يبلغ طول أكبرها 5 م إلى 6 م في طول المحور الرئيسي، وكانت تبدو موجهة بشكل رئيسي بين الشرق والغرب وهي مطابقة للهيكل السكنية المبنية بنفس الطريقة والتي استُخدمت حتى منتصف القرن الماضي وبالتحديد من قبل مجموعات الصيد التي سكنت سواحل كلباء.

29. صور من البحرين

البرتغال (؟) - حوالي 1560

قلم وحبر وألوان مائية على ورق

الأرشيف الوطني توري دو تومبو (لشبونة) - مجموعة ساو فيسنتي ، الكتاب 15 ، الصحيفة. 287v-288r.

يتضمن الأرشيف الوطني توري دو تومبو في لشبونة ومن بين مجموعاته من المخطوطات المتنوعة مجموعة تُعرف باسم مجموعة ساو فيسنتي (/ CSV / TT / PT / 15) والتي تتضمن بدورها نصوصًا مختلفة بالإضافة إلى العديد من الرسومات التوضيحية والتي يعود تاريخ معظمها إلى القرن السادس عشر، ويتألف الجزء الأخير من المخطوطة من نسخة من الكتاب الشهير «الكُتيب البحري من جوا إلى ديو» والذي كتبه جواو دي كاسترو خلال رحلته التي قام بها عام 1538 من عاصمة دولة الهند البرتغالية إلى القلعة البرتغالية الواقعة على ساحل ولاية جوجارات، وكانت قلعة ديو آنذاك تحت الحصار الذي فرضته إحدى كوندراليات القوات الهندية والتي ضمت بين صفوفها أيضًا فرقة عثمانية مهمة تحت إمرة خادم سليمان باشا، وقد نظم جارسيا دي نورونها نائب الملك في دولة الهند البرتغالية حملة إغاثة من جوا والتي أسفرت في النهاية عن تحرير القلعة البرتغالية وهزيمة قوات العدو.

عاش النبيل البرتغالي جواو دي كاسترو لأول مرة في آسيا في الفترة بين عام 1538 و1542 ليعود إلى المنطقة لاحقًا متوليًا لمنصب حاكم دولة الهند البرتغالية في الفترة بين عام 1545 و 1548.

وخلال مرحلة حياته الأولى في الشرق أعد كاسترو ثلاثة كُتيبات بحرية مفصلة للغاية تدور حول الرحلات البحرية المختلفة التي قام بها والتي ظلت في وقتها نسسخًا غير منقحة على الرغم من تداول بعض المخطوطات ومنها: الكُتيب البحري من لشبونة إلى جوا والذي وصف الرحلة التي قام بها كاسترو في عام 1538 والكُتيب البحري المذكور أعلاه من جوا إلى ديو والكُتيب البحري لرحلته في البحر الأحمر والذي يصف الرحلة الاستكشافية العظيمة التي نظمها إستيفانو دا جاما في 1540-1541 والتي دخلت خلالها السفن البرتغالية البحر الأحمر ووصلت إلى السويس.

ومن الجدير بالذكر أن كُتيبات كاسترو البحرية كانت مليئة بالتفاصيل الفنية حول الرياح والتيارات البحرية والإبحار والمراسي والحيوانات والنباتات البحرية والظواهر الطبيعية والأدوات البحرية بالإضافة إلى احتوائها على الرسومات التوضيحية التي تمثل وبشكل أساسي الموانئ الرئيسية التي تمت زيارتها خلال الرحلات البحرية، وأظهر كل رسم توضيحي منظرًا لميناء معين صحبته تفاصيل عن التضاريس والمسح البحري الخاص به بالإضافة إلى المباني الرئيسية والمعالم الطبوغرافية البارزة فيه وقد شمل ذلك الرسومات التي صورت أكثر السفن الأوروبية والشرقية تنوعًا، وليس من المستبعد أن يكون جواو دي كاسترو هو مؤلف الرسومات الأصلية والتي أعيد طباعتها لاحقًا في نسخ متتالية ولكن من الممكن أيضًا القول بأنه قد تعاون مع بعض الرسامين ذوي الخبرة لإخراج كُتيباته إلى النور.

وتتضمن نسخة «الكُتيب البحري من جوا إلى ديو» المودعة لدى الأرشيف الوطني توري دو تومبو (لشبونة) و في الورقة الأخيرة منها خريطة غريبة للغاية تصور جزر البحرين في منطقة الخليج وهي بقعة لم يزرها كاسترو قط حسبما هو وارد إلينا إلا أن خصائص هذه الخريطة تتطابق تمامًا مع الرسومات التوضيحية الخاصة بالموانئ الأخرى التي تعد جزءًا من نفس الكُتيب البحري، إنه لمن المستحيل التأكد من الكيفية التي تمت بها عملية دمج خريطة البحرين في مخطوطة توري دو تومبو لكن ومن خلال تحليل محتوياتها يمكننا أن نقول إنها قد رُسمت في أواخر الخمسينيات من القرن الخامس عشر حيث اعتمد رسامها نفس أسلوب الرسوم التوضيحية التي رسمها جواو دي كاسترو والتي تظهر فيها قلعة ومباني سكنية ومبنى يمكن أن يكون مسجدًا بالإضافة إلى العديد من بساتين الخيل وبعض القوارب.

أبدى البرتغاليون اهتمامًا بالبحرين منذ السنوات الأولى للقرن السادس عشر حيث كان من المعروف أن مصائد اللؤلؤ تقع في هذا الأرخييل، وهكذا وبعد إنشاء الحماية البرتغالية على جزيرة ومملكة هرمز في عام 1515 على يد أفونسو دي ألبوكيرك أصبحت جزر البحرين والتي كانت تعتمد تقليديًا على حكام هرمز جزءًا من مصالح دولة الهند البرتغالية، لكن العلاقات القائمة بين قباطنة قلعة هرمز البرتغاليين وحكام البحرين لم تكن دائمًا سلسة وسهلة حيث كان يسعى حكام البحرين دومًا إلى إعفاء أنفسهم من دفع الجزية، وقد شهد النصف الأول من القرن السادس عشر إرسال البرتغاليين لعدة بعثات بحرية إلى البحرين؛ ففي عام 1514 قام بيرو دي ألبوكيرك بعمل أول زيارة استطلاعية للمنطقة وفي 1520-1521 زار أسطول آخر الأرخييل واشتبهت ذلك الأسطول الذي كان بقيادة أنطونيو كوريا (المعروف لاحقًا باسم «بحرين») مع قوات مُقرن بن زامل الحاكم المحلي للبلاد، وفي عام 1529 انطلقت الحملة الاستكشافية الفاشلة لسقائدها سيمواو دا كونها والذي توفي في طريق عودته إلى هرمز هو وجزء كبير من أفراد حملته على الرغم من أنه كان قد وصل بالفعل إلى جزر الأرخييل، وكما تشير الوثائق القادمة من تلك الحقبة والتي تتناول تلك الحملات الاستكشافية فقد كان هناك أخبار عن وجود تحصين عربي في الأرخييل وكان يقع بالضبط في جزيرة البحرين.

كما شهدت فترة منتصف خمسينيات القرن الخامس عشر احتلال الدولة العثمانية والتي سيطرت على ميناء البصرة منذ عام 1546 لمنطقة الأحساء الواقعة على الساحل العربي في مواجهة البحرين وكان هذا يعد تهديدًا مباشرًا من السلطة العثمانية ضد مصالح دولة الهند البرتغالية والذي تجسد في حصار البحرين المفروض من قبل مصطفى باشا عام 1559 وهو ما دفع الحملة البرتغالية بقيادة أنطو دي نورونها لمساعدة جلال الدين مراد محمود الذي تولى حكم الأرخييل بعد ذلك، تمكنت القوات البرتغالية من درء التهديد العثماني فكانت تلك الفترة التي شهدت تحصين وتعزيز قلعة البحرين على يد إنونوفري دي كارفالو وهو المهندس المعماري البرتغالي الذي كان جزءًا من القوة الاستكشافية من هرمز وقد وجه دي كارفالو تعليماته طوال عام 1560 لتحصين القلعة وفقًا لأحدث النظريات المعمارية الأوروبية ومنذ ذلك الحين احتفظت قلعة البحرين بحامية برتغالية وأصبحت معقلًا هامًا لدولة الهند الشرقية في الخليج حتى عام 1602 وهو تاريخ غزو الأرخييل من قبل قوات عباس الأول شاه (ملك) بلاد فارس.

لقد أرخت مخطوطة البحرين المتضمنة في مجموعة تودي دي تومبو لتعود إلى الفترة من 1538 إلى 1539 وذلك عن طريق مناظرتها مع الرسوم التوضيحية المتبقية من كُتيبات جواو دي كاسترو البحرية والتي كانت قد أدرجت فيها المخطوطة لكن ومن الأرجح أنها رُسمت في وقت لاحق لذلك وفي تاريخ يعود إلى عام 1560 حيث يُظهر أحد أبراجها علمًا يحمل صليب المسيح ولم يكن الاحتلال البرتغالي للقلعة ساريًا إلا بعد حملة إعادة الإعمار التي قادها إنونوفري دي كارفالو، ومن الجدير بالذكر أن حقيقة أن هذا المخطط يتزامن مع الوصف النصي الذي قدمه جواو دي باروس في كتابه «آسيا - العقد الرابع» في سياق رحلة سيمواو دا كونها إلى البحرين عام 1529 لا تتعارض مع التاريخ المقترح أماننا حيث إنه من المعروف أن المؤرخ البرتغالي لم ينه من كتابه في ستينيات القرن السادس عشر كما أن كتابه هذا لم يُشر إلا بعد وفاته في مدريد عام 1615.

[روي مانويل لوربرو]

وفي الكتاب نجد رسومات لعدة قلاع برتغالية في منطقة الخليج منها قلاع مسقط وكلباء وخور فكان حيث كان ميناء مسقط من الموانئ التي يتردد عليها البرتغاليون منذ العقود الأولى من القرن السادس عشر، لكن في ثمانينيات القرن الخامس عشر فقط تم تثبيت تحصينات مهمة في الميناء لتكامل ما سبقها من الهياكل الدفاعية الموجودة فيه، أما بالحديث عن قلاع خور فكان وكلباء فقد كانت تلك أكثر حداثة حيث تم بناؤها أو ترحيلها في عشرينيات القرن السادس عشر بعد خسارة هرمز عندما ركز البرتغاليون أنشطتهم في مسقط، ومن الجدير بالذكر أن جميع رسومات بيدرو بارتو دي ريسيندي هي عبارة عن مشاهد مأخوذة من زاوية مرتفعة (منظور عين الطائر) كما أنها تستند إلى الرسومات المحلية إضافة إلى المعلومات التي تم جمعها في جوا، وعلى الرغم من أن رسومات بارتو دي ريسيندي لا تُعد صحيحة تمامًا في بعض الأحيان وذلك عند مقارنتها بالنماذج الحقيقية فهي بالتأكيد ستنقل المعلومات الضرورية حول موقع وخصائص التحصينات البرتغالية في جنوب شرق شبه الجزيرة العربية بالإضافة إلى حجم القلاع في فيما يتعلق بالبيئة الحضرية المحيطة إلى التاج الإيبيري.

لاقى ألبوم النصوص والرسومات الذي تم إنتاجه بالاشتراك بين كل من أنطونيو بوكارو وبيدرو بارتو دي ريسيندي رواجًا واسعًا وتم استخدامه وإعادة طبعته على نطاق واسع وما تزال العديد من النسخ التي تتضمن جزءًا من محتوياته أو كل محتوياته موجودة في العديد من الأرشيفات الأوروبية، كما أن بيدرو بارتو دي ريسيندي قد أنتج نسختين من الكتاب بنفسه وذلك في عام 1636-1638 بعد عودته إلى البرتغال حيث كان من المفترض أن يصحح بذلك بعض الثغرات الموجودة في نسخة بوكارو، وفي حوالي عام 1640 قام بيدرو بارتو دي ريسيندي بتجميع (كتاب مخططات قلاع الهند) وهي مخطوطة محفوظة اليوم في مكتبة قلعة ساو جولياو دا بارا في لشبونة والتي تضمنت كل من رسوماته والنصوص التي أعدها مانويل جودينهيو دي إريديا، وبعد مرور سنوات وفي عام 1646 بالتحديد أعد بيدرو بارتو دي ريسيندي نسخة أخرى من الكتاب وأطلق عليها اسم «كتاب دولة الهند الشرقية» وعلى الرغم من أن النصوص الواردة في هذا الكتاب كانت مختلفة تمامًا عما أُصدر من قبله فإن الأيقونات (العناصر) الواردة فيه تبدو وكأنها تستند إلى نفس المنظور (منظور عين الطائر) الذي تم نسخه مرارًا وتكرارًا مع وجود اختلافات طفيفة.

في لشبونة وفي عام 1992 نُشرت نسخة نقدية عن النسخة المحفوظة في مكتبة إيفورا العامة لكتاب أنطونيو بوكارو وبيدرو بارتو دي ريسيندي وهي من إعداد إيزابيل سيد تحت عنوان (كتاب مخططات جميع القلاع والمدن والقرى في دولة الهند الشرقية بقلم أنطونيو بوكارو: دراسة تاريخية وكوديكولوجية وبالوجرافية) بينما نُشرت نسخة طبق الأصل من العمل المشترك بين مانويل جودينهيو دي إريديا وبيدرو بارتو دي ريسيندي في لشبونة في عام 1999 وقد صحت النسخة المنشورة دراسة تهيديداً أعدها روي كاريستا تحت عنوان (كتاب مخططات القلاع في دولة الهند الشرقية في قلعة ساو جولياو دا بارا).

[روي مانويل لوريرو]

[27-28] جاءت ثمانينيات القرن الخامس عشر وجاء معها عدد من التغييرات الهائلة التي طرأت على دولة الهند البرتغالية؛ فبعد اختفاء الملك سيباستيان في المغرب عام 1578 تم الانقراض على العرش البرتغالي حتى أعلن بعد ذلك بعامين عن تولي ملك إسبانيا ومن بعده فيليبي الثاني (والأول في البرتغال) الحكم في البلاد، وقد أدى اتحاد التيجان الإيبيرية والتي ظلت نشطة حتى عام 1640 على الفور إلى إحداث العديد من التغييرات في البرتغال وكان أحد أهم هذه التغييرات هو التنظيم الأكبر والأكثر فعالية في إدارة الإمبراطورية الخارجية، فقد أراد العاهل الإسباني ومستشاروه أن يعرفوا بالضبط الحجم الحقيقي للهيمنة البرتغالية في الشرق وحالة مواردهم البشرية والمادية وبما أنه كان يتعين أن تستند إدارة مثل هذه المجالات الإمبراطورية الشاسعة إلى معلومات دقيقة وحديثة فقد تم إرسال العديد من التقارير التفصيلية إلى مدريد من جوا بما في ذلك العديد من الكتب عن الحصون والقلاع أي التقارير الشاملة والمكتوبة بخط اليد والتي تحتوي على رسومات للقلاع البرتغالية الرئيسية في الشرق يكملها وصف تفصيلي لهذه المعاقل العسكرية والمناطق التي كانت تقع فيها.

27. قلاع كلباء - خورفكان - مسقط
مانويل جودينهو دي إريديا - خريطة معاقل الهند
جوا (؟) - حوالي 1610-1630
قلم وحر وأوان مائنة على ورق
مقاس: 42×85 سم
مكتبة قلعة ساو جولياو دا بارا (البرتغال)

كان مانويل جودينهو دي إريديا عالم جغرافي برتغالي- ملايوي ورسام خرائط مولود في مدينة ملقا عام 1563 وقد عاش في جوا في بداية القرن السابع عشر وهو مؤلف أقدم مجموعات مخططات معروفة عن القلاع البرتغالية في الشرق، في عام 1610 قام إريديا بتجميع مخطوطة الأطلس المودعة اليوم في مكتبة في ريو دي جانيرو والتي تتكون من عشرين ورقة تحتوي على رسومات بالألوان المائية للمدن الساحلية الهندية وأيضًا لمواقع في مناطق آسيوية أخرى وبالتحديد في الخليج بالإضافة إلى مسوحات من مسقط وهرمز، وفي العقد التالي وضع إريديا أطلس ميشيلانيا والذي لا يُعرف مكان وجوده اليوم، وقد تضمن هذا الأطلس عشرات الخرائط والمخططات والرسومات والنصوص ذات الصلة والتي تغطي جميع المناطق التي يمكن أن تكون ذات أهمية للتاج الإيبيري بما في ذلك معلومات مفصلة عن منطقة الخليج.

28. قلاع كلباء - خورفكان - مسقط
أنطونيو بوكارو - كتاب مخططات جميع القلاع والمدن والقرى في
دولة الهند الشرقية
جوا (الهند) - حوالي 1635
قلم وحر وأوان مائنة على ورق
مقاس: 60 × 40.5 سم
مكتبة إيفورا العامة ، 2 / 1-CXV

ظلت الطلبات الواردة من التاج الإيبيري للحصول على وصف تفصيلي لجميع السواحل والموانئ والمدن في دولة الهند البرتغالية تنهال على جوا أثناء فترة حكم نائب الملك دي ميغيل دي نورونها واستمرت من عام 1629 إلى عام 1635 وقد عُهد بالمهمة إلى أنطونيو بوكارو الذي وُلد في البرتغال عام 1594 وكان يعيش في الهند منذ عام 1615 حيث كان مؤرخًا رسميًا ووصيًا لأرشييف جوا، استجابةً لطلب نائب الملك أعد بوكارو كتابًا بعنوان مطول أسماه «مخططات جميع القلاع والمدن والقرى في دولة الهند الشرقية» وقد كان الكتاب شاملاً للغاية حيث ضم جميع أنواع المعلومات المهمة والمثيرة للاهتمام حول المستوطنات البرتغالية في الشرق - من شرق إفريقيا إلى الصين.

ناقش كتاب بوكارو المسائل المتعلقة بالخليج بشكل كافي ووافي حيث تضمن الكتاب فصولًا كاملة لا تغطي فقط قلعة مسقط الكبرى التي أصبحت مركزًا للأُنشطة البرتغالية بعد أن فقدوا قلعة هرمز في عام 1622 ولكنها غطت أيضًا العديد من التحصينات الأصغر التي امتدت على طول الساحل الجنوبي الشرقي لشبه الجزيرة العربية وتم بناؤها أو تعزيرها مؤخرًا، وقد استندت رواية المؤرخ البرتغالي إلى مصادر محلية فقدم تفاصيل دقيقة عن جميع الموضوعات التي تم تناولها بدءًا من حالة الحصون والموارد المتاحة من الرجال والمدفعية والتسليح وصولًا إلى عائدات الجمارك وأهم المؤسسات وآليات الطرق البحرية الأكثر صلة، كما قدم بوكارو أيضًا معلومات عن السياقات السياسية المحلية ولا سيما في منطقة عمان حيث تمكن إمام البلاد القوي من إقامة اتحاد واسع بين القبائل في المنطقة.

كان كتاب بوكارو عملاً شاملاً للغاية لدرجة أنه أدرج فيه العشرات من الرسومات بالألوان المائية للقلاع التي وصفها بالإضافة إلى صور ملونة لـ 44 حاكمًا ونائبًا للملك في دولة الهند البرتغالية، وعلى الرغم من أن بوكارو لم يرغب في الكشف عن اسم مساعده فالمصادر المعاصرة تعرفه على أنه بيدرو بارتو دي ريسيندي وهو سكرتير دي ميغيل دي نورونها، إننا لا نعرف الكثير من المعلومات عن السيرة الذاتية لبيدرو بارتو دي ريسيندي باستثناء أنه قد خدم في طنجة لضع سنوات قبل سفره إلى جوا والعودة إلى البرتغال في عام 1636، و خلال إقامته في الهند وبدافع الفضول البسيط جمع بيدرو بارتو دي ريسيندي وثائق حول دولة الهند البرتغالية والتي أدرج فيها رسوماً بالألوان المائية، ولم تكن تلك الرسومات تمثل القلاع البرتغالية في آسيا فحسب بل أظهرت أيضًا أساطيل طريق الهند البحري إضافةً إلى صور للحكام البرتغاليين ونواب الملك، وفي عام 1635 وافق بيدرو بارتو دي ريسيندي على إقراض رسوماته إلى أنطونيو بوكارو مقابل المعلومات النصية للمؤرخ، وفي ذلك العام تم إرسال كتاب «مخططات جميع القلاع والمدن والقرى في دولة الهند الشرقية» في هيئته الكاملة إلى لشبونة ومدريد ليطلع عليه الملك فيليب الرابع ملك إسبانيا (والثالث في البرتغال).

وبالحديث عن الوجه الآخر للصعاب والمشاق التي ووجهت أثناء إعادة بناء الهيكل الحضري والمناظر الطبيعية لقلعة هرمز في عهدها البرتغالي فإننا نعلم الكثير عن القلعة والوثيقة الرئيسية بين أيدينا هي الآثار الموجودة في الموقع حيث إن الانهيار المفاجئ للمدينة منع تفككها؛ وكما ذكرنا سابقاً فإن عملية بنائها كانت قد نتجت عن سلسلة من التدخلات التي هدفت إلى إبقائها محدثة في وقت كان فيه تطور الهندسة العسكرية أمراً مرهقاً، ففي البداية وفي الفترة القصيرة الممتدة من 1507 إلى 1508 كما ذكرنا سابقاً- روج أفونسو دي ألبوكيرك لبناء برج القلعة والذي لم يتعدّ كونه مربعاً على مخطط يبلغ جانبه حوالي 8 أمتار لكن بتوقف أعمال البناء لم يتجاوز الطابق الأول من الطوابق الثلاثة المخطط لها، وقد أنهى ألبوكيرك أعمال بناء البرج عندما عاد في عام 1515 إبان حملة تم فيها الانتهاء من محيط القلعة بالكامل وفقاً لتصميم جاسبار كوريا فكانت بالتالي تحصيلاً للفترة التجريبية الأولى أو ما يُعرف بطراز المانولين الحديث (الأبراج المربعة والسداسية والدائرية) والتي تم تحسينها على نفس الأساس المفاهيمي (الحصون منحنية الخطوط) في الأعوام 1525-1528 و 1539-1540 وبني أيضاً خلالها الخندق الأول، وفي عام 1558-1560 تم إدخال الحصون ذات الزوايا والتي أُضيفت لها بعض التعديلات اللاحقة حتى استقرت على شكلها كتحصين حديث، ومن الجدير بالذكر أن البناء يتبع النموذج الذي تم تجربته عام 1541 في مدينة مازاجان (في الوقت الحالي مدينة الجديدة ، المغرب) بالإضافة إلى العديد من التدخلات الأخرى اللاحقة والتي يبرز طراز قلعة ديو من بينها، كما يجدر الإشارة أيضاً إلى أن كل تلك الإصلاحات قد أضافت مساحة- كما هو الحال دائماً تقريباً- لتظهر كل حصن أو حصن جديد أكبر مبني فوق الآخر أو أمام الحصن الحالي، وهذا هو الشكل الذي ظهرت به النسخة الحديثة من البناء والتي تغطي مساحة ما يقرب من الهكتارين كما هو موضح في الرسم المودع لدى مكتبة ريو دي جانيرو الوطنية، لقد كانت قلعة هرمز من أكبر القلاع التي أقامها البرتغاليون والتي لم تحط يوماً بمدينة.

في الواقع لم تضم القلعة مدينة يوماً إلا أنها احتوت بالفعل على مجموعة من الأبنية التي تضمنت- إلى جانب الكنيسة الرئيسية- منزل القبطان ومنشآت للحامية العسكرية بأكملها التي كان يبلغ قوامها حوالي خمسمائة رجل، وقد تم بناء صهريج آخر مقبب ببيضاوي الشكل خلال الحملة الكبرى الأخيرة ليعمل إلى جانب الصهريج المقبب المبني على طراز المانولين الذي سبق ذكره وبعض الهياكل الأصغر التي تم بناؤها لنفس الغرض في عام 1515، وعلى الرغم من المساحة الجمالية التي خلقها هذان العنصران في المشهد البرتغالي لقلعة هرمز فهما غير كافيان على المستوى الوظيفي ولا يمكن القول- كما اقترح البعض من سنوات مضت- إن الصهريج المبني على طراز المانولين كان يوماً ما هو مبنى الكنيسة.

وعلى الرغم من أن الكثيرين قد صرحوا بأن النظام الدفاعي والذي تضمن 70 قطعة حربية هو نظام منيع وحصين فقد تعرض ذلك النظام للأمر ذاته؛ ففي واقع الأمر تمكن النظام الدفاعي من صد هجمات عدة منها تلك الهجمات التي تعرض لها عام 1521 - 1522 والتي كانت دافعاً لفرض الإصلاحات الرئيسية فيه وما كانت تلك الإصلاحات إلا رد فعل لما يطرأ على المشهد ولم تكن يوماً أولوية في حد ذاتها، لكن وقبل 1622 ظهرت بعض التقارير الانتقادية والتي لا تنتقص بأي حال من الأحوال من الجهود المضنية التي بذلها أبرز البنائين والمهندسين العسكريين التابعين للتاج البرتغالي في آسيا على مدى قرن من الزمان خاصة تلك الجهود التي بذلها وهم على رأس فرق مختلطة تجاوزت الألف رجل في موقع البناء الواحد، ولم تكن العقود الستة التي انقضت منذ حملة البناء الكبرى الأخيرة لتُقارن بالتدخلات القائمة لمرة واحدة والتي تم تنفيذها خلال الفترة الشاقة التي مر بها الاتحاد الإيبيري (1581-1640) فقد كانت كلتا الإمبراطوريتين كبيرتين للغاية وقد دخلت دول أوروبية أخرى مثل إنجلترا إلى الميدان.

[والتر روسا]

الطرح أيضًا مسوحات أثرية ومعمارية لأطلال الحصن ولقد أُستخدمت كل تلك المواد في ضوء السياقات ذات الصلة للكشف عن الجوانب المختلفة لما يزيد قليلاً عن القرن من الزمان من تاريخ التواجد البرتغالي في المنطقة، ويقدر ما يهمننا هنا وبشكل مباشر فإن رسم الخرائط والأيقونات يستحقان دراسات لتحديد مسألتي التسلسل والتأليف، وبالطبع استخدم المؤلفون المسوحات لاختبار إعادة بناء القلعة في مراحلها المختلفة وإسناد كل مرحلة منها إلى مسألة التأليف.

في الواقع يخفى عننا الكثير حول البنية الحضرية والمناظر الطبيعية التي تغيرت باستمرار في الفترة الواقعة بين غزو وتأسيس الحماية البرتغالية وسقوطها أي في الفترة بين 1507 و 1622 لكن دعونا نرى إن كان يمكننا وبمساعدة العناصر الخرائطية - الأيقونية الثلاثة الموجودة في هذا النص أن نحصل على لمحات بسيطة عنها، هناك جانبان ضروريان: فيالي جانب الأسئلة المتعلقة بالتحصين فإن تلك العناصر تحتوي بشكل أساسي على بيانات حول موقع المرافق الكاثوليكية التي لم يتبق لها أي أثر ، وهو أمر طبيعي حيث لم يُسجح الوقت الكافي لتلك المرافق لتصبح ذات شأن وقوة كما أن طرد البرتغاليين كان أيضًا طردًا للكاثوليكية؛ أي واحد منهم يمثل المدينة بعد تدمير مجمع القصر الضخم الموجود مسبقًا- الجبهة الشمالية للمدينة، ويمكننا هنا الاعتماد وبشكل أساسي على النقوش الذي تركها براون وهوجنبرج في كتابهما (مدن حول العالم) الصادر في عام 1517 بالإضافة إلى محاولة إعادة تشكيل الوصف التاريخي الذي لا يُنسى والتي اضطلع بها جان أوبان والتي تم تخطيط المدينة جيدًا وترتيبها في مربعات جيدة وفقًا لها والتي نجدها في بعض الأوصاف المشتركة والتي ما زلنا نراها في نسيجها الحالي.

وفقًا لقاعدة تمت تجربتها في القرن الخامس عشر في ساجريس (البرتغال) وتم تنفيذها في مواقع برتغالية مختلفة في إفريقيا والمحيط الهندي فقد بدء تشييد الحصن في مورونا في الطرف الشمالي للمدينة ببناء برج تم تنفيذه خلال عام 1507 وانتهى عام 1515، وقد أدى الحفر اللاحق لخندق مائي من البحر إلى البحر إلى تحويل الحصن إلى جزيرة يمكن الوصول إليها عن طريق جسر حجري ضيق كما يتضح من الرسم الوارد في المجموعة المودعة في المكتبة الوطنية في ريو دي جانيرو والتي رسمها مانويل جودينهو دي إريديا، وقد ضمت مباني الحصن التي جاورت مجمع قصر الملك المحلي خلف جدار سميكة تعلوه تسعة أبراج وبلغ طوله قرابة المائة متر مساجد ومدرسة ومستشفى ونزل، وحسب وصف أوبان فقط كان «قصرًا حصينًا يعكس المظهر المهيب الذي ما زلنا نراه اليوم في مساكن شيوخ العرب في الخليج العربي وجنوب شبه الجزيرة العربية» وأضاف «كان هناك شارع واحد فقط يمتد من الساحل إلى الساحل ليفصله عن المرفأ الحضري فجعل كل من هيكله الوظيفي وموقعه مسألة هدمه أمرًا لا مفر منه خاصةً خلال عملية توسيع وتجديد الحصن والتي تمت في عام 1539-1540 ونتج عنها ذلك الممشى أو الساحة الدفاعية والتي كانت تعمل أيضًا كمركز للريبييرا (باحة وساطة في الميناء ذات خصائص محددة في المدن البرتغالية) فتضمنت اسطبلات الخيول المارة بالميناء لنقلها إلى وجهاتها ومبنى الجمارك، وقد انتقل الملك إلى قصر يقع في الطرف الجنوبي الغربي من الباحة فوق المرفأ الغربي.

وتعكس المساحة الموجودة بين مبنى الجمارك والمسجد الجامع الذي اشتهر بمئذنته المعبرة بالإضافة إلى مجمع الرحمة والمستشفى والبيكوتا نموذجًا للساحة كما أنها استبدلت النمط الحضري للسلطة المحلية بنظام الحماية البرتغالي، وقد كان هذا هو المكان الذي بدأت فيه فكرة المدينة الصحيحة والتي كانت كثيفة وتتألف من منازل حجرية وجيرية مرتفعة تحيطها الأسوار المرتفعة وتعلوها الشرفات، وكان هذا أيضًا ما أورده جاسبار كوريا- الذي أم بعمليات الهدم بعد إقامته في المدينة- في أعماله التي أضاف عليها بعض العناصر المبالغ فيها مثل حجم البرج الخشبي الذي شُيد في وقت مبكر من عام 1515 والذي يكاد يطابق المئذنة التي ظلت في المدينة حتى القرن التاسع عشر، وقد انتهى الأمر بوجود المسجد والمئذنة في مواجهة الفناء في الوسط وهو ما يمكن رؤيته في كل من رسمتي إريديا (ضمن المجموعة المودعة في المكتبة الوطنية في ريو دي جانيرو و كتاب القلاع والحصون).

ومن الملاحظ أيضًا مجمع الرحمة الواقع على الجبهة الجنوبية الشرقية للساحة والكنيسة المخصصة للقدوس يوحنا الواقعة في الغرب هما من وضعها إطارًا للمجمع الإسلامي، فخلف مجمع الرحمة قبع الدير الأوجسطيني والذي كان يتم إعداد البعثات داخله من خلال تدريس اللغة لإرسالها إلى البلاط الفارسي، كما خرج منه الرهبان الذين أسسوا ديار أوجسطينوس في كل من أصفهان وشيراز والبصرة في بداية القرن السابع عشر، و كانت رفات الملكة الشهيدة كيتيفان من كاخيتي (جورجيا) قد مرت من شيراز قبل التوجه بها إلى جوا حيث تم دفنها في الدير الخاص بها، قد لا تعرف شيئًا عن الأهمية المادية التي تمثلها المستشفى وتلك الأبنية الكاثوليكية الثلاثة لكننا نعلم بالفعل أن كنيسة سيدة كنيسة الحمل الطاهر - التي منحت القلعة اسمها- قد تم تشييدها لأول مرة في البرج الذي أقيم في الطرف الغربي من واجهتها باتجاه المدينة والتي تظهر بالفعل في أعمال جاسبار كوريا، اعلى البرج جرس كان الملك مانويل الأول قد أمر بنقله من الكنيسة التي تحمل نفس الاسم في مدينة لشبونة وهو أمر له رمزيته الجليلة، بيد أنه و في حوالي عام 1525 أعيد تشييد الكنيسة في مبناها داخل القلعة أيضًا وانتقل الجرس إلى أحد الأبراج التي تم تجديدها في المحيط الأصلي حيث أصبح البرج الرئيسي والذي شيده البوكيرك قديمًا فأمر بتفكيكه، وقد أدت العوامل غير المستقرة (مثل الغطاء النباتي) إلى تحويل المكان إلى مسجد بعد عام 1622 حتى اختفاء الحصن بعد هجره لاحقًا.

إننا لا نملك سجلًا يثبت وجود المزيد من المنشآت الكاثوليكية داخل المدينة وذلك لأسباب عدة أهمها أن عدد اتباع الكاثوليكية في المدينة وبيئة المدينة نفسها لم تجعل من الأمر ضرورة في حد ذاته، وكمثل باقي المواقع في الخليج لم تكن هرمز أبدًا هدفًا لسياسات الاستعمار البرتغالي لكن مكانة المنطقة المتفردة ومناظرها الطبيعية ومسألة تنصيرها كان أمرًا آخرًا بالنسبة لهم، كما أنه كانت هناك نقاط أخرى خارج المدينة أكثر ارتفاعًا وملائمةً لتشييد مثل تلك الأبنية الدينية الصغيرة التي كانت تخدم الطوائف المتعددة فنجد مثلًا: دير سيدة بينها ودير سيدة الأمل ودير سانت لوسي والتي من المحتمل أنها قد حلت محل الأبنية الإسلامية، ويمكننا أن نلاحظ في الجانب الجنوبي الغربي لرسومات كتاب القلاع والحصون - التي صورت الجزيرة ككل- وفي مواجهة خليج تورومباك إشارةً إلى ما يُعرف باسم «مزرعة الملك» المحصنة والتي كانت تعود للملك المحلي وهي عبارة عن واحة مبنية من التربة النباتية الآتية من اليابسة القارية والتي كانت تغذيها الآبار الثلاثة بالمياه قليلة الملوحة الموجودة على الجزيرة فقط، كما تحمل الرسومات الاسم الجغرافي « لارديميرا » الممتد على جزء كبير من الجزيرة وهي منطقة مسطحة بها مساحات للشمسية ومقبرة إسلامية بالإضافة إلى شواهد تعود لبعض المعالم الأثرية.

[24-26] يقع مضيق هرمز عند مدخل الخليج وهناك جزيرة تقع في جانبه الشمالي بالإضافة إلى مدينة إيرانية، وكانت هرمز أيضًا مملكة ذات حدود متغيرة حول الخليج، وتشكل الجزيرة- والتي تسمى في الواقع دجارون- دائرة غير منتظمة يبلغ متوسط قطرها 7 كيلومترات وهي على مسافة متساوية من الساحل القاري لإيران، ويندر عباس هي المدينة الأقرب لها والتي تقع على بعد 20 كم إلى الشمال الغربي، علاوة على ذلك تقع كل من جزيرتي لارك وقشم في قلب المضيق حيث تتجمع المياه لتروي دجارون ذات التربة المملحة والتي يندر فيها الماء العذب، تكوّن الأراضي القاحلة ذات الألوان المتعددة الغريبة والتضاريس غير المنتظمة منظرًا طبيعيًا حارًا ومتقاطعًا ومرتفعًا أمام المضيق لتتخفف وهي تتقدم في اتجاه القناة التي تفصل الجزيرة من البر الرئيسي والذي يحمل الاسم الجغرافي مورونا، وفي ظل الظروف المينائية والأمنية الجيدة التي تتمتع بها المنطقة شكلت هذه البقعة على القناة موطئًا محتملًا للإنسان، وفي بداية القرن الرابع عشر أنشأ ملك هرمز عاصمته هناك على البر الرئيسي بعد أضفت الظروف الدفاعية والحضرية والتجارية الاستثنائية للمنطقة عليها تميزها فأصبحت مركزًا للمنطقة من حولها.

24. صور من قلعة هرمز - حوالي 1515

جاسبار كوريا - أساطير الهند

جوا (الهند) - حوالي 1560

حبر على ورق

مقاس: 41.6 × 25.6 سم

لشونة - الأكاديمية الملكية للعلوم- 1860 - مجلد 2

25. مخطط قلعة هرمز

مخططات الساحات للفنوتحات البرتغالية

جوا (الهند) - 1610

قلم وحبر وألوان مائية على ورق

مقاس: 31.2 × 37 سم

مكتبة البرازيل الوطنية (ريو دي جانيرو) ، CAM.03.005 - رسم

الخرائط

26. جزيرة هرمز

مانويل جوديهو دي إريديا -خريطة معاقل الهند

جوا (؟) - حوالي 1610 - 1630

قلم وحبر وألوان مائية على ورق

مقاس: 58 × 42 سم

مكتبة قلعة ساو جوليو دا بارا (البرتغال)

ولقد ذكر الكثير من الرحالة كل تلك المسائل في كتاباتهم وتدويناتهم فكتبوا عن البر الرئيسي المتلاشي لهرمز ثم كتبوا عن جزيرة هرمز، كما وصف هؤلاء الرحالة مدينة مهيبية وغنية مترامية الأطراف وهذا ما ساندته أيضًا رسومات ومخططات جاسبر كوريا والتي أظهرت المدينة في شكل غامض ومتداخل عام 1515 (عندما عرفها) والتعديلات اللاحقة التي أدخلها عليها، كما ذكر الرحالة مدينة كوزموبوليتانية كان يسكنها ما يصل إلى 50000 نسمة من مجتمعات وديانات وثقافات متنوعة.

وفي عام 1582 لخص الكتاب «المدين والحصون» والذي لا نعلم مصدره تلك المعلومات في سطره حين أشار إلى هرمز على أنها«المركز التجاري العالمي الأكثر شهرة والأكثر توسعًا في العالم حيث تتداخل تجارات الشرق والغرب في تنافس محتدم» كما أضاف الكتاب مشيرًا لها بأنها «أكثر الحصون المهمة التي يمتلكها ملوك البرتغال في أجزاء من الهند»، وفي عام 1498 وعندما فتحت الأساطيل البرتغالية طريق كيب روت وقفت جزيرة هرمز لتقدم دليلًا دامغًا على أن التجارة هي عامل رئيسي في تحديد مستوى العمران والحضارة.

سرعان ما لاحظ ملوك وحاكم البرتغال أن فرض هيمنتهم على طرق التجارة عبر المحيط الهندي- مما يعني معه السيطرة على البحر الأحمر وطرق الخليج- من شأنه أن يدر عليهم أرباحًا ومنافعًا أكبر من تلك التي يجنونها من التجارة مع الهند عبر طريق كيب روت، ولاحظوا أيضًا أن هذا من شأنه أن يسمح لهم بتوجيه تلك الطرق المختلطة إلى البحر الأبيض المتوسط لتكون جميعها ضمن طريقهم البحري، كما أدركوا أنهم لا يملكون ما يكفي من القوات لاحتكار تلك المنطقة لكنهم قد يفرضوا عليها الضرائب إذا ما تمكنوا من السيطرة على موانئها، وقد عوض النجاح الذي حققوه في الخليج الذي كان هرمز على رأس موانئه فشلهم في الهيمنة على البحر الأحمر، ومن الجدير بالذكر أن بيرو دا كوفيلها كان في رحلة تجسس برية متزامنة مع اكتشاف طريق كيب روت وأبلغ عن ذلك الاكتشاف، وقد كان التواجد المنتظم للأساطيل في مضيق باب المنذب (بوابة البحر الأحمر) والضرائب الباهظة في موانئ السفن القادمة من هناك أو التي ذهبت إلى هناك أفضل جهد ممكن في محاولة توجيه تلك التجارة نحو الخليج.

سعى أفونسو دي ألبوكيرك (1453-1515) حتى بداية مهمته الطويلة والأخيرة في المحيط الهندي إلى ترسيخ الهيمنة البرتغالية في البحر الأحمر والخليج وذلك من خلال اتباعه استراتيجية وضعتها الدولة في مدينة لشبونة، وكان من بين الإجراءات المختلفة التي اتبعها دي ألبوكيرك في هذا الصدد أنه وفي سبتمبر 1507 استولى على هرمز لكنه اضطر للتخلي عنها في شهر أبريل اللاحق، ثم عاد فقط في نهاية حياته وفترة ولايته كحاكم للهند البرتغالية (1509-1515) لتأسيس سلطته عليها، ولم تكن تلك السلطة مطلقة لأن الحكم هناك ظل تحت سيادة الملك البرتغالي، وبموجب هذه الحماية قامت المؤسسة الحاكمة البرتغالية في هرمز- مدعومة ببعض الموانئ الأخرى الواقعة في منطقة الخليج- بتتويج تلك الاستراتيجية التي اتبعها ألبوكيرك وذلك بغزو النقاط الحاسمة التي تمر بها تجارة المحيط الهندي والتي كانت نهايتها المقابلة هي ملقا (مالايا ، 111) وكانت جوا (الهند ، 1510) مركزًا لها.

وفي عام 1622 و في ذروة اتحاد التاجين البرتغالي والإسباني قام تحالف بين عباس الأول ملك بلاد فارس وشركة الهند الشرقية البريطانية ووضع حدًا لتلك الحماية، فجانبا الدور الذي لعبته هرمز كساحة برتغالية للعلاقات الدبلوماسية المتعمقة للغاية مع بلاد فارس فقد شكلت هرمز- حتى ذلك الحين وإلى حد بعيد- المركز الأكثر ربحية في الإمبراطورية بأكملها حتى في ظل تراجع أرصدها رسموها الجمركية في العقود الأخيرة (95% من 1605 إلى 1618)، وقد نجم هذا الانخفاض في الربحية نتيجة التهريب والفساد ولم يكن نتيجة لانخفاض التجارة، إلا أنه بنهاية الحكم البرتغالي تلاشت الأهمية التجارية لهرمز حين نقل الملك الفارسي وظائفها التجارية إلى بندر عباس (أو كوماروا كما كان يعرفها البرتغاليون) في البر الرئيسي وبالتأكيد كان ذلك بتأثير من الإنجليز الذين أسسوا مركزًا تجاريًا لهم هناك وقد أدى هذا إلى تجرد وتلاشي هرمز التي تعد اليوم نواة حضرية سلمية فلا نجد فيها سوى أنقاض القلعة البرتغالية وهي تستحضر ذلك الماضي.

علاوة على وصف الرحالة والمسافرين- كما أشرنا- لهرمز في كتاباتهم وتدويناتهم فقد كان لهرمز أيضًا نصيبها الكبير من الوثائق التي تناولت الموضوعات الأكثر تنوعًا حول الوجود البرتغالي ناهيك عن الروايات التي تناولت فترات معينة من تاريخها مثل تلك التي أدرجها جاسبار كوريا في مجموعته لينداس دا أونديا أو أساطير الهند والتي كُتبت بعد ذلك بعقود، ولهرمز أيضًا نصيبًا من المواد ذات الصلة بمجال رسم الخرائط ورسم الأيقونات والتي تستدعي تناولًا خاصًا وذلك لتنوع كل من التقنيات التي استخدمت في صنعها والدوافع وراء صنعها ففي بعض الحالات كانت تلك الأعمال مبنية على تجارب ثانوية لم يزر أصحابها تلك الأماكن بالفعل، ويتضمن هذا

23. خريطة آسيا

الرسم البياني العام لجميع طرق الملاحة لجواو تيكسيرا ألبيرناز

البرتغال - ١٦٣٠

قلم وحر وأوان مائية على ورق

مكتبة الكونجرس (واشنطن العاصمة) ، قسم الجغرافيا والخرائط ،

العاصمة، USA dcu 4650-20540

كان جواو تيكسيرا أو جواو تيكسيرا ألبيرناز الأول - حتى يمكننا التفريق بينه وبين حفيده رسام الخرائط الذي يحمل نفس اسمه - أهم وأشهر رسام خرائط برتغالي في القرن السابع عشر، وهو ابن رسام الخرائط لويس تيكسيرا وقد وُلد في مدينة لشبونة ربما في بداية الربع الأخير من القرن السادس عشر، ينحدر جواو تيكسيرا ألبيرناز الأول من عائلة تعمل في مجال رسم الخرائط ومنهم من ذاع صيته بالفعل في الفترة بين منتصف القرن السادس عشر ونهاية القرن السابع عشر.

في 29 أكتوبر 1602 حصل جواو تيكسيرا ألبيرناز الأول على شهادته في علم أوصاف الكون ورسم الدنيا (الكوزموجرافيا) بموجب ميثاق مكنه من وضع «مخططات للملاحة البحرية والإسطرلابات والمؤشرات والعصي المتقاطعة»، وفي 21 يناير 1605 عُين جواو تيكسيرا ألبيرناز الأول رسام خرائط في مستودع غينيا والهند في لشبونة.

تتضمن قائمة أعماله المئات من الخرائط ومنها ما يلي: أطالس البرازيل وأطالس الشرق والأطالس العالمية وخريطة البرتغال والخرائط المتنوعة والمتعددة.

وقد رسم جواو تيكسيرا ألبيرناز الأول أطالس عالمية منها ستة أطالس مرسومة في الفترات الزمنية التالية: حوالي 1628 و1630 وحوالي 1632 وحوالي 1630 إلى 1640 وحوالي 1640 و 1643.

ويعود تاريخ الأطالس القابع أمامنا والمعنون «الرسم البياني العام لجميع طرق الملاحة» إلى عام 1630 ويتضمن 37 ورقة تحتوي على 31 خريطة، وتُعد تلك المجموعة هي الأكبر لراسمها وواضعها جواو تيكسيرا ألبيرناز الأول وهي اليوم محفوظة في مكتبة الكونجرس بواشنطن العاصمة.

كما تحتوي المجموعة أيضًا على رسم بياني للكرة الأرضية ومخططات لأجزاء مختلفة من الأرض، كما يصور بعضها مخططات عدة مدن وحصون في «ولاية الهند» كما كانت تعرف آنذاك بالإضافة إلى مخططات لمناطق أخرى من بينها المخطط الثالث عشر والذي يتوافق مع منطقتي مسقط وجزيرة هرمز في الخليج.

كما يُظهر الرسم البياني الثاني عشر آسيا بأكملها متضمنًا مخططًا للخليج وفقًا للرسوم المتعارف عليها في النماذج البرتغالية في القرن السادس عشر.

[خوسيه مانويل جارسيا]

يُعد فيرناو فاز دورادو أحد أهم رسامي الخرائط البرتغاليين الذين عاشوا في القرن السادس عشر، وعلى عكس معظم الرسامين/المؤلفين الآخرين المذكورين في هذا الكتلوج فقد وُلد دورادو في الهند وقضى شطرًا كبيرًا من حياته هناك ثم جاء إلى البرتغال لدراسة علم الكونيات وفن رسم الخرائط وعند عودته إلى جوا رسم فيرناو فاز دورادو بعضًا من أجمل الأطالس التي ظهرت في عصره، وكما هو ملاحظ فقد استخدم فيرناو فاز دورادو نموذجًا أوليًا جديدًا للخليج والذي كان مختلفًا عن ذلك الذي كان ما يزال يعاد إنتاجه في أوروبا، وكان هذا هو الشكل الذي قدمه لازارو لوييس- على الأرجح في جوا أيضًا- قبل بضع سنوات.

[زولتان بيدرمان]

22. الخليج وغرب المحيط الهندي

أطلس فيرناو فاز دورادو

جوا (الهند) - 1571

بارشمن

مقاس: 75.5 × 54 سم

الأرشيف الوطني توري دو توميو ، مجموعة الخرائط ، رقم 165

بعد سنوات من السرية التامة وفي عام 1519 منح الملك البرتغالي دوم مانويل الأول أطلساً لأحد الشخصيات الأجنبية المهمة- وهي في الغالب زوجته الثالثة الأميرة الإسبانية ليونور أو البابا ليون العاشر- ولكن بالطبع لم يكن من الممكن استخدام هذه الخريطة أثناء الرحلات البحرية لأن معظم العناصر المصورة فيها كانت عناصر مجردة ورمزية لا توضح شيئاً إلا مدى ونوعية «الاكتشافات» البرتغالية في الشرق بدلاً من توضيح الموقع الدقيق للتفاصيل الجغرافية الواردة فيها، ومن المرجح أن مانويل قد اعتقد أن «عصر المسيح» قادم كنتيجة حتمية لـ «الاكتشاف الكامل» للكرة الأرضية وقد حفزه ذلك على طلب رسم العديد من العناصر الجميلة والتي رسمها بالفعل الرسام أنطونيو دي هولاندا حتى في تلك المناطق القارية المتبقية والتي لم ينزل بها البرتغاليون قط كما لو أنه أراد لبعض الأماكن أن تبقى مستترة وغير مكتشفة! وقد يفسر هذا سبب وجود العديد من الأنهار والأسماء لأماكن في مناطق لا تكاد تكون أكثر من صحارى، لكن يبدو أن ثمة تقدم حقيقي قد أحرز بالفعل في هذا الصدد بين عامي 1517 و 1519؛ حيث نلاحظ وجود عدد من أسماء الجزر الصحيحة إضافةً إلى التصوير الصحيح لأحد روافد نهر الفرات الجانبية والتي ربما تكون قد صُورت نتيجة لبعثة عام 1517 والتي اتجهت إلى البصرة (تلك المدينة التي لا تظهر في الأساس على الخريطة)

21. خريطة المحيط الهندي
أطلس ميلر بقلم بيدرو رينيل وغورخي رينيل وأنطونيو دي هولاندا
البرتغال - ١٥١٩
بارشمن
مقاس: 59 × 40.5 سم
مكتبة فرنسا الوطنية (باريس) ، قسم الخرائط والمخططات ، GE ،
(DD-683 (3 RES

[زولتان بيدرمان]

في الهند وبنهاية عام 1515 أنهى فرانسيسكو رودريغيز كتابه الذي سيرسله إلى البرتغال في أوائل العام التالي، والكتاب المحفوظ اليوم في مكتبة الجمعية الوطنية الفرنسية بباريس (كورتيزو 1944، 1978؛ جارسيا 2008) يتضمن أطلسًا قيمًا يحتوي على ستة وعشرين رسمًا بيانيًا لكل منها قيمة ومكانة جغرافية وتاريخية لا مثيل لها؛ فتلك الرسومات البيانية تصور الأرض من البرازيل إلى الصين كما أن دقة ذلك الأطلس قد فاقت غيره من الأطالس بل يمكننا القول بأنه أول أطلس حديث شهده العالم.

كان فرانسيسكو رودريغيز ملاحًا برتغاليًا ورسام خرائط وقد نُفذت أعماله المعروفة لرسم الخرائط في آسيا في الفترة بين 1511 و 1515 وتقدم أعماله تلك تصورًا مفصلاً ومُحدثًا للكوكب؛ حيث رُسمت خرائط رودريغيز بناءً على الملاحظات التجريبية التي استقاها البرتغاليون عبر رحلاتهم حول العالم، علاوة على ذلك فإن رودريغيز قد صمم بعض أمطاط رسم الخرائط الموضحة في الأطلس وتوضح براعة هذا الفني البرتغالي على أرض الواقع من خلال كيفية تتبع هذه الخرائط؛ فقد سعى رودريغيز وهو يضع أطلسه هذا إلى فهم جغرافيا المناطق التي بدأ الأوروبيون في التعرف عليها.

علاوة على ذلك فإن حقيقة أن الجزء الأكثر أصالة من أطلس فرانسيسكو رودريغيز قد خرج إلى النور وعلى وجه التحديد خلال الفترة التي كان فيها البرتغاليون منغمسون في استكشاف الساحل الشرقي يضيفي على الأطلس جاذبية استثنائية وقيمة أكثر استثناءً.

إن ما خلفه فرانسيسكو رودريغيز وراءه من إرث معرفي لا تقتصر آثاره على الثقافة الغربية فحسب بل تمتد تلك الآثار لتطول الشرق؛ فهي تلقي الضوء على الصور الخرائطية الأقدم والدقيقة نسبيًا لأراضي آسيوية معينة لم تُذكر في مصادر أخرى.

كان رودريغيز يعيش في مدينة ملقا عام 1511 عندما غزاها أفونسو دي ألبوكيرك والذي انضم إليه رودريغيز في سفره إلى الهند، وفي عام 1512 وصلا إلى البحر الأحمر ثم عادا إلى الهند في 4 أغسطس 1513، وعلى الرغم من أن سجل الرحلات التالي له يعود إلى عام 1519 إلا أنه يمكننا القول بأنه وفي عام 1514 ربما يكون رودريغيز قد شارك في مهمة تحت إمرة بييرو دي ألبوكيرك تلبيةً لأوامر أفونسو دي ألبوكيرك (عمه) بالذهاب إلى سقطرى وعدن ومن ثمَّ إلى جزيرة هرمز حيث وصل إلى الجزيرة الأخيرة في مايو 1514، ولمدة الشهر ومن بعد 7 يونيو استكشف القبطان جزءًا من الخليج ووصل إلى البحرين لأول مرة ثم عاد الأسطول الذي كان تحت إمرة بييرو دي ألبوكيرك بعد ذلك إلى جوا في 28 سبتمبر 1514.

وقد بنينا اعتقادنا السابق باحتمالية مشاركة فرانسيسكو رودريغيز في تلك المهمة على الرسم البياني الوارد في الورقة التي تحمل الرقم 28 من الأطلس والتي تتضمن رسمًا بيانيًا يمثل جزءًا من الساحل الآسيوي المقابل لمنطقة شاسعة تم تتبعها بدقة والتي تمتد من جنوب شرق شبه الجزيرة العربية إلى سيلان؛ أي الساحل الهندي بأكمله، وتُصوّر الخريطة لأول مرة جزيرة البحرين وجزءًا من الخليج بشكل أكثر دقة مما كانت عليه في الرسوم البيانية السابقة، ويمكن أن يكون هذا مجرد رسم مؤلفها لها بشخصه خاصة وأن العديد من خبراء المنطقة لم يكونوا مؤهلين بالمهارات الكافية للقيام بذلك.

وهناك أيضًا رسمًا بيانيًا أقدم يعود إلى عام 1510 يصور المحيط الهندي ويُنسب إلى بيدرو رينيل، وعلى الرغم من أن هذا الرسم أقل دقةً من خريطة رودريغيز فإنه لا يزال يصور الخليج بدقة أكبر من تلك الرسوم البيانية التي نُشرت حتى تلك المرحلة اعتمادًا على مبادئ رسم الخرائط البطلمية القديمة التي اعتمدت عليها أوروبا وتشبعت بها، وقد استند هذا الرسم إلى المعلومات التي قدمها البرتغاليون بعد أفونسو دي ألبوكيرك عن جزيرة هرمز في عام 1507.

تتضمن خريطة فرانسيسكو رودريغيز سلسلة من أسماء الأماكن لمنطقة الخليج والمسجلة على النحو التالي: كوكيسوم (قشم)؛ بارا = لارا (لاراك)؛ أرموز (أورموز)؛ دي ماكسيم (رأس مسندم)؛ كابو دي راسيلغيت (رأس الحد)؛ إلهها دي بهارم (البحرين) «حيث يولد اللؤلؤ».

[خوسيه مانويل جارسيا]

20. خريطة المحيط الهندي - من ساحل جنوب شرق الجزيرة العربية إلى سيلان
فرانسيسكو رودريغيز - كتاب فرانسيسكو رودريغيز
الهند (؟) - 1515
ألوان مائية وحبر على ورق
مقاس: 26.3 × 37.7 سم
مكتبة الجمعية الوطنية الفرنسية (باريس)، مخطوطة E ، 1248
19 D / ، الصحيفة . 28

19. خريطة كانتينو

لشبونة (البرتغال) - حوالي 1502

برشمان

مقاس: 105 × 220 سم

مكتبة جامعة إستينس (مودينا)

تُعد هذه الخريطة مجهولة المصدر والمرسومة في مدينة لشبونة في عام 1502 واحدة من أهم الخرائط في تاريخ رسم الخرائط في العالم، وقد وردت قصة تلك الخريطة في العديد من المغامرات ووفقًا لما وردنا من أخبار فقد أرسل إركول- دوق إستي في إيطاليا- وكيله ألبرتو كانتينو ليكون جاسوسه في مدينة لشبونة وذلك لمعرفة آخر الأخبار حول الاكتشافات البرتغالية في المحيط الأطلسي وفي آسيا وكان يُزعم أن المخططات الملاحية الجديدة تقع تحت يد التاج البرتغالي سرًا لذلك دفع كانتينو مبلغًا من المال لأحد العاملين في ورشة رسم الخرائط الرسمية في القصر الملكي لكي يمدّه بمخطط من أفضل المخططات المتاحة لديه والذي يُعرف باسم المخطط الرئيسي أو بادراو، وفي الواقع قد تبدو قصة كانتينو أكثر واقعية؛ حيث إنه من المحتمل أن يكون بالفعل قد اشترى نسخة مخصصة لشخص لا يتبع البلاط الملكي، و على الرغم من أن كانتينو قد دفع ثمنًا باهظًا مقابل الخريطة (12 دينارًا أفرنطيًا) فإنها تضمنت العديد من الأخطاء، وبالتمعن في الخريطة وفي الرسوم التوضيحية الزخرفية التي تعلوها يمكننا ملاحظة أن واضعها قد أمضى وقته هو يحاول جعل الخريطة جذابة للعين أكثر بدلًا من مجرد التركيز على التفاصيل الجغرافية الدقيقة الواردة فيها، وقد أثبتت خريطة كانتينو أنها ذات قيمة كبيرة وهي واحدة من أقدم خريطين باقيتين تظهر فيها جميع القارات الأربعة المعروفة آنذاك في أوروبا، وحسبما هو وارد في الخريطة وفي الاتجاه الغربي منها نجد الأمريكتين وقد بدأتا في التشكل على الرغم من عدم الاعتراف بهما بعد على أنهما كتل قارية، أما في المنتصف فتظهر لنا كل من أفريقيا وأوروبا بدقة متناهية ويمكننا أن نعزو تلك الدقة في ذلك الوقت إلى إدخال البوصلة إلى أوروبا من شرق آسيا في القرن الثاني عشر؛ فبمساعدة البوصلة أصبح من الممكن للبحارة تحديد اتجاه سفرهم الدقيق اقترانًا مع قياسات المسافة (المحسوبة من خلال دمج البيانات ذات الصلة بالسرعة والوقت) وقد كانت هذه المعلومات كافية لرسم مخططات ملاحية دقيقة وموثوقة للبحار الصغيرة مثل البحر الأبيض المتوسط وقد عُرفت الخرائط التي وُضعت على هذا النحو باسم «خرائط بورتولان»، وفي المحيط الأطلسي الأكبر حيث اضطرت محامل البوصلة بسبب التباين المغناطيسي تمت الاستعانة بطرق أخرى لتحديد خط العرض بشكل فلكي ولتقدير خط الطول من خلال الحسابات المعقدة، وكما هو الحال في البحر الأبيض المتوسط فقد ركز صانعو الخرائط ورساموها على السواحل البحرية فقاموا بإدراج أكبر عدد ممكن من الموانئ ومصبات الأنهار مع ترك المناطق الداخلية للكتل الأرضية فارغة غالبًا على الرغم من أن الكثير من المعلومات عن العديد من هذه المناطق كان معروفًا بالفعل.

وبالحديث عن قارة آسيا فإن المعلومات المتاحة عنها في مدينة لشبونة كانت تتسم بالحدودية إلا أن البرتغاليين قد زاروا ودونوا ملاحظاتهم عن الكثير من السواحل الطويلة الممتدة عبر شرق إفريقيا وبعض سواحل غرب الهند وفي كلتا المنطقتين دخل البرتغاليون الموانئ ذات الروابط التاريخية الطويلة مع شبه الجزيرة العربية والخليج وبلاد فارس لكنهم لم يجدوا من المعلومات ما يُعد جديدًا بشأن منطقة الخليج لذا فقد اختار القائم على رسم الخريطة اتباع النموذج البطلمي القديم والذي يُظهر الخليج في شكل جسم مائي مستطيل تقريبًا كما فعل هنريكوس مارتيلوس جيرمانوس وآخرون غيره، ومن الجدير بالذكر أن هناك أكثر من ثلاثين اسمًا جغرافيًا مصطلًا على جميع أنحاء الخليج على الخريطة ولكن أي محاولة لتحديد تلك الأسماء أو لمضاهاتها بأي أسماء حديثة يكاد يكون أمرًا مستحيلًا إلا أنه يمكن التعرف على جزيرة تقع عند مدخل الخليج وتُسمى «قرمز» على أنها جزيرة هرمز، لقد نُمى إلى علم البرتغاليين خبر هذا المركز التجاري الثري والواقع في شرق إفريقيا أو جنوب الهند والذي كان معروفًا بالفعل في أوروبا في أواخر العصور الوسطى وتذكر خريطة كانتينو الخيول واللازل على أنها من بين السلع التي قيل إنها متوفرة في جزيرة هرمز فكانت تأتي الخيول من شبه الجزيرة العربية وبلاد فارس في هذا الوقت وكانت ذات قيمة عالية في الهند لاستخدامها في الأغراض العسكرية أما اللؤلؤ فقد جاء من مصايد اللؤلؤ الشهيرة في المياه الجنوبية الضحلة للخليج.

كما تُعد خريطة كانتينو أيضًا مصدرًا للمعلومات السياسية حيث تشير أربعة أعلام مزروعة حول شواطئ الخليج (مرسومة في شكل نصف أقمار مذهب) إلى أن القوى السياسية التي كانت متواجدة في هذه المنطقة كانت قوى إسلامية، وقد أظهرت الخريطة أيضًا مجموعة من الأعلام التي تظهر نقاط تواجد القوى البرتغالية على طول ساحل شرق إفريقيا وفي الهند مشيرةً إلى أن البرتغاليين قد انتشروا وبدؤوا في تأطير أنشطتهم على كونها توسع للديانة المسيحية، وبحلول هذا الوقت كانت الاشتباكات متكررة بين التجار البرتغاليين والمسلمين في البحار وفي العديد من الموانئ حول بحر العرب ولم يكن العنف البحري ظاهرة جديدة في المنطقة إلا أن البرتغاليين كانوا يتمتعون بميزة واضحة بفضل سفنهم القوية عالية الأذوار والتي كانت كبيرة بما يكفي لحمل المدافع وبالتالي تدمير السفن التي تعبر البحر على طول الطرق التقليدية.

بدأ البرتغاليون يدركون ضرورة السيطرة على المضيق لوقف تدفق التوابل من جنوب شرق آسيا وسريلانكا والهند إلى دول الشرق الأوسط، وقد أظهر كانتينو هذا المنطق الجيوسياسي عبر خطوط خريطته كما عزز هذا التأثير بشكل أكبر وذلك من خلال استخدامه الألوان المتباينة مثل البرتقالي والأحمر والأزرق لتلوين مياه البحر الأحمر ومياه الخليج، وكمثل خريطة فرا ماورو التي رسمها قبل نصف قرن فإن حجم خريطة كانتينو كبير بشكل استثنائي وقد تم الاحتفاظ بها في أحد قصور مودينا حتى عام 1859 حتى اختفائها على خلفية إحدى حوادث أعمال الشغب ليتم اكتشافها مرة أخرى في محل جزارة في وقت لاحق من ذلك العام ومنذ ذلك الحين لم تنتقل الخريطة من مكانها إلا نادرًا جدًا وذلك نظرًا لقيمتها التي لا تقدر بثمن.

[زولتان بيدرمان]

18. خريطة العالم

هنريكوس مارتيلوس جرمانوس -

فلورنسا (إيطاليا) - حوالي 1490-1496

برشمان

مقاس: 30 × 47 سم

المكتبة البريطانية (لندن) ، إضافة مخطوطة 15760 ، الصحيفة

. 68v-69

كما يشير الاسم- هنريكوس مارتيلوس جرمانوس- فإن صاحبه والذي يعمل في مجال رسم الخرائط ينحدر من أصول ألمانية، وعلى الرغم من ندرة ما يملكه من معلومات عن حياة هنريكوس مارتيلوس فإننا نعلم أنه قد نشط في مدينة فلورنسا في الفترة بين عام 1480-1496 وهي السنة التي شهدت وفاته أيضًا، كانت مدينة فلورنسا تضم مجتمعًا كبيرًا من التجار الألمان في ذلك الوقت لذا فإن وجود هنريكوس مارتيلوس في المدينة لم يكن بالأمر المفاجئ، وكانت فلورنسا أيضًا مركزًا هامًا لإنتاج المعرفة في هذه الفترة حيث تبادل أهلها أحدث المعلومات الواردة من البرتغال والشرق الأوسط، وكمثل مدينة البندقية كانت مدينة فلورنسا مركزًا تجاريًا هامًا حيث كان لفتح الطرق التجارية الجديدة أثره الكبير عليها، كما اتسمت مدينة فلورنسا بالعديد من السمات الخاصة بالبيئة الفكرية وكان أهمها الاهتمام بفهم أعمال كلوديوس بطليموس المعروف باسم بطليموس وهو عالم الرياضيات والفلك والجغرافيا ورسام الخرائط من القرن الثاني والذي عمل في مدينة الإسكندرية في مصر الحديثة، وقد استعادت أعمال بطليموس التي ذاع صيتها بين علماء أوروبا عبر العصور الوسطى أهميتها مرة أخرى في القرن الخامس عشر حيث تم وضع خطط جديدة للرحلات الطويلة وفتت رغبة جديدة لوصف العالم بمصطلحات علمية، شكلت المبادئ الجغرافية التي أرساها بطليموس أمرًا لا غنى عنه لأنها اشتملت على الكثير من المعلومات حول شكل القارات وموقع مئات المدن المهمة، وعلى الرغم من الصعوبة التي كان يلاقيها داري هذا النص البطلمي حيث إن معظم أسماء الأماكن قد تغير مع مرور الزمن فقد بذل العلماء في إيطاليا وألمانيا وأماكن أخرى من أوروبا جهودًا مضيئة لتحديد أسماء الأماكن التي كان قد أوردتها بطليموس في نصوصه لكنهم غالبًا ما فشلوا في القيام بذلك، ومن الجدير بالذكر أن بطليموس كان رسام خرائط له أهميته فهو من اقترح طرقًا جديدة لإسقاط الخرائط ونظمها وهذا أمر لم يغفله التاريخ لكن وبشكل عام لم يكن للجغرافيين ورسامي الخرائط في العصور الوسطى في أوروبا أي اهتمام بمثل تلك الأمور فقد كانت جميع أعمالهم تستند إلى فكرة الشبكة الرياضية العالمية لخطوط العرض وخطوط الطول والتي أحدثت طفرة في صناعة الخرائط في أوروبا من بعد عام 1450.

تشتهر خرائط هنريكوس مارتيلوس جرمانوس والتي رُسمت في مدينة فلورنسا خلال تسعينيات القرن الخامس عشر بالطريقة التي تُظهر بها الطرف الجنوبي لقارة أفريقيا لاسيما بعد رحلة المستكشف البرتغالي بارتولوميو دياز إلى تلك المنطقة في 1487-1488، فقد أثبت دياز ولأول مرة أن باسعة قارة إفريقيا تنتهي عند رأس الرجاء الصالح وبالتالي أثبت وجود اتصال بحري بين المحيط الأطلسي والمحيط الهندي، أما بالحديث عن الخليج فقد افتقر مارتيلوس للمعلومات الجديدة عن ذلك الإقليم لذا فقد اختار اتباع أحد النموذجين المتاحين في المجموعة الأوروبية لنسخ المخطوطات الخاصة بالمبادئ الجغرافية التي أرساها بطليموس حيث يظهر الخليج فيها على شكل مستطيل شبه كامل مع وجود بعض الانتفاخات في منطقة شط العرب (كان النموذج الآخر في العصور الوسطى والذي رفضه مارتيلوس يُظهر الخليج في شكل أكثر استدارة)، كان المستطيل يقع أفقيًا في اتجاه الغرب والشرق وكان له مدخل يربطه ببحر العرب الممتد من الشمال إلى الجنوب وبذلك اختفت أجزاء كثيرة من انحناءات الخليج، وتبالغ الخريطة في رصدها لعدد وحجم الأنهار التي تصب في الخليج من الشمال والشرق ففي الواقع تُعد الممرات المائية الموجودة هناك في الغالب صغيرة ولا تنقل المياه إلا بشكل موسمي، والخريطة صحيحة من حيث افتراضها بأن الشواطئ الجنوبية والغربية للخليج تحدها الصحراء العربية ولا توجد بها أنهار مهمة على الإطلاق كما أنها تقترح أيضًا وجود بعض الجبال المهمة حول مدخل الخليج، ومن ناحية أخرى فإن الجبال الواقعة جنوب دلتا الفرات هي محض خيال، أما بالنسبة لأسماء الأماكن المحيطة بالخليج فمن الصعب للغاية التعرف عليها ومضاهتها بأي أماكن حقيقية فقد جمعها بطليموس قبل أكثر من 1200 عام وحتى في ذلك الوقت فإنه من المحتمل أن تكون قد ارتكبت أخطاء في نسخها من اللهجات المختلفة المستخدمة في منطقة الخليج إلى الأبجدية اليونانية.

[زولتان بيدرمان]

17. خريطة العالم

هارتمان شيديل - كتاب «سفر أخبار الأيام» مع الأشكال والصور

من بداية العالم

نورمبرج (ألمانيا) - 1493

طباعة على ورق

مقاس: 62 × 42.5 سم

كلية الآداب بجامعة كويمبرا (البرتغال) ، 1-3-2 (VI)

تظهر خريطة العالم الواردة في كتاب «سفر أخبار الأيام»- والمعروف أيضًا باسم «سفر أخبار نورمبرج» نسبةً للمدينة التي خرج منها- رؤية كلاسيكية للعالم في أواخر القرن الخامس عشر، كما تظهر الخريطة التي تحمل الطابع البطلمي كل من أوروبا وإفريقيا إضافةً إلى تلك الصورة التي رُسمت خلال القرون الوسطى لمخطط آسيا، ويظهر أيضًا فيها الخليج بالإضافة إلى القليل من المعلومات ذات الصلة به لكنه قد رُسم بشكل ظاهر تقابلًا مع البحر الأحمر (بالكاد يمكن رؤيته بسبب غلاف الكتاب المنثني) وشبه الجزيرة الهندية والتي رُسمت بخطوط رفيعة، وتُظهر خريطة هنريكوس مارتيلوس والتي يرجع تاريخها إلى الفترة نفسها تقريبًا معلومات أكثر حداثة فيما يتعلق بالتقدم البرتغالي عبر جنوب المحيط الأطلسي إلا أنه تجدر الإشارة هنا إلى أن القارة الأفريقية تبدو بالفعل ممتدة جنوبًا مما يكشف عن بعض المعرفة يمثل هذه الرحلات البحرية، وعلى الرغم من أن تاريخ نشر هذه الخريطة يعود إلى عام 1493 فمن المرجح أنه قد تم إعدادها في ثمانينيات القرن التاسع عشر لتكون أحد أشهر الأعمال غير المجزية في الصحافة الأوروبية، وبالتحديد عن واضعها- هارتمان شيديل (1440-1514)- فقد قسم هارتمان العالم إلى العصور المسيحية السبعة التقليدية وجمع الكثير من المعارف العلمية المتداولة في ذلك الوقت، وكما أوضح العديد من الكتاب فقد كانت مكتبته الشخصية تتألف من مئات الأعمال المطبوعة والمخطوطات مما مكنه من تدوين ملخص يمتد منذ بداية خلق الله للعالم وصولًا إلى تاريخ الممالك الأوروبية المختلفة، ولقد ساهم في نجاح كتاب هارتمان عاملان مهمان ألا وهما: شكله المطبوع والذي أصبح ممكنًا بفضل التطور التكنولوجي الذي أحدثته قبل عقود اختراعات العالم جوتنبرج في مجال الصحافة والطباعة؛ وعدد الرسومات التوضيحية المدرجة فيه حيث يضم الكتاب 1809 رسمًا إيضاحيًا مما يجعله العمل الأكثر تضمينًا للرسومات التوضيحية في تلك الفترة وواحدًا من أكثر الأعمال تعقيدًا من حيث الطباعة، وبالتحديد عن تلك الرسومات التوضيحية المطبوعة على القوالب الخشبية فقد سُكلت في ورشة مايكل وولجموت وهي أحد أشهر الورش في ذلك الوقت والتي عمل فيها الرسام الألماني الشهير ألبرت دوهير في مرحلة مبكرة من حياته المهنية وهذا يفسر بعض الأقاويل التي ترمي إلى أن بعض تلك الصور هي من صنع يديه قبل أن يذبح صيته في أوروبا بعد ذلك بضع سنوات، أما بالحدوث عن الخريطة نفسها فنود أن نلفت انتباهك إلى الرسومات التوضيحية السبعة الموجودة في الهامش الأيسر من الخريطة والتي تمثل رؤى رائعة وأسطورية لسكان أجزاء أخرى من العالم وهي المعرفة التي سيتم تغييرها نتيجة للرحلات البرتغالية البحرية، طُبع الكتاب في طبعة أولية من 1400 نسخة باللغة اللاتينية ومع تحقيقه هذا النجاح الفوري طُبع في 400 نسخة باللغة الألمانية في نفس العام، طُبعت بعض النسخ وأدرجت فيها رسومات إيضاحية ملونة للجمهور الأكثر ثراءً بينما طُبعت نسخ أخرى باللونين الأبيض والأسود فقط لكنها ما تزال عملاً مهمًا وله ثقله الثقافي، ويُعتقد أن حوالي 400 نسخة من الطبعة اللاتينية قد نجت حتى يومنا هذا بالإضافة إلى 300 نسخة من الطبعة الألمانية، ومن الجدير بالذكر أن مكتبة جامعة كويمبرا تحتضن اليوم ست نسخ من النسخة اللاتينية وإحداها ملونة.

[روجر لي دي جيسوس]

16. خريطة العالم الدائرية

فرا ماورو

البندقية (إيطاليا) - 1459

برشمان

مقاس: 195 × 195 سم

مكتبة القديس مرقس (البندقية)

رُسمت هذه الخريطة المعروفة أيضًا باللاتينية باسم Mappa mundi والقادمة إلينا من أواخر القرون الوسطى بأنامل راهب كاثوليكي كان يعمل في جزيرة مورانو بالقرب من البندقية، لقد كان النصف الثاني من القرن الخامس عشر فترة انتقالية في أوراسيا حيث قامت التجارة والاتصالات لقرون بين الغرب -وخاصة إيطاليا- وبين أجزاء مختلفة من آسيا، كما أن فتوحات جنكيز خان (1206-1227) وخلفائه قد خلقت مساحة كبيرة لقيام التجارة بسلام وأمان، ويُشار إلى هذه الفترة من التجارة الأوروبية الآسيوية باسم فترة السلام المغولي، ويعد التاجر الفينيسي ماركو بولو من أشهر الذين استفادوا من تلك الفترة فقد سافر ماركو بولو من إيطاليا إلى الصين وعاد في الفترة الواقعة بين 1271 و 1295،

كما ادعى بولو لاحقًا أنه قد زار ميناء هرمز المزدهر والواقع عند مدخل الخليج مرتين خلال رحلته التي قطعها من البحر الأبيض المتوسط إلى الصين وفي رحلة عودته عبر المحيط الهندي، سرعان ما تعطلت الروابط بين الدول التجارية الإيطالية في الغرب والأسواق الغنية في آسيا مرة أخرى فانتهدت فترة السلام المغولي وتسبب تفشي مرض الطاعون (الموت الأسود) في خلق المزيد من الاضطرابات في 1346-1353، بعد ذلك أصبح من الصعب على الأوروبيين جمع معلومات جديدة عن آسيا، وعندما غزا الأتراك العثمانيون القسطنطينية عام 1453 شعر الكثير في الغرب المسيحي بأن أوروبا قد باتت مهددة بسبب التوسع الذي كانت تشهده رقعة الإسلام وأصبحت تجارة البهارات الآسيوية وغيرها من السلع الكمالية صعبة بشكل متزايد وأدى ذلك إلى ارتفاع أسعار العديد من السلع، وفي زاوية بعيدة من أوروبا بدأ البرتغاليون في التفكير في طريقة ممكنة للتغلب على السيطرة الإسلامية والتجارة مع آسيا بشكل مباشر، وبينما كان البرتغاليين لا يزالون بعيدين عن إيجاد طريقة للتنقل عبر المحيط الأطلسي إلى المحيط الهندي فقد تم داخلهم اهتمامًا بالبحر بجغرافيا إفريقيا وآسيا، وفي هذا السياق أمر الملك البرتغالي أفونسو الخامس (الحاكم خلال الفترة من 1438 إلى 1881) بوضع خريطة في مدينة البندقية وقد طلب من واضعيها تضمين كل ما كان معروفًا عن شكل القارات وموقع المدينة والأنهار والجبال والشعوب، أرسلت نسخة واحدة من تلك الخريطة الناتجة إلى البرتغال حيث دُمرت لاحقًا، أما الأخرى فقد نجت في مدينة البندقية، لقد كان التصميم الذي وضعه فرا ماورو ذا أهمية بالغة لأنه أظهر إمكانية التنقل حول جنوب إفريقيا وبالتالي ربط البرتغال والهند عن طريق البحر، وقد استندت هذه الفكرة إلى التكهّنات ولكن ثبتت صحتها في عام 1487-1488 عندما دار الملاح البرتغالي بارتولوميو دياز بالفعل حول رأس الرجاء الصالح ودخل المحيط الهندي.

وتُظهر خريطة فرا ماورو الخليج في شكل يمتد تقريبًا دون أي انعكاس في اتجاه الجنوب والشمال (الخريطة ككل مرسومة بشكل «مقلوب» حيث يظهر اتجاه الجنوب في أعلاها)، وقد كان هذا الشكل مختلفًا عن غيره من الخرائط التقليدية المرسومة للخليج في الغرب المسيحي في القرون الوسطى بيد أنه ليس من الممكن التحقق من مصادر هذه المعلومات، ومن الممكن القول إن الخليج يشكل انعكاسًا بعيدًا لفن رسم الخرائط الإسلامي والذي كان متطورًا للغاية في ذلك الوقت على الرغم من أنه أظهر العديد من السمات الجغرافية بطريقة مجردة إلى حد ما، لقد وصف فرا ماورو جزيرة هرمز بأنها مكان حار جدًا لا تسقط فيه مياه الأمطار أبدًا لكنها موطئًا للتجار بالرغم من ذلك، وتقع الجزيرة بالقرب من مدخل الخليج الذي ما يزال يحمل اسمه القديم (الخليج العربي) وتقع فيها المدن على كلا الشاطئين، يأتي أحد التعليقات على ذكر ما يُسمى بـ «مملكة هرمز» والتي كانت في الواقع اتحادًا شاسعًا أو شبكة من الموانئ والبلدات التي كانت تربط بلاد فارس بالخليج والجزيرة العربية، وتظهر الخريطة العلاقة التي تربط بين تلك الجزيرة غير الخصبة وما يجاورها من المناطق الأكثر خصوبة في كل من كرمان وموجستان، كما تظهر تلك أيضًا شط العرب في صورة مستنقع والعديد من المستوطنات الحضرية الواقعة على طول السواحل الفارسية والعربية، إن الكثير من المعلومات الواردة في الخريطة هي معلومات تجارية وقد ورد فيها أيضًا الحالة السيئة للطرق في آسيا الداخلية، وتحمل الخريطة تعليقًا وُضع بالقرب من هرمز ليشير إلى مصادب اللؤلؤ في القطيف والتي كانت في الواقع قريبة من الشاطئ الجنوبي للخليج العربي، ويمكن التعرف على بعض المدن في شبه الجزيرة العربية مثل مدينة «كالحات» وهي قلعات في عمان الحديثة و مدينة «شير» والتي تشير إلى مدينة الشحر الواقعة في منطقة إنتاج البخور في حضرموت في اليمن الحديث وقد احتفظت المدن بأسمائها في هذه المنطقة رغم انتقال مواقعها الجغرافية، تظهر على الخريطة أيضًا بعض أسماء المواقع الجغرافية الأخرى مثل «ميسيرة» و «موشيت» على الساحل العربي للخليج لكن يصعب تحديدها، ومن الجدير بالذكر أن المعرفة الأوروبية بالمنطقة الجنوبية من الخليج في ذلك الوقت كانت تتسم بالمحدودية كما كان الوصول إلى ذلك الإقليم أمرًا شاقًا وصعبًا للغاية ولم يكن جذابًا بشكل خاص من وجهة النظر التجارية، وقد يبدو أن الخط الساحلي المتعرج والمفصل للغاية على طول كلا الشاطئين يشير إلى معرفة مفصلة بالمنطقة لكنه في الحقيقة مجرد انعكاس لأسلوب رسم الخرائط الشخصي لواضع تلك الخريطة ليس إلا.

لقد استغرق رسم تلك الخريطة التي يبلغ قطرها 2.4 متر سنوات عدة وهي واحدة من أكبر الخرائط التي تم رسمها في أوروبا خلال أواخر القرون الوسطى وأوائل العصر الحديث، وهي أكثر من مجرد خريطة بالمعنى الحديث للكلمة؛ فيصير النظر عن أسماء الأماكن التي ترد فيها فهي تحتوي على العديد من النصوص القصيرة والتعليقات التي تصف المناطق بل وتروي بعض الأحداث التي وقعت على أراضيها.

[زولتان بيدرمان]

«المروور برأس الرجاء
الصالح والإبحار
على طول الساحل
العربي»:
الصورة التخطيطية
للخليج

15. منظر لشبونة

لويس مونييه

حوالي عام 1668

طباعة على ورق

مقاس: 41 × 37 سم

مجموعة خاصة - لشبونة

في القرن السابع عشر كانت لشبونة لا تزال أكبر مدينة في شبه الجزيرة الإيبيرية وواحدة من أهم المراكز الحضرية في أوروبا وأعرقها، أبرز لويس مونييه هذه النقطة بشكل واضح للغاية من خلال الإشارة إلى أن لشبونة كانت «الأكثر شهرةً في إسبانيا» في العنوان الذي وضعه لتعريف صورة العاصمة البرتغالية التي نشرها على ثلاث ورقات منقوشة ولصقها معًا لتشكيل تركيبة واسعة بطول إجمالي 1398 ملم وارتفاع 360 ملم، وتعرض الصورة غير المعروفة حتى الآن هنا لأول مرة.

نحن أمام لوحة للشبونة بعنوان بالفرنسية: «لمحة عن مدينة لشبونة عاصمة مملكة البرتغال وأشهرها على الإطلاق»، مع الترجمة البرتغالية التي تُشير إلى أنها تتوافق مع منظر للمدينة الملكية (لشبونة) رأس مملكة البرتغال وأشهرها على الإطلاق، وقد سجّل المؤلف في الجزء الأيسر السفلي من اللوحة إشارةً إلى أنها كانت صورة رسمها ونقشها لويس مونييه، وبالتالي، فهو رسم للمدينة صَنَعَهُ الفنان بنفسه، تُظهر مقدمة هذه الصورة العديد من السفن الراسية في نهر تاجوس وفي خلفيتها منظر بانورامي واسع لمدينة لشبونة بين ألكانتارا في الغرب وسانتا أبولونيا في الشرق، هذا ويُشار إلى كلٍ من المباني والأماكن الأكثر أهمية في لشبونة في اللوحة برقم يُشير إلى التعريف المسجل في أربعة وثلاثين ترجمة موضوعة أدناه، على اليسار بالفرنسية وعلى اليمين بالبرتغالية، وتجدر الإشارة إلى أن السجلات مكتوبة باللغة البرتغالية، مما يُثبت أن هذا العمل قد إنتاجه للسوق البرتغالية.

يُمكن العثور على الإشارات القليلة المتبقية إلى لويس مونييه في كتاب إيه، إف، روبرت دومسنيل، الرسام الفرنسي، «فهرس مطبوعات رسّامي المدرسة الفرنسية»، المجلد الخامس، باريس؛ وهم إيه، ألورد، و جارييل واري، و بوشار-هوزارد، 1841، ص، 245-299، حيث عُثِرَ فيه على وصف للوحة الحالية تحت رقم 79، ص، 295-296، ولكن حتى الآن لم يكن من الممكن تحديد أي نسخة أخرى من هذا العمل غير تلك المعروضة هنا.

كان لويس مونييه فنانًا فرنسيًا غير معروف نسبيًا، على الرغم من أنه أنتج مجموعة كبيرة من الأعمال، فقد تم جمع ستة وثمانين عملاً منها، معظمها يتعلق بإسبانيا، بينما تناولت أربعة من هذه اللوحات لشبونة على وجه الخصوص، والتي تكشف أن المؤلف كان في المدينة، ربما بين عامي 1665 و 1668، قبل أو بعد إقامته في إسبانيا، وحقيقة أن الصورة غير المنشورة لقصر كورت ريال معروضة ويُشار إليها باسم «عرض ومنظور قصر شقيق ملك البرتغال أو لشبونة» قد تساهم في تاريخ هذه الأعمال.

بعيدًا عن المنظر الرائع للشبونة، فقد تَسَبَّ إيه، إف، روبرت دومسنيل أيضًا إلى لويس مونييه ثلاثة لوحات أخرى على مبانٍ مهمة في هذه المدينة، تُصور اللوحة الأولى قصر كورت ريال المذكور أعلاه و ريبيرا دا ناوس؛ وتُظهر اللوحة الثانية برج قصر ريبيرا مع قصر كورت ريال في الخلفية؛ بينما تُظهر اللوحة الثالثة قصر ريبيرا و «ميدان التجارة»، وتجدر الإشارة إلى أن اسم لويس مونييه غير مذكور في أي من هذه اللوحات الثلاثة، وأنه في اللوحتين الأولى والثالثة تظهر فقط عبارة «طباعة فان ميرل»، مما يُشير إلى أنها لويس مونييه قد طبعها ثم قام جاك فان ميرل بنشرها في باريس، وهو ما كان ليحدث بين عامي 1665 و 1668.

كانت هذه اللوحات قيد الفحص هنا في سياق الحركة المعروفة باسم «الاستعادة»، والتي بدأت عام 1640، عند تزكية الملك جون الرابع ملكًا للبرتغال، وضع الإصلاح حدًا لما يسمى بـ «المَلَكيَّة المُردَّة وَجَّة»، التي تأسست عام 1580 مع صعود عرش فيليب الثاني ملك قشتالة، خلال هذه الفترة، كان هناك فضول كبير في أوروبا حول العاصمة البرتغالية، والذي تم التعبير عنه، من بين ميزات أخرى، بنشر النقوش التي عرَّزَت صورة هذه المدينة العظيمة والجميلة التي استمرت في فرض نفسها كرئيس لمملكة مستقلة منذ عام 1128 والتي حافظت منذ القرن السادس عشر على إمبراطورية شاسعة عبر مختلف القارات.

خلال الفترة قيد النظر هنا، كان ديرك ستوب أول فنان يصور صورة شاملة للشبونة كُكْمَلُها سبع صور لبعض المباني الرئيسية في المدينة، نُشرت هذه النقوش عام 1662 بمناسبة زواج الأميرة كاتارينا دي برانسا من العاهل البريطاني تشارلز الثاني، أدت هذه اللوحات لاحقًا إلى ظهور صور أخرى للشبونة تم نسخها أو استلهاها منها، فكانت أوّل النقوش التي أعقبت الصور التي نشرها ديرك ستوب هي تلك التي أعدها لويس مونييه، كما هو مذكور أعلاه، وتجدر الإشارة إلى أن نظرة لويس مونييه العامة للشبونة أكثر شمولاً وتفصيلاً من تلك الخاصة بـ ديرك ستوب.

[خوسيه مانويل جارسيا]

14. منظر بانورامي لشبونة وكاسكاي

في كتاب «مُدن العالم»، تأليف جورج براون وفرانز هوجنبرج

كولونيا: بيتر فون براشل - 1572

طباعة على ورق

مجموعة خاصة - لشبونة

في عام 1571 ذكر فرانسيسكو دي هولاند في كتابه «بخصوص المصنع المفقود في مدينة لشبونة» إن «لشبونة تفترض أنها أعظم وأنبيل مدينة في العالم»، وفي العام الذي أعقب إشادته لشبونة بشكلٍ مثير للإعجاب، نشر جورج براون نقشاً للمدينة من المنظور الموضح هنا، يُصوِّر العاصمة البرتغالية في شكل تم تتبعه قبل فترة طويلة ويُمكن اعتباره أول صورة معروفةٍ للشبونة، في الواقع، يُشير ذلك إلى أن جورج براون قد لجأ إلى رسم ربما يرجع تاريخه إلى حوالي عام 1517، أي إبان عهد الملك مانويل الأول، أحد تفاصيل النقش الذي يدعم هذا الاستنتاج هو ظهور البرج أو «الحصن» الذي تم بناؤه بناءً على أوامر الملك لحماية قصر ريبيرا، الذي أشرف ديجو دي أرودا على بنائه بين عامي 1508 و 1511، يُظهر النقش أن البرج مكشوف - سيُضاف سقف بعد سنوات، ربما حوالي عام 1520.

تُعَدُّ لشبونة التي تظهر في هذه الصورة مدينة من العصور الوسطى لا تزال محاطة بجدران بنيت بين عامي 1373 و 1375، لكنها امتدت إلى ما وراء تلك الجدران إلى الغرب، والجنوب باتجاه نهر تاجوس، الآن، تمحورت حول «ميدان التجارة» الجديد (ساحة القصر)، الذي اكتسب اسمه من حقيقة أن قصر ريبيرا قد تم بناؤه هناك، ويمتد باتجاه النهر، ويقع تحته يقع بيت الجمارك، الذي كان المحور المركزي للعمليات المتعلقة بالتجارة بين البرتغال وآسيا وأفريقيا وأمريكا، وبجانب القصر، يوجد ريبيرا دا ناوس وهو حوض لبناء السفن يستخدم لبناء السفن التي تُبحر حول العالم عبر المحيطات، كانت روسيو -المنطقة الأكثر شهرةً في الجزء الشمالي من المدينة- مكاناً لمستشفى «جميع القديسين»، بينما تبرز «قلعة سانت جورج» والكاتدرائية في الجزء الأقدم من المدينة.

عبر فرانسيسكو دي هولاند عن تأثير الملك مانويل الأول على لشبونة بشكلٍ جيدٍ للغاية، وسلط الضوء عليه في عمله المذكور أعلاه؛ إذ قال: «إنه مع الانتصارات التي حققها في الهند، قام [الملك] بتجديدها بالكامل تقريباً»، تُوضِّح هذه الجملة إلى أي مدى قام الملك بتحسين المدينة: النقطة المركزية لقوته السياسية والاقتصادية، التي امتدت من البرازيل إلى الصين.

كانت تدخلات مانويل في العاصمة البرتغالية أمراً حيوياً، حيث جاءت كرد فعل على الضغوط الناجمة عن النمو الناشئ عن التوسع البرتغالي، والذي شجعه الملك واستمر فيه، وقد نشأت أهمية لشبونة المتزايدة في أوائل القرن السادس عشر نتيجة لتأكيد المدينة نفسها كمركز مؤثر لصنع القرار، حيث إن مركزية السلطة القوية فحسب هو الذي يُمكن أن يقود حركة توسعيةٍ طموحةٍ مثل تلك التي قادتها البرتغال آنذاك، تطلبت هذه الظروف مزيداً من التواجد المستمر من الملك للتنظيم والاستجابة للمشاكل التي نشأت نتيجةً لكل ذلك.

وفقاً لأقدم السجلات الإحصائية المتاحة لكامل سكان لشبونة، التي يعود تاريخها إلى عام 1527، فمن المعروف أن المدينة ضُمَّت حوالي 60,000 نسمة، لتصل إلى حوالي 100,000 بحلول منتصف القرن السادس عشر، لذلك كانت لشبونة واحدة من أكبر مدن أوروبا وأهمها.

يُمثل الجزء السفلي من النقش منطقة لشبونة الساحلية بين سانتوس وكاسكاي، إن «برج بيليم» و«دير جيرونيمو» -وهي الأعمال الأكثر شهرةً في لشبونة على عهد مانويل الأول- جديرة بالملاحظة بشكلٍ خاصٍ في ذلك النقش، تدمر كل مبنى آخر في لشبونة من القرن السادس عشر تقريباً خلال زلزال عام 1755، الذي دمر المدينة التي ظلت ذكرياتها البصرية حية في صور مثل تلك المعروضة هنا.

[خوسيه مانويل جارسيا]

عرف التاريخ فاسكو دا جاما بصفته قائد (قبطان) أول أسطول بحري برتغالي يصل إلى بلاد الهند وقد كان ذلك خلال الفترة 1497-1499، وغالبًا ما يُشار إلى فاسكو دا جاما ومن هم على شاكلته باسم «الملاح» في حين أنهم- على أرض الواقع- لم يكونوا من الملمين بالقضايا والمسائل البحرية إلمامًا كافيًا فتلك الأمور هي من اختصاص قائدي السفن وربابنتها، ولقد كان للقباطنة دور سياسي ودبلوماسي وعسكري وبهذه الصفة لمع نجم فاسكو دي جاما فعُين على رأس أسطول صغير يتألف من أربع سفن تمكن من الوصول إلى موانئ الهند وبالتالي فتح بحار آسيا أمام الملاحة البرتغالية، ومن الجدير بالذكر أن هذه الخطة للإبحار حول إفريقيا تعود فقط إلى الربع الأخير من القرن الخامس عشر حيث كانت عملية التوسع البرتغالي وبناء الإمبراطورية البحرية البرتغالية عملية تتسم بالارتجالية إلى حد كبير فلم تكن هناك أي خطط موضوعة ومدروسة منذ البداية، وعلى الرغم من أن التاريخ يشير دومًا إلى حادثة غزو مدينة سبته بشمال إفريقيا في عام 1415 كنقطة انطلاق لهذه العملية فإن القرار للوصول إلى الهند عن طريق البحر لم يُتخذ إلا بعد مرور عقود عديدة على هذا الغزو وبالأخص في عهد جواو الثاني (1481-1495) حين خرجت رحلة بارتولوميو دياز في عام 1487-1488 والتي نجحت في الدوران حول رأس الرجاء الصالح ودخول مياه المحيط الهندي، لكن كان على الرحلة التالية لها أن تنتظر عدة سنوات بسبب المشاكل الداخلية للمملكة حيث توفي الأمير دي أفونسو- وريث العرش- وأقيمت المفاوضات لعقد معاهدة دبلوماسية جديدة مع قشتالة (معاهدة تورديسيلاس) الناتجة عن رحلة كولومبوس عام 1492 ووصوله إلى العالم الجديد، وبعد هذه الفجوة التي استمرت حوالي عشر سنوات أبحر الأسطول بقيادة فاسكو دا جاما في 2 يوليو 1497 ووصل إلى مدينة كاليكوت على الساحل الجنوبي للهند في 21 مايو 1498.

13. بورتريه فاسكو دا جاما

جاسبار كوريا - أساطير الهند

جاوا (الهند) - حوالي 1560

حبر على ورق

مقاس: 41.6× 25.6 سم

المخطوطات الوطنية في توري دو تومبو (لشبونة) - مخطوطات

ووثائق مجهولة المنشأ - رقم 41، الصحيفة، r. 259.

لا تتضمن المصادر التاريخية الكثير عن خلفية هذا القبطان البرتغالي قبل رحلته الشهيرة فقد ولد جاما حوالي عام 1469 في مدينة سينس (جنوب البرتغال) وخدم الملوك البرتغاليين أثناء عمله في أساطيل الدفاع الساحلية، وبالحديث عن مهمة جاما التي أوكلت إليه فإنه من المعروف أن عدة عوامل قد تداخلت حتى خرجت رحلته إلى النور، وكان من بين تلك العوامل الخلافات مع اللورد المحلي- سامري- الملاحظات المأخوذة عن الثقافة المحلية وحتى الاعتقاد الخاطئ بأن السكان المحليين كانوا مسيحيين، وعطفًا على العامل الأخير فقد اشتهرت تلك اللحظة التي زار فيها الوفد البرتغالي معبدًا هندوسيًا حين أعتقدوا أنهم كانوا يزورون كنيسة مسيحية فلاحظوا أن الشخصيات الدينية كانت غريبة ومختلفة عن الشخصيات الأوروبية التي عهدوها في كنائسهم.

عاد الأسطول البحري البرتغالي إلى لشبونة في شهر أغسطس 1499 وصار فاسكو دا جاما حديث الجميع في البرتغال وعبر أوروبا كلها فذاع صيته حتى صوروه بطلًا مغوارًا، أبحر جاما إلى قارة آسيا مرتين أخرتين: الأولى في عام 1502 ليعود إلى البرتغال في العام التالي والثانية في عام 1524 حين تم تعيينه نائبًا للملك دولة الهند ثم توفي جاما في كوشين في 25 ديسمبر من نفس العام، تظهر المصادر الرابطة في ذلك الوقت أنه كان شخصية قاسية وقد اتسمت رحلته الثانية بالعنف الشديد وقد دُكر الأمر نفسه في العديد مما ورد عنه- كما اتسمت رحلته أيضًا بالعديد من الملامح التي تميزت بها كل مرحلة من مراحل بناء الإمبراطورية الاستعمارية الأوروبية، تُظهر لوحة فاسكو دا جاما المعروضة هنا الرجل في سن متقدمة إبان أيامه الأخيرة كقائد للملك والتي رسمها جاسبار كوريا وأدرجها ضمن مجموعته التاريخية المعروفة باسم أساطير الهند، لقد كانت رحلة فاسكو دا جاما الأولى علامة فارقة في تاريخ أوروبا وآسيا حيث ساهمت رحلته تلك في تحقيق الاتصال البحري مع جميع الموانئ الواقعة على الجانب الآخر من العالم الأوروبي؛ من الخليج إلى اليابان، ناهيك عن كل ما ترتب عن تلك الرحلة من آثار اقتصادية وسياسية وثقافية ألفت بظلالها على مجتمعات تلك الأقاليم المختلفة.

[روجر لي دي جيسوس]

12. الأسطول البحري تحت قيادة فاسكو دا جاما في ذكرى الأساطيل البحرية التي خرجت من البرتغال متجهة إلى الهند البرتغال حوالي 1560 م ألوان ماء وحرر على ورق مقاس: 42 × 8.5 سم أكاديمية لشبونة للعلوم - مخطوطة - أزول 588

ترصد اللوحة السفن الأربعة المكونة للأسطول البحري العظيم الذي قاده فاسكو دا جاما والذي اكتشف طريق رأس الرجاء الصالح، وقد كان هذا الأسطول هو الأسطول الأول لما عُرف باسم «كاريرا دا إنديا» أو الطريق البحري للهند وهو الاسم الذي أُطلق على الأسطول البحري المسؤول عن الإبحار السنوي بين البرتغال وقارة آسيا عبر طريق رأس الرجاء الصالح خلال القرنين السادس عشر والسابع عشر والثامن عشر، وعلى الرغم من أنه يكاد يكون متشابهًا مع الأسطول الذي قام بشق الطريق الإسبانية الأكثر شهرة كاريرا دي لاس إندياس فقد بقيت العلاقة بينهما على نطاق صغير؛ حيث لم تتألف أساطيلها من قوافل ضخمة من السفن التجارية التي يحرسها حراس مسلحون كما هو الحال مع كاريرا دي لاس إندياس ولكنها تألفت من مجموعات أصغر بكثير من سفن القرقور التي كانت تقطع معظم رحلاتها دون حماية تذكر، ومع ذلك ونظرًا لأن تجارتها كانت قائمة على السلع عالية القيمة ذات الحجم الصغير مثل التوابل فإن الأهمية الاقتصادية للكاريرا دا إنديا لا تزال عالية للغاية.

1- بعد رحلة فاسكو دا جاما في 1497-1499 أقام البرتغاليون وبسرعة اتصالًا بحريًا منتظمًا مع الهند، حيث وُضعت الأنماط الأساسية للكاريرا خلال العقود التكوينية الأولى من القرن السادس عشر وكان هناك أسطولًا سنويًا واحدًا فقط يبحر إلى الهند كما أن السفن التي شكلته كانت تبحر في كثير من الأحيان في تواريخ مختلفة وكانت في بعض الأحيان مقسمة إلى أساطيل فرعية تحت إمرة قادة مختلفين، وكان من المفضل أن يبحر هذا الأسطول من لشبونة في شهر مارس من كل عام إلا أن الإبحار المتأخر في شهر أبريل وحتى في شهر مايو كان أمرًا متكررًا بغض النظر عن مدى الانتقادات التي كانت تنجم نتيجة لذلك، وكانت مشكلة عمليات الإبحار المتأخر تكمن في أنها تعرض السفن لخطر الوصول إلى المحيط الهندي بعد فوات الأوان دون الاستفادة من الرياح الموسمية الجنوبية الغربية مما كان يجبرها على قضاء أشهر الشتاء في جزيرة موزمبيق وهي المحطة المنتظمة الوحيدة في الرحلة الخارجية، وفي حال إذا ما سارت الأمور بشكل سلس فقد كانت السفن تميل إلى الوصول في حوالي شهر سبتمبر فتصل إما إلى جوا أو كوشين الواقعتان على الساحل الغربي للهند، وفي القرن السابع عشر توقفت السفن الشراعية التابعة للشركات البرتغالية عن الرسو في كوشين واعتبارًا من ذلك التاريخ فصاعدًا اقتصر أسطول الطريق البحري الهندي رحلته على طرق لشبونة-جوا وجوا-لشبونة، وبعد أن يستقر لبضعة أشهر في الشرق يبدأ الأسطول في شق طريق العودة والذي يكون غالبًا في صحبة السفن التي تبحر في تواريخ منفصلة كما هو الحال في الرحلة الخارجية، وقد كانت الأشهر المفضلة لبدء رحلة العودة إلى الديار هي خلال شهري ديسمبر ويناير لكن- ولمرة أخرى- كانت المغادرة المتأخرة في شهر فبراير وحتى شهر مارس تعد أمرًا بعيدًا كل البعد عن المعتاد، وخلال القرن السادس عشر كانت جزيرة سانت هيلانة الأطلسية محطة توقف منتظمة لعودة السفن الشراعية التابعة للشركات البرتغالية والتي بدأت لاحقًا في تجنب الرسو فيها حوالي عام 1600 وذلك عندما بدأ الإنجليز والهولنديون الوافدون الجدد إلى طريق كيب في استخدامها بأنفسهم، وقد كان موعد الوصول عادة في الصيف بعد رحلة استمرت دون أي تأخير لمدة تقارب العام ونصف العام بدءًا من التاريخ الأصلي للإبحار من لشبونة.

2- حسب ما وردنا فقد تمتع أسطول الطريق البحري الهندي بسمعة سيئة ويرجع ذلك بشكل رئيسي إلى الشهرة التي حازها العمل الأدبي المعنون «التاريخ البحري المأساوي» والذي كان عبارة عن مجموعة من الروايات الشيقة التي تدور حول حوادث تحطم السفن في القرن السادس عشر والتي كانت تستعين في أحداثها وبشكل حصري تقريبًا بحوادث السفن الشراعية التابعة للشركات البرتغالية، وفي الواقع كانت خسائر السفن في ذلك الأسطول أعلى بكثير- على سبيل المثال- من تلك التي كانت تتعرض لها أساطيل سفن شركة الهند الشرقية الهولندية أو ما يُعرف اختصارًا بـ في أو سي المارة عبر طريق كيب روت وقد كانت الأسباب وراء هذا التباين غير واضحة، وتجدر الإشارة هنا إلى أن غالبية حوادث تحطم السفن في أسطول الطريق البحري الهندي قد حدثت بالقرب من أو على الساحل الجنوبي والشرقي لأفريقيا وخاصة في المناطق الخطرة من ناتال وقناة موزمبيق وقد كانت هذه مناطق لا تحتاج السفن الهولندية عادة إلى المرور بها حيث كان يبحر معظمها من وإلى باتافيا في جاوة، وقد يكون هذا هو أحد الأسباب وراء السجل السيئ لأسطول الطريق البحري الهندي عند مقارنته بأحد أساطيل شركة الهند الشرقية الهولندية أو ما يُعرف اختصارًا بـ في أو سي لكن يجب أن نضع في اعتبارنا أيضًا أنه وفي القرن السابع عشر أثبتت السفن الهولندية مرارًا وتكرارًا تفوقها العسكري على البرتغاليين مما يجعل من المنطقي افتراض أنها أكثر أمانًا وأقل عرضة لحوادث الغرق، أما بالحديث عن خسائر السفن فلا تزال هناك بعض الحقائق والأرقام الأخرى المشيرة للاهتمام والتي تنتظر شرحها بشكل صحيح، فعلى سبيل المثال نجد أنه في حين أن الخسائر ظلت مرتفعة في معظم الأوقات فقد مر نمطها العام ببعض التغييرات المهمة كما أشار إلى ذلك كل من بوللو جينوت وإدواردو فروتوسو وأنطونيو لوبيز في النصف الأول من القرن السادس عشر حيث كانت الخسائر تتعاظم خلال رحلات الذهاب ولكن الأمر ما يلبث أن ينقلب خلال النصف الثاني من الرحلة ففي النصف الأول من القرن السابع عشر كانت الأمور أكثر تساويًا حيث ساهم كلا الجزأين من الرحلة بحصة تقريبية من إجمالي الخسائر، وقد ذهب البعض في ذلك إلى الاقتراح الرامي إلى أن الخسائر الكبيرة الواقعة في رحلة العودة إلى الوطن في النصف الثاني من القرن السادس عشر ربما كانت نتيجة للمشاكل المتكررة التي كان تتسبب فيها الحمولات الزائدة في هذه الفترة، وتجدر الإشارة هنا أيضًا إلى أن الخسائر كانت منخفضة بشكل استثنائي في عقدي الستينيات والسبعينيات من القرن الخامس عشر والأسباب وراء هذا الانخفاض القصير ما تزال غامضة ولكن يبدو أنها استمرت لفترة طويلة جدًا بحيث لا يمكن اعتبارها عرضية مما يشير إلى أنه لم يكن هناك شيء حتمي بشأن ارتفاع معدل حطام السفن المعتاد في أسطول الطريق البحري الهندي.

3- بحلول ثلاثينيات القرن السادس عشر تم تقليص عدد سفن أسطول الطريق البحري الهندي وتضاءلت حركة سفنه إلى حد كبير، وقد كان التسلسل الزمني والدوافع وراء هذا التقلص موضع نقاش وجدال؛ حيث كان يُعتقد أنه قد نتج بشكل أساسي نتيجة اندلاع أعمال القرصنة الإنجليزية وأولًا ثم الهولندية في وقت لاحق ، ومن ناحية أخرى أعتقد البعض أن السبب وراء ذلك هو بداية المنافسة الإنجليزية والهولندية على طريق كيب روت، ولكن على الأقل يمكن القول إن بداية المنافسة والتي اندلعت في حوالي عام 1600 قد سبقتها أزمة خطيرة في أسطول الطريق البحري الهندي والتي كان لها دورها المحوري في إشعال تلك المنافسة؛ فقد شهد العقد التاسع من القرن السادس عشر انخفاضًا كبيرًا في عدد السفن البرتغالية العائدة من آسيا وقد كان ما نتج عن ذلك من نقص في التوابل في السوق الأوروبية حافزًا قويًا للتجار الهولنديين والإنجليز لتجربة حظهم في طريق كيب روت البحري، وفي واقع الأمر كانت جزر الهند البرتغالية تعاني من آثار موجة القرصنة التي أطلقتها الحرب الأنجلو-إسبانية 1585-1604 لكن ذلك لا ينفي حقيقة أن القرصنة الإنجليزية كانوا مسؤولين فقط عن جزء صغير من الخسائر الكبيرة التي حدثت في عام 1590.

[أندريه مورتيلا]

كانت أولى السفن التي شق بها البرتغاليون عباب المحيط الهندي هي السفن الشراعية التجارية المجهزة للمهام الحربية والتي كانت تحمل اسم «ناووس» وهو اسم عام وغير محدد للسفن ذات الصواري الثلاث أو الأربع المستديرة والتي اشتملت على العديد من الأنواع الفرعية وكانت ذات نطاق واسع جدًا من الأحجام) بالإضافة إلى سفن الكارافيل الشراعية والتي لا تختلف عن نظيراتها المستخدمة في التجارة أو أساطيل الصيد، وقد كان هذا التنوع بغض النظر عن ملكية تلك السفن سواءً للأفراد أو للعائلات المالكة ووجودها جنبًا إلى جنب مع الأسطول التجاري الضخم الموجود هو ما قد سمح للدولة البرتغالية بتنظيم أسطولها البحري العظيم الذي تأسست به الإمبراطورية البرتغالية الشاسعة في الشرق، ولأسباب جلية فقد تم الاحتفاظ بهذه السمة التجارية في السفن التي بنيت للإبحار في رحلاتها القاطعة لطريق كيب روت ذهابًا وإيابًا (كاريرا دا إنديا) فكانت السفن تحمل على متنها المواد والبضائع والركاب ذهابًا وإيابًا، في البداية كان عدد السفن في كل أسطول وحمولتها متغير إلى حد ما ولكن بدءًا من عام 1525 فصاعدًا استقر العدد عند أربعة إلى ستة سفن وكان يفضل أن تكون ذات خمسة أشعة، وقد تطلب هذا التخفيض في العدد زيادة في حجم السفن وبحلول منتصف القرن تراوحت الحمولة بالفعل بين 500 و 800 طن (قياس الطابقيين السفليين فقط) ثم زادت باطراد في العقود التالية فكانت المحصلة النهائية عبارة عن سفن تجارية ضخمة جدًا وقد تم تصويرها من أربعة طوابق في كتاب Livro de Traças de Carpintaria الصادر عام 1616 لكتابه مانويل فرنانديز، وكانت تلك السفن تتمتع بسعة شحن كبيرة ولكنها كانت سيئة السمعة لأذاتها البحرية المتوسط وسجلها المروع من الخسائر، ومع ذلك فقد كانت هذه السفن مسلحة بشكل جيد ومن المفارقات أنها كانت صعبة للغاية في القتال حيث كانت قادرة على الدفاع عن نفسها ضد جميع الهجمات باستثناء الهجمات الأكثر تصميمًا والتي تتطلب في كثير من الأحيان جهودًا مشتركة من الأسطول ونهجًا للتغلب على هجوم واحد منهم فقط.

11. كتاب Livro de traças de carpintaria

مانويل فرنانديز

البرتغال 1616

مخطوطة على ورق

مقاس: 113 × 47.5 سم

مكتبة أجودا (شبونة) - 52 - 14 - 21

وبالحديث عن القوات البحرية فقد نشر البرتغاليون أسطولهم الدائم في المحيط الهندي (ومقره كوتشي - ولاية كيرالا) في عام 1502 أي بعد فترة وجيزة من رحلة دا جاما الرائدة والتي سبقت قيام الهند البرتغالية- الكيان السياسي الذي شمل النطاقات والمصالح البرتغالية والقوات العسكرية والبحرية الواقعة شرق رأس الرجاء الصالح وإدارتها المحلية في عام 1505، وقد شكل هذا بداية الأسطول الهندي (أو أسطول الحرس الهندي) وهو قوة مستقلة قوية ومجهزة جيدًا لم تُق في عددها الأسطول البرتغالي الأطلسي بهامش كبير فحسب بل تخطت أيضًا معظم الأساطيل الأوروبية.

أما بالحديث عن الناحية القتالية فلم يكن هناك ما يشوب ذلك الجانب وذلك بسبب العداء المتبادل بين البرتغاليين والعديد من القوى البحرية الآسيوية وما نتج عن ذلك من حروب ونزاعات بحرية لا نهاية لها حيث تداخلت بعض تلك النزاعات المشار إليها لتشمل المياه المتنازع عليها والمنتشرة عبر جزء كبير من سطح الكرة الأرضية تمتد من جنوب شرق آسيا إلى البحر الأحمر بما في ذلك الحرب مع سلطنة المماليك (بدأت العمليات في عام 1508) ومن ثمَّ مع الإمبراطورية العثمانية بعد انتصار الأخيرة على المماليك في عام 1517 مما كان له تأثيرًا كبيرًا على التفكير البحري البرتغالي والخيارات الرئيسية فيما يتعلق بالحرب البحرية، وقد كان من ضمن أشكال التأثير التي طرأت على التفكير البحري البرتغالي التغيير المحوري للحرب البحرية في المحيط الهندي نحو صراع ساحلي أو حتى نهري حيث أصبحت السفن الصغيرة إلى المتوسطة الحجم هي سيادة الموقف باعتبارها وسيلة محلية لمواجهة الهيمنة البرتغالية الساحقة في المياه المفتوحة ضد السفن الشراعية.

وبالتبعية فقد أمضى البرتغاليون العقود الثلاثة الأولى من تواجدهم في منطقة المحيط الهندي وهم منشغلون ببناء أسطول بحري متقن ليكون قادرًا على الأداء الجيد على قدم المساواة في المياه الإقليمية والمياه الدولية، وطبقًا لترتيب الزمني فقد تم توجيه الأوامر الأولى لبناء أسطول متوازن وذو مجاديف يشتمل على أكبر عدد ممكن من أنواع السفن وذلك لتغطية النطاق الكامل للأسطول سواءً كانت تلك السفن صغيرة وسريعة جدًا (مثل سفن البريجانتين وسفن الفوستا صغيرة الحجم) أو متوسطة الحجم (مثل سفن الجاليوت وسفن الفوستا الأكبر حجمًا) أو السفن الثقيلة (مثل سفن القادس) أو الأكبر حجمًا والأثقل وزنًا (مثل سفن الجالياس)، ومن الجدير بالذكر أن تلك المهمة لم تكن بالعمل الهين فقد استغرق الأمر ما يقرب من 30 عامًا لتحقيق الشكل المرجو بينما تكلف مبالغ طائلة من المال، لقد وصل البرتغاليون في أول الأمر إلى الهند في وقت كانوا قد فقدوا فيه مهاراتهم في بناء السفن المجذافة أو حُصرت فيه تلك المهارات وذلك بعد أن أصبحت سفن القوادس سفنًا عتيقة في معظم أقاليم المحيط الأطلسي التي كانت تشغل بال البرتغاليين فقد أنزلت تلك السفن إلى الدرجة الثانية- حسب الاستخدام البرتغالي- لدعم العمليات البحرية في شواطئ المغرب، بعد ذلك، لم تتمكن السفن ذات المجاديف من الإبحار في طريق كيب روت البحري ولم يكن من الممكن خلال السنوات الأولى توفير الأعداد الكبيرة المطلوبة من المجدفين، في البداية لجأ البرتغاليون للحلول المؤقتة مثل إرسال القوادس المفككة عبر طريق كيب روت البحري واستخدام السفن التي يتم الاستيلاء عليها، لكن بعد ذلك اتخذت التدابير لبناء تلك السفن في الهند حيث تم تعيين خبراء في جنوة لسد فجوة المعرفة والاستفادة من موارد بناء السفن الهائلة المتاحة محليًا بما في ذلك تعيين حراس السفن الهنود الذين نالوا الثناء وزيادة شبكة أحواض بناء السفن إلى ما بعد كوتشي والاستخدام المباشر لأنواع السفن المحلية مثل سفن كاتور (ساحل كونكان) وسفن باراو (كيرالا) وسفن الفوستا المحلية (جوجارات) بدلاً من مكافئها الأوروبية الأعلى ثمنًا مثل سفن البريجانتين والفوستا الأوروبية والتكيز في سياسات الاستيطان وتداعياتها مثل منح العائلة الحاكمة لمستوطني إقليم جوا حرية بناء سفنهم المجذافة الخاصة بهم بينما قام عدد كبير من الأسرى بما تبقى من الأعمال.

وكان الاتجاه الآخر للسياسة البحرية البرتغالية فيما يتعلق بالسفن الحربية يكمن في استبدال أسطول الإبحار الشراعي بسفن مصممة خصيصًا للحرب وهي المهمة التي بدأت في العقد الثاني من القرن السادس عشر نتيجة للإحباط الناجم عن الأداء القتالي المرتجل للسفن المستخدمة حتى ذلك الحين خاصة في معاركها ضد السفن المجذافية علاوة على المخاوف من أنها لن تحقق أداءً جيدًا ضد سفن القوادس المملوكية أو العثمانية، وقد صُممت السفن الجديدة لتشمل السفينة البرتغالية الغليون (التي يبلغ وزنها 350 طنًا والتي صورها فرنانديز في كتابه) ونظيرتها الأخف وزنًا سفينة الكارافيل الحربية البرتغالية من قبل الدولة وعلى مستوى مركزي للعمل جنبًا إلى جنب لمزج القوة النارية والقدرة على المناورة لتحقيق أقصى استفادة من الملاحمة البحرية البرتغالية التي لا مثيل لها، وقد كان نظامهم المدفعي البحري المصمم بذلك (والذي تم إنقائه من أواخر القرن الخامس عشر وما بعده) ونهج بناء السفن في ذلك الوقت يميل إلى إعطاء الأولوية للمتانة قبل كل شيء.

[خوسيه فيرجيليو بيسارا]

تم استخدام هذا الإجراء على نطاقٍ واسعٍ من قِبَل البرتغاليين وتم تطوير الأساليب والأدوات خلال القرنين السادس عشر والسابع عشر لتحديد ذلك التباين بدقة، وقد تُوجت تلك المساعي بإبتكار بوصلة - في العقد الأول من القرن السابع عشر - مصممة خصيصاً لحساب التباين باستخدام طريقة مبتكرة، وهي مراقبة اتجاه الشمس عند شروقها أو غروبها بالنسبة للنقاط الأساسية الشرقية والغربية، هذه الزاوية كانت تسمى السعة، بمقارنة السعة المغناطيسية الملحوظة مع السعة الحقيقية الموجودة في الجدول ، تم تحديد درجة التباين بدقة.

وُصفت تلك البوصلة لأول مرة بواسطة عالم الفلك الملكي البرتغالي مانويل دي فيجيريدو في كتابه «المسح البحري [الهيدروجرافيا]: اختبار الملاحين» (1614) ، ثم بواسطة بواسطة الملاح ديجو أفونسو في كتابه «خارطة الطريق الوظيفية للهند» (في العقد الثاني من القرن السابع عشر)، كان التقدم الكبير الذي قدمته هذه البوصلة هو إدخال حافة متدرجة مثبتة رأسياً على وردة البوصلة على جانبي النقطتين الرئيسيتين الشرقية والغربية، وهي المنطقة الموجودة في الأفق حيث تشرق الشمس أو تغرب.

وتعطينا مقارنة التمثيل التخطيطي لبوصلة الاتجاه على اليسار ، مع بوصلة حقيقية على اليمين فكرة عن خصائصها الفيزيائية.

تمثيل تخطيطي للبوصلة البرتغالية المحمولة وبعض مكوناتها

عند مراقبة الشمس تُرفع الآلة إلى مستوى العين وتُوجه نحو الشمس وهي تلامس الأفق، ومن خلال الثقوب الصغيرة ، يتم محاذاة الخطين الرأسين مع الشمس ويُمكن العثور على السعة المغناطيسية على الحافة الرأسية المتدرجة.

تمثيل تخطيطي لرصد اتجاه الشمس عند الغروب لقياس السعة

من خلال مقارنة السعة المغناطيسية مع السعة الحقيقية التي يُقدمها الجدول -المحسوبة كدالة لخط عرض المراقب وانحراف الشمس- يُمكننا حساب درجة تباين البوصلة،

وتجدر الإشارة إلى أن الأداة الموجودة على يمين المخطط هي واحدة من ستة عشر بوصلة برتغالية تم تحديدها حتى الآن، والموجودة في متاحف في البرتغال ودول أخرى،

[خوسيه مانويل مالهاو بيريرا]

10. البوصلة البحرية

بيدرو فيريرا

لشبونة (البرتغال) - ١٧٨٥

من الخشب والمعدن والزجاج والورق

مقاس: 18×33×33 سم

مجموعة كونتات أناديا - لشبونة

صُنِعَت هذه الأداة في لشبونة على يد بيدرو فيريرا؛ رَهِمًا هو ابن رسام الخرائط الشهير مانويل فيريرا الذي خَطَّ أربعة خرائط بحرية خلال القرن الثامن عشر، وهو أيضًا صانع أربعة من ستة عشر بوصلة برتغالية معروفة حتى الآن.

تُعَدُّ بعض الطرق لتحديد اتجاه السفينة بالنسبة إلى الأرض ضرورية، ليس فقط للإبحار بالقرب من الساحل، ولكن بشكلٍ خاصٍ للإبحار في أعالي البحار، في المحيط الهندي، تم استخدام النجوم، بشكلٍ رئيسي في المنطقة الشمالية وبعد التوسع الإسلامي، حيث نشطت حركة الملاحة بين شبه القارة الهندية والساحل الشمالي الشرقي لأفريقيا، مما يعني الإبحار بين المناطق الاستوائية في اتجاه الشرق والغرب، في الواقع، نظرًا لأنَّ منطقة الملاحة تقع بين المناطق الاستوائية، في خطوط العرض المنخفضة، كان الاتجاه الذي ترتفع فيه بعض النجوم وتغيب ثابتًا تقريبًا، لذلك استخدِمت تقنيات الملاحة العربية النجوم للتوجيه وقدَّمت البوصلة الفلكية التي استخدمها الملاحون الهنود والعرب والفارسيون والماليزيون والصينيون.

ومع ذلك، كانت الإبرة المغناطيسية معروفة في هذه الثقافات واستخدمها الصينيون بشكلٍ أساسيٍّ للعثور على الجنوب في البحر، أو في الداخل لأغراضٍ أخرى، وفي العالم الإسلامي كانت تُستخدم لإيجاد القبلة، أي اتجاه مكة، بينما في أوروبا، يُمكن العثور على أقدم إشارة إلى البوصلة المغناطيسية في بداية القرن الثاني عشر، وفي الصين في القرن الحادي عشر.

نشأ التحسين النهائي للبوصلة المغناطيسية، أي إدخال وردة البوصلة، في مدينة أمانفي في البحر الأبيض المتوسط، بعد عام 1300 بوقتٍ قصير، لقد نجا حتى يومنا هذا، مع تحسينات إضافية، بالطبع، لكن «المكونات» الرئيسية لا تزال موجودة - وقد نجحت من انتشار نظام تحديد المواقع العالمي!

في بداية التوسع البرتغالي في الخارج في منتصف القرن الخامس عشر، عندما كان البحارة البرتغاليون يستكشفون الساحل الأفريقي ويكتشفون جزر المحيط الأطلسي، تم استخدام البوصلة المغناطيسية على السفن، جنبًا إلى جنب مع الخرائط البحرية الأولى المستخدمة لتحديد المسار والحفاظ عليه للميناء الوجهة، كان هذا هو الحال أيضًا في البحر الأبيض المتوسط والساحل الأطلسي في شمال غرب أوروبا.

ومع ذلك، فإن الإبرة المغناطيسية لا تُشير دائمًا إلى الشمال الحقيقي (إذ نعرف الآن أنَّ لها انحرافًا)، كما اعترف بها الصينيون والثقافات الأوروبية والإسلامية في القرنين الثالث عشر والرابع عشر، مع بدء التوسع البرتغالي، تم اكتشاف جزر جديدة وسواحل جديدة وطرق بحرية جديدة وتم أخذ الزاوية بين الإبرة المغناطيسية والشمال الحقيقي، والتي تسمى أيضًا تباين البوصلة، في الحُساب، مما أدى إلى إدراك ضرورة ذلك لتحديد قيمتها.

اقتُرِحَت البوصلة الأولى المُصمَّمة لهذا الغرض من قِبَل جواو دي ليزباو، وهو مستكشف مشهور، في «كتاب الملاحة البحرية» (حوالي عام 1514)، إنَّ البوصلة، المصممة لرؤية النجم القطبي أو النجم الشمالي، مكَّنت المراقب من تحديد الزاوية بين الشمال الحقيقي والإبرة، كان أحد أسباب تحديد الاختلاف هو استخدام هذه الفكرة لإيجاد خط الطول، لأنَّ انحدار البوصلة يختلف بشكلٍ موحد مع خط الطول، اتضح بعد ذلك أنَّ هذه فكرة خطأ، لكن استخدام الاختلاف لإعطاء فكرة عن التقدم في خط الطول، والعثور على الأرض بعد عدة أيام في البحر عن طريق الإبحار على طول الخط الموازي لميناء الوجهة، كان أحد أفضل الوسائل لضمان إيجاد الميناء السُّراد.

ومن ثم، لاحظ البحَّارة في كثير من الأحيان ذلك الاختلاف أثناء رحلاتهم وسجلوا هذه المعلومات على خريطةٍ ملاحية، هذه المعلومات، التي تم جمعها وتسجيلها خلال العديد من الرحلات، سَتُمكِّننا بعد ذلك من رسم خرائط مكافئة لما يُسمَّى في الوقت الحاضر خطوط التباين المتساوي، أو الخطوط المتساوية، يُمكن رؤية هذه الخطوط المتساوية الافتراضية في الصورة أدناه، والتي تُمثل مسار سفينة برتغالية تُبحر من لشبونة لتدور حول رأس الرجاء الصالح.

إذا تم الاقتراب من الرأس باتباع خط عرض موازٍ من خلال مراقبة الشمس أثناء ممر الزوال، أو بعبارةٍ أخرى، التحرك أسفل خط العرض، ووُجِدَ أنَّ الاختلاف هو 10 درجات غربًا، فإنَّ السفينة، مع الاعتراف بوجود هامش الخطأ بالطبع، ستكون في الموضع المشار إليه، الذي يتوافق مع تقاطع الخط المتساوي 10 درجات غربًا والتوازي مع خط العرض.

الخطوط المتساوية خلال القرن السادس عشر وفقًا لـ «إيه، كروفو» في كتاب جواو دي كاسترو: «خط سير الرحلة من لشبونة إلى جوا»

يُعد الأسطرلاب والرباعية من الأدوات القديمة المستخدمة لقياس ارتفاع النجوم مثل نجم فوق الأفق، ولإستخدامهما في المراقبة يجب تعليقيهما حتى تظلًا عموديتان، وقد تم استخدامهما كأدوات بحرية في الرحلات البحرية البرتغالية جنبًا إلى جنب مع الساعة الرملية والبوصلة وغيرها من الأدوات التي تلت ذلك.

وكانت الرباعية من الأدوات الفلكية الأولى التي استخدمها البحارة البرتغال؛ ورغم أنهم قد اعتادوا قياس الوقت اعتمادًا على ارتفاع الشمس فمن خلالها اعتمدوا على قياس ارتفاع نجم الشمال، كما استخدموها لتحديد موقع السفينة في البحر عن طريق حساب خط العرض ، على الرغم من أن الأسطرلاب كان الأداة المفضلة لرصد الشمس، هذه الرباعية المعروضة هي نموذج تعليمي من أوائل القرن العشرين تم تصميمه لأغراض التدريس من الخشب والمعدن للمرصد الفلكي بجامعة كويمبرا، أما تلك المستخدمة في السفن البرتغالية من القرن الخامس عشر إلى القرن السادس عشر فكانت مصنوعة من الخشب فحسب، ولا يُمكن العثور على رباعيات خشبية من هذه الفترة في مجموعات المتحف لأنها لم تنج من البيئة البحرية.

يبلغ نصف قطر الرباعية 37 سم، والطرف متدرج من صفر إلى تسعين درجة على الحافة المنحنية، وتحتوي إحدى الحواف المستقيمة على مجموعتين من دبابيس نحاسية يُمكن من خلالها رؤية النجم أو «دفعه للداخل»، كما تحتوي إحدى المجموعات على ثقوب رقيقة جدًا تُستخدم لمراقبة الشمس، بينما توفر المجموعة الأخرى ثقوبًا أكبر لمراقبة النجوم أو الكواكب، ومن قمة الرأس (مركز الدائرة) ، يسمح الخط بقراءة زاوية النجمة أو ارتفاعها وفقًا لدرجة خروج الطرف.

الأسطرلاب هو نموذج محمول باليد للكون، مُودج ثنائي الأبعاد للكرة السماوية تم الحصول عليه بواسطة إسقاط مُجسّم رياضي، مستوى الإسقاط هو خط الاستواء السماوي، وللأسطرلاب استخدامات عديدة في علم الفلك ، مثل مراقبة النجوم وتحديد موقعها في السماء وقياس الوقت وأداء الممارسات الفلكية وحل المشكلات الهندسية مثل حساب عمق البئر أو ارتفاع المبنى، تم استخدام الأداة من قبل علماء الفلك القدماء وتسمى الأسطرلاب الكروي المُسطّح أو الأسطرلاب فحسب.

تم إنتاج الأسطرلاب البحري من خلال تبسيط الأسطرلاب الكروي المسطح، وقياس ارتفاع الشمس أو أي نجم آخر فوق الأفق وُستخدم جنبًا إلى جنب مع الجداول الفلكية لتحديد خط عرض الراسد، كما أنه يقيس ذروة المسافة - المسافة من الشمس إلى الذروة - والتي تشير إلى أعلى نقطة في الكرة السماوية، تم تطويره من قِبَل الملاحين البرتغاليين في المحيط الأطلسي الذين سعوا لاستكشاف الساحل الأفريقي منذ نهاية القرن الخامس عشر وما بعده.

بمرور الوقت ، لم يعد يتم تصنيع الأسطرلاب باستخدام الصفائح المعدنية ولكن من سبيكة نحاسية أكثر قوة مع فتحات في القرص لتقليل تأثيرات الرياح، ويتم تحديد درجة الصفر عموديًا على الأسطرلاب البحري البرتغالي، أي عند الذروة ، بينما يتم تحديد الدرجة تسعين عند الأفق، وهكذا يُتيح هذا الحل الحصول على قراءة مباشرة لمسافة الذروة عند الظهيرة الشمسية عندما تكون الشمس في أقصى ارتفاع لها، سهّل هذا القياس حساب خط العرض باستخدام البيانات من جدول الانحراف اليومي للشمس، بينما أبقى الأسطرلاب البحري الذي تستخدمه الجنسيات الأخرى درجة الصفر عند الأفق.

إنَّ الجداول التي تحتوي على قياس درجة الانحراف الشمسي موجودة منذ القرن الخامس عشر، وقد صاغ علماء الرياضيات البرتغاليون في عهد الملك جواو الخامس أقدم كتاب للقواعد المستخدمة لحساب خط العرض باستخدام ارتفاع الشمس، ويُدعى «فوج ميونيخ»، وهو كتاب نادر جدًا محفوظ في مكتبة ميونيخ ، ألمانيا، يستخدم الأسطرلاب البحري الذي يضع درجة الصفر عند الأفق، وبينما حافظ البحارة البرتغاليون والإسبانيون على استخدام الأسطرلاب حتى القرن الثامن عشر ، لم يعد البحارة في شمال أوروبا يعتمدون عليه من بعد عام 1675.

إنَّ أسطرلاب ينساود هو نموذج ذو قيمة تاريخية وتعليمية ، لأنه «أسطرلاب المكشوفين البرتغاليين»، يبلغ قطره 50 سم وهو من الخشب والنحاس ، صُنِعَ حوالي عام 1913 في ورش المعهد العالي التقني في لشبونة ، بتكليف من مديره ألفريدو ينساود، تم عمل نسخ تعليمية أخرى ، مثل نسخة كلية الآداب بجامعة كويمبرا، ويتكوّن من عجلة مقسمة إلى أربعة أرباع مجوّفة، المقياس محفور على وجهه الأمامي ، على طرف رُبعين متقابلين ، مؤشراً من صفر إلى تسعين درجة، يتم وضع درجات الصفر على القطر العمودي، يدور المؤشر في المركز، وهو عبارة عن صفيحتي خط الوسط، ويحتوي الجزء العلوي على ثقب يمر من خلاله الضوء، وثقب أصغر يتم من خلاله إسقاط موضع الشمس يتميّز بخط رأسي للمحاذاة الرأسية.

سمحت بساطة الأداة بإنتاج أسطرلاب كبير يجمع قياسات دقيقة ليتم أخذها على الأرض، يُشبه الأسطرلاب الذي استخدم في رحلة فاسكو دا جاما الأولى إلى الهند عندما وصل إلى الشاطئ في سانت هيلينا، تم تعليق الأسطرلاب على حامل ثلاثي الأرجل على الأرض لتحديد خط العرض ، مما منعه من التآرجح مع الحركة الدائمة للسفينة (كما وصفها أحد المؤرخين البرتغاليين الأوائل ، جواو دي باروس ، عام 1522 في كتابه «عقود من آسيا»).

أسطرلاب «كويمبرا» هو أسطرلاب كبير للبحارة البرتغاليين مماثل لأسطرلاب ينساود، وهو من النحاس (65 بالمائة من النحاس و 33 بالمائة من سبائك الزنك) بقطر 51 سم ووزن 10 كجم، لم يتم العثور على إطار يحمل توقيع الصانع، وأصله غير معروف، كان الأسطرلاب المعتاد لدى البحارة يبلغ قطره من 17 إلى 25 سم ووزنه من 2 إلى 3 كجم، وقياس ارتفاع الشمس (ذروة المسافة) ، أو «وزن الشمس» ، كما كانت الممارسة معروفة بين البحارة البرتغاليين ، تم تعليقها عند مستوى خصر المراقب ، الذي قام بتعديل المؤشر بحيث يمر الضوء من خلاله فتحتا الرؤية وتبرزان على سطح السفينة.

في المؤشر ، يبلغ قياس فتحة الرؤية العالية سنتيمترًا واحدًا وتحتوي على عدسة (محدبة ثنائية التقارب)، يوجد ثقب في وسط الدائرة حيث تُسقط موضع الشمس، في عام 1966، وضع ديفيد ووترز ، أمين متحف جرينتش في لندن ، تخطيطًا للأسطرلاب بعد عام 1675 ، بناءً على وجود العدسة، وفي عام 1675 ، أدخل عالم الفلك الملكي البريطاني جون فلامستيد (1646-1719) عدسة في ريشة أداة مطابقة لرباعية ديفيس، بحلول عام 1810 ، ظهر الأسطرلاب بالفعل في أول كتاب لمرصد كويمبرا.

[بيدرو جي، إي، كاسالرو]

7. نسخة من أداة «الأسطرلاب البحري» وأداة «الرباعية» الرباعية: المعهد العالي التقني لشبونة (البرتغال) - حوالي عام 1913 ؛

الأسطرلاب: غير معروف المنشأ - القرن العشرين؛

من الخشب والنحاس

مقاس الرباعية: 42 سم (نصف قطر)؛

مقاس الأسطرلاب: 50 سم (القطر)؛

الرباعية: المرصد الجيوفيزيائي والفلكي لجامعة كويمبرا - I-243؛

الأسطرلاب: كلية الآداب بجامعة كويمبرا

8. الأسطرلاب البحري «جامعة كويمبرا»

نهاية القرن السابع عشر حتى القرن الثامن عشر

من النحاس والزجاج

مقاس: 50,8 سم (قطر)

المرصد الجيوفيزيائي والفلكي لجامعة كويمبرا - I-002

9. الأسطرلاب الليلي

فلاندرز - حوالي 1580-1800

من النحاس

مقاس: 11,5 سم (قطر)

المرصد الجيوفيزيائي والفلكي لجامعة كويمبرا - I-194

يُعدُّ بيدرو نونيس أحد أهم الشخصيات التي لمع نجمها في الثقافة البرتغالية في القرن السادس عشر، وُلِدَ نونيس عام 1502 في مدينة قصر دوسال ودرس الطب في جامعة سالامانكا (إسبانيا) إلا أن شغفه بعلوم الفلك والرياضيات هو ما دفعه إلى أن يصبح أحد أعظم الخبراء في هذه العلوم في أوروبا في ذلك الوقت، وقد تم تعيينه مستشارًا ملكيًا لعلوم الفلك في عام 1529 كما درس في جامعة كويمبرا خلال الفترة 1540-1560 وأصبح كبير مُصممي الخرائط الفلكية الملكي عام 1547.

6. من الشَّفَق

بيدرو نونيس

لشبوثة - لويس رودريغوس 1542

طباعة على ورق

مجموعة كونتات أناديا - لشبوثة

ومن ضمن مجموعة أعماله الهائلة نجد أن المجلد الأكثر صلَّةً هو المجلد المعروف هنا تحت عنوان «مِنَ الشَّفَق» والذي نُشر في لشبوثة عام 1542 حيث نُشر باللغة اللاتينية بهدف الوصول إلى جمهور أوروبي أوسع، ومن المحتمل أن يكون قد بدأ كتابته في 1539-1540 وأكمله عام 1541، وعلى الرغم من محتواه المعقد فهو دليل على نضج فكري كبير مما يُشير إلى أنه كان نتاج لسنوات عديدة من التفكير، ويتعلق الموضوع الرئيسي للعمل بمدة ساعات الشَّفَق سعيًا لفهم تباينها من حيث الموقع وموسم السنة، وفي الكتاب ذاته يصف عالم الفلك البرتغالي أيضًا اختراعه الخاص «نونيسوس» وهي أداة مقتبسة من الإسطرلاب والتي سمحت بقياسات أكثر دقة لمواضع النجوم، ومن الجدير بالذكر أيضًا أن بيدرو نونيس قد أدرج في هذا العمل ما كتبه أبو عبد الله محمد بن معاد وهو أحد علماء قرطبة (إسبانيا) البارزين الذين عاشوا بين القرنين التاسع والعاشر - على الرغم من أنه حتى القرن العشرين، كانت تلك الكتابات تُنسب خطأً إلى ابن الحيثة (المعروف في العالم اللاتيني باسم الحسن) والذي دُكر اسمه في طبعة 1542.

وكانت هذه النسخة هي أول نسخة منشورة للكتاب وقد استندت إلى ترجمة من العربية إلى اللاتينية كانت بحوزة بيدرو نونيس وكانت من عمل جيراردو دي كرمونا- المترجم الإيطالي الشهير الذي عاش في جنوب شبه الجزيرة الإيبيرية خلال القرن الثاني عشر، ومن ثم فإنَّ العمل الذي تم تسليط الضوء عليه هنا لم يكن نتيجة التطورات العلمية في القرن السادس عشر فحسب بل كان أيضًا المعرفة المشتركة التي تراكمت عبر القرون وهي عملية كان فيها للمساهمة الإسلامية دورًا رئيسًا، لقد كان لكتاب «مِنَ الشَّفَق» تأثيرٌ كبيرٌ في أوروبا وأصبح عملاً مرجعيًا في القرون التي تلت ذلك؛ حيث أُعيد طبعه مرتين في القرن السادس عشر.

[روجر لي ديجيسوس]

«إن أفضل قياس مأخوذ من تجربة هو قياس نجم (السلبار- الظليم) و نجم السهيل فلولا السلبار والقياس المأخوذ من فيجا أو السهيل لم يكن من الممكن للملاح أن يمضي قدمًا في طرق ملاحظته»

5.الفوائد في أصول علم البحر والقواعد (حوالي 1480)

احمد بن ماجد

1926

مخطوطة على ورق

مقاس: 10 × 20 سم

مكتبة الكونجرس (واشنطن العاصمة) - رقم الطلب A46. VK551

1926 - نسخة من مخطوطات دمشق ، الصحيفة. v 31

لقد تم وضع شكلين مستقلين نسبيًا من الملاحظة الفلكية في المحيطين الأطلسي والهندي قبل نهاية القرن الخامس عشر ومن الممكن ملاحظة أوجه التشابه والاختلاف فيما بينهما عند المقارنة بين النصوص البحرية البرتغالية والعربية وذلك قبل وصول فاسكو دا جاما إلى الهند، ومن بين أوجه التشابه تلك الطريقة التي كانت يتم من خلالها حساب خط العرض استعانةً بنجم الجدي (بولاريس) والنجوم المؤشرة، أما بالحديث عن أوجه الاختلافات فيعدد عدد النجوم المستخدمة في كل ممارسة ملاحظة من بين تلك الأوجه حيث تشير نصوصًا مثل الأدلة البحرية لميونخ وإيفورا إلى عدد صغير نسبيًا بينما تأتي الأعمال العربية على ذكر ما يقرب من 150 نجمة ومجمة وغيرها من الأجرام السماوية.

وقد تغير الوضع قليلاً بوصول البرتغاليين إلى المحيط الهندي حيث بدأت معاهدات الملاحظة منذ بداية القرن السادس عشر مثل تلك الخاصة بجواو دي ليسبوا في تضمين نجوم جديدة فلم يتم تسجيلها باللاتينية - كما كان شائعًا في علم الفلك الأوروبي - ولكنها سُجلت باسمها باللغة العربية، وتعتبر النجوم السهيل والظليم واللذان ذكرهما جواو دي ليسبوا من أفضل الأمثلة على ذلك: «عند الإبحار من الجنوب يتعين على الملاح معرفة النجوم -أي السهيل والظليم - وهما الأقرب إلى القطب» والسهيل هو نجم معين في التاريخ الفلكي ويعد أول نجم من حيث الحجم يتم تجاهله من قبل أكثر مستكشفي النجوم تأثيرًا في العصور الوسطى بطليموس والصوفي، ويُعتقد أنه لم يكن بإمكان أي من الفلكيين رؤية النجم مباشرة من المكان الذي عاشا فيه لأنه كان بعيدًا جدًا عن الجنوب، ويبدو أن أول مرة ظهر فيها نجم السلبار- الظليم في كتالوج أوروبي كانت في عام 1603 في كتالوج يوهان باير المعروف باسم أورانوميتريا، ومع ذلك ووفقًا لما ورد في بعض السياقات الفلكية العملية فقد عُرف نجم الظليم منذ العصور القديمة للعرب البدو في الصحراء وملاحي المحيط الهندي حيث منحه البدو اسم المؤنث بينما يبدو أن اسم سلبار قد استُخدم في الأدب البحري حصرًا، وقد ذكر يوحنا اللشبوني الظليم (باستخدام اسم سلبار) وذلك قبل 89 عامًا من إشارة باير إليه جنبًا إلى جنب مع السهيل ربما لأنهما - كما أشار ابن ماجد - كانا أحد أفضل القياسات التي يتم أخذها من خلال التجربة.

ومن غير الواضح أين وكيف تعلم يوحنا اللشبوني والملاح بيدرو إينيس حساب خط العرض الجنوبي استعانةً بالظليم والسهيل، فرمًا لم يكونا على دراية بأعمال ابن ماجد لكن هذا لم يكن ضروريًا؛ فقد كانت تقنيات وممارسات الملاحظة التي وصفها المعلم في أبيات قصائده الشعرية ونصوصه النثرية جوهريّة في الممارسة اليومية لملاحي المحيط الهندي الذين تفاعل معهم الملاحون البرتغاليون باستمرار.

[خوان أسفيدو وإينيس بينارد دا كوستا]

4. الفوائد في أصول علم البحر والقواعد (حوالي 1480)

احمد بن ماجد

1576

مخطوطة على ورق

مقاس: 18.5 × 27.5 سم

المكتبة الوطنية الفرنسية (باريس) ، مخطوطة عربية 2292 ،

الصحيفة رقم 27 r

أحمد ابن ماجد (الاسم المختصر لاسمه الحقيقي وهو حاج الحرمين الشريفين شهاب الدين أحمد ابن ماجد ابن محمد بن عمرو بن فيصل بن دويك بن يوسف بن حسن بن حسين بن أبي معلق السعدي بن أبي ركانب النجدي) المولود في جلفار (إمارة رأس الخيمة في الوقت الراهن) في ثلاثينيات القرن الخامس عشر، ويُعرف عن ابن ماجد أنه الملاح العربي الأبرز قبل العصر الحديث إلا أن تاريخ المعرفة العربية البحرية يضرب بجذوره في القرن الرابع عشر وما تزال هناك آثار على معرفة مشابهة تعود إلى القرن الحادي عشر، وهؤلاء المعاملة (والمفرد، مُعلم) هم «أسياد» بحر العرب وهم أصحاب المعارف الثمينة التي تراكمت على مر القرون فيما يتعلق بالطرق البحرية والإشارات والمخاطر وحتى المفردات البحرية الفنية ذات الصلة بالمحيط الهندي والمشاركة عبر العديد من الثقافات.

بفضل كتابات ابن ماجد واسعة النطاق والتي جمعت حوالي ثلاثين قصيدة وكتابات نصية نثرية أصبح ابن ماجد أشهر بحار مخضرم يقتحم تلك المياه لدرجة أن البحارة المحليين في القرن التاسع عشر كانوا يشيرون إليه وكأنه أحد قديسي الملاحة البحرية.

وقد كان من بين كتاباته النصية النثرية «الفوائد في أصول علم البحر والقواعد» والذي يمكن أن يرقى ليكون بمثابة موسوعة تتضمن مهارات الملاحة العربية في فترة ما قبل العصر الحديث، ونادرًا ما نجد ذكرًا للملاحين الأوروبيين في أعمال ابن ماجد- ناهيك عن الملاحين البرتغاليين بشكل خاص- ومع ذلك فإن المقتطف التالي ينقل لنا آراء ابن ماجد حول البحر الأبيض المتوسط وتقنيات الملاحة الأوروبية والتي كانت تتناقض مع تقنيات الملاحة المطبقة في المحيط الهندي، ومن المثير للاهتمام أن الغربيين يُشار إليهم على أنهم «أهل الديار المصرية»:

لديهم البوصلة (كومباس) وخطوطها محفورة وعليها علامات تشير للأميال ومحايلها ستة عشر فقط بينما نستخدم نحن اثنين وثلاثين محمل ... ولا يمكنهم إدراك المستوى الذي أنجزناه بينما يمكننا نحن بدورنا الوصول إلى مستوى معرفتهم ويمكننا حتى الإبحار في قواربهم لأن المحيط الهندي متصل بالمحيط الأطلسي (البحر المحيط) وقد سجلنا معرفتنا به في كل من النصوص وقياسات الارتفاع النجمي (القياس)، من ناحية أخرى فهم لا يعرفون قياسات الارتفاع النجمي (الفوائد ، 1-4).

ومن المعروف أن الطرق البحرية الواقعة على شمال المحيط الهندي كانت تُستخدم منذ قديم الأزل فتعود إلى الإمبراطورية الرومانية على أقل تقدير: وهي واقعة على طول البحر الأحمر وعبر بحر العرب بما في ذلك أهم الموانئ الواقعة على طول الخليج وعلى طول ساحل الهند وجوجارات والساحل الغربي للهند بالإضافة إلى الطرق التكميلية في الجنوب الغربي باتجاه الساحل الأفريقي ومدغشقر، وهذه الطرق هي نفسها التي وصفها ابن ماجد وسليمان المهري وغيرهم من أسياد البحار الأسطوريين بعد ذلك بقرون عديدة، والسؤال الذي يجب أن يطرح نفسه هنا هو: من هم «المصريون» الذين استخف بهم ابن ماجد والذي عرف سفنهم وتقنياتهم جيدًا؟ يُقدّر تاريخ كتابة «الفوائد في أصول علم البحر والقواعد» لما بعد عام 1480 بفترة وجيزة أي قبل وصول البرتغاليين، وعلى الأرجح أن كلمة «المصريون» تشير إلى السفن المملوكية والملاحين ، وأحيانًا تلك التي حملت على متنها البحارة والتجار من البندقية بالإضافة إلى طاقمها الدولي الآخر من دول البحر الأبيض المتوسط - والأشخاص الذين أبحروا في طريق البحر الأبيض المتوسط ولم يستخدموا المحامل النجمية، وقد شكلت أقسام الأفق الاثنتان والثلاثون أساس الملاحة في المحيط الهندي والمحيط الهادئ من زمن سحيق حيث تم توظيفها من قبل البولنديين من إمبراطورية تشولا في جميع أنحاء مياه جنوب شرق آسيا وعلى طول الساحل الهندي الشرقي، كما انتشرت معرفة واستخدام المحامل النجمية فيما بعد بفضل البحارة العرب الأوائل القادمين من منطقة الخليج وشبه الجزيرة حيث قاموا بتدوين القواعد البحرية الهندية متعددة الثقافات وتركوا بصمتهم عليها، وقد كان لابن ماجد دورًا حاسمًا في عملية النقل تلك والتي لفتت انتباه الملاحين البرتغاليين في النهاية مع وصول فاسكو دا جاما والبعثات التي تلت ذلك حيث تم العثور باستمرار على آثار اللقاء والاعتراف المتبادل بين المعرفتين العربية والبرتغالية في جميع أممات الأدب البرتغالي حول الطريق البحري للهند

[خوان أسيفيدو وإينيس بينارد دا كوستا]

3.ماركو باولو - كتاب نيكولاو فينيتو. نقل الرسالة من هوو [م] جينوف من الأراضي المذكورة لشبونة ، فالنتيم فرنانديز - 1502 طباعة على ورق

مقاس: 28 × 19 سم مكتبة البرتغال الوطنية (لشبونة) - رقم مرجعي RES. 431 - 5. وكان فرنانديز المنحدر من جذور ألمانية من هواة الاستكشافات البرتغالية وكان هدفه من نشر الكتاب يكمن في «استقاء معرفة أولئك الذين يذهبون الآن إلى جزر الهند» بينما كان يرغب في تصحيح محتواه وتوسيع نطاقه لذلك فقد صاغ في الكتاب طلبًا لهؤلاء المسافرين قائلاً: «لن أرجوهم وبكل تواضع وأطلب منهم التفضل بتعديل وتصحيح ما يجدون أنه ينقصهم في الكلمات التي تشير إلى المقاطعات والممالك والمدن والجزر وأشياء أخرى كثيرة، وأيضًا في الكلمات التي تشير إلى المسافة من أرض إلى أخرى.»

لقد شكلت طبعة ماركو باولو نقطة البداية لتحفيز المعرفة المحسنة بآسيا حيث اتضح أن القارة كانت مختلفة عما تم نشره في النصوص القديمة وعلى الخرائط التي وضعها بطليموس خلال العصور الوسطى فجاءت كتابات ماركو باولو لتصف العديد من الأقاليم العربية وأقاليم بلاد فارس.

أما بالنسبة لطبعة نيكولو دي كونتي وجيرولامو دا سانتو ستيفانو فقد أشار الإيطاليان إلى الخليج فقط بشكل عابر عند ذكر سفرهما عبر مضيق جزيرة حيث ذكر دي كونتي ذلك الأمر خلال الرحلة الخارجية من دمشق (1414) ودا سانتو ستيفانو أثناء عودته من الشرق في أواخر القرن الخامس عشر.

كانت مجموعة النصوص المكتوبة حول رحلات ما وراء البحار والتي نظمها فالنتيم فرنانديز هي أول مجموعة تُطبع في البرتغال وما تزال المقدمة التي كتبها فرنانديز ذات أهمية بالغة.

[خوسيه مانويل جارسيا]

[2-1] ابن بطوطة المولود في عام 703 هـ / 1304 م في طنجة هو أحد أهم كتّاب فن الرحلات في الأدب العربي، وُلد ابن بطوطة خلال حكم السلالة المرينية في عائلة من القضاة وقد نشأ على الفقه السني المالكي، تأخذنا سطور كتابه في رحلة بدأها ابن بطوطة حين أعرب عن رغبته في أداء فريضة الحج بزيارة بلد الحرمين الشريفين والمدينة المنورة لتبدأ رحلته تلك فتأخذنا معه من موطنه (المغرب) إلى الصين ليعود إلى موطنه مرة أخرى وكذلك إلى مملكة مالي والأندلس فيمر أثناء رحلته بالعديد من المراكز الإسلامية العريقة في بلاد العراق ومصر وبلاد فارس والهند والقسطنطينية في الإمبراطورية الرومانية الشرقية.

1. رحلات ابن بطوطة (1325-1332)
ابن بطوطة
المغرب - القرن الثامن عشر
مخطوطة على ورق
مقاس: 19×25
أكاديمية لشبونة للعلوم - آزل 549/550

ويُعرف كتاب ابن بطوطة «تُحفة النُّظار في غرائب الأمصار وعجائب الأسفار» أيضًا باسم كتاب «الرحلة»، ويمكننا أن نجد من خلال النسخة المترجمة لكتاب ابن بطوطة والتي أخرجها لنا خوسيه دي سانتو أنطونيو مورا والتي تقبع بين أيدينا اليوم شاهدًا على الاستقبال الأوروبي المبكر للنص القادم من المخطوطة المصاحبة، وعلى حالتها تلك فإن المخطوطة التي نُقلت من مدينة فاس في المغرب إلى ليشبونة في إسبانيا في أواخر القرن الثامن عشر ليست سوى جزءًا من كامل كتاب «الرحلة»، وبالطبع وكما أكد مورا بنفسه فإنه وبحلول عام 1839 لم يعرف العلماء الغربيون سوى «الأجزاء التالفة» من الكتاب والتي بدأت تتسرب إلى شبه القارة الهندية على أيدي علماء مثل أولريش جاسبر سيتزن (1767-1784 م) وجوان لودفيج بوركهات (1784-1817 م)، وقد شكلت تلك الأجزاء من المخطوطة أساسًا للترجمات الأوروبية كلها وللنسخ المحررة منها حتى منتصف القرن التاسع عشر، وقد أسهم لويس فيليبي خلال مناورته السياسية الفرنسية الأورليانية الشهيرة التي قام بها والتي أدت إلى غزو الجزائر عام 1830 ومن ثمَّ استعمارها في إحضار المخطوطات التي تحتوي على النص العربي الكامل إلى أوروبا ثم نشرها، وهو نفس ما حدث مؤخرًا مع المجلد ثنائي اللغة والمكون من أربعة أجزاء والذي قام بنشره ديفيرمي سانجوينيتيني في السنوات ما بين 1853-8 م.

2. رحلات تفصيلية وممتدة للعربي الشهير أبو عبد الله المعروف باسم ابن بطوطة - ترجمه خوسيه دي سانتو أنطونيو مورا
لشبونة - أكاديمية لشبونة للعلوم - 1840-1855
طباعه على ورق

وفي أسفار ابن بطوطة نلاحظ أن الدراسة الأوروبية للكتاب قد اتخذت منهجًا راسخًا لدراسة المخطوطات في ظل وجود أكثر من 30 مخطوطة خاصة في موطن الكاتب الأصلي في بلاد المغرب (المغرب الحديث) وهذا دليل دامغ على شعبية تلك المخطوطة عبر العصور فهناك من المخطوطات ما يعود إلى الفترة من 1180 هـ / 1776 م إلى 757 هـ / 1356 م وإذا كان التأريخ الأخير صحيحًا فإننا نصدد التعامل مع نسخة معاصرة للمؤلف.

إن تاريخ تأليف وجمع كتاب «الرحلة» لا يعد صحيحًا للغاية؛ فعند عودة ابن بطوطة أمر السلطان المريني للمغرب آنذاك- السلطان أبو عنان الفارس- العلامة محمد ابن الجوزي ليتولى مهمة الجلوس والحديث إلى الرحالة نفسه وتدوين كل ما دار في رحلاته الطويلة، ومن المؤكد أن النص الذي هو بين يدينا اليوم قد خرج إلى النور على أجزاء متفرقة منها ما خرج لفظًا من ابن بطوطة ومنها ما طرأت عليه التحسينات والتغييرات والإضافات ومنها ما أعيد صياغته عن ابن الجوزي، ولقد اهتم الكثيرون من تلامذة العصر الحديث ممن اهتموا بدراسة كتاب «الرحلة» بمسألة الاقتباس أو كما يطلق عليها البعض «السرقة الفكرية»، حتى أن البعض قد ذهب إلى حد الادعاء بأن الكثير من الرحلات كان محض افتراءات وأن الأوصاف الواردة فيه مأخوذة من مصادر مكتوبة أخرى وأن ابن بطوطة لم يسلك طريقه فعليًا إلى العديد من الأماكن التي ذكرها في رحلته تلك.

وبالفعل فإن «الرحلة» عبارة عن التدوينات الحرفية لأخبار الرحالة السابقين ومنهم على وجه الخصوص الرحالة المعروف ابن جبير الأندلسي (540-614 هـ / 1145-1217 م) ومما لا شك فيه أن كلاً من ابن بطوطة وابن الجوزي قد استفادا من هذه الأخبار، ويمكننا أن نضيف هنا أن التسلسل الزمني لكتاب «الرحلة» يبدو غالبًا أمرًا غير ممكن حيث يمكننا وبساطة ملاحظة أن الوقت المستغرق في أجزاء معينة من أسفار ابن بطوطة - مثل رحلته الفريدة في بلاد البلقان - لا يتماشى مع ما هو مطلوب بالفعل للقيام بهذه الرحلة، ومع ذلك فإنه من الصحيح أيضًا القول إن كتاب «الرحلة» غالبًا ما يقتبسون مصادرهم مباشرة دون أي محاولة لإخفاء ذلك كما أنهم لا يدعون قيامهم بأي تأليف لمثل هذه المقتطفات وبالتالي فهم يواصلون اتباع منهج إعادة ترتيب الدراسات السابقة والتي كانت شائعة مع ما يبدو غالبًا كفكرة غير مألوفة عن التأليف وأصالة المؤلفات.

وبصفته من أكثر المؤلفات اتباعًا لهذا النهج في الكتابة والتدوين فإن كتاب «الرحلة» لا يقتصر على سرد ما بذله الرحالة السابقون من جهود فحسب بل نراه وقد حرر وصحح وجدد وتوسع في سرد ما سبق إدراجه في نسخ سابقة كلما أمكن ذلك كما أنه أضاف كل ما استجد من معلومات استقاها من شهود عيان، علاوة على ذلك يمكن تفسير العديد من حالات عدم التطابق الزمني من خلال تذكر أن النص كما هو لا يشكل مذكرات مكتوبة في وقت وقوع الأحداث ولكنه يمثل تذكيرًا وذاكرة لتلك الأحداث والأماكن والرحلات بعد ثلاثين عامًا من تجربتها الفعلية في كثير من الأحيان.

يمكننا قول إن كتاب «الرحلة» هو بمثابة نصب تذكاري لِنِباته الأحرف العربية الممزوجة بالتجارب الإنسانية وقد تتشابه أعمدة هذا النصب مع غيره من الكتابات المعاصرة القريبة مثل «ميليوني» لماركو بولو و «سفرنامه» لناصر خسرو وغيرها من كتابات الرحالة الآخرين الذين يتحدثون العربية مثل ابن فضلان وابن جبير إلا أن كتاب «الرحلة» يظل الأبرز بينهم ليس فقط لكونه أكثر مؤلف واسع النطاق ولكن أيضًا لاحتمالية كونه الأكثر اتساعًا ونطاقًا في سرده وجغرافيته، إن مكانة ابن بطوطة كشاهد على عالم ما بعد حضارة المغول في شمال إفريقيا وآسيا الوسطى هي مسألة لا جدال عليها كما أن كتاباته وأسفاره لم تقتصر فقط على المراكز الرئيسة في العالم الإسلامي حيث غلبه شعور الانتماء لوطنه ذي الطابع الإسلامي فحسب بل امتدت حتى شملت المناطق التي بدا فيها له ذلك العالم أكثر بعدًا لتشكّل جميعها مخطوطة رائعة تحمل تجربة بشرية فريدة، وقد سارع العلماء الأوروبيون في القرن التاسع عشر مثل خوسيه دي سانتو أنطونيو مورا إلى استيعاب تلك الفكرة فوجد أن سعادتهم كانت تتجلى في تدوين مثل هذا الكنز في لغاتهم من خلال الاهتمام الذي أولوه لإصداراتهم وترجماتهم.

[ميجيل مونتيرو]

من البرتغال إلى أرض
الخليج
رحلات ووجهات

العنوان ذاته قد تضمن اقتباساً من عنوان كتاب لدوارتي باربوسا والذي يصف فيه قارة آسيا في بداية القرن السادس عشر الميلادي كما يستكشف تطور صورة الخليج وحصونه عبر الزمان مع التركيز بشكل خاص على علوم رسم الخرائط ورسم الأيقونات في تلك الفترة.

وفي لفظة تقدير وإجلال لمثل هذا العمل العظيم الذي كُتب في مستهل القرن السادس عشر الميلادي كان «كتاب ما رآه وما سمعه دوارتي باربوسا في رحلاته البحرية» هو العنوان المختار للقسم الثالث من الجولة داخل المعرض الفني، وقد تضمن الكتاب وصفاً تفصيلياً لإقليم الخليج بأكمله إضافة إلى مدخل المحيطين الهندي والهادئ، ويعرض هذا القسم من المعرض أقدم نسخ المخطوطات ولا سيما تلك الموجودة في الوقت الحاضر في إمارة الشارقة بالإضافة إلى الإصدارات الأخرى المختلفة من الكتاب التي تم إنتاجها حتى يومنا هذا.

ولم يكن باربوسا وحده هو من قدم منطقة الخليج وصفاً في كتاباته فقد انضم إليه كتاب آخرون فوصفوا الخليج والإقليم الذي يضم اليابسة والبحر المحيط به، وقد تضمن أيضاً عنوان القسم الرابع من المعرض «نسَميها أرابيا فليكس: تصورات منطقة الخليج وأوصافها» اقتباساً من دوارتي باربوسا في قسم مخصص لتناول تلك النصوص.

وبالانتقال إلى القسم الخامس من المعرض نجده وقد استعان باقتباس مختصر من القصيدة الملحمية «الوسباد» التي سطر أبياتها الشاعر لويس دي كامويس والتي تُعد أيضاً من أفضل ما جاد به الأدب البرتغالي، وقد تمت الاستعانة بمثل هذا الاقتباس إشارة إلى موضوعها: «المدخل إلى البحيرة المغلقة: الوجود البرتغالي في منطقة الخليج» حيث يهدف هذا القسم إلى طرح السبل العسكرية والدبلوماسية والسياسية التي سلكها البرتغاليون للتواجد في الإقليم، وقد اختير تضمنين عدداً من المخطوطات والمصادر المصورة والمطبوعة لشرح الكيفية التي امتدت بها الإمبراطورية البرتغالية إلى الخليج وأثبتت وجودها فيه بطرق مختلفة حتى منتصف القرن السابع عشر.

أما بالحديث عن القسم السادس فقد حُصص هذا القسم ليتناول موضوعاً لطالما كان له أهميته لدى البرتغاليين خلال تلك الحقبة وفي الغالب شكل الموضوع ذاته نفس الأهمية لأهل منطقة الخليج آنذاك

ألا وهو التجارة، حيث إنه في واقع الأمر أدت الأنشطة التجارية إلى خلق استثمارات كبيرة من قبل التاج البرتغالي والنبلاء والمسؤولين والجنود مع الأخذ في الاعتبار أهمية الخليج لكونه أحد الشبكات التجارية التي ربطت آسيا بأوروبا لقرون عدة، لذا فإن العناصر العشرين المختارة والمعروضة في القسم السادس من المعرض الفني تطرح منظوراً واسعاً حول المنتجات التي تم تداولها في ذلك الوقت والشركات التي تم تنظيمها وتسجيلها، ومن الجدير بالذكر أن عنوان هذا القسم «جميع أنواع البضائع تنتقل إلى جميع أجزاء العالم: شبكات الخليج التجارية»: التجارة في الخليج» قد تضمن مرة أخرى اقتباساً من الكتاب الذي كتبه دوارتي باربوسا.

ويهدف القسم السابع والأخير من المعرض الفني بعنوان «الديناميكيات الدينية في منطقة الجبهة» إلى تناول المسائل الدينية التي أثارها التواجد البرتغالي في منطقة الخليج العربي وانعكاس ذلك على الفن البصري.

ومن أجل توفير سياق مدروس ومتعمق للسادة زوار المعرض الفني فقد تقرر أن يصحب كل عنصر معروض - سواء بشكل فردي أو كجزء من مجموعة - نصاً توضيحياً كتبه مؤرخ متخصص في هذا المجال لذلك فإن هذا الكتالوج يتضمن مساهمات مقدمة من عشرات الباحثين المنحدرين من البرتغال ومن بلدان أخرى لتعزيز الفهم المتجدد والمحدث للموضوعات التي يغطيها المعرض، وبشكل عام فإن العناصر الواردة في هذا الكتالوج تطرح منظوراً واسعاً لمسألة تواجد البرتغال في منطقة الخليج إضافة إلى العلاقات التي ربطت بين الإقليمين والتي يغلب عليها أحياناً سمة العنف وأحياناً أكثر سمة التعاون والتي طورها هذا الاحتكاك مع السكان المحليين، كما يضيء الكتالوج أيضاً قيمة لفهمنا لكيفية وصول البرتغاليين إلى الخليج وتعاملاتهم في المنطقة وأحداث الحرب والسلام وهزيمتهم وطردهم في نهاية المطاف في القرن السابع عشر وهو التاريخ الغني والمثير الذي يُعد جديراً بالمعرفة والتقدير، ومن ثم فإن هذا الكتالوج يُعد بمثابة دليل لهذا المعرض ولكنه أيضاً دليل للذاكرة المستقبلية لهذا الحدث والذي يهدف إلى بناء جسور للحوار على أساس ماضٍ بعيدٍ لا يزال له أثره الجلي على عالمنا اليوم.

ولتناول هذا الإطار المعقد من العلاقات والأحداث فقد رُسم خطأً ليتبعه السادة زوار المعرض الفني في رحلة يشاهدون فيها حوالي تسعين عنصرًا تم اختيارهم للعرض ليمثلوا تلك العلاقات وأنماط تطورها عبر الزمان؛ حيث إن كل واحد من تلك المعروضات والتي تشتمل على المخطوطات والكتب المطبوعة والمنحوتات والخرائط والأدوات البحرية والأعمال الفنية والعناصر ذات الاستخدام اليومي قد تم اختياره بهدف تقديم رؤية شاملة للفترة والمساحة التي تم إنتاجها والغرض الذي قد صُمم من أجله، وخلال هذا النهج فإن كل عنصر من تلك العناصر المختارة يتيح لنا الفرصة كي نتتبع خيوط التاريخ ذات الصلة بالعلاقات التي أنشئت مع السكان المحليين نتيجة لوجود البرتغاليين في منطقة الخليج، كما تقترح العناصر المعروضة أيضًا التصورات المحتملة لهذه العناصر، وفي نفس الوقت فإن ذلك من شأنه أن يساعدنا على بناء تصور للعلاقات التي أقيمت في الخليج وفي المناطق المحيطة مما يضيف على هذه المساحة الجغرافية درجة معينة من المرونة.

وقد صُمم المعرض الفني ليكون في شكل رحلة يستكشف من خلالها زوار المعرض سبعة محاور رئيسية له؛ المحور الأول بعنوان «من البرتغال إلى أرض الخليج: رحلات ووجهات» يُعد بداية تلك الرحلة حيث تفتتح الجولة بتناولها موضوع الملاحة البحرية ووصول أول ملاح برتغالي إلى منطقة الخليج بعد تلك العلاقة البحرية التي أرسيت أسسها في نهاية القرن الخامس عشر والتي امتدت من المحيط الأطلسي إلى المحيط الهندي وشبه الجزيرة العربية لذا فإن هذا القسم من الجولة يسلط الضوء على المساهمة الجوهرية للمعارف والعلوم القادمة من العالم الإسلامي والعربي كما يشير أيضًا إلى تجربة العلوم البحرية وبناء السفن في العالم الإيبيري مما أتاح الفرصة لهذه المشاريع البحرية كي ترى النور، وفي هذا القسم نستكشف أيضًا خلفية لشبونة في القرنين السادس عشر والسابع عشر الميلاديين؛ تلك المدينة التي أبحرت منها السفن في طريقها إلى الهند عبر طريق Carreira da Índia في رحلة سنوية بين لشبونة وموانئ كوتشي وجوا (في الهند الحالية) و دولة ألهند (Estado da Índia) ذلك الاسم الذي كان قد أطلق في ذلك الوقت على الأراضي التابعة للإمبراطورية البرتغالية في كل من قارة آسيا وعلى طول الساحل الشرقي لقارة أفريقيا.

وفي المحور الثاني من المعرض الفني والمعنون «المرور برأس الرجاء الصالح والإبحار على طول الساحل العربي: الصورة التخطيطية للخليج» نجد أن

يُعد المعرض الفني الذي يحمل عنوان «البرتغاليون على أرض الخليج (1507-1650) - رحلة عبر التاريخ لا تنقطع» من الأعمال الفنية التي تسعى إلى تتبع خط تواجد البرتغاليين في منطقة الخليج، كما يتناول المعرض أيضًا تلك الأواصر التي جمعت بين البرتغاليين وأهل تلك المنطقة خلال القرنين السادس عشر والسابع عشر الميلاديين، ومن الجدير بالذكر أن هذه المبادرة منبعها العلاقات المؤسسية القائمة بين جامعة كويمبرا وإمارة الشارقة والتي عززتها الدرجة الفخرية التي منحتها جامعة كويمبرا لحضرة صاحب السمو الشيخ سلطان بن محمد بن خالد بن سلطان بن صقر بن راشد القاسمي وذلك في الثاني من شهر أكتوبر من عام 2018، ومن ثم فقد قررت جامعة كويمبرا والمدعومة أكاديميًا من قبل مركز تاريخ المجتمع والثقافة تنظيم هذه المبادرة بهدف تعزيز هذه الأواصر والحفاظ على آثار الماضي الذي شهد يومًا ارتباط هذين الإقليمين ببعضهما البعض على شتى الأصعدة حيث إن مثل هذا الارتباط يُعد جديرًا بالمعرفة والتقدير.

ولقد تبنى المعرض الفني رؤية واسعة تهدف إلى تقديم العديد من الجوانب ذات الصلة يمثل هذا التواجد البرتغالي في منطقة الخليج لطرح فهمًا أكبر لتاريخ الإمبراطورية البرتغالية في قارة آسيا وأهمية منطقة الخليج بالنسبة للبرتغاليين وبالنسبة لأوروبا أيضًا، ومع ذلك فإن ما نحن بصدده لا يُعد رؤية أوروبية تصب تركيزها على تصدير الصورة السلبية التي يظهر فيها الخليج كخلفية للتوسع الاستعماري الأوروبي فحسب بل هي رؤية ذات أفق مفتوح وسلس يحتضن رؤى متعددة ووجهات نظر تسعى لفهم تلك المنطقة الجغرافية كمساحة جماعية تلعب دورها كمناطق حدودية وكنقطة التقاء في نفس الوقت الذي تلعب فيه دورها أيضًا في إضفاء الطابع العالمي على الإمبراطورية البرتغالية، وتؤكد دراسة التاريخ على الدور الذي لعبته الديناميكيات التي أرساها مختلف الأطراف الفرديين والمؤسسيين والتي أدت بدورها إلى خلق أنواع مختلفة من علاقات القوة - بما في ذلك الحرب - كجزء لا يتجزأ من بناء أي إمبراطورية؛ فقد اتسم وصول البرتغاليين إلى منطقة الخليج في العقد الأول من القرن السادس عشر بالمواجهة ومحاولة التوسع العسكري في المنطقة، ومع ذلك وبالإضافة إلى الصراع فقد ظهرت عدة أنماط أخرى من الاتصال والتي تعد محور معرضنا هذا؛ فيتناول المعرض سبل التبادل التجاري والفني والثقافي بين المنطقتين والتي كان لبعضها تأثيره الجلي على الصعيد العالمي.

- 12 من البرتغال إلى أرض الخليج رحلات ووجهات
[1-15]
- 26 «المرور برأس الرجاء الصالح والإبحار على طول الساحل العربي»: الصورة التخطيطية للخليج
[16-30]
- 43 كتاب ما رآه وما سمعه دوارتي باربوسا في رحلاته البحرية
[31-41]
- 47 «نُسَمِّيها أرابيا فليكس»
تصورات منطقة الخليج وأوصافها
[42-50]
- 54 «المدخل إلى البحيرة المغلقة»: الوجود البرتغالي في منطقة الخليج
[51-64]
- 68 «جميع أنواع البضائع تنتقل إلى جميع أجزاء العالم»: شبكات الخليج التجارية
[65-84]
- 84 الديناميكيات الدينية في منطقة الجبهة
[85-93]

العلاقات البرتغالية مع الخليج العربي (1507-1650): تأملات تاريخية تقودنا إلى مستقبل من التبادل الثقافي والعلمي

أحمد بن ركاض العامري،
رئيس هيئة الشارقة للكتاب.

لطالما حرصت «هيئة الشارقة للكتاب» على قيادة المبادرات الثقافية الرامية إلى تعزيز علاقات الصداقة الوثيقة مع البرتغال والدول الناطقة باللغة البرتغالية، وذلك استناداً إلى رؤية صاحب السمو الشيخ الدكتور سلطان بن محمد القاسمي، عضو المجلس الأعلى حاكم الشارقة.

وانطلاقاً من مكانتها عاصمة ثقافية لدولة الإمارات العربية المتحدة والعالم العربي، تحمل الشارقة على عاتقها فتح مسارات جديدة للحوار وتبادل الرؤى والأفكار مع الدول والثقافات التي ترتبط مع دولة الإمارات العربية المتحدة والمنطقة بعلاقات تاريخية، إذ تعود بدايات التواصل بين الإمارات والبرتغال إلى القرن الخامس عشر.

ومن خلال معرض «البرتغال في الخليج (1507-1650): العلاقات التاريخية»، الأول من نوعه الذي يقام خلال فعاليات «معرض الشارقة الدولي للكتاب» في الفترة من 01 حتى 12 نوفمبر 2023، تسعى «هيئة الشارقة للكتاب» إلى تعزيز التعاون بين الشارقة والمدن البرتغالية، وتعريف الجمهور بالعلاقات الوثيقة التي تجمع الجانبين.

يتضمن المعرض مجموعة مختارة من المخطوطات والكتب والنقوش والخرائط والأدوات البحرية والأعمال الفنية التي توفر للجمهور فرصة استكشاف جانب من المحطات المفصلية التي شكلت علامات بارزة في تاريخ الإمارات ومنطقة الخليج العربي.

ويسر «هيئة الشارقة للكتاب» أن تنظم هذا المعرض الذي يعد ثمرة تعاون مع «جامعة كويمبرا»، لتفتح من خلاله الباب على مزيد من التعاون في عدة مجالات وتعزيز التفاهم والتقارب والحوار الثقافي بين العالم العربي والبرتغال وسائر الدول الأوروبية.

البرتغاليون والخليج: تاريخ مترابط متنامي

أميلكار فالكاو
رئيس جامعة كويمبرا

يمثل المعرض الذي يعد أساساً لهذا البيان، في حد ذاته، معلماً تاريخياً وثقافياً ذا أهمية كبيرة، بسبب الفرصة التي أتاحتها للجمع، في نفس المكان، بين الأشياء والمواد المتناثرة من مصادر متعددة، ولكنها، عندما تجتمع، توفر صورة حية لوجود البرتغاليين في الخليج، في الفترة بين 1507 و 1650. وفي الواقع، لا تشكل المخطوطات والكتب المطبوعة والنقوش والخرائط والأدوات البحرية وأعمال الفنون الجميلة، من بين أشياء أخرى ذات استخدام يومي متنوع، خيطاً سردياً متماسكاً فحسب، بل تسمح أيضاً برؤية توضيحية للعلاقات التاريخية، والتي هي أغنى بكثير من المؤسسات العسكرية البسيطة، لأنها توسع نطاق الفهم حول التبادل والتعاون المتبادل في مجالات التبادل التجاري والفني والثقافي، وأيضاً بسبب العرض في مناطق جغرافية أوسع.

على الرغم من أن هذا المعرض تمتد جذوره إلى الماضي البعيد، إلا أنه يمثل أيضاً تعبيراً عن الثمار التي تنتجها فعاليات التعاون المتجددة بين البرتغال وإمارة الشارقة. وفي الواقع، في أكتوبر 2018، منحت جامعة كويمبرا لقب دكتوراه فخرية لصاحب السمو الشيخ الدكتور سلطان بن محمد بن خالد بن سلطان بن صقر بن راشد القاسمي. ويعد منح هذا التمييز الأكاديمي، ذو القيمة الرمزية العالية للغاية، تقرباً متزايداً بامتياز بين المؤسسة التعليمية الأم في البلدان الناطقة باللغة البرتغالية وإمارة الشارقة، التي تسترشد، منذ البداية، بالرغبة المتبادلة في تطوير علاقات قوية ودائمة، مع التركيز بشكل خاص على مجال الثقافة.

بعد أربع سنوات، في 3 و 4 أكتوبر 2022، قدم معرض «أيام الشارقة الأدبية في كويمبرا» مساهمة جديدة في تنفيذ هذا الهدف الأوسع، من خلال الجمع بين الأكاديميين والمسؤولين الثقافيين من كويمبرا والشارقة، مدفوعاً بالهدف المشترك المتمثل في تعزيز العلاقات الثقافية العربية البرتغالية. وبعد أسابيع قليلة، دعا سموه وفداً من جامعة كويمبرا للمشاركة في معرض الشارقة للكتاب 2022 – وهي فرصة أظهرت إمكانات كبيرة لتوسيع شبكة علاقات جامعتنا، خاصة في مناطق مختلفة عدة من العالم الشرقي.

لكل هذه الأسباب، فإن معرض البرتغاليين في الخليج (1507-1650): تاريخ مترابط، الذي سيعقد بين 1 إلى 12 نوفمبر 2023، هو النتيجة الطبيعية لهذه الرغبة في التفاهم المتبادل بين الشعوب وتبادل وجهات النظر العالمية وبين الدول، وهو مستوحى من نفس فكرة التقدير للتراث الثقافي والانفتاح على مفهوم الإدماج والابتكار، ويستمد جذوره من فكرة تبادل الوعي التاريخي.

البرتغاليون على أرض الخليج
1650-1507
رحلة عبر التاريخ لا تنقطع

المعرض الفني

سيقام المعرض الفني في الفترة من
1 إلى 12 نوفمبر 2023

U|A

البرتغاليون على أرض الخليج
1650-1507

جیل خلیفہ نوری الیغتر بیل طبارتم خیرات 1507-1650

